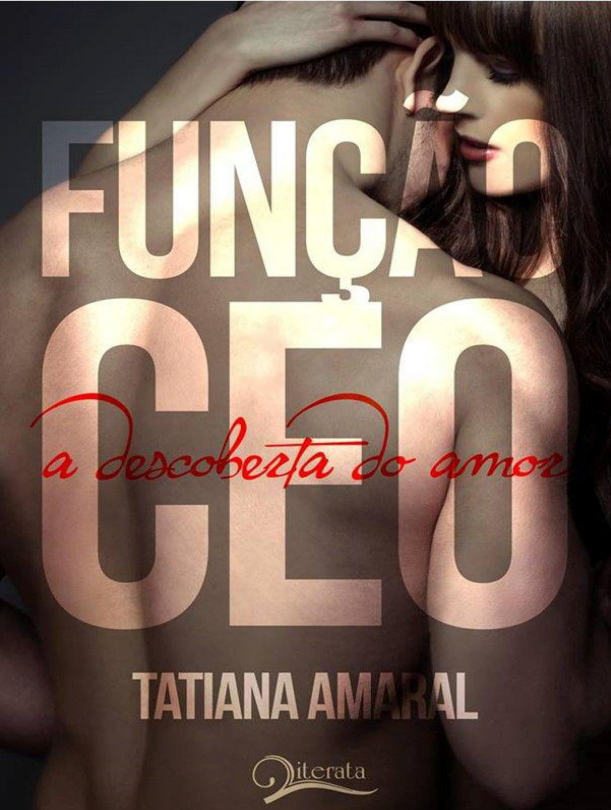




FUNÇÃO CEO

a descoberta do amor

TATIANA AMARAL

*Q*uiterata



Copyright @ 2013 – Todos os
direitos reservados

Capa

Renato Klisman

Revisão

Mariza Miranda

Janaina Rico

Diagramação

Amaral, Tatiana

1. Literatura brasileira. 2.
Romance.

Direitos desta edição
totalmente concedidos a editora
Literata. É Proibida a cópia do
material contido nesse exemplar sem

o consentimento escrito da editora.
Esse livro é fruto da imaginação do
autor e nenhum dos personagens e
acontecimentos citados nele tem
qualquer equivalente na vida real.

Queridos leitores,

Não havia como começar este livro sem antes agradecer a todos que chegaram até aqui comigo. É com muito orgulho que após uma imensa luta, apresento o segundo livro desta linda trilogia. Sei que a maioria de vocês me acompanha diariamente e devido a isso conhece a minha batalha. Para escrever um livro não basta apenas ter uma boa ideia. Eu seria

demasiadamente leviana se acreditasse que somente isso bastava. Quando escolhi ser escritora, apesar de acreditar que ninguém escolhe ser escritor, mas sim nasce escritor, não acreditei que seria fácil, muito menos desejei que fosse. A luta é árdua, real e muitas vezes injusta, mas foi assim que eu me descobri, então, por não ser uma opção, restame lutar para que ao menos valha a pena.

Vocês também sabem que eu não escrevo sozinha. O que seria

dos meus livros se dependessem só de mim? Nestes poucos anos como escritora descobri que sozinha eu não sou ninguém. Eu não queria ser apenas uma escritora, mas queria ser a escritora, e por este motivo busco em todos os meus trabalhos melhorar em qualidade sem nunca acreditar que já fiz o bastante. E é pelo mesmo motivo que hoje trabalho com uma equipe que, assim como eu, acredita em meus livros e se esforça para aprimorá-lo até o limite, para que possamos entregar o melhor a cada um de vocês. Assim, conto hoje com cinco pessoas que se dedicam ao meu

trabalho.

Já que chagamos até aqui, permitam que eu faça uma observação. Ser escritor, capista, revisor ortográfico, revisor crítico, assessor de imprensa e de marketing é uma profissão assim como advogado, médico, engenheiro, psicólogo, doméstica, ambulante, autônomo... E todas elas devem ser rentáveis, uma vez que nada mais justo que receber o salário pelos seus esforços. Concordam? O que seria de cada

um destes profissionais se ao final do mês descobrissem que não receberiam salário porque seu trabalho foi pirateado?

A pirataria é crime. Quem distribui, pede, indica onde encontrar, comete um crime. A pirataria literária mata um autor por dia. Se não pela infundável tristeza de ver o seu trabalho desrespeitado e desvalorizado, então pela falta de recursos para aprimorá-lo. Não se enganem com a falsa demagogia. Se fosse

interessante para os autores terem suas obras distribuídas gratuitamente, eles próprios fariam isso. A verdade é que cada vez que uma obra vaza desta forma, o autor deixa de vender e como cascata, deixa de conseguir recursos, estímulo, respeito e interesse.

Você leitor que valoriza aquele livro que tanto ama. Que admira aquele escritor incrível. Faça o que é justo e não permita que a obra seja pirateada. Denuncie. Procure o autor, a

*editora, a delegacia de informática,
mas não deixe que a história que
tanto te fez sonhar seja destruída.
Junte-se a esta luta e diga não à
pirataria.*

Obrigada!

Tatiana Amaral

Para a minha velha guarda:
Marla Costa, Renata Pereira,
Adriana Gardênia, Sueli Vieira e
Tatiana Mendonça. Vocês são
minhas pernas, meus passos, meus
dedos e minhas palavras. Amo
vocês!

“Uma vez minha mãe me disse que satanás era o anjo mais bonito do céu e o mais querido por Deus, mas sua beleza o fez acreditar que podia mais. Então, depois de uma guerra, foi atirado ao inferno, e jurou vingança. Para isso escolheu corromper a humanidade. Como? Alguns dizem que através do dinheiro, outros através das palavras, mas muitos juram que foi através da beleza. Robert tinha os três: dinheiro, persuasão e beleza. E roubava de mim todas as virtudes. Eu cobiçava, traía, roubava, tudo em

nome do amor que sentia por ele.”

PRÓLOGO

O som estridente do meu celular preenchia o quarto, se misturando aos gemidos emitidos por mim e pelo meu amante. Na última hora era a quarta vez que alguém insistia em falar comigo. Sentia-me frustrada em não poder atender, mas não podia simplesmente interromper o que fazíamos.

Deitei sobre o colchão com o peso de Frank atrás de mim. Ele ofegava e emitia seus últimos gemidos de prazer. Respirei reencontrando o meu ar e me situando de volta a realidade. Transar com ele era uma bela maneira de me desligar de todos os problemas. Ou de me ligar ainda mais a eles.

Depois de satisfazê-lo, e a mim também, estendi a mão enfiando-a na bolsa, que eu havia deixado no móvel ao lado da cama. Rapidamente encontrei o telefone.

- Não acredito que vai atender agora – Frank resmungou

saindo de trás de mim.

Virei com cuidado, sentando na cama e puxando o lençol para me cobrir. Sorri amavelmente para Frank e atendi o celular.

- Sim?

- Ora, ora! Atrapalho alguma coisa, irmãzinha? – a voz insuportável de Adam Simpson me irritou. Tentei disfarçar. Ele era uma carta importante no meu jogo.

- Não somos irmãos, Adam. Quando vai começar a entender isso? – ele riu do outro lado da linha.

- Tem razão. Eu nunca comeria minha irmã, Tanya –

estiquei a coluna e me ajeitei na cama. Sabia que essa conversa, exigiria de mim uma postura mais firme.

Adam era apenas um fantoche que nos últimos tempos me servira muito. Transar com ele era apenas um detalhe para mantê-lo leal e controlado. Frank não sabia que eu havia ido tão longe e, apesar de também ser somente uma peça importante naquele quebra-cabeça, não podia me dar ao luxo de perder a sua estima.

Meu amante suspirou ciente de que minha conversa seria em códigos se permanecesse no quarto e

foi para o banheiro. Assim que ouvi o chuveiro comecei a falar.

- Espero que tenha um bom motivo para me ligar – fui ríspida.

- Calma! Tenho novidades. Acredito que vá ficar muito agradecida com o que tenho para contar. Ou quem sabe... Mostrar.

- Seja mais claro, Adam. Frank está no banho, mas não vai demorar uma vida inteira, então seja rápido.

- Ok! Enquanto você trepa com o idiota do Frank, Robert caminha do outro lado.

- Como assim? O que descobriu?

Robert tinha permanecido em inércia desde que eu consegui detonar o seu caso com Melissa. Ele investigou sem se aprofundar muito. Na verdade sabia muito bem que, como sempre, eu agi. Nunca permitiria que mulher nenhuma se imiscuísse profundamente em sua vida e o casinho deles já estava indo longe demais.

A garota era muito frágil, sentimental e estava completamente apaixonada. Aliás como todas ficavam. Que tola! Ela não conhecia o verdadeiro Robert Carter. Meu marido era esperto. Estava sempre um passo à frente. Envolvia as

peessoas certas, um excelente jogador. Contudo Melissa conseguiu o que ninguém havia conseguido, desestabilizar o poderoso Carter. E este detalhe batia de frente com todos os meus planos.

- Ontem, depois do expediente, resolvi passar na sede para discutir um novo projeto com Robert. Eu estava por perto e sabia que ele ficaria até tarde, como vem fazendo desde que você tirou Melissa do caminho. Passei no jurídico antes para conversar com Frank e depois perdi mais algum tempo na recepção do RH...

- Poupe-me dos detalhes, por

favor. Eu sei muito bem que você anda tentando levar a recepcionista de Nicole para a cama e dispenso esta parte.

- Ciúmes, irmãzinha?

- Falta de tempo, Adam. Se você comer a recepcionista eu conseguirei determinadas informações com maior facilidade, no entanto o ideal seria que conseguisse Melissa. Considerando toda sua mágoa seria fácil trazê-la para o nosso lado. Precisamos descobrir o que Robert fez na Grécia.

- Não sei se será tão fácil. Como estava dizendo... Só cheguei à

sala do Robert, tarde, quando a empresa já estava completamente vazia. Você não vai acreditar no que eu vi, ou melhor, você vai acreditar porque eu filmei tudo – ele riu.

- Você conseguiu filmá-lo em alguma reunião secreta?

- Não. Consegui um belo filme pornográfico. Não tão pornográfico, mas uma cena de sexo incrível.

- Cena de sexo? Robert arrumou uma nova amante? Como não fiquei sabendo? – fiquei em alerta.

- Não uma nova amante. Melissa. Peguei os dois no maior

amasso, ele comeu a garota lá mesmo. Na sala. Sem se importar com nada nem ninguém. Posso afirmar que Melissa é uma delícia sem roupas. Vou intensificar minhas investidas. Será o trabalho mais prazeroso que farei por você, irmãzinha.

- Não é possível! Eu estava monitorando os dois. Robert manteve-se afastado o tempo todo e Melissa, mesmo definhando, não deu a ele nenhum espaço para que voltasse a procurá-la.

- Bom. Enviei o vídeo para o seu celular. O que faremos? Podemos jogar na internet e arruinar

sua reputação.

- Não seja absurdo! Eu também tenho muito a perder se este vídeo for divulgado. Preciso manter o meu casamento até conseguir a senha, só depois poderemos destruir a imagem dele.

- Tudo bem, você que manda. O que vai fazer a respeito?

- Não sei ainda. Onde ele está agora?

- Esta é a melhor parte. Robert Carter modificou a sua rotina dominical. Acabo de fotografá-lo entrando no prédio de Melissa Simon. Posso te enviar a foto.

- Merda! Não podemos

permitir que fiquem juntos. Se Robert insistir em permanecer com ela, terei que agir com mais vigor.

- Não antes de eu conseguir levá-la para a cama, Tanya – riu.

- Nosso problema vai muito além do sexo, Adam. Você não entende a gravidade? Robert não pode se apaixonar, pois ele pode desistir de tudo, inclusive de encontrar a senha. Tem noção de quantos milhões estão em jogo?

- Bom, então o melhor é entrar em ação logo.

- Imediatamente. Não posso perder esta partida. Melissa precisa estar fora de campo.

CAPÍTULO 1

Eu gostaria de sentir vontade de sair. De ligar para minhas novas amigas: Nicole e Alexa, ou até mesmo passar um tempo com as velhas amigas: Kary e Abgail. Ou quem sabe, até mesmo Dean. Não importava quem. Queria apenas me sentir viva de novo, como na sexta-feira, quando Robert disse que me

amava.

Como eu queria que fosse verdade. Como queria poder correr para seus braços e me sentir completa novamente. Mas era impossível. Robert podia até me amar, mesmo assim, esta constatação não o faria desistir de Tanya ou de qualquer que fosse o seu segredo.

Meu sábado transcorreu totalmente arrastado. Sem precisar estar na empresa fingindo que tudo estava bem, restava-me cuidar da casa. Tinha feito a maior de todas as faxinas em meu minúsculo apartamento. O que contribuiu para cansar meus músculos o suficiente

para dormir por algumas horas. Como meu subconsciente estava de mal comigo, sempre acordava antes do esperado e com os pensamentos em Robert.

“Droga! Eu preciso tirá-lo de dentro de mim ou não sobreviverei”.

O domingo começou muito cedo. Fiquei no sofá as primeiras horas, vestindo o meu surrado moletom, com os cabelos presos em um coque todo bagunçado. Resolvi preparar o almoço, macarrão ao sugo, era tudo que me daria o trabalho de fazer. Comi bem menos do que esperava e o que sobrou foi

parar na geladeira aguardando uma segunda oportunidade.

Tomei banho, lavei os cabelos e me forcei a vestir um jeans e camiseta. Calcei o velho *All Star* vermelho, coloquei meu novo livro “O Senador” na bolsa e decidi que caminharia até encontrar um lugar sossegado em que pudesse parar e ler um pouco. Talvez fosse até o Lincoln Park. Um pouco de ar puro viria a calhar. Olhei para o relógio, 14 horas, peguei minhas chaves e, antes de sair, ouvi o que menos esperava. Alguém abria a minha porta e este alguém só poderia ser ele.

A surpresa em vê-lo em minha casa, depois de tanto tempo, era a mesma que ele demonstrou por me encontrar de saída tão próxima à porta. Robert vestia um jeans claro e uma camisa preta de algodão e mangas compridas. Ele usava tênis. Em nada lembrava o CEO que eu conhecia. Seu olhar não mostrava a mesma vitalidade de sempre e parecia ter chorado. Não. Não o meu Robert. Ele hesitou ao me ver, mesmo assim entrou me fazendo recuar então fechou a porta atrás de si, impedindo a minha passagem.

- Não acredito que esteja aqui para devolver as chaves – tentei ser

dura e fria, mas não consegui. Minhas palavras saíram fracas.

- As chaves são minhas – ele também não parecia conseguir utilizar o tom certo para entrar naquela briga. – Vai sair? – tentou disfarçar, porém seu maxilar rígido demonstrava sua insatisfação.

- Se você permitir – indiquei a porta que ele obstruía. Robert não se mexeu. Colocou as mãos no bolso da calça e abaixou os olhos. Parecia lutar contra algo. – Com licença? – chamei sua atenção.

- Mel, preciso que venha comigo – seus olhos voltaram a me fixar. Foi como ser sugada para a sua

alma. Pesada, profunda e obscura. A forma como falou deixou claro que não teria outra escolha, mas eu não desistiria sem lutar.

- Sem chances, Robert – avancei em direção à porta como se tivesse forças para tirá-lo da minha frente.

- Mel, por favor! – ele conseguiu me deter enlaçando seus braços em minha cintura. Puxou-me prendendo meu corpo ao dele. Fiquei tonta pela troca de energia com o contato. Merda! Como podia me atingir assim?

- Robert, já disse o que penso, então...

- Quero te contar – parei de buscar argumentos chocada com suas palavras. – Eu... – mordeu os lábios e me liberou passando as mãos pelos cabelos. – Vou te levar a um lugar para explicar o que aconteceu.

- Por que vai fazer isso? – não conseguia acreditar que ele seria capaz, existia uma grande chance de ser uma armadilha.

- Porque amo você – outra vez. Meu coração pulava com estas palavras. Meu corpo inteiro reagia e eu estava extremamente confusa com um anjo e um demônio gritando em meu ouvido. – Também porque sei

que esta é a única maneira de fazer você entender que não existe nenhuma chance de um dia me reconciliar com Tanya – seus olhos brilhavam.

Senti o familiar impulso que me projetava em direção a todos os seus segredos. Precisava conferir aquela história. Robert percebeu que eu estava cedendo e sem aguardar mais nenhuma palavra minha, segurou em minha mão e saímos do apartamento.

Queria muito pensar no que ele iria me contar. Queria pensar no motivo de não querê-lo mais ao meu lado, no entanto, só conseguia

pensar em sua mão na minha, no calor que me transmitia e no quanto gostava de sentir suas mãos em mim. Mantive os olhos atentos aos meus passos. Seria vergonhoso levar um tombo naquele momento.

Robert não soltou minha mão nem mesmo quando chegamos à rua. Desta vez ele não estava tão cuidadoso e preocupado com o que as pessoas poderiam falar. Não parecia com medo que Tanya nos descobrisse, ou confirmasse o nosso caso. Pelo contrário. Quando chegamos à rua, ele segurou minha mão com mais força e me puxou para si.

O diabinho que me acompanhava dizia que não precisava de mais nada, eu já sabia que Robert era o homem da minha vida e o melhor seria terminarmos o dia numa cama, de preferência sem roupas. Mas meu anjinho tratou de expulsar estas ideias da minha cabeça, escrevendo com todas as letras o quanto era necessário tirar logo o véu que escondia o passado do meu amante e das inúmeras chances de que nada do que ele fizesse fosse o bastante.

Entramos no carro. Ele dirigiu, sem nada falar, em direção ao sul. Fiquei imaginando que tipo

de coisa iria me mostrar. Que segredo seria aquele que precisava mostrar e não simplesmente contar? Minha cabeça fervilhava de possibilidades e não conseguia chegar a nenhuma conclusão. Ficamos calados durante todo o percurso. Eu observava atentamente a maneira como Robert, à medida que o tempo passava, ou que nos aproximávamos de nosso destino, ficava cada vez mais abatido.

Eu podia jurar que havia tristeza em seu semblante. Uma tristeza que ele nunca foi capaz de demonstrar, mas que o corroía de maneira perceptível. Quando

chegamos fiquei imóvel. Estávamos parados em frente ao *Oak Woods Cemetery*, um dos mais importantes cemitérios de Chicago. Robert havia me levado ali para me mostrar o motivo de seus problemas com Tanya? Ele havia dito que suas mãos estavam sujas. Que tipo de sujeira o homem que eu amava teria em suas mãos para me levar a um cemitério? Estava com muito medo de descobrir.

Pela primeira vez desejei voltar no tempo e simplesmente impedi-lo de me contar seus mistérios. Não tinha ideia se poderia compreendê-lo da maneira como ele

necessitava, nem se seria capaz de não julgá-lo ou de não me aterrorizar com o que seria revelado.

Robert desligou o carro e ficou perdido em pensamentos olhando para a entrada do cemitério. Eu não conseguia falar nada. Na verdade, não tinha coragem nem de respirar e meus músculos estavam todos paralisados. Não conseguia me mexer com medo de ser lançada em um poço sem fundo. Quando ele criou coragem, abriu a porta e saiu do carro abrindo em seguida a minha para que eu pudesse acompanhá-lo. Era o momento e eu não poderia

mais recuar.

Novamente segurou minha mão. A sua apertava a minha, desta vez pude entender que ele não tentava me transmitir força e sim buscava forças para continuar. Era extremamente difícil para Robert estar ali.

Entramos no cemitério. O local era lindo e agradável. As pessoas costumavam passear por lá devido à paisagem tranquila e serena. Robert caminhava a passos lentos, no entanto eu podia perceber que já tinha feito aquele mesmo percurso diversas vezes e, a cada passo, o peso dos seus segredos se

fazia mais presente.

Passamos por uma das lagoas, onde as lápides na grama continham apenas nomes e datas. Era reconfortante saber que pessoas queridas podiam descansar em um lugar tão bonito, porém continuamos em direção aos túmulos, onde o ambiente aos poucos se tornava mais pesado e sombrio, como a morte se apresenta para muita gente. Caminhamos por algum tempo então ele parou em frente a um grande mausoléus.

Era lindo e triste ao mesmo tempo. Todo em pedra negra com nomes gravados em um dos lados.

Entendi que ali estava a história de sua família, pois no alto do havia um imponente brasão com o nome “Carter”, indicando a qual família pertencia. Do lado direito havia uma pedra lapidada em formato de paralelepípedo e acima dela uma escultura. A diferença entre as pedras indicava que a pequena escultura foi acrescentada há pouco tempo.

Era um anjo com cabelos cacheados, sua nudez estava parcialmente escondida por um pano que caía aos seus pés, ele olhava para o céu e um dedinho seu apontava na mesma direção. No seu

rosto um leve sorriso indicando covinhas em sua bochecha, como as de Tanya, constatei chocada.

Olhei para Robert aguardando por respostas. Ele, de cabeça baixa, nada dizia. De novo, voltei minha atenção para a lápide e descobri em um ponto logo abaixo do pequeno anjo, uma fotografia. Nela havia uma criança, cabelos loiros como os de Tanya e cheios como os de Robert. Ela sorria e suas bochechas coradas definiam a covinha. Seus olhos cinza denunciavam de onde vinha a imensa semelhança com a imagem à minha frente. Abaixo do retrato estava escrito “Robert Draiman Carter Jr. -

Filho amado”.

Putá merda!

Minhas lágrimas caíram antes mesmo que alguma coisa pudesse ser dita. Ali estava o filho de Robert. Uma criança de no máximo dois anos, sorridente e cheia de vida. O que havia acontecido? De que forma Robert contribuiu para a sua morte? Meu Deus! Era tudo tão triste!

Ele largou minha mão e caminhou em direção ao local onde estava a fotografia, ficando de costas para mim. Eu não podia ver seu rosto, mas sentia sua enorme tristeza, além da respiração forçada.

Sua mão tocou a fotografia com carinho e saudade e finalmente explodiu em choro.

Com a testa colada na pedra onde estava o seu filho ele derramava lágrimas que me destruía. Não suportava vê-lo tão despedaçado, carregando uma dor tão grande. Minha única vontade era confortá-lo. Abraçá-lo e dizer que tudo ficaria bem, mas não conseguia me mover. Eu sabia que Robert também estava enterrado naquele local.

“É isso o que ele faz todos os domingos?”

Quando seus soluços

diminuíram e a respiração foi normalizando, me senti um pouco mais leve. Dei dois passos em sua direção colocando minha mão em seu ombro. Era a única maneira de assegurá-lo, naquele momento, que eu estava ali por ele. Robert parecia ter se esquecido da minha presença e se assustou com meu gesto. Aquela imagem nunca teria passado pela minha cabeça. Robert Carter, CEO, o amor da minha vida, tão frágil e destruído. Tão sofrido!

Ele segurou em minha mão por cima do seu ombro.

- Este é o meu filho, Mel – sua voz rouca estava baixa e

aparentava cansaço. – Meu pequeno bebê – mais uma vez se deixou levar pelas lágrimas. Apertei minha mão na dele deixando claro que eu estava ali. Robert puxou minha mão e a beijou. – Ele tinha um ano e sete meses quando... Quando me deixou. Era lindo! A criança mais bonita que já conheci – falava como se pudesse sentir e rever as imagens da sua vida ao lado do filho. – Gostava de correr pela casa. Era uma loucura – riu um pouco. – Quando eu chegava... – esta parte o entristeceu mais. – Ele parecia conhecer o barulho do meu carro. Corria em direção à porta e ficava me

aguardando. Quando eu entrava, ele se atirava em minhas pernas e pedia para voar. Sempre fazia isso quando queria que eu o carregasse por cima dos ombros para fingir que ele estava voando. Adorava ouvir seu riso quando brincávamos. Todos os dias me esforço muito para não me esquecer de nada. Não posso jamais esquecer do seu riso, nem da sua voz de anjo chamando “papai” – nova pausa para as lágrimas.

Não tenho palavras para descrever o que estava sentindo. Nunca imaginei que tamanha tragédia pudesse atingir alguém como Robert, ou qualquer outra

peessoa próxima a mim. Não sentia pena dele, sentia tristeza por ele e por toda aquela confusão. Uma necessidade imensa de tomá-lo em meus braços e levá-lo para longe, para um lugar onde nada daquilo nos atingisse.

- Eu te avisei que tinha muitos demônios. Este é um deles. Indireta, ou diretamente, causei a morte do meu filho. Nunca vou conseguir superar isso. Jamais me esquecerei daquela imagem terrível...

Robert agarrou os cabelos como se com isso pudesse afugentar as imagens. Ele sentou no chão me levando junto e encostado ao

mausoléu encarou o céu.

- Naquela tarde Tanya pediu que eu não fosse trabalhar. Eu precisava ir. Ocupava a mesma posição de hoje na empresa, mas tudo estava uma loucura, por causa...

- respirou profundamente. – Por causa de outra tragédia ocorrida com a nossa família. Ainda lutava para me adaptar, e superar tudo o que havia acontecido. Eu e Tanya já não estávamos bem e eu sei que foi tudo por minha culpa, por causa da maldita promessa que fiz – colocou a cabeça entre as mãos e apoiou os braços no joelho. – Ainda não posso contar tudo, Mel, por favor, me

entenda! – implorou de olhos fechados. – Esta é a parte que me distancia de Tanya.

- Vocês não superaram a perda do... Do filho? – consegui perguntar timidamente.

- Nós causamos a morte dele, Melissa – deixou sua cabeça pender no mausoléu e voltou a encarar o céu. – Quando a outra tragédia aconteceu... – olhou para mim pela primeira vez desde que chegamos ao local. – Tanya ficou desesperada. Ela estava com oito meses de gravidez e quase perdeu nosso filho. Quando descobriu que tudo aconteceu por minha causa, passou a

me odiar. Culpava-me e com razão, mas eu nada podia fazer. Eu também fui brutalmente afetado. Também perdi muito! Tanya precisou ficar internada até que os médicos pudessem fazer o parto. Quando meu filho nasceu ela o rejeitou. Teve depressão pós-parto. Fiz o que era possível para que se recuperasse. Todos nós fizemos, porém ela não reagia. Estava cada vez mais deprimida e a cada dia se empenhava mais em repelir a mim e ao nosso filho. Tomava medicação controlada e muitas vezes parecia perdida dentro de si mesma. Quando o pequeno Rob fez um ano Tanya

começou a melhorar. Pensei que finalmente voltaríamos a ter paz. Ela passou a se importar comigo sem dar a mínima para nosso filho. Ele não existia para a mãe. Eu estava a cada dia mais cheio de compromissos por causa da empresa. Ela me acusava de ter feito tudo para conseguir o cargo. Era uma loucura!

Mais uma vez passou as mãos pelos cabelos, agarrando-os como se esta atitude o mantivesse no presente. Ele puxou o ar e deixou cair uma lágrima solitária.

- A empresa é minha. O cargo seria meu de qualquer forma. O que

aconteceu destruiu a minha vida. Não sei como ela pode me acusar. Tanya me conhecia tão bem! O fato é que ela transformou a nossa vida num inferno. Eu precisava trabalhar, a empresa exigia cada vez mais de mim, e ao mesmo tempo precisava ser um pai mais presente para meu filho, já que ele não tinha uma mãe. Nós começamos a ter brigas terríveis. Eu implorava para que ela aceitasse o menino, para que colaborasse comigo. Mesmo não sendo o que queria tentei de todas as formas salvar o nosso casamento para que o pequeno Rob pudesse ter a infância que merecia, mas ela não

mudava. No dia que ele morreu, precisei sair para uma reunião importante. Tanya pediu que eu não fosse. Estava numa crise depressiva, sugeri que tomasse o remédio e fizesse companhia ao nosso filho até eu voltar. Ela aparentemente concordou. A babá me contou que Tanya quis ficar na piscina e resolveu levar o menino junto. Em determinado momento Tanya pediu a babá deixasse o pequeno Rob com ela e fosse preparar a mamadeira dele. Foram apenas malditos 15 minutos. Tanya estava sob o efeito do remédio e não percebeu quando ele caiu na água.

Parou para respirar. O ar parecia pesar em seu peito. Seus olhos ficaram maiores, dando a impressão de que ele entrava em seu inferno particular. Era difícil recordar todos os acontecimentos.

- Cheguei em casa mais cedo. Consegui terminar a reunião rapidamente e corri para casa louco para saber como estavam as coisas. Assim que entrei o silêncio me pareceu anormal. Chamei pelo meu pequeno e não ouvi a sua resposta. A babá apareceu e disse que meu filho estava na piscina com Tanya. Por um segundo acreditei que finalmente seríamos uma família.

Assim que cheguei à piscina me deparei com seu corpinho boiando. Tanya estava adormecida na cadeira. Eu pulei na água desesperado tentando salvá-lo, entretanto no momento em que o peguei descobri que não havia mais nada a ser feito.

Seu olhar se perdeu no infinito. Novas lágrimas brotavam.

- Não posso descrever a dor que senti tendo meu filho morto em meus braços. Sua boquinha aberta e seus lábios roxos. Seu corpinho sem vida foi o suficiente para me jogar no inferno em que vivo até hoje – voltou a chorar, desta vez eram

apenas lágrimas e soluços enquanto fitava suas mãos. – Eu não queria acreditar que ele estava morto. Levei-o para o quarto e fiquei na cama deitado com ele, como sempre fazia, até os médicos chegarem, depois a polícia e logo em seguida todo o pessoal. Conseguiram finalmente tirá-lo de mim. Fui obrigado a enterrar meu bebê. Desde então venho aqui todos os domingos para ficar com ele. Tudo o que mais queria em minha vida era tê-lo novamente em meus braços me pedindo para voar.

Voltamos a ficar em silêncio. Robert deitou a cabeça em meu

ombro e permaneceu assim por um tempo interminável. As lágrimas rolavam em nossos rostos, até que o dia começou a morrer no horizonte.

- Pelo visto não serei de muita serventia hoje.

Ouvimos uma voz grossa e um tanto rouca, direcionada a nós dois. Robert imediatamente levantou a cabeça. Era um senhor baixinho e barrigudo, usando um macacão cinza e um boné. Usava luvas que estavam sujas de terra. Tinha em uma das mãos uma tesoura de jardinagem, deduzi que era funcionário do cemitério.

- Você sempre será de

serventia, Henry – Robert respondeu secando as lágrimas. Ele levantou a mão e o senhor lhe entregou um pano velho que havia tirado do bolso.

Rapidamente tratou de limpar a lápide, o senhor o ajudou a fazer o serviço. Entendi que eles dois faziam aquilo sempre. O trabalho era sistemático e contínuo, como se algum tipo de acordo entre eles tivesse sido feito anteriormente. Levantei para que os dois pudessem continuar suas atividades enquanto observava Robert tentar ao máximo tornar aquela lápide um local agradável aos seus olhos, como isso, de alguma maneira, pudesse fazer

com que seu filho ficasse bem. Como se ele estivesse realmente ali.

Quando acabaram, ficaram em silêncio olhando o que haviam feito. De onde eu estava, um pouco atrás deles, vi que faziam juntos, uma oração. Baixei os olhos e, em silêncio fiz a minha própria, não apenas pela paz de espírito do garoto, pois, com certeza estava garantida, mas principalmente pela paz de espírito de Robert e de Tanya.

Por mais estranho que pareça, não podia deixar de pensar nela e na sua dor, seja lá o que Robert tenha feito para causá-la. O fato é que

nunca seria fácil perder um filho, ainda mais de forma tão trágica, com certeza não deve ter sido fácil para ela também.

Eles terminaram e Robert se voltou para mim. Seus olhos, vermelhos pelo choro, ainda imploravam pelo meu carinho. Segurei em sua mão sem quebrar nosso contato visual. Ele me puxou para um abraço forte e enterrou seu rosto em meus cabelos enquanto suas mãos grandes e fortes acariciavam minhas costas. Deixei que minhas mãos fizessem o mesmo.

Desfazendo o nosso abraço ele se voltou para o senhor que o

havia acompanhado.

- Henry, esta é Melissa – o senhor sorriu de maneira simpática, como se estivesse feliz pela minha presença. Robert falou de mim para ele? – Melissa, este é Henry. Ele tem me ajudado com o túmulo do... – pausou fazendo um enorme esforço para continuar. – Do meu filho. Tem sido um grande amigo. Um conforto.

- Mel! – o senhor falou admirado, utilizando o meu apelido de maneira tão familiar que confirmou a minha suspeita de que ambos já haviam conversado a meu respeito. – Fico muito feliz que esteja aqui, apesar das

circunstancias – olhou para Robert que concordou com um aceno de cabeça. – É muito bom saber que vocês finalmente se entenderam – ele voltou a sorrir e seu sorriso era tão genuíno que seria impossível não corresponder.

- Ela ainda não me perdoou, Henry – Robert revelou, no entanto seu tom não era pesaroso. Parecia ter a certeza de que depois de tudo eu o aceitaria de volta.

- Ah! – o senhor ficou confuso. – Neste caso acho que deveríamos entrar e tomar um café.

- Como sempre fazemos – Robert estava um pouco mais

recomposto.

- Sim, meu amigo. Como sempre fazemos.

Henry caminhou e nós o seguimos apesar de saber que Robert conhecia perfeitamente bem o caminho. Andamos contemplando o sol iniciando a sua despedida e paramos em frente a uma pequena casa. As duas janelas e a porta de madeira indicavam sua simplicidade. Robert em nada pareceu se importar, parecia estar muito à vontade.

Entramos e o ancião desapareceu por uma porta logo depois da pequena sala. Robert

puxou uma das três cadeiras que havia em uma mesa de madeira e sentou me indicando outra para que eu fizesse o mesmo. O local, apesar de muito humilde, era limpo e organizado. Continuamos de mãos dadas e calados até que o senhor retornou com uma bandeja contendo três xícaras. Meu... Amante? Chefe? Eu já não sabia mais... Tomou um longo gole do seu café.

- É um grande passo, meu amigo – Henry começou a falar olhando para Robert. – Acredito que seja o início do fim.

- É um alívio, mas não me sinto melhor em nada. Contar a

Melissa o que aconteceu, ou parte do que aconteceu... –seus olhos encaravam fixamente a xícara em sua mão. – Não consigo me sentir uma pessoa melhor por isso. Nada mudou. Continuo sendo culpado – passou a mão com força pelos cabelos, demonstrando o quanto se sentia desamparado.

- É um começo, sem dúvida – ele parecia conhecer Robert melhor do que qualquer outra pessoa. Henry parou um pouco, bebendo do seu café – O passado não volta nunca mais, Robert. O que foi feito não pode ser mudado. Eu já disse várias vezes que não o acho culpado. Você

fez o que precisava ser feito. Infelizmente as coisas fugiram do controle. Não foi culpa sua. Tanya usa isso para enfraquecer você – estranhamente, Henry assumiu uma postura tão superior que por um instante me senti fora da realidade.

- Ela pode até fazer isso, mas sei que tem razão em me culpar – apertei a mão do homem que eu amava para dar-lhe forças. Precisava apoiá-lo naquela hora. - Tanya pode ter cometido vários erros, mas se eu a tivesse abandonado, se, de alguma forma a tivesse banido da minha vida, quem sabe meu filho estaria comigo hoje?

- Quem sabe seu filho não teria ido muito antes do que deveria ir? Sabe Deus que tipo de absurdo ela teria cometido. Tudo nesta vida tem um motivo. Seu filho não morreu por sua culpa, nem dela, como você tenta se convencer – Robert ficou visivelmente envergonhado com aquela revelação.

- Se ela tivesse reagido como eu implorei. Se tivesse lutado contra a depressão. Teria conseguido impedir que ele se afogasse – falou com raiva fechando os olhos com força.

- Se você não tivesse feito o que fez – Henry olhou

sugestivamente para mim, indicando saber até onde poderia ir com aquele assunto. – Ela não teria entrado em depressão – Robert se encolheu com a acusação. – Vê? Não existem culpados Robert. Aconteceu como deveria acontecer. É a vida e infelizmente não podemos controlar suas ações.

- Somos todos vítimas da vida? Você sempre tenta, em vão, me convencer disso – Robert parecia desanimado e um tanto quanto deprimido.

- Não, meu amigo. Não somos vítimas. Sempre existe um lado bom para tudo – o senhor sorriu e em

seus olhos havia apenas alegria.

- O que existe de bom em perder um filho? Uma criança? Um anjo? – meu amante questionou impaciente.

O senhor, mantendo uma expressão tranquila, olhou sugestivamente para mim. Eu era a parte boa daquela história? Robert sorriu e pela primeira vez naquele dia senti que seu sorriso era sincero.

- Você achava que vivia o relacionamento perfeito – Henry disse e depois se calou. Robert fez um aceno de cabeça e depois levou minha mão aos lábios e depositou um beijo. Estremeci.

Voltamos para casa em silêncio. Robert não parecia mais tenso, também não aparentava estar mais leve. Eu ainda tentava digerir todas as informações recebidas dele naquela tarde. O sol já havia ido embora e a noite nos saudava. Tentava encontrar alguma parte minha que ainda quisesse rejeitá-lo, mas era impossível. Agora o conhecia um pouco melhor. Entendia várias atitudes e comportamentos e, por incrível que pareça, o amava ainda mais. Mesmo sem saber ainda do restante da sua história.

Paramos em frente à minha casa, Robert desceu do carro e abriu a porta para mim. Desci sem saber ao certo como agir. Olhamo-nos por um tempo permitindo que o constrangimento desaparecesse. Éramos como um casal de adolescentes que não sabia ao certo o que fazer, ou dizer. Depois de algum tempo, ele sorriu timidamente.

- Posso ficar mais um pouco?

— sorri.

- Você nunca me pediu autorização para entrar em minha casa — seu sorriso tornou-se largo. Fiquei mais aliviada.

- Esse é um momento

diferente, eu acredito – colocou as mãos nos bolsos do seu jeans e mordeu os lábios, ainda um pouco embaraçado. Parecia tão jovem.

- Por quê?

- Porque você ainda não me aceitou de volta – seus olhos me fitaram intensos. Precisei me lembrar de como se respira.

- Podemos subir para conversar – fiquei apreensiva. - Se essa é a sua vontade – acrescentei.

Com a presença de Robert em meu pequeno apartamento, tudo parecia quase claustrofóbico. Eu sabia que teria que tomar uma decisão, mesmo tendo consciência

que a decisão já havia sido tomada. Ameacei sentar num dos bancos altos da minha cozinha americana, mas Robert me conduziu pela mão até o quarto. Meu coração acelerou. Ele se deitou na cama, me puxando para deitar em seu peito. Podia sentir seu coração também acelerado, misturado ao som tão reconfortante, havia o cheiro da sua colônia. Era como estar em casa.

- Eu não te deixarei mais no escuro – quebrou o silêncio.

- Você continua casado – não foi uma acusação. Naquele momento eu não tinha coragem de confrontá-lo. Seus dedos começaram a

acariciar meus cabelos.

- Tem um prazo determinado para acabar, Mel. Eu garanto.

- Quando?

- Ainda não sei. Eu te contei da tentativa de Tanya de prorrogar o prazo, como eu já imaginava, seu plano acabou dando errado, o que a deixou muito furiosa. Suas ameaças foram intensas e eu sei que do que “minha querida esposa” é capaz.

Ele disse “minha esposa” com azedume na voz. Como se Tanya lhe causasse nojo, repugnância. Eu não sabia como reagir.

- Ela garantiu que não cumpriria a parte dela do acordo e

me culpou por toda a nossa tragédia. Tanya sabe realmente como me jogar no fundo do poço – me apertou ainda mais em seus braços. – Por falar nisso, obrigado! – levantei o rosto sem entender o que ele agradecia. – Por ter confiado em mim, mais uma vez, e por ter ido lá comigo. Por ter me entendido, me confortado e, principalmente, por não me julgar. Eu não esperava tamanha compaixão. Seus olhos o tempo todo me mostravam que você não estava me culpando de nada. Obrigado, meu amor!

Deitei minha cabeça em seu peito e o abracei. Reprimi minha

vontade de sorrir. Era cedo demais. No entanto o meu íntimo estava em festa. Muitas coisas aconteceram desde a primeira vez que me encontrei com o homem que se tornou o amor da minha vida. Robert Carter.

Saber que meu amor era correspondido foi avassalador. Tê-lo em meus braços, sabendo o quanto ele estava arriscando para estar comigo, me causava uma satisfação plena. No entanto o mais importante naquele momento ia muito além do que ele já foi capaz de ser ou fazer por mim. Mas o que eu sabia que seria capaz de ser ou

fazer por ele.

- Tanya tem algo que eu quero muito. Algo que preciso para completar este ciclo terrível de minha vida. Ela sabe que alcançar meu objetivo vai me ajudar a seguir em frente, por causa da promessa que fiz. Por isso faz questão de jogar contra mim. A diferença é que desta vez eu tenho uma razão a mais para lutar.

Intensificou seu abraço deixando claro que eu era “sua razão a mais”. Cheia de felicidade me aninhei em seu corpo deixando que o meu recebesse o seu calor tão cheio de vida e promessas.

- Durante anos nunca acusei Tanya de nada. Eu sabia de muitas coisas, inclusive sobre as que me levaram a tomar a decisão que acarretou nesta tragédia toda, no entanto sempre me senti tão culpado que apenas aceitava as suas imposições sem reclamar. Desta vez foi diferente. Joguei com ela da mesma forma que ela sempre jogou comigo e finalmente descobri que tenho como acabar com este inferno. Tanya me pediu um prazo, ainda não estabelecido. Ela teve que viajar e quando voltar, vamos resolver tudo. Falta pouco, independentemente de qual seja o prazo dela, sei que terá

um fim. Então você poderá finalmente ser minha esposa – sua voz rouca e baixa era minha perdição.

Pode não ser o suficiente para muita gente, mas para mim suas palavras foram como uma lufada de ar para quem está se afogando. Senti no meu coração a certeza de que realmente aquilo teria um fim muito me breve. Já podia sonhar com a nossa vida juntos, aonde Robert teria a sua paz de volta. Com um lar para nós dois e, quem sabe, filhos. Não para substituírem o que Robert havia perdido, mas que mostrassem a ele que sempre existe uma segunda

chance. Eu ansiava tanto por esta realidade. Queria tanto oferecê-la ao meu amor. Lágrimas rolaram de meus olhos com a expectativa.

- Eu aceito — falei emocionada. Ele levantou meu rosto e beijou meus lábios suavemente.

- Obrigado — repetiu. — Obrigado por me devolver a paz.

Robert fechou os olhos e sorriu. Foi um sorriso verdadeiro, simples e cheio de felicidade. Seu corpo relaxou visivelmente em minha cama, comigo ainda em seus braços. Em poucos minutos dormia um sono profundo. Aconcheguei-me e deixei que o sono também me

dominasse. Desta vez eu fui
presenteada com sonhos que
envolviam Robert, eu e uma linda
criança sorridente, correndo para
nossos braços.

CAPÍTULO 2

Acordei assustada e sentime na cama com um impulso, como se estivesse despertando de um sonho longo e pesado. Meu quarto estava dominado pela escuridão. Ainda podia sentir o seu cheiro, o calor do seu corpo junto ao meu, a sua presença tão marcante e intimidadora, porém minha cama estava vazia.

Fiquei confusa. Foi um

sonho? Parecia tão real! Foi quando ouvi o som da TV vindo da sala, juntamente com a claridade por debaixo da porta. Ele estava lá. Coloquei os pés no chão e vi meus tênis. Droga! Eu ainda estava com as mesmas roupas.

Tentando não chamar a atenção, fui até o banheiro, acendi a luz e tranquei a porta. O cheiro forte de limpeza estava no ar. Robert tomou banho e não fora há muito tempo. O piso do boxe molhado confirmou as minhas suspeitas. Tirei as roupas entrei no chuveiro.

Limpa e com as ideias mais claras comecei a me preparar para o

nosso encontro. Mais cedo havia sido tudo intenso. As revelações, todas assustadoras demais, não deixaram espaço para uma conversa. Não da forma como eu queria. De qualquer forma eu já tinha aceitado.

Não restavam dúvidas nem incertezas. Impossível voltar atrás em minha decisão. Não poderia. Eu estava completa e irrevogavelmente apaixonada por Robert Carter. Pertencia a ele como as estrelas pertencem ao céu, como o calor pertence ao Sol. Precisava somente amadurecer a ideia, organizar os detalhes, já que sabia, e ele também, que limites não existiam mais.

Insegura, peguei uma camisola branca, com renda nas laterais, presa nos seios aumentando seu volume, solta até a altura das coxas. Era curta e sensual, o meu objetivo não era seduzi-lo e sim me sentir o mais próxima possível do que nós dois éramos já que não podia colocar meu velho moletom.

Ainda no escuro, saí para a sala. Imediatamente Robert sentiu a minha presença. Ele estava sentado no sofá, usando sua calça jeans e uma camisa minha, comprida e folgada, com alguns furos na lateral de tão usada. Eu a usava para dormir nos dias quentes, no entanto há muito

estava esquecida em meu guarda-roupa. Seus cabelos molhados denunciavam o banho e seus pés descalços deixavam-no completamente à vontade. Simples, relaxado e sexy. Muito sexy. Minha boca ficou seca.

Nossos olhos se encontraram. Apesar da pouca luminosidade, dava para enxergar as chamas que saíam dos seus. Ele percorreu meu corpo com um desejo tamanho que quase me possuiu sem precisar me tocar. Merda! A presença de Robert era muito intensa em mim.

- Preciso de água – corri para a cozinha sem saber ao certo por que

fugia.

Segurei o copo com as duas mãos e me concentrei em não derrubá-lo. Meu amante estava logo atrás de mim. Muito próximo. Eu sentia a sua respiração alcançando a minha pele exposta. No mesmo instante meu coração acelerou.

- Você está bem? – parecia cauteloso. Nenhum alívio me alcançou.

- Hum, hum! – bebi o que restava da água.

As pontas dos dedos dele tocaram as laterais dos meus braços levemente. Era quase imperceptível, como eu estava extremamente

sensível, fiquei completamente arrepiada.

- Estou cansada – virei rapidamente tentando fugir das suas carícias.

- Por que está fugindo de mim? – sem me tocar realmente, levantou meu queixo até que nossos olhos se encontraram. Mergulhei completamente naquele mar cinza. Nele estava refletido o coração do homem que eu amava.

- Eu... Eu não sei – admiti fechando os olhos.

Seria muito mais fácil se ele simplesmente me conduzisse. Que não me desse a oportunidade de

pensar ou decidir.

- Eu amo você, Melissa! – sussurrou com os lábios quase nos meus. O ar ficou preso em meus pulmões. Merda! Aquelas palavras de novo e eu já me sentia incapaz de raciocinar.

Seus dedos reiniciaram as carícias leves em meus braços. Só as pontas, subindo e descendo, sem cessar, sem me possuir, apenas sentindo a proximidade entre nossas peles. Aquilo estava me enlouquecendo. Principalmente porque a minha única resposta era o quanto o amava também e este amor transpirava em mim, por todos os

meus poros, me dominando completamente.

- Não tenha medo – continuou sussurrando.

Seus lábios desceram roçando o meu pescoço, se prolongando na clavícula, onde depositou um beijo, ainda leve, então continuou até o limite do ombro. Refez o caminho com a ponta do nariz, aspirando meu cheiro e liberando seu hálito quente que aquecia meu corpo. Seus dedos subiam pelos meus braços seguindo o mesmo caminho até que suas mãos estavam em meus ombros, acariciando as tiras finas que prendiam a camisola.

- Não vou fazer nada que você não queira. Basta me pedir para parar – sua voz rouca e baixa, representando o desejo carnal que sentia, era ao mesmo tempo séria e decidida. Como se estivesse fazendo um juramento.

“Hum! Isso é novidade.”

Foi naquele momento que nossos lábios se encontraram. Primeiro ele recuou um pouco, testando-me e pedindo permissão. Como não me afastei, Robert colou sua boca na minha. Foi calmo, doce, leve e tão sensual que me deixou entregue.

Uma das mãos subiu até

minha nuca, seus dedos me acariciando, massageando, de forma delicada e sutil. Sem me pressionar ou forçar. A sua promessa estava explícita em seus gestos. Ele não ultrapassaria meus limites. Não iria se impor. Mal sabia Robert que não existia mais nada que o impedisse de me tomar para si. Quando nossos corpos estavam o mais próximo possível, decidi testá-lo.

- Não – murmurei recuando um pouco. – Pare.

Imediatamente Robert parou. Seus dedos voltaram a me acariciar apenas com as pontas em um carinho muito leve e delicado, voltando ao

padrão, subindo e descendo nas laterais dos meus braços, ateando fogo por onde passava. Não o recriminei. Era suportável.

- Mel, deixe-me tocá-la – suplicou com os dedos subindo pelos meus ombros e se prolongando até minha nuca. Tudo ainda muito leve, quase um sopro, uma brisa. - Deixe-me ter você – seu sussurro me atingiu com força. Meu ventre se contraiu me deixando úmida. Fechei os olhos e gemi, deliciada demais para impedi-lo. – Deixe-me amá-la.

Lentamente se movimentou, posicionando-se atrás de mim. Seus movimentos repercutiram por todo o

meu corpo. Retirando meus cabelos, que caíam soltos pelas costas até a cintura, os enrolou e deixou sobre um dos ombros. O outro, quase que no mesmo instante, foi presenteado com o calor dos lábios do homem que eu amava e que me implorava com gestos e palavras que eu me permitisse ser amada.

Quase convulsionei quando Robert, sem aviso prévio, correu seus dedos pelas minhas costas, descendo minha coluna e se detendo muito abaixo dela. Quando suas mãos subiram novamente, foram mais decididas, fortes e dominadoras. Ele enroscou os dedos

em cada alça da camisola e, num ritmo angustiantemente lento, desceu-a, revelando meus seios e soltando-a na altura da cintura. O cetim fino correu como uma carícia provocante pelos meus quadris até se depositar em meus pés. Eu estava nua e entregue ao seu prazer.

- Tão linda! – mantinha a voz baixa.

Ele não me tomou, como imaginei que faria. Robert insinuava os toques e sentia o meu cheiro. Com as mãos baixas, posicionou seus dedos espaçados, em cada lado do meu corpo, tocando meus quadris e subindo, tão lentamente e

angustiosamente como quando retirou a camisola. Fechei os olhos.

- Linda! – seus lábios se fecharam em minha orelha. Suspirei.

Suas mãos continuaram subindo, desviando para minha barriga, seguindo em direção aos seios e se apossando deles. Foi exatamente neste momento, nesta fração mínima de segundo, que o Robert apaixonado, delicado e inseguro cedeu o lugar para o Robert dominante, sensual e completamente seguro de si.

Com um passo decidido ele me deixou de frente para a parede. Suas mãos percorreram meu corpo

com mais vontade, desejo e ardor. Gemi recebendo seus lábios em meu pescoço. As mãos, antes gentis e delicadas, se fecharam com força em meus seios, puxando os mamilos até que ficassem incrivelmente endurecidos.

Robert se afastou um pouco, tirando a camisa e colando seu peitoral em minhas costas. Pele contra pele. Foi carnal. Sexy. E me deixou completamente excitada. Seu *jeans* grosso roçava minha bunda, fazendo-me sentir sua ereção enquanto se movimentava sensualmente, forçando-me a acompanhá-lo. Uma das mãos

desceu aos meus quadris me puxando para trás, inclinando minhas costas um pouco para frente, arqueando-me em direção a seu membro duro e intumescido.

Oh, merda! Eu o queria.

- Robert! – gemi minha suplica.

- Sim. Eu sei. Eu também, meu amor – não percebi que ele estava tão próximo, mas neste momento seu dedo me invadiu com força e precisão. Gritei! Robert gemeu ecoando a minha reação. – Ah, Melissa! Prontinha para mim – mordeu meu pescoço, meus ombros, minhas costas enquanto seu dedo me

invadia, entrando e saindo, entrando e saindo... Eu não suportaria por muito mais tempo. – Preciso estar dentro de você, meu bem – ele falava, me mordida, chupava e beijava. – Preciso estar todo dentro de você e te fazer gozar em volta de mim. Só assim terei certeza... Só assim me sentirei completo novamente, Melissa.

Seus dedos me invadiam, forte, possessivos, duros e severos. Seus lábios me devoravam, chupavam, a língua me lambia, experimentava. Eu era puro prazer, total e completamente sentidos e sentimentos. Ele subiu o dedo

pressionando meu clitóris e me invadiu com seu membro.

Foi um movimento único. Robert me penetrou completamente sem cuidado, com força, parando apenas quando não restava mais nada. A pressão do seu dedo em meu centro de prazer e seu membro me tomando impetuosamente, avançando em minhas paredes e se impondo dentro de mim, foi o suficiente para me levar ao limite. Gritei, deixando que os espasmos se espalhassem pelo meu corpo. Um vulcão de prazer explodiu entre as minhas pernas, correndo minha pele e me espatifando em um milhão de

pedaços.

Robert continuou imóvel. Paciente. Enquanto eu convulsionava, pulsando e me fechando ao seu redor. Gemendo sem pudor ou controle. Somente quando meus movimentos foram se acalmando, minha respiração voltando ao normal e minha alma situando-se em meu corpo que ele recomeçou seus movimentos.

Lentamente Robert se retirou de mim até quase não estar mais em lugar algum então voltou com tudo, estocando, me devastando e possuindo como só ele sabia fazer. Saía lento e voltava com força e a

cada investida se aprofundava. Coloquei as mãos na parede, absorvendo seus movimentos enquanto era arremessada para frente e puxada para trás. Não tinha condições de reagir.

Mal havia me recuperado do orgasmo e já sentia meu interior reagir novamente às suas estocadas. Robert gemeu com voz grave e reiniciou as mordidas e chupadas em minha pele. Suas mãos me mantinham no ângulo certo, deixando-me exposta e a sua disposição.

Ele continuou, uma vez, duas, três... Muitas... Profundas, fortes e

dominantes. Rapidamente meu sexo começou a pulsar, se fechando e abrindo para recebê-lo da melhor maneira possível. Eu estava quase lá. Ele continuava. Implacável, resistente, duro, cada vez mais forte... Então ele se desfez em mim. Gemendo e me prendendo em seu corpo, atingindo pontos tão profundos e inimagináveis que me fizeram esquecer o mundo e gritar de prazer. Tudo ao meu redor desapareceu, eu fiquei suspensa no ar, sendo consumida pelas chamas do prazer e queimada pelo orgasmo avassalador.

Depois disso... mais nada.

Apaguei nos braços do homem que eu amava, o meu amante, meu chefe, meu... O sono chegou me puxando e eu me deixei levar, ciente de que estava com quem me fazia feliz e que, naquele momento, nada poderia nos separar.

- Mel! – ouvi sua voz rouca e doce me chamando. Eu estava longe dali. Estava presa em sonhos e fantasias. – Mel, amor. Acorde. Acorde anjo! – ele pediu daquela sua maneira peculiar.

Foram poucos dias separados,

mas para mim pareceu uma eternidade de dor. Nunca imaginei que um dia sentiria um amor tão profundo, capaz de minar minhas forças e destruir as minhas vontades. Tive que abrir mão de tudo o que eu era para viver com Robert Carter. Abandonei qualquer princípio, valor e até mesmo pudor, para convencer a mim mesma de que não havia outro caminho. Ele estava incrustado em mim, não havia como escapar.

O que me deixava mais confusa com a profundidade dos meus sentimentos era que estava ciente de que eu deveria fugir,

sumir, esquecê-lo, mas justificava a minha decisão de ficar com o fato de não conseguir enxergar uma saída. Realmente não existia. Todos os meus passos me levavam a ele. Pensando bem será que se houvesse, eu iria?

Abri meus olhos lutando contra a vontade de continuar dormindo. Fechei rapidamente ao ver as cortinas abertas e o quarto totalmente iluminado pelo sol. Robert riu, despejando beijos em meu rosto, distribuindo-os em vários pontos, inclusive meus lábios. Eram beijos leves que faziam cócegas devido ao contato com a sua barba

por fazer. Ri, me deixando despertar completamente.

Voltei a abrir os olhos, decidida a encarar a minha realidade. Contemplei o seu rosto logo acima do meu. Ele era lindo! Perfeito!

Uma vez minha mãe me disse que satanás era o anjo mais bonito do céu e o mais querido por Deus, mas sua beleza o fez acreditar que ele podia mais então, depois de uma guerra, foi atirado ao inferno e jurou vingança. Para isso escolheu corromper a humanidade. Como? Alguns dizem que através do dinheiro, outros através das

palavras, mas muitos juram que foi através da beleza. Robert tinha os três: dinheiro, persuasão e beleza. E roubava de mim todas as virtudes. Eu cobiçava, traía, roubava, tudo em nome do amor que sentia por ele.

Toquei seu rosto com meus dedos e deixei que traçassem caminhos leves enquanto, sentia sua pele.

- Tenho que ir – ele me sondou com seus olhos cinza capazes de arrancar o que quisessem de mim. Eu não precisei dizer nada, meu semblante foi o suficiente para demonstrar meu desgosto. – Já está bem tarde e eu preciso de roupas

para trabalhar – desviei meus olhos e busquei pelo meu relógio. Droga! Estava tarde mesmo. Robert riu da minha reação. – Viu? Tenho mesmo que ir – levantou da cama levando o seu calor. Sentei abraçando as pernas, enquanto o observava se aprontar. – O que foi? – ele me observava com atenção ao colocar a camisa.

- Tenho um chefe psicótico por horário. Eu queria muito poder ficar mais um pouco na cama e transar com meu namorado, porém meu patrão é um porre e vive me dizendo “Está atrasada, Srta. Simon” - desdenhei desta última frase

fazendo uma imitação ridícula de suas repreensões. Robert suspirou e se inclinou me dando um beijo estalado nos lábios.

- Seu namorado adoraria ficar um pouco mais com você para transar – deu um sorriso insinuando o quanto era verdade. Meu corpo inteiro reagiu ao seu sorriso, fazendo com que parte de mim se contraísse de desejo. – Infelizmente ele tem uma secretária bastante desastrada e que está sempre se atrasando, então precisa correr para manter tudo em ordem – estreitei os olhos.

- Desastrada? – repeti

ameaçadoramente.

- Você não consegue me amedrontar, Melissa – riu. – E nem adianta procurar pelo chicote, porque providenciei um enterro decente para ele.

Ele se referia ao acessório que utilizei em nossa viagem a Dubai para obrigá-lo a atender as minhas vontades. No momento o chicote foi mais do que útil, mas Robert rapidamente deu um jeito de me fazer esquecê-lo, por um tempo. Pelo visto ele não tinha curtido muito ser o submisso da história. O que eu não sabia era que o objeto em questão não estava mais escondido

entre as minhas caixas de sapato. Como ele o encontrou?

- Você o que? – fiquei confusa. – Quando... – Robert olhou para mim com a sobrancelha arqueada de uma forma sugestiva. – Ah! Deixa pra lá! – levantei da cama em direção ao banheiro. Ele me interceptou no caminho

- Esperarei por você – beijou-me rapidamente. – Não se atrase – acrescentou rindo.

- Vá embora, Robert! – fingi irritação me desprendendo de seus braços para tentar alcançar o banheiro.

- Eu vou, mas volto – alertou-

me com um tapa na bunda.

Não foi um tapa forte, mas me pegou desprevenida e me assustou um pouco, no entanto... Eu gostei. Gostei até demais e rapidamente minha mente fértil reproduziu milhares de situações envolvendo tapas. Imediatamente algo em meu interior deu sinal de que estava totalmente desperto. Olhei para Robert disposta a obrigá-lo a se atrasar. Ele entendeu a minha necessidade e não estava disposto a atendê-la.

- Não se empolgue, Srta. Simon. Sou seu chefe e posso puni-la pelos atrasos.

- Eu adoraria ser punida, Sr. Carter – enlacei meus braços em seu pescoço procurando seus lábios.

- Mais tarde, Melissa – se desprende, afastando-me decidido a não se deixar persuadir.

- Merda! Maníaco, obcecado pelo horário – cruzei os braços no peito e bati o pé, como uma menina mimada. – Sabe o que uma mulher com a cabeça tão cheia de ideias, como eu, pode fazer ao ser rejeitada pelo namorado?

- Não. Só sei o que um namorado obcecado pelo tempo pode fazer com uma namorada boca suja. Já pro banho, Melissa!

Girei nos meus calcanhares, totalmente intimidada por sua ameaça e entrei no banheiro. Robert era um idiota manipulador que ameaçava namoradas indefesas. Imediatamente comecei a rir dos meus pensamentos.

Quando saí ele não estava mais lá. Procurei algo para vestir. Meu humor estava ótimo e minha vida iluminada. Escolhi um vestido vermelho com detalhes em preto. Era um pouco revelador, nada que chamasse muita atenção.

Tomei meu café, sozinha e sozinha revivi os momentos do dia anterior. Foi consideravelmente

triste e atordoante. Sabia que não deveria questioná-lo naquele momento, mas existia muito mais naquela história e eu precisava saber até onde iam seus problemas com Tanya. Olhei mais uma vez em meu relógio e... Puta merda! Eu estava atrasada. Ele não deixaria passar.

Corri para o trabalho, preocupada em não causar um acidente no percurso. Afinal de contas, Robert tinha razão, eu era mesmo desastrada, algo que nunca admitiria em voz alta. Ao chegar imediatamente me lembrei o motivo que me fazia de odiar chegar

atrasada: a falta de lugar para estacionar. Era uma droga não conseguir colocar o carro próximo da entrada da empresa. Significava correr na chuva, e eu não tinha coordenação motora suficiente para fazê-lo sem beijar o chão. Por isso eu só podia andar e deixar a água estragar meu cabelo e minha maquiagem.

Entrei já contando com a provocação de Robert. Foi exatamente como eu pensei. Meu chefe já estava lá. Ele me olhou, deu um sorriso torto, obscenamente sedutor, balançando a cabeça. Deixei a bolsa em uma das gavetas,

peguei meu celular e entrei em sua sala.

- Bom dia, Sr. Carter – foi impossível conter minha euforia. Quanta diferença desde a última vez em que estivemos juntos naquele ambiente.

Havíamos feito amor naquela sala, em um momento de descontrole e desespero. Ele revelou o seu amor por mim e eu tinha recusado permanecer ao seu lado. Tudo parecia tão distante da nossa atual realidade.

- Srta. Simon... – Robert me trouxe de volta para o momento deixando de lado os papéis que

analisava. – A senhorita está atrasada.

- Eu sei. Desculpe-me – ele abriu a boca para falar, mas eu o interrompi. – Não. Não me desculpe. Eu sei que o senhor não gosta que eu me desculpe e apesar de não entender o motivo, estou retirando minhas desculpas – fingi procurar pela agenda em meu celular. – Acontece que eu tenho um namorado mais do que gostoso e esta manhã ele me deixou fervendo. Como ele é um homem muito ocupado e não pôde me satisfazer, precisei de mais alguns minutos no banheiro.

Olhei-o inocentemente, com

se não tivesse dito nada demais, e constatei que Robert estava com os olhos fixos em mim. Com a boca ligeiramente aberta. Mordi meu lábio inferior segurando o riso que insistia em sair.

- Podemos começar, Sr. Carter?

- Você se masturbou? — continuou me olhando com os olhos arregalados e surpresos. Eu precisava continuar com a farsa. Era demasiadamente prazeroso ver Robert daquela forma, como estávamos na empresa, ele nada poderia fazer.

- Sim — mantive o tom casual

em minha voz. – Duas vezes –
desviei o olhar encarando o celular,
meu sorriso vitorioso era revelador.

CAPÍTULO 3

Estava com vontade de gargalhar. Robert ficou em silêncio por mais tempo do que eu esperava. Depois, como se estivesse reaprendido a respirar, puxou o ar com força. Com uma mão puxou a gravata diminuindo seu aperto e com a outra correu seus cabelos. Ficava lindo fazendo isso.

- Puta que pariu, Melissa, não

faça isso comigo. Não aqui dentro. Não a esta hora da manhã. Não quando eu tenho um milhão de coisas para fazer e não posso arrastar você para casa e te comer durante o dia inteiro. Você tem noção do quanto senti a sua falta? – a forma feroz com que ele falou fez meu sangue ferver. Eu o queria.

- Podemos começar, Sr. Carter? – repeti a pergunta, expulsando da mente as imagens projetadas pela possibilidade de transarmos um dia inteiro.

Parecia meio atordoado e eu estava me deliciando com a sua reação. Aquela informação, mesmo

sendo uma mentira completa, havia lhe dado o suficiente para pensar duas vezes antes de me abandonar naquele estado. Descobri em mim um lado até então desconhecido. Eu gostava de jogar com meu amante, mesmo sabendo que na maioria das vezes, o seu jogo era cruel e desumano.

Bruno Carter, irmão mais novo do meu chefe e diretor do setor de marketing da C&H Medical System, chegou com seu jeito espalhafatoso, evitando que nossa conversa se prolongasse. Ele tinha uma forma peculiar de tornar tudo constrangedor demais. Levantei para

deixá-los a sós, sob o olhar quente e atento de Robert, mas seu irmão conseguiu me deter.

- Mel, ouvi algumas conversas a seu respeito e descobri que você tem muitos pretendentes – fiquei sem graça imediatamente. Não apenas por mim, mas por Robert também. Aquele não era o melhor assunto a ser abordado, não naquele momento. – Adam está apaixonado e pelo que entendi Frank ficou encantado com a sua...- fez um gesto vago com as mãos, como se procurasse pela palavra mais adequada. - Inteligência – gargalhou.

Minha vontade era de socar

sua cara. Bruno era um cara legal, namorado da minha amiga Alexa, mas era muito inconveniente. E se existia uma maneira de me tirar do sério, era não levar a sério a minha capacidade profissional.

- Para algumas pessoas, – olhei-o sugestivamente arqueando uma sobrancelha – a inteligência pode ser afrodisíaca – lembrei imediatamente do meu amante falando estas palavras e minha pele ficou arrepiada. Olhei rapidamente em sua direção e o flagrei sorrindo discretamente. – Não sei se esse é o caso da Alexa – Robert riu com vontade. Tentei sair rapidamente da

sala, contudo meu chefe não poderia deixar de me provocar.

- Srta. Simon? – virei aguardando alguma ordem ou pedido. – Eu gostaria muito de poder ver a situação que a senhorita me descreveu agora a pouco – não entendi. Meu semblante demonstrou a minha confusão. – Sobre a atividade que a senhorita praticou hoje cedo – pensei que meu rosto pegaria fogo. Os olhos de Robert crepitavam com a vingança. Filho da puta! Na frente de Bruno. Era para me ferrar mesmo.

- Que atividade?

Se Robert achou que poderia

dizer isso sem aguçar a curiosidade do irmão, estava muito enganado. A não ser que esta tenha sido a sua real intenção. Que raiva! Não conseguia nem imaginar o que dizer.

- Corrida. A Srta. Simon praticou corrida hoje cedo. Pelo tanto que é desastrada eu fico imaginando como deve ter sido – Robert riu e Bruno o acompanhou. Eu fiquei enfurecida.

- Posso garantir, Sr. Carter, que “correr” pela manhã é extremamente prazeroso. Se o senhor não fosse um homem tão ocupado, poderia desfrutar deste prazer matinal, mas... – deixei que a

frase morresse na metade. Robert me deu um olhar ameaçador. Dei as costas aos dois e saí da sala.

Como se o mundo inteiro soubesse que naquele momento minhas atividades se iniciavam, tudo começou a acontecer ao mesmo tempo. O telefone tocou, as mensagens começaram a entupir a caixa de e-mail, o fax não parava. Quase surtei. Atendi ligações, anotando todos os recados, resolvendo os problemas pertinentes e transferindo as mais importantes para o meu chefe. Ao mesmo tempo, tentava responder aos e-mails e encaminhar os importantes para

análise de Robert, concomitantemente, tentava organizar a imensa papelada que chegava não apenas por malote, também através do fax, além do que eu tinha que imprimir. Ufa!

Comecei a me sentir como uma multifuncional. O lado bom era que não sobrava tempo para mais nada, ou seja, pensamentos profundos, que necessitavam de reflexão ou questionamentos que eu sabia que não me levariam a lugar nenhum, estavam descartados.

Meu telefone tocou pela milionésima vez, enquanto eu grampeava um relatório que havia

acabado de receber. Robert podia ler tudo em seu computador, entretanto sua maneira burocrática de gerir me obrigava a imprimir cada arquivo recebido. Tudo bem que facilitava o manuseio, tendo em vista que muitas vezes precisava levar o material para onde fosse, mesmo assim, um *tablet* facilitaria muito e ajudaria na preservação das árvores.

O telefone insistia.

- Sala do Sr. Carter...

- Melissa? — a voz doce e calma fez meu sangue gelar. Tanya estava ao telefone.

- Sim...

- Como vai? – fechei os olhos fazendo um esforço imenso para conseguir pensar nas respostas mais adequadas.

- Bem, Sr^a Carter. Posso ajudá-la?

- Estou tentando falar com o meu marido, mas parece que o celular dele não está colaborando. Poderia passar a ligação, por favor? – ainda doce, Tanya parecia uma cobra. Linda, sedutora e letal.

Conhecer um pouco mais da sua história não aliviava nem diminuía a culpa que eu sentia por aceitar ter um caso com o seu marido. O jogo deles era arriscado e

ambos tinham motivos para continuar nele, mas em nada justificava o meu envolvimento com Robert. Merda! Com apenas um telefonema Tanya conseguia me desestabilizar.

- Claro. Um momento, por favor! – fiquei aliviada em poder transferir a ligação. Ainda precisava comunicar ao meu chefe que a esposa estava na linha, e Bruno permanecia em sua sala, ou seja, teríamos que representar.

Era muito frustrante.

- Sim, Srta. Simon – Robert atendeu com voz firme, no entanto estava relaxado e tranquilo. Podia

até dizer que ele estava satisfeito.

- A Sr^a. Carter está na linha – comuniquei forçando a voz para não demonstrar nenhuma emoção. Ele ficou em silêncio. Era perceptível que a atmosfera havia mudado.

- Pode passar – sua voz transformou. Engoli em seco e desliguei.

Minha curiosidade implorava para que me virasse e observasse a forma como ele reagia a aquela ligação, mas me obriguei a permanecer de costas. As atividades já não ocupavam tanto os meus pensamentos. Copilei, imprimi, grampeei e arqueei mecanicamente.

Vi quando desligou a ligação, mesmo assim não me atrevi a olhá-lo.

Robert havia dito que Tanya sabia de nós dois e eu conhecia a forma como ela jogava. Como reagir da maneira correta? Ele contou que quando a esposa sentia que o jogo estava chegando ao fim tentava reverter a situação para ganhar tempo. Também falou o que ela fazia para conseguir esta vantagem. Fui dominada por um frio incomum.

Ele não cedeu da última vez. Ao menos disse que não, até quando resistiria? Este era o jogo deles e era jogado há um bom tempo. Robert

sabia que precisava continuar jogando e o que era necessário fazer. Ele faria? Droga! Não queria aquelas lágrimas em meus olhos. Mesmo porque sabia que independentemente de qualquer que fosse a sua decisão eu continuaria ali. Puta merda! Foi para isso que ela ligou? Por isso que ele ficou tão tenso quando passei a ligação? Ou era tudo fruto da minha imaginação?

- Srta. Simon? – quase pulei da cadeira ao ouvi-lo tão próximo. Bruno riu da minha reação. Robert me encarou com expressão curiosa, a cabeça levemente inclinada para o lado e uma sobrancelha

parcialmente arqueada. – Algum problema? – encarei seus olhos cinza profundamente misteriosos.

- Ah! Não – balancei a cabeça expulsando os pensamentos. – Eu estava só... – não sabia o que dizer. – Pensando... – mordi meu lábio inferior com medo que mais emoções transbordassem boca a fora. Ele continuou me encarando.

- Conheço esta expressão, Melissa – Bruno cortou nosso momento me deixando ainda mais tensa. – O que foi? Brigou com o namorado? – ele falava divertido, o que não ajudou nem um pouco.

- Não... Eu só... Vocês

precisam de alguma coisa? – levantei tentando colocar um pouco de ordem naquela bagunça.

- Estou de saída para almoçar com Bruno, não sei que horas volto. Você está bem? – saímos um pouco da formalidade. Corri meus olhos vasculhando o rosto de Bruno, ele não parecia desconfiar de nada.

- Sim. Só um pouco cansada. O dia está muito agitado – ele continuou me olhando curiosamente, então desistiu de tentar descobrir o que me afligia.

- Bom, então estou de saída. Por favor, cancele todos os compromissos da tarde. Acabei de

aceitar participar de um jantar muito importante e precisarei me preparar – seus olhos não diziam nada.

Robert se despediu e foi embora levando Bruno. Minha angustia só aumentou. Não havia nenhum compromisso agendado para a noite, e, após a ligação de Tanya, todos os da tarde deveriam ser cancelados? Oh, meu Deus! Será que... Não. Não poderia ser. Mas... Droga! Ele não faria isso comigo, faria?

O telefone tocou, me distraíndo. Era Nicole, irmã caçula do meu chefe e minha mais recente melhor amiga. Eu não estava em

condições de ter uma conversa civilizada com ela.

- Oi, Nick – mal consegui disfarçar a minha voz.

- Vamos almoçar? Paul foi arrastado por Robert para um almoço entre garotos – meu estômago embrulhou. Fui acometida por enjoos.

- Estou sem fome – fechei os olhos desejando poder desaparecer.

– E preciso cancelar os compromissos desta tarde para o poderoso chefão, além de dar prosseguimento ao meu trabalho. O mundo parece que vai acabar, Nick.

- Você precisa se alimentar.

Vou providenciar um sanduíche, algo leve. É uma pena que não possa passar um tempo comigo, tenho tantas coisas para te contar... – ela riu de maneira infantil. Se Nicole começasse a falar sobre o relacionamento do irmão com a cunhada eu me atiraria da primeira janela que encontrasse.

- Conversaremos depois. Obrigada pelo sanduíche – me apressei a impedi-la de continuar.

- Ok! Precisamos de um tempo só de meninas.

- Tem razão – desde que o assunto não fosse “Robert e seu casamento de mentira” ou “Tanya e

todo o seu veneno para convencer aos outros de sua felicidade”. Aquilo tudo acabaria comigo. – Tchau, Nick!

- Tchau!

Alguns minutos depois um garoto muito magro, com cabelos escorridos e jogados em uma franja que cobria seus olhos, parou em frente à minha mesa com uma encomenda. Nicole, com certeza. Ela disse que providenciaria um sanduíche, mas não que seria do melhor restaurante de Chicago. Ela era um exagero com todas as suas propriedades.

Fui para a copa e passei

vários minutos olhando para a comida diante de mim sem coragem para começar a comer. Em minha cabeça várias imagens de Robert com Tanya, eles de mãos dadas caminhando na casa de Olívia, eles na empresa, como uma dupla fantástica alcançando todos os patamares, a confissão dele na noite em que voltamos a ficar juntos. Droga!

Ele havia me mostrado porque odiava tanto a esposa e eu finalmente entendi a profundidade do seu jogo. Justamente por entender, sabia que ele poderia ir muito além. Robert confiava e

acreditava em meu amor por ele a ponto de arriscar passar uma noite com Tanya, mesmo que lhe custasse algumas noites tentando me convencer que foi apenas uma estratégia.

Merda! E eu acreditaria nele.

Optei pelo café e deixei o sanduíche para mais tarde. Uma mensagem apitou em meu celular chamando a minha atenção. “Os telefones não são seguros. Já encontrou? A.” Imediatamente apaguei o que ela havia enviado. Todo cuidado era pouco quando o assunto era o pedido de Abigail. Hesitei. Eu poderia continuar?

Sozinha em sua sala eu só poderia fazer uma coisa. Procurar pelo que Abigail me pedia. Eu sequer acreditava que encontraria algo que pudesse ajudá-la, mas este era o meu objetivo naquele cargo e não poderia mais adiar a minha missão. Abby era minha amiga. Devia isso a ela.

Entrei na sala dele sentindo minhas mãos suadas. Não havia nada, nenhum lugar onde eu pudesse procurar. Todos os documentos estavam em minha sala e eu já havia verificado minuciosamente cada pasta, cada gaveta sem nada encontrar. Então onde? O

computador? Eu conseguiria invadir o computador dele? Se ao menos tivesse a ajuda de Dean. Ele com certeza me colocaria dentro da conta de e-mail do Robert, mas seria arriscar demais.

Eu poderia tentar as gavetas de sua mesa. Praticamente corri para lá, bem atenta a qualquer movimento do lado de fora. Abri as duas gavetas existentes. Muitos documentos. Uma fita cassete, hum! Estranho! Para que diabos alguém guardaria algo tão ultrapassado? E em uma gaveta no escritório. Eu deveria investigar, como? Vários CDs. Música? Tudo muito suspeito.

O barulho do elevador chamou a minha atenção. Saí correndo da sala e consegui chegar a minha mesa no exato momento em que a porta abriu revelando Robert. Sua expressão era serena, mas seus olhos chamuscaram quando encontraram os meus. Puta merda! Será que ele desconfiava de alguma coisa?

- Melissa – sua voz calma e suave me deixou ainda mais preocupada. Seus olhos não abandonavam os meus e estavam levemente estreitados. – Você se alimentou? – Engoli em seco. Minha cabeça latejava com a pressão. No

que eu estava pensando? Oh! Droga! Meu coração não suportaria outra situação como esta.

- Não. Estou sem fome – lutei para que minha voz não me entregasse.

- Mel – ele balançou a cabeça numa mistura de carinho e repreensão. – O que está te incomodando tanto? – ok! Ele me conhecia o suficiente para saber que eu não estava em meu estado normal.

- Nada. Não se preocupe. Só um pouco de dor de cabeça, daqui a pouco comerei. Está precisando de alguma coisa?

Robert me avaliou com olhos

ternos. Um sorriso brotou em seus lábios. Com um suspiro resignado, se cercou de minha cintura e me puxou de encontro a si. Seu gesto me surpreendeu, afinal de contas estávamos na empresa e poderiam nos ver. Mas meu chefe continuou tranquilo e me beijou com propriedade. Foi impossível resistir ao contato do seu corpo ao meu e em um segundo toda a minha preocupação com o pedido de Abby se dissipou.

- Preciso trabalhar. Pode me trazer todas as pastas relacionadas ao filantrópico? Preciso me atualizar em algumas coisas – mas seus olhos

diziam muito mais. – Traga um café, aliás, dois. Precisamos conversar – e lá estava, explicito em sua voz e olhar, que alguma coisa estava errada. Estremeci. Eu não estava preparada. Definitivamente não.

Robert entrou em sua sala sem olhar para trás. Forcei meus pés a caminharem e tentei a todo custo limpar a minha mente, focando toda minha atenção em fazer o café. Falhei absurdamente. Meus pensamentos projetaram todas as possíveis conversas que poderíamos ter naquele momento. Ele me contando o que pretendia fazer naquela noite, ou me entupindo de

trabalho para camuflar o que realmente aconteceria, ou até mesmo desviando a minha atenção para algo mais fácil, como sexo por exemplo. Droga!

Preparei uma bandeja com as canecas, equilibrei as quatro pastas embaixo do braço e tentei não me desequilibrar. Minhas pernas tremiam e minhas mãos suavam. Robert não se deu ao trabalho de me olhar enquanto eu entrava em sua sala. Estava bastante concentrado no computador e exibia um semblante irritado.

Coloquei a bandeja sobre a mesa, tirei as pastas colocando-as

de frente para o meu chefe e aguardei. Robert, com o cotovelo apoiado sobre alguns papéis, deixando seus dedos vagarem, acariciando os lábios, puxou o ar com força virando-se para me encarar. Seus olhos cinza e profundos me hipnotizaram, vasculhando cada cantinho meu. Era como se enxergasse a minha alma.

- Melissa Simon – a voz arrastada era um misto de censura e... tesão? Seria possível?

- Trouxe tudo o que pediu. Sobre o que vamos conversar? – precisei de toda a minha habilidade artística para parecer segura e

equilibrada, porém sabia que alguma coisa de muito errada estava acontecendo.

- Começaremos por você – indicou a cadeira a minha frente. Seu olhar cortante quase me fez recuar.

Robert se afastou um pouco da mesa, pendendo o corpo para trás, o braço apoiado no descanso e os dedos novamente roçando os lábios. Seus olhos continuavam me sondando. Sem entender como, ou de que forma, as persianas que ficavam suspensas no alto das paredes de vidro do aquário, começaram a descer lentamente, escorrendo todas ao mesmo tempo e no mesmo ritmo.

Em segundos estávamos apenas nós dois, trancafiados naquele aquário, que imediatamente começou a me sufocar. Ou seria minha reação ao que poderia acontecer? Robert nunca foi tão ameaçador. Se queria me intimidar, certamente conseguiu.

- Por que está fazendo isso? — minha voz demonstrava claramente o quanto eu estava assustada.

- Por que está com tanto medo? — ele se mantinha frio e distante. O perfeito CEO. Seguro, dominador, dono do mundo.

- Não sei qual é o seu problema, Robert, mas estamos em

horário de trabalho. Se alguém aparecer não vai entender o motivo disso tudo – sinalizei com a mão indicando a sala completamente fechada. Livre de olhares curiosos.

Robert riu e se inclinou para frente, avançando em minha direção. Mesmo ciente da existência da mesa entre nós dois, eu recuei, encostando-me na cadeira, colocando-me a uma distância mais confortável.

- Estamos seguros aqui, Melissa. Ninguém pode nos ver, mas nós vemos todo mundo – meu olhar assustado continuou sobre ele.

Ele segurou a tela do

computador e, sem pressa, a virou para mim. Várias janelinhas exibiam imagens de lugares diferentes, todos dentro da empresa. Merda! Todo o local era vigiado. Como não pensei nisso antes? Vi uma tela apontada para a escada, outra no interior do elevador, em minha sala, na copa, sala de reuniões e duas, que me chamaram mais minha atenção. Puta merda! Ele tinha duas câmeras dentro da sala, que pegavam todos os ângulos. Levantei os olhos para encará-lo.

- Desde que entrei neste jogo com Tanya precisei me cercar de todos os cuidados – me avaliou por

breves segundos. – Além das câmeras, que já são bastante eficazes, costumo ativar um sistema de segurança que me avisa imediatamente a presença de alguém, em qualquer local deste andar. É um sensor. Eu recebo um sinal em meu celular e ativo a câmera para ver do que se trata.

Oh droga! Droga! Droga! Ele sabia que eu estive em sua sala procurando por algo.

Merda! Meu coração ficou acelerado e minhas mãos extremamente suadas. Só percebi que prendia a respiração quando senti a sala rodando. Puxei o ar com

força.

- Quando saí para almoçar ativei o sensor, mais por força do hábito do que por desconfiança, confesso. Quando estava chegando aqui recebi o sinal e ativei as câmeras.

Ele clicou no teclado e a imagem apareceu em seu visor. Era eu, procurando pelo que ele não poderia saber. Robert nunca me perdoaria. Como contar a ele que prometi ajudar Abgail? Como fazê-lo acreditar que não queria prejudicá-lo e que meu amor não era uma farsa?

- Agora, Dona Melissa, a

senhorita vai me contar direitinho o que procurava tão ansiosamente dentro da minha sala, ou prefere que eu arranque esta informação de você? – a ameaça em sua voz era clara. Ele não me pouparia. Eu tinha traído a sua confiança.

Precisava pensar em algo o mais rápido possível. Tinha que arrumar uma desculpa. Uma que o fizesse recuar. Que demonstrasse e reafirmasse o meu amor. Que fosse forte e verdadeira o suficiente para fazê-lo acreditar em mim. Pensei desesperadamente em uma razão, alguma coisa, qualquer coisa... E estava lá. A desculpa perfeita.

Tanya.

Levantei os olhos, bastante constrangida, pelo flagrante e pela mentira que contaria. Robert aguardava. Ansioso demais. Tal ansiedade não era inerente da sua personalidade. Por mais que tentasse encobri-la por detrás daqueles olhos frios e gestos calculados. Ele realmente ficou incomodado pelo que eu havia feito.

- Desculpe! – ele fechou os olhos e puxou o ar com força. Impaciente. – Eu sei que você não tolera desculpas, mas nesse momento não consigo pensar em nenhuma outra palavra para

expressar o que estou sentindo. Então, Robert, por favor, me desculpe – minhas palavras foram verdadeiras, o que me ajudou a continuar com a mentira.

- O que você estava procurando?

- Não sei. Eu... Droga! Como eu sou insegura e infantil – escondi o rosto nas mãos. Não podia mentir olhando-o nos olhos.

- Fale, Melissa. Pelo amor de Deus, fale – atacou deixando a irritação dominá-lo.

- Hoje, quando Tanya ligou – respirei fundo organizando toda a desculpa em minha cabeça. – Eu não

sei o que deu em mim Robert... Achei que você estava mentindo e que iria se encontrar com ela. Você sabe, Tanya está tentando ganhar mais tempo. Não sei. Ainda estou bastante insegura em relação à forma como pretende conduzir este jogo. Eu... – olhei em seus olhos e percebi que toda a raiva havia se dissipado deixando no lugar um pouco de frustração, mas também compreensão e até mesmo... Amor. – Robert eu não sei como agir. O que eu sinto é tão verdadeiro que gostaria de encontrar uma forma de fazer você entender, no entanto sempre acabo recuando, fazendo

besteiras e deixando que outras pessoas consigam me atingir – as lágrimas caíram com facilidade. Ele se ergueu passando pela mesa e me tomando em seus braços.

- Ah, Mel! Minha menina! Eu sinto muito. Sinto muito – seus braços acariciavam minhas costas e seus lábios roçavam em meus cabelos. - É que vivo em um campo minado. Todos os meus passos devem ser cuidadosamente planejados e você... Droga, Melissa! Eu deveria te manter distante de toda essa merda, porque sei do que Tanya é capaz. Eu não consigo mais, Mel. Não consigo te manter distante e me

sinto péssimo por ser tão egoísta.

- Por favor! Por favor! Não comece com essa história de que deveríamos ficar separados. Já fizemos isso antes e sabemos que não dá certo. Robert, nós temos que enfrentar tudo juntos. Juntos, entendeu? – segurei seu rosto em minhas mãos. Ele focou em mim, como se tivesse encontrado seu porto seguro. Então relaxou visivelmente.

- O que imaginou que encontraria? – não me acusava mais, apenas dava continuidade à conversa, no entanto eu fiquei tensa.

- Não sei. Um papel, um

recado. Sei lá. Qualquer sinal de que eu estava no caminho certo. — dei de ombros me sentindo horrível por esconder dele a verdade. — Sinto-me uma estúpida — desviei o olhar, envergonhada. Robert riu e me segurou pelo queixo exigindo meus lábios para um beijo breve.

- Sim, uma estúpida, a mais bonita que já conheci — sorri agradecida por não precisar entrar em uma discussão maior. — Já que não temos mais um problema... — Ele me conduziu até que eu tivesse que me apoiar na mesa. Toda a atmosfera mudou em um passe de mágica. Como ele conseguia?

- Robert, estamos no trabalho!

Que tonta que eu era. Como podia acreditar que para ele faria diferença estar no trabalho, em minha casa ou em qualquer outro lugar do planeta. Eu nunca conseguiria detê-lo. E de onde tirei a ideia que poderia resistir a ele?

- Ninguém está olhando, Mel – seus lábios alcançaram meu pescoço espalhando ondas de calor por todo o meu corpo. Avançou de tal modo que fiquei inclinada sobre a sua mesa, com ele entre as minhas pernas, sustentada apenas pelos meus braços. – Na verdade, nós estamos no poder.

Robert apontou para a tela do computador onde as várias janelas indicavam a vigilância constante em todos os ângulos do nosso andar. Estávamos escondidos dos olhares curiosos e ao mesmo tempo, atentos a qualquer movimentação. De uma certa forma era estimulante. Ter a certeza de que não seríamos surpreendidos, aliada à sensação de estarmos expostos fazia a adrenalina percorrer minhas veias. Eu queria, não podia, mas cederia. Poderia ser diferente?

Ele, com os lábios em minha pele, rumando em direção ao decote do meu vestido, deixando sua barba

áspera disparar correntes elétricas continuou suas investidas, sem poupar detalhes ou esperar minha rendição. Suas mãos subiram em minhas coxas, puxando-me ao seu encontro, acomodando-me para melhor recebê-lo.

- Robert! – gemi seu nome em adoração.

Bruscamente me agarrou pelos quadris, levantando-me de modo a prender as pernas em sua cintura. No mesmo instante me levou para o outro lado da mesa presa ao seu corpo, e me colocou de frente para a sua cadeira.

Após correr as mãos pelas

minhas costas, segurou com força em meus cabelos forçando meu rosto para trás, encontrando meus olhos. Os dele estavam escuros de desejo, cheios de uma promessa que invadiu o meu íntimo fazendo-me latejar.

- Quero que me mostre – a voz rouca, arrastada, deixava claro suas intenções. Mesmo assim não consegui captar exatamente o que ele desejava.

Robert se afastou, puxando-me para que eu ficasse somente apoiada na mesa, e sentou em sua cadeira para me observar. Ele cruzou as pernas e apoiou o cotovelo no descanso deixando, seus

dedos vagarem acariciando os lábios. Era uma postura séria, imponente, dominante. Exatamente como ele gostava se ser.

- Mostre – ordenou com voz calma e mansa. Seus olhos me queimavam aguardando minha reação.

- O que? – minha cabeça girava enquanto eu tentava entender o que o meu amante pedia.

- Você disse que praticou uma certa “atividade” hoje pela manhã. Ah, Melissa! Não tem ideia do quanto esta informação mexeu comigo.

Tenho certeza que meu rosto

chegou ao nível máximo de vermelho. Oh, droga! Era mentira, mas depois do que tínhamos passado minutos antes, não existia a menor possibilidade de eu assumir este deslize. Droga!

Meu chefe sorriu diabolicamente e se inclinou em minha direção. Sem desviar os olhos de mim, acariciou a parte externa das minhas coxas, subindo em direção à barra do vestido. Assim que a alcançou, deixou seus dedos brincarem em minha pele. Eu queimava por dentro. Um incêndio, conduzindo todas as minhas forças para um único ponto e sugava toda a

minha energia.

Eu estava presa em seu olhar, incapaz de reagir ou censurá-lo. Robert, em uma lentidão torturante, subiu as mãos levantando a saia do vestido, expondo a minha calcinha. Engoli em seco quando se inclinou e depositou um beijo na parte interna de cada uma das minhas coxas. Muito, muito próximo ao meu sexo úmido e ansioso. Foi impossível segurar o gemido que escapou dos meus lábios.

- E então? Estou esperando.

CAPÍTULO 4

Ele continuava me observando com aqueles mesmos olhos famintos, cheios de ordens e imposições. Como estava paralisada sem esboçar nenhuma reação, seus dedos se enrolaram nas laterais da minha calcinha, e da mesma forma que levantou o vestido, lenta e tortuosamente, iniciou sua retirada do meu corpo. Segurei suas mãos tentando impedi-lo. Meu amante

sorriu e seus dedos fizeram pressão em minha carne.

- Robert! Não!

- Não? – arqueou uma sobrancelha, no entanto seu rosto não demonstrou a dúvida que ele queria transmitir. Ele era muito senhor de si e decidido para se intimidar com um simples “não”.

- Por favor! – implorei sem ter a certeza de que conseguiria realmente parar. – Alguém pode aparecer.

- Eu já disse que tenho tudo sob controle – encostou-se a cadeira voltando a me observar. – E foi você quem provocou esta situação

ao me dizer que havia se masturbado – estreitou os olhos ameaçadoramente. – Duas vezes.

- Eu... Bom... Droga, Robert. Não faça isso. Eu... Não vou conseguir – estava tão nervosa que sentia minhas mãos cada vez mais suadas e meu coração descompassado. Ele me lançou um olhar lascivo, carnal. Estremeci

- Tire a calcinha, Melissa – sua voz carregada de poder, me lançou uma ordem impossível de ser desobedecida. – Faça por mim. Satisfaça o meu desejo.

Fiquei congelada. Meu único desejo era acabar logo com a

angústia que me consumia e que se concentrava entre as minhas pernas, mas eu não sabia como. Quer dizer, eu sabia como só não tinha coragem de fazer na frente dele.

- Mel! Tão doce! – suspirou e voltou a me tocar. Seus dedos queimavam a pele por onde passavam. A angústia foi crescendo em proporções inimagináveis. – Deixe eu te ajudar – enroscou os dedos em minha calcinha e, desta vez, a retirou com muita pressa. – Pronto. Agora pode começar – voltou a sentar e a me observar. Suspirei audivelmente.

Eu estava parada diante dele,

completamente exposta. Úmida e ansiosa por alívio. Sabia que Robert não me tocaria, que não saciaria meu desejo de outra forma. Teria que obedecê-lo se quisesse dar fim ao latejar em minha feminilidade.

Era estranho e até absurdo. Mesmo sabendo que ele me exigia ou me obrigava, com suas ordens que não deixavam escapatória, eu queria atendê-lo. Queria cumprir cada uma delas e satisfazer a todos os seus desejos, nem que para isso tivesse que romper uma barreira constrangedora. Na verdade quem se importava com barreiras ou constrangimentos quando estava sob

o olhar tórrido daquele homem?

- Feche os olhos – sussurrou com a voz rouca carregada de desejo. Obedeci sem contestar. – Boa menina!

Putá merda! Meu corpo inteiro se contraía quando ele me tratava como uma garota rebelde sendo ensinada a se comportar. Robert, desde sempre, foi o meu guia, meu instrutor, obedecê-lo passou a ser uma questão de princípios. Ele mandava eu obedecia, simplesmente porque sabia que a recompensa seria mais do que satisfatória.

- Agora, mostre-me.

Instintivamente minhas mãos atenderam a sua ordem. Deslizei meus dedos por minhas coxas, envolvida e hipnotizada por aquela voz que me dominava por completo. Robert ficou em silêncio, com certeza conferindo assistindo meus movimentos.

À medida que minhas mãos subiam em direção ao meu sexo, a respiração do meu chefe ficava mais pesada. Abri os olhos e vi todos os seus músculos enrijecerem conforme ia chegando o momento crucial. Fiquei embriagada com a atmosfera que nos envolvia. Robert, felino, ameaçador e totalmente dominante,

me guiava apenas com o olhar. Eu agia sem nem precisar pensar.

Bem lentamente deixei o dedo indicador acariciar meu sexo molhado. Estremeci. Era demasiadamente delicioso tocar tão intimamente minha pele sensível e latejante. Eu estava fervendo. Experimentei pressionar ligeiramente o dedo do meio no ponto de prazer e, de tão envolvida gemi alto ao sentir que o alívio estava próximo. Todos os meus poros reagiram ao contato.

Fechei os olhos e joguei a cabeça para trás me deliciando. No mesmo instante ouvi o gemido do

meu amante que reverberou dentro de mim. Voltei a olhá-lo. Robert estava com as mãos fechadas no descanso de braços da cadeira, tentando a todo custo se impedir de avançar. Sorri triunfante ciente de que naquele momento, os papéis se inverteriam. Eu o dominaria com meus gestos e ele, mero expectador, estaria irrevogavelmente submisso a mim.

Sem esperar por mais nada, introduzi o dedo do meio enquanto simultaneamente os outros acariciavam toda a extensão dos lábios, grandes e pequenos, complementando a sensação de

prazer. Instintivamente movimenter os quadris de encontro a mão, causando uma pequena e deliciosa fricção da palma com o clitóris.

Eu sabia que não demoraria muito, mas gostaria de prolongar o quanto fosse possível o nosso momento. Robert com certeza não se contentaria em observar apenas, e com isso em breve assumiria o seu papel principal nesta história. O momento da antecipação, os segundos que passavam antes de ele enfim voltar ao seu foco, me permitiam assistir a sua submissão, a sua dependência física e psicológica de mim, fazia meu ego

inflar atingindo seu nível máximo, me levando ao ápice do desejo.

- Robert!

Gemi deliciada demais para me censurar ou evitar. Fechar os olhos e pensar no homem que eu amava, me possuindo, me tocando, me tomando para si, jamais seria o mesmo do que abri-los e constatar que ele estava bem ali na minha frente, pronto para atender aos meus apelos.

- Estou bem aqui, Melissa – a rouquidão da sua voz varreu minhas veias.

Abri as pernas um pouco mais, permitindo que toda a minha

feminilidade ficasse exposta, e me apoiei na mesa com mais força. Meus dois dedos entrando e saindo de mim em busca do apogeu. Tentei imaginar a forma como ele me via neste momento e como se sentia assistindo a uma demonstração tão crua de prazer e desejo. Minha excitação aumentou quando as imagens de Robert se masturbando se apoderaram da minha mente.

- Você tem ideia de como está sendo para mim? – me contorci ao som de sua voz faminta. – Tem alguma noção do quanto está maravilhosa? – adentrei minha carne o mais profundamente possível, no

entanto não era o suficiente. Eu o queria. Queria que me preenchesse completamente.

- Robert, por favor!

Implorei. A necessidade ardia em meu sangue, percorrendo cada pedacinho do meu corpo e me lambendo, luxuriosamente, como labaredas de um fogo ardente e sensual.

- Assim que você me der o que eu quero – busquei por seus olhos e me perdi neles.

- E o que você quer?

- Você me dará o que eu pedir?

- Tudo, qualquer coisa –

deixei os dedos brincarem no pontinho do prazer, senti um leve tremor se acercar de mim e liberei um gemido absurdamente delicioso. – Tudo o que você quiser Robert. – ele deixou escapar um grunhido ao mesmo tempo em que avançava em minha direção, pairando acima do meu corpo, sem me tocar.

- Continue – ordenou. – Por mim.

- Sim – meus dedos não paravam de esfregar aquele ponto tão deliciosamente sensível. O cheiro de Robert, o seu calor, sua voz... Uma mistura inebriante. Eu estava bem próxima não havia mais

volta.

- Eu quero você.

- Você já me tem – respondi sem saber ao certo o que estava fazendo.

- Quero todo o seu prazer.

- Hum! – gemi descaradamente indicando que tinha entendido.

- Quero que goze. Agora!

Como se um botão tivesse sido acionado dentro de mim, eu gozei. A convulsão chegou forte, impondo-se e me forçando a ceder. A satisfação deixou minha pele sensível, a respiração entrecortada e os pensamentos desconexos. Mal o

alívio me tomou, Robert me penetrou.

Ele entrou sem aviso, cuidado ou qualquer outra medida paliativa. Simplesmente me invadiu, abrindo espaço em meu sexo molhado pelo gozo e me preenchendo com necessidade e urgência. Deixei meu corpo descansar sobre a mesa, sentindo suas mãos buscarem meus seios, desarrumando o vestido e me deixando a mercê do seu prazer.

Eu estava deitada, as pernas abertas, o corpo ainda mole e sem reação, enquanto ele estava em pé, de frente para mim, com uma mão em meu seio, apertando-o em uma

selvageria saborosa e a outra em meus quadris, forçando-me contra si, me invadindo em estocadas violentas e contínuas, indo cada vez mais fundo, alcançando lugares além das minhas possibilidades.

Gemi sem entender ao certo de que forma ainda tinha forças para continuar, contudo, inacreditavelmente, eu reagia, sentia, gostava e usufruía plenamente de tudo. Gritei saboreando cada entrada dele, me possuindo com vigor e voracidade, alimentando minha libido e torturando meu corpo sensível.

- Melissa! — adorou-me

enquanto mantinha o ritmo das estocadas, incansáveis, duras e profundas.

- Isso – fechei os olhos permitindo que a sensação me dominasse. – Eu sou sua, Robert! – ele grunhiu um gemido animal. – Eu sou sua! – gritei enquanto o vulcão no meio das minhas pernas entrava em erupção.

Eu tive o meu segundo orgasmo, possuída e consumida pela força da natureza que era o meu chefe. Gozei arqueando o corpo, tentando reagrupar minhas partículas que pairavam no ar indicando que me desfiz em um milhão de pedaços.

Ele não parou, apenas diminuiu o ritmo. Eu arfava, aguardando o momento em que se entregaria a sua libertação juntando-se a mim em algum lugar no espaço, para onde eu havia sido lançada, mas Robert passou as mãos em minhas costas, sem sair de dentro de mim, levantando-me e tirando-me da mesa. Eu não sabia o que ele queria, nem o que faria. Também não tinha como reagir. Eu era uma perfeita boneca de pano em suas mãos.

- Ainda não terminamos, Melissa. Mantenha esses olhos bem abertos e esse corpo faminto – Puta merda! Ele não era humano.

Ele se agachou deitando-me no que percebi ser o sofá. “Andamos a sala toda?” Abri os olhos um pouco curiosa, um pouco incomodada e ainda ansiosa. A ansiedade me apertava por dentro. Eu queria continuar, mas aguentaria?

Robert se deitou sobre mim e no mesmo instante reiniciou as investidas. Eu já estava totalmente lubrificada, pelo desejo e pelos orgasmos, por isso ele não encontrava barreiras e pelo mesmo motivo, agia em mim sem necessidade de cuidados. Era implacável e cada vez mais fundo, mais exigente e mais rápido.

- Ai, meu Deus! – gritei quando senti meu corpo exausto reagir excitado, pronto para mais um *round*. Oh merda! Eu não suportaria.

Robert, sustentando o peso do seu corpo com os braços, alcançou meus seios expostos e um de cada vez recebeu seus lábios quentes. Ele sugou, mordeu, lambeu, conforme seu desejo e necessidade e isso ateou fogo em minhas veias, exigindo que meu corpo correspondesse.

- Vamos lá, Mel! Falta pouco. Vem comigo – gemi um protesto engasgado. Ele sabia que eu o seguiria e que isso levaria o meu

corpo ao limite.

Nossos lábios se encontraram num beijo longo, apaixonado. Sua língua me invadiu na mesma proporção que seu membro me possuía. Sem piedade ou sinal de que me pouparia. “*E eu quero ser poupada?*” Não sabia mais. O desejo estava incrustado em mim, ditando os meus passos, arrancando o resto das minhas forças e me obrigando a deixá-lo comandar.

- Robert! – ele mordeu meu pescoço, bem em um ponto que me fazia sentir como se seus dentes estivessem lá, entre as minhas pernas. – Oh Deus!

- Assim, Melissa! Quero você me dando todo o seu prazer. Quero você gozando até ter certeza de que não existe ninguém além de você em minha vida. Até entender que eu não brinco quando digo que te amo. Até você aceitar que eu não vou voltar atrás, até que finalmente se certifique que estou com toda a minha vida voltada única e exclusivamente para você — engasgou a última palavra sinalizando que estava em seu limite.

Abri os olhos, seguindo seus movimentos, me forçando a acompanhá-lo, e saboreando cada

uma de suas palavras. A reação não foi nenhuma novidade. Robert diminuiu o espaço entre nós dois roçando seu corpo ao meu no mesmo instante em seu sexo se espremia dentro de mim.

- Eu amo você! – gemi manhosa olhando em seus olhos. Robert passou um tempo absorvendo minhas palavras e em seguida assentiu, dando-me a ordem necessária. Então eu gozei.

Fui lançada em um mundo iluminado, salpicado de rosa e lilás, com cheiro de flores e sabor de caramelo. Todos meus músculos se retraíram, abusando da minha

capacidade em liberar prazer e cada célula do meu corpo gozou junto comigo, me banhando de satisfação, gozo e plenitude.

Robert também gozou, forçando seu corpo o mais fundo possível e enterrando seu rosto em meus cabelos. A respiração entrecortada e o coração acelerado. Depois disso eu afundei em um oceano delicado, aconchegante, onde nenhum problema me alcançaria, nenhuma realidade seria diferente.

Não foi o som das teclas do computador dele que me acordou. Eu despertei de um sonho confuso, onde eu tentava desesperadamente chegar a algum lugar, que não sabia aonde, nem como alcançar. O que mais me assustou foi a existência de alguém, ou alguma coisa, que estava próxima e ao mesmo tempo distante, que queria me machucar, me destruir. Apesar de não conseguir enxergar era uma ameaça real. E quando finalmente me alcançou, acordei sobressaltada.

A sala continuava escura, cercada pelas persianas metálicas. Não precisei me movimentar para

descobrir que estava deitada no sofá da sala de Robert, e muito menos para entender que ele estava ali, em algum lugar da sala, muito próximo a mim. Podia sentir o seu cheiro, assim como o calor que emanava do seu corpo. Abri os olhos no exato momento em que ele deixou de digitar em seu *ultrabook*.

Robert me fitou com um olhar morno, cheio de carinho e boas-vindas. Seu sorriso esplêndido fez com que eu imediatamente o correspondesse. Ele estava sentado no sofá, com os pés descalços apoiados na mesa logo à frente, com o computador no colo. Usava uma

camisa branca de botões, que estavam abertos, revelando a pele do pescoço e uma parte do seu peitoral bem definido, as mangas dobradas até quase o cotovelo. A gravata não estava mais em seu devido lugar, nem em nenhum lugar visível.

As imagens do que havíamos aprontado preencheram a minha mente, deixando-me envergonhada e deliciada ao mesmo tempo. Foi... Incrível! Como somente Robert sabia fazer. Ninguém mais.

Olhei para as minhas roupas, testando meus membros doloridos. Meu vestido estava em seu lugar,

sem que nenhuma parte indevida estivesse exposta. No entanto, ao esfregar uma coxa na outra, sentia o centro entre as minhas pernas bastante pegajoso. Uma prova incontestável de que não havia sonhado com os três orgasmos, muito menos com a confissão de amor do meu chefe. Sorri embevecida.

- Dormir te fez bem – sua voz preencheu o ambiente. Meu sorriso ficou ainda maior.

De repente me dei conta de que estávamos no meio do expediente e qualquer pessoa poderia ter aparecido. Robert me

olhava sem expressar nenhum tipo de preocupação. Ele parecia satisfeito.

- Que horas são?

- Passamos um pouco da hora da saída – seu sorriso alcançava os olhos brilhantes. Robert estava adorando ter aprontado no escritório. Parecia um menino que acabara de encontrar um tesouro enterrado.

- Oh, meu Deus! Como pôde me deixar dormir tanto? – levantei rapidamente tentando fazer tudo ao mesmo tempo. Ele me puxou de volta para o sofá, se agarrando a mim.

- Você não perdeu grande coisa – riu de alguma piada particular. – Ou melhor, acho que perdeu uma parte muito interessante da festa.

- Do que você está falando?

- Adam esteve aqui – meus olhos ficaram imensos e minha boca se abriu um pouco. Senti meu coração bater acelerado. – Não se preocupe. Estamos lacrados aqui dentro. Do lado de fora ninguém nos vê nem ouve – expandiu o sorriso. Estreitei os olhos e dei um tapa em seu braço.

- Não é divertido. O que as pessoas vão pensar? Eu não estava

em meu devido lugar no horário de trabalho. Você já pensou que Tanya pode desconfiar? – Robert continuava relaxado, me encarando com olhos divertidos.

- Tanya está longe e Adam é um idiota. O máximo que pode acontecer é ele contar a ela que minha sala estava lacrada e que você não compareceu ao trabalho. Eu tenho a desculpa perfeita – estendeu para mim uma das pastas que eu lhe entreguei mais cedo. – A cara dele quando não conseguiu entrar foi impagável. Você precisava ver – riu sozinho.

Fiquei lívida, sem acreditar

que Robert estivesse gostando de agir de maneira tão displicente. Só o fato de Adam ter aparecido era o suficiente para nos deixar em estado de alerta, no entanto ele estava relaxado e até feliz. Eu não o reconhecia.

- Só o Adam apareceu ou sua tarde foi mais animada? – ele sorriu ainda mais. Como podia? Dobrei meu corpo e escondi meu rosto entre as mãos. – Por favor, me fale que foi mentira.

- A Nick – revelou com olhos brilhantes. Puta merda! Minha amiga! Ah não! Não! – Ela esteve aqui. Aí ligou para o seu celular.

Como eu interceptei a sua bolsa minutos antes, não havia nenhuma prova de que você estava na empresa – ele fez uma careta. – A não ser pelo seu carro, mas acredito que Nick não se deu ao trabalho de procurar por ele.

- Ela me ligou? Ai meu Deus!

Robert...

- Relaxe, Melissa – ficou sério de uma hora para a outra. Era confuso demais. – Nick não é fácil de enrolar, ela ligou para mim logo em seguida. Como não podia ouvir o toque daqui de dentro por causa do bloqueio de som, acabou acreditando que eu te liberei para

uma consulta médica e que eu estava em casa analisando alguns contratos, então pode ficar tranquila. Já providenciei um atestado, estará na mesa da minha irmã amanhã pela manhã – me lançou um sorriso convencido, típico de um vencedor confrontado por uma iniciante. – Ah, só para constar, você foi a uma ginecologista. Foi o melhor que consegui.

- Você? Como? Caramba! Deixa pra lá – desisti de tentar encontrar uma resposta. Robert já havia deixado claro sua maneira de agir.

- O que? – pareceu surpreso

com a minha reação.

- Nada. Obrigada!

Como argumentar com a pessoa mais egoísta que já me relacionei em toda a minha vida? Como dizer ao meu amante que eu não concordava com os meios utilizados por ele para resolver as coisas e que minha vida não era baseada em mentiras. Droga! Ainda existia um abismo imenso entre nós dois, eu não queria de forma alguma aumentá-lo mais. A minha decisão era irrevogável e eu a sustentaria.

- E agora? Como vamos sair se você inventou todas essas mentiras?

- Não tem mais ninguém no prédio. Eu já verifiquei. Mas precisamos sair logo. Tenho um jantar importante, que pode nos livrar de uma encrenca. Então... — me olhou com intensidade. Não sabia o motivo daquele olhar, por um segundo, Robert me pareceu torturado, sofrido. — Não iremos nos encontrar hoje. Você entende, não é? — respirei profundamente.

- Bom, Tanya está viajando. Preciso entender a sua ausência?

- Tanya é muito astuta, Melissa. Não que eu me importe com o fato de ela saber que estou dormindo com alguém. Só não quero

arriscar por se tratar de você. Preciso mantê-la longe do seu encalço o tempo que for necessário. Já tive provas do que minha “esposa” é capaz. No momento ela acredita que estamos separados – fez uma careta de desgosto e o “esposa” saiu com um azedume acentuado.

Não sei se é certo admitir, porém o simples fato de ele deixar claro o quanto a detestava, me faz sentir mais segura quanto ao nosso relacionamento. Talvez, se estivessem se divorciando apenas pela falta de amor de uma das partes, eu nunca tivesse concordado

em permanecer no meio da vida dos dois. A situação entre Robert e Tanya ia muito além da falta de amor entre um casal. Eles pareciam mais gladiadores numa arena onde somente um sairia vivo. Era assustador.

- Ok. Vamos logo então – levantei sentindo que continuava sem calcinha. Olhei ao redor, me dando conta de que ela foi tirada de mim quando ainda estávamos na mesa.

Robert desviou os olhos para o material que estava analisando e começou a se organizar para a nossa saída. Fui até a mesa e procurei em

todos os lugares. Minha calcinha havia desaparecido. Olhei para o meu amante, certa de que estava diante de um ladrão de calcinhas alheias.

- Preciso dela, Robert! – revirei os olhos deixando claro que eu já sabia que estava com ele.

- Dela quem?

- Da minha calcinha – fingi impaciência. – Não posso andar pela cidade sem ela.

- Não sei do que você está falando, Melissa. – o sorriso torto que ele me lançou indicava que sabia muito do bem do que eu falava.

- É sério! – gemi já tendo certeza de que não conseguiria reavê-la.

Robert levantou e andou em minha direção. Passos leves, porém firmes e seguros. Seus olhos me avaliavam e ele ostentava um sorriso divertido. Estreitei os olhos, cruzei os braços no peito aguardando o que ele faria.

- Pelo visto a senhorita anda esquecendo a calcinha por aí – fez charminho, lançando um sorriso encantador me puxando para si pela cintura.

Foi impossível resistir aos seus encantos. Deixei que me

envolvesse em seus braços e me deleitei com seus beijos apaixonados. Era tão mais simples e relaxante quando podíamos estar somente nós dois protegidos de olhares curiosos ou até mesmo odiosos. Estremeci ao me lembrar das suas palavras “*Já tive provas do que minha ‘esposa’ é capaz*”. O que ela poderia fazer contra mim?

- Você quer mesmo que eu volte para casa sem ela? Posso precisar passar no mercado, na padaria... Posso esquecer que estou sem calcinha e me abaixar para pegar alguma coisa. — Robert parecia abismado ao ouvir o que eu

falava. – A decisão é sua – sorri fingindo inocência.

Ele me soltou, foi até a sua mesa, e abriu uma das gavetas retirando de dentro a minha calcinha. Meu Deus! Ele era mesmo um perverso. Revirei os olhos de maneira teatral e comecei a rir. Estendi a mão e ele me entregou a lingerie, parando para me assistir vesti-la.

- Não faça essa cara de tarado – o repreendi. Robert suspirou e passou a mãos pelos cabelos. Era adorável quando fazia aquilo.

- É quase tão sensual quanto assisti-la tirando-a.

- Que absurdo! – arrumei o vestido e ajeitei os cabelos da melhor maneira possível. – Como estou?

- Linda! Como sempre – ele não se preocupou em arrumar suas roupas, apenas colocou os sapatos e pegou suas coisas. – Apesar de preferir você nua, gosto de saber que o que me pertence está muito bem guardado dos olhares cobiçosos. Somente por causa disso eu a devolvi.

- Que utilidade ela teria para você? – peguei a bolsa, calcei as sandálias e aguardei que ele destravasse a porta, subisse as

persianas e desligasse o computador.

Robert sorriu com malícia e correu o meu corpo com os olhos. Uma atitude ousada, que me deixava em chamas. Imaginei mil coisas que ele poderia fazer com a minha calcinha. Umas simples, como apenas observá-la enquanto pensava em mim, outras extremamente indecorosas. Impossíveis de serem descritas.

Descemos juntos sem encostarmos um no outro. Fizemos questão de manter a compostura. Ele, apesar de eu tentar desestimulá-lo, me acompanhou até o carro. Foi

estranho não poder beijá-lo ou fazer as gracinhas de sempre. Despedimo-nos apenas com o olhar e um simples “boa noite”.

Assim que o carro ganhou a pista, peguei meu celular e liguei para Abgail. Ela me devia uma explicação. O telefone tocou algumas vezes e eu quase desisti, mas ela atendeu no último toque.

- Mel, oi! Desculpe! É difícil alcançar o celular quando se está com uma perna engessada – riu com espontaneidade.

- Abby, por que não me avisou que ele tinha um sofisticado sistema de segurança? Como pode

deixar de me contar que Robert monitorava a sala mesmo quando fora do escritório? – alguns minutos de silêncio. Eu não sabia que tipo de reação era aquela para uma pessoa como Abigail.

- Ah! Hum! Eu recebi uma visita inesperada hoje. Aliás... – a voz dela voltou a ter a mesma animação de antes. – Adam Simpson está aqui, neste momento, em uma visita de cortesia – puta merda! Ela estava me alertando. Que diabos Adam estava fazendo lá?

- Ok. Entendi.

- Desculpe-me por não ter ligado – as desculpas não pareciam

sinceras, preferi aguardar para saber exatamente o que estava acontecendo. – Eu prometo que vou preparar aquele bolo que você adora e poderemos passar um tempo de qualidade entre amigas, o que acha? – nossa! Abby estava mesmo tentando despistar Adam. Mas de que?

Tudo bem que ela não queria que ninguém soubesse do nosso acordo, e eu concordava que era o melhor a fazer, porém minha amiga parecia nervosa e desconfortável. Ela demonstrava em todas as suas palavras e até mesmo na forma como respirava, que era imprescindível

que Adam não desconfiasse de nada.

- Ok. Ligue-me quando puder falar. Ficarei aguardando, Abby.

Era tão frustrante! Eu queria explicações e ninguém parecia disposto a me dar. Fui para casa decidida a não me importar com mais nada. O melhor a fazer era dormir e aguardar pelo dia seguinte.

CAPÍTULO 5

Melissa adormeceu quase que instantaneamente. Sorri ao contemplar aquele rosto lindo, sereno, desfeito das emoções de minutos antes, quando fingiu procurar por algo que pudesse me incriminar em relação a Tanya.

Às vezes eu me negava a acreditar que Melissa pensava realmente que me enrolava. Como podia passar pela sua cabeça que,

um homem envolvido em um jogo tão sério, perigoso e profundo contra alguém como Tanya há anos, se deixaria enganar tão facilmente?

Faltava descobrir o que, para que e por quem. Eu sabia que Melissa não estava envolvida com Tanya, mas também sabia que ela procurava alguma informação. Algo relacionado a mim, ou que estaria em meu poder, já que ela não revistou nenhum outro lugar da empresa. Meu celular tocou no momento em que eu me concentrava em encontrar o fio da meada para desvendar aquele mistério.

- Tom – falei o mais baixo

possível. Melissa dormia com as pernas sobre as minhas, depois de eu ter arrumado as suas roupas e a deixado composta para qualquer eventualidade. — O que você encontrou?

- Nada. Eu disse, na casa dela não tem nada que possa chamar a nossa atenção. Seria bom darmos uma olhada no carro.

- Faça o que for necessário — olhei de novo para Melissa contemplando seu rosto. Ela era linda e eu a amava, porém o que poderia fazer? Pelo visto ela jogava contra mim.

- Pensei em uma coisa, no

entanto acredito que você será contra, afinal trata-se da sua intimidade.

- Fale – ordenei, Melissa se remexeu no sofá. – Seja rápido.

- Melissa parecia não saber exatamente o que estava procurando. As imagens mostram que estava meio perdida, não temos como direcionar as investigações para um interesse específico. Se ela não está ligada a Tanya, que é a única pessoa que conhecemos com interesse em te destruir.

- Frank, Adam... A lista tem mais nomes.

- Não. Frank e Adam

escolheram um lado. Eles não têm motivos próprios, apenas acreditam que Tanya é o lado mais forte deste jogo. Todo mundo sabe que quando a corda arrebentar, o lado mais fraco perderá. Voltando a Melissa, precisamos saber quem está por detrás disso.

- Qual é o seu plano? — revirei os olhos e coloquei uma pilha de papéis no colo.

Eu precisava estudar aqueles contratos, me preparar para o jantar que Tanya tão gentilmente havia agendado me jogando como uma bomba em uma fogueira. Ela sabia que eu poderia meter os pés pelas

mãos se não estivesse pronto, eu não lhe daria esse gostinho.

- Quero colocar uma escuta na casa dela...

- Sem chance.

Tom não entendia meus motivos. Não podia expor Melissa daquele jeito, mesmo que significasse ficar vulnerável aos seus reais interesses. Por mais estranho que parecesse, eu confiava nela e não acreditava que minha amante seria capaz de fazer algo contra mim.

- Robert...

- Não, Tom. É a casa dela. Melissa necessita desta privacidade

– passei a mão nos cabelos tentando encontrar outra solução.

- Ok. Isso complica mais as coisas. Pensei no carro e no celular, mas vou precisar da sua ajuda – era uma opção a ser estudada. Afinal de contas eu já tinha interceptado as ligações e as mensagens dela uma vez. Não havia motivo para impedir que Tom fizesse isso de novo.

- Tudo bem. O celular e o carro – deixei claro que não queria que ultrapassasse este limite. – E quero que ela volte a ser vigiada vinte e quatro horas por dia. Entendeu? Vinte e quatro horas! Preciso saber de cada um dos seus

passos e de qualquer pessoa que se aproxime.

- Certo. Providenciarei imediatamente.

- Mais alguma coisa?

- Cara! Precisamos conversar sobre um problema, mas nem sei por onde começar.

- Você deve começar pelo começo, mas seja breve, Melissa está dormindo aqui ao meu lado. Não quero que ouça nenhuma parte da nossa conversa.

- Robert — respirou pesadamente. — Tanya realmente tem um novo número, como desconfiávamos. Não descobrimos

ainda de onde este celular surgiu, o fato é que ela e Adam estão juntos em mais algumas armações. Consegui interceptar uma conversa dele, apenas porque eu coloquei uma pessoa atrás para tentar captar para segui-lo e tentar ouvir toda e qualquer conversa. A gravação ficou ruim, por causa da distância. Ele entrou em contato com Tanya avisando que você e Melissa haviam reatado.

- Em algum momento ela descobriria. Eu já tenho um plano e desta vez vou conseguir colocar Tanya... Como assim ele alertou Tanya? Como ele soube?

- Ele tem um vídeo de vocês dois. Cara, como você foi irresponsável. Por que não fechou as persianas?

- Um vídeo? Como assim um vídeo? – puta que pariu! Na noite em que eu e Melissa transamos em minha sala. Ela estava triste por causa da nossa separação e eu não aguentava mais ficar afastado. Naquele dia eu decidi que estava na hora de aceitar que ela era o que existia de melhor em minha vida e que não poderia mais viver sem ela. – Puta que pariu!

- Nós conseguimos o vídeo, mas ele transmitiu para Tanya antes.

Droga, Robert! Ela disse que varreria Melissa do mapa. Nós precisamos estar ainda mais atentos.

- Não perca Tanya de vista. Preciso saber de cada passo dela, Tom. Coloque o seu melhor homem no calcanhar da Mel. Ele não deve perdê-la de vista. Eu a quero protegida. Pode deixar que sei como cuidar de Tanya.

Melissa voltou a se mexer. Estava inquieta. Emitia sons baixos e cheios de angústia. Fiquei tenso. Troquei o telefone de mão e me inclinei em direção a minha amante, acariciando seu rosto e cabelos. Ela era tão frágil e forte ao mesmo

tempo. Como mantê-la a salvo se eu mesmo a havia jogado naquela loucura que era a minha vida com Tanya? Como pude ser tão egoísta?

Não havia mais volta. Nós fizemos uma escolha. Amávamo-nos e merecíamos viver nosso amor. Separados simplesmente sobrevivíamos, juntos éramos fortes, quase imbatíveis. Eu tinha certeza do que queria e não poderia abrir mão dela. Precisava apenas encontrar uma maneira de impedir Tanya de colocar as mãos na mulher da minha vida.

- Você acredita que Adam poderá usar este vídeo contra

Melissa? – a ideia de assistir seu sofrimento caso aquele vídeo caísse nas mãos das pessoas erradas me aterrorizava.

- Tanya o tem sob controle. No entanto temos um plano para tirar o vídeo dele.

- E como vão fazer? Precisam tomar cuidado. Tanya nem desconfia que Adam também é investigado.

- Abgail.

- Abgail?

- Sim. Conseguimos interceptar uma ligação dele para a sua ex-secretária. Entrei em contato com ela e já combinamos tudo. Ele vai até a casa dela hoje, depois do

trabalho. É a nossa grande chance. Abby vai trocar os aparelhos, escanearmos os dados, apagaremos o vídeo, desfaremos a troca e tudo estará resolvido.

- Ele vai perceber que não é o mesmo aparelho. Como conseguirão fazer tudo em tempo hábil?

- Será rápido. Vamos substituir por um celular descarregado, aí um dos nossos vai pegar o original, apagar o vídeo, descobrir algumas coisas, colocar uma escuta e só então faremos a troca. Fácil.

- E como Abigail efetuará a troca dos aparelhos? – Tom riu se

divertindo com a ação.

- Vamos entregar uma pizza. Ela dirá que solicitou pouco antes de ele chegar. Então entregará o aparelho dizendo que o sabor está errado. Um tempo depois desfaremos a troca. Não se preocupe. Vai dar tudo certo. De acordo com a Abby o Adam sempre deixa as chaves, a carteira e o celular em um aparador próximo a sala.

- E se não for o mesmo aparelho?

- Já pensamos nisso também. Enquanto Adam estiver na casa de Abigail, faremos uma busca no carro

dele.

- Tá. Tudo bem. Tomem cuidado. Não quero Abby correndo mais riscos.

- Ela tem tanto interesse nesta história quanto você. Agora volte para o trabalho e deixe o resto por nossa conta.

- Certo — eu estava psicologicamente cansado. Não conseguia aceitar com tranquilidade a profundidade do envolvimento de Abigail naquela situação. Ela já teve uma prova do que Tanya era capaz. Não conseguia entender porque não desistia. Muito pelo contrário. Depois de tudo, Abby ficou ainda

mais determinada em destruir Tanya.

- Só mais uma coisa, Robert.

- Mais problemas?

- Com certeza um problema imenso para você, mas não para mim ou para a minha equipe – riu com sarcasmo.

- Fala logo, Tom. Você me deixa tenso – coloquei as pernas sobre a mesinha e peguei o meu computador.

- Tanya está voltando esta noite. Ela fretou um jato para chegar a tempo ao jantar. Então fique preparado. Não sabemos ainda quais as suas reais intenções, em se tratando dela não são boas.

- Com certeza – olhei mais uma vez para Melissa. Tanya sempre estragava os meus planos. – Vou me preparar. Qualquer novidade, me liga.

- Ok. Você é quem manda, chefe.

Tom desligou deixando-me sozinho com meus pensamentos e temores. Eu precisava tirar Adam do caminho de Melissa. Sabia o quanto ele era doente. Abby se arriscava demais concordando com aquele absurdo. Mas não permitiria que aquele “bostinha” tivesse qualquer coisa que pudesse usar contra a minha amante. Apagar o vídeo não

seria o suficiente. Eu precisava pensar em algo. E rápido.

E Tanya? O que ela esperava com aquele vídeo? E por que estava voltando? Quando “minha esposa” me ligou mais cedo pedindo para substituí-la naquela reunião agendada há meses com os representantes dos mais importantes grupos ativistas sociais, eu não imaginei que estivesse tentando nada além de demonstrar a eles que eu não estava preparado para cumprir com a minha promessa de não destruir o mundo.

Como estávamos envolvidos em atividades ligadas a energia

nuclear, éramos o centro das atenções destes grupos. Não havia nada que Tanya pudesse usar contra mim, ou contra a administração das empresas do nosso grupo. Então o que ela pretendia? Era melhor estar o mais preparado possível para o que viria.

Abri as pastas e dediquei-me a estudar os documentos desligando-me de tudo ao meu redor, com exceção de Melissa, que mesmo dormindo roubava minha concentração.

Quando Adam Simpson chegou tive vontade de socá-lo. Queria colocar aquele canalha para

fora da minha sala, da minha empresa, da minha vida, porém a cautela é uma arma poderosa. Era mais inteligente espreitar do que atacar. Esperar o melhor momento para então atingi-lo com um golpe mortal e definitivo. Um dia eu o pegaria por mim e por Abby.

Algum tempo depois foi a vez da minha irmã aparecer. Nicole não era o tipo de pessoa que encontrava um muro no caminho e voltava por onde entrou. Ela não conseguia ficar na dela quando não entendia as coisas. Há muito vinha tentando descobrir algo sobre a minha vida, mais precisamente, sobre a minha

mais nova amante. Tanya me fez mais este favor ao se reaproximar da Nick que passou a segui-la como um bichinho de estimação.

Eu esperava que Paul conseguisse segurar a minha irmã, já que ele sabia a verdade sobre o meu relacionamento com Tanya, que mesmo sendo irmã dele, não merecia a consideração de ninguém. Não de quem conhecia a verdadeira Tanya. No entanto, meu amigo preferiu ficar de fora observando a estratégia dos jogadores. Ele não se metia, nem me recriminava por estar com Melissa, mas também não ajudava em nada.

Nicole me ligou exigindo

saber o que estava acontecendo e onde Melissa estava. Aproveitei a vantagem do bloqueador de som e fingi descaradamente. Foi fácil até demais. Minha irmã caiu como uma patinha. Precisei apenas providenciar um “álibi” para Mel, o que também não foi nenhum problema. Um simples telefonema, e no dia seguinte Nick receberia um atestado comprovando a presença de Melissa Simon no consultório da Dr^a Potter. Uma das muitas vantagens de ter me relacionado com diversas mulheres, mas esta parte a minha secretária não precisava saber.

Melissa acordou depois de

um protesto confuso durante o sono. Provavelmente fruto da quantidade de informações que precisou absorver nos últimos dias. Bastou abrir os olhos para eu ter a certeza de que tudo estava bem entre nós dois.

Tentei não fazer nada que pudesse alertá-la sobre o problema imenso que havia causado sendo tão inconsequente ao seduzi-la naquela noite. Eu estava ciente de tudo que poderia ter acontecido, mas, depois tantos anos, tinha finalmente me permitido tirar os pés do chão e viver aquela paixão intensamente. Com minha atitude coloquei Melissa

na mira de Tanya e nas mãos de Adam.

A volta repentina da minha esposa também foi um detalhe que fiz questão de esconder. Melissa já estava insegura demais para absorver mais esta informação. Deixar esta conversa para o dia seguinte foi a minha melhor alternativa. Voltei para casa me preparando psicologicamente para encarar todos os meus problemas.

Fiz tudo com muito cuidado. Tomei banho e me vesti, ciente de que Tanya estava atenta a todos os meus passos. Não podia deixá-la desconfiar de que já sabia de tudo.

Quando organizava os documentos que havia tirado cópia para utilizar durante o jantar, ela chegou.

A princípio não me procurou. Deduzi que optou por se apresentar quando estivesse pronta. Quando passei pela sala, decidido a continuar ignorando a sua presença e ir para o jantar como se nada tivesse mudado, ela apareceu. Estava linda, em um vestido longo que valorizava as suas curvas. Era preto, o que combinava muito bem com seus cabelos loiros e pele alva. Um decote revelava o volume dos seus seios, sem parecer vulgar. Se havia uma coisa que Tanya sabia fazer

bem, era valorizar sua beleza quando queria.

Melissa foi o meu primeiro pensamento. Talvez a sua insegurança não fosse um disfarce. Muito provavelmente ela pressentiu o real motivo da ligação de Tanya. Seria aquela mais uma noite nas quais ela tentaria um acordo? “Não. Tanya é inteligente e maquiavélica o suficiente para não fazer isso.”

Suspirei pesadamente sem manifestar qualquer admiração pela mulher com quem repartí muitos anos de minha vida. A mulher que me deu um filho e também me roubou a paz ao tirá-lo de mim. A

mesma que tentava a qualquer custo me destruir, que aguardava por qualquer passo em falso, qualquer vulnerabilidade. Merda! Melissa. Ela era o meu ponto fraco. Quando Tanya descobrisse trataria de arranjar uma forma de me fazer recuar. E ela me venceria, com certeza. Eu nunca seria capaz de escolher este jogo infeliz, a promessa absurda, em detrimento da minha amante.

Ao pensar nisso consegui sorrir. Deixando que ela se iludisse com meu falso entusiasmo ao vê-la. Fingir que ela me atraía talvez fosse a melhor maneira de deixá-la menos

intrigada. Ou de fazê-la desacreditar que poderia me destruir ao atingir Melissa.

- Tanya? – sorri deixando meus olhos percorrerem seu corpo.
– Você disse...

- Consegui voltar. Pensei melhor e achei que seria uma grande cartada se apresentássemos juntos os trabalhos das nossas empresas – ergui uma sobrancelha sem acreditar que ela estivesse ali para me ajudar. Até onde eu entendia, Tanya vivia tentando destruir a minha imagem com todos os grupos ativistas que atacavam a empresa, colocando-se na posição de suma salvadora, a que

lutava contra tudo e todos por um mundo melhor. – Seria interessante se juntos... - ela deu um passo a frente tocando meu braço com sutileza olhando-me nos olhos. – Como marido e mulher, demonstrássemos força em nossas medidas contra o desgaste do planeta.

- É uma boa estratégia – permaneci parado, ainda indeciso sobre o tipo de tacada que ela daria. O que Tanya pretendia era um mistério, mas eu a conhecia muito bem para saber que cada passo positivo dela vinha sempre acompanhado de três negativos.

- É a melhor que você tem, Robert. Um drink antes de partirmos? – Tanya virou sem aguardar por mim. Por um segundo tive medo de aceitar o que ela me oferecia, porém não havia como voltar atrás. – Não vai ser nada complicado. Eu os reuni com um único objetivo: mostrar-lhes que nosso grupo é forte o suficiente para não permitir que nossas ações contribuam com o desgaste do planeta. Para provar isso vamos apresentar as planilhas e os projetos. Eles só precisam ter conhecimento da fortuna que gastamos para que nossos planos

sejam desenvolvidos de maneira ecologicamente e socialmente correta – voltou sorrindo e me entregou um copo de uísque.

- Pelo visto você já tem tudo sob controle – bebi sem desviar o olhar. Tanya sorriu sensualmente e passou os dedos por dentro do meu paletó.

- Quase tudo.

Dei um passo para trás conferindo as horas. Precisava mantê-la bem longe de mim. Recusar Tanya seria dar um tiro no próprio pé, uma vez que ela já sabia que eu e Melissa estávamos juntos novamente. Mas como eu poderia

fazer aquilo? Ir para a cama com a mulher que eu detestava sem magoar profundamente a que eu amava? Não era justo.

- Vamos? – Tanya quebrou o meu devaneio.

Saímos juntos do prédio, de mãos dadas, como o casal perfeito. O porteiro nos lançou seu habitual sorriso de admiração. Realmente éramos um lindo casal. Feitos apenas de casca. Por dentro éramos podres, estragados pela ambição, egoísmo e mágoa. Éramos as criaturas mais feias da face da terra. Capazes de tudo para ganhar aquele jogo.

Para minha surpresa, o jantar transcorreu tranquilamente. Tanya representou maravilhosamente o papel de esposa apaixonada, executiva incansável e defensora do planeta. Deu para perceber em cada olhar a admiração que sentiam. Coitados! Mal sabiam eles a cobra com que estavam lidando. Eu sabia que Tanya seria capaz de destruir qualquer um dos projetos que apresentávamos apenas para conseguir me atingir, assim como sabia que ela estava tramando alguma coisa.

Passamos um pouco mais de duas horas conversando com todos

aqueles ativistas que arguíam a mim e a Tanya sem cessar, apesar da disfarçada trégua que aquele momento oferecia. Graças a Deus eu estava preparado e seguro do que tinha em mãos. No final da noite tudo estava na mais perfeita paz.

Até chegarmos em casa.

- Não vai tomar mais um drink? – ela ofereceu ao me ver andar apressadamente em direção ao meu quarto. – Para comemorarmos o sucesso da noite, afinal de contas, não teremos perseguição da parte deles por um bom tempo.

Eu sabia aonde aquela conversa chegaria e precisava evitá-

la de todas as formas. Respirei fundo e voltei para a sala. Tanya não era nenhuma criança inocente. Ela percebeu da minha relutância. Conhecia-me muito bem para entender a minha posição em relação a nós dois. Era apenas mais uma cartada do jogo, nada além disso. E na verdade era assim para os dois.

- Estou bastante cansado. Você não? — mesmo assim a acompanhei até a bancada da cozinha.

- Sim. Preciso voltar hoje ainda. Não terminei meu trabalho na Espanha decidi vir a Chicago e dei um jeito de encaixar na minha

agenda. Preciso viajar o quanto antes.

Ela retirou duas taças de vinho e escolheu uma garrafa em nossa adega. Entregou-me a garrafa para abrir. Sem muito floreio fiz o serviço e servi as duas taças. Tanya sentou-se no banco ao lado do meu. Sua perna roçando a minha. Estava muito próxima. Imediatamente fiquei tenso. Meu celular vibrou no bolso do paletó.

- Com licença.

Levantei me afastando um pouco para verificar a mensagem. Era de Tom: *“Boa notícia: Tanya volta ainda hoje para a Espanha. A*

má é que ela está buscando informações a respeito de Melissa". Droga! O que eu poderia fazer além de continuar vigiando a minha esposa? Manter Melissa o mais perto possível. Protegendo-a o tempo todo.

Voltei para o banco disposto a acabar com aquela farsa. Tomaria o vinho, como ela havia feito questão e voltaria para o meu quarto. Assim que Tanya saísse eu iria atrás de Melissa. Precisava me certificar de que tudo estava bem.

- Algum problema?

- Não. Achei que fosse a resposta do gerente do banco, mas

era Paul sugerindo um encontro – ela tinha como averiguar que era mentira, mas em meio a tantas, não me daria ao trabalho persuadi-la. Ao invés disso peguei minha taça e a entornei de uma só vez.

- Uau! Quanta pressa. Algum compromisso?

- Cansaço. Tive um dia desgastante. Passei horas estudando nossas estratégias. Precisava me preparar já que você não poderia comparecer – ela sorriu docemente e se aproximou de mim. Minha cabeça girou. Muito estranho. Tanya passou seus dedos em meus cabelos. Eu me sentia realmente cansado. Muito

cansado. Cansado demais para ser normal.

- Ainda tenho mais uma hora antes de embarcar. Você sabe como detesto aeroportos. Vou aproveitar até o último minuto o prazer da minha casa – ela estava muito próxima, me tocando. Minha cabeça estava confusa. Eu não havia bebido tanto assim. Tentei levantar e acabei esbarrando em Tanya que me segurou com força, me apoiando. – Vamos com calma, chefe!

Merda! Era assim que ela me chamava quando éramos namorados. Quando eu ainda acreditava em nosso amor. Era tudo armação de

Tanya para conseguir o que queria. Merda! Tentei me soltar, mas estava muito confuso e desconexo, completamente a mercê dela.

Perdi totalmente o controle dos meus atos. Tanya passou meus braços pelos seus ombros e riu. O que ela pretendia? Não conseguiria me arrastar para lugar nenhum. Eu era muito mais pesado do que ela.

- Você realmente bebeu demais, Robert. E está cansado. Vou ajudá-lo.

Não sabia onde estávamos, nem como ela conseguia me carregar. Senti algo em minhas costas e reconheci a cama. Tanya

falava coisas, sem deixar claro o que realmente fazíamos. Meu último pensamento me levou ao desespero, enquanto eu mergulhava em um estado de letargia que confundia a minha mente. Antes de perder completamente a noção de tudo, um nome escapou por entre os meus lábios.

- Melissa!

Minha cabeça latejou e um gosto amargo invadiu minha garganta. Abri os olhos e encarei um teto vermelho. Merda! Aquele não

era o meu quarto. Apesar de claro devido ao avanço do dia, o ambiente estava protegido pelas cortinas ainda fechadas. Era o quarto de Tanya. O que eu fazia naquela porra de quarto? Droga! Merda! Busquei apoio no colchão para conseguir levantar e esbarrei em um braço. Assustado, olhei para o lado me deparando com a “minha esposa”, dormindo, completamente nua.

- Puta que pariu! – rosnei sem saber ao certo se deveria matá-la ou fugir dali. Como ela havia conseguido?

O vinho. Filha da puta! Tanya me dopou. Aquela... Não. Nada

aconteceu. “Com certeza não aconteceu”, tentei me convencer. Eu não conseguia me lembrar de qualquer coisa, só do sono, do cansaço e dela me ajudando a encontrar o meu quarto. Como fui parar ali? Levantei e o lençol desceu por meu tórax revelando a minha nudez. Meu primeiro pensamento foi: Melissa.

Olhei no relógio e percebi que estava mais do que atrasado. Tentei levantar rapidamente, mas uma vertigem me fez sentar outra vez na cama. Eu precisava me apressar, na verdade gostaria mesmo era de sumir. Como poderia olhar nos

olhos de Melissa e fingir que nada aconteceu?

- Hum! – Tanya gemeu atrás de mim. – Com presa, chefe?

- Você me dopou? – não dava para fingir que não estava indignado. Aquela situação era tão absurda que chegava a ser inacreditável. Tanya sorriu vitoriosa. Mais uma vez pensei em matá-la. Infelizmente eu precisava bancar o superior. – Não pensei que desceria tão baixo, Tanya – segurei o lençol enrolando-o na cintura. O sorriso dela se desfez.

- Só coloquei um remedinho em sua bebida – deu outra risada debochada. - Não tinha intenção que

acabasse deste jeito, só quis evitar que você corresse como um cachorrinho para os braços da sua amante. Um mínimo de dignidade na minha saída. Mas você não permitiu que fosse assim.

- Não seja absurda! Eu sei que nada aconteceu. Nenhum homem ficaria excitado no estado em que eu estava – Tanya voltou a sorrir e abaixou a cabeça um pouco envergonhada. Imediatamente duvidei da minha afirmação. “Será?”

- Na verdade, foram dois remedinhos – riu descaradamente. – Um para você relaxar, já que anda

sempre tão tenso. E outro para você... Contribuir. Não gostei nadinha de ser chamada de Melissa, mas não pude evitar o que você estava me proporcionando. Pelo visto ainda somos muito compatíveis na cama. A mente pode produzir o ódio, mas o corpo... – Sorriu ainda mais e passou a língua nos lábios. – Hum! Se aquilo foi ódio eu posso garantir que aceito mais uma rodada.

Espreguiçou-se no colchão, ainda sorrindo, deliciada com sua vitória sobre meu corpo. Levantei, tonto, confuso, mantendo o lençol firme em minha cintura. Tanya me encarava, satisfeita.

- Isso não vai ficar assim, Tanya.

- Ficarei aguardando a revanche, Robert. An-si-o-sa-mente. — seus olhos percorreram meu corpo. A raiva subiu pela minha garganta, quase me sufocando. Ela usaria aquilo contra Melissa. Porra! — Agora preciso ir. Perdi o voo de ontem, não posso me atrasar mais.

Levantou sem se preocupar em se cobrir e saiu em direção ao banheiro. Fiquei imóvel por não sei quantos minutos, atônito, incapaz de reagir. Por fim fui para o meu quarto, tomei um banho, liguei para Tom e pedi que ele providenciasse

alguém para coletar o meu sangue. Em algum momento aquela prova serviria contra Tanya.

Quando saí, ela não estava mais na casa. Chequei o celular e tive uma ideia. Um pouco absurda, mas que poderia me ajudar a aliviar a consciência. Liguei outra vez para Tom.

- Não se preocupe. Em alguns minutos dois enfermeiros estarão em sua porta. Eles vão coletar o sangue e levar para uma clínica de nossa confiança.

- Certo. Preciso que você faça uma coisa por mim.

- Mais uma coisa por você.

Diga.

- Preciso do vídeo do quarto de Tanya. Quero tudo o que aconteceu na noite passada, desde a hora em que ela chegou até a hora em que foi embora, hoje pela manhã.

— Tom riu.

- O que é isso? Uma lembrança dos bons momentos?

- Preciso saber se realmente aconteceu alguma coisa ou se ela inventou só para me desestabilizar.

- Tanya conseguiu te dar uma bela rasteira desta vez, Robert.

- Eu sei, e quero aquela filha da puta de joelhos — rosnei. Tom desistiu de brincar.

- Vou providenciar e enviar para as nuvens. É mais seguro.

- Certo. Avise quando tudo estiver pronto. E como foi com Adam?

- Deu tudo certo. Adam é um imbecil e Abigail muito esperta. Ela não mede esforços para alcançar seu objetivo, neste aspecto até se parece com Tanya.

- Não compare as duas. Abby precisou se tornar mais esperta e Tanya é doente.

- Eu sei. Apagamos o vídeo, mas antes enviei para você, nas nuvens, caso queira conferir o material que Tanya tem em mãos.

- Ok.

- Ah, Robert tem uma coisa que eu gostaria de te contar.

- Fale logo, estou muito atrasado e ainda nem sei o que dizer a Melissa, se é que vou dizer alguma coisa – ele riu.

- Adam e Tanya...

- O que?

- Eles estão transando. Conseguimos alguns vídeos quando escaneamos o celular dele, sem contar que descobrimos outras coisinhas.

- Adam e Tanya? Ela realmente não tem limites – senti nojo. – Está descendo cada vez mais

baixo para conseguir me vencer.

- Pois é.

- E o que mais?

- Pegamos Adam Simpson.

Ele está envolvido em um esquema de compra e venda de imóveis em nome da empresa. Tenho certeza que existe mais lama nisso tudo e vamos cavar mais fundo nesta cova e enterrá-lo nela.

- Perfeito. Mande um relatório. Quero acompanhar isso bem de perto.

A pior parte foi chegar à

empresa e passar mais do que dez minutos dentro do carro tentando forjar uma máscara para encarar Melissa. Seria difícil fingir. Meu único desejo era pegá-la em meus braços e desaparecer do mapa. Esquecer toda aquela loucura. Simplesmente esquecer. Mas não podia. Ainda não.

Assim que a porta do elevador abriu, dei de cara com aqueles lindos olhos verdes, rodeados pela vermelhidão causada pelas lágrimas. Imediatamente meu coração afundou. Melissa me encarava com um aspecto horrível. O nariz vermelho e uma postura

cansada. Droga! Ela já estava sabendo.

CAPÍTULO 6

Robert estava atrasado. Muito atrasado. Contudo não tive tempo para pensar em ligar ou qualquer coisa do tipo. Não deixava de ficar preocupada, afinal de contas ele era “o senhor do tempo”, sempre tão ansioso com as horas, com os a sua pontualidade e dos seus funcionários, com a política infalível de não atrapalhar o

trabalho dos outros por chegar quinze segundos depois do seu horário.

Mal coloquei meus pés na empresa fui bombardeada por ligações, e-mails, fax, pessoas querendo falar com o meu chefe, tudo. Absolutamente tudo ao mesmo tempo. Foi aterrorizante. Se eu já não estivesse tão abatida daria conta do recado, pois esta era a minha rotina, mas no dia anterior, cheguei em minha casa me sentindo muito mal. Dor de cabeça, espirros seguidos de febre, nariz entupido, náuseas... Um verdadeiro inferno!

A noite foi bem difícil, por

isso fiquei agradecida por não ter Robert por perto. Precisava mesmo descansar. Naquela manhã acordei me sentindo péssima. Espirrando muito e com dor de cabeça. Meu corpo parecia ter sido triturado. A febre eu controlava com remédios, porém não podia me descuidar do horário.

Levantei puxando o casaco em meu corpo para fechá-lo ainda mais. Peguei a caixa de lenços de papel e coloquei sobre a mesa e antes de conseguir me sentar, a porta do elevador se abriu revelando meu chefe. A forma como Robert me olhou foi estranha. Ele ficou

paralisado, os olhos cinza me encarando com certo pavor, a boca um pouco aberta aparentemente incapaz de encontrar o que dizer.

Por um segundo, só por um segundo, imaginei que algo de horrível acontecera, e então me lembrei que eu estava assustadora. O resfriado estava acabando comigo e minha aparência devia estar péssima. Ele deu dois passos inseguros em minha direção, o que estava de acordo com a sua personalidade tão segura, e eu tive uma crise de espirros.

- Droga! – resmunguei com o lenço de papel colado no rosto. –

Desculpe-me por isso. Estou realmente um lixo hoje.

Robert me olhou um pouco atordoadado e então relaxou completamente. Toda a tensão estampada em seu rosto desapareceu. Ele era tão complicado e difícil de se interpretar.

- Você está doente? – a forma como falou chamou a minha atenção. Parecia esperar por outra coisa. Fiquei intrigada e tentei avaliar o motivo daquela reação, porém comecei a espirrar novamente.

Robert deu um passo para trás, me observando como se não acreditasse no que estava vendo.

Homens! Qualquer situação que os tire da normalidade faz com que pareçam crianças assustadas. Revirei os olhos, indignada com a sua reação.

- É só um resfriado, Robert!

- Mas você está muito mal! – ele se recompôs, caminhou em minha direção me surpreendendo com um abraço.

- Não estou morrendo – ri quando ele enterrou o rosto em meus cabelos. – Calma! Calma! Vai ficar tudo bem – brinquei acariciando suas costas, dando tapinhas leves. Robert riu e me apertou ainda mais em seus braços.

- Não quero que nada aconteça com você, Mel – me olhou com carinho. Fiquei tensa. O que estava acontecendo?

- Por que está me dizendo isso? – piscou várias vezes e passou uma mão nos cabelos. Eu sabia que esta era a forma que ele tinha de tentar pensar em algo rápido para responder, disfarçando a realidade.

Putá merda!

- Por nada. Porque você está doente – continuava me encarando, depois sorriu daquela maneira perfeita. Perdi o foco. – E porque está com um aspecto terrível, Melissa – riu me avaliando.

- Obrigada! – virei depressa para espirrar e desta vez a minha cabeça latejou. – Ai! – senti cada célula do meu corpo protestar por eu ainda estar de pé ao invés de deitada em minha cama, enrolada em uma manta grossa e tomando um chá quente.

- Mel, não seria melhor você voltar para casa?

- Pelo amor de Deus! Não me favoreça só porque dormimos juntos. Eu estou bem. Vou ficar bem. É só um resfriado. – espirrei três vezes seguidas e minha cabeça parecia querer explodir. Coloquei a mão na testa e tateei com a outra

procurando a cadeira. Merda! Odiava estar tão frágil na presença dele.

- Vou pedir a Alexa para ficar no seu lugar até Nick conseguir uma secretária substituta. Pelo visto este resfriado vai te derrubar por uns dois dias ou mais – ele estava decidido a me tirar de lá.

- Eu não vou, Robert. Já disse, estou bem. Não quero outra secretária desfilando por aqui – brinquei, mas ele ficou sério me encarando.

- Você está doente. Precisa de repouso, cuidados.

- Eu não vou aceitar ser

favorecida. Está decidido. Aqui eu sou sua funcionária e não sua amante – ele cruzou os braços no peito e estreitou os olhos.

- Estou falando como seu chefe, Srta. Simon. Para seu conhecimento, a nossa regra principal é manter a qualidade do trabalho sem perder o foco na qualidade de vida dos nossos funcionários. Nesta empresa ninguém trabalha doente, nem mesmo eu.

Ponderei suas palavras. Eu estava mesmo uma porcaria e ansiava pela minha cama, só não queria largar tudo nas costas dele ou

de Alexa. Talvez fosse melhor ficar até metade do dia e deixar tudo encaminhado para quem fosse me substituir. Eu estava tão mal! Ficar um ou dois dias de repouso não era uma ideia tão ruim, levando-se em consideração o discurso dele, eram normas da empresa, ou seja, nada que estivesse me favorecendo por ser a amante do chefe.

- O dia já começou cheio. Tem tantas coisas para fazer. É melhor...

- Você ir para casa – rebateu firme. Não tinha como argumentar contra o meu chefe. – Vá para casa, Mel. Relaxe um pouco, cuide da sua

saúde. Serão só dois dias e depois poderá voltar para a sua rotina – seus olhos ficaram brandos, cheios de amor e cuidados. – Quero você bem cuidada – Robert se aproximou me tomando em seus braços e acariciando minhas costas e meu couro cabeludo. Estava tão bom!

- Hum! – fechei os olhos curtindo seus carinhos. Eu estava mesmo precisando.

- Passo em sua casa à noite para verificar como você está e para cuidar da minha namorada – ele sabia como me derrubar. Lógico que acabei cedendo.

- Certo. Certo. Sem

promessas, chefe – brinquei. Robert piscou confuso e seu rosto ficou rígido. – O que foi?

- Nada. Só estou preocupado com você. – Sorri aliviada.

- Eu vou sobreviver.

Passei a manhã e uma parte da tarde dormindo. Os remédios para gripe costumam me derrubar, por isso não tive muito tempo para pensar em meu chefe, muito menos para analisar suas atitudes confusas. De moletom velho e pantufas, caminhei pela casa, pensando em

preparar alguma coisa para comer quando me deparei com um pequeno embrulho sobre a mesa.

Estranho! Definitivamente não era meu e com certeza não estava lá quando cheguei. Mesmo assim, me aproximei para desvendar o mistério. Havia um bilhete logo em cima “Não esqueça que precisa comer. Passei para saber se estava tudo bem. Nicole virá à noite. Com amor, Robert”. Passei alguns minutos me decidindo se estava emocionada pelo cuidado do meu amante ou irritada com o fato de ele enviar a irmã para cuidar de mim ao invés de aparecer como prometeu.

Com a cabeça doendo era melhor não forçar muito. Decidi que deveria comer. Abri o pacote e encontrei uma refeição completa de um restaurante fantástico. E caro. O que acontecia com a família Carter? Precisava ser sempre do melhor restaurante da cidade?

Peguei um prato e me servi das verduras e um pouco do frango. O aspecto era ótimo! Antes de dar a primeira garfada, alguém tocou a campainha. Revirei os olhos, e senti os efeitos do gesto. Minhas têmporas vibraram. Deixei o garfo de lado e levantei para atender a porta. Fiquei extremamente surpresa com a visita.

Abigail. Em minha casa. Alguma coisa estava errada.

- Olá, Melissa! Hum! Posso entrar? Não é muito fácil ficar me sustentando nestas muletas.

- Oh, claro! Claro! Que cabeça a minha. Entre – dei espaço para que minha amiga se arrastasse até uma das cadeiras da mesa da sala. Ela olhou ao seu redor e só depois voltou a me olhar.

- Por que a surpresa?

- Pra começar você nunca vem aqui, piorou estando nestas condições – aponte para o gesso em sua perna. – Além disso como soube que eu estaria em casa no horário de

trabalho? – Abby sorriu.

- Tenho as minhas fontes – não consegui acreditar no que ela estava me dizendo. Que fontes? Droga! Estava tão cansada de mistérios e segredos. Será que ninguém podia simplesmente ser sincero comigo? – Ok, Mel! Eu liguei para o escritório e Alexa me informou que você estava doente e que ficaria em casa por dois dias – seus olhos se demoraram no bilhete de Robert que continuava sobre a mesa. Fiquei vermelha imediatamente.

- Por que você não me contou que ele monitora a sala? Sabe o que

tive que fazer? Quase tive um AVC quando Robert me mostrou as imagens...

- Robert... – pela forma como ela me olhou e balançou a cabeça tive certeza de que já sabia de toda a verdade. Puta merda! – Não te contei porque sabia que você não iria me ajudar se soubesse.

- O que? Você me jogou na fogueira?

- Ele não faria nada contra você, Melissa. Como não fez – mais uma vez olhou para o bilhete. Não me contive e o peguei, dobrando e colocando no bolso de trás do meu moletom. – Espero que saiba no que

está se metendo – sua voz era uma acusação.

- Não preciso de conselhos – encarei a minha amiga sentindo que aquela conversa não trilhava um caminho muito seguro.

- Pelo visto você já está tão envolvida que não terei argumentos para convencê-la a desistir dele, não é? – não respondi. Ao invés disso, desviei o olhar e preferi enfrentar a comida. Abby ficou me encarando enquanto eu fingia que saboreava a vagem que coloquei na boca. – Melissa, o jogo entre eles é muito perigoso.

- Eu sei e não quero falar

sobre isso.

Estava sendo infantil. Provavelmente Abigail sabia muito mais do que eu e estava cumprindo o papel de amiga leal, no entanto eu estava furiosa com o fato de ela me pedir ajuda e mesmo assim me largar nas mãos do Robert. Não era justo.

- Não estou te dizendo nada sobre não se envolver com ele, Melissa. Você é adulta e parece saber muito bem o que está fazendo. Mas como sua amiga, tenho obrigação de te alertar sobre Tanya. Robert é um homem bom. Difícil, complicado e muitas vezes

insuportável, ainda assim é um homem bom. Não posso dizer a mesma coisa a respeito de Tanya. Aquela mulher é capaz de passar por cima da própria mãe. O que ela já fez para tirar as mulheres do caminho dele é tão absurdo que nem vale a pena ser contado. Eu só não quero que aconteça o mesmo com você.

No mesmo instante me dei conta. Ela tinha dito “o que ela já fez para tirar as mulheres do caminho dele”. Abby estava machucada, se recuperando de um acidente de carro que ninguém sabia explicar como aconteceu. Havia me pedido para

conseguir provas de que não foi um acidente e sim uma tentativa de homicídio. Estava tudo muito claro. Na época eu não liguei uma coisa à outra, mas naquele instante... Tanya causou o acidente porque descobriu o caso de Abby com Robert. Merda!

Merda! Merda! Merda!

Robert acobertou o crime de Tanya e provavelmente guardava as provas na sua sala. Abby queria esta prova. Ela sabia que ele as possuía e, por alguma razão inexplicável não quis entregá-las. Tanya tentou matar Abby porque ela estava tendo um caso com o seu marido. Caralho! Minha cabeça latejou. Quase

explodiu.

- Abby, você... Vocês... Droga! Qual é a sua ligação com Tanya? – minha amiga ficou surpresa com a minha pergunta.

- É muito mais profunda do que você poderia imaginar, porém não entraremos nessa ramificação da história nesse momento. Agora só quero que você se concentre em encontrar as provas.

- Por que eu faria isso? – a indignação tomou conta de mim. Não podia ajudar a minha amiga sabendo que ela era amante do meu amante. Que droga!

- Por que nós somos amigas –

ficamos nos encarando. Merda! Nós éramos amigas. – E porque se eu conseguir colocar Tanya na cadeia, o maldito jogo acaba. Robert não entende nem me apoia. Ele acha que a esposa já mostrou que pode me destruir e não quer arriscar. Mas eu preciso disso.

- E por que você não confia no que ele diz? Pelo visto a relação de vocês é muito íntima, por que não conversa com ele e tenta resolver? – ela suspirou pesadamente.

- Não é hora para ciúmes Melissa. Tanya já brincou demais. Ela, com toda a sua loucura, está com as nossas vidas nas mãos. Não

vai demorar a atentar contra a sua vida também – balancei a cabeça discordando. Aquilo tudo era uma merda tão grande que não me deixava raciocinar direito. – Mel, eu confio em você. Sei que Robert não vai deixar que nada te aconteça, ainda assim, se eu conseguir quebrar Tanya, vocês dois vencem. Ele será livre para tomar suas próprias decisões. Acredite em mim. Veja bem...

Ela levantou e rapidamente retirou a armação de gesso em sua perna. Era falsa. Puta que pariu! O que era aquilo? Eu só podia estar sonhando e o sonho era um filme de

ação, onde havia muitas tramas, detetives e armações. Eu queria acordar. Sair daquele pesadelo.

- Menti para todo mundo sobre a minha perna. Queria que Tanya continuasse acreditando que eu estava impossibilitada. Ela vigia a minha casa vinte e quatro horas por dia, manda o Adam aparecer de tempos em tempos. Não tenho mais ninguém. Robert não pode saber porque vai tentar me deter, mas veja, não sou tão frágil e se você me ajudar poderei colocar um fim neste inferno.

- Abby – eu queria, mas não queria. Sabia que tinha obrigação de

ajudar a minha amiga. Quando fui selecionada, ela logo abriu o jogo comigo e me pediu ajuda. Não dava para abandoná-la só porque achava que ela e Robert eram... Foram... Amantes. – Ok. Consegui vasculhar em todos os lugares do escritório e não encontrei nada – informei me sentindo derrotada.

- Tem que estar em algum lugar – ela pareceu cansada. Pela primeira vez não conseguia enxergar o que sempre vi na minha amiga. Toda a sua doçura havia desaparecido, restava apenas uma determinação assustadora.

- Não tem outro lugar no

escritório. Eu procurei em todos os possíveis – Abby parou pensativa.

- Então, onde ele guardou? Na casa dele é impossível – ela mordeu o lábio quebrando a cabeça para saber em que lugar Robert poderia guardar provas contra Tanya.

- Não na dele com Tanya, mas na casa só dele – colaborei com a minha amiga. Não podia deixá-la sem ajuda. E se eu conseguisse a prova e ela derrubasse Tanya? E se depois disso Robert preferir ficar com ela? Merda!

- Claro! Ele tem um cofre na casa. Você só precisa descobrir a senha.

Ela sabia que ele tinha um cofre. Sabia existência da casa. Droga! Eles eram amantes, ou foram amantes. Que grande merda! Onde eu estava me metendo? Encarar Tanya e a sua psicopatia era muito mais fácil do que dividir o homem da minha vida com a minha amiga.

Quando Abby foi embora eu não consegui mais comer. Peguei tudo e coloquei na geladeira para uma outra hora. Voltei para a cama e tive vontade de me afogar nos antigripais, infelizmente não podia ser estúpida a este ponto. Fiquei rolando sem saber o que fazer. O que dizer? Robert nem poderia saber

da nossa conversa. Ele nunca entenderia. Eu teria que perguntar. Não poderia ficar com ele enquanto aquela pulga estivesse atrás da minha orelha.

Levantei agradecendo pela dor em meu corpo. Ela me fazia esquecer os outros problemas. Fui até o banheiro para um banho quente e rápido. Meu corpo gelava pela febre. Voltei a colocar o moletom velho e desgastado. Era melhor comer alguma coisa ou não conseguiria me livrar do resfriado.

Esquentei o que sobrou do almoço e comi constatando que estava morrendo de fome. Depois

fiquei no sofá, trocando os canais e me dando conta de que ficar em casa foi um péssimo negócio. Mal terminou o dia e eu já estava entediada. Até meu livro “O Senador” havia ficado na empresa e não me restava mais nada além do que olhar as paredes vazias. Resolvi então me atualizar.

Peguei meu *notebook*, acessei a internet e digitei o primeiro nome de site de notícias que me veio à cabeça. Fiquei petrificada com a imagem que abriu. Na ânsia de arrumar o que fazer acabei acessando uma página que falava do mundo da alta sociedade. E foi

assim que descobri aquela foto.

Primeiro verifiquei a data. Não era possível. Como? Depois li a legenda. “Robert Carter e sua esposa, Tanya Carter, em um jantar de negócios”. Respirei fundo para tirar da minha mente o tanto de palavrões que gostaria de soltar. Liguei para meu amante no mesmo instante, no entanto o celular estava desligado.

Filho da puta! Foi por isso que ele me mandou para casa? Foi por este motivo que passou a tarde anterior transando comigo de forma tão intensa? As lágrimas despencaram.

Ainda remoendo a raiva ouvi o som da campainha. Limpei o rosto com as costas da mão, fechei a página da internet e levantei para abrir a porta para Nicole. Antes respirei com força. Não estava em meu melhor dia para aguentar o entusiasmo da minha amiga. Para minha surpresa não foi como eu pensei.

- Oi! – Nicole passou por mim sem o brilho de todos os dias. Estava visivelmente contrariada, além de ter uma pitada de tristeza em seu semblante. – Nossa! Você está um lixo! – dei de ombros.

- Cortesia do resfriado. Tudo

bem com você? – deixei os meus problemas de lado. Nick parecia precisar de um ombro amigo.

- Eu não sei – andou até a mesa da sala deixando nela uma embalagem que identifiquei ser do restaurante de sempre. Droga! Eles não cansavam de gastar dinheiro comigo. Bastava ir à padaria ao lado que estava tudo certo. – Trouxe uma sopa, “*Zuppa alla pavese*”, espero que goste. Não estava muito animada para escolher o cardápio.

Fiz uma careta. O que diabos era aquilo? Nicole não entendia que eu não pertencia ao mundo dela e que não tinha noção do que era

aquela comida estranha. Mas enfim... Era sopa, não? Então... Minha amiga revirou os olhos, impaciente.

- Caldo de carne, pão e ovo. É uma delícia, não precisa fazer cara feia.

- O nome é feio – levantei uma sobrancelha e finalmente arranquei uma risadinha daquela criatura inacreditavelmente bonita.

- É italiano.

- E deveria ser bonito por causa disso? – ela riu ainda mais.

- Vamos lá. Eu converso e você come. Acho que é disso que precisamos.

Nem precisei buscar por um prato, desta vez, Nicole fez o serviço completo. A sopa já estava mirabolantemente acomodada em um prato com uma tampa acrílica tudo em seu devido lugar. Só precisei sentar e degustar a iguaria que, por sinal, estava mesmo maravilhosa. Nicole logo disparou a falar.

- Todo mundo está agindo de maneira estranha e eu me sinto ridiculamente excluída – fixei meus olhos na sopa para não acabar estragando meu disfarce. Eu sabia muito bem do que ela falava e em nada podia ajudar. – Paul, que antes vivia me pedindo para colaborar em

relação à Tanya, dizendo que ela estava passando por um momento difícil e que precisava da família, agora vive reclamando da nossa reaproximação. Todas as vezes que a irmã dele me liga ou nos encontramos, ele fica tenso, reclama e diz que o melhor seria ter deixado as coisas do jeito que estavam. Mas não me explica o motivo desta resistência. Antes ele achava que Robert era difícil e que se aproveitava da situação para se comportar como um homem solteiro. Você sabe, as amantes. – ela ficou sem graça ao me revelar esta parte da vida do irmão. – Agora me

confunde dizendo que Tanya deveria aceitar a separação e Robert ter mais pulso e acabar de uma vez por todas com esse relacionamento. Já nem sei mais o que pensar!

Ela colocou as mãos espalmadas sobre a mesa indicando sua desistência. Imaginei o quanto a situação era confusa para ela. Se para mim, que sabia parcialmente das coisas, era complicado, imagine para quem estava por fora, sendo manipulada como marionete pela cunhada. Senti pena da minha amiga.

- Você já parou para pensar que ele pode ter um motivo sério para agir assim? – ponderei até onde

eu poderia ir naquela conversa.

- Sim. Ele pode ter os seus motivos, mas o ideal era ter uma conversa franca comigo. Abrir o jogo e me explicar porque mudou de ideia tão de repente.

- Não sei o que te dizer – continuei comendo para impedir que as palavras escapulissem de minha boca.

- E Robert, então? Ele anda mais misterioso do que nunca. Você acredita que ele tentou me obrigar a acabar com a nossa amizade? – opa! Isso era novidade. Que motivo Robert teria para querer Nicole longe de mim?

- SÉRIO?

- SÉRIO! — ela estava inconformada. — Disse que você era secretária dele e que não era correto estar envolvida na vida pessoal da família. Ele é mesmo um idiota.

- Quando foi isso?

- Ontem. Eu subi para te ver e encontrei a sala vazia. Totalmente fechada. Liguei para o seu celular, mas você não atendeu, então liguei para o dele. Para a minha surpresa meu irmão me informou que havia te dispensado para uma consulta médica e que aproveitou para ir para casa e analisar uns papéis para uma reunião que Tanya, de última hora,

pediu que ele a substituísse, pois não conseguiria voltar a tempo. De repente ele começou a falar essas asneiras.

- Entendo — minha cabeça trabalhava tentando encontrar um motivo justo para ele querer tirar Nicole da minha vida.

- Mas eu não. Robert não tem o direito de me fazer um pedido como este. E ainda por cima falou que foi uma péssima ideia me reaproximar de Tanya. Agora ele e Paul são contra a minha amizade com a minha cunhada. E nenhum dos dois apresentou motivos lógicos para que eu atendesse seu pedido.

- Confuso – ainda não conseguia encontrar uma linha de raciocínio coerente que me fizesse entender, principalmente porque queria matar meu amante naquele momento. Por outro lado Nicole havia acabado de dizer que ele acreditava que Tanya não estaria presente.

- Agora veja você que estranho, ele me disse que Tanya não conseguiria chegar para a reunião e hoje a foto dos dois deixando o restaurante está estampada em todos os sites de fofoca. As informações não batem.

- Até onde eu sei, a Sr^a Carter

estava viajando. Também não fazia ideia de que ela estaria aqui ontem à noite.

- Pois é. Muito estranho. Não consigo entender. E ela não me atendeu o dia todo. Eu tentei ligar para conversarmos, porém ela não atendeu. Isso me deixou ainda mais frustrada. Não entendo mais nada.

- Sei bem como se sente. — voltei minha atenção para a sopa. Tanya não atendia, Robert estava com o celular desligado. Era melhor não pensar sobre o assunto.

- Mel, você sabe o que está acontecendo, não é? — fiquei tensa. — Tanya está tentando consertar seu

casamento e Robert está dificultando muito as coisas. Eu não entendo o meu irmão.

- Ele deve ter seus motivos, Nick – implorei mentalmente para que aquele assunto acabasse ali. Continuar seria mais do que eu poderia suportar. Pelo menos ela não estava me falando da felicidade dos dois.

- Que motivo um homem teria para não compreender a esposa que praticamente acabou de enterrar o filho? – no mesmo instante ela me olhou assustada, se arrependendo de ter revelado aquele detalhe.

- Tudo bem, eu já sabia.

- Ah! – Nicole piscou meio confusa, mas continuou. – Ok. Tanya passou por uma situação terrível e confesso que ela surtou. Todo mundo ficou assustado com as coisas que ela andou fazendo, mas caramba, Mel! Deve ser horrível perder um filho, principalmente quando se tem participação na morte dele. Eu entendo. Entendo mesmo! Sei que não justifica tudo o que ela fez, no entanto eu consigo ser solidária.

- Hum, hum! – concordei sem querer externar minha opinião.

- Robert teve inúmeras amantes – ok. Este ponto me colocou

totalmente dentro do assunto. — Também não consigo culpá-lo. Cada um afoga as mágoas como pode e ele praticamente afundou nela. Foi terrível! Tanya se tornou uma estranha e meu irmão um perfeito cafajeste, frio e distante. Mas o tempo passou. Tanya está recuperada e querendo retomar sua vida, já ele... Ele parece disposto a destruí-la. Eu não entendo. Várias vezes acreditei que eles estavam encontrando seu caminho aí meu irmão arruma um jeito de estragar tudo.

- Por que você pensa isso? Quer dizer... Por que acredita que é

o seu irmão quem estraga tudo?

- Porque Tanya está tentando. Eu a vejo tentar. Fizemos de tudo para que eles tivessem uma nova lua de mel. Ele estava indo bem, mas agora... Mel, eu sei que posso confiar em você, por isso vou te contar – respirou fundo. – Robert tem um caso. Não é um casinho qualquer, uma mulher com quem ele apenas vai para cama. Desta vez é algo mais sério – gelei.

- Como você sabe? – as palavras quase não saíram de minha boca.

- Tanya descobriu. Ela não sabe quem é, mas descobriu que é

alguém da empresa. O cafajeste do meu irmão teve a coragem de confessar, você acredita? Ela, coitada, está desorientada. Sofrendo muito!

- Nicole – eu queria encerrar a conversa de qualquer forma, no entanto ela não permitiu.

- Melissa, eu sei que não devo me intrometer na vida deles, eu sei. Mas é impossível ficar de fora vendo meu irmão jogar fora um casamento de anos, onde tudo está envolvido, nossas famílias, a empresa, tudo. Não posso deixar que ele destrua nossas vidas por causa de uma... De uma vagabunda

qualquer.

- Não fale assim – quase implorei sentindo minha cabeça latejar e o corpo, devastado pela gripe, cobrar o repouso.

- Mas é verdade. Se esta mulher trabalha na empresa sabe perfeitamente bem que ele é um homem casado. Não posso pensar de outra maneira.

- Nicole, você tem que entender que mesmo sendo tudo tão absurdo, tanto o seu irmão quanto Tanya são maduros o suficiente para resolverem esta situação sem a intromissão das pessoas. Com certeza eles sabem o que é melhor e

conhecem os seus motivos. Você está de fora e não sabe de tudo. Pode ser que Tanya tenha razão, ou que o Sr. Carter tenha motivos justos para não querer continuar casado. Separações são comuns hoje em dia. Acontecem o tempo todo.

- É esse o meu problema. Droga! Se ele não a ama mais, se não quer mais o casamento, por que não coloca logo um ponto final? Por que não joga limpo e diz a Tanya que não quer mais? Pelo que sei é ele quem não quer a separação, então por que continua com a amante? Meu irmão só pode estar louco.

- E ela quer?

- Ah, Melissa! Ele enrola a coitada. Tanya propôs o divórcio. Sugeriu a divisão dos bens. Ela mesma me contou, e Robert não aceitou. Ele a seduz com falsas promessas. Quando ela recua ele vira um homem apaixonado, e eu acredito que realmente ainda seja. Meu irmão sempre foi louco pela esposa, mas acabou despejando a morte do filho no relacionamento. Esta situação precisa acabar. É por isso que eu e Olívia estamos tentando de tudo para que ele entenda. Deixamos claro que não aceitaremos esta amante. E pelo

visto ele também não quer ficar com a vagabunda. Deve ser só mais uma forma que encontrou para punir a esposa.

Fechei os olhos me sentindo tonta. Puta merda! Como eu poderia vencer aquela guerra? Nem se Abby conseguisse colocar Tanya atrás das grades. Eu nunca seria aceita, porque sempre seria amante. A indesejada, destruidora de lares. Usurpadora. Doía pensar nisso.

- Deus! Acho que falei demais, acabei me esquecendo de que você precisa descansar. Desculpe!

- Tudo bem! É que ainda

estou fraca. Preciso deitar um pouco – era a minha deixa para mandar Nicole embora.

- Certo. Vou te colocar na cama e depois vou embora.

Concordei deixando que ela me conduzisse até a cama. Deitei e Nick me cobriu. Imediatamente fechei os olhos. Minha amiga foi embora em seguida. Abri os olhos e sentei na cama abraçando os joelhos. Sozinha era ainda pior. Imaginava como seria se eu insistisse em continuar naquela loucura. Nicole seria minha inimiga. Olívia nunca me aceitaria nos almoços em família e minha vida

com Robert seria sempre apenas nós dois. Isso se ele algum dia conseguisse se livrar de Tanya.

Levantei, tomei os remédios e deitei de novo, implorando para que fizessem efeito rapidamente, no entanto dormir foi mais complicado do que imaginei. Só consegui pregar os olhos quase duas horas depois e mesmo assim, serviu somente para me assustar com um pesadelo terrível, onde eu era a esposa de Robert, mas era infeliz. Na verdade, parecia que eu estava ocupando a posição de Tanya e o jogo continuava, só que desta vez, era entre mim e meu “marido”. Ele tinha

amantes. Desfilava com elas na minha frente, me dando mais e mais motivos para odiá-lo. Éramos inimigos mortais. Acordei tão aterrorizada que desisti de dormir. Sentei no sofá com uma xícara de café fervente e assisti a filmes antigos até que o dia nasceu e o sono acabou me pegando.

Acordei assustada, graças a Deus não lembrava qual o sonho. Olhei ao redor me dando conta de que estava em meu quarto, apesar de ter certeza de que havia adormecido no sofá da sala. Fiquei confusa, porém logo vi que no criado mudo havia uma rosa e um bilhete. Robert.

“Passei para te ver, não tive coragem de te acordar. Volto à noite. Com amor, Robert. PS.: Jogue este moleto no lixo. Você fica horrorosa com ele.”

Filho da puta!

Amassei o papel e o atirei na parede. Robert é a pessoa mais frustrante que eu já conheci. Por que nada podia ser normal em nosso relacionamento? E por que ele sempre aparecia quando sabia que eu não estava em condições de confrontá-lo?

Mesmo assim, tirei o moleto, tomei um banho e coloquei uma roupa decente. Me alimentei

como uma menina dócil e obediente,
tomei meus remédios e sentei no
sofá para aguardar a hora do
confronto.

CAPÍTULO 7

Quando Robert chegou eu ainda estava no sofá, concentrada em um filme que falava de um amor praticamente impossível, entre um anjo e uma humana. Um amor impossível! Tão a minha cara!

Ele abriu a porta com a sua chave roubada. A princípio apenas me observou. Com outra embalagem daquele restaurante caro nas mãos.

Revirei os olhos conformada. Se ele queria assim. Depois sorriu ao perceber que eu vestia regata e short jeans. Ele vestia um terno completo o que indicava que saíra direto do trabalho.

- Oi! Finalmente te encontro acordada – como fiquei calada ele deixou o pacote sobre a mesa e sentou ao meu lado no sofá. – Está se sentindo melhor?

- Por que você não me disse que Tanya estava na cidade? – ele suspirou torcendo a boca, passou as mãos nos cabelos, recostou-se e me olhou com olhos cansados.

- Ok. É melhor termos esta

conversa de uma vez, assim resolvemos logo e depois não falaremos mais em Tanya, jogos, problemas, casamentos, nada. Certo? – não havia outra opção a não ser concordar. – Certo! – Robert disse para si mesmo. – Melissa eu preciso que você ouça com calma. Ontem Tanya conseguiu enganar todo mundo. Ela me pediu para substituí-la em um jantar importante para o nosso grupo. Essa parte você já sabe, ela apareceu antes que eu saísse de casa. A princípio achei que o plano dela era tentar me prejudicar durante a reunião, não foi o que fez. Tanya manipulou todo

mundo e atingiu nosso objetivo, ótimo! Até aí tudo bem. Quando fomos para casa ela continuou no clima amigável e me ofereceu uma bebida dizendo que teria que voltar à Espanha para terminar o que estava fazendo. Eu concordei porque queria descobrir o que ela estava tramando. Melissa, eu juro que pensei que Tanya estava armando alguma coisa contra você, então tentei ludibriá-la para vir encontrar você assim que ela saísse, mas...

Pelo olhar dele eu sabia o que havia acontecido. Minha reação foi muito diferente do que eu imaginei. Não conseguia falar. Não conseguia

expressar nada além do que algumas lágrimas caindo descontroladamente por meu rosto. Robert estava envergonhado como eu nunca o vi antes e ao mesmo tempo com ódio. Sua boca formou uma linha fina demonstrando o quanto ele tentava se segurar.

- Perdoe-me Mel! Nunca imaginei que ela fosse capaz de se rebaixar tanto.

- Você cedeu, Robert! Deixou acontecer porque não consegue sair desse jogo miserável! —disparei furiosa demais para medir minhas palavras.

- Melissa! — ele segurou

minhas mãos me impedindo de levantar do sofá. – Tanya me drogou. Eu tenho como provar o que estou falando. Tenho o exame que comprova a droga em meu sangue e tenho... – hesitou. – Tenho a porra de um vídeo que mostra que ela fez tudo sem que eu tivesse consciência do que estava acontecendo. As câmeras que mandei espalhar pela casa são minhas testemunhas.

- Ah, pelo amor de Deus! Não tente me enrolar com esta conversa. Vocês transaram e fim de papo.

- Droga, Melissa! Eu nunca te contaria se pudesse me defender.

Senti raiva de suas palavras,

embora soubesse que se ele estava me contando era porque tinha como se safar. Por mais que me doesse saber que ele esconderia a verdade de mim, sentia-me aliviada por ele ter provas de sua inocência.

- Merda! — chorei sem impedir que minha raiva extravasasse.

- É. Exatamente isso. Merda! Não sei o que Tanya pretendia me levando para a cama, mas tenho quase certeza que seu objetivo é atingir você. Por isso resolvi que seria melhor te contar.

- E você espera que eu aceite tudo e continue com você? Não seja

ridículo! – levantei do sofá e ele rapidamente me alcançou.

- Espero. Eu não tive culpa. Nunca quis esta situação e para ser bem honesto, não me lembro de nada do que aconteceu. Sequer acredito que tenha realmente acontecido alguma coisa.

- Ela não conseguiria transar com você se estivesse dopado ao ponto de não se lembrar, Robert. Então, por favor, continue sendo honesto comigo e pare de tentar remediar a situação – me debati em seus braços tentando me soltar.

- Pare com isso, Melissa! Você conhece Tanya muito bem.

Sabe do que ela é capaz. Droga! – ele me soltou e andou pela minúscula sala que tinha ficado claustrofóbica com a sua presença. – Eu vi a merda do vídeo, ok? Eu estava apagado. Merda! Ela conseguiu o que queria.

- Não. Quero. Mais. Ouvir! – fui para o meu quarto e me joguei na cama chorando igual a uma criança. Robert demorou a ir ao meu encontro.

- Melissa?

- Vá embora! – ele suspirou.

- Eu não te traí.

- Isso não muda nada.

- Droga! – disse baixinho

como se estivesse travando uma batalha interna. – Eu jurei que nunca te deixaria ver isso, mas não vejo alternativa.

De repente ele me puxou da cama e quando dei por mim estava em seu colo. O celular a minha frente exibindo cenas dele sentado em um ambiente familiar com Tanya. Ele saiu para verificar o celular e ela saiu, voltando em seguida com as taças. Robert bebeu e alguns minutos depois parecia completamente bêbado. Ela o ajudou a levantar, sustentando o seu corpo. A câmera cortou mostrando o corredor, depois cortou novamente

passando para um quarto luxuosamente decorado. Tanya deitou Robert na cama. Ele estava apagado e ela o tocava intimamente. Fechei os olhos me recusando a ver o resto.

- Pare! – solucei. Robert me envolveu em seus braços deixando-me chorar. Suas mãos afagavam minhas costas e meus cabelos.

- Perdão! – sussurrou em meus cabelos. – Me perdoe, Mel! Eu não devia te pedir isso, mas não posso te perder.

Apenas chorei até esgotar as lágrimas. Eu estava triste pelo ocorrido, porém realmente não

poderia culpá-lo. Tanya era uma cobra ardilosa. Ela fez com ele, mas poderia ser diferente. Poderia usar o mesmo artifício comigo e me colocar em uma cama com algum... Deus, não! Ela poderia conseguir envenenar Robert contra mim. Abracei-o com força. E se fosse comigo, ele acreditaria em mim?

- Melhor? – neguei. Eu estava péssima! – Eu sei. Não está sendo nada fácil para mim também. Ainda não descobri o que Tanya pretende, estou cheio de dúvidas e medos.

- Medos? – ergui a cabeça a tempo de ver sua careta.

- Melissa, eu não quero mais

falar sobre este assunto. Nós dois já sofremos demais por hoje, então vamos comer e tentar ter uma noite tranquila.

- Preciso saber do que você tem medo. Se eu já sei o que aconteceu, por que o medo?

- Porque aquela louca pode ter me passado alguma doença, já que aparentemente não usou camisinha – rosnou.

- Puta merda! – cobri o rosto com as mãos. Robert transou com Tanya, o que já era uma merda, mas daí ele pegar uma DST, ou pior ainda, passar para mim. Era difícil demais assimilar tantas coisas ao

mesmo tempo.

- Eu sei. Eu sei. Fiz vários exames ontem. De todos os tipos possíveis e consegui a máxima urgência na entrega dos resultados. Mesmo assim – olhou em meus olhos buscando apoio. Robert estava tão assustado quanto eu. – Minha prioridade é proteger você, Mel, até mesmo de mim.

- Como assim?

- Os resultados chegarão amanhã pela manhã, mesmo assim, usaremos camisinha até que todas as dúvidas sejam eliminadas – ele estava muito decidido. Sinceramente? Eu não tinha

argumentos para discordar.

- Merda!

Colei minha testa a dele e ficamos assim por incontáveis minutos. Robert acariciava minhas costas se desculpando e me confortando ao mesmo tempo. A mágoa existia e a raiva também. Eu sabia que não foi culpa dele, então não podia martirizá-lo. Se alguém merecia sofrer era Tanya e pelo visto a nossa felicidade era o melhor castigo para ela. Esta era a resposta que teria. Eu não me abalaria, nem deixaria que aquela mulher interferisse no que vivia ao lado do homem que amava. Esta seria a

minha vingança.

- Agora, será que podíamos relaxar? Eu estou tão cansado! E você está doente, precisando descansar também – passou a mão em meu rosto afastando meus cabelos grudados por causa das lágrimas. – Vamos jantar, assistir TV e jogar conversa fora, certo?

- Preciso saber de mais uma coisa – era uma noite difícil para nós dois. O excesso de informações dos últimos dias estava azucrinando o meu juízo. Já que estávamos sendo sinceros era melhor esclarecer tudo de uma só vez.

- Recebi a visita de Abby,

ontem – Robert continuou me olhando sem demonstrar surpresa. Droga! Ele continuava me vigiando. Fechei os olhos tentando impedir que a raiva se apoderasse de mim. – Preciso que você seja honesto comigo, Robert – ele continuou calado. Foi o incentivo que eu precisava para continuar. – Você e Abby já... – de repente perdi a coragem de expressar verbalmente os meus pensamentos. Baixei os olhos, encarando minhas mãos. – Ela era sua secretária e aparentemente tem muita intimidade.

- Você já me perguntou isso antes – sua voz não se alterou.

- Eu sei, mas não éramos tão próximos na época e você pode muito bem ter me escondido a verdade – ele sorriu. Um sorriso sincero apesar de fraco e fugaz.

- Não, Mel. A resposta continua a mesma. Eu nunca transei com Abigail. Agora podemos deixar tudo para trás e esquecer?

Não havia nada em seu olhar que indicasse algo mais. Ele disse “não”, sem pestanejar ou deixar qualquer sombra de dúvida. Optei por acreditar. Ao que parecia, aquela era a noite da verdade entre nós dois. Seria melhor não pecar pelo excesso. Robert estava

esgotado e eu... Não sei como me sentia. Confusa era uma boa palavra para me definir e “triste” poderia ser a mais correta para descrever o que acontecia dentro de mim.

- O que você trouxe? – ele relaxou visivelmente.

- Grelhado, salada, sopa... Um pouco de um monte de coisas. Está com fome? – não estava, mas negar seria uma resposta ruim para a nossa tentativa de transformar aquela noite em “tranquila”.

Robert me levou até a sala, onde me depositou na cadeira e foi para a cozinha pegar o que precisava. Fiquei observando

deixando que o calorzinho que se formava dentro de mim me confortasse. Vê-lo tão familiarizado com a minha casa me deixava feliz. Serviu a sopa para nós dois e sentou à minha frente. Comecei a comer em silêncio.

- Hoje eu pensei em uma coisa enquanto trabalhava – falou me pegando de surpresa. Robert sempre foi muito reservado comigo, até mesmo em nossos momentos mais íntimos, mas naquela noite em especial, ele parecia desarmado, ou quem sabe cansado demais para erguer suas barreiras. – Sei pouco sobre você – prosseguiu sem me

olhar diretamente nos olhos.

- Você sabe tudo sobre mim. Até o número das minhas calcinhas – brinquei relembrando a primeira vez em que o vi naquela casa, quando invadiu a minha vida com aquela proposta indecorosa. A mesma que me fez chegar até aqui.

- Sei das coisas que podem constar em um relatório sobre a sua vida, mas não sobre o que existe dentro de você, Melissa.

- Não há muito para conhecer – fiquei tensa, só não entendi o motivo. – Por que você quer saber? – Robert parou de comer e me encarou com olhos profundos,

capazes de adentrar em minha alma. Somente ele era capaz de fazer eu me sentir assim: exposta, aberta, disposta a tudo para agradá-lo.

- Eu amo você! – sua voz continuava inalterada, mas seus olhos brilharam ao dizer estas palavras.

Meu coração pulou no peito. Era sempre uma emoção nova, ouvi-lo expressando o seu amor por mim era o mesmo que me sentir solta no universo. Não havia como me sentir normal ao ouvir sua declaração, simplesmente porque, nem em meus sonhos mais íntimos, acreditei que ele poderia me amar algum dia.

Ainda era fora da realidade e eu não sabia se algum dia me acostumaria a ouvir aquelas palavras saindo de seus lábios.

- Vou me casar com você, Mel – ri disfarçando minha euforia. – Não ria. Eu queria muito que essa loucura terminasse para poder ter uma vida normal ao seu lado – Robert estava sendo sincero com nunca foi antes.

- Certo. Já me convenceu. O que quer saber? – ele me deu seu sorriso único, largo, perfeito! Aquele era o meu Robert.

- Qual a sua comida preferida? – franzi o cenho um

pouco surpresa com a pergunta. Eu esperava com algo como “quantos homens já passaram pela sua cama”, ou coisa parecida.

- Eu gosto de massa – ele riu.

- Carboidrato? – concordei com a cabeça aguardando pela enxurrada que viria. – Pela manhã, o que prefere?

- Pão e café. Puro. Café puro com pouco açúcar.

- Carboidrato outra vez.

- Qual é o problema? – ri da forma como ele falava.

- A maioria das mulheres foge dos carboidratos.

- Está com medo que eu fique

gorda? – ele estreitou os olhos me avaliando.

- Duvido muito que consiga esta façanha. Sua mãe é tão magra quanto você, o que me leva a crer que este é o seu tipo físico – abri a boca para questioná-lo sobre a minha mãe, afinal de contas eles não se conheciam, depois resolvi deixar passar. Aquele sim era o meu Robert: controlador e invasor da privacidade alheia. – O que você mais gosta de fazer? – sorri largamente. Seus olhos escureceram.

- Comer chocolate – ele gargalhou e eu o acompanhei.

- Mentirosa.

- É sério! Eu adoro chocolate.

- Mas não é o que mais gosta de fazer.

- Ok. Não é.

A brincadeira me deixava mais relaxada e a ele também. Em poucos minutos Robert conseguiu transformar o clima tenso em um momento agradável.

- Você não pratica nenhum esporte, não faz atividades físicas.

- Faço bastante atividade física quando estou com você. É o suficiente — seus olhos ficaram quentes, porém um tanto quanto gentis. Como se ele tivesse gostado da minha resposta.

Ele levantou, trocou nossos pratos e me serviu salada acompanhada de um bife delicioso. Comeu em silêncio por um tempo. Percebi que apesar de não sentir fome, eu comia tudo, como se nossa conversa me distraísse o suficiente para limpar o prato. Será que este era o seu objetivo?

- Seus pais são separados. Você não quis me contar o motivo e eu fiquei muito curioso. Sua mãe casou outra vez, vive bem e o seu pai ainda é solteiro. Você morou com sua mãe até entrar para a faculdade, não consigo entender porque escolheu estudar tão longe de

casa e quando finalmente se formou preferiu não voltar – suspirei. Era mais um momento delicado.

- Meu pai traiu minha mãe quando eu era criança. Até onde eu sei, não foi a única vez, mas a mais explícita de todas. Ele aparentemente não é um homem de ficar preso a uma só mulher. Minha mãe acreditou que poderia mudá-lo. Não conseguiu. Quando cansou, foi embora me levando junto. Chega a ser irônica esta parte da minha vida – ele sorriu e mordeu o lábio inferior, concordando.

- Apesar de ser um pouco diferente, sei aonde quer chegar.

- Pois é. Sou o pesadelo da mamãe.

- Não pense assim.

- Sou sua amante, não sou?

- São circunstâncias diferentes, mas não vamos entrar neste mérito. Continue – suspirei, mas obedeci.

- Morávamos na Califórnia, em locais distantes, eu não o via com frequência. Não tenho nada contra o meu pai. Ele é ótimo! Mas eu nunca gostei de passar as férias com ele, já que isso ou exigia que ele ficasse preso em casa comigo, ou que eu conhecesse as suas várias namoradas, então... Minha mãe

casou pouco tempo depois do divórcio. Roy, o marido dela, não é o que podemos chamar de... Hum! Eu não gosto dele. Ele nunca me fez nada, pelo contrário. Também não posso dizer que foi como um pai para mim porque não foi, como não foi o meu pior pesadelo. Ele é um pouco possessivo com ela. Quer dizer, foi a vida que minha mãe escolheu. Não sei.

- Ele é bom para ela? É um homem bem-sucedido, possui uma vida financeiramente tranquila.

- Sim. Ele é rico, o que é ótimo! Mas Minha mãe tinha uma vida. Ela estudou muito, é arquiteta

e sempre trabalhou. Amava a sua profissão. Quando casou com Roy largou tudo. Ele dizia que ela não precisava trabalhar que ele a sustentaria e a mim também. Não sei porque ela aceitou. Eu fiquei um pouco decepcionada e acho que foi o ponto que me fez não gostar dele. Quando cresci tivemos alguns problemas, ele queria controlar a minha vida como controlava a dela e podemos dizer que a minha adolescência foi desgastante para ele. Quando entrei para a faculdade foi um alívio para ambos. Preferi me afastar a assistir minha mãe posar de esposa perfeita, sendo exibida como

troféu em eventos luxuosos. Não poderia voltar para casa, muito menos atrapalhar a vida do meu pai, então, Eis me aqui.

- Mas eles te ajudam financeiramente.

- Ajudavam. Não mais. Agora eu tenho um salário, apesar de temporário.

- Eu te entendo – deixou o garfo de lado e passou alguns segundos analisando o que tinha no prato.

Claro que eu sabia que ele não estava perdido em pensamentos sobre o quão nutritivo era o alimento. Com certeza pensava em

alguma coisa difícil de ser expressa. Confirmei minhas suspeitas quando levantou os olhos e me encarou.

- Mel, eu gostaria de tornar a sua vida mais fácil. Quero poder cuidar de você – olhei para Robert me preparando para a bomba. – Pensei em algumas coisas. Posso comprar um apartamento melhor e maior, em seu nome é claro, assim você fica livre do aluguel. Podemos estabelecer um valor para as suas demais despesas...

- Pare! – controlei meu gênio ruim. Robert estava tentando ser gentil. – Não quero que faça isso. Não torne as coisas mais difíceis do

que já são, ok?

- Mas...

- Robert! Eu odeio o que me tornei. Já é difícil demais acordar todos os dias e reconhecer que para ficar com você tenho que aceitar ser sua amante. Permitir que gaste seu dinheiro comigo, que me compre um apartamento e me forneça uma “mesada”, será o mesmo que assinar o reconhecimento do meu status civil atual – ele riu do meu comentário, no entanto ficou visivelmente abalado pelas minhas palavras.

- Melissa, você não é minha amante, certo? Vamos deixar isso para trás. Você é a mulher da minha

vida, ou pelo menos a mulher com que eu quero ter uma vida, já que não posso dar esse nome ao que eu tenho – havia uma certa acidez em suas palavras. – Não estou tentando “banciar” a minha amante, estou tentando dar uma vida confortável a pessoa que eu amo, até porque, quando esta loucura acabar, nós vamos nos casar e você terá que se adaptar ao fato de conseguir tudo com maior facilidade.

- Nunca vou deixar de ter o meu próprio dinheiro.

- Nem eu quero que faça isso. Não é o meu objetivo te anular. Droga, Melissa! Você aceita

dinheiro dos seus pais, por que não pode aceitar que eu também contribua?

- Porque eles são os meus pais e você... – fiquei sem saber o que deveria dizer. – Bom, Robert você é meu namorado, futuro marido, ou como quiser ser denominado, isso não modifica o fato de eu ser a sua amante. É o que eu sou. Pelo menos até que Tanya saia da sua vida.

- É difícil colocar qualquer coisa nesta sua cabecinha dura.

- A recíproca é verdadeira – ignorei sua expressão assassina e voltei a comer. Dei a conversa por

encerrada.

- Quais são seus sonhos? Seus objetivos – ele recomeçou um pouco depois de um silêncio constrangedor cair entre nós dois. Sua voz continuava calma, serena. Um choque para mim.

- Não sei mais – foi fácil responder porque era a mais pura verdade. Robert havia virado minha vida de cabeça para baixo.

- Por minha causa? – concordei mastigando um pedaço do filé. Estava maravilhoso. – Hum! – voltamos a ficar calados. – Quer assistir TV? – Robert tentava encontrar um assunto que se

encaixasse perfeitamente sem que tivéssemos começar outro debate.

- Você vai dormir aqui? – ele sorriu timidamente.

- Se a dona da casa não me expulsar, sim.

Ok! Eu amava seu sorriso tímido. Aquele Robert que respeitava os meus limites e decisões e mesmo sabendo que o homem que ele representava naquele momento, praticamente não existia, fiquei feliz em tê-lo por alguns segundos.

- Se o senhor prometer não abusar, eu deixo.

- Longe de mim, abusar da

senhorita.

- Ótimo! – retirei os pratos, levando tudo para a pia e ia começar a lavar quando ele me interrompeu.

- Nada disso, Srta. Simon. Pode voltar para o sofá e aguardar. Nada de fazer esforço.

- Pelo amor de Deus, quem vai lavar tudo isso?

- Eu – minha cara de surpresa com certeza fez com que ele voltasse a se defender. – Nunca fui o garoto mimado, Melissa. Posso lavar alguns pratos sem me machucar nem colocar a casa em risco.

- Tenho certeza que sim – meu semblante com certeza demonstrava

minha dúvida.

- Seja uma boa menina e fique no sofá – ele me deu um beijo leve e começou a passar água nos pratos.

Ainda fiquei parada, observando o seu trabalho, um pouco insegura se deveria mesmo deixar minha cozinha aos cuidados daquele homem tão cheio de surpresas. Cansada de ser ignorada e me sentindo inútil, fui para o sofá e liguei a televisão. Pouco tempo depois Robert passou por mim, indo em direção ao quarto.

- Banho – informou antes de sumir.

Meia hora depois ele estava

de volta e com um cheiro divino. Vestia uma calça de pijama e uma camisa de algodão sem mangas. Sem muito esforço me levantou sentando de maneira a me deixar entre suas pernas, depois me envolveu com os braços e enterrou o rosto em meus cabelos.

- Onde arrumou tudo isso?

Lógico que se Robert tivesse entrado com uma sacola de viagem ou qualquer coisa que me desse a impressão de que passaria a noite comigo, eu teria notado. Não foi o que aconteceu.

- Estive aqui mais cedo, esqueceu?

- E trouxe essas roupas? Onde estavam?

- Em seu guarda-roupa. Que por sinal está uma enorme bagunça. Confesso que tive medo de colocar minha mão lá dentro e nunca mais conseguir retirá-la – revirei os olhos, incomodada com os comentários sobre a minha “bagunça organizada”.

- Então não meta mais seu nariz onde não é chamado.

- Muito irônico Srta. “passei minha tarde procurando coisas em sua sala” – eu merecia essa.

Cruzei os braços me aconchegando melhor em seu peito.

Robert afagou meus cabelos e massageou meus ombros. Gemi, satisfeita. Meu corpo ainda estava dolorido pelo resfriado e adicionado a ele havia a tensão do nosso início de noite. Mas ele estava cuidando bem de mim. Bem até demais. Utilizando suas mãos para desfazer os nós em meus ombros me ajudando a relaxar.

- Como foi com Nicole?

- Hum! – estava sem vontade de voltar aos assuntos que me deixavam tensa.

- Tão ruim assim?

- Você não faz nem ideia.

Aliás, por que pediu que ela se

afastasse de mim? – tentei virar para encará-lo. Robert, como de costume, me deteve.

- Para evitar situações como essa. Nicole é uma ótima pessoa, mas infelizmente está dominada por Tanya e não há nada que eu possa fazer por hora. Sei que enquanto elas forem amigas, você vai sofrer com toda esta influência negativa.

- Não quero que Nick se afaste. Gosto dela.

- Eu sei – sussurrou em meus cabelos depositando um beijo em minha nuca. – Só estou tentando te proteger. Não quero te ver sofrendo por causa da minha vida.

- Não sei se percebeu, mas já sou maior de idade. Já adquiri muitas experiências no decorrer da minha vida e não me quebro com qualquer problema. Posso suportar a minha amiga me chamando, mesmo sem saber que é a mim que está xingando, de vagabunda.

- Ela o que? – suas mãos pararam. Opa! Foi uma péssima colocação.

- Ela não imagina que eu sou a “vagabunda” em questão.

- Droga, Melissa! Não fale assim. Não acredito que Nicole esteve aqui para atormentar a sua cabeça.

- Ela está preocupada com você. Tanya está usando o seu melhor estilo “esposa traída e apaixonada”. Não posso culpar Nicole.

- Eu posso – Robert recostou a cabeça no encosto do sofá e respirou profundamente. – Às vezes eu gostaria de ter coragem e contar toda a verdade para a minha irmã. Se não fosse por meu pai – ficou tenso e eu reagi na mesma hora sentindo a rigidez do seu corpo. – Era para ser uma noite tranquila.

- Não acredito que já tenhamos vivido alguma noite tranquila desde que nos conhecemos.

Acho até que estou começando a me habituar a isso – Robert riu, mudando outra vez o estado de espírito. Ele me cercou com os braços e beijou o alto da minha cabeça.

- Tem razão. Esse deve ser o meu charme. Com certeza você estava louca para dar uma balançada naquela vida pacata cheia de sexo meia-boca.

- Robert! – ele riu despreocupado. Apesar da alusão a minha vida sexual com Dean, eu gostei de ver o meu amante tão mais à vontade. – Não quero que fale assim do Dean. Ele é uma ótima

pessoa.

- Claro! Pronta para ir para a cama? – olhei para Robert e sorri maliciosamente. Lógico que meu corpo reagiria a uma pergunta como aquela. Nenhuma doença me impediria de estar pronta para o meu amante quando ele me queria. – Dormir, Melissa! – fiz biquinho me sentindo decepcionada. Ele riu. – Você está doente, colabore comigo.

- Estou ótima! Pronta para outra – deixei a coluna ereta e tentei parecer o máximo saudável possível, contudo era visível o quanto ainda estava debilitada e uma sessão de sexo do Robert poderia

complicar bastante as coisas.

- Amanhã – seus olhos me queimaram. A promessa fez meu corpo vibrar. – Prometo que amanhã vou lhe dar uma noite inesquecível – passou os dedos pelo meu rosto lançando chamas em meu interior. Todo meu interior latejava.

- Amanhã então – eu já estava corada e quente. Ele sorriu, daquela maneira que só Robert Carter sabe sorrir.

CAPÍTULO 8

Meu telefone tocou no meio da noite. Confesso que apenas o fato de ele me despertar durante a madrugada, estando dormindo com a minha amante, já me deixava extremamente alerta. Tanya estava atacando e eu precisava encontrar uma forma de impedi-la de atingir Melissa.

Ela apenas se remexeu quando me

movimentei para procurar meu celular. Com muita cautela saí da cama, cobri a mulher que eu amava e deixei o quarto. O celular parou de tocar e em seguida recomeçou. Peguei o aparelho visualizando o nome “Tom” na tela. O que de tão importante havia acontecido para ele me ligar tão tarde?

- Finalmente, cara! – ele começou com urgência na voz. Não me deu tempo de responder. – Conseguimos. Deu o maior trabalho, mas conseguimos. Na verdade tivemos muita sorte, porque Adam Simpson decidiu agir justamente quando estávamos de olho. Abigail também

nos ajudou, afinal de contas foi ela quem pegou uma conversa estranha entre Adam e um casal.

- Espere. São 03:27 da madrugada, Tom. Eu não estou entendendo nada. O que exatamente você conseguiu e o que Adam e Abgail têm a ver com isso?

- Certo. Tudo bem. É que fiquei meio eufórico. O lance da compra e venda de imóveis em nome da empresa, está lembrado?

- Sim. O que você conseguiu?

- Consegui descobrir toda a trama e com essa você poderá colocar Tanya de castigo em um cantinho – ri. – Como eu estava dizendo,

descobrimos uma pista no celular do Adam e aprofundamos mais a investigação. Com a ideia de que era uma fraude imobiliária envolvendo a filantropia do grupo, conseguimos encontrar uma bomba. Não é um esquema muito engenhoso veja bem, a empresa participa de um projeto onde um imóvel é comprado, restaurado e doado para algum grupo ativista, ONG ou qualquer coisa parecida conforme a necessidade.

- Sim, eu sei. Faz parte da nossa meta de contribuição para um mundo melhor. Trabalhamos com muitos países, de diversas maneiras e em

vários segmentos. Tanya é a responsável.

- Exatamente. Tudo acontece com o aval dela. São mais ou menos vinte imóveis doados por ano. Pode ser desde uma simples casa a um prédio inteiro totalmente equipado de acordo com as necessidades da organização, certo?

- Certo.

- Errado. Descobrimos a venda de um destes imóveis. Aliás, de uma mansão magnífica que na descrição passada em um falso contrato de compra para a empresa consta apenas como uma simples casa onde será montado um centro de

recuperação e reabilitação para crianças vítimas de atentado a bombas. A casa foi comprada por um valor relativamente baixo, e a suposta organização que foi beneficiada com o imóvel recebeu um valor relativamente alto para a reforma e compra do material necessário para a sua adaptação e funcionamento, além, é claro, de estar inscrita no programa de doações bimestral para as despesas rotineiras, que envolve outros grupos também enganados por esta farsa.

- Fraude? – olhei rapidamente para o quarto verificando Melissa e

constatando que ela ainda dormia, completamente alheia ao que se passava ao seu redor.

- Robert, Adam Simpson montou um perfeito esquema de compra e venda destes imóveis. Ciente desta realidade nossa fonte interna conseguiu puxar um relatório dos imóveis doados nos últimos quinze meses e “pimba!”

- Pimba? – ri ansioso. Era uma excelente descoberta apesar das circunstâncias.

- Pimba! – Tom riu totalmente entusiasmado. – De posse desta lista fomos verificar as tais organizações, instituições e centros. Adivinhe?

Dos vinte e dois imóveis apenas quatro são utilizados para os fins destinados a eles, os demais pertencem a famílias e empresas. Qualquer coisa exceto algo relacionado às atividades do seu grupo empresarial em prol de um mundo melhor. Aliás, vários imóveis são mansões ou prédios de luxo. Conseguimos uma cópia dos registros dos imóveis que foram vendidos por um valor muito acima do que foram comprados. Ou seja, eles compram barato, reformam e vendem por um valor bem superior ao da compra. Como se trata de uma doação o valor recebido na venda

não retorna à empresa.

- Como poderemos vincular Adam e Tanya a esse esquema?

- Esta é a melhor parte. Adam usa diversas identidades falsas, muitas vezes assinou como o responsável pela organização beneficiada com a doação e depois, com outra identidade, efetuou a venda da casa. Tanya é esperta, ela apenas autoriza a compra e o valor para a reforma, faz parte do trabalho dela, embora dificilmente pudesse alegar que não sabia que se tratava de uma mansão e não de um imóvel comum. De qualquer forma, ela recebe parte do dinheiro em uma conta falsa, depois

o valor é transferido para outra conta em um paraíso fiscal. O mesmo acontece com os valores repassados para a manutenção das instituições.

- Temos como incriminá-la?

- Temos como intimidá-la. Se entregamos o esquema à polícia rapidamente chegarão a ela. Tanya não é idiota.

- Eu não entendo. Que interesse ela teria em se arriscar por valores tão pequenos. Com certeza o que ela ganha com a venda destes imóveis nem se compara com o que recebe de dividendos pelas suas ações. Por que Tanya se arrisca tanto por tão

pouco.

- Ela não está interessada no dinheiro, quer dizer, o dinheiro é importante não por que precise dele e sim porque se ela perder este jogo... Se você conseguir derrotá-la ela destrói o que existe de mais importante para você, o grupo. Gradativamente Tanya vai minando suas empresas e, quando você estiver de posse de todas as ações, o grupo estará totalmente desestruturado e não poderá se sustentar. Já são quatro esquemas fraudulentos se somarmos mais esse, Robert.

- Puta que pariu! – caminhei até a

janela e olhei para fora. Adam passaria um bom tempo na cadeia, mas Tanya, com um bom advogado ela poderia se livrar das acusações. O nome da empresa seria jogado na lama e todo o esforço para convencer o mundo de que éramos confiáveis iria por água abaixo.

- Ela precisa saber no mínimo que você descobriu a existência de um esquema de corrupção na área e você deverá cobrar uma providência da parte dela, com isso os forçará a paralisar suas atividades. Tanya vai deduzir que não conseguimos provas suficientes para incriminá-la, depois, com mais calma, poderemos

pensar em uma maneira de utilizar isso contra ela.

- Perfeito, Tom! Será o suficiente para fazê-la recuar.

- Até porque você não pode agir diretamente contra ela. Tanya tem as merdas dos vídeos.

- É. As merdas dos vídeos que você não consegue descobrir onde estão.

- Ela vai acabar deixando escapar alguma pista e quando acontecer estaremos prontos. Nós a pegaremos.

- Precisamos fazer isso.

- Vamos fazer isso.

- Ok! Mais alguma coisa?

- Sim. Como não podíamos parar as investigações só porque descobrimos o esquema dos imóveis, pedi um relatório dos valores das doações para diversos projetos e veja só, mais fraudes. Valores altos doados para projetos “fantasmas” em países devastados pela fome, guerra e epidemias. Lugares distantes o suficiente para ninguém se interessar em viajar para verificar.

- Quem mais está envolvido?

- Um grupo pequeno. Tanya, Adam e mais alguns comparsas.

- E Frank?

- Não. Ele mais uma vez não

faz parte do esquema.

Coitado! Frank era apenas uma diversão para Tanya. Eu não entendia a necessidade dela em manter aquele caso, se ele não era uma peça do seu jogo.

- Tudo bem.

- Amanhã mandarei alguém lhe entregar o relatório. É importante que seja em mãos, você sabe.

- Por mim tudo bem. Podemos nos encontrar à noite?

- Não. Depois desta boa notícia eu tenho que festejar e como não poderia deixar de ser, comemorarei, e muito bem, com

Melissa – ele riu.

- Ok! Que horas então.

- Durante o almoço. Agora preciso voltar para a cama, tenho um grande evento para amanhã.

Desliguei e continuei encarando a noite fora do apartamento. Estava tudo calmo. Em algum lugar dois homens cuidavam para que tudo estivesse bem enquanto eu tentava manter a segurança de Melissa.

Melissa!

Eu a amava tanto! Receber aquela ligação aqueceu meu coração entupindo-o de esperança. Aquele inferno teria um fim. Era só

descobrir onde Tanya escondia os vídeos e depois encontrar a senha, o que eu tinha contra ela era o suficiente para mantê-la longe de mim. Era melhor não abusar da sorte. Eu precisava anular completamente a minha esposa. Tirá-la de combate. Assustá-la o suficiente para que desaparecesse e não voltasse nunca mais.

Era o melhor a ser feito. Por mim e por Melissa. Tanya precisava sumir.

A filha da puta estava, outra vez, roubando o meu patrimônio. Dilapidando seus próprios bens e tudo isso apenas para se vingar de

mim. Única e exclusivamente para me destruir. Tudo isso porque eu descobri o que ela tanto se empenhava em esconder a sua loucura. Céus!

Melissa gemeu no quarto, como se estivesse tendo um sonho ruim. Instintivamente caminhei de volta para o quarto e sentei ao seu lado na cama. Ela suspirou e balançou vagarosamente a cabeça, me aproximei e acariciei o seu rosto. Ela sorriu e se inclinou em direção a minha mão.

- Robert, eu amo você – sussurrou. – Fique.

Eu ficaria. Uma vida inteira

se fosse necessário. Somente para ouvi-la repetir que me amava. Quando eu poderia imaginar que minha vida mudaria tanto em tão pouco tempo? Eu era um homem despedaçado, corroído, destruído por um conjunto de acontecimentos que iniciaram quando vi Tanya pela primeira vez, ainda uma menina e me apaixonei. Eu me apaixonei.

Ela era a garota mais incrível que eu já havia conhecido. Inteligente de uma maneira única. Única até demais. E linda, até demais também. Um conjunto perfeito e perigoso. E eu me apaixonei ao ponto de acreditar em

todos os seus sorrisos, de não enxergar os sinais. Tanya era um monstro, algo que eu nunca descobriria se não tivesse tomado aquela decisão.

Olhei para Melissa novamente e senti paz, como há muito não me permitia sentir. Era ela, eu tinha esta certeza. Melissa era a mulher da minha vida e não Tanya. Nunca Tanya. E agora eu tinha a chance de recomeçar. Não. De construir um novo caminho. Um caminho só nosso.

Deitei ao seu lado e abracei seu corpo quente. Ela se aninhou em meus braços, manhosa e receptiva.

- Eu te amo – murmurou e suspirou voltando a se perder em sonhos.

- Eu também amo você, Mel. Muito!

Acordei com ela ainda em meus braços. Seu rosto sereno, a pele clara, os cabelos escuros e os lábios entreabertos, rosados, lindos. Seu corpo, totalmente agarrado ao meu, estava coberto apenas pela fina camisola de seda, suas pernas desnudas, enroscadas nas minhas, como uma visão do paraíso. Sorri e

desejei aquela mulher em minha vida por uma eternidade.

Saí da cama sem querer acordá-la. Mesmo com um tesão filho da puta por Melissa, e apesar de adorar transar com ela pela manhã, sentindo o seu corpo dengoso tomado pela preguiça matinal, e sua entrega lenta, preferi aguardar até a noite e desfrutar de momentos inesquecíveis ao seu lado.

Deixei um recado “*Não se atrase*” e adorei provocá-la, mas lamentei não estar presente para ver a sua reação. Paciência! Tudo no seu devido tempo. Para alguém que esperou uma vida inteira para

encontrar a mulher da sua vida, o que são mais algumas horas. Havia muito a ser feito.

Assim que saí do prédio liguei para Tanya.

- Saudades? – depois do que aconteceu era uma missão quase impossível Tanya sem demonstrar todo o meu ódio.

- Nunca – ela riu sem se deixar abater.

- E a que devo a honra de receber uma ligação sua a esta hora? Em Chicago ainda é muito cedo.

- Descobri um esquema fraudulento de compra e venda de imóveis que deveriam ser doados para a

instalação de ONGs, grupos e instituições. Enfim, doações que deveriam atender à população carente, envolvendo nossas empresas e um grupo, organizado e comandado por você, que se responsabiliza pela manutenção de diversas instituições espalhadas pelo mundo. Ou seja, alguém está nos roubando descaradamente e o que é pior, bem debaixo do seu nariz.

Tanya nada respondeu. Eu podia jurar que ela estava nervosa, apreensiva. Por essa minha esposa não esperava. Eu não podia entrar em detalhes, precisava fazê-la

acreditar que não havia chegado até ela.

- Não sei do que você está falando, mas pelo que entendi é uma denúncia grave – sua voz parecia desesperada. Eu sabia que não era pelo roubo em si e sim pelo medo do seu nome ser envolvido no esquema.

- É grave. Muito grave. E você é responsável pelos assuntos relacionados ao filantrópico. Limpe esta merda, Tanya, antes que ela espirre em você. Eu quero os responsáveis. Vamos acusá-los. Quero todos na cadeia. Não vou admitir...

- Calma! Você tem certeza? Como? De que forma?

- Eu sei e tenho provas, só preciso chegar aos responsáveis. Aliás, você é a responsável – podia jurar que ela teria uma síncope. – Já que é a responsável por esta parte, aguardo suas providências – e desliguei sem me despedir.

Sorri satisfeito. Havia conseguido amedrontá-la. Ela sabia que estava contra a parede. Era só aguardar que recuasse, enquanto isso eu festejaria com Melissa, a mulher da minha vida. Peguei o celular e liguei para uma... Amiga. Ela poderia me ajudar a organizar nossa comemoração.

- Robert Carter? Nem consigo acreditar. E a esta hora? Algum motivo em especial?

- Muito especial, Susy. Preciso de sua ajuda.

- E por que será que eu estou com a impressão de que ficarei enciumada? – gargalhei.

Susy era uma ótima... Amiga. A mais tranquila e bem-humorada. Nosso relacionamento nunca foi recheado de cobranças ou ressentimentos. Nos encontrávamos, conversávamos, transávamos e íamos embora.

- É uma nova amiga?

- É uma pessoa muito

especial.

- É?

- Sim.

- E o que posso fazer por você?

Conversamos por mais ou menos vinte minutos e eu desliguei com a certeza de que tudo aconteceria com perfeição. Tudo. Entrei em meu apartamento ansioso demais para encontrá-la. E como será que ela reagiu ao perceber que eu não estava mais lá? Tomei um banho, escolhi as roupas, arrumei meu material e fui ao seu encontro.

Mas Melissa estava atrasada. Era um dos seus pecados. Uma

ótima profissional que nunca conseguia cumprir seus horários. Assim que cheguei em minha sala ouvi o elevador e pensei ser ela. Era Bruno.

- Bom dia! – seu humor matinal esplêndido não me aborreceu naquele dia. Eu estava em êxtase.

- Bom dia! Como vai, Bruno? Quando pretende parar de enrolar Alexa?

- No mesmo dia que você deixar de enrolar Tanya – olhei rapidamente para o meu irmão, ele sorria. – Como vão as coisas com Melissa?

Suspirei. Claro que eu havia contado para o meu irmão sobre o meu envolvimento com minha secretária. Desde que o ajudei a enxergar a realidade, ele me apoiava incondicionalmente. Também sabia de boa parte dos problemas que Tanya causava.

- Caminhando para um final feliz – percebi o brilho em seus olhos. Bruno desejava a minha felicidade e sabia que meu envolvimento com Melissa havia me devolvido um pouco do gosto pela vida.

- Que bom! Preciso da sua ajuda para a campanha de fim de

ano. Vamos projetar a imagem de algumas empresas do grupo. Existe uma campanha.

Liguei meu computador e acionei meu brinquedinho preferido desde que Melissa ingressou naquela empresa: minhas câmeras de segurança. Eu adorava assisti-la através daquelas lentes, podia observar a verdadeira Melissa, a que se desprovia de barreiras para ser apenas ela mesma, e ela era linda!

Dispendemos um tempo conversando sobre as estratégias, as ações e Bruno, como sempre, conseguiu me ajudar muito com

algumas ideias. Até que ela apareceu. Seu carro velho captou minha atenção assim que passou pelos portões. Eu precisava arrumar dar um jeito de trocá-lo. Aquilo era uma ameaça a humanidade. Quase ri, mas Bruno ainda falava continuava falando sobre as estratégias que utilizaríamos para as nossas empresas de manipulação.

Minha amante desceu e olhou o céu, provavelmente admirando o tempo. Sim, eu também havia feito esta observação. Era um dia lindo e perfeito para me perder naquela mulher. Mordi o lábio e me forcei a olhar para meu irmão, balançando a

cabeça e concordando quando necessário. Merda! Melissa estava tirando o meu foco e o pior era que eu estava me deleitando com isso.

Ela entrou no elevador, passou as mãos repetidas vezes pelos cabelos, conferiu a maquiagem, cumprimentou alguns colegas, foi observada por muitos. Também, aquele vestido revelava e realçava demais suas belas curvas. Não consegui controlar e minha língua estalou. Bruno entendeu como se estivesse desdenhando o que ele dizia. Era melhor prestar mais atenção na conversa, mas eu falhava descaradamente.

A porta do elevador abriu e ela saiu, parando por alguns segundos para olhar em minha direção. Fingi não perceber, ela suspirou e umedeceu o lábio inferior, depois sorriu dos próprios pensamentos e eu podia jurar que estes não eram nada adequados para aquele momento. Droga! Eu a desejava, muito!

- Este é o projeto – Bruno me passou um bloco de papéis e precisei desviar a atenção da minha secretária. Ele olhou para o lado percebendo-a e sorriu maliciosamente. – Ela ainda não sabe que eu sei?

- Não. Ela detesta ser a amante, então quanto menos se sentir exposta, melhor – ele concordou. Abri o projeto e comecei a analisá-lo.

- Ela é louca por você. Tenho certeza que foi uma boa escolha.

- Não diga como se fosse uma boa negociação, Bruno. Melissa é a mulher da minha vida. Quero ficar com ela o resto da minha vida.

- Eu te entendo e fico feliz, apesar de tudo.

Eu ia responder, mas meu telefone tocou indicando que a minha secretária desejava falar comigo.

- Ok. Ora de interpretar o chefe carrasco – Bruno falou baixo antes de eu atender o telefone. – Eu serei o colega bonzinho – e piscou sorrindo.

Assumi minha postura CEO e apertei o viva voz.

- Atrasada.

CAPÍTULO 9

Antes mesmo de abrir os olhos percebi a ausência do Robert na cama. Fiquei parada, tentando absorver qualquer movimento que entregasse a sua presença. A casa estava totalmente silenciosa. Como se ele nunca tivesse estado lá. Eu até acreditaria nisso, se seu cheiro não estivesse impregnado em meu travesseiro.

Como deduzi, ele já tinha saído. Como não podia deixar de ser, deixou um bilhete “não se atrase”. Ri satisfeita.

Pensei nos últimos dias. Abby me pedindo ajuda, Nick fechando o cerco para ajudar Tanya a destruir meu relacionamento, Robert me contando que transou com a esposa, mesmo contra sua vontade ou sem seu consentimento. Puta merda! Puxei o lençol e cobri o rosto desejando me esconder de toda aquela loucura. Bem que podia ser tudo um pesadelo.

Não era. O melhor a fazer era levantar e encarar a vida de frente

impedindo-a de me atropelar. Tomei banho, forcei-me a comer alguma coisa, escolhi uma calça preta, justa ao corpo, uma camisa branca de manga, com babados na frente, olhei no espelho e me achei com cara de executiva. Hum! Talvez com cara de secretária eficiente de um CEO controlador e obcecado por horário. Esse era o meu homem.

Como de costume, o problema de chegar em cima do horário era encontrar uma vaga. Todos os dias eu praguejava e amaldiçoava aqueles que chegavam cedo por conseguirem estacionar seus carros em um lugar mais próximo da

entrada do prédio. Corri para alcançar o elevador constatando que estava atrasada.

De novo. Eu nunca me encaixaria!

Merda! Por que eu era a única que não me adaptava ao horário da empresa?

Respirei três vezes, bem profundamente e mentalizei outro atraso do meu chefe. Nesse caso ele não teria como me censurar. Fui jogada na realidade assim que as portas do elevador abriram e revelaram Robert em sua sala, lindo, envolvido pelo trabalho. *“Eu devia ter acordado mais cedo para*

aproveitar a companhia do meu amante” suspirei.

Bruno estava com ele. Os dois conversavam calmamente e conferiam papéis sobre a mesa. *“Ok. Hora de fingir indiferença profissional”*. Guardei a bolsa, fiquei com o *Iphone*, liguei o computador e telefonei para a sala do Sr. Carter.

- Atrasada – ríspido e seco. Soltei o ar dos pulmões.

- Sr. Carter, meu namorado esqueceu de me acordar, muito provavelmente porque teve medo do que eu faria assim que tivesse consciência do seu corpo ao lado do

meu. – a risada estrondosa de Bruno Carter alcançou o meu ouvido.

Putá. Merda!

- Viva voz, Srta. Simon – rosnou do outro lado.

- Oh, merda! – fechei os olhos com força e implorei para que o prédio desabasse.

Certo. O prédio não desabaria então eu precisava levantar a cabeça e dar um jeito de desfazer, ou simplesmente esquecer, o deslize.

- Bom, Sr. Carter, estou aguardando suas instruções. Bom dia, Bruno!

- Bom dia, Melissa! – respondeu ainda rindo.

- Preciso de uma lista de fornecedores. Tem um e-mail em sua pasta, com a solicitação. Encaminhei uma pesquisa sobre o mercado sul-americano, todas as especificações estão em seu e-mail. Preciso de tudo até o final da manhã. Frank entrará em contato sobre um contrato que preciso reavaliar. É muito provável que alguém o traga. Entendeu? – revirei os olhos, ciente de que ele estava bem atrás de mim, separado apenas por uma parede de vidro.

- Sim, Sr. Carter – tentei não ser irônica. – Algo mais?

- Sim, uma xícara de café com creme, pouco, e... Quer alguma

coisa, Bruno? – tive vontade de xingar, mas me contive.

- Um copo com água, por favor! – o humor na voz do irmão do meu chefe me deixou ainda mais irritada.

- Rápido, Srta. Simon – foi incisivo. Um perfeito filho da puta mandão.

Olhei para a tela do computador e quase chorei com o número absurdo de mensagens que precisavam ser verificadas. Tive medo de não dar conta de tudo até o final da manhã. Fui até a copa, coloquei os grãos na máquina e voltei para atender ao telefone que

não parava de tocar.

- Melissa? – Tanya. Merda!
Era tudo o que eu precisava para
melhorar minha manhã.

- Sim, Sra. Carter – agradei
por ela não poder ver minha careta
de desagrado.

- Preciso falar com o meu
marido, passe para a sala dele, por
favor! – fria, distante e superior.
Igualzinho ao Robert.

- Sim, senhora – transferi a
ligação com o olho na máquina de
café que avisava estar com tudo
pronto.

- Srta. Simon – a voz firme de
Robert fez meu coração bater mais

forte. Eu precisava me acostumar. Para mim era difícil encarar com naturalidade o fato de interagir com ele e a esposa de maneira tão dissimulada.

- A Sra. Carter na linha – manteve distância das emoções.

- Pode passar – percebi que sua voz ficou um pouco mais pesada e rouca, assim como podia ter certeza de que atender aquela ligação não o agradava nem um pouco.

Desliguei a cafeteira, servi a caneca do chefe, coloquei água no copo, arrumei tudo em uma bandeja e segui para sua sala. Robert

conversava ao telefone com Tanya. A voz ríspida e cortante. Bruno, inquieto, olhava para todos os lados, nunca para o irmão. Era mesmo desagradável presenciar a forma grosseira como ele tratava a esposa. Eu sabia o motivo e o entendia, mas será que seu irmão compreenderia?

- Não me venha com esta desculpa, Tanya. É sua obrigação – seu olhar alcançou o meu e pude sentir a raiva que ele transmitia.

Coloquei a bandeja sobre a mesa, entreguei a água a Bruno, que piscou para mim e abriu um lindo sorriso com covinhas. Sorri em resposta, sem saber como agir diante

da conversa de Robert com a esposa. Coloquei diante dele a caneca fumegante de café com creme. Era estranho. Ele gostava de café puro e forte.

- Resolva este problema ou então o levarei ao conselho e não vou poupar esforços para te interditar – Robert bateu o telefone e fechou os olhos com força. Quando os abriu toda a raiva havia se dissipado. Ele sorriu para mim e pegou o café.

- Mais alguma coisa, Sr. Carter? – eu me derretia naquele olhar morno. Como ele conseguia, depois de uma explosão de raiva,

me olhar com tanta ternura?

- Sim, Srta. Simon. Na verdade eu fiquei muito intrigado a respeito do que você faria com o seu namorado ao constatar o corpo dele junto ao seu e ainda mais sobre o motivo dele para fugir disso.

Meu rosto queimou. O que Robert estava tentando fazer? Fiquei paralisada. Meu olhar vagou entre o meu chefe, que sorria descaradamente para mim, e o seu irmão, que tentava bravamente conter sua risada.

- Bom... – articulei, mas nada me vinha em mente.

- É estranho um homem fugir

pela manhã bem cedo depois de dormir ao lado da namorada – Bruno compactuou. Se existia uma forma de meu rosto ficar mais corado, era aquela.

- Meu namorado é um idiota – olhei para Bruno tomando coragem. – Por este motivo ele fugiu. Se não fosse, teria ficado para saber o que eu faria. Pelo visto, o melhor a fazer é trocar de namorado. Este é o problema de namorar homens mais velhos – olhei para Robert que estreitou os olhos com a minha resposta. – Eles não conseguem acompanhar o ritmo das suas namoradas mais jovens, então... O

homem acaba sem saber o que fazer e a namorada carente tendo que aceitar convites de terceiros.

Bruno riu alto, como só ele conseguia fazer. Robert exibiu um sorriso torto, provocante e cheio de malícia. Eu sabia que meu discurso teria consequências, algo lá no fundo me alertava de que seriam incrivelmente gostosas.

- A lista de fornecedores – cobrou. Era a minha deixa para sair.

Quando cheguei à mesa, já estava um verdadeiro caos. Os e-mails triplicaram, o fax informava a falta de papel e o telefone tocava sem parar. Iniciei imediatamente as

minhas tarefas.

Não percebi quando um dos boys da empresa parou em frente à minha mesa, pigarreando. Levantei os olhos encarando um enorme buquê de rosas vermelhas e duas caixas azuis com laços. O rapaz de aparelhos nos dentes, muito magro e cabelo cortado no melhor estilo “militar” me encarava ansioso.

- Entrega para a Srta. Simon – demorei alguns segundos para entender que eram para mim. Quase caí da cadeira quando finalmente compreendi.

Oh, droga!

- Ah! Como? – pensei em mim

como uma pessoa com problemas mentais. Na certa era assim que o rapaz me via naquele momento.

- Para a Srta. Simon – retirou o fone dos ouvidos e olhou o papel em sua mão para se certificar de que não estava entregando à pessoa errada.

- Tudo bem. Sou eu – minhas mãos tremiam e minha voz fraquejou.

O que significava aquilo? Peguei o papel que ele me estendia e assinei no local indicado. O rapaz imediatamente foi embora, sem aguardar pelo elevador. Olhei as flores procurando pelo cartão.

“Não existe maneira de me desculpar por hoje. Como sou obcecado por horário, aviso previamente que a senhorita está convocada para um jantar especialmente elaborado, onde poderei me redimir da maneira correta. R.”.

Logo abaixo tinha um PS.:

“Siga corretamente as regras”

Que regras?

Fiquei confusa e emocionada

com a atitude do meu amante. Ele era incrível! Eu o amava. Por alguns segundos me senti culpada pelas palavras proferidas em sua sala. Será que Robert levou a sério a minha história de trocar de namorado? E a de eu aceitar convites de terceiros? Tremi. Droga! Ele tinha um plano para nós dois.

Peguei a primeira caixa e sorri. Chocolates. Robert era perfeito!

Na segunda havia outro cartão. No envelope estava escrito “segredos”. Mais uma vez não entendi. Abri a caixa e fiquei imediatamente vermelha. Dentro

havia somente uma pequena peça, totalmente sugestiva. Em meio ao papel fino, típico de presentes, estava uma cinta-liga preta, com dois pequenos laços rosa. O que Robert pretendia? Como poderíamos combinar um jantar com aquilo me encarando?

- Uau! – ouvi a voz de Bruno logo atrás de mim. Rapidamente fechei a caixa em um baque. Meu coração acelerou. O que ele viu? - Eu disse que você estava cheia de admiradores. Flores, chocolates. O que tem dentro desta outra caixa? – foi logo tentando levantar a tampa.

- Nada que seja da sua conta,

Bruno – puxei a caixa de perto dele. Meu rosto estava tão quente e vermelho que eu podia estar bem perto de um ataque nervoso.

- Hum! Segredos, hein? – falou em tom conspiratório. – Estou de olho em você, Mel – piscou se divertindo com o meu constrangimento. Eu me senti ameaçada e não consegui rir. – Calma! É uma brincadeira. Não precisa desmaiar.

- Bruno, deixe a Srta. Simon em paz e vá cuidar do seu trabalho – Robert se aproximou de nós dois.

Não sei se fiquei aliviada ou ainda mais sem graça. O que ele

estava fazendo? Não imaginou que chamaria muita atenção? E como podia me enviar uma peça tão íntima e sugestiva? Tentei encontrar o ar, este estava pesado demais para aliviar os meus pulmões.

Bruno saiu em seguida, fazendo brincadeiras a meu respeito. Assim que o elevador fechou Robert me olhou preocupado.

- Você está bem?

- O que significa...

- Depois, Mel! Preciso da documentação do pessoal do financeiro da filial 09 – parei chocada, completamente sem reação. Como poderia trabalhar naquele

estado? Nem sentia o chão debaixo dos meus pés.

Robert sorriu da maneira que só ele sabia fazer, prendendo-me ainda mais em seus encantos, e se aproximou com intimidade. Seus dedos acariciaram do meu queixo até a orelha. Gentilmente, depositou um beijo leve e casto no canto dos meus lábios e voltou a sorrir.

- Os documentos, amor. Preciso deles – e saiu para a sua sala sem acrescentar nada.

Putá merda! Aquele homem um dia me mataria.

Respirei profundamente, passando a mão nos cabelos, como

ele fazia. Virei para observá-lo, Robert estava de volta ao modo “CEO”, totalmente concentrado em seu trabalho. O melhor a fazer era cuidar do meu. Providenciei a documentação solicitada e lhe entreguei. Ele nada disse, nem fez.

Era frustrante!

Consegui arrumar a lista de fornecedores. Ele solicitou uma pesquisa com pelo menos três de cada tipo de produto em cada local onde havia uma fábrica do grupo. Demandou um certo trabalho para conseguir, mas já estava com tudo pronto.

Uma hora depois do primeiro

presente o mesmo rapaz estava de volta levando outro buquê de rosas vermelhas e mais duas caixas. Seu sorriso era imenso. Com certeza aquelas entregas seriam o assunto do dia. Robert só podia estar louco. Assinei e procurei pelo cartão.

“Adorei poder voltar a sentir seu corpo no meu. Esta noite farei isso da maneira certa, mas sua pele terá um sabor diferente.”

Sabor diferente? O que ele queria dizer com aquelas palavras?

Imediatamente senti necessidade de suas mãos em mim. O que Robert queria? Enlouquecer-me aos poucos? Peguei a caixa

comprida e antes mesmo de abrir imaginei o que continha. Uma garrafa de vinho. Mordi os lábios pensando em como ele seria consumido. A segunda caixa também continha o cartão escrito “Segredos”. Tive o maior cuidado ao abri-la e novamente fiquei vermelha.

O papel vermelho dava uma sensação especial ao visualizar as meias finas 7/8, pretas, com bordado na altura da coxa. Deus! Eu nunca havia usado nada parecido.

No fundo da caixa havia outro bilhete.

“Estas meias devem estar nas

suas coxas roliças e claras, para que *eu possa tirá-las. Com os dentes*".

Putá. Merda! Tudo da minha cintura para baixo e das coxas para cima, se contorceu.

Virei para a sala atrás de mim, Robert não estava me olhando. Suspirei resignada. Nada podia fazer a não ser aguardar. Levei tudo para a copa, na expectativa do que viria em seguida. Se ele me deu a cinta e as meias, com certeza o restante chegaria logo.

Como havia imaginado, uma hora e meia depois, o rapaz estava de volta. Desta vez com rosas vermelhas, e apenas uma caixa, um

pouco maior que as outras. Seu olhar demonstrava a curiosidade que o consumia. Fiquei séria, assinei o papel, e esperei que saísse, um tempo que me pareceu uma eternidade. Com certeza toda a empresa já sabia que algum louco estava me enviando flores e presentes a cada hora. Implorei mentalmente para que ninguém desconfiasse que o louco em questão era o meu chefe e também amante.

Mais um cartão. O que ele seria desta vez?

“Cabeça nas alturas, delirando de prazer. Esta noite a farei tirar os pés do chão. Você não

tem ideia do quanto estou ansioso por isso.”.

Abri imediatamente a caixa e dei uma risada alta. Um par de *scarpin* pretos com saltos altíssimos.

No fundo, outro cartão.

“Não será desta maneira que farei seus pés saírem do chão, mas minha fantasia não seria completa sem os seus saltos altos”.

Voltei a rir. Robert era fantástico! Meu telefone tocou. Era ele.

- Poderia me trazer um café?
— pediu casualmente, sem demonstrar nenhum sinal do que

estava fazendo.

Mais café?

- Com creme ou puro, Sr. Carter? – entrei em seu jogo.

- Puro, Srta. Simon, obrigado!

Era um ótimo ator. Fui até a copa, levando mais aquela caixa e as flores, coloquei junto com os outros presentes e me ocupei do café do “Sr. Carter”. Com tudo pronto, entrei em sua sala, fazendo questão de disfarçar a minha ansiedade.

- Algo mais, Sr. Carter?

Robert me fitou de maneira quente. Seus olhos percorreram meu corpo lentamente, como se saboreasse cada pedacinho de mim.

Eu me senti completamente tocada. Puta merda! Como ele conseguia?

- Mais tarde, com certeza, Srta. Simon – achei que meu corpo entraria em combustão espontânea. Quantas promessas naquelas simples palavras.

Uma hora depois o rapaz estava de volta. O imenso sorriso dele me deixou constrangida. O que aquele garoto sabia a respeito daquilo tudo? As caixas estavam devidamente lacradas, o que me deixou mais tranquila. Outra vez fiz cara de má quando assinei o papel. Ele sorriu largamente e saiu sem pressa. Assim que sumiu das minhas

vistas peguei o cartão.

“Em suas curvas eu quero me aventurar. Minhas mãos sedentas desejam seus seios e meus lábios imploram pelo seu suave e rosado gosto.”

Rosado.

Ele sugeria a cor dos bicos dos meus seios. Meu Deus! Eu estava muito excitada.

Abri a caixa e encontrei um sutiã meia taça que com certeza daria mais volume. Seguia o padrão das demais peças. Preto, com dois pequenos laços rosa, um detalhe me deixou envergonhada, apesar de estar sozinha com os meus presentes.

O bojo era de uma renda fina e transparente com uma fenda no meio que dava livre acesso aos bicos. Robert teria uma visão perfeita do rosado que tanto desejava sentir o gosto. Suspirei.

Tirei da caixa o bilhete que acrescentava uma regra.

“Seus seios devem estar devidamente cobertos pelo sutiã. Ao meu sinal, você deverá oferecer-me o acesso deliciosamente projetado”.

Não tive coragem de checar se ele estava ou não me analisando. Arrumei tudo na copa, imaginando de que forma conseguiria levar todos aqueles presentes para casa.

O telefone recomeçou a tocar, fazendo-me correr para assumir meu posto. Minha rotina era sempre uma loucura. Quando estava finalizando o contato com a filial 09, confirmando o recebimento da documentação solicitada, ele passou parando a diante de mim. Suas mãos sustentaram seu peso apoiando-se na mesa e ele se inclinou para beijar meu pescoço. Pensei que minha respiração nunca voltaria ao normal.

- Certo — continuei a conversa. — Não se preocupe, Sra. Hernandez.

Robert continuou com a brincadeira. Sorrindo como um

diabo tentando uma freira, roçou o nariz da ponta da minha clavícula até minha orelha e quando chegou ao seu destino, deixou que a língua me enlouquecesse.

- Não – gesticulei sem emitir som. Ele riu baixinho. – Claro, Sra. Hernandez! Tudo será devidamente providenciado.

- Eu amo você – sussurrou em meu ouvido.

Putá merda! Como podia?

- Oh, sim! Sim! Desculpe, acabei me distraíndo com o fax, mas como estava dizendo, sua reunião já está agendada e o Sr. Carter já está ciente – Robert mordeu minha

orelha. A pressão reverberou em diversas partes do meu corpo. – Para a senhora também – desliguei imaginando como sobreviveria até a noite. – Você enlouqueceu?

- Sim – me agarrou. Puxando-me em sua direção, mas a mesa entre nós dois não permitiu maior proximidade. – Louco por você!

Seus lábios tocaram os meus distribuindo choques por toda a minha corrente sanguínea. Correspondi incapaz de lutar contra. E eu não lutaria. Nunca mais. Naquele exato instante ouvimos o familiar barulho do elevador, indicando a sua chegada.

Imediatamente Robert se afastou. Pensei que cairia. Puxei o ar com força, equilibrando-me.

- Vou almoçar, Srta. Simon. Volto mais tarde – e virou a tempo de dar de cara com o rapaz das entregas, que carregava o buquê de rosas vermelhas.

Enquanto ainda reorganizava meus pensamentos, vi Robert passar por ele e seguir em direção ao elevador, antes de suas portas fecharem ele piscou para mim, sustentando aquele sorriso diabólico. Céus!

- Sem caixas desta vez – o rapaz disse sorrindo de maneira

conspiratória. Tive ímpeto de mandá-lo a merda. Só peguei o papel, assinei e devolvi. Aguardei que descesse para ler o cartão.

“Nada de comida pesada, quero você muito bem-disposta. Bom almoço!”

Claro que meu sorriso foi gigantesco. Poderia existir mulher mais feliz do que eu? Até poderia. Mas nada estragaria o meu momento.

Almocei com Nicole e Alexa, como fazia sempre que meu chefe resolvia almoçar fora. Robert saíra para encontrar alguém. Tanya eu sabia que não era, afinal ela estava viajando. Ele não me deu nenhuma

pista do que estava fazendo. Preferi não me preocupar com esse detalhe.

Nick estava feliz, contando quase todos os detalhes da sua curta viagem com Paul durante o final de semana. Eles foram para Nova York. Eu não sabia o que a deixava mais feliz, se o seu momento ao lado do namorado ou as compras que fez para o fim do ano.

Nicole era impossível! Eu gostava dela assim. Graças a Deus, elas ainda não sabiam das flores, nem dos presentes, mas perceberam que eu não estava tão abatida como nos últimos dias e muito mais falante do que o normal. A minha felicidade

me fazia rir e falar o tempo todo. Robert me fazia bem, apesar de não será exatamente da forma como gostaria.

- Sinto um dedo do Dean aí – Nicole provocou. Alexa apenas me lançou um olhar cúmplice. Claro que ela sabia que Robert estava de volta.

- Não há nada de novo em minha vida, Nick – tentei despistar, porém sabia que não seria muito fácil fazer isso com a irmã do meu chefe. – Dean e eu continuamos distantes. Não estou fazendo nenhum esforço para mudar a nossa situação. Nosso relacionamento já chegou até onde poderia chegar – ela me

encarou com preocupação.

- Foi isso que te deixou tão pra baixo? – sorriu demonstrando compreender a minha situação.

- Foi a soma de tudo... Eu acho. Estou melhor e muito animada.

- Bem até demais – Alexa não deixou de alfinetar. – Pense melhor a respeito do Dean, às vezes tomamos decisões precipitadas.

Engoli em seco. Era complicado rebater qualquer comentário da Alexa, pois não queria chamar a atenção da Nick para o que realmente havia por trás dele. Sorri sem muito entusiasmo.

- Hora de voltar a realidade.

Não posso me atrasar – levantei deixando-as no local.

- Com o chefe que você tem é melhor não abusar mesmo. Eu vou ficar e aproveitar a sobremesa – Nick logo se distraiu, avaliando o cardápio. Acenei para as duas e fui embora.

Voltei para a sala ansiosa pelo que ainda viria. Tão logo cheguei o rapaz das entregas apareceu, ele não sorria como das outras vezes. Talvez já estivesse cansado de tantas subidas e descidas, por isso exibia um ar de tédio. Não tive paciência para esperá-lo desaparecer. Enquanto

ainda aguardava o elevador, abri o cartão.

“Amo sentir o aroma que exala de ti. Amo tocá-la. Amo seu pescoço. Acima de tudo, amo percorrê-lo com os lábios e as pontas dos dedos, roçando a clavícula enquanto saboreio seu gosto.”

Instintivamente levei a mão ao pescoço onde mais cedo ele havia brincado com a minha sanidade mental. Era como se ele estivesse ali, me tocando e provando. Nossa! Robert conseguia deixar de pernas bambas, mesmo estando longe de mim.

Duas caixas, menores do que as outras estavam em minha mesa. Abri a primeira e nela encontrei um pequeno frasco de perfume. Absinto. Afrodisíaco. Era simplesmente espetacular! No cartão desta estava escrito

“Apesar de amar seu cheiro natural, desejo sentir este em seu corpo esta noite. Você deve usá-lo, em pequena quantidade, na clavícula, pulsos, pescoço, nuca, umbigo, nas coxas, próximo a sua melhor parte e nos tornozelos.”

Guardei o bilhete, totalmente faminta por aqueles momentos. Minha “melhor parte” já

correspondia aos seus anseios. Estava começando a gostar das regras. Robert queria brincar, então... Por que não?

A segunda caixa era de veludo. Abri com cuidado e fiquei chocada. Continha um colar de pedras brilhantes, eu não poderia identificar o que era, algo em meu íntimo me levava a pensar que eram diamantes. Também havia uma pulseira, seguindo o mesmo desenho do colar e um par de brincos, com a mesma pedra. Robert só podia estar maluco. Peguei o cartão e abri atordoada.

“Nenhuma joia supera o valor

que você tem para mim. Te amo!”

As lágrimas se formaram tentando forçar sua saída. Robert, um romântico. Quem diria?

- Nossa! O que significa isso?

– Nicole quase gritou ao sair do elevador. – Flores e presentes? Está me cheirando a namorado novo – ela rapidamente estava ao meu lado. – Deixe-me ver.

Por muito pouco Nick não conseguiu pegar o bilhete com as regras que Robert determinar para mim, ele mesmo a deteve, bem a tempo. Meu coração perdeu uma batida.

- Nicole! Não sabe que não

deve abrir as correspondências dos outros? Isso é crime – minha amiga revirou os olhos. Robert conseguiu fazer com que ela desistisse de pegar o cartão.

– Melissa não se importa. Não é, Mel? – as palavras ficaram presas em minha garganta.

– É claro que ela se importa – meu chefe parecia irritado. – Srta. Simon guarde logo isso e venha até a minha sala.

– Tem mais? – Nicole perguntou empolgada. – Melissa Simon, você recebeu flores e presentes o dia inteiro e não me contou? – mais uma vez fiquei com

as palavras presas. Meus olhos estavam arregalados e tornou-se impossível esconder o quanto a situação me angustiava.

— Nicole, se quer que eu assine as autorizações para as festas do final de ano venha imediatamente a minha sala, ou então só amanhã — Nicole instantaneamente perdeu o interesse em meus presentes e correu para a sala do Robert — Srta. Simon, estou aguardando.

Piscou para mim com um aquele sorriso travesso e diabólico, que o deixava bem mais jovem, se aproveitando do fato de Nicole estar entrando em sua sala. Ainda trêmula,

peguei as joias e joguei dentro da bolsa. Nicole nunca poderia descobri-las. Fiz o mesmo com os cartões. Só depois corri para a sala dele, onde passei um bom tempo anotando tudo o que Nick solicitava. Rezei intimamente para que nada mais chegasse enquanto ela ainda estivesse lá.

Deu certo. Alguém no céu gostava de mim. Nicole desceu pelo elevador e poucos instantes após sua saída o rapaz chegou. Outra caixa e as flores. Peguei tudo levando imediatamente para a copa. Abri o cartão, ansiosa pelas palavras.

“Admiro profundamente seu

corpo nu, mas prefiro vê-lo vestido para fantasiar com a hora em que irei despi-lo, lentamente, e desfrutá-lo com muito prazer.”

Eu aguardava ansiosamente por aquele momento. Quando nem vestido, nem lingerie, nem joias, nada estaria entre nós dois.

Abri a caixa e nela havia um vestido preto, justo, eu imaginei e curto. Não o suficiente para que as meias e a cinta aparecessem enquanto eu me movimentasse do jeito certo, mas com certeza se fizesse um movimento mais brusco, muito seria revelado.

O vestido era incrível, apesar

de discreto. A cintura ficava à mostra, coberta apenas por uma renda muito bem trabalhada que escondia revelando. O mesmo material formava a barra, onde encontraria as meias. Tentei me imaginar vestindo algo tão... Único. Não consegui me visualizar nele.

Fechei a caixa e voltei para a mesa, ciente de que os olhos do meu chefe estavam em mim. Agora faltava apenas um presente para completar toda a produção. A calcinha. Senti a umidade se formando, só de imaginar como ela seria e o olhar dele ao me ver usando-a.

Saí do meu devaneio quando uma pilha de papel começou a se acumular no fax. Perdi um bom tempo arrumando a bagunça. Minha cabeça estava no que seria a nossa noite, o tempo parecia não querer passar. Robert estava tão impassível quanto sempre e nós não conversamos.

Para a minha surpresa no final da tarde, Adam apareceu para falar com Robert. Olhou para a copa, cheia de flores e caixas, mas nada disse. A forma como ele me olhava me deixava desconcertada. Não era morno, sedutor. Era um olhar de predador faminto, como se soubesse

exatamente o que encontraria por debaixo das minhas roupas. Pior, como se acreditasse que tinha este direito. Estremeci. Era um pensamento idiota.

Nada foi dito. Nenhuma abordagem mais incisiva. Nada. Ele conversou gentilmente comigo e entrou para falar com Robert. Implorei a Deus para que Adam não perguntasse do que se tratava, nem cavasse mais a fundo aquele assunto. No mesmo instante lembrei de Abby dizendo que Tanya o mandava vigiá-la. Seria realmente verdade? Nick sempre dizia que ele não prestava. E a maneira como me olhava? O

mesmo calafrio me atingiu de novo.

Para piorar e aumentar meu desespero, o rapaz surgiu com flores e mais duas caixas. Merda! Aquilo chamaria a atenção de Adam. Tive medo ler o cartão, então apenas peguei tudo e levei até a copa, fingindo que não eram para mim. Tive que esperar por mais 40 minutos até que ele deixasse a sala.

- Continua me devendo um jantar, Mel – sorriu com gentileza, quando passou por mim em direção ao elevador.

- Estou testando a política de nunca sair com os colegas de trabalho – ele riu, me olhando com

ironia, estreitando os olhos. Gelei! Parecia ser um recado, um aviso que ele sabia. Merda!

- Muita maldade da sua parte. Não sou o único que vive em busca de uma chance com a tão desejada secretária do nosso CEO.

- Com certeza você vai se recuperar – mais uma vez riu e entrou no elevador se despedindo com um aceno de cabeça.

Robert me olhou de maneira diferente, um pouco de culpa, um pouco de receio... Desculpas. Hum! Alguma coisa que ele com certeza escondia de mim. Como estava ansiosa demais para ver como seria

a calcinha queria que Adam fosse logo embora, então não nem dei muita atenção ao fato. Assim que as portas se fecharam, corri para a copa. Meu amante deu um sorrisinho baixo, balançou a cabeça, voltando para a sua sala. Peguei o cartão.

“Ter e poder fazer o que me dá vontade, me deixa ainda mais desejoso de desfrutar de você o máximo possível.”

O que aquilo tinha a ver com a calcinha? Abri a primeira caixa e tirei dela um frasco com uma bolinha dentro, não maior do que uma de gude. Rasguei o lacre, curiosa, para senti-la. Silicone.

Dentro havia um líquido viscoso vermelho. Apertei, percebendo que era flexível. O que seria?

Abri a outra caixa e fiquei surpresa. Não era a calcinha. Era uma espécie de braçadeira, em couro preto, com detalhes rosa pink e algumas tiras. Nesta tinha outro cartão.

“Não espere pela calcinha”.

Revirei os olhos. “Perverso” pensei porém sorri deliciada imaginando como seria ficar sem calcinha e com aqueles acessórios. Continuei lendo o cartão.

“Estes dois pequenos

apetrechos devem permanecer em sua bolsa até o momento em que eu der o comando para que sejam usados”.

Mandão. Sorri ainda mais.

– Pelo visto esta noite eu serei a submissa – pensei alto, esquecendo-me completamente de onde estava.

– Que bom que entendeu o recado – Robert apareceu logo atrás de mim retirando a bolinha da minha mão, colocando-a em seu devido lugar e devolvendo o frasco para caixa. – Esta noite você vai ser só minha e eu tenho muitos planos, Melissa.

Aquela voz rouca. Aqueles olhos cinza em mim. Queimavam a minha pele e me deixava zozza. Incapaz de pensar ou decidir qualquer coisa. Robert possuía a capacidade de me dominar por completo, e confesso que em se tratando de sexo, eu nem me importava.

— Precisa de ajuda para levar tudo até o carro? — eu bastante excitada. Mordi os lábios e respirei profundamente. Precisava manter o controle sobre o meu corpo até o momento de poder me soltar completamente. — Terminou o expediente. Temos pouco tempo.

Quer ajuda ou não? – Robert continuava falando, porém meu cérebro só registrava a sua voz, seus lábios... – Melissa? – ok! Fiz que sim e lentamente comecei a recolher os presentes.

Ele me ajudou a colocar as caixas e as flores no carro. Não se importou com os olhares curiosos dos funcionários que entraram e saíram do elevador. Também não pareceu incomodado com o excesso de peso, muito pelo contrário, estava relaxado e feliz. Eu gostava daquela sua versão mais leve.

– Aguardarei por você no horário combinado. Não esqueça de

nenhum detalhe. Entendeu? – incapaz de coordenar meus pensamentos, meneei a cabeça concordando. Robert começou a se afastar e só então caí em mim.

– Estará esperando por mim? Aonde? – senti minha cabeça retornar ao normal gradativamente. Robert se virou em minha direção, sorrindo lindamente.

– Vou te buscar.

– Ah!

– Não vamos retornar hoje – passou a língua pelos lábios. Mais promessas.

– Ah! – voltei a dizer sem conseguir dizer nada melhor. Ele foi

embora e eu permaneci parada ao lado da porta do carro. Eu aguentaria esperar até lá?

Deu o maior trabalho levar tudo para meu pequeno apartamento que ficou repleto de rosas. Tomei banho e iniciei a minha produção. Ainda de toalha fiz a maquiagem. Lembrei-me do batom vermelho que meu amante tanto havia admirado um tempo atrás. Sequei os cabelos e fiz cachos deixando-os soltos caídos pelas costas.

Abri a caixa, vesti a cintaliga, depois deslizei as meias pelas pernas, percebendo que estava mais excitada do que deveria. Como

conseguiria conter minha excitação sem usar calcinha? Calcei os sapatos altos e coloquei o sutiã. Tive que me olhar no espelho. Era realmente excitante estar vestida daquela forma e sem a peça principal.

Coloquei o perfume, conforme orientação do Robert e o vestido, que, como imaginei, era justo e curto. Coloquei as joias. Eram fantásticas. Adicionei o anel, o que ele havia me dado quando me pediu em casamento em nossa viagem. Perfeito! Meu celular tocou, deixando-me agitada.

– Está atrasada – Robert disse

do outro lado da linha. Revirei os olhos.

– Já estou descendo.

Corri para meu guarda-roupa, tirando de lá outro vestido, além de um conjunto de lingerie. Se eu não voltaria naquela noite, precisaria de roupas para trabalhar no dia seguinte, passar o expediente inteiro sem calcinha era abusar da própria sorte. Peguei a garrafa de vinho e saí correndo para encontrá-lo.

Desci e ao avistar o carro de Robert, imediatamente meu corpo reagiu, meu coração acelerou e meu estômago assim como outras partes do meu corpo ficaram agitados. Eu

podia sentir o tecido do vestido roçando os bicos intumescidos dos meus seios que saíam pelas fendas do sutiã. Não suportaria por muito mais tempo. Entrei no carro, ansiosa demais. Robert me olhou fixamente por alguns segundos.

- Trouxe este batom com você?

- Sim. Por quê?

- Você acabou de acrescentar uma brincadeira a minha lista de desejos para esta noite – meu íntimo se contraiu ao imaginar o que continha naquela lista. Robert deu partida no carro e iniciou a nossa jornada.

CAPÍTULO 10

Robert dirigiu lentamente, sem dizer nada sobre o que nos aguardava. A cada segundo meu coração acelerava mais com a expectativa. Rodamos dez minutos então ele virou em uma rua escura e vazia. O que tinha em mente?

- Você se lembrou de tudo?

- Sim – comecei a ofegar.

Sentia que qualquer coisa que

meu amante fosse aprontar, começaria naquele momento. Apertei uma coxa na outra, como se aquilo pudesse contar o meu desejo.

- As braçadeiras – tirou uma das mãos do volante e a estendeu para mim.

Sem pensar direito no que estava fazendo, abri a bolsa e retirei as braçadeiras de couro com detalhes rosa e tiras do mesmo material e entreguei a ele. Robert parou o carro em uma rua estreita e muito escura. Desligou o motor e saiu. Fiquei congelada no lugar. O que ele pretendia fazer? De que forma eu poderia encaixar o beco

escuro e totalmente intimidador, as braçadeiras de couro preto e eu? Ele abriu a porta atrás de mim e voltou a entrar no carro. – Coloque os braços para trás. Rápido, amor!

- O que você vai fazer?

- Você logo saberá.

Obedeci e ele tratou de colocar em mim aquele acessório e, pelo que pude deduzir, amarrou uma braçadeira a outra, através das fitas de couro. Só para me certificar, puxei os braços e constatei que estava presa ao banco. Merda! Eu já estava molhada só de imaginar o que ele faria comigo naquele lugar tão escuro e ameaçador. Robert saiu do

carro e em alguns segundos estava de volta ao seu lugar. Ele me olhou e sorriu dando partida e seguindo o seu caminho.

- O que você vai fazer comigo, Robert? – oh, Deus!

Eu interpretava a garota ingênua, doce e delicada, como ele sempre dizia que eu era, e estava excitada só com meus pensamentos. Robert sorriu ainda mais, passando a língua em seu lábio inferior. Seus olhos brilhavam de expectativa. Conferi o volume em suas calças. Céus! Ele me queria tanto quando eu o queria. Presa como eu estava, o que poderia fazer?

Uma música suave ao fundo mexia com meu íntimo de uma forma perturbadora. Era calma, assim como ele aparentava estar, ao passo que dentro de mim tudo era bagunça e confusão. Eu estava ansiosa, nervosa, e ele simplesmente olhava para frente como se eu não estivesse algemada ao seu lado e sem calcinha. Rocei uma coxa na outra tentando aliviar um pouco da tensão que se instalava entre minhas pernas.

- Fique tranquila – colocou a mão em meu joelho enquanto mantinha o carro na pista com a outra. – Eu não vou fazer nada que você não queira.

Acariciou meus joelhos e depois suas mãos subiram por minhas coxas. Eram toques suaves e decididos. Brincou com a pele daquela região por algum tempo, enquanto dirigia sem nada dizer. Apenas prestava atenção ao caminho. Eu continuava tensa e ansiosa. Estar sem calcinha, com a mão de Robert brincando em minhas pernas, mais especificamente na parte interna, estava me deixando louca, ainda mais com o jeito distraído dele como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Quando comecei a arfar ele subiu um pouco mais a mão, abrindo

espaço por entre minhas coxas. Droga! Eu estava sem calcinha. O que ele queria? Acabar comigo? Robert, ainda olhando para frente, retirou a mão de mim e mexeu no som procurando alguma música interessante em seu mp3. Merda mil vezes! Ele me fazia pegar fogo e depois me abandonava?

Uma voz doce preencheu o carro em uma melodia suave. Ele só podia estar de sacanagem! Só existia uma forma de relaxar e com certeza não era aquela. Voltou a colocar sua mão em mim. Em minhas coxas. Seus dedos quentes faziam movimentos circulares, numa carícia

sensual e prazerosa.

- Abra as pernas, Mel – seus olhos não saíram da estrada. Meu coração acelerou.

Robert conseguia me dar ordens de maneira tão sensual que somente suas palavras já me deixavam pronta para ele. Eu abri timidamente minhas pernas. Não muito, só o suficiente para que sua mão pudesse percorrer o caminho. Ele deslizou seus dedos parando quase no local onde eu estava implorando mentalmente para ser tocada. Ali, acariciou minha pele. Era uma brincadeira perversa e torturante. Eu o queria e ele sabia

muito bem, por este motivo estava me maltratando daquela forma.

- Acredito que possa fazer melhor do que isso, Mel.

- Ah! Robert! – gemi totalmente descontrolada. – Por que está me torturando assim?

- Eu não estou fazendo nada – ameaçou retirar sua mão.

- Não! – esbravejei quase em pânico, fechando completamente minhas pernas mantendo-a onde estava. Ele riu.

- Bom... – aprofundou a mão em minhas coxas fechadas. – Sei o que você quer e estou predisposto a atendê-la, porém...

- Porém? – estava com medo do que ele diria.

- Você terá que fazer o que eu mandar, e eu mandei você abrir as pernas. Você precisa seguir minhas ordens e eu mandei abrir as pernas.

Eu sentia uma mistura de sentimentos. Detestava a forma como ele falava, como se eu fosse uma criança e ao mesmo tempo estava enlevada pelo mesmo motivo. Como compreender? Minha mente viraria gelatina se continuasse tentando encontrar uma linha de raciocínio. Sem esperar uma segunda ordem abri minhas pernas. Como havia pensado, o vestido

subiu e a barra da meia, assim como a cinta, apareceu.

- Assim, meu bem! – correu sua mão por entre minhas pernas, tocando com as pontas dos dedos a minha entrada. Uma carícia simples e singela. Mesmo assim eu gemi alto.

- Mel, Mel! – olhou rapidamente para mim, e voltou a olhar para a estrada, sem perder o controle nem por um segundo o seu controle. – O que passa pela sua cabeça para te deixar tão deliciosamente molhada?

Não podia dizer quantidade de coisas que pensei durante toda a

tarde, muito menos sobre os pensamentos que me cercavam desde que me olhei no espelho do quarto e vi em mim todos os seus presentes. Apenas mordi meus lábios e fechei os olhos saboreando a sensação dos seus dedos no meu corpo, ainda que fossem só as pontas.

- Responda, Melissa!

Sem aviso prévio, introduziu um dedo me fazendo arfar. Com o polegar, acariciou meu clitóris enquanto movimentava para dentro e para fora seu dedo do meio. Nossa senhora das mulheres extremamente excitadas que segurasse em minha

mão. Robert estava me fazendo gemer alto demais. Então parou.

— Responda! — ordenou claramente. Deus! O que eu poderia responder? Ele ameaçou retirar a mão novamente e eu comecei a falar.

- Estava pensando em muitas coisas, Robert.

- Tais como? — continuou suas carícias. Céus! Aquilo era muito bom! Com as mãos presas para trás, eu me sentia deliciosamente invadida. — Colabore comigo, Mel, não é fácil estar em minha situação.

- Ok! — disse tentando me concentrar. — Eu estava pensando no quanto você é capaz de me

enlouquecer com uma simples ordem.

- Isso te deixa excitada? – introduziu outra vez o dedo. Eu não sabia se ele me perguntava sobre sua mão ou sobre me dar ordens.

- Oh! Sim! – arfei jogando a cabeça para trás e levantando meu corpo sentindo seu dedo aprofundar mais.

- O que mais? – seu polegar foi mais incisivo.

- Gostei do tapa na bunda que você me deu – falei rapidamente. Robert riu baixinho.

- Eu sabia que gostaria. Levante um pouco mais seus quadris

– disse como se estivesse me pedindo para passar o sal. Obedeci é claro.

Meus ombros doeram um pouco, em compensação dois dedos de Robert me invadiram com força e imediatamente começaram a trabalhar. Meu amante gemeu e fechou os olhos.

- Olho na estrada, Robert, pelo amor de Deus! – reclamei temerosa. Eu preferia morrer a alguém me ver naquelas condições caso sofrêssemos um acidente. Ele abriu os olhos e um sorriso largo.

- Não estou em uma posição confortável. Você terá que

contribuir.

- Eu estou presa – gemi mais forte enquanto ele investia seus dedos em mim.

- Levante os quadris novamente.

Obedeci sem pestanejar. Robert retirou sua mão fazendo-me gemer em protesto. Ele segurou em meu vestido, levantando-o, tendo uma visão mais ampla. Sem calcinha. Não sei se fiquei mais sem graça ou mais excitada. Meu amante gemeu com deleite e voltou a me invadir com os dedos.

- Ah, Mel! Você é a melhor. Levante mais um pouco, meu bem –

foi como uma súplica, um pedido de um amante extasiado. – Isso, Mel! Agora rebole.

- O que? – quase perdi o equilíbrio e a concentração.

- Não desça, Melissa! – me alertou quando tentei descer os quadris. –Rebole! Da mesma forma que faz quando estou dentro de você – Deus! Eu conseguiria o que ele ordenava? – Agora, Melissa!

Como se meu corpo fosse movido por suas ordens, imediatamente comecei a rebolar. Eram movimentos lentos, mas... Céus! Era muito bom. Eu sentia os dedos de Robert entrando e saindo.

Intensifiquei o rebolado, subindo e descendo, deixando que me tocasse de todas as formas, em todos os ângulos, escorrendo pelas minhas paredes, acariciando minha carne. Meus ombros doeram um pouco mais.

- Puta que pariu, Mel! Eu sinto você pulsando. Goze meu bem!

Explodi em um orgasmo alucinante. Nos breves segundos em que eu estava entregue ao prazer, não quis nem saber se outros carros passavam por nós ou se alguém poderia ouvir meus gemidos. Eu apenas queria sentir o que estava sentindo. Então seus dedos me

abandonaram.

Robert parou o carro, desligando-o. Soltou o cinto e se virou para soltar minhas mãos. O alívio foi muito bem-vindo.

- Tudo bem? – acariciou meu rosto. Eu, ainda ofegante, fiz uma careta ao movimentar os braços. – Vai passar – disse não muito preocupado. – Vamos.

Olhei para fora, ainda com os pensamentos confusos e com o prazer se diluindo em minhas veias. Percebi que estávamos parados em frente à casa que estivemos na nossa primeira noite oficialmente como casal. Bom... Pelo menos como

amantes. As lembranças daquele dia me atingiram com força. Eu estava de volta. Era uma sensação intrigante. Eu acreditava que aquela era a casa onde ele se encontrava com suas incontáveis amantes, as que existiram antes de mim, já que dizia me amar.

Precisava acreditar que era a única na vida dele. Apesar disso me sentia leve em estar ali, como se aquela casa guardasse, e realmente o fazia, um segredo meu. Sentia-me segura e acreditava que nada seria revelado. Aquelas paredes me traziam paz e ao mesmo tempo me deixavam eufórica já que tinha a

imagem perfeita do que aconteceria assim que estivesse entre elas.

- Está tensa – massageou meus pulsos com suas mãos enormes e quentes. Os pensamentos anteriores fundidos com seus toques em minha pele já eram o suficiente para me deixar acesa. – Aquela bolinha – buscou meu olhar. – Pode me dar agora? – ainda confusa e curiosa peguei minha bolsa e retirei dela o potinho com a bolinha, depositando-o em suas mãos. Ele me passou as braçadeiras que tratei de escondê-las rapidamente.

- Para que serve isso? – Robert deu um sorriso malicioso que

desencadeou um show pirotécnico dentro de mim. Por um breve segundo achei que minhas pernas não resistiriam.

- Logo vai descobrir.

Segurou em minha mão e me puxou para frente da casa. Assim que começamos a subir os cinco pequenos degraus que davam acesso à porta, ouvimos som de violinos. Ele abriu um enorme sorriso e eu o olhei intrigada. Tenho que confessar que meu coração, já tão abalado, acelerou o ritmo. Seja lá o que Robert estava aprontando eu estava adorando.

Não precisou abrir a porta. O

mordomo, alinhado e que parecia ter saído de algum filme de princesa, nos recepcionou.

- Boa noite, Sr. Carter!

Refinado, discreto e polido, esta era a melhor definição para aquele homem. Sem nos olhar diretamente, recebeu o casaco do meu amante. Aliás, Robert estava perfeito em seu jeans negro levemente apertado ao corpo, uma camisa branca com apenas três botões na gola e um casaco preto, o que lhe dava um ar despojado e completamente sexy.

- Srta. Simon!

O mordomo fez uma

reverência que me lembrou dos filmes da Disney. Pude notar um breve desconforto de sua parte ao perceber que eu não tinha um casaco. A noite estava fria, mas estar ao lado de Robert era sempre tão quente, que eu não precisava.

- Boa noite! – respondi com a cadência das mocinhas das histórias de princesas. Por que não? Tudo parecia um conto de fadas, então...

Robert segurou em minha mão, levando-me para a sala, a mesma onde eu descobri que estava apaixonada. Pouco tempo e muitas mudanças. Tudo estava diferente, a luz âmbar dava ao ambiente um ar

mais romântico e íntimo, pude vislumbrar os músicos posicionados próximos à entrada para a piscina. Havia no ar uma mistura de amor, sensualidade e selvageria, esta por parte do meu amante, claro! Ele me lançou um olhar devastador. Corei. Era inevitável.

Sem largar minha mão, Robert passou pelos músicos, que não pararam de tocar e sequer nos olharam. Tudo muito discreto. Caminhamos até a cozinha onde encontramos com quem pensei ser o *Chef*, devido ao chapéu que usava. Robert lhe entregou a bolinha e pediu que a colocasse no

congelador. Aquilo não era íntimo demais?

- Fique tranquila. Aposto que ele não faz ideia do que seja – comentou enquanto fazíamos o caminho de volta para a sala.

Pegou a bolsa da minha mão e colocou-a sobre a mesa, arrumada para um jantar romântico e imediatamente tomou-me em seus braços iniciando uma dança lenta. Enrijeci.

Tudo bem, eu sei dançar, nada profissional, no entanto, dançar com um homem como o meu amante, tão seguro de si, com uma postura tão majestosa e imponente, com certeza

seria algo além da minha parca capacidade. Piorava ainda mais o fato de sermos apenas nós dois no ambiente, acompanhados de uma orquestra. Ou seja, seríamos o centro das atenções.

- O que foi? – segurou em minha cintura alinhando-me a ele, os braços inclinados e a colina ereta.

- Eu não sei dançar – menti timidamente.

- Eu te vi dançando na boate – rebateu sem se deixar intimidar.

- Era diferente – deixei que me conduzisse com passos lentos e discretos. Um, dois, um dois. Tentei me concentrar em não destruir o seu

sapato que com certeza custava mais do que o meu salário.

- E sexy – seus olhos quentes me penetraram completamente. Parei incapaz de fazer meu cérebro atender ao meu comando e com isso nos embarçamos. Ele riu.

- Estou envergonhada – respirei fundo me afastando minimamente. Passei uma mão nos cabelos pronta para fazê-lo desistir, Robert deu um passo à frente e me alinhou ao seu corpo.

- Tem coragem para açoitar seu chefe, mas está a ponto de desmaiar por causa de uma dança? – riu de maneira esplendorosa e eu me

vi perdida naquele sorriso.

Robert parecia um personagem de livro. Tão perfeito e tão conflituoso quanto qualquer mocinho de romance. E quando sorria, ah! Quando Robert sorria meu mundo parava.

- Vou te ajudar – seus dedos, espalmados em minhas costas, acariciaram-me suavemente. – Só permita que eu a conduza.

Relaxe e ele iniciou uma dança lenta com movimentos laterais e repetitivos. Não era uma valsa, mas muito parecido. Logo estávamos girando e nos movimentando como se sempre tivéssemos dançado

juntos. Nem percebi quando a música acabou e outra iniciou tamanho era o meu conforto em seus braços. Robert me puxou para si diminuindo a distância entre nós. Seus olhos estavam em meus lábios e demonstravam urgência. Senti minhas pernas se transformarem em gelatina.

Sua boca tomou a minha, permitindo-me sentir toda a sua doçura e maciez. Seus lábios pareciam feitos para os meus. A forma como se encaixavam e se movimentavam era digna de um Oscar. Sua mão subindo em minhas costas em direção a nuca e me

tomando possessivamente, complementavam perfeitamente o nosso beijo. Seu gosto impregnava a minha língua me deixando sedenta por mais. Robert finalizou nosso beijo e sorriu levemente constrangido. Uma novidade para mim.

- Não estamos sozinhos.

Tive que piscar várias vezes para tentar me situar. Eu havia flutuado em seus braços. Caminhei pelas nuvens. Naveguei no espaço e de repente estava lá, olhando para aquele homem que eu tanto amava e que carinhosamente beijou meus lábios num beijo breve, porém tão

saboroso quanto o outro.

- Você se deixa levar – sussurrou. – Amo isso em você!

- Amo tudo em você – atrevime a dizer e seus olhos brilharam, algo atrás de mim chamou a sua atenção. O *Chef* estava próximo à mesa indicando que estava tudo pronto. Meu amante deu um passo para trás e segurando minha mão e levou-me até lá.

Em nenhum momento a música parou. Sentamos de frente um para o outro, e aguardamos o *Chef*, que havia se retirado. Os olhos do meu amante não me abandonavam e me admiravam com

uma atenção especial. Era uma sensação estranha, uma mistura de calor, desejo e constrangimento. Afinal de contas o que ele via em mim para me olhar daquele jeito, como se eu fosse uma miragem. A água que mataria a sua sede. A alusão causou um arrepio que subiu pelo meu corpo, deixando-me inquieta.

Só então notei a caixinha sobre a mesa. Semelhante às das joias que me enviara, nesta havia um laçarote vermelho, chamativo. Não sei como não vi quando entrei. Robert baixou os olhos para ela quase que no mesmo instante que eu.

Quando o olhei novamente não consegui identificar sua expressão. Não sabia se estava irritado ou confuso, ou mesmo se estava apenas fingido. Eu não conseguia descobrir.

Sua longa mão correu pela mesa e segurou a caixinha algum tempo, depois voltou a me olhar nos olhos. Mesmo sem saber do que se tratava, meu coração acelerou e minha respiração ficou pesada, assim como as pontas dos meus dedos que ficaram geladas.

- Mel — hesitou engolindo com dificuldade.

Eu nunca havia visto Robert

daquela forma. Aliás, o meu Robert, o que eu conhecia, nos últimos tempos apresentava personalidades contraditórias.

- Eu dividi com você um peso enorme, o que não acho justo, por todos os motivos que já disse – fez um gesto vago com a mão livre. – Não pretendo me prolongar nisso – falou rapidamente espantando a gravidade da conversa. – O fato é que você me provou o que eu desconfiava desde o momento em que a vi pela primeira vez. Você é uma mulher incrível, muito forte, dentre outras coisas – um sorriso torto se formou em seus lábios.

Respirei aliviada. Eu amava aquele sorriso. Parecia uma pintura – Mel – hesitou de novo. – Sei que esta não é a forma mais correta e também que não deveria fazer isso, mas...

- Eu aceito! – falei sem medo, livrando-o de tantos contornos. Robert riu e me pareceu mais leve.

- Ótimo! – empurrou a caixinha em minha direção. – Quando chegar a hora certa – segurou minha mão com as suas e me olhou intensamente. – No momento em que todo o meu inferno tiver um fim, você será o meu recomeço – as lágrimas se formaram ameaçando estragar a minha produção. – Será a

minha esposa e desta vez do jeito certo.

Largou minha mão, cruzando as suas de maneira a deixar os dedos roçarem os lábios, apoiando o rosto. Seu olhar sugeria que eu abrisse a caixa. Peguei-a com as duas mãos e muito cuidadosamente retirei o laço. Dentro havia um anel, obviamente de noivado.

Robert como eu havia desconfiado tinha me pedido em casamento exatamente do jeito que deveria fazê-lo. Deixando claro que as suas intenções eram sinceras e verdadeiras. Antiquado, mas perfeitamente cabível nas

circunstâncias. Nada me deixaria mais feliz nesta vida do que ser esposa dele. Ser a mãe de seus filhos. Era o que eu queria.

Um anel maravilhoso! Seguindo o padrão das outras joias, era cravejado de diamantes. Uma pequena fortuna, capaz de sustentar um pequeno país, estaria em meu corpo dedo, selando a nossa união. Eu não tinha palavras nem poderia me expressar, já que o *Chef* chegou com nossas entradas e rapidamente Robert deixou oportunidade passar reassumindo a sua habitual postura superior.

- Vieiras marinadas sobre

peras – o *Chef* anunciou com orgulho de pai. Foi engraçado apesar de não poder rir, pois seria uma ofensa muito grave.

- Obrigado, Emmanuel! – Robert não parava de me olhar, nem mesmo enquanto éramos servidos. – Você gosta?

- Não sei – sorri largamente. Robert começou a degustar seu prato, incentivando-me a fazer o mesmo.

Era doce e ácido ao mesmo tempo, mas o sabor era fantástico. Comemos em silêncio enquanto um garçom se aproximou e nos serviu vinho branco, com um sabor tão bom

quanto o que comíamos.

- *Chablis* – Robert se adiantou. Levantei uma sobrancelha interrogando-o. – O vinho – sinalizou. – Francês, e é inigualável.

Tá! Eu não conhecia nada de vinhos, mas entendi que era bom. Apenas sorri e terminei meu prato. Imediatamente o *Chef* entrou retirando-os e entregando-os ao garçom. Ambos saíram.

- Gostou do anel?

- É lindo. Obrigada! – ele soltou o ar retido nos pulmões. Robert estava aliviado? Por quê?

- Que bom, Melissa! Esse anel tem um grande valor para mim.

- SÉRIO? – do que ele estava falando? Do valor real do anel ou da existência de um valor sentimental? Ia questioná-lo quando o *Chef* retornou à sala, acompanhado do garçom e nos serviu. Emudeci instantaneamente.

- Risoto de cevada e camarão no próprio molho.

Olhei o prato diante de mim e, com exceção do camarão e do cheiro, parecia horrível, de novo fiz um esforço imenso para não contorcer o rosto em uma máscara de nojo. Robert riu e rapidamente deu uma garfada.

- Esplêndido! – disse

saboreando a iguaria. – Prove – me enchi de coragem e dei a minha primeira garfada.

Hum! Não é que era bom mesmo? Robert percebeu minha reação e riu. Ficamos em silêncio saboreando a comida e o vinho. Eu continuava bastante curiosa em relação ao fato de o anel ser de grande valor para ele.

- Por que o anel possui um enorme valor para você? – disfarcei a minha curiosidade indelicada, colocando um pouco mais de comida na boca.

- Pertenceu a minha mãe – revelou como se estivesse falando

sobre a beleza do dia. Eu parei chocada. A comida em minha boca se negava a descer. Fiz um esforço absurdo para forçá-la goela abaixo. Robert estava me dando um anel de família? – Antes foi da avó dela e da bisavó. Está na família há bastante tempo.

- Robert! – as lágrimas despencaram. Ele sorriu e me passou o seu guardanapo para que eu pudesse secá-las. Aceitei de bom grado. – Como você pôde?

- Eu amo você! Pela primeira vez na vida senti vontade de entregar esta joia a alguém. Faz parte da minha herança e eu não... - parou

hesitante, os olhos vasculhando a minha reação.

- Não entregou a Tanya – completei sua frase, um pouco receosa. Ele assentiu. – Por quê?

- Na época eu não sabia o porquê, mas hoje acredito que meu amor por ela nunca foi verdadeiro. No momento em que me dei conta de que te amava, pensei imediatamente nesta joia – cruzou os dedos e descansou as mãos na mesa. – Não tenho dúvidas do que sinto, ou do que quero.

Ficamos nos olhando em silêncio. Nos primeiros segundos os olhos apenas reconhecendo nossos

sentimentos, nos seguintes toda a força do nosso desejo nos dominou.

- E o que você quer? – senti meu íntimo reagindo ao nosso olhar. Só então me dei conta de que estava sem calcinha, com a cinta, as meias e o sutiã com as fendas de acesso aos bicos dos meus seios. Robert passou a língua em seu lábio inferior. Seus olhos em chamas me queimavam.

- No momento? – concordei com um gesto lento. – Tantas coisas, Melissa! – passou as duas mãos pelos cabelos. – E todas elas envolvem você, a cinta-liga, as meias, o sutiã, sua pele alva e as

joias brilhando nelas. Sua pele nua em meus lábios. Seu corpo quente em volta do meu.

Eu estava totalmente desligada de tudo ao nosso redor. Pensava somente nos seus lábios quentes sobre minha pele nua. Por isso não percebi quando o *Chef* e o garçom se aproximaram para retirar nossos pratos e deixar as sobremesas. Robert o chamou de maneira discreta e concordando, o *Chef* se retirou, levando-as com ele.

— Ele vai deixá-las na geladeira para depois — aquele sorriso mais do que sexy brincava em seus lábios. Fiquei quente, muito

quente. Puxei o ar com força em uma tentativa débil de amenizar minha excitação.

O mordomo apareceu, eu já havia até me esquecido dele e falou reservadamente com um dos músicos. Este passou o recado aos outros e imediatamente começaram a se retirar. Meu corpo inteiro formigou. O *Chef* se aproximou, entregando a Robert o pequeno frasco com a tal bolinha. Pronto! Era o que faltava para meu corpo inteiro reagir.

- Boa noite, Sr. Carter. Boa Noite, Srta. Simon. — curvou-se educadamente e se retirou. Ouvimos

alguns movimentos dentro e fora da casa e depois mais nada. Silêncio.

- Venha – Robert levantou, estendendo uma das mãos para mim. Na outra levava o frasco. Meus olhos foram de uma mão para a outra e as duas continham as mais luxuriantes promessas.

CAPÍTULO 11

Caminhamos de mãos dadas pela casa e entramos numa pequena sala. Nela havia um piano negro, o sofá da mesma cor, imenso e convidativo, e a aparelhagem de som completa. Na parede branca, a imensa TV, a mesa de centro de madeira antiga e uma cadeira acolchoada com braços que lembravam um trono.

Ele caminhou adentrando a sala, se detendo para me dar passagem. Assim que o fiz, ouvi o barulho da porta sendo trancada. Um simples som e minha mente projetou diversas situações, todas elas me deixaram quente e úmida. Robert se virou e me beijou. Eu podia sentir o calor de seus lábios invadindo e percorrendo todas as minhas terminações nervosas.

- Agora é a minha vez – saboreou cada palavra como uma perfeita tentação. – Seja uma boa menina, Mel – passou levemente o polegar em meus lábios, abrindo-os. Então me olhou de uma maneira

estranha, sacudiu a cabeça e sorriu. Aquele sorriso que me dizia muitas coisas.

Robert saiu da sala sem nada dizer. Voltou rapidamente trazendo minha bolsa e o vinho que me dera de presente.

- Vamos precisar dele – sorriu fazendo meu corpo arder em chamas. Caminhou até o som e colocou uma música lenta, extremamente sensual, depois foi até a cadeira/trono e sentou me observando. – Dance para mim – meu rosto pegou fogo. A sala estava parcialmente escura, com a mesma luz âmbar, contudo eu havia dito que

não sabia dançar. – Naquela noite em que a encontrei na boate você estava dançando – eu estava me sacudindo na pista e deixando que os movimentos das outras pessoas, me levassem ao ritmo certo.

- Não sei dançar – reafirmei já me sentindo derrotada. Com um suspiro, Robert levantou, pegou o vinho, abriu e me serviu uma taça.

- Beba de uma vez só – ordenou e eu obedeci. – Agora... – segurou-me pela cintura.

Eu sentia o calor do vinho se apossando do meu corpo. Meu amante colou-se a mim e se movimentou com sensualidade,

conforme pedia a música. Seu corpo se esfregando ao meu, me impelindo a acompanhá-lo. Ele atacou meus lábios em um beijo feroz, mordendo, puxando. Aquilo foi... Uau!

- Agora dance para mim – sua voz rouca ecoou no meu interior. – Dance e tire a roupa devagar. Quero desfrutar de tudo que enviei para você – meu rosto queimou, e não foi a única parte do meu corpo a reagir assim. Sem saber de onde veio a coragem, assim que Robert voltou ao seu “pseudotrôno” comecei a dançar.

Fechei os olhos e deixei que o vinho e a música me envolvessem.

Corri as mãos pelos meus cabelos, deslizei-as por meu corpo tocando os seios, que exibiam os bicos intumescidos através da fenda. Estes roçavam o tecido do vestido, causando-me comichão. Desci pela barriga até alcançar as coxas. Corri as mãos pelo meio de minhas pernas e insinuei que me tocava.

Olhei para Robert provocando-o. Ele me observava atentamente. Uma de suas mãos estava no descanso da cadeira e a outra em seu rosto, apoiando-o, enquanto ele mordiscava seus dedos. Virei de costas e me atrevi a rebolar. Muito sutilmente, olhei para

trás, visualizando o meu chefe respirar fundo e passar a mão pelo cabelo. Seus olhos estavam enormes e ele mordia os lábios. Deliciei-me com o que via.

Desci o vestido revelando primeiro o sutiã, o restante mostrei aos poucos até que chegasse aos meus pés. Apesar de eu estar de costas Robert tinha uma bela visão do meu corpo. Claro que fiquei envergonhada. Ao mesmo tempo uma cálida sensação de poder me dominava completamente. Não apenas por seduzir o homem que amava, mas também, e principalmente, por atender a uma

de suas ordens.

Pode ser estranho e até absurdo, mas, só alguém que tem Robert como amante, sabe o que significa atender as suas ordens.

É assim que funciona a relação dominante e submissa, embora o prazer seja sempre compartilhado. No início existe um choque, comum para pessoas independentes e que possuem o controle da sua própria vida. Com o tempo a pessoa que exerce a função de Sub, descobre que, na verdade, quem domina a relação é ela. Era o que eu estava fazendo. Robert me deu uma ordem, mas eu controlava a

situação pelo simples fato de ter obedecido. Ele estava dominado por mim. Eu ditava as regras, só que estas estavam disfarçadas de obediência.

Olhei para meu amante por sobre meus ombros e ele me encarava com os lábios levemente entreabertos. Um dos dedos roçava-os e seus olhos eram ferozes. Sentime tocada. Intimamente tocada. Como se seus olhos fossem capazes de me possuir completamente. Baixei os meus de forma teatral como se estivesse me sentindo envergonhada. Robert fez um movimento com a mão indicando

que eu deveria ficar de frente. Obedeci automaticamente, e ele soltou um suspiro forte, passando as mãos pelos cabelos e umedecendo os lábios com a língua. Surpreendi-me com a minha capacidade de sorrir de maneira tão lasciva e isso atiçou ainda mais seu desejo.

- Mel! – falou e eu notei que, mesmo disfarçadamente, ele fazia um grande esforço para se manter na sua posição equilibrada.

- Sim, meu bem? – troquei o peso do corpo de uma perna para a outra sem querer me lembrar de que uma parte de mim, uma muito íntima, estava totalmente desprotegida, e

sorri inocentemente.

- O batom vermelho – deixou escapar, por entre suas palavras, o quanto estava ansioso.

Caminhei lentamente, permitindo que meu amante desfrutasse o que via e peguei a bolsa procurando pelo batom. Andei até ele, me posicionei entre seus joelhos, de maneira bastante Sub, e lhe entreguei o objeto. Ele o abriu, olhando atentamente para o corpo roliço que crescia a sua frente e depois sorriu para mim.

- Use! – mais uma ordem. Meu corpo inteiro reagiu.

Imediatamente obedeci.

Lógico que fiz questão de insinuar algo mais com o movimento do batom em minha boca. Em minha mente o cenário já estava pronto e sabia perfeitamente bem o que Robert me pediria. Esta era uma das brincadeiras mais comuns na universidade. Esfreguei um lábio ao outro espalhando o batom e o devolvi.

- Você sabe o que quero – carinhosamente, passou uma mão em minha nuca fazendo numa leve pressão. Tudo dentro de mim se movimentou. Era uma verdadeira bagunça em meu ventre que se contraía a cada pensamento.

- Como o senhor quiser.

Fui totalmente obediente. Era como se eu fosse uma menina, a estudante de volta as aulas, apesar de aquela aula não ser nada parecida com as que eu tive na universidade. Era muito mais instrutiva e excitante.

Minhas mãos já estavam em suas calças. Rapidamente alcancei o objeto de meu desejo. Levei alguns segundos observando enquanto ele se posicionava de maneira mais confortável. Céus! Robert estava completamente excitado.

Olhei para seu membro rígido, levemente inclinado, imenso e de uma cor totalmente desfrutável.

Deliciosamente rosa, como havia dito de mim. Não consegui evitar e passei a língua nos lábios em expectativa. Como se estivesse vislumbrando a sensação poder encaixá-lo em minha boca. Levantei as mãos e posicionei uma delas em sua base, mantendo-o firme. A outra toquei suavemente em sua haste, descendo lentamente até o seu limite, para depois subir. Robert arfou. Repeti o movimento por mais três vezes e parei. Ele me observava, controlando a ansiedade apesar de ela estar estampada em seu rosto.

- Deixe a marca o mais

profundo que você puder – ordenou no melhor tom CEO.

A brincadeira era a seguinte: com os lábios pintados era mais fácil saber até onde eu conseguiria chegar com ele em minha boca. Ou seja: o quão profundo eu iria. O batom deixaria a marca no local exato.

Quando estava na faculdade, eu achava esta brincadeira machista. Uma espécie de prêmio para o cara e até mesmo uma agressão à garota. Por isso nunca topei. Com Robert, a simples menção da ideia, já me deixava completamente animada. Eu o queria desesperadamente. Queria

senti-lo não somente em minha boca, e sim no meu corpo inteiro. Queria poder descê-lo pela minha garganta e ouvir seus gemidos satisfeitos. Queria que despejasse a sua necessidade de mim e era exatamente este o ponto em que não me reconhecia. Nunca havia me sentido desse jeito.

Sem dar chance aos meus pensamentos deixei Robert passar pelos meus lábios. A princípio lentamente, fazendo com que a minha língua o massageasse. Meus lábios envolveram seu membro macio, grosso e saboroso e eu rocei levemente meus dentes enquanto

fazia o movimento de volta.

Estava apenas testando.

Olhei-o rígido em minha mão e vi a marca forte do batom, numa posição nada gloriosa. Sorri satisfeita. Era apenas o começo. Novamente percorri sua extensão e desta vez fui um pouco mais profundo, no limite da minha boca. Robert gemeu quando com a mão fez um movimento circular e com a língua o movimento contrário, então precisei, retirá-lo de mim.

Voltei sem lhe dar chance de respirar e fui mais fundo. Era necessário, o batom estava ficando fraco. Senti seu corpo forte, grosso e

macio atingir minha garganta. A sensação de refluxo foi real, mas consegui evitá-la a tempo e com isso ganhei força para empurrá-lo ainda mais. Meus lábios se fecharam nele e iniciei um movimento de sucção.

Robert levantou os quadris, gemendo desvairadamente. Isto me incentivou a abocanhar um pouco mais. Precisei abandoná-lo, novamente. A marca estava quase aonde eu queria, no seu limite.

- Você consegue, amor – incentivou ofegante, juntando meus cabelos e levantando-os em minha nuca me forçando minha cabeça de volta.

Cobri toda a sua extensão com a língua, como quem lambe um sorvete. Olhei em seus olhos no momento em que voltava ao seu início.

- Puta que pariu, Melissa! Não faça isso.

Sorri diabólica e o empurrei pela boca atingindo exatamente o meu objetivo. Robert soltou um grunhido alto e eu senti seu gosto levemente salgado em minha boca. Ele não havia gozado, seu orgasmo estava se construindo, apesar de ele tentar evitar bravamente. Tadinho! Não sabia que só gozaria quando eu quisesse?

Suguei-o com mais intensidade enquanto ele lutava desesperadamente para se conter. Meu amante nada dizia, no entanto eu sabia que a nossa luta era verdadeira. Eu, louca para senti-lo se derramando, e ele tentando afoitamente adiar ao máximo o fim. Voltei a olhá-lo e lentamente passei a língua pela extensão da sua haste. Robert me segurou pela nuca com força, totalmente ofegante.

- Puta merda, Melissa! – gemeu me obrigando a colocá-lo por completo na boca.

Só precisei de mais um movimento e ele finalmente se

libertou. Pude sentir seu gosto suave e levemente salgado escorrendo pela minha garganta enquanto ele gemia descontrolado em sua entrega. A sensação foi inebriante.

Só o liberei quando o senti começar a se refazer. No entanto não pude perder a oportunidade de mais uma vez atirá-lo, passando a língua pelos lábios e o polegar nos cantos, como se recolhesse algo. Robert sorriu e jogou sua cabeça na cadeira. Continuava ofegante.

- Você não existe, Melissa Simon.

Quando finalmente me libertou, levantei, sentando em seu

colo. Ele passou as mãos pelas minhas costas. Robert estava satisfeito, entretanto, minha fome ainda não havia sido saciada. Eu o queria, completamente.

- Pegue um pouco de vinho para nós dois – analisou meu rosto atentamente.

Obediente, como estava me sujeitando a ser, levantei de seu colo e peguei o vinho, servindo as duas taças. Voltei sentindo-me totalmente à vontade sem calcinha. Este não era mais um problema.

Robert já estava recomposto e abriu os braços para que eu me acomodasse melhor. Antes de tomar

seu primeiro gole, beijou meus lábios, em agradecimento a minha boa vontade em obedecê-lo. Bebemos sem desviar o nosso olhar. Eu estava ansiosa, pois queria muito continuar com nossas experiências sexuais e principalmente saber para o que servia a tal bolinha.

Ficamos sentados namorando até que nosso vinho acabou e ele levantou da cadeira me levando em seu colo para depois me deitar no sofá. Deitou-se sobre mim e imediatamente compreendi que meu amante voltava ao seu ritmo, me deixando imensamente deliciada.

Após alguns beijos

apaixonados, levantou e voltou a encher a sua taça. De volta, colocou-a no chão e se posicionou acima de mim, deixando cada perna sua de um lado do meu corpo, ficando de joelhos no sofá em que eu me encontrava deitada. Tirou a camisa, revelando seu corpo fantástico.

Robert não fazia o tipo Rambo, graças a Deus! Seu corpo era perfeito com músculos bem definidos sem ser muito evidentes. Os poucos pelos faziam com que eu desejasse tocá-lo e percorrer o caminho que eles formavam. De diversas formas e maneiras. Eu constatee.

Mordi meu lábio inferior para reprimir o desejo de trilhar aquele caminho, afinal, ele não havia me dado o comando para agir. Pegando de volta a sua taça colocou dois dedos dentro dela e depois os retirou com gotas de vinho pingando. Imaginei, e fantasiei o que ele poderia fazer com aqueles dedos molhados. Meu corpo inteiro vibrou com a expectativa.

Robert se apoiou numa das mãos e com a outra tocou o bico do meu seio, através da pequena fenda. Senti o líquido se espalhar. No mesmo instante, ele se curvou e sugou o bico que discretamente

surgia em meio ao sutiã. Arqueei as costas com o contato de sua língua e deixei m gemido sensual escapar dos meus lábios. Robert colocou os dedos dentro da taça de novo e me deu uma ordem.

- Abra a fenda para mim.

O vinho escorria por sua mão. Tive ânsia de chupar aqueles dedos longos, me contive. Estava adorando brincar de obedecer. Abri a fenda libertando o bico. Ele imediatamente o umedeceu para em seguida sugá-lo com sofreguidão. Fechei os olhos e deixei a sensação me dominar.

Continuou molhando os dedos no vinho e umedecendo meus seios

para secá-los com os lábios e a língua. Minha surpresa foi quando molhou os dedos e, em vez de seguir para o outro seio, levou a mão para o centro de minhas pernas lambuzando, ainda mais, o local. A sensação fria e doce se misturando ao meu líquido quente, foi desconcertante. Sem nenhum aviso, seus lábios me tocaram sugando a mistura de líquidos e me fazendo enxergar luzes, luas e céu estrelado.

Seus dedos iam do vinho ao meu centro e sua boca completava o serviço com incontestável eficiência. Os lábios de Robert se moviam me enlouquecendo de

prazer. Eles me exploravam e me saboreavam como se eu fosse a mais doce de todas as frutas. Quando eu pensava que nada mais poderia ser feito para tornar a sensação mais maravilhosa, meu amante me tocava com sua língua, me invadindo e preenchendo.

Quando seus lábios me abandonaram, imaginei que meu amante se abasteceria de mais vinho, no entanto ele beijou a parte interna de minhas coxas, distribuindo mordiscadas e subiu me enlaçando pela cintura e se demorando em minha barriga. Voltou para meus seios e dedicou a eles mais alguns

momentos de tortura sensual. Em seguida levantou a cabeça para me olhar nos olhos.

- Quer saber o que faremos com a bolinha? – exibia um sorriso tentador.

Parecia pedir minha permissão para prosseguir conforme o programado. Senti medo, por outro lado, o desejo era maior e me vi concordando quase que automaticamente. Eu ansiava por mais aquela descoberta.

- Vamos para o quarto.

Levantou me levando junto. Antes de sairmos, pegou a minha bolsa, o batom, o restante do vinho e

a bolinha. Senti que algo dentro de mim se contrair violentamente.

Andamos em direção ao quarto. O mesmo em que havíamos dormido na primeira vez em que estivemos ali. Robert caminhou na frente e só soltou a minha mão para abrir a porta. Eu, às suas costas, apenas olhava seu corpo parcialmente nu. Suas costas largas e eretas. Tão imponente! Em perfeito equilíbrio com o restante do corpo. Sua calça jeans, um pouco justa, rompiam meu devaneio, ainda cobrindo o que restava daquela visão encantadora.

Entramos e Robert deixou na

poltrona as coisas que carregava, voltando-se completamente para mim. Seu corpo ficou tão próximo que eu podia sentir seu calor me cercando e me arrastando para seu mundo.

- Tem certeza? – seus olhos brilhavam. O que de errado poderia acontecer ao experimentar algo tão inofensivo? Ou não tão inofensivo assim?

- Eu posso me machucar? – Robert deu seu sorriso torto, perfeito. Imediatamente relaxei.

- Sem chances – o sorriso que se formou em meu rosto foi imenso. – Só tenho receio de despertar em

você um mostro incontrolável.

- Por que acha que isso poderá acontecer?

- Porque com certeza você nunca experimentou algo assim — abri a boca para responder, desisti palavras seriam insuficientes para expressar o que estava sentindo.

Toda a umidade do meu corpo ameaçava escorrer por minhas pernas e, uma parte de mim, a mais íntima, se contraía ferozmente. Eu estava não só pronta, também totalmente preparada para permitir que esta parte incontrolável se apossasse de mim.

CAPÍTULO 12

Robert me encarou com intensidade. Ele sabia que eu o queria, e muito. Tinha a certeza de que me deixaria saciada e realizada, por isso não tinha pressa em agir, nem em abreviar nossa situação. Tudo estava muito bem planejado, como uma de suas estratégias de negócio. E meu chefe nunca jogava para perder.

Todas as estruturas já haviam sido levantadas, precisava apenas solidificar conforme sua vontade. Meu corpo apesar de saber disso e mesmo se deleitando com tudo que meu amante havia planejado, se recusava a aguardar.

Ele calmamente me beijou. Um beijo lento e saboroso. Aqueles beijos que te fazem idealizar a forma mais gostosa e succulenta de saborear algo. Degustar e não devorar. Sentindo o sabor, a suavidade, a textura, o formato. Era o beijo mais romântico e o mais devastador que já havia recebido dele. Aquela forma simples de beijar, estava

acabando com o resto do meu juízo. Não importava o que ele faria, nem quais acessórios usaríamos, ou não, importava apenas que continuasse, continuasse e continuasse, sem se afastar ou se perder de mim.

Por isso, quando Robert afastou seus lábios dos meus, me senti imediatamente vazia. Ele me liberou do beijo para me virar de costas deixando meu pescoço, orelha, nuca e ombros disponíveis para suas carícias. Eu podia senti-lo em minha pele, suas mãos faziam movimentos leves, roçando na região de minha cintura e ao lado de minhas pernas, nunca além disso.

- Suba na cama – sua voz rouca me fez arrepiar. – De joelhos – acrescentou.

Prontamente obedeci ao seu comando. Não queria estragar o momento com a minha curiosidade, por isso não olhei para trás e fiquei apenas na expectativa. Robert não levou mais do que um minuto para estar na minha frente. Seu jeans estava aberto e dava para enxergar aquele caminho perfeito em direção à perdição.

- Seus braços, meu bem.

- De novo? – ele exibia as braçadeiras. Robert me analisou com o semblante um pouco

desgostoso pelas minhas palavras.

- Eu não planejei o que aconteceu no carro. Foi sua culpa – seus olhos perderam o foco e ele sorriu para alguma lembrança. – Se não quiser podemos parar com a brincadeira agora – colocou no rosto uma expressão arrasada com essa possibilidade. Eu sabia que estava fingindo, até porque tinha certeza de que ele sabia que eu nunca pularia fora.

- Sem dramas!

Revirei os olhos, erguendo meus pulsos. Robert riu e iniciou o processo de me prender à cabeceira da cama. Eu estava na cama de

joelhos sem calcinha e com os pulsos presos na altura dos ombros. Deveria ser constrangedor, mas, na verdade era superexcitante.

- Assim! – disse conferindo a minha postura. – Agora...

Posicionou-se atrás de mim, literalmente entre as minhas pernas, sem o mínimo pudor por estar tão próximo a ponto de eu sentir sua excitação. Tentei sufocar um gemido, e ele percebeu. Eu não conseguia evitar. Como não sentir tesão com Robert apenas de jeans levemente justo ao corpo, aberto, com aqueles pelos definindo o caminho da minha perdição, roçando

propositalmente a minha bunda nua.

Ele deslizou uma das mãos pelas minhas costas em direção a minha nuca, a outra segurou num dos lados dos meus quadris me puxando ao seu encontro. Puta que pariu! Eu poderia gozar somente com aquilo. Robert se abaixou e mordeu meu pescoço. Estava se divertindo.

- Está confortável?

- Sim.

- Que bom! – seus lábios desceram em meus ombros e distribuíram beijos pela minha coluna, se demorando em minha cintura e indo até o limite das minhas costas. Minhas pernas

cederam. – Não, Mel! – censurou-me. – Mantenha-se firme. Assim – com os joelhos, forçou os meus, abrindo-os até o ângulo que lhe satisfazia. – Assim, meu bem. Não saia desta posição.

Correu as mãos pelas minhas costas forçando meu tronco mais para baixo. Totalmente submissa. Saiu da cama e, na posição em que me encontrava não dava para saber o que estava fazendo. Pude ouvir o barulho de suas roupas caindo ao chão e depois seus passos de volta.

– Você não tem ideia do quanto é prazeroso ver você assim.

Ah, claro! Devia ser mesmo.

Ele poderia fazer o que bem quisesse de mim e eu nada poderia fazer para impedi-lo, se bem que nunca passou pela minha cabeça fazer isso, ainda mais com Robert falando daquela maneira tão sensual, a voz tão próxima ao limite do seu prazer.

Novamente se postou atrás de mim. Desta vez eu não senti o leve roçar de seu jeans e sim seu membro forçando a minha entrada. Quase gritei implorando que me possuísse naquele momento. A parte incontrolável, que ele tinha sugerido estava na pontinha, doida para me jogar no abismo e se apossar de meu

corpo. Confesso que estava bastante tentada a permitir que acontecesse.

Ele me puxou para si, sem me penetrar. Sua mão percorreu minhas pernas, tocando meu centro fazendo com que um fogo se acendesse em mim. Seus dedos me tocaram, demorando-se um pouco mais na região mais sensível, fazendo movimentos triangulares. Novamente minhas pernas falharam e ameacei cair no colchão.

- Isso não vai dar certo, Mel – saiu de trás de mim. – Vou arranjar algo que a mantenha na posição certa.

- Merda!

- Eu já volto – anunciou antes de sumir no corredor escuro.

- O que queria? Como posso me manter nesta posição com você me tocando deste jeito? – falei um pouco mais alto para que pudesse me ouvir, Robert riu de algum lugar distante do quarto. Aguardei. Demorou o que me pareceu uma eternidade, mas quando voltou segurava um pequeno pufe.

- Desculpe, como estamos demorando muito precisei colocar a bolinha no congelador enquanto procurava algo que servisse. Não sei se este está bom, ao menos vai mantê-la suspensa.

- Vou me manter suspensa, Robert, não precisa colocar isso entre as minhas... – ele já havia colocado. O pequeno pufe era comprido, mantinha meus joelhos separados como ele queria e não era tão alto, mas com certeza não permitiria que eu cedesse. – Robert isso não é necessário.

- Quietinha, Mel! – murmurou atrás de mim e no mesmo instante senti dois de seus dedos me adentrando. Uau! Aquilo foi um tanto... Uau! Três vezes uau! Minhas pernas cederam e o pufe me manteve praticamente no mesmo lugar. Ele deu uma risada baixa e abafada. –

Ótimo! – deu um tapa leve em minha bunda.

Não da forma como os pais batem nos filhos. Suas mãos bateram exatamente na região limite entre minhas coxas, minha bunda e meu sexo. Jesus! Aquilo me rendeu mais um pouco de uau! Deixei meu gemido preencher o quarto. As mãos dele foram aos meus seios, tocando-os com desejo.

– Segure-se com força – me advertiu e eu entendi o que faria naquele momento.

Robert me preencheu completamente, projetando meu corpo para frente e fazendo-me

estremecer de prazer. Ao mesmo tempo em que fui lançada para frente devido a seu movimento brusco, ele puxou meus quadris para trás com força conseguindo com isso chegar o mais profundo possível. Foi um misto de dor, prazer e realização. Gememos juntos.

Mais uma vez, ele me puxou para trás, depois fui jogada para frente. Coloquei mais força em meus braços evitando o pior e absorvi suas investidas. Ele estava em todas as partes do meu corpo. Eu podia senti-lo me invadindo e recuando, suas mãos, seus lábios e sua língua, todos ao mesmo tempo e em

harmonia. Senti outro tapa, um pouco mais forte e quase fui à loucura. Nunca imaginei que seria tão bom. Cada gemido meu era retribuído por Robert com mais uma dose de puro prazer.

- Deus! Mel você é deliciosa! – disse com os dentes cerrados. – Tão apertadinha! – mais uma vez meu corpo sentiu a ameaça dos espasmos.

Robert era o tipo de homem que, nestas horas podia dizer que desejava um pudim de morango e soaria tão sexy quanto se dissesse que sou “tão apertadinha”. Puta que pariu! Era simplesmente

maravilhoso ouvi-lo. Não que eu precisasse ser apertada, nem era importante, era a forma como ele deixava claro que aquilo o tirava do sério que me levava à loucura. Fazia-me estar na beira de um precipício desesperada para me jogar dele. Para meu desespero, meu amante me abandonou antes que eu conseguisse pular.

- Acho que agora podemos...
— minha vontade era de espernear para que voltasse e continuasse de onde parou. Sem me dizer nada, saiu da cama pegou algo na poltrona e voltou.

A bolinha.

Meu corpo inteiro se arrepiou num misto de desejo e temor. Ele disse que eu nunca havia experimentado algo parecido. E eu queria muito experimentar.

- Está gelada – me alertou. – E você está pegando fogo – a forma como pronunciou aquelas palavras atijou ainda mais as chamas dentro de mim.

Robert passou os dedos entre minhas pernas em uma carícia íntima e deliciosa. Seus dedos deslizaram e, instantaneamente, senti algo gelado ser introduzido em mim. Deus! Aquilo era tão delicioso que me senti sufocada. A sensação do

frio tocando as minhas paredes ferventes era demasiadamente forte e prazerosa. Eu gemi desavergonhadamente enquanto sentia Robert empurrá-la dentro de mim.

- Isso, Mel! Eu sabia que você ia gostar – retirou seus dedos. Pensei em protestar, não o fiz pois sabia que logo ele mesmo me preencheria. Como com aquilo dentro de mim? – Mel, eu vou entrar em você. Não vai doer.

Não sei o porquê, também não quis me preocupar em descobrir no momento, mas Robert pareceu nervoso ao me fornecer aquela

informação. Por um breve segundo cogitei não aceitar, no entanto eu estava bastante envolvida para voltar atrás. E a sensação gelada em um meio quente, não me permitia raciocinar corretamente.

- Será apenas uma pressão um pouco mais forte. Não muito – acrescentou rapidamente. Eu podia sentir meu ventre se revirando enquanto meu coração acelerava cada vez mais com a expectativa. – Está nervosa? – sua voz demonstrava o quanto se divertia.

- Pressão?

- Sim – respondeu calmamente. – Ela está dentro de

você. Ocupando um espaço que me pertence. E eu vou reivindicá-lo.

Sua mão passou lentamente pelas minhas costas descansando em meus cabelos. Robert os segurou num rabo de cavalo apertado torcendo-os em sua mão. Não doía, apenas aumentava o meu desejo. Com a outra mão em minha cintura me puxou de encontro a ele, me penetrando. Puta merda!

Ele tinha ido até o fim empurrando a bolinha até encontrar o meu limite. Finalmente eu podia entender o que ele havia dito sobre a pressão. Os dois, Robert e a bolinha, duelavam dentro de mim a

cada estocada do meu amante. Percebi, um pouco tarde demais, que eu não gemia. Eu gritava. No mais puro e inebriante prazer já proporcionado a uma mulher.

Quanto mais Robert me puxava, mais eu sentia a batalha travada em meu interior. Meu canal “tão apertado”, como ele mesmo disse, tentava desesperadamente comportar os dois, o que era praticamente impossível, mas realmente muito, muito bom.

Tinha consciência de que, se eu sentia a bolinha gelada, Robert também a estava sentindo e, por causa disso, o meu tesão duplicou.

Aos poucos o gelo começou a ceder ao calor e a pressão foi aumentando.

Deduzi que a bolinha não estava mais gelada. Também, com tanto fogo em um espaço tão pequeno e apertado só podia dar nisso, porém, o prazer não diminuiu. Resolvi que um terceiro jogador cabia perfeitamente naquela disputa. Eu, Robert e a bolinha, que insistia em mostrar a ele que também tinha direito a um lugar dentro de mim.

Por isso quando meu amante me puxou para trás, deixei que ele fosse até o meu limite, ou até o limite da bolinha e rebolei fazendo com que os dois, Robert e a bolinha,

entrassem em parafuso dentro de mim. Senti a pressão aumentar, forçando meu ventre para baixo, ou seja, ela se deslocou deixando o espaço do fundo para Robert, enquanto ambos lutavam pela parede de baixo. Meu amante gritou de prazer e desequilibrou um pouco. Eu queria poder olhá-lo, era impossível na posição em que me encontrava.

- Porra, Mel! Não faz isso – gemeu conseguindo recuperar parte do seu equilíbrio. Eu já estava no meu limite. Robert sozinho já era difícil de controlar. Ele e a bolinha. Totalmente impossível. Juntei toda a força que me restava.

- O que? Isso? – forcei meu corpo contra o dele e algo quente se espalhou dentro de mim enquanto eu rebolava e ouvia, maravilhada, o seu gemido. Robert não parecia ter gozado, no entanto algo molhado e quente se espalhava pelas minhas paredes.

- Calma, Melissa! – ofegou. – A brincadeira não pode acabar ainda – forçou sua saída e depois estocou em mim sem piedade. Eu gritei ao me sentir totalmente preenchida e notei que a bolinha não estava mais na briga.

- A bolinha...

-Sim. Estourou – disse em seu

movimento lento, entrando e saindo
Caralho!

A sensação gelada havia desaparecido completamente, mas em compensação, o líquido que a bolinha liberou ao romper, esquentava tudo em meu interior. Era quente, muito quente. Eu me sentia fervendo e, por incrível que pareça, Robert também estava pegando fogo.

- Ah, Deus! — gemi desesperada. Quando eu pensava que nada mais poderia acontecer... Eu estava em chamas.

- Quente, meu bem?

Ele havia desacelerado o

ritmo para que eu não chegasse ao extremo antes de senti-lo. Eu poderia chorar naquele momento. Sim, eu poderia. O prazer que ele me proporcionava era magnânimo. Realmente, era algo que jamais havia experimentado. O mundo poderia acabar naquele momento, com água, fogo, terra ou ar, não me importava. Meus únicos pensamentos eram: eu vou gozar esplendorosamente. Então ele saiu de dentro de mim e um perfume doce preencheu o quarto. Flores, talvez, parecia muito com shampoo, banho e corpos limpos.

- Robert! – protestei.

- Já estou voltando, amor!
Calma! – e se enterrou
completamente dentro de mim.

- Por favor, Robert! –
choraminguei assim que ele ameaçou
sair outra vez. Eu estava em meu
limite.

- Sim, meu bem. Agora – seus
movimentos se intensificaram.

Não precisei de muito.
Bastaram mais duas estocadas e
pude sentir meu sexo se contrair
violentamente me lançando ao
espaço. Tenho certeza que gritei
quando todo o meu corpo se
enrijeceu e os espasmos me
sacudiram num orgasmo

astronômico. Eu podia jurar que estava vendo estrelas. Robert me acompanhou quase que imediatamente.

- Ah, Melissa! – disse meu nome enquanto gozava. Era extasiante.

Minhas pernas não mais sustentavam meu corpo, eu lutava bravamente para me manter firme na mesma posição. Agradei mentalmente pelo pufe. Robert, ainda ofegante, esticou o braço e me liberou. Puta merda! Quase fui de cara no colchão.

- Calma, Mel!

O pufe sumiu e meu corpo,

sustentado pelos braços do meu amante, alcançou o colchão. Ele se deitou sobre as minhas costas, sustentando seu próprio peso com os braços e traçou uma pequena trilha de beijos até quase meus quadris.

- Perfeita! - meu amante deitou ao meu lado de costas na cama e encarou o teto. – Realmente não adianta planejar nada para fazer com você. É incrível como sempre consegue fugir do roteiro – riu e descansou um braço atrás da cabeça.

- O que eu fiz de errado?

- Nada – sorriu docemente, levantou o rosto para beijar meus lábios e depois voltou a sua

posição. – É só que você me surpreende.

- Como assim?

- No carro – as lembranças aqueceram meu coração. - O batom – seu sorriso torto perfeito estava lá. Corei ao lembrar-me da brincadeira do batom. – Você não conseguir se manter firme na posição – riu e eu fiquei ainda mais envergonhada. – Não fique assim. Foi melhor do que eu imaginava. E você – virou me encarando e correu as pontas dos dedos pelo meu rosto. Seus olhos estavam quentes. Como podia? Eu estava exausta. – Deus, Mel! Você geme muito gostoso, mas nada se

compara a forma como você rebola – tenho certeza que minha boca escancarou involuntariamente e que meu rosto estava pior do que tomate maduro. - Vamos tomar um banho? – pisquei confusa com a mudança repentina. Banho? Eu não conseguia nem ficar de pé.

- Por falar em banho, você também sentiu o cheiro de shampoo...

- E flores – completou. – Sim. É o líquido da bolinha. O cheiro é bom, não é?

- Aquilo dentro era shampoo? – fiquei quase em pânico.

- Claro que não. Desde quanto

shampoo esquentava daquele jeito? – Robert ria se divertindo com meu espanto enquanto caminhava em direção ao banheiro. – Você vem ou não?

- Assim que minhas pernas voltarem – enterrei o rosto no travesseiro ao ouvir sua risada. - Tem sobremesa para depois do banho. Quer? – levantei o rosto encarando-o.

Eu estava totalmente assombrada com a possibilidade de fazer qualquer coisa naquele momento. Como Robert conseguia ter tanta disposição?

- Comida, Melissa! – tentou

manter a voz firme, eu sabia que queria gargalhar da minha cara. – A sobremesa do jantar – não aguentou e riu de verdade. – Isso não significa que estou te liberando de mais nada e não adianta olhar para mim com esta cara de assustada.

- Você acha que o mundo vai acabar amanhã?

- Sem ironia, Melissa – parou em frente à porta do banheiro. Nu. A perfeição em pessoa. – Se bem que se isso for acontecer realmente... – seus olhos debochados se fixaram em mim. –Talvez eu devesse intensificar a nossa rotina.

- Vá tomar banho, Robert! –

eu queria ter dito estas palavras de forma mais rude, porém a verdade foi que fiquei bastante empolgada com a possibilidade. Ele havia despertado o monstro no meu interior.

Acordei com seus carinhos. Seus dedos leves subiam e desciam pelas minhas costas. Uma carícia delicada, sem segundas intenções, que mesmo assim, disparavam mensagens fazendo-me despertar completamente.

Eu estava deitada de bruços.

Meu rosto enterrado no travesseiro e meu cabelo fazia uma cortina à minha frente, apesar disso assim que abri os olhos percebi a claridade fraca passando pela janela.

- Bom dia! – ele disse com voz preguiçosa.

- Oh, droga! Eu dormi sem a sobremesa

Apesar do cansaço e do sono que me dominou, sem me dar a mínima chance de reagir, não queria ter perdido nenhuma parte da minha noite ao lado de Robert.

- Pensei em acordá-la, mas não tive coragem. Você fica tão linda dormindo.

Sua voz era leve, como uma música. Manhosa e sensual, levemente rouca, forte e decidida na medida certa. Ainda não havia me virado para vê-lo, bastou ele perceber que eu estava acordada para colar seu corpo ao meu. Imediatamente algo familiar cutucou minha bunda. Robert também estava desperto.

- Ainda temos um tempinho - virou-me alcançando a minha boca.

Nosso beijo foi romântico, carinhoso, sedutor. Foi ganhando espaço à medida que nosso momento foi se intensificando. Não havia em nós, nada do que vivemos na noite

passada. Não havia quem mandava nem quem obedecia. Apenas duas pessoas que se amavam e se reconheciam daquela maneira única e exclusivamente nossa.

Já estávamos nus. Não precisei de muito para que meu corpo estivesse totalmente preparado e pronto para o dele. Lentamente, sem desgrudar nossos lábios, ele escorregou para dentro de mim. Com cuidado e, aos poucos, fui preenchida. Nossos movimentos lentos e despreocupados, com o tempo ou o desejo, ou até mesmo, com o que poderia acontecer depois. Éramos amantes que se

entregavam um ao outro sem barreiras nem limites. Naquele momento éramos simplesmente Robert e Melissa. Apaixonados. Explorando o prazer, o amor. Se permitindo, se provando e se oferecendo. Éramos nós dois, talvez pudéssemos dizer que éramos apenas um.

Robert me envolvia em seus braços e controlava nosso ritmo. Minhas pernas se entrelaçavam nele facilitando seu acesso ao meu corpo. O prazer era indescritível e impossível de ser narrado.

Não era somente o prazer físico que me envolvia e me

embalava. Existia em mim e, eu tinha certeza que o mesmo ocorria com o Robert, naquele momento, um prazer crescente por ser ele. Por tê-lo em meus braços e por estar nos braços do homem que amo. Do homem que, independentemente do que o futuro nos reservava, eu amaria por toda a eternidade. Não apenas o sexo maravilhoso. Era o amor com Robert e isso era insuperável.

Suas mãos me percorriam não só com desejo, também com posse e eu me arriscaria a dizer: veneração. Naquele momento me sentia perfeita, completa, saciada e, ao mesmo

tempo, tinha a certeza de essa sensação não duraria. Robert era uma grande parte de mim e satisfação não era um sentimento que permanecia por muito tempo, principalmente por causa da minha ânsia, do meu desejo e da minha fome por ele.

Quando finalmente alcançamos o êxtase eu me vi flutuando. Cada célula do meu corpo vibrava e se partia em milhares de pedaços. Robert, ofegante com o rosto enterrado em meu pescoço, iniciou uma série de beijos pelos meus seios, subindo até chegar a minha boca.

- Amo você! – sussurrou em meu ouvido enquanto continuava sua linha de beijos em meu rosto e pescoço. – Amo cada mínima parte sua, Melissa! – suas palavras soavam tão intensas e verdadeiras. Meu coração batia feliz e realizado.

- E eu amo você! – respondi, sentindo que minhas lágrimas logo cairiam.

Menos de uma hora depois, estávamos no carro rumo à empresa. Era mais um dia de trabalho. No meu rosto o maior de todos os sorrisos e em minha mente, o desejo de continuar vivendo aquela fantasia. Robert percebendo o meu

estado de espírito, segurou minha mão e a levou aos lábios para depois depositá-la em sua perna, mantendo-a lá. Eu me sentia segura e confortável. Nos lábios dele um lindo sorriso e em seus olhos um brilho esperançoso.

CAPÍTULO 13

Trabalhamos o dia inteiro e nada de anormal aconteceu. Nicole ocupou todos os minutos do meu horário de almoço e mais alguns depois dele, falando sem parar da festa de confraternização e também do jantar que ela daria em sua casa, para os amigos mais próximos. Eu até podia imaginar quantos “mais próximos” existiam para ela. Alexa

permaneceu completamente enigmática durante todo o tempo. Ela não falou diretamente comigo em nenhum momento, eu sabia que essa era sua reação aos presentes e flores que recebi de Robert no dia anterior.

No final do dia, Nicole apareceu em minha mesa quando eu terminava de agrupar uma série de contratos para arquivar. Robert estava na sala dele totalmente distraído com algumas planilhas que tinham chegado meia hora antes.

- Às vezes acho que você não me considera sua amiga.

- O que exatamente deixei de

fazer, Nicole?

- Não foi de fazer e sim de dizer – olhei curiosa para ela. Do que ela estava falando? - Mel, você não me contou nada sobre o xeique que se apaixonou por você e lhe enviou todos aqueles presentes – Nicole sorria como se tivesse descoberto meu segredo e eu continuava com minha cara de quem não estava entendendo nada. De onde ela tirou aquilo? – Deixe-me ver as joias que ganhou – deu dois pulinhos, empolgada.

Permaneci calada. Meu sangue gelou e imediatamente minhas mãos ficaram suadas.

- Vamos lá, Mel, não estrague a minha alegria.

- Eu... Eu... Como você...

- Robert me contou. Quer dizer, eu liguei um milhão de vezes até que ele não aguentou e me revelou uma parte bem pequena. Ele disse que não podia expor a sua vida e que se eu quisesse saber mais, teria que te perguntar – implorei mentalmente para que ela não perguntasse. – Por que está tão sem graça? Santo Deus, Mel! Não é crime despertar amor no coração de homens interessantes – seus olhos brilhavam.

- Nicole, eu...

- Coitado do Adam! – riu alto.

– Robert deixou vazar alguma coisa para ele também. Você acredita que ele ficou o dia inteiro desanimado, achando que perdeu sua chance com você? – mais risadas. - Também pudera, seria difícil competir com um xeique árabe. Você é uma garota de sorte! Conte-me. Ele é bonito?

Robert apareceu por trás de Nicole com um sorriso imenso. Provavelmente achando graça da besteira que inventada para justificar sua “brincadeira” comigo.

- Nicole! – assumiu a sua máscara de CEO, ficando sério. – Não tem nada de importante para

fazer em seu setor? – ela o olhou com cara de poucos amigos.

- Estou tentando colher informações sobre o novo namorado da minha amiga. Sim ou não, Mel? – voltou a me encarar.

- O que Nicole? – fiquei confusa. Ela me interrogando, pressionando por uma resposta. Robert fingindo indiferença pelo assunto. Minha cabeça ia pifar. – Não existe nenhum...

- Srta. Simon, preciso de algumas cópias do contrato da XST.

- E eu de respostas – Nicole cruzou os braços no peito e bateu o pé no chão, impaciente. – Fala logo,

Mel.

- O que você quer tanto saber, Nicole? – Robert perguntou demonstrando interesse por minha resposta. Meu rosto não estava apenas quente, ele pegava fogo.

- Quero saber como é o cara. Ele é bonito? É tipo sexy ou certinho? Acho que você faz mais o estilo certinho, mas quando olhamos para Dean... – balançou as mãos se abanando. Robert estreitou os olhos pressionando os lábios um no outro. Adorei ele ter ouvido aquilo. Era pouco para a confusão em que havia me metido.

- Nicole, estamos em horário

de trabalho. Você pode nos dar licença? – resmungou impaciente.

- Só me diga isso, Mel! – implorou dando saltinhos e juntando as mãos em suplica.

- Ele é horrível, Nicole! É a pessoa mais arrogante que já conheci e é cheio de si. É grosseiro, estúpido e mentiroso. Além de ser um aliciador de funcionárias – os olhos de Robert se arregalaram.

- Nossa! – Nicole sacudiu a cabeça, reorganizando seus pensamentos. – É amiga. Descarta – olhou para o chão, pensativa. – Não devolva as joias. Foram presentes. Problema dele se não conseguiu

alcançar o seu objetivo.

- É o que vou fazer – olhei nos olhos de Robert, arqueando uma sobrancelha. Ele ficou um pouco assustado.

- Posso continuar trabalhando agora, Nicole? – tentou ser firme, mas sua voz fraquejou. Eu quase gargalhei.

- Claro, Robert! – Nicole falou com o irmão com desprezo na voz. – Vejo você depois, Mel.

- Tchau, Nicole!

- Minhas cópias, Srta. Simon – foi frio.

- Quantas, Sr. Carter?

- Dez.

- Dez?

- Algum problema? – olhei para Nicole que aguardava o elevador e nos observava sem muito interesse.

- Faltam dez minutos para terminar meu horário – tentei falar o mais baixo possível. – Isso aqui deve ter umas oitenta páginas. Vou passar a noite tirando cópias.

- Se a senhorita não estivesse dispendendo seu horário de trabalho com conversas particulares, isso não seria necessário – voltei a olhar para Nicole que entrava no elevador e acenava para mim. Acenei de volta e aguardei que a porta se fechasse.

- Você não precisa de dez cópias deste contrato. Qual é o seu problema? – Robert ficou surpreso com a minha reação.

- Acredito que você precisa de tempo para pensar sobre o cara arrogante e cheio de si que lhe presenteou com uma pequena fortuna – seus lábios lutavam contra um sorriso. Foi em vão.

- Você é um cretino, Robert! – dei um soco leve em seu peito e ele riu me puxando para um abraço.

- O cretino mais sortudo da face da terra.

- Deve ser. Tem duas mulheres – provoquei e ele me

largou.

- Vá tirar as cópias.

- Uma cópia! – alertei enquanto andava em direção à copiadora. – E você ficará aqui de castigo comigo. Vou precisar de carona.

- Perdeu! – encostou-se a minha mesa de maneira descontraída. – Preciso passar em casa e depois ir ao mercado. Sua geladeira não tem nada de interessante – olhei para ele com os olhos estreitados e a boca levemente aberta. – Não adianta dizer que tem. Você não fez compras esta semana.

- Com sabe? – ele riu e eu

desisti. Robert sabia tudo da minha vida. – Psicótico! – provoquei.

- Ainda posso lhe dar umas palmadas, Melissa.

- Eu adoraria – ele puxou o ar com força.

- Isso está fugindo do controle, Srta. Simon. Conheço uma clínica que trata de pessoas com impulsos sexuais distorcidos ou distúrbios sexuais agravados. Posso tentar uma vaga para você.

- Com certeza você invadiria a clínica algumas noites só para confirmar se meu distúrbio ou impulso foi controlado – ele riu com vontade. - Como vou voltar para

casa?

Robert pensou por uns segundos, enquanto eu continuava a minha árdua tarefa de trocar as folhas de papel tirando uma cópia de cada. Ele se aproximou e me abraçou pelas costas.

- Deixo você no mercado enquanto vou em casa pegar algumas coisas, depois volto para buscá-la. O que acha? – depositou alguns beijos provocantes em meu pescoço, o que fez meu sangue correr mais rápido nas veias.

- Para com isso, alguém pode aparecer. E as câmeras?

- Estão desligadas –

aventurou-se um pouco mais. Suas mãos subiram em busca dos meus seios. Mordi meu lábio inferior indecisa entre permitir ou não aquele contato que poderia pôr tudo a perder. – Eu controlo as câmeras, esqueceu? Funcionam quando eu quero. E agora... – suas mãos me alcançaram e senti seus dedos em minha pele através do decote do vestido. – Eu não quero.

Tão rápido quanto se aproximou, ele se afastou. A porta do elevador abriu e Bruno, Paul e Adam saíram rindo de algo que conversavam. Olhei-o assustada com a possibilidade de eles terem

visto alguma coisa, mas Robert estava tranquilo, encostado a mesa, com a agenda vermelha na mão. Fingia não prestar atenção em nada.

- Não diga não – Bruno usou sua melhor voz estrondosa. Robert olhou para o irmão com um olhar divertido.

- Não! – e voltou a olhar para a agenda. Em seus lábios um sorriso sincero.

- Ah, qual é, Robert? Nem sabe ainda o que vamos falar – Adam falou com meu chefe, olhando diretamente para mim. Parecia faminto. – Oi, Mel! Tudo bem?

- Oi, Adam! – voltei minha

atenção para os papéis e a copiadora.

- Hoje ainda é terça-feira. Tenho um contrato importante para estudar, também algumas planilhas e propostas, ou seja, meu dia ainda não acabou.

Robert era realmente um grande mentiroso. Eu sabia que ele não precisava fazer nada daquilo, aliás, eu bem sabia o motivo de ele declinar do convite dos rapazes.

- Você é um velho, Robert! – Bruno provocou. – Não adianta tentar recusar. Hoje você vai sair com seu irmão nem que eu tenha que carregá-lo – eu ri.

- E você, tem compromisso para hoje, Mel? – Adam estava ao meu lado, atento a todos os meus movimentos – Digo, seu novo namorado deve ocupar todo o seu tempo livre.

- Ah! – ri sem graça – Não tenho um novo namorado, Adam – evitei olhar para Robert. Sabia que ele me mataria na primeira oportunidade, não conseguiria levar aquela história de xeique árabe adiante.

- Não? Pensei que... – o sorriso dele foi imenso. – E todos aqueles presentes? Eu... – balancei a cabeça negando o relacionamento e

voltei a prestar atenção aos papéis. – Então acho que posso convidá-la para um jantar, ou qualquer coisa do tipo – os olhos de Adam diziam alguma coisa a mais que eu não conseguia entender, ou não queria entender.

- Qualquer dia desses – senti um leve sabor de alegria na ponta da língua. Robert ficaria furioso, pensando bem, isso era bom.

- E então, Robert? – Paul falou mais alto, interrompendo nosso diálogo. – Vamos ou não?

- Não! – respondeu um pouco ríspido demais. O elevador voltou a abrir e dele saíram Nicole e Alexa.

Elas estavam animadas.

- Mel! – Nicole começou eufórica, mas parou ao constatar a presença dos rapazes. – Pensei que vocês já tivessem ido – falou com desdém para todos, no entanto seus olhos estavam em Paul.

- Está difícil convencer seu irmão – Paul cruzou os braços no peito numa posição defensiva.

- Robert é um homem casado e conhece suas obrigações – nossa! Nicole estava irritada? – Não é como certas pessoas que não compreendem o significado da palavra “compromisso” – meu chefe riu divertido com a birra de Nicole

e Bruno fingiu estar com medo dela.

- Nicole! – Paul advertiu. –
Nós já conversamos sobre isso.

- Claro. Mel, você está convocada para a nossa noite de garotas. Só as garotas – olhou diretamente para Paul e eu não pude evitar o riso.

- Ainda estou trabalhando, Nick – aponte para a copiadora. – Não sei quando conseguirei me livrar dela.

- Tenho certeza que Robert não vai se importar se você entregar as cópias amanhã – olhou ameaçadoramente para o irmão. Era uma cena engraçada.

- Sinto muito, Nick, estava agora mesmo dizendo ao Bruno que preciso analisar este contrato ainda hoje.

- Robert! – Nicole fez cara de desanimada e em seguida um biquinho digno de filme infantil.

- Alguém precisa ser adulto aqui – meu chefe argumentou e levou um tapa no braço, da irmã inconformada.

- Tudo bem. Podemos ajudá-la, Mel. Assim acaba mais rápido, teremos a nossa noite, regada a muita bebida e dança. Vou avisar na portaria da boate que estas pessoas – indicou o grupo de rapazes com o

dedo - Estão proibidas de entrar. A noite será só nossa.

- Sem bebidas, Nick – avisei.

- Você vai, Mel? – Adam fez a pergunta que Robert, com certeza, estava louco para fazer.

- É claro que não. Ela tem dez cópias para tirar deste contrato de quase oitenta páginas – Robert se apressou em responder por mim.

- Uma cópia, Sr. Carter – lembrei-o sem tirar os olhos da copiadora e trocando os papéis para tirar mais uma cópia. – O senhor não precisa de mais do que uma cópia para analisar – Robert ficou calado. – E sim, Adam. Vou sair com as

garotas. Não é justo os rapazes se reunirem e as meninas ficarem em casa – pisquei para Nicole e ela deu pulinhos de vitória.

- Vamos logo, Robert, antes que estas malucas resolvam seguir a gente – Bruno brincou e Alexa deu a ele um olhar mortal, fazendo-o recuar imediatamente. – Te vejo depois, amor – apressou-se a sair empurrando meu chefe para fora da sala.

- Isso é o que veremos - ela vociferou. O elevador chegou e Robert voltou correndo para pegar algumas coisas em sua mesa. Ele parecia animado demais, o que me

atingiu como um soco.

- Deixe a cópia sobre a minha mesa, Srta. Simon - passou rapidamente por mim e seguiu para o elevador com os outros. Apenas Alexa notou a minha cara de namorada abandonada e pela primeira vez ela riu da situação.

Meia hora depois estávamos juntas no carro de Nicole. Inventei mais uma mentira para justificar a falta do meu carro. Alexa também estava sem o dela, pois fora trabalhar de carona com Bruno. Elas estavam realmente furiosas com o fato dos rapazes saírem para uma noite só de garotos.

Fomos jantar num restaurante italiano e rapidamente toda a tensão se dissipou. Conversamos sobre as fofocas da empresa e o meu misterioso namorado árabe foi o assunto mais comentado. Alexa sabia que não existia namorado árabe e, sim, um namorado que estava mais próximo de mim do que todos poderiam imaginar. Em nenhum momento falamos sobre Robert, Tanya ou qualquer um dos meus fantasmas. Eu me senti leve com elas.

Depois do jantar, Nicole quis dançar. Eu não queria. Estava cansada, por causa da minha longa

noite com Robert e, para dizer a verdade, queria muito voltar para casa e estar outra vez em seus braços. Infelizmente era impossível convencer Nicole a desistir de alguma coisa e, no momento, ela queria muito ter algo para contar a Paul no dia seguinte. Um jantar entre amigas não era muito interessante nem chamaria a atenção dele.

Por isso acabamos na boate dela, a mesma onde Robert havia atacado um rapaz só porque me viu beijando Dean. Meu sorriso cresceu com as lembranças. Tantas confusões e, eu sempre acabava do mesmo jeito, nos braços dele.

Entramos e seguimos em direção à mesa que ficava reservada para Nicole. A boate estava cheia para uma terça-feira. Nick sabia que estaria talvez por isso a tenha escolhido. Um DJ famoso se apresentava e as pessoas estavam enlouquecidas com o show. Caminhamos, com a ajuda de dois seguranças, que forçavam a passagem para que conseguíssemos alcançar o segundo andar.

Nicole parou abruptamente nos fazendo colidir com seu pequeno corpo. Olhei para ela tentando entender o que a tinha feito parar tão bruscamente e notei que olhava para

cima com raiva. Acompanhei seu olhar, constatando chocada a presença deles. Todos eles. Paul, Bruno, Adam e Robert. Na mesa reservada para nós, estavam de pé, acompanhando a movimentação do andar de baixo. Paul deu um sorriso largo para Nicole que estava indignada.

- Não acredito que conseguiram entrar. Isso é tão injusto! — demonstrou total e completa irritação. Alexa não pareceu incomodada em ter seu namorado por perto e Robert parecia se divertir com algo. Eu nunca o tinha visto assim.

Uma força, maior do que eu poderia evitar, me fez girar e chocar com o que me pareceu uma parede, só que uma imensa parede de músculos. Dean. Num segundo eu estava fascinada olhando Robert e no outro era esmagada pelos braços de Dean. Ele me segurava com força e me sacudia no espaço mínimo em que nos encontrávamos, colidindo com outras pessoas que também se espremiavam próximas à pista de dança.

- Mel! – falou carinhosamente em meu ouvido. – Quanto tempo! – ele me soltou do seu abraço segurando meu rosto entre suas

mãos. – Senti tanto a sua falta! – Seus olhos perderam um pouco do brilho.

- Dean! – tentei colocar empolgação em minha voz, na verdade estava triste por ele e com muito medo da reação de Robert. – Como está? – coloquei minhas mãos em seus braços forçando uma distância entre nós dois.

- Bem! – analisou a minha expressão. – Quer beber algo? Uma cerveja?

- Não. Na verdade...

- Dean! – Nicole praticamente gritou ao nosso lado. – Você nunca mais apareceu! Olhei confusa para a

minha amiga. Desde quando era tão íntima dele? – Nós adoraríamos tomar uma cerveja com você. Não é Alexa? Mel?

Alexa ficou sem reação e com certeza sua mente procurava uma forma de consertar as coisas. Nicole nos empurrou em direção ao balcão do bar. Dean sorria largamente e me segurava pela cintura. Puta que pariu! Robert com certeza aprontaria algo. Meu ex-ficante, pediu as cervejas e nós nos encostamos ao balcão.

- O que tem feito? – virou-se diretamente para mim.

- Trabalhado muito.

- O carro dela quebrou hoje pela manhã e ela não faz nem ideia do que aconteceu – Nicole se intrometeu na conversa, sorrindo. Buscava alguma forma de esgotar a paciência de Paul. Eu esperava que não sobrasse para Dean.

- Seu carro quebrou? Posso dar uma olhada.

- Não precisa. Ele é temperamental. Tenho certeza que amanhã estará tudo bem – ele sorriu. Era lindo sorrindo. Parecia uma criança de tão verdadeiro.

- Nicole – Paul passou por nós dois nos imprensando contra o

balcão. Dean segurou mais firme em minha cintura. Robert estava com ele, assim como Bruno e Adam. Alexa rapidamente abraçou Bruno tirando-o de nosso grupo. Robert evitava olhar para mim, seu maxilar travado indicava o quanto estava aborrecido.

- Paul! – minha amiga respondeu, revelando a sua satisfação.

- Isso é ridículo! – ele falou visivelmente alterado.

- Não estou entendendo. Ah! Deixe-me apresentá-lo. Este é Dean, o namorado da Mel.

Todos olharam para mim,

inclusive Robert. Eu estava fodida. Com todas as letras e intensidades desta palavra. Nicole sem saber havia me atirado numa fogueira e eu sabia que queimaria até morrer. Paul olhou para mim, depois para Robert. Eu não conseguia ter reação alguma.

- Pensei que não tivesse namorado, Mel – Adam quebrou o momento constrangedor, me ajudando a recuperar o pouco de raciocínio que me restava.

- E não tenho. Dean é só um amigo.

Eu não consegui mais olhar nos olhos de Dean e constatar sua tristeza pelas minhas palavras.

Robert se afastou com o celular nas mãos. Ele sumiu em meio à multidão. Algum tempo depois meu celular vibrou. Olhei para o visor e fiquei sem reação. Era ele. Merda! Coloquei-o no ouvido sem falar nada.

- Que merda é essa, Melissa?
— gritou do outro lado me assustando. Olhei para meus amigos com receio de que mais alguém tivesse ouvido. Apenas Dean me olhava, mas desviou a atenção quando olhei para ele.

- Não sei.

- Você disse a ele onde estaria?

- Não! – minha cabeça girou.

Robert estava muito irritado.

- Então o que?

- Não sei! – minha voz saiu meio exaltada e novamente olhei ao redor para saber se alguém prestava atenção em mim. – Quer parar com isso?

- Mande-o tirar a porra da mão de você ou não responderei por mim – só então me dei conta de que Dean continuava segurando em minha cintura. – Que merda, Melissa! Estou na frente de meus irmãos, preciso manter a calma, mas por Deus, juro que não vou conseguir me conter se...

- Pare com isso! - rosnei. –

Não posso falar com você agora – desliguei o telefone e respirei com mais força para me acalmar.

- Algum problema? – Dean se aproximou.

- Alguns – olhei ao redor procurando por Robert. – Preciso ir ao banheiro.

Ele retirou sua mão de mim, permitindo que eu saísse. Foi a única forma que encontrei para fazer com que me soltasse sem chamar a atenção para Robert. Pela segunda vez na mesma noite fui puxada com força. Desta vez já sabia de quem se tratava. Robert me puxou por entre

as pessoas para uma parte mais escura.

- O que está acontecendo?

- Robert eu já disse...

- Não quero as mãos dele em você – mesmo na penumbra podia enxergar a raiva no olhar dele.

- Ele não estava...

- Você é minha! – rosnou ferozmente. – Apenas minha. Seus lábios exigiram os meus. Robert me beijou com ardor revelando nossos sentimentos: amor, paixão, tesão, medo, raiva, ciúmes. Agarrei-me em seus cabelos sentindo os fios passarem entre meus dedos. Ele me imprensou na parede, colando seu

corpo ao meu. Sua excitação roçou em meu ventre, fazendo-me desejá-lo loucamente.

Ele segurava meu corpo com força e eu me sentia totalmente vulnerável em suas mãos. Naquele momento eu queria que me tomasse para ele, me exigisse e me fizesse sua. Apenas sua. Quando nosso beijo se desfez ele estava ofegante com a testa colada na minha.

- Vamos embora – sua voz soou fraca. – Vamos para casa, Melissa.

- Vocês dois só podem ter enlouquecido! – Alexa apareceu fazendo Robert enrijecer.

– Nicole queria vir atrás de você, Mel! Já imaginou se ela os flagra nessa situação? Vocês só podem ter perdido o juízo – disse olhando diretamente para Robert que a encarou sem receio. Eles travaram uma batalha de olhares e eu sabia exatamente tudo o que Alexa jogava na cara dele, em silêncio.

- Vamos, Alexa – apressei-me em sair dali. Robert me segurou pelo braço.

- Vamos embora, Melissa.

- E vão dizer o que a Nicole? Esqueceu que ela é amiga de Tanya? Enquanto vocês brincam de Romeu e Julieta, ela fecha o cerco – olhei

para Robert sem saber do que se tratava. – Tanya disse a Nicole que descobriu que você tem uma nova amante na empresa e sua irmã se prontificou a identificar quem é. Você sabe muito bem no que vai dar quando ela descobrir que a nova amante é a Mel – minha amiga gesticulava com raiva apontando um dedo para Robert.

Nova? Do que eles falavam? Eu sabia que Robert tivera outras amantes, mas outra amante na empresa? Esta não era uma regra que ele havia quebrado somente comigo? Olhei para ele que continuava encarando Alexa. Seu

maxilar travado deixava claro o quanto a situação era tensa. E eu não conseguia pensar em mais nada. Que porra de história de amante era aquela?

- Tudo bem – falou com raiva.
– Voltem. Eu irei em alguns minutos.

- Estamos no andar de cima –
Alexa falou com desprezo eu continuava sem compreender nada.

Por que falavam com tanta raiva? Que merda de história de amante era aquela? Alexa segurou em minha mão e nós atravessamos o mar de pessoas que dançavam freneticamente ao som do DJ. Quando alcançamos o pessoal, Dean

já não estava com eles.

- Ele foi embora logo depois que você saiu – Alexa me informou.

“Legal! Mais um problema para eu resolver”.

Precisava conversar com Dean. Ele merecia uma explicação. Caminhamos para o sofá em formato de “C”. Alexa voltou para os braços de Bruno que olhou para mim de forma diferente. Será que ele também sabia? Desviei o olhar, sem graça. Nicole conversava com Paul num canto mais reservado e Adam me olhava com olhos pidões. Droga!

- Seu amigo foi embora – Adam falou tão logo me aproximei.

- Eu sei.

- Você parece irritada – sorri sem vontade. – Ele é mais do que um amigo não é? – Por um segundo acreditei que falava de Robert e minhas mãos ficaram geladas. – Ele não me pareceu muito feliz quando disse que eram apenas amigos – respirei aliviada.

- Agora nós somos apenas amigos – esclareci e Adam sorriu esperançoso.

- Sobramos nós três – Robert apareceu com três taças nas mãos. Adam retirou a dele e meu chefe me entregou outra. Bebi o champanhe observando as pessoas dançarem.

Não conseguiria olhar para Robert sem questioná-lo.

- Mel, desculpe! – Nicole apareceu chamando a minha atenção. – Vou embora com Paul – seu sorrisinho indicava que qualquer desavença entre eles já havia sido resolvida. - Pode ficar com meu carro? Amanhã você vai com ele e depois te deixo em casa – concordei prontamente e ela largou a chave em minha mão. – Vejo vocês amanhã.

Aguardei um tempo e anunciei a minha partida também. Robert e Adam se ofereceram para me acompanhar. Foi patético assistir aos dois me levando até o carro de

Nicole e depois me vendo partir. Não demorou muito para meu amante me seguir. Eu tinha certeza que ele estaria logo atrás de mim. Estacionei o carro próximo ao meu e subi as escadas sem aguardá-lo. Robert me alcançou quando eu tentava abrir a porta.

- Qual o motivo de tanta pressa? – ignorou a minha raiva e tomou as chaves de minha mão.

- O que Alexa quis dizer com uma nova amante dentro da empresa? – Robert comprimiu os lábios numa linha fina e abriu a porta me dando passagem.

- Você não deixa passar nada.

- Droga, Robert! Responda! –

Eu estava a ponto de explodir.

- Você não reage muito bem ao meu passado, Mel. E como eu disse, são coisas que pertencem ao passado, por favor, esqueça – ele entrou em meu quarto e sentou na cama para tirar os sapatos.

- Não! – falei com raiva. – Você vai me contar ou vou agora mesmo procurar Alexa e acredite, ela me contará.

- Eu tenho certeza que sim. Alexa está louca para nos separar.

- O que quer dizer? Por que Alexa faria isso?

- Pelo mesmo motivo que

Nicole a odiaria se descobrisse sobre nós e que Olívia nunca a aceitaria se descobrisse. Elas não querem amantes na família. Tanya interpreta bem o papel da boa esposa. Elas levam isso a sério. Aparentemente, Alexa gosta de você e esta é única razão para não me dedurar.

- Robert, eu quero uma resposta — falei pausadamente controlando a raiva que sentia. Não apenas por mais esta novidade, e sim pelo fato de ouvir Robert falar das consequências do nosso relacionamento de maneira tão natural. Como se não fosse

importante eu ser odiada por Nicole ou repudiada por Olívia.

- O que quer saber? – levantou e caminhou de volta para a sala parando na mesa encostando-se nela.

- De quem Alexa estava falando quando se referiu a outra amante dentro da empresa? – Robert respirou com força e passou uma das mãos pelos cabelos. – Por Deus, Robert! Responda.

- Tudo bem – fez uma pausa analisando minha reação. – Mas não é como você está pensando.

- Quem? – perguntei ainda mais irritada. Robert me encarou

hesitante.

- Abgail.

Meu coração perdeu uma batida. Abgail? Minha amiga? A mesma que ele tinha me garantido que nunca houve nada entre eles? Ele havia jurado que eu era a única que fizera quebrar a regra. Olhei-o sentindo as lágrimas se formarem. Parei chocada ao constatar que meu amante estava sorrindo. Foi muito mais forte do que eu.

- Mel... — fechei o punho e juntei toda a minha força acertando um soco em seu nariz. Robert se encolheu com o impacto e gemeu alto. Então eu vi o sangue jorrar

pelas suas mãos e ele parar olhando-as atônito, sem reação.

- Você quebrou meu nariz?

Merda! O que eu havia feito?

CAPÍTULO 14

Dirigi o carro de Robert pedindo a Deus para me ajudar a não fazer mais nenhuma bobagem. Ele permaneceu calado apenas pressionando uma camisa minha no rosto evitando que o sangue se espalhasse mais. Sua camisa já estava ensanguentada e as mãos completamente vermelhas, além dos sapatos e das meias, que ele tinha

insistido em colocar antes de sairmos em busca de ajuda. O que eu deveria fazer?

Estava levando-o para o melhor hospital de Chicago, sem ter a menor ideia do que diria ou quem chamaria para nos ajudar. Com certeza quebrar o nariz do meu amante não era o meu único problema. Eu teria que enfrentar, ou inventar, uma mentira para justificar o que aconteceu e como fui parar com ele num hospital. Minha cabeça não conseguia formular nenhuma desculpa perfeita, principalmente depois do que ele disse após eu acertá-lo com um soco certeiro no

nariz.

- Você quebrou meu nariz? – ele dissera assim que meu punho o acertou com uma força que até aquele momento nunca soube que possuía. – Por que você fez isso? – Robert olhava para as mãos tentando encontrar algo que justificasse o meu ato de violência.

- Você é um cretino, Robert! – afirmei com raiva, porém toda a minha vontade de matá-lo havia desaparecido. Só restava o meu desespero por ter realmente machucado alguém, mesmo esse alguém sendo Robert Carter com todas as suas mentiras.

- Eu disse que não era como você pensava, Melissa. Que droga! – gritou procurando algo que ajudasse a estancar todo aquele sangue que insistia em descer de seu nariz, formando uma poça em meu chão imaculadamente branco. – Eu não transei com Abgail sua... Sua... Sua maluca inconsequente! – pegou uma camisa minha que estava largada no sofá e imediatamente levou ao nariz.

- Então por que?

- Eu disse que a mulher que Tanya pensava que eu tinha um caso na empresa era Abgail e não que eu tive um caso com ela. Você é

inacreditável, Melissa! Olha o que fez? – sua voz saía anasalada e ele já ofegava por falar muito rápido quando só conseguia respirar pela boca.

- Robert, não estou entendendo.

Toda a minha energia estava indo embora em um segundo. Eu havia quebrado o nariz dele, mas meu amante não havia transado com a Abigail. Merda! O que eu tinha feito?

- Mais tarde, Melissa. Preciso de um médico agora.

Ele já estava devidamente calçado e pronto. Estava

arrependida e com medo das consequências do meu ato. Olhando-o de tempos em tempos, apenas conseguia demonstrar angústia e insegurança. Robert não me perdoaria desta vez.

- Robert, me desculpe! – repeti pela milésima vez desde que saímos do meu apartamento. – Eu não queria... Eu não pensei... – não conseguia formar uma frase coerente que me pudesse a convencê-lo de que estava mesmo arrependida.

- Não se desculpe!

Ele finalmente me respondeu depois de todas as minhas tentativas sem êxito. Robert estava com raiva e

coberto de razão. Eu me afundaria no banco se não estivesse tão preocupada em manter o foco em dirigir.

- De olho na estrada, Melissa.

- Por quê?

- Porque não quero mais nenhum ferimento — retrucou impaciente

- Por que não posso me desculpar?

Foi a primeira coisa que veio em minha mente. Eu não sabia ao certo o que dizer a ele e também por não conseguia manter uma linha de raciocínio coerente.

- Porque você não é tão

inocente quanto aparenta – cuspiu com raiva as palavras para mim.

- Você estava rindo. Eu não queria, mas você estava rindo.

Eu gesticulava e dirigia ao mesmo tempo enquanto tentava adivinhar o que ele pensava através do seu semblante. Tudo bem que Robert tampava metade do rosto com a camisa ensanguentada e evitava me olhar nos olhos, mas eu tinha esperança.

- Merda, Melissa! Mantenha os olhos na rua e as mãos no volante - quase gritou.

Após alguns minutos chegamos ao hospital e

imediatamente dois enfermeiros estavam na porta de Robert ajudando-o a sair e colocando-o em uma cadeira de rodas. Eu tentei ser tão rápida quanto eles, mas outro enfermeiro me alcançou me impedindo de entrar na sala para onde levavam o meu amante.

- A Senhora deve se dirigir à recepção antes passar pela recepção. Precisamos de algumas informações. Não se preocupe. Eles vão cuidar bem do seu esposo.

- Esposo? – olhei para o corredor para onde levaram Robert e depois para o enfermeiro. – Ele não é meu esposo. Ele é... – o que eu

poderia dizer que não chamasse tanta atenção para nós dois? – Ele é meu chefe.

- Entendo. Por favor, acompanhe-me a recepção. Um médico virá conversar com a senhora. Creio que deva comunicar à família dele – o enfermeiro não me olhava diretamente nos olhos. Agradei mentalmente. Meu rosto devia estar completamente vermelho.

- Vou fazer isso.

Caminhei até a recepção sem saber ao certo o que deveria fazer. Não poderia me responsabilizar por Robert. Chamaria muita atenção. Era madrugada e eu estava com meu

chefe na emergência de um hospital. Com certeza daria muito o que pensar. Decidi ligar para alguém, mas quem?

O celular dele estava no carro. Fui buscá-lo para procurar em sua agenda. Não podia ligar para Nicole e Alexa não teria como fazer sem chamar a atenção de Bruno. Resolvi ligar para Paul.

- Robert, não me obrigue a dizer o que eu estava fazendo com a sua irmã a esta hora da madrugada – atendeu bem-humorado.

- Paul! Sou eu, Mel – minha voz falhou algumas vezes. Me sentia péssima! Além de ter quebrado o

nariz de Robert, havia estragado a noite da minha amiga.

- Mel? O que...

- Tenho um problema e preciso de sua ajuda.

Expliquei tudo o que aconteceu e ele me disse que chegaria em alguns minutos. Eu só não sabia o que faria para não chamar a atenção de Nicole.

Sentei na recepção e deixei minha cabeça pender em minhas mãos. Robert não me perdoaria. Nunca me perdoaria. Eu sabia disso. Podia inclusive vê-lo me abandonando. Sem contar com Tanya e toda a sua fúria. Sentia o

inferno que se formando ao meu redor. Eu não havia quebrado apenas o nariz dele, havia quebrado a nossa história.

Não sei quanto tempo Paul demorou para chegar, o fato é que chegou e com ele toda a minha desgraça.

- Mel? — chamou-me com a preocupação estampada em sua voz.

Levantei o rosto, dando de cara com ele. Logo atrás, ainda entrando na pequena sala, estava Nicole. Ela caminhava em minha direção. Com raiva. Céus! Eu estava perdida. Seus passos pequenos foram rápidos o suficiente para me

alcançar ainda desarmada.

Nicole me deu um tapa certo no rosto antes de falar qualquer coisa ou de me deixar falar. Meu rosto virou com força para o lado. Não tive coragem para revidar ou falar. Eu merecia aquele tapa. Quando resolvi levantar os olhos, Paul a segurava com força tentando afastá-la de mim, mesmo assim ela ainda gritou.

- Fique longe da minha família, sua cobra. Sua vagabunda! – as palavras dela me feriram muito mais do que o tapa.

Eu não queria magoar a minha amiga. Apesar do pouco tempo de

amizade já amava Nicole, tudo o que ela era e que já tínhamos vivido. Não queria perdê-la, nem a Robert. Eu não queria nada do que estava acontecendo.

- Nicole! – Paul a repreendeu segurando-a pelos ombros enquanto a mantinha presa a uma parede ao fundo da sala. – Não fale coisas das quais poderá se arrepender. Você não sabe o que está acontecendo – tentou manter a voz baixa, no entanto o caos já estava formado. Alguns funcionários, poucos, é verdade, olharam a cena, curiosos.

- Você sabia de tudo! – acusou. – Tanya é sua irmã. Como

pôde?

Neste momento Alexa e Bruno entraram. Alexa olhou para o canto onde Nicole e Paul estavam, e entendeu imediatamente o que estava acontecendo. Seu olhar era de preocupação, mas acima de tudo, compaixão por mim. Só então percebi que as lágrimas escorriam dos meus olhos. Minha amiga caminhou em minha direção e me pegou pelo braço com cuidado.

- Vamos, Mel. O melhor a fazer no momento é levá-la para casa.

- Não, Alexa! – protestei baixinho para que Nicole não

ficasse ainda mais enfurecida.

- Não se preocupe – ela já me conduzia para fora da sala. – Paul vai nos manter informadas. Ele me pediu ajuda depois que foi forçado a contar sobre você e Robert para Nicole. Acho que já entendeu o porquê.

Deixei que Alexa me conduzisse para fora do hospital sentindo-me a pior de todas as pessoas.

Estava destruída pelas palavras de Nicole e pelo que sabia que viria de Robert. Bruno nos seguia um pouco afastado e em silêncio. Não dava para saber o que

ele pensava daquela história toda. Entramos no carro e Alexa fechou a porta me deixando sozinha no banco de trás. Bruno entrou no mesmo instante desta vez, ele olhou para mim e seu olhar era de quem se divertia. Fiquei completamente sem graça.

- Melissa Simon! – disse debochado. – O que andou aprontando, hein?

- Bruno, nós concordamos que... – Alexa o advertiu.

- Eu sei amor. Só quero saber o que ela fez para que Robert precisasse de cuidados médicos – sorriu inocentemente.

- Eu acho que... – minha voz estava quase inaudível. – Quebrei o nariz dele – Bruno explodiu numa gargalhada constrangedora. Eu me senti afundando no banco enquanto minhas lágrimas despencavam.

- Bruno! – Alexa deu um soco em seu no braço. – Quer se juntar a seu irmão? – Bruno parou instantaneamente de expressar seu bom humor com tanta veemência. Fiquei muito grata.

- Mel, o que aconteceu? – Alexa parecia mais preocupada do que curiosa.

- Fiquei com raiva por causa do que você disse lá na boate, sobre

ele ter tido um caso com alguém da empresa. Quando chegamos em casa ele deu a entender que tivera um caso com Abigail. Você sabe, Abigail é minha amiga. Eu já havia perguntado a ele antes e ele dissera que não – falava e gesticulava rapidamente devido ao nervosismo. – Quando dei por mim já tinha feito a besteira, ele começou a sangrar e precisei trazê-lo para cá. Céus! Não sei mais de nada –novamente cobri meu rosto com as mãos. Ainda ouvi uma risada abafada de Bruno e pelo tempo que ela durou tenho certeza que Alexa deu mais alguns socos nele.

- Coitado do Robert! – disse em tom brincalhão. – Ai! – Alexa deve ter acertado para valer.

- Mel, Robert não teve um caso com Abgail. Pelo que sabemos você é a única mulher com quem ele já ficou na empresa – ela se apressou em dizer.

- Eu sei. Ele conseguiu me contar a verdade depois.

- Eu não disse que ele tivera um caso. Por que você não me perguntou?

- Achei que seria mais fácil perguntar diretamente a ele.

- Coitado do Robert, duas mulheres, várias satisfações. Ai!

- Cala a boca, Bruno! – gritamos juntas.

- Ele não teve um caso com Abigail. Ela se meteu numa confusão sem tamanho por causa do Adam e isso trouxe consequências terríveis.

- Como assim? – algo me dizia que muito ainda precisava ser revelado e eu sabia que não seria nada agradável.

- Não sei se posso contar. Seria melhor se perguntasse a ele.

- O que? Não, Alexa! Ela vai quebrar o nariz dele outra vez.

- Bruno Carter, não estou brincando. O próximo a precisar de cuidados médicos será você. Vamos,

Mel precisa descansar – Bruno ligou o carro e fomos embora do hospital.

Eu estava com o coração na mão. Angustiada por deixá-lo machucado e sem mim, também preocupada por não saber se ele queria ou não que eu continuasse ao seu lado. Seria uma noite sufocante. A madrugada escura e silenciosa se acercou de nós e ficamos os três perdidos em pensamentos. Cada segundo era pior do o outro. Eu não conseguia parar de pensar nele.

- Robert é um bom homem, Mel – Bruno quebrou o silêncio. – Ele carrega o peso do mundo nas costas. Acha que é o único

responsável por tudo de ruim que aconteceu em nossa família. Ele é complicado, mas é uma pessoa incrível e mesmo não acertando sempre, no final acaba sendo para o nosso bem.

- Forma estranha de demonstrar isso – Alexa desdenhou, cruzando os braços na frente do corpo.

- Você deveria ser grata a ele, afinal de contas foi graças a meu irmão que nos aproximamos.

Bruno assumiu um tom completamente novo para mim. De admiração que definitivamente não tinha nada de brincadeira, apenas

aceitação. Fiquei curiosa sobre o que teria ocorrido, principalmente porque envolvia a história de Robert que era tão proibida para mim.

- Ah, não! Não vem com essa outra vez. Eu admito que se ele não tivesse feito aquela merda, você nunca olharia para mim, mas fazer o que ele fez?

- O que ele fez? – não aguentei continuar ouvindo sem saber do que se tratava.

Alexa e Bruno fizeram um segundo de silêncio que me pareceu muito mais longo do que realmente era. Imaginei que se questionavam se deveriam ou não me contar mais

sobre as armações do Robert e confesso que fiquei com medo de descobrir algo que me fizesse sofrer ainda mais com o passado tão complicado dele.

- Antes de Alexa – Bruno começou, meio devagar, como se quisesse se certificar que estava fazendo a coisa certa. – Eu namorava há dois anos com outra garota.

- Mennie.

Alexa pronunciou o nome como se estivesse dizendo um palavrão. Meu coração deu dois pulos. A garota que encontramos no restaurante, quando Robert perdia

seu tempo me provocando ao invés de me tomar de vez para si.

Estremeci. Bastou aquela informação para que eu entendesse do que falavam. Não conseguia me decidir se era algo bom ou ruim. Se a garota foi namorada de Bruno e eu a conhecera como uma das ex-amantes de Robert, então...

- Eu era um imbecil, e como todos os imbecis, me recusava a acreditar nisso – ele esboçou um sorriso leve. – Você já deve ter imaginado o que aconteceu. Resumindo, eu namorava a Mennie e Robert vivia me torrando a paciência dizendo que ela era

interesseira. Quando... – parou para pensar e resolveu não entrar naquela parte da história. – Algumas coisas ruins aconteceram em nossa família, Robert e Tanya começaram a se estranhar. Meu irmão adotou a postura que mantém até hoje, de responsável por tudo e por todos e como tal, assumiu as empresas, com isso conseguiu o que precisava para me provar que Mennie não era a pessoa certa para mim.

- Ele transou com ela na sua cama! – Alexa revelou um tanto quanto irritada. – De propósito. Sabendo que você iria surpreendê-los. Tenha a santa paciência! Isso lá

é forma de fazer com que o irmão entenda seus motivos? Foi ridículo e absurdo. E, para piorar, fez de Mennie sua amante fixa.

- Ele fez isso para me provar que Mennie não prestava. Já imaginou se eu me casasse com ela? – a voz de Bruno ficou um pouco mais alta e Alexa, mesmo durona, pareceu aceitar. – Mel, ele não fez isso de sacanagem. Ele vivia me dizendo que Mennie não prestava que estava apenas de olho em meu dinheiro. Quando assumiu as empresas eu e Nicole vendemos a ele a maior parte das nossas ações, com isso Robert se tornou um

partido melhor do que eu aos olhos dela. Tinha razão, sempre teve, tanto que Mennie nem pensou duas vezes quando ele se aproximou.

- E você aceitou assim, tão tranquilamente? – fui incapaz de evitar a pergunta. Bruno agia como se aquele absurdo fosse certo. Ele não falava com mágoa ou tristeza, e sim com orgulho do irmão.

- Não! É claro que não! Nós brigamos. Até neste momento ele fez o que era certo. Quando conseguiram nos apartar, porque nós nos pegamos para valer – riu. – Robert me disse que eu deveria olhar melhor para Alexa, que era

amiga de Nicole. Mais uma vez ele estava certo – Bruno segurou na mão de Alexa levando-a aos lábios. Alexa sorriu timidamente.

- E em relação à Abgail? – eu estava chocada, no entanto sabia que precisava continuar. Bruno suspirou e Alexa resolveu me contar.

- Adam ficava tempo todo tentando convencer Abgail a sair com ele.

- Mais ou menos como faz com você – Bruno brincou com a situação. Eu não tinha ânimo para rir.

- Isso! – Alexa concordou sorrindo. –Ao contrário de você,

Abgail cedeu e num determinado dia, Adam ia levá-la para sair depois do expediente, porém o carro dele, por algum motivo estranho, não funcionou. Bruno e Paul já haviam ido embora, então ele apelou para Robert que lhe emprestou o carro já que ficaria até mais tarde no escritório. O que Adam não sabia era que Robert não voltaria para casa naquela noite, provavelmente por alguma briga com Tanya. Adam saiu com Abgail, e eles resolveram estender a noite. Você pode imaginar como – ela sorriu e piscou para mim, virando no banco para que conversarmos melhor. – O que

ninguém contava era que Tanya sairia pela noite procurando Robert e muito menos que ela encontraria o carro no momento em que eles entravam no motel. Assim a confusão foi armada. Tanya deduziu que Robert estava no carro e reconheceu Abigail, por causa de uma camisa chamativa dela. No dia seguinte foi uma loucura. Robert tentou convencer Tanya, mas ela não acreditou, nem acredita até hoje.

- E Adam? – só conseguia me sentir mais arrasada pelo soco que havia dado em Robert.

- Adam é um cretino. Ele morre de medo de Tanya – Bruno

respondeu com certo desprezo na voz. Achei estranho, já que aparentemente havia amizade entre eles. – Como eu disse, Robert é uma boa pessoa - depois disso voltamos a ficar em silêncio. Em pouco tempo Bruno estacionava em frente ao meu apartamento.

- Posso ficar um tempo com você, Mel – Alexa se ofereceu amigavelmente.

- Não precisa. Eu só vou tomar um banho e aguardar notícias.

Claro que eu queria correr para o hospital e implorar pelo perdão dele, mas era muito covarde para encarar Nicole. Na verdade eu

nem sabia se voltaria a trabalhar na empresa. Com certeza, Nick colocaria um aviso no portão impedindo a minha entrada.

- Tá certo. Ligue se precisar de algo.

- A gente liga quando souber de alguma coisa – Bruno ressaltou. Sinalizei que sim e abri a porta para descer. – Mel? Robert é uma pessoa incrível. Ele se esconde atrás desta máscara, mas é um homem bom - frisou suas palavras. Meus olhos ficaram cheios de lágrimas.

Robert era uma boa pessoa e eu quebrei o seu nariz. Que idiota! Saí do carro, indo em direção à

minha casa. Entrei dando logo de cara com as gotas de sangue, já secas, no chão da sala. Minhas lágrimas caíram imediatamente.

Passei algum tempo limpando tudo. Mantendo minha mente ocupada. Uma hora e vinte minutos depois estava com a casa limpa, banho tomado e sem novidades sobre as condições de Robert. Fiquei com medo de ligar para Paul e ouvir mais desaforos de Nicole, também não queria incomodar Bruno e Alexa. Resolvi me acomodar no sofá da sala e me concentrar em olhar fixamente para a parede. Quem sabe assim silenciaria minha mente.

Contudo era impossível. Assim que sentei a campainha tocou. Levei alguns segundos para entender que alguém estava à minha porta de madrugada, rapidamente me dei conta de que poderia ser o que eu tanto esperava.

Parei, sem conseguir respirar. Quando abri a porta dei de cara com Nicole. Instintivamente meu corpo se preparou para mais ataques, no entanto ela, com seus olhos vermelhos, provavelmente por ter chorado muito pelo estrago que fiz no seu irmão, me encarava sem raiva ou mágoa.

- Robert está bem – informou

com a voz baixa. – Você não quebrou o nariz dele, como pensamos. Apenas machucou seriamente e alguns vasos se romperam. Ele vai ficar com um grande hematoma, mas está bem – eu ainda estava paralisada na porta, incapaz de respirar, tentando entender o que Nicole fazia ali. – Posso? – ela parecia insegura. Não parecia em nada com a Nicole do hospital, possesora de raiva e louca para continuar me agredindo, também não lembrava a minha amiga. Era simplesmente estranho. – Posso entrar? – olhou para o chão, sem graça. – Paul me contou tudo –

seus olhos cravaram nos meus. Deu para sentir o quão difícil era para ela também. – Robert confirmou – meu coração perdeu duas batidas.

Robert confirmou tudo a Nicole. Não apenas o nosso relacionamento, mas todos os seus fantasmas, todos os seus segredos. Quanto mais faltava para eu saber? O que ainda havia para eu descobrir?

- Claro! – minha voz praticamente lutou contra a minha vontade. Eu estava engasgada.

Aquela seria uma longa noite. Abri a porta dando-lhe passagem me encostando o máximo possível à

parede para entrasse sem que tivéssemos contato físico. Nicole entrou e ficou parada no meio da sala sem saber ao certo o que fazer.

- Sente-se – contorci as mãos uma na outra.

- Não. Acho que você deveria sentar um pouco. Está um caco - ela avançou em minha direção e por um segundo tive medo do que faria – Por Deus, Mel! Não se assuste. Não vou fazer nada. Fique calma, venha, sente-se aqui – obedeci.

Por incrível que pareça me sentia realmente frágil. Castigada. Não apenas pelo que vivera naquela noite, também pelo que vinha

vivendo com Robert ao longo dos meses. De repente estava totalmente destruída, quebrada. Em segundos me desmanchei em lágrimas. Senti os braços de Nicole ao meu redor e em seguida eu estava no sofá.

- Me perdoe, Mel. Fui uma tola. Eu não sabia – suas mãos passavam por meu cabelo, tentando em vão me acalmar. – Paul me contou. Ele me disse tudo sobre Tanya. Eu fui tão... Eu não sabia. Robert me disse... Deus, Mel! Eu nunca vi o meu irmão desse jeito, nem quando... Droga! Como fui burra.

Ela se justificava, no entanto

para mim era o mesmo que nada. Depois do tapa que me deu, entendi que não poderia viver mais aquela situação. Eu não poderia viver com Robert. Não importava o que viria ou o que ele precisava manter escondido de mim, eu não poderia continuar como sua amante.

- Melhor eu preparar um café para você, ou um chá. O que prefere?

- Robert, preciso saber dele – consegui balbuciar apesar das lágrimas. – Como ele está?

- Olívia está no hospital. Não sei o que ela pretende fazer. Robert vai ter alta, ou já teve – ela me

olhou apreensiva. - Ele não quebrou o nariz, Mel, apenas se machucou.

- E o que ele disse? Santo Deus! O que Olívia vai pensar disso tudo? Ela não vai... – ficou difícil respirar. – Ela não vai me perdoar, Nicole. Vai reagir como você. E Robert? Robert terá que contar tudo a ela também. Deus!

- Calma, Mel! Robert inventou uma desculpa. Disse que estava logo atrás de você, por causa do meu carro, aí quando você estacionou um bandido se aproximou, ele foi tentar ajudar e acabou se ferindo, mas o bandido se feriu muito mais, claro! - revirou os

olhos. – Robert nunca diria que foi agredido por alguém que não apanhasse muito mais do que ele. Fico imaginando o que Olívia pensaria se soubesse que ele apanhou de uma mulher – por um segundo vi Nicole rir como se tudo não passasse de uma brincadeira, rapidamente se recompôs e o clima tenso retornou. – Me perdoe! Tanya inventou tantas histórias e eu estava realmente acreditando numa possível reconciliação. Eu não sabia. Não podia sequer imaginar.

- Tudo bem, Nick! – queria dar um fim a tantas justificativas. – Quem poderia imaginar?

- Eu não poderia. Não havia como saber. Robert escondeu de todos nós, Mel. E o pequeno Rob? Deus! Ele nunca contou a ninguém que ele estava sob a supervisão de Tanya quando tudo aconteceu. Nós passamos este tempo todo acusando a babá de. Nem consigo imaginar como ela foi capaz.

- Tudo bem, Nick – repeti cansada demais para continuar. – Eu preciso saber dele. Preciso falar com Robert. Saber...

- Esta é a melhor hora para o seu café, ou chá.

- Nicole. Eu... – ela entrou na cozinha e começou a abrir os

armários em busca de algo. Eu tinha certeza de que não encontraria nada.

- Mel, seus armários estão vazios? Como pode?

- Esqueci de fazer compras. Íamos fazer hoje, mas...

- Ah, tudo bem. Vamos. Não posso deixar você aqui sem ao menos um café, ou chá.

- O que pretende fazer?

- Vou levá-la para minha casa. Você não vai conseguir dormir aqui sozinha mesmo e eu estou te devendo um pedido de desculpas mais concreto. Em minha casa tem tudo o que você pode precisar.

- Não, Nicole. De forma

alguma. Vou ficar aqui mesmo. Não se preocupe, com certeza dormirei em breve.

- Sem desculpas. Já decidi. Você vai comigo e pronto – Nicole foi da cozinha para o meu quarto e imediatamente começou a arrumar minhas coisas.

- Nicole, não!

- Robert nunca vai me perdoar pelo que fiz com você – ela falava enquanto pegava alguns objetos em meu banheiro. – E também preciso ter provas do seu perdão. Estou me sentindo super mal! Não consigo entender como Tanya conseguiu me manipular tão

facilmente. Ela foi tão convincente. Eu não sabia. Não tinha como saber.

- Tudo bem, Nicole. Eu entendo. Vamos deixar isso de lado – tentei sorrir, mas minha cabeça apenas me levava para Robert e aquele hospital. Eu preciso muito conversar com ele.

- Vamos para a minha casa e lá decidiremos o que fazer – não havia mais o que discutir. Nicole não me deixaria em paz enquanto não aceitasse suas determinações.

Abri a porta do meu guarda-roupa e tirei de lá meu moletom velho. Não me importava o que ela ou qualquer outra pessoa poderia

pensar sobre ele, naquela noite, ou no que restava dela, queria me sentir eu mesma e esquecer confusão em que me metera. Eu precisava ser somente Melissa Simon.

Nicole me passou uma calça preta e uma camisa de seda rosa, entendi com aquela atitude, que ainda estava empregada, principalmente depois que ela colocou próximo à pequena bolsa de viagem, minha bolsinha de maquiagem e um par de sapatos altos também na cor preta. Pegamos tudo e fomos em direção à porta. Minha amiga fez questão de dirigir seu carro, eu realmente não tinha

ânimo para conduzir o meu.

Ela aproveitou o meu silêncio para contar tudo o que havia acontecido nos últimos tempos. Como permitiu que Tanya a envolvesse, principalmente depois que inventou a reconciliação com Robert. Nicole notara que o irmão estava mais leve, mais feliz, sem nunca atribuir aquele fato a um novo amor. Ela realmente acreditou em Tanya.

De repente, Tanya surgiu desesperada dizendo que Robert estava envolvido com uma funcionária da empresa. Aquela informação mexera demais com

Nicole que concordou de imediato em descobrir de quem se tratava. Só depois de tudo o que aconteceu naquela noite, Nicole entendeu que ela, na verdade, já sabia ou desconfiava do que estava acontecendo entre nós dois. Por isso acabou envolvendo-a, numa tentativa de quebrar a nossa amizade e com isso enfraquecer a minha posição.

Tanya era ardilosa. Se eu tivesse o apoio da família, ela não teria o suporte necessário para continuar sustentando aquele casamento. Robert tinha razão, Tanya era maquiavélica.

Quando cheguei à porta do

apartamento de Nicole percebi o quanto estava cansada. Minhas pernas tremiam e meu estômago estava agitado. Eu precisaria mesmo de um chá se quisesse dormir melhor, se é que conseguiria.

Robert ainda não me ligara. Eu só sabia do que Nick me contara, ou seja, nada havia que me convencesse de que tudo ficaria bem. Mais do que nunca, eu precisava falar com ele.

Nicole abriu a porta, me dando passagem. A imensa sala estava escura. Não tive coragem de avançar muito. Continuava me sentindo a estranha, a usurpadora,

mesmo sabendo de uma parte importante da vida dele e que ele vivia um casamento de aparências. Ainda assim, eu era a amante.

Nick acendeu a luz da sala e Olívia logo apareceu. Ela não deveria estar no hospital?

- Olívia? – Nicole estava tão curiosa quanto eu.

- Mel? – Olívia disse, vindo em minha direção. – Oh, querida! Robert me contou sobre o bandido. Graças a Deus os danos foram mínimos. Você está bem? – perguntou com a preocupação de mãe. Era reconfortante e ao mesmo tempo desconfortável. Ela não me

trataria assim se soubesse que eu fiz aquilo com o seu filho.

- Pois é... – Nicole se enfiou entre nós forçando Olívia a se afastar. – Mel ainda está um pouco chocada com tudo o que aconteceu, achei melhor trazê-la para passar a noite conosco.

- Claro! Claro, querida! Você pode ficar no quarto de hóspedes. Robert já está medicado e descansando no quarto dele. – Robert? Meu coração descompassou. Robert estava lá? Como assim?

- Robert? – Nicole novamente foi mais rápida do que eu. – Ele está

aqui? Como?

- Você conhece seu irmão. Ele conseguiu convencer o médico de que deveria ser liberado. Como sabe, o nariz não está quebrado. Com a hemorragia controlada não corria mais riscos, então o médico permitiu que ele voltasse para casa. Foi muito difícil convencê-lo a ficar aqui. Imagine se eu o deixaria sozinho em casa. Tanya está viajando e não tem como voltar tão rápido.

- Você ligou pra ela? — Nicole quase gritou.

- Na verdade ela me ligou já sabendo de tudo. Eu apenas liguei

depois para dizer que Robert ficaria hospedado aqui.

- Ah! Tudo bem, Olívia. Estamos todos exaustos. Vou levar Mel até o quarto de hóspedes e providenciar um chá.

- E eu vou ver se Robert precisa de alguma coisa. O médico disse que ele deveria ficar em observação, então, cabe a mim, fazer o papel de mãe – sorriu tão maternalmente que me comoveu.

- Vamos, Mel?

Nicole chamou, mas eu demorei a entender que falava comigo. Robert estava lá. Em algum lugar daquela casa. Eu já sentia

todos os meus neurônios trabalhando em algum jeito de chegar a ele. Saber que estava tão perto me deixava angustiada. Como eu faria?

- Não tente ir atrás dele neste momento – Nicole disse baixinho enquanto caminhávamos por um corredor e depois subíamos as escadas. – Olívia estará o tempo todo de olho nele – ficou visivelmente envergonhada. – Não é muito fácil entender a situação de vocês, principalmente quando desconhecemos a verdadeira história de Tanya – concordei com a cabeça, ainda não totalmente convencida de que não deveria

encontrá-lo. Eu não conseguiria até o horário do trabalho, se é que Robert trabalharia na manhã seguinte, para podermos conversar. – Mel? – Nicole me chamou ao parar em frente da porta do quarto onde eu passaria a noite. – Não sei o que pensar disso tudo. Não sei ao certo o que devo fazer.

- Nicole, eu amo seu irmão! – confessei baixinho. – E ele me ama também. Sei que não é confortável estar em sua posição, nós não estamos fazendo isso para sacanear ninguém. Simplesmente aconteceu e eu... Nós não pudemos evitar. Também não queria que fosse desse

jeito, Robert tem seus motivos.

Esta última frase saiu totalmente fraca. Eu realmente não tinha certeza se era o bastante. Não estava certa de que os motivos de Robert eram o suficiente para me fazer esperar por ele me mantendo na posição de sua amante.

- Está certo – disse um pouco mais relaxada. – Agora descanse. Tome um banho quente enquanto providencio o seu chá.

Entrei no quarto e fiz o que Nicole disse: fui direto para o banheiro, passando longos minutos embaixo do chuveiro quente. Meu corpo sentia a proximidade de

Robert, embora meus pensamentos estivessem cientes da sua distância. Eu me sentia insegura e com medo. Robert poderia desistir de mim por causa da minha incapacidade de compreendê-lo, era muito provável que acontecesse. Na verdade eu estava apavorada. Não queria mais viver aquela insegurança. Tantos segredos e medos. Nunca saber no que ou em quem acreditar. Era demais para mim.

Desliguei o chuveiro e saí para pegar a toalha, que estava enrolada como um tubo, junto a outras, numa pequena peça de frente para a pia. Tudo de muito bom

gosto. Sequei-me e substituí a toalha por um roupão que também estava a minha disposição. Era macio e confortável, comecei a sentir meu corpo cobrar todo o peso do meu dia.

De repente tudo que eu queria era dormir, todo o resto poderia ficar para depois. Coloquei meu moletom velho, confortável e foi impossível evitar o riso ao me lembrar do quanto Robert o detestava. Deitei na cama e descansei a cabeça no travesseiro macio. Ouvi uma batida fraca na porta no mesmo instante que fechei os olhos. Nicole havia voltado com

o chá. Ouvi a porta abrindo e lutei tentando manter meus olhos abertos para recebê-la.

- Melissa? – meus olhos se abriram imediatamente quando ouvi sua voz. Em algum lugar atrás de mim, estava Robert.

Eu não conseguia sequer imaginar como seria. Ele poderia me matar ou poderia me mandar embora não só daquela casa como da sua vida. Independentemente de qualquer coisa, eu queria vê-lo. Queria abraçá-lo. Dizer que sentia muito e o quanto estava arrependida.

Virei-me e dei de cara com ele. Parado na soleira, com uma

calça marrom de pijama, leve e solta nos quadris e uma camisa branca que me deixava ver seu tórax perfeito. No seu rosto, um enorme curativo tapava o nariz e parte das suas bochechas, nos seus olhos era possível ver o hematoma arroxeadado que denunciava o soco que havia levado. Nas mãos segurava uma xícara branca, provavelmente com o chá providenciado por Nicole. Seus olhos nada diziam, apenas me sondavam.

- Oi! – eu disse timidamente sem saber o que esperar.

CAPÍTULO 15

Fiquei parado à porta enquanto Mel se contorcia de medo e ansiedade. Eu não deveria, mas a minha única vontade era abraçá-la e confortá-la. Era necessário prudência. Depois dos acontecimentos dessa noite eu precisava ser mais cuidadoso e, principalmente, colocar limites no nosso relacionamento ou colocaria

tudo a perder. Como fazer isso? Eu a amava com toda a minha alma, com todo meu ser.

- Oi! – ela respondeu com a voz fraca.

Caminhei até a cômoda, colocando sobre ela a xícara com o chá preparado por Nicole, que eu tomara de suas mãos e insistira em levar. Mel apenas me observava. Fiquei um tempo de costas sem saber por onde iniciar a conversa.

- Robert, eu...

- Mel, nós precisamos conversar – voltei-me para encarar seus olhos assustados. Por um breve segundo vi todo o desespero da

expectativa passar por eles. Ela piscou algumas vezes e seu queixo enrijeceu.

- É isso? – perguntou tentando conter a emoção em sua voz. – Você não sabe como fazer, não é? Não sabe como me dizer que acaba aqui – uma lágrima, correu pelo seu rosto, ela a recolheu rapidamente.

Eu não conseguia dizer nada. Meu coração estava tão apertado quando o dela. Eu sabia o que precisava fazer. Era para o bem de Melissa. No entanto não tinha coragem suficiente para afastá-la, mesmo sabendo que se não o fizesse poderia colocar sua vida em risco.

Eu era simplesmente a pior coisa que acontecera em sua vida e mesmo assim ela continuava lá, chorando e sofrendo pelo fato de eu estar lhe dando o direito de ser feliz e não roubando para mim a sua felicidade.

Merda! Eu sou tão egoísta que não consigo pensar em outra coisa que não seja abraçá-la e fazê-la minha.

Mel tentava ser forte. Eu sabia e ela também, que a quebraria em mil pedaços. Não me importava se fosse eu a me partir em um milhão de pedaços, só queria que ela permanecesse inteira e era por isso que precisava fazer aquilo. Tanya

era uma ameaça real. Deixar que meus sentimentos por Melissa ganhassem tanta força foi um enorme e imperdoável erro. Um erro que passou a colocar a vida dela em risco. Eu era a única pessoa que poderia evitar o pior.

Eu já tinha fantasmas demais em minhas costas e não conseguiria carregar mais aquela culpa. Se algo acontecesse a ela, a mulher que eu tanto amava, eu não sobreviveria.

- Não vai dizer nada? – externou a sua raiva. Eu não conseguia encontrar forças para dizer o que era necessário.

– Vou sim – desviei meus

olhos do dela. — Venha! Sente-se aqui comigo.

Fui até a cama e me sentei. Minha noite fora suficientemente agitada e eu estava esgotado, além de entorpecido por remédios. Mel permaneceu de pé. Apenas virou em minha direção aguardando ansiosa pelo que eu diria. Estendi a mão para ela como uma suplica para que se juntasse a mim. Eu não deveria. A segurança dela deveria ser mais importante do que a minha necessidade de tê-la por perto. Melissa hesitou, mas acabou cedendo e colocando sua mão na minha. Eu a puxei para a cama,

mantendo uma distância segura.

- Mel, eu não deveria esconder nada de você, infelizmente como já disse inúmeras vezes, a minha vida é repleta de tragédias e acontecimentos ruins. Carrego em minhas mãos a infelicidade de muitas pessoas. Sou culpado por coisas terríveis.

- Você realmente pretende usar esse argumento como desculpa para terminar comigo? – Sua acusação me pegou de surpresa. Olhei para ela para encarar o seu desespero. Era o reflexo do meu.

- Não. Não vou. Quero contar mais uma parte da história que você

ainda desconhece. Talvez depois entenda os meus motivos – ela permaneceu calada. Apenas me observava atentamente. – Você já sabe sobre Abgail e Adam. Também sabe que Tanya viu meu carro entrando no motel e descobriu que Abgail estava nele, deduzindo que nós tínhamos um caso – ela concordou. – Você lembra do por que conseguiu o emprego lá na empresa? – Mel franziu o cenho sem entender completamente a que eu me referia, depois seu rosto foi mudando de expressão à medida que ia compreendendo. Sua boca se abriu um monte de vezes enquanto

procurava palavras para formular alguma pergunta.

- Então, Tanya...

- Não podemos provar nada, mas tudo indica que sim. Tivemos várias brigas depois que ela achou que havia descoberto o meu caso com Abgail e, na última Tanya me disse que eu não tinha ideia do ela era capaz de fazer para tirar a sujeira do caminho. Eu entendi como uma ameaça direta a mim, só depois acidente, compreendi que ameaçava a Abgail. O carro dela perdeu o freio sem que houvesse nenhuma explicação para ter acontecido. Abgail, graças a Deus, quebrou

apenas a perna. Ela não quis prestar queixa nem levantar suspeitas, no entanto sabe tão bem quanto eu que pode ser possível.

Olhei para ela apreensivo. Eu não sabia como dizer que precisávamos nos separar, mesmo que fosse somente até conseguir resolver minha situação. O olhar de Melissa automaticamente modificou. Ela pressentia quais seriam as palavras seguintes.

- Ela não vai me fazer mal – sussurrou.

- Eu sei que ela pode – não conseguia mais encará-la. – Mel, seria só por um tempo.

- Não! – a emoção dominou sua voz.

- Eu não me perdoaria se algo lhe acontecesse, Melissa. Eu sei que... – foi a minha vez de ser tomado pela emoção. – Por favor, me ajude a fazer isso.

- Qual é o problema? Por que você não acaba com tudo de uma vez por todas? Era tudo mentira? O amor que afirma sentir por mim, é a mais pura mentira.

- Não, Melissa! Eu amo você! Por favor, não fale alto, isso só vai chamar a atenção de Olívia para nós – ela mordeu os lábios controlando a sua emoção. – Eu amo você! Eu

juro que amo! É exatamente por isso que devo me afastar. Tanya não vai ficar quieta por muito mais tempo e agora... Eu só preciso de algum tempo, Mel. Pouco tempo, eu prometo – eu me sentia ansioso, nervoso e carente. Imaginar meus dias sem ela ao meu lado era a antecipação da minha tortura.

- Eu não acredito em você – falou baixinho. – Se seu amor fosse verdadeiro nada mais importaria, como não importa para mim. Nenhum motivo o manteria afastado por mais forte que fosse. Se você me amasse de verdade essa farsa já teria acabado. Eu não seria mais a

sua amante seria a sua esposa. Nada disso importa mais, porque eu te amo tanto que me tornei sua amante e aceitei casar com você mesmo você já sendo casado. Concordei em ser sua e apenas sua, mesmo quando não tinha certeza de qual seria meu papel em sua vida. Eu te amo de verdade. Mas não posso amá-lo sozinha – as lágrimas correram por sua face.

Eu me senti pequeno. Um ser tão egoísta a ponto de abandonar a mulher que ama. A única que amei verdadeiramente. Simplesmente porque precisava manter meus planos para conseguir o que queria.

Eu era um nada perto de toda a nobreza dela. Não merecia o seu amor. Sem pensar segurei com força as suas mãos e respirei pesadamente buscando coragem.

- Meu pai está morrendo – Mel silenciou o seu pranto. Eu não tinha coragem de olhá-la nos olhos. – Está há quase quatro anos em coma irreversível. Eu cansei desta situação. Sei que ele vai morrer, também sei que isso não pode acontecer antes que eu cumpra a minha promessa. É muito difícil, saber que eu causei este dano a ele e, principalmente, saber que ainda não fui capaz de cumprir o que

prometi. Uma parte disso envolve Tanya. Meu pai fundou a nossa primeira empresa. Ele era um médico obstinado e lutava arduamente para conseguir avanços tecnológicos, daí a sua ideia construir uma empresa de inteligência médica. Ele havia herdado o hospital do meu avô, o que lhe permitiu investir mais em estudos científicos. Num determinado momento precisou de alguém com a mesma determinação e com maior conhecimento tecnológico. Este foi o seu maior erro. Foi assim que a família Hanson entrou em nossas vidas – parei, sem

coragem para contar a ela sobre o que tinha dado errado e como eu havia desencadeado a situação atual. – Está muito tarde e não quero prolongar esta conversa – me justifiquei da forma que achei mais fácil. – Meu pai aceitou um sócio e quando... Quando sofreu o acidente... Quando foi socorrido... Eu consegui encontrá-lo ainda acordado e ele me fez prometer que faria tudo para trazer de volta todas as ações das empresas para as mãos da nossa família – olhei rapidamente para Melissa que me olhava sem expressar nenhuma emoção. – Mel, este era o sonho dele. Quando entrou

em coma, eu comprei a maioria das ações de Nicole e Bruno me tornando maior acionista. Foi nesta época que meu filho nasceu e meu casamento já estava uma merda. Como eu te contei antes, Tanya me acusava.

- Por quê? – olhei para ela um pouco surpreso pela interrupção. – De que Tanya o acusava? De provocar a situação do seu pai? – eu não sabia até onde eu conseguiria revelar.

- Na mesma noite, no mesmo acidente em que meu pai se machucou... – olhei-a apreensivo. Minha amante me olhava

atentamente. – O pai dela morreu – fiquei em silêncio observando o rosto de Melissa se perder em diversas emoções. – Assim como provoquei a situação do meu pai, provoquei a morte do pai da Tanya – mais uma vez as lágrimas caíram dos seus olhos. Ela passou uma das mãos lentamente pelos cabelos puxando-os para trás e mordeu os lábios. – Com a morte do pai, Tanya herdou suas ações. Ela e Paul. Antes da tragédia ela exigiu que o pai lhe transferisse as ações que seriam dela. Esta foi a única forma que ele encontrou para fazê-la aceitar o seu casamento com a mãe de Adam.

Além disso, ela exigiu que eles assinassem um documento tirando da nova esposa o direito sobre as ações restantes em caso de falecimento do pai. Ela receberia apenas uma mesada até o fim da sua vida. É por isso que Adam não possui ações da empresa, apenas o cargo que o pai dela exigiu que ele tivesse, que não lhe garante nada. Tanya comprou as ações de Paul. Ele ficou arrasado com a morte do pai e se entregou à bebida e a qualquer outra coisa que o fizesse esquecer. Paul só voltou ao normal por causa de Nicole. Ela o trouxe de volta. A compra de suas ações por Tanya fez dela a segunda

maior acionista da C&H. Estamos quase em pé de igualdade. É contra isso que eu luto. Preciso das ações dela. Preciso reunir todas para que meu pai possa descansar em paz – ela suspirou e sorriu. Era pura ironia e sarcasmo.

- É assim que funciona o seu amor?

- Enquanto eu estiver casado controlo as duas partes, se me separar seremos dois polos contrários. As empresas não sobreviverão ao que ela fará para se vingar de mim. Não posso deixar que isso aconteça. Meu pai fundou e idealizou tudo. Ele fez isso

sonhando com um bem maior, seria seu legado à humanidade e a garantia do futuro de seus filhos. Ele transferiu essa responsabilidade para minhas mãos. Eu não posso desistir, Melissa.

- Então o melhor a fazer é nos separarmos mesmo – limpou as lágrimas com as costas das mãos e levantou da cama. Era o fim e meu coração martelava implorando que eu não abrisse mão do nosso amor. Era uma dor tão real que me sufocava. – Você nunca vai se divorciar. Esta situação nunca terá fim, Robert. Você precisa manter as suas empresas. Boa sorte!

Ela engasgou com as lágrimas e as palavras ficaram presas. Por impulso agarrei suas pernas puxando-a para mim. Deixei que minha cabeça descansar em sua barriga. Melissa ficou calada. Eu não tinha coragem de sair daquele quarto, mesmo entendendo todos os perigos que Melissa correria com minha atitude, eu não poderia deixá-la.

Nunca pensei que numa idade madura, fosse me deixar levar por emoções tão fortes. Melissa mudou tudo. Rompeu todas as minhas barreiras, desfez todos os meus planos. O que eu sentia por ela era

mais forte do que poderia imaginar, pois me deixava preso àquele quarto, agarrado a suas pernas, incapaz de dizer adeus. Eu não queria dizer adeus. Não queria viver sem ela. Então o que estava fazendo?

- Isso nunca vai ter fim – repetiu melancólica.

- Mel, eu só preciso de um tempo. Só preciso que Tanya desvie seu foco de você.

- Há quanto tempo vocês dois vivem neste jogo? Ela não vai desistir, Robert e você sabe bem disso, por que está tentando me manter nesta merda toda? – soluçou

e meu coração afundou no peito.

- Vai ser diferente desta vez.

- Diferente como? Você não tem como convencê-la a fazer do seu jeito.

- Tenho, Melissa! Eu tenho algo que pode prejudicá-la muito e é isso que vem fazendo com que concorde em manter o plano. Foi por isso que ela nunca desistiu. Eu nunca fiz nada, nunca usei estas cartas, simplesmente porque me sentia péssimo pelo mal que causei a ela, mas agora... Agora tudo mudou. Eu não quero que isso se estenda mais. Nós vamos estabelecer um prazo e tudo será documentado num acordo

legal. Ao término do prazo Tanya será obrigada a me vender suas ações, por um preço muito maior do que realmente valem, até isso estou disposto a fazer para me ver livre dela, porém até lá, precisarei cumprir a minha parte também.

- As regras? – sussurrou.

- Sim. As regras.

- Você não pode ficar comigo porque faz parte das regras não se envolver com alguém da empresa.

- Não apenas por causa disso. Tanya já sabe sobre nós e tenho poder suficiente para mudar esta parte do acordo, mas tenho certeza que ela vai tentar algo contra você.

Não posso conviver com mais esta culpa. Não posso ser egoísta a este ponto. Não posso colocar a sua vida em risco. É por isso que preciso que você entenda. Nós ainda não definimos quando tudo vai acabar, só posso garantir que vou colocar ponto final nesta história o mais rápido possível. E quando isso acontecer, Mel – puxei-a para mais perto de mim sentando-a em meu colo e segurando seu rosto com uma de minhas mãos. – Eu vou me casar com você. Vou ser um homem feliz e renovado e vou te fazer a mulher mais feliz do mundo. Eu prometo! – Melissa não me repelia, nem tentava

sair do meu colo. Ela apenas chorava e me deixava acalentá-la. — Por favor, diga que vai me esperar. Diga que concorda com o que eu estou propondo. Eu sei que é muito. Sei que será difícil, mas se você não me quiser mais, nada vai valer a pena.

- Como pode querer que eu concorde? Deus, Robert! Eu acabei de tê-lo de volta. Foram doze dias de sobrevida. Você sabe o que é isso? Sabe como me senti? Sabe o que estou sentindo agora?

- Sei. Porque é exatamente como estou me sentindo.

Passei a mão por meus

cabelos para clarear um pouco as ideias. Eu não queria ficar longe dela. Não queria tempo nenhum impossibilitado de tocá-la. Mas como continuar sem colocar sua vida em risco? Eu conhecia o tamanho da maldade de Tanya. Conhecia a sua loucura e do que era capaz.

- Não vou arriscar sua vida.
Por favor, entenda Melissa!

- Eu não me importo com a minha vida – disse em uma atitude desesperada.

- É claro que se importa! Eu me importo. Você é tudo para mim.

- Não posso concordar –

negou com a cabeça. Senti que meu coração pararia a qualquer momento. Ela não me esperaria?

- Resolvo tudo em seis meses.

Tanya não tem como me fazer aceitar mais do que isso.

- Seis meses? – assustou-se.

- Não é muito tempo. Não para tudo o que ainda vamos viver.

- Você só pode estar maluco – levantou do meu colo e eu não fiz nada para impedi-la. – Não vou esperar. Entendeu? Não vou concordar – deixei um gemido de insatisfação escapar dos meus lábios e deitei na cama encarando o teto. – Eu odeio ser sua amante. Odeio ter

que viver escondido, ter que fingir não me importar com Tanya. Odeio não ter você às noites nem nos finais de semana, mas, acima de tudo, odeio não ter você de forma nenhuma – ofegou. Aquilo a estava machucando profundamente e a mim também. – Eu pensei que já havia aguentado demais, que conseguiria pôr um fim, mas não consigo. Estou tão presa a você que me vejo rastejando, implorando para ficar nem que seja com as sobras - levantei da cama e a segurei em meus braços.

- Mel! Do que você está falando? Por Deus, não fale assim –

segurei seu rosto entre minhas mãos e forcei seus olhos a fixarem os meus. – Eu amo você! Não existem sobras porque ninguém me tem além de você. Sou única e exclusivamente seu. Nada vai mudar o que sinto. Melissa, você não vê? Em nenhum momento desde que nos conhecemos você precisou implorar por nada. Eu fui seu desde o primeiro encontro, desde o primeiro olhar. Eu sim tive que correr atrás, me impor e implorar para que você não lutasse mais contra mim. Pare de dizer essas bobagens!

Melissa negou com a cabeça, fechando os olhos, sem acreditar em

minhas palavras. Ela não conseguia enxergar a realidade. Não percebia o quanto era superior a mim, o quanto eu era escravo do seu amor.

- Olhe para mim – ordenei para que ela entendesse o que eu precisava dizer. - Antes de você surgir na minha vida eu não era nada. Eu era apenas a sombra de um homem que vagava na escuridão. Você foi a luz que me trouxe de volta. Você me salvou. Se você não tivesse me amado eu jamais saberia que a felicidade ainda era possível para mim.

- Então por que quer me deixar?

- Porque não tenho outra escolha! – foi a minha vez de fechar os olhos. Eu tentava impedir que toda a raiva que estava sentindo explodisse. Não ali. Não com ela – Eu não estou te deixando – ouvimos uma batida tímida na porta do quarto. Fiquei com receio de que fosse Olívia, contudo naquele momento pouco me importava se todos descobrissem o que estava acontecendo. Nicole abriu a porta e Melissa se afastou dos meus braços. Seus olhos apenas me acusavam.

- Desculpe! – Nicole nos sondou um pouco. Seu rosto era pura culpa. – Está difícil enrolar a

Olívia. Acho que deveria voltar para seu quarto, Robert. Está bem tarde e ela pode aparecer a qualquer momento para averiguar como você está – olhou para Melissa e pareceu ficar preocupada. Pudera. Minha amante estava arrasada. Seus olhos molhados e vermelhos, assim como a ponta do seu nariz, indicavam a intensidade da nossa conversa. – Vocês precisam descansar e eu também – admitiu encolhendo os ombros demonstrando constrangimento.

- Certo – concordei me afastando mais de Melissa. Olhei-a rapidamente uma vez mais e depois

desviei os olhos para meus pés. Era a minha deixa para sair. – Vejo vocês depois.

Saí do quarto deixando-a com Nicole. Eu sabia que minha irmã me ajudaria com esta parte. A cada passo que eu dava me afastando parecia que minhas pernas pesavam mais. Eu estava com ódio. Muito ódio. Minhas mãos estavam fechadas em punho, escondidas em minha calça enquanto lutava contra a minha vontade de voltar e implorar que ela me perdoasse por mais aquela merda.

Seria sempre assim? Eu nunca encontraria paz? Nunca ficaria sem

ter com o que me preocupar? Às vezes eu considerava seriamente a possibilidade de comprar uma ilha e sumir do mapa. Levando Melissa junto. É claro!

Assim que virei o corredor para encontrar a porta do meu quarto dei de cara com Olívia. Ela estava preocupada, como se algo de estranho tivesse acontecido.

- Robert! – falou assustada.

- O que foi, Olívia?

- Por Deus, Robert! Onde estava? Eu já ia procurar Nicole para avisar que você tinha fugido – ela me abraçou e eu retribuí o abraço. Olívia não era minha mãe de

verdade, mas era a melhor que eu poderia ter.

- Fui pedir para Nicole providenciar algumas coisas para mim. Precisarei faltar amanhã pela manhã.

- Sempre se preocupando com o trabalho – passou as mãos em meus ombros. – Descanse, você precisa.

- Vou fazer isso.

Olívia se esticou na ponta dos pés, me deu um beijo no rosto e ficou no corredor aguardando que eu entrasse no quarto. Bati a porta atrás de mim e pude deixar que o vazio que eu sentia me invadissem

completamente. Deus! Melissa não merecia aquele sofrimento. Nós não merecíamos.

Andei pelo quarto sem conseguir deitar ou descansar. Como ela estaria? Certamente chorando nos braços de Nicole, lamentando por tudo o que se permitiu viver comigo.

- Serão apenas seis meses – falei comigo mesmo para me convencer de que estava fazendo a coisa certa. – Vai passar rápido – tentava acreditar nestas palavras. – Uma merda que vai! – deixei minha raiva se manifestar. – Eu passei doze dias sem ela e meu mundo

parecia ter parado de girar.

Fui até o banheiro e analisei o curativo que estava em meu nariz. Tive que sorrir. Minha amante era uma mulher muito forte. Eu precisava me lembrar disso da próxima vez que resolvesse brincar com ela. Imediatamente a tristeza me invadiu. Seriam seis longos meses até que eu pudesse estar novamente com ela. Seis meses até que pudesse tocá-la outra vez. Eu não aguentaria tanto tempo.

Olhei no espelho e retirei o curativo. Meu nariz estava um pouco inchado e parecia que eu usava uma máscara roxa. Estava bastante

dolorido. No dia seguinte estaria bem pior, tinha certeza disso.

Voltei ao quarto e sentei na cama. Droga! Eu já sentia a falta dela. Como ela estaria? Com certeza Nicole deu-lhe um dos seus calmantes. Melissa deveria estar bem próxima de pegar no sono. Ela estava usando aquele moletom horrível que cabia duas dela dentro e ainda assim eu achei que estava linda. Perfeita! Como eu queria poder tocá-la mais uma vez. Como eu queria sentir o cheiro de seus cabelos. Se bem que com o meu nariz do jeito que ela deixou, não sentiria cheiro de nada.

Melissa tinha razão. Os doze dias que passamos separados foram o suficiente para nos mostrar que não conseguiríamos. Eu não conseguiria. Não suportaria. Não mais. Nem mais um segundo. Levantei da cama e expulsei todos os pensamentos prudentes. Todos os alertas de cuidado que meu subconsciente enviava.

Abri a porta e marchei em direção ao quarto em que ela estava. Não me importava com mais nada. Se a própria Tanya aparecesse ali não conseguiria me impedir de fazer o que queria. Abri a porta do quarto. Melissa estava deitada, levantou

sobressaltada assim que a porta se abriu. Ela permaneceu na cama. Seus olhos em alerta, me observando, ainda mais inchados do que quando a deixei. Quanto tempo tinha passado? Parecia uma eternidade.

- Que se dane, Melissa! Não posso ficar longe de você – ela sorriu timidamente. Tão linda! Subi na cama para abraçá-la. Melissa levantou ao mesmo tempo para me receber. – Eu amo você, sua pequena encenqueira – ela soltou um risinho que soou como música em meus ouvidos.

Busquei seus lábios e ela se

entregou a mim sem reservas. Nosso beijo foi intenso, me enchendo de energia, me embriagando de amor e desejo. Mel segurou com força em meus cabelos e nossos narizes de chocaram. Merda!

- Ai! Que droga! – levei as mãos ao nariz enquanto Melissa, assustada, se afastava de mim.

- Robert! – falou com pavor na voz. Tirei a mão do nariz e constatei que mesmo com a dor intensa, não havia voltado a sangrar. Graças a Deus!

- Tudo bem! – voltei a olhá-la e seus olhos estavam escancarados e brilhando com as novas lágrimas

que se formavam. – Eu estou bem, mas vamos deixar os beijos para outra ocasião – ela sorriu. – Venha! – deitei ao seu lado na cama. – Precisamos descansar.

- Mas você disse que...

- Shiiiiiii! - a interrompi. – Eu sei o que eu disse. Sou ótimo com teorias e péssimo com a prática – fiz com que ela deitasse em meu peito e comecei a acariciar seus cabelos. Melissa parecia bastante sonolenta. Olhei para onde deixara a xícara com o chá e vi uma caixinha. Os calmantes de Nick. Como tinha imaginado. – Durma Mel! – falei baixinho observando sua respiração

ficar cada vez mais lenta.

- Não vamos mais nos separar? – ela insistiu com a voz embargada pelo sono.

- Não. Mas a partir de agora você vai passar 24 horas protegida por seguranças – ela concordou lentamente com a cabeça e eu intensifiquei meus carinhos em seus cabelos. – E seja o que Deus quiser – falei baixo tendo consciência de que ela não mais me escutava. Melissa dormia calmamente em meus braços. Ao menos naquela noite poderíamos ficar em paz.

Acordei sentindo seu calor em meu corpo. Era inevitável a vontade de tocá-la com mais intimidade, no entanto a dor latejante que me incomodou durante o meu resto de noite e início de manhã não me deixava pensar em nada além de levantar e tomar os analgésicos.

Eu sentira muita dor em diversos momentos. Melissa estava serena e confortável em meus braços e, depois de todo o estresse que passamos, optei por suportar e mantê-la comigo, ao invés de abandoná-la e voltar para o meu quarto para tomar o remédio. O dia já estava há muito em seu curso e

não poderia mais prolongar a minha estada. Olívia com certeza logo procuraria por mim e a partir daquele momento seria importante mais sermos cautelosos.

- Mel! – sussurrei em seu ouvido. Ela se mexeu preguiçosamente em meus braços colando ainda mais seu corpo ao meu. Deus! Eu adorava quando ela fazia aquilo. Passei meu braço pela sua cintura e beijei de leve seu pescoço. A dor estava forte e incômoda. – Mel, amor! – acariciei seu rosto com as pontas dos dedos enquanto me inclinava sobre ela sustentando o peso do meu corpo

com meu outro braço. Minha amante resmungou algo que não consegui entender a não ser o meu nome no final da frase. Ouvi-la assim disparava choques em meu corpo. – Eu preciso levantar. Já está tarde – ela se agarrou a mim em protesto e enfiou o rosto em meu pescoço. Ri. – Preciso mesmo, amor. Olívia com certeza já deve estar me procurando e preciso tomar um analgésico – imediatamente ela me soltou abrindo os olhos, espantada.

- Você está bem? Eu o machuquei? - sorri. Aquela era a minha Melissa. A única pessoa capaz de esquecer suas próprias

dores para evitar a minha. Ela levantou a mão direita e mexeu os dedos fazendo cara de dor. Claro! Ela não sairia daquele soco sem nenhuma sequela.

- Deixe-me ver isso.

Sentei na cama e peguei sua mão com cuidado. Movimentei os dedos. Nenhum trauma mais sério, apenas um hematoma no espaço em que iniciavam os dedos. Tão forte e frágil ao mesmo tempo. Graças a Deus o maior estrago tinha sido em mim.

- Dói muito?

- Não – me encarou. Era uma péssima mentirosa. – Só incomoda.

- Vou providenciar gelo e alguma pomada - levantei e Melissa fez uma expressão de desespero. Voltei para o seu lado. – Eu preciso levantar. Vou tomar um banho e verificar como as coisas estão – aproximei-me com cuidado e beijei seus lábios com delicadeza. Melissa pouco se mexeu, com certeza com medo de me machucar. – Vamos juntos para a empresa? Você está sem carro. Não levantará nenhuma suspeita. Além disso poderei observá-la mais de perto.

- Tá! Tudo bem.

- Agora preciso ir – ela me liberou e eu voltei para meu quarto.

Não encontrei ninguém pelos corredores, o que me deixou aliviado. Sinceramente? Eu nem sabia que tipo de desculpa inventar para Olívia caso ela me visse saindo do quarto em que minha secretária estava. Entrei em meu quarto, engoli dois comprimidos de analgésico, tomei um banho rápido, fiz a barba do jeito que deu e voltei para o quarto, enrolado na toalha.

Tanya estava lá me aguardando. O meu choque foi visível. Ela sorriu ao perceber minha surpresa. Eu nada disse.

- Parece que fizeram um belo estrago em você – sua voz estava

mansa. – Precisei voltar mais cedo. Meu marido foi atacado por bandidos. Era a minha obrigação estar em casa – ri irônico. Tanya me encarou e depois desceu os olhos pelo meu corpo. Aquilo me incomodou profundamente. Fui para o *closet*, mas ela me seguiu.

- Preciso me vestir, Tanya – tentei disfarçar a raiva, contudo era quase impossível. O que ela queria me seguindo? Já não tinha deixado claro como seria de agora em diante? Principalmente depois da última vez, quando ela me dopou.

- Qual o problema em se vestir na frente da sua esposa? Já te

vi nu tantas vezes, sem contar as inúmeras vezes que o despi.

- Principalmente contra a minha vontade. Nunca imaginei que você desceria tão baixo - ela se aproximou e passou a unha em meu peito. Segurei seu pulso com força.

- Não foi contra a sua vontade – provocou. – Ainda sou sua mulher, Robert – soltei um gemido de contrariedade e lhe dei as costas.

- Você sabe que não é mais – eu teria mesmo que me vestir na frente dela?

- Isso nunca nos impediu. O que mudou? Só por que está comendo aquela cadelinha? – Fechei

os olhos com força. Tanya não podia se referir a Melissa de forma tão vulgar.

- Não seja ridícula! – rosnei.

- Eu sei o que anda fazendo, Robert. Aquela coisinha de nada trabalha para mim também, esqueceu? Francamente! Você já teve mulheres melhores.

- Não se meta em minha vida, Tanya.

- Nossa vida. Não se esqueça disso. Estamos falando de nossa vida. Melissa Simon trabalha na empresa em que sou a segunda maior acionista. As regras eram claras, e você as quebrou. Agora... – se

aproximou novamente. – O que será que você pode perder com isso? Ou, o que eu posso ganhar com isso? – seu sorriso foi diabólico.

- O que aconteceu? Cansou das suas aventuras? – ela me olhou espantada. – Frank não a satisfaz mais? – Tanya recuou dois passos. Seus olhos demonstravam espanto. – Eu também sei o que você anda fazendo e pelo que me lembro, Frank trabalha para as empresas em que eu sou o maior acionista. O que será que eu ganho com isso? – seus olhos estavam em chamas. Ela estava prestes a explodir.

- Você não vai ficar com

aquela vagabunda. Não vou permitir.

- Encoste um dedo nela e eu destruo a sua vida.

- Como? Matando-me como fez com meu pai? Ou como tentou fazer com o seu?

Explodi.

Em meio segundo eu a estava segurando pelo pescoço pressionando-a contra parede do meu closet. Nunca havia reagido a ela de forma tão impetuosa. Nunca fora violento. Nem quando... Nunca. Sempre me senti culpado por todas as suas lamúrias. Era o único responsável por ela ser assim. Mas naquele momento... Melissa tinha

mudado tudo. Tanya ainda me encarava. Seus olhos eram pavor e ódio ao mesmo tempo. Ela entendeu que eu não estava disposto a prolongar o nosso acordo.

- Acabou! – soltei-a. Ela se afastou imediatamente.

- Eu não vou aceitar. Você não tem como me obrigar. Eu vou acabar com tudo, Robert. Vou vender as minhas ações para o pior tipo de gente que existir. Vou destruir o lindo sonho do seu paizinho - não resistiria por muito tempo à compulsão que estava sentindo de matá-la. – A morte do nosso filho terá sido em vão. E você

vai viver pro resto da sua vida com esta culpa. Duvido que Melissa seja capaz de curá-lo – senti uma pontada no coração. Meu filho. Meu inocente filho. Morto por causa das nossas escolhas erradas. – Nada mudou, Robert. Vai ser do meu jeito – ela se fortaleceu ao perceber a minha fraqueza.

- Não. Não vai! – recuperei a minha força e ânimo e fui até minha pasta. Graças a Deus, Olívia tinha me deixado dirigir meu carro até em casa.

Minha pasta fora colocada sobre a pequena mesa. Tirei de lá um envelope. Era tudo o que

precisava para acabar com a vida de Tanya.

- Aqui está, Tanya. Com isso eu acabo de virar o jogo. Será do meu jeito.

Ela pegou o envelope em minha mão e o abriu. Após ler as primeiras linhas entendeu do que se tratava. Seus olhos me encararam em choque. Nunca pensei que precisaria utilizar aquelas provas para colocar um fim em nossa situação. Como eu disse antes, Melissa havia me mudado completamente e de maneira irreversível.

CAPÍTULO 16

Tão logo Robert saiu do quarto, eu voltei a deitar e fechar os olhos.

Caramba, que confusão!

Eu quebrei o nariz dele. Não. Eu machuquei o nariz dele. Machuquei feio. Ainda assim era melhor do que quebrar. Peguei o travesseiro e coloquei no rosto para espantar todas as lembranças. Principalmente as dele dizendo que

precisava me deixar. Deus! Eu estava totalmente segura, achando que poderia exigir do meu amante uma posição mais firme e quando ele tenta terminar comigo eu choro e imploro para que não me abandone. O que estava acontecendo comigo?

Levantei da cama com cuidado e fui tomar um banho. Era melhor eu me apressar. Que horas eram? Liguei o chuveiro, entrando rapidamente. Meus cabelos caíram molhados pelos ombros e costas. Robert queria me deixar. Como ele declarar seu amor e mesmo assim querer me deixar? E Tanya? Deus, ela tentou matar Abigail! Eu corria o

mesmo risco? Não. Eu não perderia meu tempo pensando nisso. Ela não seria louca a este ponto. Ou seria? Robert acreditava que sim. Eu deveria acreditar?

Saí do banho sentindo minha pele ficar gelada. Precisava parar de pensar. Principalmente nas consequências das minhas escolhas. Abby já havia me alertado dos perigos de um envolvimento com meu chefe, quando soube que seria eu a selecionada para assumir o seu cargo e principalmente quando desconfiou do nosso caso. Mesmo assim eu o quis. E Robert? Graças a Deus ele havia desistido da ideia.

Um buraco se abriu em meu peito.
Não queria ficar sem ele. Eu o
amava. Loucamente.

Desesperadamente.

Incondicionalmente. Mesmo que isso
significasse ser sua amante o resto
da minha vida.

Eu seria eternamente a sua
amante, se assim ele quisesse.

Peguei a roupa que Nicole
tinha escolhido, uma calça preta e
uma camisa rosa, não fiz nenhuma
questão de conferir com o espelho
como estava. A maquiagem ficaria
para depois. Só queria sair do
quarto e encontrar Robert. Meu
Robert! Eu queria ter esta certeza.

Queria estar com ele, sozinha, para constatar que nada mudou.

Peguei a bolsa, minha mão doeu com o seu peso. Droga! Andei pelo corredor me sentindo perdida. O apartamento era absurdamente grande. Tentei me lembrar do caminho que fiz com Nicole quando chegamos.

Nick! Eu precisava agradecer a minha amiga. Ela havia sido ótima comigo quando eu desabei pensando que Robert tinha realmente me deixado. Droga! Eu precisava me certificar de que estava tudo bem entre nós dois.

- Melissa! — meu corpo

inteiro se arrepiou com aquela voz pronunciando o meu nome como um palavrão. Olhei para cima já concentrada em compor uma máscara perfeita. Tanya não tinha nada para usar contra mim.

- Sra. Carter – falei friamente fitando os seus olhos. Estávamos sozinhas no corredor. Merda! Se Robert estivesse falando a verdade ela poderia tentar algo ali mesmo.

- Isso! Senhora Carter – enfatizou. O recado era claro. Ela era a esposa. Não desviei o olhar. Tenho certeza que ela percebeu o quanto fiquei desconfortável com o direcionamento da conversa. –

Entendeu? — levantei uma sobancelha me fazendo de desentendida. Eu havia entendido seu recado muito bem.

- Com licença — dei um passo à frente. — Tenho que trabalhar — antes que eu pudesse fazer ou dizer qualquer coisa ela me agarrou pelo braço.

- Você não passa de um inseto, Melissa Simon. Sabe o que eu faço com insetos? — meu coração acelerou e minha mão começou a transpirar. Tanya apertava o meu braço com força, seus olhos me encaravam com triunfo. — Eu os esmago com meus sapatos

importados – oi?

Foi inevitável o sorriso que se espalhou em meus lábios. Tânia estava sendo patética. Se bem que se ela era o cérebro por trás do acidente de Abgail, o que ela poderia fazer comigo utilizando os seus sapatos importados? Quase gargalhei, apesar da ameaça real.

- Eu não preciso de muito. Consigo esmagar um inseto indesejado utilizando apenas as minhas mãos. Com licença – seus lábios formaram uma linha fina enquanto apertava os olhos furiosa. Puxei meu braço com força forçando-a a me soltar.

- Não se meta comigo, Melissa! Robert tem uma dívida que, nem você nem ninguém, vai conseguir me impedir de cobrar.

- Sra. Carter, acho que não estamos falando a mesma língua. Os seus problemas com o Sr. Carter são seus problemas com o Sr. Carter – ergui uma sobrancelha dando o meu recado e enfatizando o “seu”, para que ela entendesse.

- Você não sabe do que eu sou capaz.

- Ah, eu sei. Eu sei muito bem do que você é capaz – minhas palavras deixavam claro que eu sabia de tudo.

Tanya pareceu surpresa durante um terço de um segundo, logo em seguida se recompôs. Seu sorriso diabólico era uma ameaça explícita, eu não estava levando isso em consideração. Apenas o fato de ela estar na minha frente, reivindicando os seus direitos sobre Robert já era o suficiente para que todo o meu medo fosse por água abaixo. Robert era meu. Meu. E ela não colocaria nunca mais as suas garras nele.

Nunca mais ela iria chantageá-lo ou intimidá-lo com suas ameaças absurdas. Não importava o que havia acontecido no

passado deles. Ela também tinha a sua parcela de culpa, e minha intuição me dizia que a parcela dela era muito maior do que a do Robert.

- Saia do meu caminho, Melissa. Eu estou avisando.

- Saia do meu, Tanya. Se depender de mim, Robert nunca mais vai aceitar as suas chantagens.

- Minhas chantagens – repetiu pensativa. – Robert deve ser muito convincente quando estão na cama, não é? Deve ser – concluiu. – Com certeza ele deve dizer coisas que fazem você acreditar na verdade que ele quer que acredite, como as minhas chantagens, por exemplo.

Meu sangue gelou nas veias. Ela estava me dizendo que Robert mentia para me convencer a continuar com ele? Teria alguma verdade nisso? Não. Tanya já havia usado artifício para me afastar dele outra vez. Eu não podia deixá-la fazer isso de novo. Ela era ardilosa

- Tenho certeza que ele não te contou que me dopou no dia em que meu pequeno Rob morreu – sua voz falhou e eu percebi as lágrimas se formando em seus olhos. O que ela estava tentando me dizer? Robert a tinha dopado? – Surpresa? – desta vez ela não parecia debochada nem arrogante. Tanya sofria com o que

me revelava. – Claro que não! Ele deve ter dito que eu estava tomando remédios controlados por causa da depressão e acredito que não te contou o motivo para eu estar tão doente – não sei o que ela conseguia ler em meu rosto, mas Tanya sabia que aquilo tudo me atingia em cheio. – Robert precisava sair naquela tarde. Ele disse que tinha uma reunião importante, só que eu acabei descobrindo que era um encontro marcado com uma das suas amantes. Mennie – tremi com o nome pronunciado. – Ele insistiu para que eu tomasse os remédios, mesmo sabendo que eu não precisava mais

deles. Disse que era para eu ficar mais calma. Com isso conseguiu o seu tempo com a vagabunda e acabou pagando um preço muito alto pela sua escolha. Dopada eu não tive como ficar desperta para cuidar do nosso filho e ele acabou se afogando na minha frente, sem que eu pudesse fazer nada por ele.

Eu tremia de medo, angústia, dúvida. Todos os sentimentos passavam por mim. Aquela não era a versão do Robert. Em quem eu deveria acreditar? Claro que eu sabia em quem acreditar. Tanya já havia dado provas suficientes da sua capacidade de manipular os fatos e

as pessoas. Inventou uma reconciliação, envolveu Nick em uma teia de intrigas, dopou e transou com Robert. O meu Robert! Vadia!

- Eu não acredito em você – as palavras saíram sussurradas. – Eu não acredito em você – repeti mais forte. – Guarde suas mentiras para quem acredita nelas. Você já usou esse truque antes, Tanya, e não conseguiu nos manter separados. Acabou!

Mais rápido do que eu poderia imaginar, Tanya me acertou um tapa certeiro no rosto. Meu sangue borbulhou. Dois tapas em menos de 24 horas. Era demais. Sem

pensar, mas totalmente certa do que estava fazendo, revidei o tapa recebido. Senti a dor do gesto antes mesmo de conseguir pensar em minha atitude. A mão machucada não ajudava muito, por isso não consegui acertar Tanya com a força necessária. Contudo um único tapa não faria minha raiva diminuir. Tanya não estava tentando apenas destruir a minha felicidade, estava tornando a felicidade de Robert impossível. Com isso, assim que minha mão alcançou seu rosto forçando-o para o lado com o primeiro tapa, engoli a dor e a atingi com outro no sentido oposto.

Tanya gritou e segurou o rosto com as mãos. Ela me olhou assustada, porém não tão intimidada como eu esperava. A esposa do meu amante partiu para cima de mim, agarrando meus cabelos como uma adolescente. Caímos no chão rolando uma por cima da outra enquanto gritando e xingando até que uma mão forte me segurou pela cintura, no momento exato em que eu tinha ficado por cima dela e ia acertar-lhe mais algumas bofetadas.

Robert estava lá.

Putaquepariu!

- Tanya! Melissa! – tentava conter sua voz. – O que vocês estão

fazendo? Enlouqueceram? – Robert me largou para segurar Tanya que tentava avançar contra mim. Com a esposa contida em seus braços ele falava me olhando diretamente.

O que? Eu estava errada? Era só o que me faltava.

- Ela partiu para cima de mim – Tanya disse chorosa, deixando, propositalmente, que Robert a segurasse nos braços.

Filha da puta, desgraçada! Ela ia se fazer de vítima. Depois do que eu tinha feito, Robert não acreditaria que eu apenas me defendi. Minha raiva era tanta que poderia acertar os dois com mais alguns socos.

- Veja, Robert! Veja o que você está fazendo. Olhe o nível da mulher com quem decidiu se relacionar – Robert me olhava com o semblante irritado.

- Cale a boca, Tanya! – ele disse, não para impedir que ela me agredisse, mas para que ela não acabasse revelando o seu caso comigo. – Olívia pode aparecer a qualquer momento.

- Seria ótimo se Olívia aparecesse para...

- Para o que? – Olívia surgiu do nada.

Fiquei petrificada em meu lugar. A única coisa que eu

conseguia pensar era no quanto Olívia me odiaria se naquele momento ficasse sabendo que eu era amante de Robert. Não queria passar por isso. Tanya me olhou com olhos triunfantes. Eu sabia que ela podia pôr tudo a perder e ela sabia que não era o que Robert e eu desejávamos. Ela estava com todas as cartas nas mãos.

Mesmo com tantos medos e pensamentos circundando a minha mente num espaço de tempo tão curto, eu ainda consegui ver os braços de Robert se apossarem da cintura de Tanya, levando-a para mais perto dele, um gesto carinhoso

de marido apaixonado. Pensei que o chão abriria para me engolir. Tanya sorriu e se encolheu forçando um afago entre os dois. Robert me olhou rapidamente, depois desviou o olhar para Olívia.

- Tanya caiu e Melissa estava tentando ajudá-la. O chão está muito escorregadio. O que você mandou passar nele? – ele conseguiu desviar totalmente a atenção dela.

- Bem, acho que foi uma cera nova que usaram ontem à tarde, mas não tinha percebido que ficou escorregadio – Olívia observou o chão de madeira procurando pelo ponto que provocara o acidente. –

Você se machucou? – voltou-se para Tanya com a atenção especial de mãe preocupada. Meu coração não aguentaria nem mais um pouco daquela merda. Eu desestabilizaria sua vida se ela descobrisse sobre o meu caso com Robert.

- Não – mais uma vez Robert respondeu por Tanya. - Seria bom se você a convencesse a descansar um pouco. Tanya fez uma longa viagem e eu preciso comparecer a uma reunião, então se você fizesse companhia a ela eu ficaria muito grato, mãe – meu estômago embrulhou na hora.

Robert acabara de usar a

mesma desculpa que Tanya tinha me dito que usou para escapulir no dia em que o filho deles morreu. Além disso, eu vi os olhos de Olívia brilharem quando ele a chamou de mãe, ou seja, utilizou desta palavra para conseguir o apoio incondicional dela e com isso manter Tanya longe de nós dois, ao menos naquela hora. Aquele não era o melhor momento para estar com Robert mesmo que eu quisesse. Estava furiosa.

- Claro! Mas você deveria descansar também. De qualquer forma, eu sei bem como você funciona. Se não for trabalhar vai

enlouquecer a todas nós de tanto reclamar – Robert abriu um sorriso amplo e definitivamente lindo. Lindo até demais.

- Obrigado! Volto para buscá-la à noite – dirigiu-se diretamente a Tanya.

Sua voz estava amável e Olívia sorriu satisfeita. Ela estava feliz por vê-los juntos, outra vez, como marido e mulher. Era humilhante.

- Vou ter que te dar uma carona, Srta. Simon. Nicole me avisou que você não teve condições de dirigir ontem então me incumbiu de levá-la. Se me lembro bem ela

falou algo sobre te dar uma carona no final do dia.

Senti os olhos de Tanya me queimando, não tive coragem de olhá-la. Fitei o chão e concordei com a cabeça. Merda! O pior é que eu nem podia pegar pesado com Robert. Não depois do que fiz. Precisava manter minhas mãos longe dele. De preferência, amarradas nas costas, para o caso de sentir mais raiva e resolver acertá-lo novamente.

- Vamos? — passou por mim rapidamente, dando um beijo carinhoso na testa de Olívia. Despedi-me com as mãos e fui

embora.

Entramos no elevador em silêncio. Robert olhava para frente sem expressar nada. Eu estava angustiada, com raiva, triste, nervosa e toda a gama de sentimentos possíveis naquela situação. Passei as mãos pelos cabelos lembrando que eles deveriam estar terríveis devido à minha performance pugilística. Olhei para minha roupa e nada de anormal havia acontecido com ela. Agradei a Deus por isso. Quando voltei a olhar para Robert ele exibia um sorriso irônico. Como se estivesse se segurando para não

gargalhar. Analisei seu ferimento pensando na hipótese de aprimorar o estrago.

- Qual é o seu problema? – explodi. Coloquei minhas mãos coladas as costas para impedir que a tentação de quebrar seu nariz, agora de verdade, me tomasse, dependendo da sua resposta.

- Mantenha suas mãos longe de mim, Srta. Simon – riu enquanto falava. – Eu vi o que estava fazendo com Tanya. Devo admitir você é boa de briga – riu alto e passou as mãos pelos cabelos.

- Isso não tem graça nenhuma! – minha raiva estava se esvaindo.

Robert tinha esse poder sobre mim. Eu ia do chão ao topo em segundos, apenas com um sorriso seu. Engraçado. Foi exatamente por causa de um sorriso na hora errada que estávamos passando por tudo aquilo.

- Você bateu para valer nela.

- Isso não deveria ser bom para você. Ela ainda é a sua mulher. Bem ou mal, foi com ela que você compartilhou vários anos da sua vida e se não me engano, foi com ela que você estava na cama há poucos dias – o sorriso dele se desfez na mesma hora. Merda! Eu seria mais uma vez atirada ao chão. Um dos

problemas de ser apaixonada por um homem tão temperamental.

- Você tem razão – disse secamente. – Não foi algo divertido, mas sabe, hoje eu também perdi a paciência com ela e agi de uma forma que nunca tinha sido capaz antes. Só não avancei o sinal, como você – seu sorriso voltou e por um motivo inexplicável eu me senti mais aliviada.

- Por que você perdeu a paciência com ela?

Eu imaginava o motivo. Tanya era irritante. E agora que ela tinha certeza sobre nós dois, era muito provável que Robert não tivesse paz

por muito tempo. Ele abaixou a cabeça e encarou as mãos avaliando-as.

- Você – sua voz foi um sussurro. – Cansei de lutar contra nós dois – me olhou por debaixo dos cílios, como se estivesse envergonhado, e colocou as mãos dentro dos bolsos da calça. Meu coração disparou de uma maneira deliciosa. Meu sangue correu com mais força em minhas veias. – Adoro te ver desta forma – fiquei surpresa.

- De que forma?

- Sem saber o que dizer – suas palavras saíram sussurradas.

Lentamente levantou uma mão e seus dedos correram pelo meu rosto esquentando todo o caminho percorrido. – Com este tom rosado se apossando de seu rosto. É um espetáculo grandioso, Melissa! – Seus olhos foram para meus lábios que estavam entreabertos dando passagem para a minha respiração que começava a ficar descontrolada.

Respirar era outra coisa dificuldade quando estava ao lado de Robert. Eu me perdia tanto nele que me esquecia das coisas naturais. Vê-lo tão intenso, com desejo e amor evaporando de sua pele, era como parar o tempo. Nada mais

importava.

Pisquei várias vezes enquanto Robert continuava me encarando com seus olhos cinzentos, até que a porta do elevador abriu e nós nos vimos obrigados a sair. Caminhamos lentamente um ao lado do outro até chegarmos ao carro. Ele gentilmente abriu a porta para mim aguardando até que eu estivesse totalmente acomodada para depois fechá-la, deu a volta para alcançar a direção. Ele era forte, alto, com passos seguros e graciosos. Como coisas tão diferentes cabiam com tanta harmonia em uma única pessoa? Ele entrou. Antes de dar partida, olhou

mais uma vez para mim e sorriu. Meu coração derreteu e eu me vi retribuindo o seu sorriso.

- Lindo sorriso – olhou para frente e colocou o carro em movimento.

- Obrigada! – e o sorriso permanecia lá, esquentando o meu coração.

CAPÍTULO 17

Trabalhar sentindo o corpo cansado e descompassado, já que eu havia perdido uma imensa parte da noite, dormido com auxílio de calmantes, não tinha conseguido descansar por horas suficientes, passado por momentos intensos, como uma volta completa em uma montanha-russa e ainda por cima a minha briga com Tanya, não era algo

fácil de fazer. Resultado: eu estava praticamente implorando por um banho e minha cama.

Robert, apesar de tudo, parecia mais leve. Ele não fez nenhum esforço para disfarçar seus olhares apaixonados em minha direção, durante todo o dia. O meu amante não ficou muito comigo. Trancado em sua sala quase a tarde inteira ele recusou qualquer comida e fez vários telefonemas. Nossos olhos se encontravam, porém aquela imensa parede de vidro nos separava e eu nada conseguia ouvir do que ele falava.

Almocei com Nicole, que

estava toda atenciosa por causa da sua atitude na noite anterior, apesar de que ela não demonstrava estar totalmente de acordo com o meu caso com Robert. Ela me disse de maneira muito clara que entendia os motivos do irmão, mas que ainda assim achava errado eu aceitar aquela situação. Que o melhor seria aguardar que ele conseguisse o divórcio, ou pelo menos saísse da casa, para então ficarmos juntos.

Eu entendia Nicole, por mais que me doesse saber que não possuía sua aceitação. Nick havia recebido uma criação diferente da minha. A mãe dela morreu cedo e

Olívia foi a única mulher que o pai teve desde então. Pelo que eu entendi, seu pai era louco por Olívia e a respeitava acima de tudo. Foi desta maneira que eles foram criados. Eu desconfiava que uma parte da resistência de Robert em se separar de Tanya, durante muito tempo, foi por causa desta denominação de família perfeita. De casamento eterno.

Alexa estava mais amistosa. Ela ficou tranquila com a minha relação com Robert, principalmente pelo fato de Bruno saber e nos apoiar. Tenho que dizer que este ponto me deixou mais forte.

Paul agia como Nicole, sem querer participar muito, mas entendendo o que estava acontecendo. Talvez ele conhecesse muito bem a irmã soubesse bem do que ela era capaz.

Passei o dia pensando até onde eu poderia, ou deveria, temer a Tanya. Ela podia fazer qualquer coisa, eu sabia, e ela tinha feito questão de deixar isso claro. Mas até onde eu e Robert iríamos? Queria conversar sobre isso com ele. Meu chefe estava trancado em sua sala, analisando a sua tela do computador, ou conversando por telefone com pessoas que eu não

sabia quem eram.

Depois do almoço ele não me chamou. Percebi de imediato que a atmosfera havia mudado. Robert estava tenso, tentava disfarçar, sorrindo para mim sempre que eu me perdia olhando para ele através da parede de vidro que nos separava. Nós precisávamos conversar. Será que ele permitiria mesmo que Nicole me levasse para casa? E nós iríamos nos encontrar mais tarde? Ele não me visitava quando Tanya estava na cidade, mas as coisas mudaram. Ou não? Fui interrompida do meu devaneio pelo toque do telefone. Era Robert.

- Oi! – falei timidamente.

Ainda estava envergonhada pelo estrago que fiz em seu rosto e pela briga com Tanya pela manhã. Robert podia pensar que eu era uma descontrolada.

- Pode vir aqui? – sua voz apesar de leve parecia esconder algo.

- Claro! – desliguei o telefone e antes de levantar busquei dentro de mim coragem para ouvir o que ele iria me dizer.

Robert podia voltar com aquela ideia maluca de me abandonar. Eu estava preparada para isso? Fui até a sua sala. Meu

chefe me encarava com olhos sérios e mesmo tentando me lançar um sorriso tranquilo dava para sentir o quanto estava tenso.

- Oi! – repeti.

- Vem cá! – abriu os braços para mim sugerindo que eu sentasse em seu colo. Oi? Como assim? Estávamos na empresa. Ele era casado, ao menos para os seus funcionários ele ainda era. O que Robert estava fazendo? – Vem! – eu não tinha como resistir. Lentamente fui até ele e sentei em seu colo. Ele sorriu, passando as mãos pelos meus cabelos. – Às vezes você parece uma criança assustada.

- Eu estou assustada – admiti e seus olhos revelaram o quanto ele também estava. Mas Robert não admitiria. Nunca.

- Eu sei. Eu estou aqui. E nada vai acontecer – seus lábios tocaram levemente os meus e toda a minha tensão explodiu em meu corpo em forma de desejo.

Céus! Eu queria tanto poder fazer amor com ele naquele momento. Era a maneira que eu tinha, e entendia, de deixar mais claro para nós dois o quanto nosso amor era forte. Eu o queria. Eu necessitava dele como necessito de ar. Segurei em seu rosto e o puxei

para mim, me apossando de seus lábios. E aí...

- Ai! Mel! – ele se encolheu me repreendendo. – Você precisa se controlar. Ainda dói muito – suas mãos cobriam seu nariz e meu medo voltou com força total.

- Perdão! Deixe-me ver. Voltou a sangrar? – minhas palavras saíram urgentes. Robert riu baixinho.

- Não. Só continua dolorido. Fique calma – foi bastante amável.

- Ah, Robert! Eu não queria. Eu...

- Shiiiiiiiiiii! – enxugou algumas lágrimas que desceram sem que eu notasse. – Está tudo bem! –

mais uma vez me beijou. Leve e rápido e não foi o suficiente para mim, no entanto eu não queria machucá-lo. – Preciso que você seja forte para resolvermos algumas coisas – meu coração acelerou. Ele ia sugerir a nossa separação. Ai meu Deus! Eu não estava pronta. Não estava preparada para perdê-lo. – Mel, fique calma! Você está pálida! – Robert estava preocupado. Eu não tinha o direito de obrigá-lo a ficar comigo. Eu precisava ser forte.

- Tudo bem. Sobre o que você precisa conversar? – tentei, e minha voz fracassou.

- Duas coisas – disse sério. –

Primeiro: Você precisa abastecer a sua geladeira – um leve sorriso brincou em seus lábios e eu me dei conta de que aquela era uma grande verdade. - Eu pedi a Nicole para te acompanhar, já que você vai voltar de carona com ela – ele me olhou com a mesma preocupação de antes, desviou rapidamente o olhar quando percebeu que eu estava entendendo o motivo. – Também é mais seguro, por enquanto – acrescentou. Um arrepio gelado passou pelo meu corpo. Tanya.

- Certo. E a segunda? – ele puxou o ar e passou uma mão nos cabelos. Robert estava nervoso. O

que ele podia ter para me dizer que o deixava tão inseguro?

- Dois homens estão aguardando do lado de fora da empresa. Você precisa agir naturalmente e não demonstre que sabe da existência deles. São os seguranças que contratei – seguranças? Era pior do que eu imaginava. – Tanya é uma ameaça real, Melissa – ele percebeu que a ideia de seguranças, comigo, o dia inteiro, não me agradava muito. – Você não quer que a gente se separe, então tem que aceitar as minhas regras – Robert estava realmente nervoso e eu não podia desafiá-lo

naquele momento, então sinalizei que concordava. – Preciso que você não faça nenhuma besteira, como sair de casa para festas ou qualquer coisa do tipo. Eu tenho que ser avisado com antecedência de qualquer programação – seus olhos buscaram os meus e eu entendi que não estava brincando. Droga! Eu tinha voltado a ter seis anos. – E não estou brincando. Os seguranças estão autorizados a impedi-la de fazer qualquer coisa que eu não tenha autorizado. Entendeu?

- O que?

- Você fala comigo primeiro.

Eu decido se vai ou não ser ruim

para você, depois ligo para eles autorizando.

- Você não pode.

- Melissa! – passou mais uma vez a mão pelos seus cabelos e respirou profundamente. – Eu posso. São as minhas regras. Eu preciso manter você em segurança.

- Você não só estará me mantendo em segurança como estará se certificando de que eu não poderei continuar vivendo – ele me interrogou com os olhos. – Eu não posso viver assim, Robert. Não posso ter todos os meus passos programados. Você não estará lá, porque as regras continuam valendo

e eu ficarei sozinha naquele apartamento. Até quando?

- Não vai demorar. Também não será como antes, ao menos eu espero – ele me encarou por breves segundos, depois soltou o ar e me abraçou. Eu podia sentir todo o seu medo naquele abraço. – Melissa... Mel... Tanya não estava brincando. Hoje recebi a notícia de que ela já começou procurar qualquer coisa que possa te prejudicar. Ela está vasculhando a sua vida – puta merda! – Não precisa ficar nervosa. Eu estou cuidando de tudo.

- Como você soube?

- Eu sei – Robert escondia os

fatos de mim. Eu tinha certeza que não revelaria nada facilmente.

- Robert eu preciso saber.

De repente Robert foi tão rápido que em segundos eu fui retirada de seu colo e colocada de frente para ele com uma agenda, que eu não tenho ideia de onde saiu, nas mãos. Só então ouvi o barulho da porta do elevador abrindo. Apesar do medo eu olhei para ver quem era.

Tanya estava lá, com Frank logo atrás. Ela parecia furiosa, o que a tornava ainda mais bonita, já Frank estava constrangido. O que eles faziam ali? Voltei a olhar para Robert que olhava naturalmente para

a tela do computador e depois olhou para mim, como se nada estivesse acontecendo.

- Faça o que pedi. Vá para casa com Nicole. Preciso resolver algumas coisas aqui e não sei se conseguirei vê-la à noite. De qualquer forma, faça o que pedi – ele falava sério. Merda! – Eu entro em contato mais tarde. Amo você! – conseguiu dizer antes de Tanya e Frank entrarem. – Até amanhã, Srta. Simon – foi formal. Eu não entendia mais nada.

Saindo da sala, passei por Tanya, que sorriu diabolicamente, e por Frank, que acenou com a cabeça.

Passei pela porta e providenciei tudo o que precisava para partir. Arrisquei um breve olhar para a sala dele e todos estavam sentados, conversando, como em uma reunião rotineira. Frank entregou alguns documentos a Robert que os analisava e fazia comentários. O que era aquilo tudo? Meu celular tocou. Nicole.

- Pronta?

- Te encontro na garagem – desliguei e fui ao encontro de minha amiga.

O elevador demorou o que me pareceu uma eternidade. A todo instante minha mente projetava

aquela reunião bizarra, as palavras de Robert ecoavam me fazendo gelar, a briga, a porrada que quase quebrou o nariz do homem que eu amava. Eu precisava de ar.

- Tem certeza que não quer levar um chá? Iria ajudá-la a dormir esta noite – Nicole perguntou pela milésima vez.

Ela me seguia pelo supermercado, me ajudando a abastecer a minha geladeira, como Robert havia “sugerido”. Eu estava tensa. Claro que notei o carro que nos seguiu assim que saímos do estacionamento da empresa. Procurei até encontrá-los. Podia vê-

los, seguindo, a distância segura, todos os meus passos a uma distância segura. Puta que pariu! Eu não estava gostando nada daquilo. Robert não ia voltar naquela noite, era muito provável que tão cedo eu não obteria respostas para as minhas dúvidas. – Mel? – Nicole chamou. – Tudo bem! Eu vou levar este pacote de chá de qualquer jeito. Você não parece muito bem.

- Eu estou bem, Nicole. Apenas exausta e não preciso de metade do que você está me fazendo comprar.

- Estou cumprindo ordens, sinto muito – bufei.

Claro que ela estava cumprindo ordens. Robert não me deixaria livre nem para fazer as minhas compras sem a sua interferência. Quando ele entenderia que eu vivia normalmente até alguns dias atrás sem a presença dele? Eu sabia me virar, pelo menos com minhas compras, com certeza.

- Você precisa pedir ao nosso chefe para aumentar o meu salário. Eu não ganho o suficiente para te acompanhar nas compras e nem para fazer um mercado tão grande, principalmente quando sei que não vou consumir grande parte do que tem neste carrinho – brinquei, mas

pelo olhar dela, como se estivesse se desculpando, deixou claro que Robert tinha ido muito além do que eu imaginava – O que foi Nicole? – perguntei já imaginando que não gostaria da resposta.

- Não sei como vou fazer isso.

- Mas o que? – Já sentia a raiva se apossando de mim.

- Mel, tenha em mente que não é minha culpa e, por favor, não me acerte um soco como fez com o Robert – que droga! As pessoas nunca esqueceriam?

- Eu nunca faria isso com você, Nick – revirei os olhos e ela

riu. – O que Robert aprontou agora?

- Ele me deu o cartão de crédito dele para pagar as compras. E deixou claro que isso era uma ordem.

- Ele o que? – eu estava com raiva. Não. Eu estava furiosa. Não. Eu nem sabia descrever como estava. Nicole tentou falar, porém eu a interrompi levantando uma mão para ela enquanto discava para Robert com a outra – Agora ele foi longe demais.

- Robert Carter – meu chefe atendeu friamente. Que merda era aquela? Ele sabia que eu estava ligando.

- Seu maníaco, controlador. Eu não vou permitir que faça isso, entendeu? Não me importa que tipo de ordens você deu ou as ameaças que fez a Nicole. Eu mando em minha vida e definitivamente, eu pago as minhas contas. E não se atreva a me contrariar. Estamos entendidos, Sr. Carter? – Robert ficou em silêncio. Dava para ouvir a voz de Tanya e Frank do outro lado da linha.

- Entendido. Obrigado pela informação – disse secamente. – Entro em contato mais tarde – e desligou.

Senti o mesmo arrepio frio de

antes. Robert não deixaria barato. Que se dane! Eu decido sobre as minhas compras. Comecei a vasculhar o carrinho na captura dos produtos que eu não precisava.

- Você vai tirar o queijo? – Nick perguntou alarmada. – É o preferido de Robert.

- Então coloque na lista de compras da casa dele. Robert não frequenta tanto assim a minha casa para que eu precise comprar o queijo que ele gosta – não me atrevi olhar em sua direção. Ela fez um silêncio constrangedor, o que me forçou a encará-la. – O que foi?

- Acho que ele pretende

passar mais tempo com você. Por isso me instruiu a comprar algumas coisas para ele, como por exemplo, as azeitonas. Ele adora! – Oh, droga!

Eu estraguei tudo. Era a intenção dele passar mais tempo comigo? Mesmo depois de tudo o que fiz? Que merda! Eu sempre estragava tudo. Por que não mantinha minha maldita boca fechada e esperava por respostas.

- Ah!

Foi só o que consegui dizer. Deixei os produtos no carrinho e fui para o caixa para pagar a minha astronômica conta. Continuava não querendo que Robert pagasse as

minhas compras. Se eu não gastasse mais nada até o final do mês e estava tudo resolvido.

Nicole parecia satisfeita comigo, mesmo eu não aceitando o cartão de Robert. Pegamos tudo e fomos para casa, com os dois seguranças nos acompanhando. Fiquei intrigada sobre o fato de minha amiga não comentar nada sobre isso. Ou ela sabia e estava acostumada, afinal, ela era uma Carter, ou não sabia e nem tinha notado aqueles dois caras nos seguindo e saindo sem comprar nada. Preferi aguardar para saber de Robert mais sobre o assunto.

Arrumamos tudo na geladeira e nos armários enquanto conversávamos sobre assuntos variados e que não relacionados a Robert, Tanya ou a nossa situação. Nicole tagarelava sem parar. Acredito que agia assim para não me dar a chance de fazer perguntas que não podia responder. Quando terminamos, Nick voltou para a sala e pegou sua bolsa para ir embora.

- Já vai? Eu ia preparar algo para a gente comer – eu estava visivelmente cansada, me esforçando para ser gentil com minha amiga. Afinal de contas e apesar de tudo, ela estava sendo

muito legal comigo.

- Tenho que ir. Paul está me esperando. Descanse. Robert não vem hoje, não é? – fiquei triste. Ele não apareceria, mas eu sentiria a sua falta.

- Acho que não. Tanya está em casa e ele... – era complicado conversar sobre isso com Nicole.

- Ele não dorme fora de casa quando ela está na cidade – Nicole completou a minha frase me deixando mais envergonhada.

- Exatamente.

- Eu entendo – mordeu os lábios. – Espero que Robert consiga resolver essa bagunça logo. Vá

dormir. Falo com você amanhã – concordei desanimada.

Ficar só em casa tinha se transformado em um incômodo. Antes eu adorava, depois de Robert tudo havia mudado. Eu o queria por perto. Ansiava por este momento. E depois dos últimos incidentes eu necessitava ainda mais da sua presença. Tomei um banho rápido e deitei em minha nova e extremamente grande cama, que contribuía para que eu confirmasse o quanto meu amante fazia falta. Seria bom se ele estivesse ali.

Acordei sentindo dedos em meus cabelos. Não precisei abrir os

olhos para saber que Robert estava comigo. Ou eu estava sonhando, ou ele estava realmente ali. Não me dei ao trabalho de descobrir. Aninhei-me ao seu corpo e ele afundou o rosto em meus cabelos. Fiquei imóvel para não machucá-lo. Precisava ficar atenta a este detalhe.

- Não queria te acordar – sussurrou em meu ouvido.

- Senti sua falta – admiti

- Eu também. Só vim verificar se estava tudo bem. Preciso voltar – claro! Ele ainda tinha a merda do acordo com Tanya. Eu não queria que ele fosse embora. Não naquela hora. Com cuidado virei para ficar

de frente para o homem que eu amava.

- Fique! – supliquei. Robert soltou um gemido baixo e me beijou, com cuidado. Fiquei atenta aos meus movimentos.

- Não posso – interrompeu o nosso beijo, mas continuou acariciando meus cabelos. Passei a mão em seu peito constatando que ele ainda estava vestido. Ele não ficaria. Lágrimas se formaram em meus olhos.

- Robert...

- Estamos bem perto de acabar com tudo, Mel. Tenha um pouco mais de paciência. Será por

pouco tempo – ele parecia mais animado, o que me deu ainda mais vontade de estar em seus braços, fazendo amor. Sentindo-o completamente. Deus! Como eu o desejava.

- Eu quero você! – sussurrei com meus lábios próximos aos dele. Robert pareceu indeciso. Eu adorei. – Fique comigo!

- Mel! – meu nome foi pronunciado com o mais puro desejo. – Eu também quero você – Robert se deixou cair no colchão, derrotado. – Mel, eu estou a um passo de me livrar de vez de Tanya. Não posso vacilar agora. Entenda,

por favor!

Suspirei extravasando minha frustração. Com cuidado deitei em seu peito e o abracei. O desejo me assolava. Como Robert podia mexer tanto comigo? Em se tratando dele meu corpo não me obedecia. Tinha vontade própria.

- Droga! — ele gemeu inconformado enquanto eu ainda o abraçava.

Eu estava de lado, totalmente colada à lateral do dele. Levantei uma perna passando-a por cima do seu corpo. Um gesto inocente, porém suficiente para arrancar um pouco mais de Robert, pois acabei roçando

em sua ereção. Meu amante gemeu, passando a mão em minha coxa. Eu usava apenas uma camisa comprida.

- Não faça isso. Estou morrendo de tanto tesão, Melissa.

- Não vá agora. Fique só mais um pouquinho – beijei seu pescoço e passei minha mão em seu peito.

Minha coxa fez uma leve pressão em sua ereção. Robert se mexeu embaixo de mim contribuindo para o atrito. Caramba! Eu estava quase entrando em combustão. Robert virou, colando o seu corpo ao meu, e puxando minha coxa para sua cintura. Ficamos assim: sexo com sexo.

Eu podia sentir o calor que ele irradiava por debaixo das suas calças. Meu amante se movimentou roçando sua ereção em mim. Um gemido escapou dos meus lábios. “Sim! Isso Robert! É exatamente assim que eu quero. Tome-me. Domine-me. Faça-me sua.

- Ah, Mel!

A mão dele correu espalmada por debaixo da minha camisa. Seus dedos me tocavam, me explorando. Meu pulso disparou quando finalmente alcançou os bicos já completamente intumescidos, tocando um de cada vez. Ele também estava ávido de desejo, seus

movimentos não eram leves e calculados com costumavam ser. Havia urgência. E mais uma vez...

- Ai, Mel!

Ele gemeu de dor ao chocar seu nariz em meu pescoço quando eu, impensadamente, arqueei o corpo para aumentar o contato de sua mão em meus seios.

- Oh, Deus! – arfei frustrada.
– Machuquei você?

- Isso não vai dar certo – levantou com a mão no nariz e sentou na cama. – É melhor esperarmos mais uns dias.

- Não! – praticamente gritei em pânico. Como assim alguns dias?

Ele queria me torturar? – Não, Robert, por favor! Continue – levantei parando na sua frente. Robert me olhava atordoado. Arranquei a camisa ficando apenas de calcinha. Ele prendeu o ar enquanto me analisava com olhos gulosos. – Preciso de você. Por favor! – sussurrei em seus lábios. As mãos me seguraram com força e desejo, e um gemido delicioso de se ouvir, saiu de seus lábios.

- Tudo bem. Mas vamos fazer do jeito certo – ele hesitou por menos de um segundo, uma tortura para mim já completamente preparada para recebê-lo. Então

sorriu maliciosamente e me deu um tapa forte na bunda. Foi delicioso! – De quatro, meu bem! – E meu sangue borbulhou. Aquele era o meu Robert.

CAPÍTULO 18

- Mel! – Robert gemeu entrando com força uma última vez, deixando que a sensação libertadora também o dominasse.

Segundos antes eu havia deixado que a explosão de prazer tomasse conta do meu corpo. Não demoramos nem dez minutos. Eu já estava no meu limite quando começamos e meu amante também

não se segurou por muito tempo. Naquele momento, parcialmente satisfeita, e ainda sentindo as mãos de Robert em minha cintura, me puxando ao seu encontro, eu me sentia pronta. Preparada para enfrentar o mundo ao seu lado.

Meu amante me abandonou, então relaxei deitando de bruços no colchão. Robert deitou ao meu lado e acariciou meu rosto com as pontas dos dedos. Sorri. Foi maravilhoso, como sempre.

- Você é incrível, Srta. Simon! Eu estou longe de me cansar.

- E eu passaria a minha noite transando com você, Sr. Carter – ele

beijou meus lábios com cuidado.

- Eu também. E obrigado por não usar o nosso tempo brigando por causa do meu cartão de crédito – Robert levantou. Ele continuava vestido, só as calças que estavam um pouco mais para baixo, meu chefe já as ajeitava no corpo.

- Nós ainda vamos conversar sobre isso – ressalttei sentindo meu coração apertar ao vê-lo se preparar para partir. Eu não estava pronta para ser apenas uma transa. – Não quero você pagando as minhas contas.

- Eu já entendi – disse sem me olhar. – Tenho exatos cinco minutos

para ir embora, então, você decide: vamos aproveitar o nosso momento ou prefere que eu lhe mostre que não sou um homem que aceita com facilidade as ordens da sua futura esposa? – futura esposa? Mordi os lábios para não sorrir.

- O que mudou? – eu sabia que não poderia perder meus preciosos cinco minutos fazendo perguntas, mas era isso ou não dormiria aquela noite, de tanta curiosidade. Robert não ficou muito satisfeito com a minha escolha. – Por que você acha que Tanya vai cumprir a parte dela desta vez? E por que você está tranquilo, mesmo

sabendo que Tanya já sabe que quebrou uma das regras do acordo? – ele parecia indeciso sobre o que poderia ou não compartilhar comigo. – Robert, esconder de mim não é a solução. É só se olhar no espelho para saber que isso não é saudável para nós dois.

- Não se trata disso. O tempo é curto para tantas explicações e eu queria mesmo ficar com você. Por favor, Mel! – parecia sincero. – Hoje eu e Tanya fizemos um novo acordo, o que acabou limitando o tempo que tenho com você.

- Isso significa que não virá nos próximos dias – afirmei com o

familiar nó na garganta.

- Significa que temos novas regras, por outro lado em seis meses tudo estará acabado. São apenas seis meses.

- E o que faz você acreditar que Tanya vai aceitar desta vez? – um pequeno sorriso surgiu em seus lábios. Robert guardava um segredo e não iria compartilhá-lo comigo.

- Eu sei. Se te deixa mais tranquila, nosso novo acordo foi documentado, como um contrato e agora ele tem valor judicial. Eu cumpro com a minha parte, Tanya com a dela e em seis meses ela será forçada a me vender sua parte.

Obviamente, minha digníssima “esposa” aumentou o valor das suas ações, mas sinceramente? É um ótimo preço para que eu possa ficar livre dela.

- Como um acordo nestas condições pode ter valor legal?

- Assinamos o divórcio com data futura. É uma maneira de garantir que realmente terá um fim. Também assinamos a compra das ações, da mesma forma, como uma data futura. No dia determinado o valor sairá da minha conta, uma transição já acordada com o banco. Ou seja, ela não tem mais meios de me obrigar a recuar.

- E como você conseguiu?
Digo... Ela me disse que não
aceitaria. É difícil acreditar que... –
Mas eu acreditava. Aquela sensação
de alívio me fazia tão bem.

- Porque existem coisas que
você ainda não sabe e que não posso
explicar agora – abri a boca para
protestar, ele me impediu. – Não
agora, Melissa. Eu vou contar, mas
não agora. Certo?

- Amanhã – o desafiei. Ele
sorriu.

- Amanhã – sorri aliviada e
satisfeita. Em pouco tempo ele seria
meu e poderíamos gritar o nosso
amor para o mundo. Ele parecia

realmente mais leve e tranquilo. Eu não queria, mas meu peito inflou de esperança. Seis meses era pouco perto de tudo o que eu poderia viver ao lado dele. Foi impossível evitar o sorriso. - Eu sei. Eu sei. Eu também me sinto assim. Mas...

- Mas?

- Regras novas. Seu tempo acabou. Preciso ir. Vejo você amanhã.

- Robert, espere. Quando vou te ver outra vez? – ele sorriu brincando comigo. – Você entendeu. Aqui. Desta forma – uma pequena fagulha de tristeza passou pelos olhos dele.

- Novas regras – disse acariciando meu rosto. – Só poderei te ver no domingo. Isso se você concordar em ir comigo ao hospital visitar meu pai e a tarde ao cemitério.

- Sim, claro. Só teremos um dia? Como será?

- Primeiro vamos nos concentrar na nossa viagem agendada para segunda-feira próxima. Eu não vejo a hora de desfrutar deste corpo com mais tempo e tranquilidade – correu as mãos por minhas coxas me distraíndo. Puta merda! Eu sabia que vinha bomba por aí.

- Segunda? Certo – respondi meio em dúvida. – Sydney?

- Isso. Esqueceu, Srta. Simon? Acho que seu chefe não vai gostar de saber disso.

- Meu chefe? – ri irônica. – Não vai dar certo, Robert.

- Tudo no seu tempo, Mel – ficou sério. – Preciso ir. Amo você! – me deu um beijo leve nos lábios. Eu estava tão assustada e confusa que não consegui retribuir. – Você vai ficar bem? – fiz que sim com a cabeça me sentindo tonta. – Adorei nossa noite. Volte a dormir – ele levantou e foi embora.

Eu fiquei sozinha no quarto

mal iluminado. O que tinha sido tudo aquilo?

Dirigi até a empresa e fiquei surpresa quando fui barrada na entrada do estacionamento. O porteiro tinha um recado da Srta. Carter, Nicole. O que ela queria que não poderia ser dito por telefone, ou que não pudesse aguardar até que eu chegasse?

Dirigi até a primeira vaga que encontrei no estacionamento dos mortais e não tive como não rir da situação constrangedora no meu

primeiro dia de trabalho. Robert foi um idiota. Olhando para nós depois de tudo, eu não conseguia achar uma razão para as coisas estarem como estavam naquele momento.

Eu o detestei à primeira vista e tudo indicava que ele também. Apesar de ele ser um grosso, cretino e aliciador de secretárias, não havia como negar que meu chefe me dominou desde o primeiro olhar.

Saí do carro e fui direto para o RH como Nicole instruiu em seu recado mais do que misterioso. Se não fosse para me demitir eu não via motivo para ter que encontrá-la tão cedo, até porque minha amiga sabia

que Robert odiava atrasos e eu, para variar, já estava no limite do meu horário.

Assim que cheguei à recepção fui levada a sala de Nicole. Não sei por que, achei que a garota da recepção, como era mesmo o nome dela? Bem, achei que ela me olhou de maneira diferente. Até notei um risinho irônico enquanto me levava até a sala de Nick e quando ela teve que sair da sala o seu olhar me cobrava algo. Eu não entendi. Mas bastou olhar para minha amiga para entender que alguma coisa estava muito errada.

Merda! Eu seria demitida.

Fiquei gelada. Como Robert permitiu?

- Mel! – Nicole puxou o ar com força antes de continuar. – Eu não entendo o que Robert pretende com isso e, sinceramente? Não sei aonde ele quer chegar, mas, tome – ela me entregou um papel. – Meus parabéns!

Peguei o papel, curiosa, e fiquei chocada com o que estava escrito. Era um novo contrato de trabalho. Na verdade era um aditivo ao meu contrato inicial, o que me empregava por quatro meses, até a volta de Abgail.

O que me deixou sem chão foi

a minha promoção. Sim. Eu fui promovida. Pelo que pude entender, passaria a ocupar o cargo de consultora comercial, subordinada única e diretamente a função mais alta da empresa. Robert.

A minha promoção não era um problema. Acima de tudo eu valorizava a minha carreira profissional e sabia que seria muito bom, além de poder continuar ao lado de Robert quando Abby voltasse. No entanto eu sabia, bem dentro de mim, que Robert não me promoveu por mérito próprio e sim para eu poder pagar as minhas contas sem que eu ameaçasse a

nossa relação. Que merda! Fechei os olhos com força.

- É. Isso mesmo, Mel. Ele é o chefe. Não que eu duvide da sua capacidade mas esse não é o seu momento. Temos vários profissionais aguardando por uma oportunidade como esta e ele simplesmente a deu a sua secretária. Sem querer ofender – ela me olhou cautelosa. Revirei os olhos. Será que as pessoas viveriam com medo de levar um soco meu?

- Vou cuidar disso, Nicole.

- Você não pode fazer mais nada, Melissa. Robert já mandou publicar no informativo diário.

Todos os funcionários de todas as empresas do grupo já sabem que você foi promovida.

- Robert deve ter ficado maluco.

- Deve mesmo. Sem ofensas – concordou cautelosa.

- Nicole, eu não vou te bater, tá legal? – minha amiga abriu um sorriso torto. Tão parecida com o irmão!

- Fico feliz em ouvir isso.

- Eu me demito! – devolvi o papel, observando seus olhos se arregalarem.

- Você o que? – virei as costas e fui embora de sua sala.

Nicole correu atrás de mim. – Mel! Espere! Pelo amor de Deus! – dizia de maneira contida para não chamar a atenção dos outros funcionários que já estavam em suas mesas. – Mel, espere.

- Seu irmão é um idiota. Um maníaco por controle. Não posso permitir que faça isso comigo – passei pela recepcionista e pela mais pura sorte, consegui entrar no elevador no mesmo segundo. Nicole entrou atrás. – Você sabia que ele colocou dois seguranças me vigiando as 24 horas do dia? Sabia? – Nicole não respondeu, mas pela forma como me olhou eu entendi.

Ela sabia. Que ódio!

- Ele só quer te proteger, Mel. Robert sabe o que está fazendo. Por favor, pare um minuto e me escute – virei para Nicole sem muita vontade de ouvi-la, no entanto devia isso a minha amiga, não apenas pela posição de amante do seu irmão, o que me deixava bem próxima do cargo de cunhada, principalmente por causa da hierarquia profissional. – Robert sabe que não pode vacilar com a sua proteção. Você sabe o que Tanya fez com Abigail. Ela não vai sequer vacilar em fazer algum mal a você – enregelei com aquelas palavras. – Colabore com ele.

- Proteção 24 horas não inclui no pacote uma promoção profissional. Robert só fez isso para me obrigar a aceitar o dinheiro dele. Você sabe que eu não mereço este cargo. Quer dizer, eu sei que sou capaz e... Caramba! Eu sempre sonhei com uma oportunidade como essa. Sou uma economista, Nicole. Sei o que fazer. Mas desta forma, não é justo! – a porta do elevador abriu e eu saí furiosa, batendo os pés no chão.

Nicole me acompanhou e nós duas paramos juntas. Robert estava em sua sala, como deveria, mas Tanya estava lá também. Ela

ocupava a cadeira que ficava de frente a ele. No mesmo instante em que parei chocada pela sua presença, ela virou em minha direção. Seu olhar era mortal. Estava visivelmente irritada e eu sabia o motivo. Eu e a minha promoção.

Tanya disse algo, e pelo ângulo da sua boca eu sabia que não era nada que valesse a pena ouvir. Robert desviou os olhos da tela do seu computador e olhou em minha direção. Ele parecia tenso, mas sorriu e gesticulou para que eu entrasse em sua sala. O que ele pretendia me colocando frente a

frente com Tanya depois de tudo o que aconteceu? E ainda tínhamos o problema da promoção para resolver. Tanya todos de novo interferia em meus planos.

Vaca!

Nicole discretamente pousou uma mão em minhas costas, como se quisesse me transmitir força e segurança. Ela me olhou, encorajando-me a continuar andando. Fomos juntas até a porta que nos separava dos dois.

- Aconteça o que acontecer, não diga nada a Robert sobre não aceitar agora. Tanya não pode saber dos impasses entre vocês dois –

olhei surpresa para Nicole. Ela tinha dito que não queria se envolver, mas estava me ajudando a bloquear Tanya. Nick abriu a porta e entramos juntas. Foi incrível como ela se transformou.

- Bom dia, casal! – sorri amplamente para Tanya e Robert. Sua voz era bastante animada, parecendo feliz por eles dois.

- Bom dia, Nicole querida! – Tanya forçou a animação em sua voz. – Melissa – disse secamente.

- Bom dia a todos – olhei discretamente para Robert. Situação mais ridícula a nossa. Todos ali sabiam que eu e Robert estávamos

juntos, mas fingíamos não saber. Um belíssimo teatro para nenhum público.

- Acredito que tenha ficado muito satisfeita com a sua promoção, Melissa – Tanya provocou. A acidez da sua voz me atingiu como um soco. – Imagine que muitos profissionais hoje lamentam por não ter tido a sorte de cair nas graças do chefe.

Putá que pariu!

- Ah! Sim. Melissa ficou muito satisfeita com a promoção. Eu vim dizer exatamente isso ao Robert. Mel se encaixa perfeitamente bem no cargo. Sem contar que ela já possui um ritmo bom de trabalho

com o nosso CEO, o que facilitará para ambos – Nicole sorriu e Tanya retribuiu educadamente, nem eu nem Robert conseguimos acompanhá-las

Certamente ele sabia tanto quanto eu que Nicole era contra a minha promoção e Robert tinha consciência de que estava sendo injusto ao me dar aquele cargo.

- Quando vamos ter outro almoço de cunhadas? – continuou a conversa distraindo Tanya. - Temos muito para conversar.

Nicole lançou a Tanya um olhar que dizia muito. Na certa se relacionava ao fato de Tanya ter pedido ajuda para descobrir quem

era o caso de Robert. O que minha amiga faria? Ela seria capaz de dizer que sabia de tudo? Eu estava cada vez mais confusa.

- Por que não hoje? – Tanya parecia animada. – Será muito proveitoso passar algumas horas com você, Nick – a cobra ardilosa estava se divertindo com a situação.

Ou ela desconhecia que Nicole já tinha ciência do caso e acreditava estar alcançando o seu objetivo, que era nos afastar, ou desconfiava que Nicole já sabia de tudo e nos apoiava. Então procuraria algo que pudesse usar contra ela também. Senti minhas mãos frias.

Deus! Era tensão demais para uma vida só.

- Claro! – Nicole respondeu com o mesmo entusiasmo.

- Podemos começar a trabalhar, Srta. Simon? – Robert interrompeu a conversa.

Seus olhos diziam pouco e eu nada conseguia formular responder. Queria gritar e dizer que não aceitaria o cargo, mas jamais faria isso na presença de Tanya. Então calmamente abri minha bolsa tirando de lá meu celular e comecei a organizar a agenda do dia. Nada importante. Apenas papelada e mais papelada para ser analisada.

- Podemos esquecer a agenda por enquanto. Eu já tenho tudo o que preciso. Precisamos definir alguns detalhes. Sente-se, por favor! – Robert agia de maneira bastante formal, enquanto eu estava completamente insegura e confusa para sentar ao lado de Tanya e trabalhar normalmente.

- Bem, vou deixá-los trabalhar – Nicole apertou minha mão com mais força do que deveria. – Qualquer coisa me ligue, Mel. E novamente, parabéns! – deu um olhar sério para Robert e depois foi embora. Sentei ao lado de Tanya e mesmo sem olhar para ela,

conseguia sentir seu olhar assassino em minha direção.

- Uma boa sacada sua, Melissa – ela começou. – Transar com o chefe nunca foi tão rentável – fechei os olhos furiosa e ciente de que não poderia fazer nada naquele momento. Estávamos em um território favorável apenas à cobra, esposa do meu amante.

- Tanya! – Robert advertiu.

- Estou mentindo, Robert? Estas empresas também são minhas, e eu, mais do que qualquer outra pessoa, sei que você perdeu a capacidade de pensar com a cabeça de cima – o que deveria ser

engraçado se tornou humilhante. — Uma boa foda você encontra em qualquer esquina, sem colocar nossos negócios em risco. Sairia bem mais barato gastar com prostitutas do que com...

- Cale a boca! — a voz de Robert foi cortante e muito ameaçadora. — Esta porra toda é minha, e, se você tem algo pelo que lutar deve a mim. Eu transformei este grupo no que ele é hoje. Foi o meu trabalho que estabilizou as empresas, então cale esta merda de boca e não questione as minhas ordens. Eu sou o CEO. Eu decido quem trabalha comigo. Eu trabalho

apenas com pessoas competentes, em quem confio e acredito. Pessoas você não conseguirá colocar as suas malditas mãos. Melissa é uma profissional totalmente qualificada para o cargo. Dotada de uma inteligência incomum e estava sendo subaproveitada no cargo que ocupava. Estou apenas sendo justo.

- Claro. Existe forma mais justa de pagar por uma porra de uma trepada? – Tanya falou mais alto. Foi o meu limite.

- Cuidado com o que fala – eu disse friamente. – Sou uma funcionária da sua empresa – meus olhos exigiram os dela. – Posso

processá-la por calúnia, difamação e também por danos morais. A senhora está deixando claro que eu transei com o meu chefe para subir na vida, isso pode me render uns... – fingi pensar no que dizer. – Dez a vinte milhões – analisei seu rosto. Tanya recuou. – Isso para começar. Porque quando acabasse, você seria a única responsável pela destruição de todas as suas empresas. Pense melhor antes de me dizer qualquer coisa.

Assisti triunfante Tanya se encolher com a minha ameaça. Ela estava certa em muitos aspectos, como não ser justa a minha

promoção, embora Robert tenha defendido com veemência que a promoção de devia a minha capacidade profissional, no entanto eu não poderia ficar ali ouvindo-a dizer coisas tão pejorativas a meu respeito.

Eu não estava apenas transando com Robert. Nós nos amávamos. Eu tinha certeza disso. Não estava destruindo uma família feliz ou algo do tipo como já vimos acontecer. Eles não eram uma família há muito tempo e o que havia entre nós dois era puro e verdadeiro. Eu não ia permitir que Tanya fizesse disso algo sujo e imoral.

- Com licença. Posso entrar?

A recepção estava vazia e vocês todos aqui dentro – olhamos os três em direção à porta onde Adam estava.

Lógico que imediatamente tratamos de mudar o clima no ambiente. Não necessitávamos de mais pessoas envolvidas naquela confusão. Respirei fundo três vezes tentando não chamar a atenção dele para mim.

- Minha nossa, Robert! Quando me disseram que você estava horrível, juro que não pensei que fosse tanto – ele riu brincando com meu chefe que tentou sorrir

naturalmente. Eu conhecia Robert suficientemente bem para saber que ele estava mais do que tenso. A veia que se alterava em sua testa deixava mais do que claro.

- Pois é. Veja e aprenda como devemos agir para defender uma dama – havia mais do que uma simples brincadeira em suas palavras. Adam desviou o olhar envergonhado. Abgail. Era disso que falavam – O que você quer, Adam?

- Primeiro me deixe dar os parabéns a Mel. Uma bela promoção, hein? Se você não tinha tempo antes imagine agora? Estou pensando seriamente em desistir de

conseguir um encontro.

Oh! Deus! Que coitado.

- Você não deveria desistir,
Adam – Tanya interrompeu com um sorriso irônico. – As mais difíceis são as melhores – piscou para ele que ficou com os olhos brilhantes e um sorriso débil no rosto. Pelo canto dos olhos vi Robert fechar a mão em punho sobre a mesa. Ele não estava gostando nem um pouco da atitude de Tanya.

- Srta. Simon, preciso que pegue as propostas que devemos analisar para a viagem e faça um relatório com o seu parecer. Siga a mesma linha utilizada no relatório

de Dubai, ficou muito bom. Também preciso revisar alguns contratos que estão para vencer, vou enviar a relação para o seu e-mail. Preciso que a senhorita estude cada um deles e providencie uma análise do mercado para saber se continuam sendo vantajosos para o grupo. Preciso de um relatório detalhado, antes de viajarmos para Sydney. Por enquanto isso é tudo. Infelizmente a senhorita terá que acumular as duas funções até que Abigail esteja de volta, não se preocupe, duas atividades significam dois salários, pelo menos até tudo estar normalizado. Além disso, devido à

escassez de tempo, precisará ficar na empresa após o seu horário, só enquanto eu estiver aqui, claro, no entanto se preferir poderá fazer tudo em sua casa. Eu peço a Nicole para providenciar alguém para acompanhá-la e ajudá-la com a papelada. O importante é que esteja tudo pronto no prazo determinado.

Caramba! Era muito trabalho para tão pouco tempo. Ficar até mais tarde não ajudaria, eu teria que trabalhar no final de semana para entregar tudo na segunda-feira. Ele teria que analisar meu relatório durante a viagem. E aquela história de acumular os salários? Eu não

queria nada disso. Que droga! Robert daria sempre um jeito de me forçar a aceitar as suas decisões. Eu ganharia muito mais do que várias pessoas da empresa e sabe Deus que tipo de tratamento passaria a ter por causa desta promoção. Merda! Nós ainda teríamos uma conversa sobre o assunto.

- Agora, por favor, deixem-me trabalhar. Tanya volte para sua sala, tenho certeza que tem muito a fazer – disse educadamente. – Srta. Simon sugiro que comece o quanto antes – levantamos ao mesmo tempo. – Adam, sente-se – Robert não prestava mais atenção em nós duas e

Adam ocupou a cadeira em que eu estava antes. Apressei os passos para não ter que caminhar ao lado dela. Seria forçar demais.

- Muito bem, Melissa. Ponto para você – Tanya disse ao passar por mim, caminhando em direção ao elevador. – Mas lembre-se – falou um pouco mais alto para cobrir a distância entre nós. Ela sabia que Robert e Adam não poderiam nos ouvir. – O jogo só termina quando acaba – sorriu diabolicamente. – E ainda não acabou – meu sangue gelou. Tive a sensação de náuseas.

Ela não estava brincando. Até quando Robert conseguiria controlar

tudo? Até quando conseguiria nos proteger dela? A porta do elevador fechou desaparecendo com Tanya, contudo ela continuaria presente e assim seria por muito tempo. Suspirei. Era melhor começar minha lista enorme de tarefas, ou então eu daria motivo para que todos falassem que eu não merecia estar naquele cargo.

Passei o dia inteiro debruçada sobre papéis, fazendo ora ou outra, pesquisas no computador sobre mercados financeiros, comércio, economia, desenvolvimento tecnológico de certos países e todo o material necessário para fazer os

relatórios solicitados por Robert.

Ele saiu para almoçar com Adam, que era o diretor da área de pesquisa e desenvolvimento, e algumas pessoas da sua equipe. Disse que voltaria com mais informações para mim. Claro! Mais trabalho. Pedi meu almoço e comi sem tirar os olhos dos papéis. Meu chefe voltou me avisando que tinha um *pen drive* com dados que poderiam me interessar e passou tudo para o meu computador. Eu não podia dizer que estava desanimada. Gostava do meu trabalho. Só estava assustada com o a quantidade de coisas para fazer em tão pouco

tempo. Ele apenas sorriu me passando confiança. Eu tinha que conseguir.

No final do dia eu ainda estava no início das minhas pesquisas e não havia iniciado nenhum relatório. Já fizera várias anotações e conseguira ler metade do material que Robert deixou e uma boa parte dos contratos que precisavam ser revisados.

Decidi passar algum tempo com Adam no dia seguinte. Sim, era necessário e depois passaria algum tempo com Frank, o que não seria ruim, já que tínhamos facilidade em trabalhar juntos. Tanya não voltou,

graças a Deus, mas eu continuava preocupada com a sua ameaça.

Nicole ligou perguntando se eu estava de saída. Ela queria ajuda para escolher um vestido para a festa de confraternização. Oh, droga! A festa. Eu precisava anotar para não esquecer. Também precisava escolher algo para vestir, mas definitivamente não tinha tempo para pensar no assunto. Dei minhas desculpas alegando que precisaria ficar mais um pouco.

Uma hora depois do horário de saída o elevador indicou que alguém chegava. Era um entregador. Ele levava comida e uma garrafa de

vinho. Olhei para Robert em dúvida e ele sinalizou dizendo que estava tudo bem. Depois levantou e veio ao nosso encontro.

- Tudo bem, Srta. Simon. Eu solicitei a entrega. Como vamos ficar até mais tarde achei que era melhor comermos alguma coisa – deu uma bela gorjeta ao entregador, pegou a caixa de suas mãos, levando-a a sua sala. Quando o rapaz saiu, meu chefe voltou para perto de mim. – Venha! – Ordenou, mas seus dedos tocaram em meu pescoço levemente e toda a tensão do dia evaporou. – Traga seu material, vamos dar uma olhada –

peguei o que estava comigo e corri para a sua sala.

Robert arrumou tudo na sua mesinha de centro. Apenas o abajur estava aceso, dando ao ambiente um clima extremamente romântico. Olhei-o confusa. E se alguém chegasse? Pior, se Tanya resolvesse conferir como estávamos? Robert tinha perdido a noção do perigo. A não ser que... Ele estava muito seguro. Até alguns dias atrás evitava entrar em choque com ela, mas naquele dia...

Meu amante havia assumido o nosso relacionamento para Tanya, tinha me promovido

independentemente do que a esposa, e segunda maior acionista do grupo, achava, e não estava se importando com o que ela poderia fazer, com exceção dos seguranças, ele parecia bastante relaxado. Era estranho. Robert estava me escondendo alguma coisa. Ele tinha conseguido alguma prova contra Tanya e por isso estava tão tranquilo. Ele a tinha nas mãos.

- Não se preocupe. Desliguei o elevador e travei a porta da escada que dá acesso a esta parte do prédio. Sempre faço isso quando preciso ficar aqui sozinho ou quando vou embora – ele não tinha feito no

dia em que eu estive lá e acabamos nos encontrando. O que mudou? – Tanya está com Nicole agora e não pretende voltar para nos espionar – seu sorriso revelava mais do que dizia.

- O que te dá tanta certeza?

- Eu apenas sei, Mel. Relaxe! Vamos! Você precisa se alimentar e eu também – coloquei meu material sobre o sofá e me acomodei ao lado dele no chão. Robert abriu o vinho, me entregando uma taça. Brindamos e bebemos.

- Pelo que estamos brindando?

- Pela sua promoção.

Parabéns! — ele me beijou rapidamente nos lábios. Imediatamente me lembrei do motivo para estar com o pé atrás com ele.

- Falando nisso — coloquei a taça de lado, virando-me de frente para ele.

- Não, Melissa! — Robert falou com a voz firme. — Nós não vamos discutir este assunto. Não agora. Temos muito o que fazer. E precisamos comer antes — levantou para servir nossos pratos.

O cheiro forte de tempero tomou a sala. Meu estômago reivindicou um pouco. Robert me

entregou um prato e começamos a comer, conversando sobre os relatórios, as minhas dúvidas, descobertas, pareceres. Ainda queria discutir com Robert sobre a promoção, mas meu tempo era realmente curto e precisava que ele me ajudasse com os relatórios.

Depois de jantarmos, continuamos bebendo o vinho, que por sinal era fantástico. Robert me puxou me prendendo em seus braços, colocando-me entre suas pernas e descansou seu rosto em meu pescoço.

- Senti sua falta, Srta. Simon – me senti em estado de graça com

suas palavras. Era fácil esquecer os problemas quando aquele homem incrível era tão atencioso.

- Você esteve comigo o dia inteiro – provoqueei.

- Não como gostaria – passando os lábios em meu pescoço ele respirou lentamente arrepiando minha pele com seu hálito quente. Era delicioso! – Você não sabe como fica sexy quando está concentrada no trabalho. Eu poderia passar horas apenas te observando – suas mãos acariciaram minha barriga por cima da blusa de cetim. – Vamos trabalhar? – interrompeu meu devaneio.

Por um segundo eu achei que ficaríamos trocando carícias ou até que fossemos mais ousados, transando ali mesmo, no entanto ele simplesmente interrompeu os carinhos e assumiu seu lado CEO, apesar de me manter no meio suas pernas e continuar com o rosto em meu pescoço.

Peguei as minhas anotações, dando continuidade à conversa. Descrevi as minhas primeiras impressões. Robert me ouvia atentamente, fazendo algumas colocações que contribuíam significativamente para o que eu pretendia fazer. Informei que

precisava passar algum tempo com Adam Simpson no dia seguinte e, apesar de deixar claro que a ideia não o agradava ele concordou que realmente era necessário, achamos melhor esse encontro acontecer na sala de reuniões onde ele poderia facilmente nos monitorar. Deixei passar esta. Ao menos ele não estava obstruindo o meu trabalho.

Meu chefe conversou comigo sobre alguns fornecedores e sobre coisas que haviam acontecido na empresa durante seus contratos e também me explicou o funcionamento dos setores de produção. Quais eram os seus

objetivos para o futuro e o que ele esperava dos contratos de Sydney. Foi maravilhoso passar aquele tempo com ele. Com todas as informações que me passou, pude ampliar as minhas ideias, o que me deu uma noção maior do que fazer para concluir os relatórios. Nossa conversa me deu mais segurança quanto ao trabalho a ser executado.

Robert era um chefe incrível!

- Algo mais, Srta. Simon? – sussurrando em meu ouvido, mordendo de leve a minha orelha.

Deus! Todo o meu corpo correspondeu a aquele pequeno gesto. Eu podia sentir que toda a

tensão do dia se concentrando em um único ponto do meu corpo, aquele bem no meio das minhas pernas. E constatei que precisava urgentemente extravasar minha tensão. Eu precisava dele.

- Você me deve uma explicação – minha voz fraca denunciava minha quase rendição.

- Não vamos conversar sobre isso agora – retrucou firme e decidido.

- Você prometeu – tentei protestar, mas ele continuava beijando meu pescoço e mordendo minha pele.

- Pouco tempo. Esqueceu? –

seu hálito quente roçou minha pele sensível. Contive um gemido.

- Hum! Acho que isso é tudo, Sr. Carter.

- Robert! – corrigiu-me dando uma pequena mordida em meu pescoço.

- Ah! Robert.

- Isso. Meu nome fica extremamente sexy quando pronunciado pelos seus lábios. Não dá para descrever as imagens que se formam em minha mente quando você me chama desta forma lânguida e excitada – uau! Aquela era uma grande revelação. Eu adorava pronunciar o seu nome. Era sensual,

e voluptuoso.

- Robert! – repeti saboreando o prazer de cada sílaba em minha boca.

Putá merda! Era mesmo excitante. Era como se ele estivesse em minha boca. Imediatamente várias imagens se formaram. Robert em mim. Robert dentro de mim. Robert em minha boca. Ai, meu Deus! O que era tudo aquilo?

- Oh! Sim, meu amor. Assim mesmo – suas mãos escorreram pelos meus ombros descendo até o decote da minha camisa.

Tocou-me com as pontas dos dedos. Desabotoou três botões,

deixando o acesso aos meus seios mais livre. Uma mão sua se acercou de minha cintura me puxando contra seu peito e me fazendo sentir a sua ereção. A outra correu por dentro de minha camisa, passando pelo sutiã e se instalando em meu seio. Seus dedos me tocaram com desejo. Ele brincou com o bico já intumescido. Arfei de prazer. Seus toques eram perfeitos. Eu me sentia quente.

- Tão linda! – gemeu em meu ouvido me puxando com mais força contra sua ereção. Ao perceber o contato com os meus quadris, ele mexeu roçando em mim com mais vontade. Ah! Eu o queria.

Fechei os olhos, deixando que minha cabeça pendesse para trás. Robert, magistralmente, apertou o bico do meu seio com dois dedos, esfregando-os, no mesmo instante em que sua mão, que segurava a minha cintura me mantendo firme junto dele, descia pelo meu corpo apalpando as minhas coxas, uma de cada vez. Depois escorregou, habilidosamente, para o centro das minhas pernas. Ali. Onde eu, com certeza, perdia toda a capacidade de raciocínio.

Primeiro ele me acariciou por cima da calcinha, intensificando os movimentos em meus seios, onde

revezava com a única mão livre. Eu já estava totalmente arfante. Então Robert decidiu que era a hora de me levar à loucura e com muita habilidade, deixou que seus dedos adentrassem minha calcinha me tocando com mais intimidade. Gemi deleitada com o contato.

Robert sabia exatamente onde me tocar. Suas carícias não eram aleatórias, eram estudadas. Como se tivesse um plano ou um mapa que indicava os locais apropriados e a forma correta. Ele era um mestre e eu apenas a sua discípula, ávida por prazer e doida para absorver o máximo do que meu amante podia

me ensinar.

Com o dedo indicador, iniciou uma deliciosa tortura em meu ponto auge. Seus movimentos eram triangulares. Não sei por qual motivo, imediatamente me lembrei de uma aventura boba que havia feito com Kary, minha amiga, na biblioteca da faculdade, quando resolvemos pesquisar o Kama Sutra. Lembro perfeitamente bem do que li naquelas páginas e uma das suas instruções era de que a mulher deveria ser acariciada no clitóris com movimentos que lembravam um triângulo de cabeça para baixo. Esta era a maneira mais prazerosa. Nunca

tive coragem para corrigir ninguém na forma como me tocava, contudo Robert não precisava de orientação. Ele sabia como fazer. E era tão gostoso! Deus! As outras pessoas deveriam aprender aquilo.

Depois de algum tempo sendo torturada por sua língua, que explorava meu pescoço e ombros, pelos seus dedos apertando e puxando de maneira deliciosa os bicos dos meus seios e de sua mão me acariciando daquela maneira única, Robert aprimorou ainda mais o nosso momento. Quando eu achava que aquilo seria o suficiente para me satisfazer, meu amante introduziu o

dedo do meio em mim. Arfei e gemi alto. Ele fazia os dois trabalhos: me acariciava e penetrava. Enlouqueci. Arqueei meu corpo para frente e me movimenteí, rebolando em sua mão, de forma a tê-lo o máximo possível dentro de mim. Ele me tocou mais forte, em todos os pontos. Eu estava quase lá. Estava pronta para me entregar e meu amante sabia, mesmo assim não aliviava nem interrompia as suas investidas.

- Robert, eu vou...

- Isso, Mel! Goze – e como se meu corpo atendesse unicamente as suas ordens eu explodi em prazer.

Tenho certeza que gritei seu

nome, mas minha voz estava distante e meu corpo parecia flutuar. Era como se eu tivesse me transformado em três camadas, cada uma mais prazerosa e libertadora que a outra.

Seus dedos foram reduzindo o movimento, tornando-se apenas uma carícia delicada que logo depois se estendeu até minha barriga. Ele me virou para beijar meus lábios. Eu estava lenta. Entorpecida pelo tamanho do prazer sentido. Meu corpo inteiro buscava por descanso enquanto juntava os diversos pedaços em que havia se partido. Meu amante beijava meus lábios, eu apenas o seguia.

- Ainda não, Mel! – disse com a voz carregada de desejo e paixão. – Ainda não acabamos – meu coração disparou. Claro que não tínhamos acabado, só não esperava que meu corpo reagisse tão rapidamente a suas palavras. Eu senti tudo dentro de mim recomeçar.

Robert me virou com gentileza e abriu o zíper da minha saia deixando-a livre para ser retirada. Ele a puxou me deixando de calcinha e meias. Ainda vestia a camisa, mas ele havia aberto os botões e meus seios estavam fora do sutiã. Eu estava parcialmente virada para ele, que continuava sentado na

mesma posição no chão. Nossos lábios estavam colados e o beijo ia se intensificando me deixando cada vez mais ansiosa por suas mãos em mim outra vez.

Meu amante tirou a minha calcinha e agilmente me puxou para seu colo me colocando sentada, de frente, obtendo livre acesso aos meus seios. Seus lábios rapidamente foram na sua captura. O primeiro toque foi o suficiente para me deixar ofegante. Agarrei seus cabelos implorando por mais, porém com bastante cuidado, para não machucá-lo. Sua língua revezava carícias em um seio e no outro enquanto sua mão

descia e tomava posse da minha bunda me puxando contra a sua ereção.

“Robert, pelo amor de Deus liberte logo isso!” Implorei mentalmente.

Como se tivesse lido os meus pensamentos, suas mãos libertaram o membro rígido. Não há como explicar a compulsão que eu sentia por sua ereção. Era muito mais forte do que eu. Não apenas a desejava, necessitava daquela parte do corpo do homem que eu amava dentro de mim. Rapidamente o forcei em minha entrada. Robert adentrou minhas paredes, ganhando espaço,

impondo sua presença e acariciando minha carne. Gememos alto e juntos.

- Oh, meu bem! Você é sempre tão quente e apertada – luxuria! Foi a única palavra que me veio em mente.

Com o auxílio de suas mãos, iniciei os meus movimentos. Primeiramente lentos, porém logo não aguentava mais de aflição e desejo, então ficaram mais rápidos, mais urgentes. Robert gemia, ora me observando cavalgá-lo, ora com os olhos fechados e a cabeça jogada para trás, desfrutando do prazer que eu lhe proporcionava. Era um espetáculo digno de ser assistido.

Meu amante era lindo naturalmente, mas quando estava transando, delirando de prazer, ele era o mais próximo de um Deus em beleza e perfeição. Seus lábios semiabertos, suas mãos me segurando com força nos quadris, me puxando, ditando a sua vontade, seus gemidos luxuriantes. Era demais para mim.

Rapidamente me vi gemendo e sentindo o calor se espalhar por todo o meu corpo anunciando outro orgasmo avassalador. Mais uma vez me vi explodindo, me desfazendo, sendo pulverizada. Eu sentia meu sexo latejar enquanto Robert me

pullava para cima e depois me levar para baixo. Ele gozou divinamente.

- Porra, Mel! – rosnou. – Eu te amo! Eu te amo! – gemia enquanto deixava o prazer dominá-lo.

Era avassalador.

Meus olhos encheram de lágrimas. Ele me amava. Não existia momento mais verdadeiro e sincero que o do gozo. Naquele momento ele não conseguiria fingir ou mentir, estava vulnerável, dominado pelas emoções e revelava o que existia no mais profundo do seu ser. E lá só existia amor, apenas amor. O mesmo acontecia dentro de mim.

Deixei minha cabeça

descansar em seu peito ainda arfante e senti algumas lágrimas escorrerem pelo meu rosto. Robert me abraçou, afagando meus cabelos. Ele ainda estava dentro de mim. Seu gozo lutando para escorrer pelas minhas pernas e me sentia preenchida. Possuída.

- Por quê? – não especifiquei o que eu queria saber. Eram tantos por quês, tantas perguntas não respondidas, tantos atos injustificados.

- Apenas porque eu te amo. E não sei mais como viver sem esse amor – meu coração inflou.

Meu Robert! Apenas meu.

CAPÍTULO 19

Dois dias inteiros sem ao menos tocar nele. Tanya baixou a guarda em nossa última noite, em compensação fez questão de nos atrapalhar depois. Eu não sabia o teor do novo acordo deles, só tinha certeza de que a regra de não poderem se relacionar com alguém da empresa havia caído por terra

Ela sabia de nós dois, nem eu nem Robert fizemos questão de

esconder, mas e aí? Como as coisas ficaram depois disso? Eu não sabia. Nem sabia como deveria agir.

Eu tinha passado a sexta-feira e boa parte do sábado trabalhando nos relatórios solicitados. Saí de casa apenas para levar a roupa para lavar, como de hábito, antes tive que pedir autorização ao meu amante, ou seria melhor dono? Para sair de casa e ainda por cima aguentar a presença dos dois seguranças, que me acompanhavam à distância.

Se Tanya agisse naquele momento o que eles poderiam fazer? Uma sensação ruim me cercou com este pensamento e por isso voltei

para casa o mais rápido possível e me tranquei lá com os meus papéis. Robert não apareceu.

No final do dia ele telefonou dizendo que estava cumprindo com a parte dele do acordo, ficando em casa à noite para receber amigos do casal e fingindo ser o marido exemplar. Eu não sei por que Tanya insistia em manter as aparências. Em seis meses eles estariam separados e o que ela diria?

Meu amante me ligou outra vez, antes de eu pegar do sono. Conversamos assuntos melosos de namorados apaixonados, no final da ligação eu me senti sozinha e

péssima. Seriam apenas seis meses e depois disso eu o teria todas as noites, passar algum tempo sozinha não deveria ser tão ruim. O pior é que era.

Acordei com beijos leves em meu rosto. Robert! Meu coração inflou. Abri os olhos para a claridade que já dominava o meu quarto e subitamente os fechei. Ele riu, não com aquela alegria que eu esperava. Domingo! Era isso. Aquele não era um dia que o homem que eu amava se permitia ser feliz.

- Trabalhou até tarde ontem?
- ele fazia carinho em meus cabelos e roçava sua barba por fazer no meu

rosto distribuindo beijos. Sorri.

- Sim. Falta bem pouco agora – virei para abraçá-lo. Era tão bom tê-lo de volta apesar de todo os problemas que enfrentaríamos naquele dia.

- Ótimo! Vou dar uma olhada amanhã quando estivermos a caminho de Sydney – beijou rapidamente meus cabelos. – Agora preciso que se apresse. Pretendo apresentá-la a uma pessoa muito importante para mim – fiquei tensa imediatamente. Iríamos ao hospital, isso significava ser apresentada ao seu pai, que amargava um coma irreversível há alguns anos.

Levantei e olhei em seus olhos. Robert estava tão tenso quanto eu. Ele tinha motivo para isso. Naquele dia meu amante me deixaria presenciar mais uma vez o quanto era frágil perante seu passado. Eu teria que ser forte. Ele não precisava de mais uma fraqueza em sua vida.

- Se quiser ficar em casa descansando não tem problema – seus olhos demonstravam que não estava totalmente confiante em relação a decisão de me levar.

- Só se você não quiser minha companhia –as palavras saíram fácil apesar de eu me sentir fragilizada.

- Você tem dez minutos – disse com um sorriso triste. Corri para o banheiro e entrei no chuveiro. Quinze minutos depois eu estava pronta para seguir Robert pelo mundo, se fosse necessário.

Ele segurou firme em minha mão, como se precisasse de forças para fazer o que iria fazer. Não conversou muito durante o percurso até o hospital. Respeitei o seu momento, fiquei apenas absorvendo a música suave que tocava enquanto meu amante dirigia atentamente. Assim que entramos no hospital fomos saudados por uma enfermeira sorridente. Sorridente até demais.

- Bom dia, Sr. Carter!

A mulher de cabelos negros, com um corte masculino, que lhe caía muito bem, feições finas e olhos azuis de uma maneira absurdamente bonita, deixou (faltou um “que) seus olhos nos percorressem. Robert não largou a minha mão nem por um segundo e eu podia jurar que ele intensificara o seu aperto assim que passamos pelas portas do hospital.

- Vejo que continua seguindo com a sua visita dominical – ele apenas sorriu enquanto assinava um documento que a enfermeira lhe entregara. – O médico passará no quarto do seu pai a qualquer

momento – informou um pouco mais séria, olhando diretamente para mim. – É a Sr^a. Carter? É um prazer conhecê-la – não parecia ser exatamente um prazer, ao menos não era o que ela demonstrava.

Robert não respondeu e eu não me atrevi a corrigi-la, afinal de contas, se tudo corresse como ele planejava, eu seria a Sr^a Carter em breve, tentei não me incomodar com as imagens de Tanya que surgiam em minha mente assim que a mulher disse o “Sr^a. Carter”. Pensei em quantas vezes ela teve que sorrir, mesmo sabendo que a pessoa diante dela desejava o seu marido. Robert

não tinha culpa. Ele era lindo!

Ainda segurando em minha mão ele se despediu cordialmente da enfermeira e andamos por um corredor imenso. Caminhamos até metade dele, então Robert parou aguardando pelo elevador. Ele estava calado. Imaginei o quanto aquilo era difícil para ele. E mesmo assim insistia em se torturar, todos os domingos.

Até onde eu sabia, Robert havia provocado o acidente do pai e, mesmo não acreditando em sua culpa, eu podia compreender o quanto ele sofria por estar ali. O elevador de paredes metálicas e sem

espelho, abriu as suas portas nos deixando em outro corredor enorme. Caminhamos passando por portas brancas. Algumas estavam abertas, permitindo que eu visse as pessoas que estavam internadas, sozinhas, ou com acompanhante. Todas expressavam sofrimento.

Fiquei imediatamente angustiada. Olhando para Robert percebi que a cada passo sua dor aumentava e a respiração ficava mais difícil. Apertei sua mão, transmitindo-lhe força. Paramos diante de uma porta, nela havia apenas uma pequena placa com a numeração 423. Robert respirou

profundamente e girou a maçaneta.

Entramos em um quarto pequeno. As paredes eram totalmente brancas, uma mesa ao canto e duas cadeiras, outra encostada na cama, localizada no centro do quarto. Parei sem saber ao certo o que fazer. Na cama, um homem descansava, como se estivesse dormindo. Cabelos loiros e volumosos, traços suaves, como os de Robert.

Eu estava tão chocada que praticamente não senti que meu amante havia largado a minha mão. Ele caminhou lentamente até o leito do pai e parou. Contemplou a figura

naquele leito fazendo um esforço hercúleo para não chorar. Segurou a mão que descansava ao lado do corpo e ficou sério por infindáveis minutos, depois sorriu. Um sorriso genuíno.

- Maximus esta é Melissa Simon – olhou para mim com os olhos brilhantes. – Mel. Minha Mel – meu coração se derreteu com aquelas palavras. Robert me incentivou a me aproximar. Dei dois pequenos passos em direção ao pai dele. Nenhuma reação. Robert me olhava na expectativa. O que eu deveria fazer? Com cautela iniciei.

- Prazer, Sr. Carter – me senti

ridícula fazendo aquilo, Robert sorriu para mim. Foi o suficiente para mudar tudo e me deixar mais confortável.

- Eu sou o Sr. Carter agora – me corrigiu, coçando a cabeça como se estivesse encabulado. – Pode chamá-lo de Maximus, ele gostaria.

- Maximus – experimentei. – É um grande prazer conhecê-lo – Robert sorriu ainda mais voltando a sua atenção para o pai.

- Eu não disse que ela era maravilhosa? – sussurrou se aproximando ainda mais do pai. – Um pouco teimosa e geniosa. – seus olhos se estreitaram e os meus

também, como reação a suas palavras. – Mas linda e com um coração do tamanho do mundo – eu podia captar em cada palavra que ele pronunciava a emoção que sentia ao dizê-las.

- Seu filho é um bobo, Sr. Carter... Maximus – corrija-me a tempo. – Mas é um homem fantástico. Meio teimoso e dominador. – dei a ele um pouco do seu próprio veneno. – Também é perfeito e amoroso, como nunca pude experimentar em minha vida – Robert sorriu largamente.

- Eu não disse? – mais uma vez sussurrou no ouvido do pai.

Tive que rir.

- Como você pode saber se ele escuta? – ri descontraída, Robert automaticamente enrijeceu. Merda! Dei um passo errado.

- Eu gosto de acreditar nisso. Existem diversos estudos que dizem que conversar com o paciente em coma ajuda muito – desviou o olhar de mim para o pai. – Eu quero continuar acreditando que ele é capaz de me ouvir – soltou o ar que prendia no peito.

- Eu deveria? – sinalizei por cima do ombro para a porta indicando se deveria sair para dar-lhes mais privacidade. Robert fez

que sim com a cabeça. Entendi que ele esperava por isso, só não sabia como me dizer.

- Pai? Melissa precisa sair para nos deixar um pouco sozinhos. Tenho algumas coisas para lhe contar sobre aquele assunto – hesitou e eu me senti mal por não compartilhar os seus segredos. O quanto mais Robert me escondia? – Ela vai se despedir agora.

- Tchau, Sr... Maximus – sorri sem me sentir feliz. – Foi um prazer estar aqui com... Você.

- Ela voltará comigo da próxima vez – disse baixinho. – Se ela quiser.

- Claro que voltarei! Seu filho arrumou um problema, Maximus. Nunca mais vai ficar livre de mim – Robert sorriu verdadeiramente. Foi como bálsamo para o meu coração. – Agora vou deixá-los. Se comportem e não façam nada que eu não faria – pisquei para Robert tentando ser otimista e saí deixando-os a sós.

Caminhei pelo corredor sem me afastar muito do quarto. Parei um pouco surpresa ao ver um casal saindo abraçado de um quarto. O rapaz segurava a mulher que tentava conter os soluços e se apoiava na parede deixando as lágrimas caírem.

Imediatamente duas enfermeiras correram pelo corredor e um médico as seguiu mais calmamente. Não precisou de muito para que eu entendesse que a pessoa que eles cuidavam naquele quarto havia falecido.

Meu coração apertou quando me dei conta que Robert poderia enfrentar a mesma situação a qualquer meu momento e eu não poderia fazer nada para impedir seu sofrimento.

Ele não se perdoaria se acontecesse antes que cumprisse sua promessa. Comecei a rezar e implorar a Deus que ele não

permitisse que isso acontecesse. Meu namorado teria que passar por esta situação em paz. Ele precisava cumprir o que prometeu.

Não sei quanto tempo fiquei parada naquele corredor. Muitas pessoas passaram por mim, algumas angustiadas, outras apressadas, como se não quisessem estar lá. As enfermeiras circulavam de um quarto para outro e dois ou três médicos caminhavam calmamente observando o movimento.

Robert apareceu um pouco constrangido. Apenas me abraçou forte e me guiou em direção ao elevador. Pelo canto dos olhos vi

que meu amante mantinha a cabeça baixa.

Saímos do hospital e caminhamos até o carro. Ele continuava me segurando em seus braços. Assim que abriu a porta eu olhei em seus olhos. E me arrependi. Mesmo com o roxo já quase inexistente, fruto do soco que eu havia lhe dado, era possível ver o avermelhado, que indicava que esteve chorando, e não foi pouco.

Meu coração ficou pequeno. Robert sofria e isso me fazia sofrer também. Eram assim os seus domingos? Cheios de sofrimento por causa do seu passado tenebroso?

Aquilo teria que mudar. Ele não me deu chance de confortá-lo. Tinha conhecimento de que seu sofrimento apenas começava, por isso entrou no carro e deu partida. Depois de um tempo dirigindo para, Deus sabe onde, ele perguntou:

- Com fome? – me questionei se ele sentia mesmo fome ou se era apenas a rotina que seguia para se recuperar antes do próximo encontro.

- Um pouco – fingi não perceber o seu abatimento, ao menos por enquanto.

- Vamos a um restaurante que eu adoro. Ele é discreto e vamos

poder conversar sossegadamente – e depois disso o silêncio voltou a imperar entre nós.

Paramos em frente ao restaurante. Um toldo imenso e verde com jarros de plantas dos dois lados, formando uma espécie de mureta, dava acesso a entrada do restaurante. O manobrista nos recebeu assim que saímos do carro. Segurando em minha cintura, ele entrou sem se preocupar por desfilar com outra mulher em plena luz do dia.

Assim que entramos entendi o porquê. Havia um corredor que dava acesso a vários compartimentos,

como quartos, separados por uma cerca de meia parede. Uma recepcionista, com uma camisa colada e um decote generoso se apressou a nos atender. Ela me olhou como se entendesse a minha presença ali.

- Sr. Carter, seja bem-vindo – indicou-lhe um dos biombos com a mão. – Fique à vontade. Nosso garçom já virá atendê-lo – e se retirou discretamente.

Robert puxou a cadeira para eu sentar e depois se acomodou a minha frente. Pegando em minhas mãos ele levou-as aos lábios e beijou com admiração.

- Obrigado!

- Pelo que? – fingi não saber do que ele falava, na verdade eu sabia perfeitamente bem do que se tratava.

- Por estar aqui comigo – seus olhos capturaram os meus e eu me perdi neles. – Por ser forte o suficiente para aguentar este pesadelo – beijou meus dedos. – E por ser capaz de me entender sem me julgar – fiz força para não chorar.

Eu amo este homem!

- Você sabe o que penso sobre tudo isso – ele apenas assentiu.

Um garçom se aproximou para anotar o pedido. Robert sabia exatamente o que pedir e eu apenas o assisti sem fazer nenhuma objeção. Só estranhei ele não pedir um vinho ou qualquer bebida alcoólica.

- Sem vinho? – perguntei assim que o garçom se retirou.

- Para mim não, se você fizer questão... – fez um gesto como se fosse chamar o garçom.

- Não. Apenas curiosidade. Você sempre pede vinho.

- Não posso beber hoje – e ficou calado.

Seus olhos diziam mais do que ele foi capaz de pronunciar.

Robert não bebia aos domingos. Não por falta de vontade, talvez pelo fato da vontade ser mais forte do que nos outros dias. Se ele bebesse especialmente naquele dia da semana, não seria capaz de aguentar o peso que descia sobre seus ombros. Ele se entregaria. Não suportaria a cruz que carregava. Não consegui falar mais nada.

Saboreamos a comida, trocando poucas palavras. Robert me contou que enquanto esteve com Maximus o médico apareceu e eles conversaram por um longo tempo. Seu pai continuava com as mesmas complicações, nem melhor, nem

pior. Os médicos não entendiam ao que ele se apegava para continuar vivendo. Eu sabia o motivo e Robert também.

Passeamos de carro algum tempo, sem nenhum destino aparente. Tenho certeza que Robert escolheu o caminho mais longo possível até o cemitério. Ele protelava aquele momento difícil. Eu faria o mesmo. Aliás, eu nem sei se teria coragem de repetir semana após semana o mesmo calvário. Ele parecia se agarrar ao sofrimento. Algo lastimável de assistir.

O processo de visita ao túmulo do pequeno Rob foi o

mesmo. Ele contemplou o túmulo, se ajoelhou em frente a foto do filho e chorou dolorosamente. Eu fiquei ao seu lado, segurando a sua mão, deixando Robert lamentar a sua perda, os anos que sonhou ao lado daquela criança e tudo o que fora impedido de sonhar.

Desta vez ele nada disse sobre o motivo de ter se transformado no que era. O nome de Tanya não foi mencionado. Henry chegou quando Robert já estava mais calmo. Ele se aproximou e me olhou com um sorriso de aprovação encantador, depois entregou a Robert o seu material para que

juntos pudessem fazer a faxina dominical na pequena lápide.

Como da outra vez, fomos convidados para um café na casa do bom Henry e aceitamos imediatamente. Eu sabia que Robert foi acolhido por aquele senhor, desde que sua jornada de visitas ao cemitério começou, e eu tinha certeza que nada de ruim poderia vir dele. Por causa disso, meu coração relaxou quando começamos a caminhar em direção à sua casa e me senti mais tranquila quando sentamos em volta da pequena mesa enquanto Henry nos servia o café.

Robert segurava minha mão,

não forte, como aconteceu durante todo o dia. Ele olhou para mim com devoção e beijou meus dedos em sinal de agradecimento. Eu apenas retribuí o sorriso. Queria que ele ficasse bem. Queria salvá-lo, poder expulsar a sua dor.

- Então vocês dois entenderam que não é fácil fugir das armações da vida? – Henry serviu uma pequena xícara com café para cada um de nós.

Cheguei a pensar que ele falava de Tanya e dos problemas que ela ainda nos causava, mas o seu sorriso me dizia que falava de mim e Robert, do nosso amor. Corei.

- Você acha que a vida continua armando para cima de mim? – Robert perguntou intrigado enquanto Henry colocava a sua própria xícara na mesa.

- Sim! É claro que sim! – pegou um cesto estilo colonial contendo os biscoitos que se desmanchavam na boca que eu tanto adorava e davam um sabor especial ao café. – Só não sei dizer quem arma mais com quem. Se é você com a vida ou a vida com você – Robert riu alto. Foi maravilhoso ouvi-lo rir, depois de um dia tão triste. – Fico feliz em saber que mesmo com tantos problemas vocês dois

continuam firmes.

- Obrigado! – respondeu com verdade nos olhos e eu apenas acenei com a cabeça concordando. Nossos dedos entrelaçados, se firmaram ainda mais um ao outro. Era como se aquele gesto nos tornasse mais fortes. Invencíveis.

- Não tenha medo da tempestade, Robert – Henry fixou o olhar em nós dois, mas continuou sorrindo, então não senti medo.

- Eu tento não ter – meu amante respondeu de cabeça baixa, olhando para a xícara em sua mão. – Eu sei que a tempestade que está se formando desta vez é poderosa e

devastadora – seus dedos me seguraram com mais força, chamando a minha atenção para o seu medo crescente. – Ela vai me atingir com tudo. Não tenho ideia do que conseguirei manter ao meu lado depois da destruição – entendi.

Ele sabia que Tanya atacaria. Era uma guerra inevitável e decisiva. Meu amante estava com medo de me perder. Eu tinha que mostrar a ele que era forte o suficiente para aguentar a tempestade e que no final estaríamos juntos. Eu olhava atentamente o rosto de Robert que evitava me olhar, mantendo a cabeça baixa, sem

diminuir a intensidade de seus dedos nos meus.

- Pode ser a última – Henry disse. – Você precisa deixá-la chegar e depois deixá-la partir. Lutar para ir em frente e não se agarrar ao que com certeza afundará. A escolha será sua no final de tudo.

- Eu sei – Robert ficou reflexivo. – Eu sei.

- E seu pai, como está? – Henry mudou o rumo da conversa. Robert passou a mão livre pelos cabelos e deixou o ar, preso nos pulmões, sair ruidosamente.

- Na mesma. Nenhuma melhora, nenhuma piora – fez uma

pausa demorada. – Você sabe que em pouco tempo eu estarei aqui chorando por ele também, não é?

- As pessoas morrem, Robert. É a lei da vida. Não devemos lamentar a morte delas. Devemos ser gratos pelo tempo que as tivemos. Por tudo que nos ensinaram. Tenho certeza que você terá o que lamentar, mas também terá muito a agradecer.

- Pode ser – mais uma vez ficou reflexivo.

- E você, Mel? – Henry se voltou para mim.

Seus olhos me lembraram do meu avô e de toda a sua bondade e

carinho comigo. Ele sempre me colocava no colo e dizia que eu poderia comer todo tipo de porcaria, porque quem educava e ensinava eram meus pais, o vovô e a vovó simplesmente deseducavam. Quase pude ouvir a voz dele me dizendo estas palavras e imediatamente a saudade me invadiu. Ele também tinha partido e já fazia muitos anos.

- Vejo que ainda tem coragem e paciência para acompanhar esta criança crescida em todos os seus problemas – ri baixinho.

- Ah! Sim. O que posso fazer? – dei de ombros e ele riu de minha brincadeira.

- Você pode continuar amando-o, como está fazendo agora, e quem sabe ele finalmente entenderá que cresceu – rimos juntos. – Não o mime demais. Nada de fazer todas as vontades deste garoto ou ele ficará ainda mais possessivo e insuportável – Robert bufou e revirou os olhos. Uma perfeita atitude adolescente. Rimos outra vez.

Saímos de lá quando o sol já estava indo embora, dando ao mundo os seus últimos minutos de espetáculo. Tive vontade de aplaudi-lo, mas me contive. Nada de olhares curiosos em nossa direção.

Entramos no carro e automaticamente notei que Robert estava relaxado e tranquilo. Era o meu Robert voltando para mim. Ele estava deixando para trás os seus fantasmas e se permitindo viver uma outra semana para no próximo domingo começar tudo outra vez.

- Para onde vamos? – não demonstrou muito interesse.

- O que quer fazer? – devolvi a pergunta. Robert contemplou o céu e pensou por um longo minuto.

- Eu gostaria muito de descansar um pouco. Minha cabeça está doendo.

Pela primeira vez ele não

fazia nenhum comentário obsceno ou que indicasse que teríamos um belo momento de sexo. Robert estava ferido e isso o impedia de ter pensamentos libidinosos, ao menos durante aquele dia.

- Quer ir para casa? – ele me olhou pelo canto dos olhos e deu partida no carro.

- Minha casa? – fiz que sim com a cabeça. – E passar o resto do dia encarando Tanya? Não. Vou aproveitar a minha liberdade o máximo que puder – o que ele queria dizer com aquilo?

Desde quando Robert não era livre para aproveitar o seu dia?

Tudo bem que tinha regras, isso nunca o impediu de sair, de viver suas aventuras. Ele só não podia dormir fora. “Novas regras”, suas palavras ecoaram em minha mente e de súbito senti meu sangue gelar. O que havia mudado? Como não podia questioná-lo. Guardaria todas as minhas perguntas para um momento mais apropriado. Ele teria que me explicar direitinho essas “novas regras”.

- Podemos ficar na sua casa? Compramos comida chinesa no caminho.

- Claro! – dei a ele o meu melhor sorriso.

Subimos as escadas que nos levariam ao meu apartamento, Robert levando nas mãos uma caixa com a nossa comida enquanto eu me encarregava do vinho, já que passado o momento da dor ele se permitiria beber, e um pote de sorvete.

Meu amante estava bem mais tranquilo e brincava com a minha insistência em comprar sorvete sabor chocolate com pedaços de chocolate dentro, meu favorito. Dizia que Henry estava enganado, que a criança em nossa relação era eu. Ficamos brincando, nos provocando e rindo até alcançarmos

o último degrau então ele, desajeitadamente, me envolveu em seus braços buscando meus lábios. Um beijo rápido e carinhoso de um casal apaixonado.

Assim que me libertou voltei minha atenção para a porta e parei. Meus olhos se prenderam na figura parada lá. Era Dean. Vestindo jeans casual e uma camisa gola “V” preta que revelava seu corpo definido. Nossos olhos se encontraram e eu fiquei chocada com o que vi nos dele. Raiva, desaprovação, sofrimento e desprezo. Tudo misturado.

Robert encostou as minhas

costas me dando segurança e me estimulando a continuar andando. Eu não queria. Não queria enfrentar Dean e assumir que era verdade o que ele estava vendo, que eu havia me tornado amante do meu chefe. Paramos a dois passos dele, que se mantinha firme em frente à minha porta.

- Dean — Robert cumprimentou cordialmente, mas analisando cada movimento seu.

Dean não o olhou. Ele me encarava sem dizer nada, nem precisava seus olhos já jogavam em minha cara tudo o que ele queria me dizer e não era nada bom.

- Mel – sua voz ácida, arrastada pela raiva corroía minha alma. Suas narinas se abriam quando ele respirava. – Então é isso?

- Dean não é...

- O que eu estou pensando? – riu debochado. – O que então?

- Dean, este não é um bom momento.

- Não existe um bom momento, Mel – retrucou um pouco mais alto.

- Pega leve, Dean – Robert o advertiu. – Com calma.

Eu não queria que Robert se envolvesse. Não queria expor a minha vida no corredor do prédio e

eu sabia que se demorássemos mais alguns segundos logo os vizinhos começariam a abrir as portas para verificar o que estava acontecendo. Seria vergonhoso se Dean tornasse público que eu transava com meu chefe, que, diga-se de passagem, era casado.

- Dean, por favor! – implorei. Ele recuou tentando conter a raiva. Suas mãos estavam fechadas em punho ao lado do corpo.

- Por favor o quê, Mel? Está com medo que as pessoas descubram o que você se tornou? – disse de maneira contida, suas palavras me atingiram em cheio.

- Dean! – Robert rosnou em mais uma advertência. Eu não conseguiria segurá-los por mais tempo.

- Vá embora, Dean!

Eu não podia questionar os seus motivos para estar ali me cobrando. A única culpada era eu. Olhá-lo nos olhos era impossível. A vergonha me deixava vulnerável demais.

- Vá embora? É isso? Você jogou tudo o que nós estávamos construindo no lixo para ter um caso com um homem casado? – falava baixo, quase sussurrando, sem deixar de expressar raiva. – Para

transar com seu chefe, Melissa? E agora me diz somente “vá embora, Dean”? – Robert avançou um pouco. Eu o impedi com o corpo.

- O que você quer que eu diga? Lamento muito? – meus olhos transbordariam a qualquer momento. – Eu lamento, mas me apaixonei. Não era para ser assim – a primeira lágrima caiu. – Eu sinto muito, Dean! Agora, por favor, vá embora – Dean me olhou assustado. – Não é como você está pensando. Eu não posso lhe dizer como as coisas funcionam. Não agora.

- É o que você quer? – soltou o ar já totalmente desarmado.

- Robert, abra a porta – ele imediatamente retirou a sua cópia da chave, obedecendo a minha ordem. Era irônico.

Dean assistia tudo analisando cada passo nosso. Robert pegou as coisas que estavam em minhas mãos, levando-as para dentro, porém deixou a porta aberta, para que pudesse voltar rapidamente e não perder nada.

- Ele é casado, Mel! – suas palavras demonstravam repugnância. – Ele veio a sua casa naquela noite para te tirar dos meus braços com a desculpa de que precisava de você na empresa e você permitiu?

- Dean, não... – minhas lágrimas continuaram caindo. Sentia-me péssima. Era a mais pura verdade. – Eu tentei não ir, você deve se lembrar disso. Eu disse não. Várias vezes, mas você fez questão de concordar, você...

- Eu? Eu confiava em você. Vejo que me enganei – sua boca se curvou com nojo, fazendo-me sentir suja. Imunda. – Você não presta.

- Dean! – arfei ao ser atingida por suas palavras.

- Agora chega! – Robert apareceu ao meu lado me passando para as suas costas. – Vou respeitar a sua dor, Dean, não por você, por

Melissa que não ficaria feliz se eu partisse o seu queixo em pedaços. A minha paciência tem limite, então esta é a sua deixa para ir embora – Robert estava tenso. Senti medo. Terror do que ele poderia fazer com Dean.

- Você não fala por ela – Dean rebateu extravasando sua raiva. Sua voz saiu alta e dura. – Pode até estar pagando as contas, mas não pode responder por ela.

- Saia! – Robert rosnou ameaçadoramente.

Senti uma pontada em meu peito. Dean achava que era por dinheiro. Como ele poderia me

julgar tão mal?

- Robert, por favor! Não! –
tentei impedi-los de começar uma
briga.

- Eu vou embora, Melissa –
Dean anunciou. – Não porque ele
está mandando. Vou porque não
tenho mais nada a fazer aqui e isso
tudo é tão sujo que fede. É
repugnante.

- Acabou seu tempo, Dean! –
Robert avançou ameaçador. Dean
não recuou.

- Você sabe que isso vai
terminar da pior maneira possível,
não? Sabe que não poderá manter
tudo escondido e quando esta bomba

explodir, eu não estarei ao seu lado para juntar os seus pedaços – passou por mim e foi embora.

Imediatamente senti um calafrio percorrer o meu corpo inteiro. Dean falou como se estivesse anunciando um presságio. Eu sabia que estávamos próximos de enfrentar a pior de todas as batalhas, mas não havia como saber qual lado seria vitorioso. Apesar de Robert estar confiante Tanya era perigosa e poderia virar o jogo a qualquer momento.

Robert relaxou no mesmo instante em que ouvimos os passos de Dean se afastando. Ele me

abraçou com força, como se aquele abraço fosse capaz de impedir o meu sofrimento.

- Pronto, acabou.

Deixei o choro chegar sacudindo os meus ombros. Estava envergonhada, machucada. Eu precisava ser forte, ao menos enquanto Robert estivesse lá comigo. Precisava mostrar a ele que suportaria tudo para estar ao seu lado. Sequei as lágrimas desfazendo o nosso abraço. Imediatamente entrei em meu apartamento, assumindo uma postura mais resolvida e relaxada. Peguei as coisas que ele havia deixado sobre a

mesa, levando para a cozinha. Robert me observava atentamente, como se estivesse pronto para me pegar quando me partisse. Eu não deixaria acontecer.

- Vai jantar agora? – forcei minha voz a sair. Robert arqueou uma sobrancelha, me observando.

- Melhor esperarmos um pouco – continuava me observando, com um olhar intrigado. – Você está bem?

- Sim! Agora sim – tentei sorrir. – Dean vai acabar entendendo. Um dia – acrescentei. – Não quero ficar pensando nisso agora.

- Tá! – Robert concordou. – Posso abrir o vinho? – sorri outra vez para passar confiança.

Ele saiu da cozinha em busca da bebida e só então me permiti soltar o ar retido em meus pulmões. Eu precisava fazer melhor do que aquilo para garantir a Robert que continuava firme em minha decisão.

Bebemos e depois jantamos. Robert não voltou a falar sobre Dean nem nada de desagradável que tinha acontecido durante o nosso dia. Não conversamos sobre o pai dele, Tanya, muito menos sobre o pequeno Rob. Apenas sobre o tempo, negócios e seu amor por mim, me

deixando aquecida por dentro.

Ficamos no sofá da sala, deitados um de frente para o outro, trocando carícias inocentes, e jogando conversa fora. Um final de domingo típico de namorados, só que sem sexo. Eu sabia que Robert ainda não estava preparado para transar depois de passar a manhã visitando seu pai em um hospital e à tarde no túmulo do filho, por isso me contentei em ficar em seus braços, com uma perna jogada sobre a sua cintura, recebendo suas carícias e beijando seus lábios. Nada além disso.

- Não se preocupe. Vou

avisar a Zac para ficar atento a Dean, ele não vai mais se aproximar de você – beijou o topo da minha cabeça e apertou ainda mais seus braços em mim.

- Zac?

- O segurança. Aliás, não entendi porque não fui notificado sobre a presença de Dean antes de chegarmos. Vou rever a estratégia deles – me senti desconfortável. Detestava seguranças em minha cola.

- Não precisa impedir o Dean de se aproximar. Ele nunca fará nada contra mim.

- Não o quero perto de você –

disse com os olhos duros e a voz firme.

- Não pode impedir meus amigos de estarem comigo.

- Ele não é seu amigo.

- Quem disse que não?

- Este não é um assunto questionável, Melissa.

- Você não é o meu pai, Robert – cruzei os braços no peito deixando claro que não permitiria que ele agisse assim. Meu amante ficou firme me olhando, em seguida suspirou e passou as mãos nos cabelos.

- Deus me livre de ser o seu pai, Melissa! – me deu um beijo

casto nos lábios. – Sou contra relações incestuosas e não poderia evitar uma se você fosse minha filha – deu uma palmada de leve em minha bunda.

- Você é um doente! – apesar de não querer, eu ri. – O que me lembra que me deve uma explicação.

- Você tem certeza que quer se aprofundar ainda mais neste monte de merda? – ficou tenso. Seus olhos duros me encaravam. Eu não tinha tanta certeza, embora isso fosse inevitável.

- Tendo em vista que preciso de seguranças 24 horas, sete dias por semana, e que existe uma louca

com instinto psicótico planejando eliminar as amantes do marido... Sim! – sorri, mas ele ficou sério. Oh, droga!

- Melissa – puxou o ar com força, levantando do sofá para sentar de frente para mim. Ele parecia com medo e isto era o que mais me assustava. Robert sempre fora seguro, forte, naquele instante seus ombros não estavam arrogantes e altivos e sim encolhidos. – Tenha em mente que o que vou te contar muda todo o contexto da minha história.

CAPÍTULO 20

Melissa me olhava com olhos assustados e atentos. Sua respiração profunda estava mais acelerada e seus lábios entreabertos. Ela não se mexia. Sentada no sofá, apenas me encarava na expectativa, aguardando. Eu não estava tão certo de que deveria revelar aquela parte da história, mesmo sabendo que não dizia respeito a mim, era uma parte

obscura do passado de Tanya e envolvia Abby. Uma triste e sofrida história.

- Quando conheci Abby ela ainda era muito nova. Estava na faculdade e não sabia como conseguiria seguir em frente e salvar a sua vida. Eu procurava por uma pessoa. Acabei me envolvendo em mais uma armação de Tanya. Uma que conseguiu tirar o meu chão, mas que não vem ao caso agora. Não foi por acaso que encontrei Abigail, ou Sara, seu nome verdadeiro.

Melissa ficou espantada. Seus olhos se abriram, surpresos, e ela tentou dizer alguma coisa, mas se

deteve quando viu que eu parava de contar. Então engoliu em seco e apenas aguardou.

- George Hanson, pai de Tanya e Paul, sócio do meu pai, era um homem que valorizava a família. Sustentava uma imagem de pai maravilhoso, marido exemplar, no entanto, tudo não passava de fachada. Não posso negar que como pai ele até se esforçava, apesar de achar que seu amor excessivo foi o responsável por destruir Tanya. Como marido, ele deixou muito a desejar. Resumindo, ele teve um caso com uma de suas empregadas, Helena era o nome dela e este caso

gerou uma filha, Sara, ou Abgail como você a conhece.

- Então Abby...

- Isso! Abgail é irmã de Tanya – ela ficou confusa. Levou as mãos para sua boca, em choque. - Ela usa um nome falso. Ela precisou.

- Por quê?

- Para se proteger de Tanya – outra vez Melissa externou seu medo.

- Quando Helena engravidou, Jessica Hanson, mãe de Tanya e Paul, descobriu. Sua saúde já era frágil, depois descobrimos ser uma consequência das decepções causadas pelas traições constantes do marido. Então George preferiu

tirar Helena de cena levando-a para outra cidade, Long Lake. Foi lá que Abby nasceu e foi criada.

- Por que ela precisava se proteger de Tanya? – Melissa estava atemorizada. Ela sabia tudo o que Tanya já havia apontado com sua amiga, sem sequer imaginar a verdade.

- Aos 18 anos Tanya descobriu tudo. Nós já namorávamos, ela estava terminando o colegial e se preparando para a faculdade. Eu não desconfiei de nada. Ela nunca me deu nenhuma dica, nunca mudou sua maneira de agir nem demonstrou passava por algum problema. Só

descobri depois que Jessica, que havia falecido alguns anos antes, havia deixado um diário como parte da herança e nele constava a existência desta irmã.

Fiz uma pausa pensando na melhor maneira de contar o que aconteceu. Melissa permaneceu calada, sua respiração acelerada e ela torcia as mãos uma na outra, típica reação de nervosismo dela.

- Não sei como ela armou tudo, mas sei que Tanya conseguiu encontrar Helena e Sara, que estava com 07 anos. Elas viviam em uma casa simples, boa e segura, sustentadas por George, que amava a filha e a

assumiu. Ele mantinha as duas famílias e fazia o possível para conviver com ambas. Ela viajou durante um final de semana, hoje eu acredito que aconteceu quando eu fiquei preso em uma reunião, e ela quis viajar com as amigas. Na época não vi motivos para desconfiar e nem percebi a mentira sua armação. Tanya foi até a casa de Helena. O que sei desta parte foi contado pela Abby. Ela era muito tímida, e se escondia todas as vezes que algum estranho chegava. Naquele dia não foi diferente. Ela correu assim que ouviu a voz desconhecida, ficou atrás do sofá enquanto a mãe recebia

a visita na sala. Sua prima, a verdadeira Abigail, morava com elas, depois da morte da mãe, vítima de um latrocínio. Eram apenas as três de uma família pequena. Helena e Sara eram tudo o que lhe restava. Tanya não escondeu quem era e nem poupou ninguém da sua ira. Ela acusou Helena de ser a responsável pela morte da mãe, deixou claro o quanto odiava a ela e a irmã além de ameaçá-la violentamente, caso não retirasse a paternidade de George da certidão de Sara. Ela deixou claro que não dividiria a herança, com as duas.

- Meu Deus! – Melissa levantou do

sofá e começou a caminhar pela sala. Suas mãos agitadas passavam por seus cabelos, seu rosto, ficavam no bolso do jeans e vagavam descontroladas ao longo do corpo. Não conseguia se manter parada. – Por favor, não diga que ela tentou matá-las quando tinha apenas 18 anos.

- Se preferir eu posso parar por aqui. Retomamos depois, quando você conseguir digerir melhor.

- Não! – falou ansiosa e inquieta. – Não! Quero saber de tudo. Preciso saber de tudo – concordei. Melissa voltou a sentar, ficando atenta ao que eu contaria.

- Helena ficou muito assustada. Durante a madrugada resolveu fugir. Abby acredita que tentando encontrar George para pedir ajuda. Só não imaginavam que estavam caindo direitinho na armadilha de Tanya. Quando Helena entrou naquele carro e pegou a estrada fria e escorregadia, assinou a sua sentença de morte.

Melissa fechou os olhos libertando as lágrimas que tentava conter. Eu me odiava por tê-la envolvido naquela confusão, mas já que não tinha conseguido evitar, o melhor a fazer era deixá-la ciente do perigo que corria.

- De acordo com Abby, elas juntaram algumas roupas e documentos e partiram. Sonolenta, ela não percebeu quando sua mãe acelerou mais e mais. Só se deu conta quando o carro bateu na lateral do delas, quase tirando-as da pista. Helena manteve o controle, contudo seu veículo velho não resistiria muito tempo ao ataque de um mais moderno e potente. Após muito desespero e luta, o carro derrapou e acabou caindo de um penhasco. Helena e Abigail, a verdadeira, morreram na hora. Sara, conseguiu sobreviver. Ela estava muito machucada, mas conseguiu sair do

carro. Mesmo sendo noite e muito escuro, pôde ver Tanya, parada no alto do penhasco, conferindo o serviço. Ela não sabe como foi capaz de pensar, só sabe dizer que quando a polícia chegou, Sara se identificou como Abby, assumindo a identidade da prima morta. Foi a forma que encontrou para se proteger de Tanya.

- Coitada! — enxugou as lágrimas. — Nunca imaginei que minha amiga tivesse um passado tão triste e dramático.

- Esta é apenas a primeira parte. Aquele acidente foi o início do seu inferno pessoal — ela abriu os

olhos, ainda chocada além de perplexa com a possibilidade de mais tragédias. — Tanya quis se certificar de que realmente havia conseguido tirá-las de seu caminho, então quando descobriu a morte de Helena e da suposta Sara, não se importou com a existência de uma outra criança, que não modificaria em nada a sua vida, por isso deixou Abby em paz. Abigail foi levada para adoção, já que não existia mais nenhum parente vivo, ela assumira a identidade da prima e não sabia como encontrar o pai, além do medo de tentar contatá-lo e atrair a atenção de Tanya. Acabou passando

por diversas famílias. Ela nunca se adaptava. Sentia falta da mãe, sem considerar o trauma que viveu que não podia contar a ninguém, ela acabou desenvolvendo um comportamento agressivo. Até que aos 12 anos foi entregue nas mãos de um pastor. Ele tinha outros quatro filhos adotados, era um exemplo na cidade, um homem de caráter, confiável e conhecido por salvar a vida daquelas crianças. Na verdade, ele era um monstro. Acredito que você é capaz de imaginar todos os tipos de abusos que Abby sofreu nas mãos deste animal. Sem saída, submetida a todos os tipos de

torturas, e com muito medo, ela acabou se obrigando a aceitar que aquele era o seu destino.

- Deus! – Melissa explodiu em lágrimas.

- Vou pular esta parte – ela concordou, fungando e se encostando, desamparada, no sofá. – Ela conseguiu entrar para a faculdade. Fazia parte do plano. Ele desempenharia o seu papel de pai, dando a eles tudo o que fosse necessário, inclusive um diploma universitário. Em troca ele teria todos os favores desejados até que chegasse o momento da liberdade. Abigail agarrou esta oportunidade,

movida pelo desejo de vingança que sustenta até hoje.

- Vingança. Ela quer se vingar de Tanya – ela afirmou, encarando o teto.

- Do pastor Klaus também.

- Como ela vai conseguir provar? Tanya tentou matá-la e mesmo assim você... – ela hesitou. Ficou assustada, como se estivesse prestes a revelar alguma coisa, se conteve. – Você não fez nada para ajudá-la. Você sabe que Tanya foi a responsável, mesmo assim não a colocou atrás das grades e acabou com este maldito jogo – ficou exaltada. Cobrava de mim uma

atitude por algo que não desconhecia.

- Mel, não...

- Como ela conseguirá se vingar de Tanya sozinha?

- Nós estamos juntos. Eu ajudo Abby na empreitada dela e ela me ajuda na minha. Nós dois queremos a mesma coisa, destruir Tanya. Na hora certa, quando eu puder agir sem prejudicar a minha família, sem pôr tudo a perder, Abigail terá sua vingança.

- Então ela está na empresa por sua causa? — Melissa estava agitada, aparentemente não mais pela dor. Ela estava estranha.

- Sim. Eu disse a Nick que queria analisar as candidatas. Dei um jeito de colocar Abby e no final deu tudo certo. Tanya nunca desconfiou. Desde então nos ajudamos.

- Como você acha que ela vai conseguir alguma coisa contra o pastor – Melissa tentava absorver o máximo de informações possível. Eu estranhava aquela reação.

- Ela me contou que na primeira vez que foi forçada a... – Melissa estremeceu visivelmente. – Bom, ela era virgem, como todas as outras que chegavam até ele – não sabia como explicar uma brutalidade

como aquela. – O crápula guarda lembranças de cada garotinha que estuprava. Abby contou que ele guardou a sua calcinha ensanguentada em uma caixa preta que fica dentro um cofre escondido atrás do guarda-roupa. Ele é um doente e como tal faz questão de mostrar a suas vítimas, como se diverte. Ela não pode agir sozinha, já que se conseguir a prova vai deixar claro que usou uma identidade roubada por todos estes anos.

- Então ela precisa de você?

- Não. Ela nunca me pediu para ajudá-la neste assunto, sou eu

que não quero ficar de braços cruzados.

- Entendo – minha amante olhou para os lados, depois colocou as mãos no rosto e soltou o ar com força. – Meu Deus!

- Eu sei. Complicado. Este é o meu mundo.

- Eu não sei se estava vivendo no mundo da fantasia, ou se eu vivia na realidade e de uma hora para a outra fui atirada no mundo da fantasia. Seu mundo – ressaltou o “seu” de uma maneira acusatória. – É podre – eu não devia me abalar com aquele tipo de acusação, entretanto, vindo de Melissa, me

feria.

- Sim. Ele é. Foi por isso que tentei impedir que você entrasse.

Ela por um segundo me encarou de maneira desafiadora, logo em seguida, seus olhos ficaram doces, repletos de amor e compreensão.

- Como você consegue conviver com Tanya sabendo de tudo isso?

- Eu só descobri quando já estávamos em guerra. Tenho que ser sincero com você Melissa. Tanya sempre foi uma menina meiga, calma, eu nunca desconfiei de nada. Nunca imaginei. Só depois que o pai

morreu, ela se mostrou como verdadeiramente é. Antes disso nosso casamento estava esfriando, mais pelo fato de ela ser possessiva demais do que por qualquer outra coisa, até eu descobrir que ela estava ajudando o pai a roubar o grupo. Foi a partir daí que tudo começou a ganhar sentido.

Ela segurou minha mão com carinho, acariciando meus dedos, como se quisesse me confortar. Tentei tirar a sensação ruim do meu peito. Vinculei a todos os acontecimentos ruins do dia. Havia sido um péssimo domingo, aliás, desde que meu pai sofreu aquele

acidente os domingos só pioravam.

- Desculpe! É difícil demais absorver uma coisa como esta – sorri. Ela estava voltando a ser a minha Mel.

- Eu sei. Não esperava nada diferente. Você é muito forte, Melissa. E eu te amo!

- Eu também te amo! Mas quero esquecer o dia de hoje – fez cara de triste.

- É um direito seu – passei o braço em sua cintura puxando-a para mim. – O que você quer que eu faça para ajudar? – beijei seu rosto, insinuando o que pretendia.

- Muito bem sugerido, Sr.

Carter, mas não – ela riu e me beijou. – Não tenho condições.

- Na verdade – puxei o ar teatralmente e passei a mão por meus cabelos. – Eu também não. Desculpe! – Melissa descansou a cabeça em meu peito. - Tenho que ir – suspirei. – Vejo você amanhã. Não se atrase – ela deveria rir, isso não aconteceu. Então levantei, puxando-a comigo até a porta.

- Você vai ficar bem?

A parte mais dolorosa do meu acordo com Tanya era a de deixar Melissa sozinha à noite. Por outro lado em casa era mais fácil controlar a minha esposa, do que ao

lado da minha amante. Pelo menos lá eu sabia exatamente o que ela estava fazendo.

- Vejo você amanhã – repeti beijando aqueles lábios doces que sempre me levavam as nuvens. – Vamos ter dias incríveis em Sydney.

- Estarei lá.

- Ah, sim, Srta. Simon – apossei-me da sua cintura, beijando sua orelha. Rapidamente a pele de Melissa ficou arrepiada. Bom! O corpo dela não obedecia a mente. O que era ótimo para mim. - Não vejo a hora de poder comê-la naquele avião, novamente.

Saí deixando-a para trás.

Melissa fechou a porta e o silêncio da noite imperou. Desci rapidamente as escadas, antes de chegar ao meu carro encontrei Zac, fumando um cigarro do lado de fora do prédio.

- Como vocês permitiram que aquele idiota subisse? – cobreí sem perder tempo.

- Sr. Carter, as regras eram claras, não deixar que ninguém soubesse da nossa existência, como poderíamos impedi-lo?

- E por que não ligaram avisando?

- Porque ele tinha acabado de subir quando o seu carro virou a esquina – perdi a paciência. Não

dava para confiar naquele tipo de segurança.

- Quando eu disse que Melissa não podia correr perigo eu fui claro. Dean ou qualquer outra pessoa deve ser mantida longe dela. Fui claro agora? – ele concordou sem ousar abrir a merda da boca. – Ótimo! Tenho que sair. Quem vai te substituir esta noite?

- O plantão é meu – ajeitou os ombros e me encarou.

- De olho nela. Tanya não vai ousar aparecer, mas ela pode estar usando qualquer pessoa.

- Entendido.

- Ninguém sequer encosta

naquela porta, fui claro?

- Sim, senhor!

- Ótimo!

Fui embora me sentindo mais seguro. Zac não tinha culpa da minha raiva, muito pelo contrário. Realmente não poderiam ter detido Dean sem revelar a presença deles, no entanto eu o queria longe de Melissa. Longe da nossa vida e principalmente longe das minhas vistas. Respirei fundo soltando de uma vez o ar, antes de dar partida.

Droga! Eu estava muito tenso. Merda de domingo! Como se não bastassem os problemas habituais, outros foram acrescentados. Pelo

menos estaríamos longe no dia seguinte. Melissa ficaria feliz em passar algum tempo com Nick e Alexa, poderíamos ser um casal normal. Bendita hora em que eu concordei que elas nos acompanhassem.

Alexa era necessária, já que Bruno estava escalado para aquela viagem, assim como Paul, mas Nicole não era uma presença fundamental, apesar de que não seria de todo mal. Um pouco de paz seria muito bem-vinda.

Dirigi até a casa em que ainda dividia com Tanya desejando que ela não estivesse aguardando por

mim. Percebi que estava enganado no mesmo instante em que abri a porta.

Os empregados não estavam mais lá, somente Tanya, vestindo uma camisola de seda, na cor pérola, que descia até seus pés marcando seu corpo perfeito. Fechei os olhos sem paciência para sua tentativa de sedução. O melhor a fazer era não consumir nada, nem água.

- Voltou bem tarde desta vez – provocou. – Como foi seu passeio dominical?

Ela estava com uma taça nas mãos e com um sorriso doce e

encantador, igual ao de antes do inferno todo começar. Coloquei as mãos nos bolsos sem a mínima vontade de conversar. Foi quando notei aquele colar, o mesmo que ela usava quando éramos namorados, uma gargantilha fina de ouro, simples, sustentando um coração ametista. Era uma joia que possuía um valor sentimental maior do que seu valor real e nos trazia ótimas recordações. Ao menos era o que acontecia.

Foi mais um mimo deixado por sua mãe, parte da sua herança. Desde que George morreu, e Tanya assumiu a sua verdadeira

personalidade, ela não a usava. O que ela pretendia? Percebendo o objeto da minha atenção, levou a mão ao colar e sorriu.

- Encontrei hoje no fundo de uma das minhas caixinhas de joias – sorriu amavelmente. Por um segundo olhei Tanya com os mesmos olhos de quando acreditava amá-la. Logo me dei conta que aquela não era a verdadeira Tanya.

- Está tarde. Vou deitar.

- Claro! Amanhã cedo você embarcará para Sydney. Nicole vai, não é? Ela me contou hoje, quando saímos para um café – sorri educadamente. – Alexa também.

- Sim. Elas vão ajudar.

- E Melissa? Claro que você não vai perder a oportunidade de levar a sua amante, não? – passei a mão pelos cabelos e fechei os olhos com força. Tanya não iria me tirar do sério.

- Aonde exatamente você quer chegar, Tanya? Estou cansado e precisando de um banho, então poderíamos ir direto para a parte onde você tenta me atingir e eu te ofendo? – ela sorriu largamente, o que me fez estremecer.

- Nada, Robert. Eu só estava tentando puxar conversa. Tirando os momentos em que você é obrigado a

estar ao meu lado, não conversamos nunca. Agora que você conseguiu o que tanto sonhava, minhas ações, o divórcio, por que não relaxa um pouco?

- Porque eu não confio em você. Não baixe a guarda Tanya, eu com certeza não farei isso – ela concordou com a cabeça e tomou um gole da sua bebida.

- Eu quero a senha – foi direto ao ponto. Sorri sem vontade, apenas para provocá-la.

- Eu não tenho a senha – dei de ombros. Ela apenas me observou. – Estou abrindo mão desta sujeira. Amo Melissa e quero ficar com ela.

Não me importa a senha nem nada que me ligue a esta história podre. Ache a senha, fique com o dinheiro e me deixe em paz – fingi falta de interesse. Na verdade eu nunca entregaria aquela fortuna, roubada de mim e da minha família, a desgraça que nos atingiu, através das mãos de uma pessoa como Tanya. – Vou casar com Melissa e ser feliz.

Ela desistiu de manter a pose e atirou a taça em mim. Desviei a tempo, ela se espatifou logo atrás, destruindo um quadro. Recuperado do susto, sorri desafiadoramente.

- Vamos ver até quando vai esta felicidade – ameaçou.

Apesar do meu rosto não demonstrar nenhum resquício de medo, meu sangue gelou nas veias. Tanya não aceitaria facilmente a minha felicidade. Eu não podia perder o foco, precisava a qualquer custo proteger Melissa.

CAPÍTULO 21

Robert saiu rapidamente me deixando ansiosa pela nossa viagem. Mesmo confusa, triste, assustada, ainda me permitia sonhar com o dia em que encontraríamos paz. Meu objetivo continuava o mesmo: ajudar Abby a encontrar as provas necessárias para incriminar Tanya, contudo Robert continuava sendo a minha prioridade. Eu só não sabia

até que ponto estes dois caminhos conseguiriam trilhar na mesma direção, ou se em algum momento teria que escolher um deles.

Eu poderia esquecer tudo que minha amiga sofreu e abraçar a causa do homem que eu amava? E será que quando chegasse o momento que Abby tanto esperava, eu esqueceria os apelos do Robert? Era complicado demais. O melhor a fazer era me concentrar somente nas promessas para o dia seguinte: eu, Robert e o avião.

Meu ventre se contorceu com a expectativa. Ok. Abby seria um assunto que eu só voltaria a pensar

após a viagem. Corri para a cama implorando para que o sono me abraçasse logo. Eu queria estar naquele avião mais do que nunca.

Não percebi quando adormeci. De repente eu estava na casa de Robert. Não a casa dele com Tanya, mas a casa que íamos quando tirávamos o dia para nós dois. Andei pelas salas e corredores, procurando por ele. Eu podia ouvir a sua voz. Ele ria e brincava. Também ouvia o riso de uma criança.

Fui em direção ao som e encontrei o homem que eu amava, correndo com um menino nos ombros. Ele fazia o barulho de um

avião e a criança ria sem parar, fazendo Robert rir também. Foi quando notei Tanya. Ela estava no canto. Olhava para os dois sem nenhuma expressão. Robert caminhou até ela tirando seu pequeno filho do ombro e a entregou a aquela mulher horrível, com olhos tão vazios quanto a morte. O menino chorou querendo voltar para o pai.

Robert saiu da sala, mas Tanya continuou parada com a criança. Eu queria seguir meu amante, porém algo me dizia que era com Tanya que eu teria que ir. Ela saiu passando por uma porta revelando a piscina. Foi quando

notei Abgail, parada próximo de onde estávamos. Seus olhos assassinos fixados na mulher que havia se tornado a sua obsessão. Eu não sabia o que fazer.

Caminhando sem parar, Tanya foi com o menino nos braços e antes que eu pudesse fazer qualquer coisa para impedir, ela o jogou dentro da piscina funda.

Gritei desesperada, contudo minha voz não saiu. Tentei correr para salvar o garoto e percebi que minhas pernas estavam pesadas. Era como se eu estivesse afundando e então me dei conta de que eu tinha sido arremessada naquela piscina e

me debatia tentando respirar. Não era o pequeno Rob que ela estava matando e sim a mim.

A água da piscina se movimentava como um maremoto, e nos momentos em que eu conseguia colocar a cabeça para fora, apenas via Tanya impassível na beira, observando-me afogar. Abby, também não se movia para me ajudar. Seu sorriso era diabólico. Eu afundei.

Acordei desesperada procurando por ar. O lençol preso ao meu corpo estava ensopado de suor. Eu ofegava. Sentia a minha garganta queimando e algumas

lágrimas que com certeza haviam descido durante o pesadelo. Olhei para o relógio e me assustei. Puta merda! Eu estava atrasada.

Meu telefone tocou dez vezes enquanto eu seguia para o aeroporto. Atendi apenas a primeira ligação, quando entrava no táxi pedindo ao motorista para me levar, o mais rápido possível. Robert estava na linha. Sua voz baixa indicava que não estava nada satisfeito com o meu atraso.

- Por que está atrasada?

- Estou bem, Robert!

Toda aquela cobrança me deixava apreensiva. Com a pressa e, ainda assustada pelo sonho, acabei me esquecendo que ele poderia ficar preocupado. Tanya era uma ameaça apenas em meus sonhos, pelo menos por hora.

- Eu sei que está bem. Se algo tivesse acontecido eu seria o primeiro a saber.

Sua voz continuava baixa, sem nenhum tipo de pânico, então todo aquele mau humor era por causa do meu atraso. Que coisa mais chata! Olhei para o retrovisor em busca dos seguranças. Eles estavam

lá, seguindo todas as curvas e mantendo-se próximos.

- Chegarei em dez minutos – menti.

- Você tem menos do que isso. Já estamos embarcando.

Merda!

Depois dessa conversa pedi ao motorista que dirigisse mais rápido e ele, entendendo o meu desespero, disparou como um louco pelas ruas de Chicago. Quando coloquei os pés no aeroporto estava exatamente meia hora atrasada. Robert me mataria. Perdi mais dez minutos com as formalidades até ser levada ao avião da empresa e subir

as escadas tentando controlar o nervosismo.

Assim que passei pelos cumprimentos formais da tripulação fui encaminhada para a primeira sala, onde ficavam as poltronas e, o mesmo local em que passei boa parte do tempo, em nossa primeira viagem. Eu estava tranquila, apesar de saber que meu amante me torturaria nos primeiros minutos devido ao atraso, mas seria uma viagem onde poderíamos ser Robert e eu, já que apenas Bruno, Alexa e Paul estariam conosco desta vez. Eles sabiam sobre nós dois e eu não precisaria ficar cheia de cuidados

com o que falava para não entregar nosso pequeno segredo.

Com a comissária de bordo na minha frente, a loira fatal que rebolava e deixava seu superdecote para que todos pudessem admirar, me guiando, não tive como ver Nicole, que se atirou em meus braços assim que a mulher passou por ela.

- Mel! Eu pensei que nunca chegaria. Robert está para morrer – ela ria entusiasmada demais.

- O que você faz aqui?

- Eu também vou com vocês – seus olhos se arregalaram e ela pulava como uma criança que

acabou de ganhar o presente tão desejado.

- Ah! Vai? – eu não conseguia raciocinar direito. Por que mesmo Nicole iria naquela viagem?

- Claro! Quando fiquei sabendo que Bruno conseguiu arranjar uma desculpa para trazer Alexa, não perdi tempo. Tive uma conversa com Robert e ele acabou liberando a minha vinda. Já pensou nisso? Eu e Paul, Bruno e Alexa, Robert e você. Sydney não perde por esperar.

- Estamos indo a trabalho, Nicole – Robert falou logo atrás dela que revirou os olhos e mostrou

a língua. – E você não conversou comigo, você tanto encheu a minha paciência que fui obrigado a aceitar para ficar livre de suas ameaças – ameaças? O que Nicole usou como arma para fazer com que o irmão concordasse com a sua presença naquela viagem?

- Eu não ameacei, eu só fui persuasiva – como o sorriso de Robert não parecia demonstrar desagrado fiquei mais aliviada. Nicole não seria capaz de ameaçá-lo com o nosso segredo. Ou seria?

Robert me questionou com o olhar sobre o que poderia ter acontecido, então o comandante

avisou que precisávamos sentar, pois iríamos decolar. Desta vez ele se acomodou em uma das oito poltronas. Assim que o avião iniciou sua trajetória, ele virou em minha direção, tirando o cinto. Percebi que todos faziam a mesma coisa.

- Agora Robert está mais tranquilo – Bruno brincou. – Finalmente Mel conseguiu chegar. Pensei que ele ficaria chupando dedo nesta viagem – Paul riu e Alexa deu um pequeno soco no braço de Bruno.

- Não comece – advertiu. – E deixe Melissa em paz – mas seus lábios insinuavam que ela queria rir

também.

Robert estava com os dedos das mãos cruzados a sua frente e apoiava o rosto neles. Seu polegar roçava os lábios enquanto me analisava sem se importar com os comentários de Bruno. Foi como se um choque atingisse meu corpo. Imediatamente me lembrei das suas últimas palavras na noite anterior: “*Não vejo a hora de poder comê-la naquele avião novamente*”. Puta que pariu! Eu estava excitada. Na frente de Bruno. Era o fim do mundo! Minhas bochechas pegaram fogo. Robert sorriu me mostrando que sabia como me sentia.

Umedeceu os lábios com a língua. Eu não sobreviveria àquela viagem.

- Paul, você trouxe os relatórios que pedi? – falou ignorando tudo ao nosso redor.

- E eu poderia esquecer? – Paul sorriu, levantando para pegar a sua pasta num compartimento acima da poltrona. Tirou de lá o seu computador também.

- Ótimo! – Robert levantou, puxou da parede o que parecia ser uma mesa embutida, que se estendeu passando por nós dois.

Seus olhos encontraram os meus e eu fervei por dentro. O que ele estava tentando me dizer?

Imagens de nós dois, transando enlouquecidamente sobre aquela mesa, invadiram minha mente como se ele estivesse tentando responder a minha pergunta silenciosa. Deus! Eu queria aquilo. Eu queria muito. Suspirei e meu rosto ficou vermelho.

- Mel, você parece não ter dormido bem. Aconteceu alguma coisa? – Alexa interrompeu meu devaneio enquanto Bruno arrastava a poltrona dele para perto da mesa onde estávamos por um trilho de ferro no chão. Voltando para pegar a de Alexa e fazer o mesmo.

- Na verdade... – pensei sobre o que poderia dizer. – Eu tive um

pesadelo, mas acho que dormi a noite toda.

- Pesadelo? – Paul ficou curioso e se aproximou levando a sua poltrona junto. Robert apenas observava.

- Sim. Mas não me lembro de nada – menti. Ele sorriu em resposta, deixando-me mais frustrada ainda.

Paul era irmão de Tanya e eu não podia contar abertamente que havia sonhado com ela matando o próprio filho. Muito menos revelar a Robert que em meu sonho Abby era uma inimiga, até porque eu não sabia até que ponto todos conheciam

aqueles segredos.

- Apreensiva com a viagem?

Bruno perguntou

despreocupadamente, eu sabia que ele queria dizer muito mais do que isso e, novamente a minha imagem, nua, transando com Robert sobre aquela mesa preencheu a minha mente. Será que foi realmente isso? Eu estava ansiosa para passar alguns momentos com Robert sem me preocupar com o resto do mundo? Seria por isso que eu sonhara com Tanya?

- Ansiosa por algo? – seu sorriso crescente no canto da boca deixava claro que ele sabia o que eu

estava pensando.

- Claro que ela deve estar apreensiva – Alexa parecia um pouco nervosa. – Não é fácil ficar praticamente um dia inteiro dentro de um avião. – Bruno sorriu carinhosamente.

- Calma, baby! Não vamos cair.

- Não me lembre desta possibilidade – ela disse ainda mais nervosa. Eu sorri achando graça.

- Você está muito tensa. Deveríamos descansar um pouco em nossa cabine – Bruno piscou, exatamente como o irmão e eu me questionei se aquela disposição toda

para o sexo era algo genético. – Sei um jeito muito interessante de fazer o tempo passar mais depressa – seu sorriso malicioso deixava claro o que ele queria dizer.

- Vocês dois não conseguem agir como pessoas normais por algumas horas? – Nicole os repreendeu, ainda distante, sentada em sua poltrona e sem a intenção de se aproximar. Percebi que ela segurava um *Ipad* e estava prestes a se trancar em seus próprios pensamentos.

- Em pouco tempo todos estarão trancados em suas cabines. E não me venha com esta conversa,

sua nanica, que sei muito bem que, se Robert não estivesse prendendo Paul aqui, você daria um jeito de ser levada para a sua cabine – ri totalmente sem graça com o rumo da conversa. Quem poderia imaginar aquilo?

- Você pode se concentrar um segundo, Bruno? – Robert exigiu a participação do irmão na reunião. Alexa e Melissa, vocês duas estão trabalhando, não tirem isso da mente.

- Isso! – Bruno falou de maneira divertida. – E não deixem seus namorados maníacos sexuais desviarem vocês deste objetivo –

Alexa riu, relaxando um pouco. Eu, sem conseguir acreditar naquela afirmação, apenas baixei a cabeça encobrendo minha vergonha.

- Bruno! – Robert esbravejou.

Eu não sabia como me sentir. Era bonitinho ser considerada a namorada dele e ser inserida como parte de um casal, era bom para mim, mas eu continuava com a sensação de que algo estava errado. O pesadelo me perseguia. Olhei para Paul e ele não ria. Claro, ele é irmão de Tanya, não tinha como aceitar facilmente a situação.

- Como eu estava dizendo... – meu amante olhou diretamente para

Bruno, deixando claro que não queria ser interrompido. — Precisamos focar nos interesses da empresa. Então, vocês duas como secretárias executivas e, Mel, agora também como consultora, devem estar atentas a tudo. Podemos começar? — todos concordaram e iniciamos a longa e cansativa reunião.

Passamos quatro horas discutindo detalhes e refazendo algumas estratégias. Eu participei muito mais desta reunião do que na da outra viagem e me senti ótima. Robert levava a minha opinião a sério o que me deixava mais

confiante. Discutíamos de igual para igual. Em alguns momentos percebia o quanto ele estava orgulhoso de mim e eu estava feliz por fazê-lo sentir-se assim.

Devido a seriedade da pauta e a postura de todos, que logo esqueceram as brincadeiras, o pesadelo, a história de Abby, o problema com Dean e o medo do que Tanya poderia fazer, ficaram esquecidos, em algum lugar no fundo da minha mente, bem escondidos. E eu consegui relaxar.

O almoço foi servido quando encerramos a reunião. Pelo que pude entender de Robert, seria uma pausa

temporária, ele ainda queria um pouco mais de cada um de nós e faria isso separadamente. Comemos e conversamos e, nem por um segundo, me lembrei que estávamos num avião a não sei quantos mil pés de altura, já a Alexa tenho certeza de que pensou e muito sobre este assunto.

Nicole se juntou a nós para almoçar e acabou liderando a conversa. Agíamos como casais de amigos, Robert não se importava de conversar comigo de maneira mais íntima, nem de segurar minha mão e, muito menos, de beijar meus dedos com carinho. Ah Robert! Como eu

ficava quente com cada toque, cada olhar. Como era possível?

Em determinado momento ele levantou recolhendo sua pasta e seus pertences. Sem dizer nada foi até o local, onde eu sabia, havia a passagem para a sua cabine. Dois minutos depois a comissária peituda e oferecida foi até lá. Saiu e em seguida voltou com um uísque, indo direto ao seu encontro. Voltou logo em seguida com um sorriso fingido no rosto. Robert saiu logo atrás.

- Mel, venha! — falou gentilmente. Todos os olhares se voltaram para mim e eu podia jurar que meu rosto estava completamente

vermelho. Bruno riu sem se preocupar com o que eu sentiria e Alexa o cutucou. – Preciso de você – completou como se não fosse nada de mais revelar na frente de todos que passaríamos alguns momentos trancados fazendo o que todos sabiam que faríamos.

- Robert...

Balancei a cabeça dizendo que não. Eu queria. Aliás, eu ansiava por ele. Queria sim todas aquelas imagens que povoaram meus pensamentos. Quando estivéssemos sozinhos, sem passar pelo constrangimento que seria sair dali com ele, dando a Bruno todas as

armas para me azucrinar a viagem toda.

- O que? – me olhou inocentemente, demonstrando surpresa e Bruno quase gargalhou.

- Do que você precisa?

“Pelo amor de Deus! Pelo amor de Deus! Não me faça passar por isso na frente de Bruno. Eu imploro!” Olhei para o homem que eu amo, apelando para seu bom senso.

- Preciso de você – ele agia naturalmente, como se não estivesse cometendo nenhum deslize. Fiz um esforço gigantesco para ignorar o formigamento que subia por minha

pele.

- Ah! Pelo amor de Deus! Vai logo, Mel! – Bruno deu uma gargalhada estrondosa que só cabia bem em um homem como ele. Olhei para Robert, furiosa pelo que ele estava fazendo.

- Venha logo, Melissa! – colocou as mãos no bolso da calça como se estivesse me dando uma ordem.

- Não! – respondi sem pensar. Desta vez até Nicole riu de minha reação. Eu queria fugir. Como poderia fazer isso estando no ar?

- O que? Como assim não? – retrucou impaciente, achando um

absurdo eu ter me negado a segui-lo. Robert não estava em seu perfeito juízo.

- Robert...

- Melissa, quero analisar seus relatórios. Você não ainda não me entregou, preciso fazer isso antes de chegarmos.

Assumiu sua postura CEO, fazendo-me sentir ridícula. Então era isso? Ele fazer sua reunião particular comigo? Desta vez meu rosto pareceu que explodiria de tão quente que estava e começava a expandir para as orelhas e pescoço.

- O que você pensou? – todos tentavam abafar o riso. Peguei

minhas coisas e levantei rapidamente. Era o melhor a fazer.

- Ok! - e saí em direção a sua cabine. Ele me pagaria caro por aquilo.

Quando entramos, pude ouvir a explosão de risos atrás de nós. Virei-me para Robert, furiosa e, quando o encarei, percebi que estava sorrindo. Seu sorriso torto deliciosamente sensual. Minha pele ficou arrepiada. Antes que pudesse protestar meu amante me agarrou e me girou deixando-me presa entre ele e a porta de entrada. Do jeito que estávamos qualquer sussurro poderia ser ouvido do outro lado e

eu tinha certeza que o impacto do meu corpo contra a porta, foi ouvido por todos sem muito esforço. Meu rosto ficou totalmente corado e minha respiração acelerou. Meus olhos ficaram arregalados.

- Robert, por favor! – implorei sussurrando. Ele se aproximou reduzindo completamente a distância entre nós. Seus lábios muito próximos aos meus.

- Com medo? – seus olhos encaravam meus lábios.

Eu não estava com medo. Eu estava desesperada. Suas mãos prendiam as minhas acima da minha cabeça e eu me sentia totalmente

indefesa naquela posição. Se bem que, Robert não precisaria de muito para me convencer a segui-lo em suas loucuras. Eu não queria que ele precisasse chegar a este ponto. Não queria ceder e depois ter que passar os dias me escondendo de Bruno e de suas piadas inconvenientes.

- Eles podem nos ouvir do outro lado. Por favor, não.

-Shiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii! – ele fez ecoando em meus lábios. – Eles vão ouvir muito, com certeza. Vão ouvir seus apelos, porque vou fazê-la gritar, Mel. Vou fazer com que diga coisas que nunca pensou em dizer em voz alta. Quando eu

terminar com você, nunca mais ninguém vai olhá-la como uma garotinha inofensiva e inocente.

Putá merda! Meu coração acelerou de uma forma absurda. Minha cabeça latejava dos lados e, minha calcinha... Caramba! Minha calcinha estava totalmente molhada.

- Não! – mas eu não tinha forças para impedi-lo. – Não faça isso comigo! – Eu queria poder esfregar minhas pernas uma na outra e acalmar o formigamento que dominava o meu centro, mas, uma de suas pernas estava entre as minhas e eu não poderia fazer nada com ele, tão perto.

- Por que não? Você se comportou muito mal nos últimos dias. Deixe-me enumerar suas infrações: um soco certeiro, uma ligação desaforada por causa do meu cartão de crédito, além da recusa ao meu cartão de crédito, a ameaça de se demitir por causa de sua promoção, a insistência em continuar tendo... – pensou um pouco e depois seus lábios se abriram num sorriso torto perfeito. – Certas pessoas inseridas no seu círculo de amizade. Nada bom, Melissa – balançou a cabeça. – O que devo fazer com você, Srta. Simon? – se houvesse outra maneira do meu

coração se manifestar com certeza ele o faria. Eu estava prestes a explodir de medo, tensão, ansiedade e, principalmente, tesão.

- Eu faço tudo o que você quiser – murmurei baixinho disfarçando o pavor em minha voz. – Faço o que você quiser – enfatizei. – Mas, por favor, por favor, por favor, não me faça gritar – eu não conseguia mais evitar o pânico. – Bruno não vai me deixar em paz e ainda tem todos eles lá fora – fechei os olhos. – Por favor, Robert! - Ele parou, me observando, como se estivesse levando em consideração o meu apelo. O sorriso diabólico

voltou aos seus lábios.

- Tudo o que eu quiser? – temi por ter feito a promessa. Fazer o que? Ou era isso, ou aguentar Bruno até não ter mais condições de ficar ao lado dele. Sinalizei que minha oferta estava de pé. – Tudo bem! – Robert soltou minhas mãos e se afastou um passo. Passando a língua nos lábios. – Tire a roupa – seus olhos me queimaram.

- O que? – meu ar quase faltou.

- Tire. A. Roupa.

- Robert.

- Faça o que estou mandando, Melissa.

Observei-o e nada nele demonstrava fúria, somente tesão. Puro. Instintivo. Primitivo. Animal. Meu sexo latejou. Sem perceber levei minhas mãos ao primeiro botão da blusa e o desabotoei. Robert acompanhou meus movimentos enquanto tirava a gravata. Eu me sentia envergonhada, mas a forma com que me olhava me impulsionava a continuar. Abri mais dois botões e o formato de meus seios já aparecia. Ele continuava me acompanhando com os olhos.

Terminei os botões, puxei a camisa para fora da saia, desabotoando nos pulsos, tirei-a e

deixei que caísse no chão. Robert umedeceu os lábios. Levei as mãos às costas, abri o fecho da minha saia cintura alta, deixei que deslizasse pelas minhas pernas revelando minhas meias 7/8 preta, colada às coxas, sem cinta. Os olhos de Robert arregalaram e ele respirou mais forte. Fiquei imóvel aguardando sua próxima ordem.

- Continue — sua voz era calma e baixa fazendo meu sangue circular com mais força.

Levei as mãos às costas e desprendi o sutiã. Ele caiu ao lado da minha camisa. Seus olhos me diziam que eu deveria continuar,

então, retirei a calcinha. Antes que a deixasse cair junto com o restante da roupa, Robert tomou-a da minha mão, guardando no bolso da calça. Minhas pernas tremeram. O que ele faria com a minha calcinha?

- Uma lembrança - esclareceu. Fiz menção de tirar as meias e os saltos e ele me impediu. - Fique assim. Deixe-me olhá-la - parei, imóvel, sentindo meu corpo esquentar sob o seu olhar. - Você é tão linda! - suas mãos correram pelos seus cabelos revelando sua ansiedade. Ele me queria, assim como eu o queria.

Robert se aproximou. Ainda

vestindo somente a camisa solta e sem a gravata, enquanto eu usava apenas meias e saltos bem altos. Outra vez deixou um espaço mínimo entre nós. Lentamente colou meu corpo à porta da cabine. Voltávamos ao mesmo ponto.

- Robert você falou...— entrei em desespero outra vez.

- Se continuar falando eles vão ouvi-la, Mel — me advertiu. Senti raiva e o empurrei no peito.

- Você prometeu! — Robert segurou meus pulsos e prendeu minhas mãos acima da minha cabeça. — Eu não quero — neguei com raiva.

Robert riu e passou uma das mãos em meus dois pulsos, livrando a outra que percorreu meu corpo com desejo, quase me traí com um gemido. Ele a levou ao meio de minhas pernas, deixando seus dedos roçarem a minha entrada. Eu quase peguei fogo por dentro.

- Não é o que parece – colou-se a mim, levantando a mão para que eu pudesse ver o que havia em seus dedos. Minha excitação brilhava neles.

- Seu Filho da – seus lábios me calaram.

Robert usava sua mão livre para acariciar meu corpo nu

enquanto sua língua me saboreava. Ele se esfregava em mim com um pouco de violência, o que disparava choques por todas as minhas terminações nervosas. Mesmo irritada eu cedia aos seus apelos e me entregava ao prazer que me proporcionava.

- Vem cá! — sussurrou sensualmente, abandonando temporariamente meus lábios e me girando até a mesa onde costumava fazer suas reuniões privadas.

Com as mãos livres, levei os braços ao seu pescoço, agarrando seus cabelos e prendendo seus lábios aos meus. Robert me levantou

pela bunda deixando-me sentada sobre a mesa. Imediatamente as imagens da fantasia, quando estávamos reunidos com os outros do grupo, vieram à minha mente.

- Quer gritar? – disse debochado. Seu sorriso não demonstrava nada além de diversão. Neguei com a cabeça retribuindo o sorriso. – Então concentre-se em não gritar.

No mesmo instante o senti me invadindo. Robert me penetrou com violência sem me dar qualquer sinal de que faria isso. Gemi alto. Ele calou meus lábios com os seus impedindo-me de gritar.

- Sem gritos, meu bem! – falou com a mesma ironia de antes. - Eu só quero ouvir uma pequena frase sair de seus lábios. Se me obedecer, não faço você gritar. – com Robert totalmente dentro de mim era difícil me negar a fazer qualquer coisa que ele me pedisse.

- O que... O que você quer que eu diga?

- Apenas: Eu amo você! – abri os olhos encarando um Robert apaixonado. Ele me contemplava com amor e paixão. – Diz que me ama. É só o que quero ouvir enquanto estiver dentro de você – se existia uma maneira de alguém se

sentir mais amada, eu desconhecia. Fui tomada por uma extrema emoção.

- Eu amo você! – sorri aceitando tudo o que ele queria. Ele sorriu em resposta.

Muito lento, iniciou seus movimentos. Eu o sentia saindo vagarosamente e depois entrando com força me impulsionando para trás. Não me contive e deixei meu corpo pender apoiando minha cabeça na pequena janela do avião.

- Ah, Robert! Eu amo você! - Robert tomou um dos meus seios em sua mão enquanto segurava minha bunda com a outra. Acariciava-me

com maestria e eu não podia evitar os gemidos que escapavam de meus lábios.

Meu amante deitou mais seu corpo sobre o meu proporcionando aos nossos corpos, maior contato. Ele passou a língua fazendo círculos no bico dos meus seios, primeiro um depois o outro fazendo minha pele formigar.

- Eu amo você! – murmurei derretida de desejo e prazer.

Ao mesmo tempo, intensificava suas investidas. Arremetendo com força todo seu comprimento e, quando eu já estava arfando, diminuía a intensidade, em

movimentos curtos e lentos. Seu rosto subiu roçando pela minha pele e seu nariz se encaixou perfeitamente em minha clavícula e lá, deixou que os lábios e a língua fizessem um excelente trabalho. Virei o rosto pro lado permitindo que as sensações que provocava em mim me tirassem da realidade.

– Eu. Amo. Você! – repeti obediente. Obedeceria mil vezes mais para que ele continuasse.

Uma de suas mãos estava pousada em minha cintura, prendendo-me a com força, a outra vagava, ora acariciando minhas coxas, levando-as para cima para

que me alcançasse mais profundamente, ora em meus seios, puxando e acariciando o bico já totalmente intumescido.

Robert alternava entre, me possuir com a máxima intensidade, e me explorar lentamente, acariciando minhas paredes internas e me preenchendo com seu membro quente e latejante. Ele gemia, baixinho, contido, respeitando meu receio por estar nos permitir viver aquele momento. Por este motivo me sentia cada vez mais à vontade para estar em seus braços, sentindo-o tão profundamente.

- Eu amo você, Robert! Amo

você!

Seus lábios capturaram os meus mais urgentes. Robert me tocava bem lá no fundo, atijando toda a minha sensibilidade. Eu sentia o formigamento começando na ponta dos meus pés e no meu rosto e, os dois, crescendo e descendo em direção ao meu centro. Eu sabia que a sensação me dominaria em pouco tempo. A ansiedade me fez movimentar junto com ele. Rebolando no exato momento em que ele se encaixava. Todas as vezes que eu mexia, o sentia tocando minhas paredes internas em todos os seus ângulos. Era devastador. Tão

gostoso que doía.

- Eu amo você! – repeti sem conter meus lábios semiabertos na expectativa do prazer que explodiria em mim. – Eu. Amo. Você!

- Assim. Como. Eu. Amo. Você.

Robert acariciou o meu pequeno botão, o acesso do mais intenso prazer, e me deixei levar pela enxurrada que me lambia me lançando mais alto do que aquele avião. Eu gozei longa e abertamente. Gemendo “eu amo você” sem sentir, ou perceber, se isso terminaria algum dia. Eu apenas o amava.

Quando consegui abrir meus

olhos, ainda sem forças pela liberação de energia que aquele orgasmo havia exigido de mim, pude ver Robert tremendo e gemendo em seus últimos instantes de prazer. Ele se agarrava a mim com o rosto deitado em meu pescoço. Com as pernas cruzadas um pouco acima da sua cintura, eu ainda podia senti-lo totalmente, estocando e forçando o meu limite.

Quando nossa emoção começou a ceder, acariciei seus cabelos, deixando meus dedos circularem livres por eles. Ele me levantou da mesa, ainda dentro de mim e me levou em direção à cama,

me deitando nela e deitando-se ao meu lado. Meu amante me virou para si ficando com o rosto a poucos centímetros do meu

- Eu te amo, Mel! – sussurrou.
– Queria que todos os meus dias fossem assim.

- Uma foda rápida dentro de um avião com seus irmãos e cunhados na sala ao lado?

Brinquei amenizando o peso de suas palavras. Robert não conseguia estar sempre feliz ou satisfeito. Ele carregava um peso muito grande e eu queria aliviá-lo. Meu amante sorriu e acariciou meu rosto com a ponta dos dedos.

- Não. Fazendo amor com a mulher da minha vida, sem me importar com quem está do lado de fora, pelo simples fato de ser livre para assumir este amor – vi que um brilho triste passou rapidamente pelos seus olhos, mas, ele logo o empurrou para o fundo, impedindo que suas emoções o dominassem. – Ainda bem que posso ser bastante persuasivo – piscou e riu. – Agora, amor – Robert levantou da cama e pegou as minhas roupas no chão. – Embora eu adore vê-la assim – seus dedos tocaram a barra da meia em minha coxa. – Preciso que esteja vestida. Logo alguém bate aqui e não

quero ninguém pondo os olhos no que é meu – revirei meus olhos, obedecendo. Eu também não queria ninguém me vendo daquela forma.

Vi que ele continuava vestido, só sem a gravata. Eu nem notara que não havia tirado as roupas e, sinceramente? Nem precisava. O simples fato de imaginá-lo vestido, transando comigo, nua, usando somente meias e saltos, sobre a mesa e, na posição em que estávamos, fez meu ventre contrair. Eu precisava me controlar. Transar uma vez, por causa das provocações de Robert era até aceitável, mas transar diversas vezes sabendo que

Bruno estava lá fora, doido para ter algo que pudesse usar contra mim, era arriscar muito.

Robert abriu a minha pasta e tirou de lá os dois relatórios. Deitou-se ao meu lado sem tirar os olhos dos papéis que estavam em suas mãos. Acomodou um travesseiro para poder elevar a cabeça e depois me puxou para seu peito.

- Gosto da forma como trabalha – seus olhos estavam presos no relatório, enquanto sua mão fazia carinhos em meus braços.

Aconcheguei-me um pouco mais a ele e comecei a ler o que

tinha escrito, apesar de saber exatamente o que continha. Robert lia em silêncio e, de vez em quando, voltava uma página ou outra, sem fazer nenhum comentário. Meia hora depois ele acabou os dois e colocando-os de lado virou para me encarar

- Você foi a minha aquisição mais valiosa – o modo como ele sorriu não permitiu que qualquer ofensa pelas suas palavras ganhasse espaço. – Como pode ser tão boa em tudo? – me deu um beijo rápido nos lábios.

- Não sou tão boa assim em alguns aspectos – fiz círculos em sua

camisa com as pontas dos dedos.

- Você até agora é a melhor em todos os aspectos, para mim – seus braços me envolveram e ele me puxou para mais perto.

- Duvido muito. Um homem como você, que já teve tantas amantes – apesar de não querer conversar sobre aquele assunto, algo me impelia a continuar.

Não costumava parar para pensar em como Robert adquiriu toda aquela experiência, contudo a verdade era que eu, às vezes, me sentia pequena perto do que ele me pedia e me ensinava. Robert levou minhas mãos aos lábios e beijou

meus dedos com fervor.

- Bobagem. Você é maravilhosa. Exatamente como eu sempre quis. Já não deixei isso claro? – fiquei sem graça. Eu parecia uma adolescente insegura.

- Foi só uma curiosidade. Nada de mais – me forcei a tirar de minha mente as perguntas que não queriam calar.

- Sobre o que você ficou curiosa? – Robert não pareceu aborrecido. Forcei meus pensamentos para outro lugar porém a pergunta escapuliu pelos meus lábios.

- Quantas mulheres você

teve? – me arrependi imediatamente por perguntar. Robert fez silêncio por tanto tempo que tive medo de olhá-lo e ver que estava incomodado com minha pergunta.

- Algumas – respondeu por fim. – Agora quem ficou curioso fui eu – fitou meus olhos. – Quantos homens você já teve? – tive medo de revelar. Não era grande coisa. Na verdade ele era o quarto homem com quem eu ia para a cama. Não era um número grande, em se tratando de Robert, eu não poderia vacilar.

- Alguns – repeti sua resposta e sorri. – Poucos – acrescentei cautelosa.

- Alguns – ele repetiu pensativo. – Tudo bem – voltou a deitar a cabeça no travesseiro.

- Posso te vender esta informação – ele riu alto.

- E o que você quer em troca?

- Nomes – falei sem pensar e meu rosto corou. Aquilo era doentio.

- Nomes?

- Sim. Quero nomes das amantes que já teve – Robert riu.

- Para que quer saber os nomes delas?

- Para não ter que sorrir e apertar suas mãos quando encontrar com qualquer uma – ele riu e desta vez foi uma risada nervosa, o que

me incomodou. Ele pensou mais algum tempo. Tempo até demais. Comecei a me mexer na cama.

- Além de Mannie, que você já conhece – me olhou apreensivo. – Sueli, Marla, Renata, Adriana, Katia, Amanda, Lili – parou para pensar. Sorriu um pouco relembrando alguma coisa, fiquei com raiva. – A maioria delas não está mais nos Estados Unidos – riu, me segurando com mais força em seus braços. – Uma está em Barcelona e duas no Brasil, então não precisa ter medo de encontrar qualquer uma delas – acrescentou me tirando do sério.

- Já chega! – tentei me levantar.

- Calma! Ainda não falei da Solange, da Ana, Fernanda, Mariza...

- Chega Robert! – Olhei-o furiosa, mas ele apenas aumentou o seu sorriso.

- Foi você quem perguntou. E nós fizemos uma troca. É a sua vez – fiquei muito tentada a inventar alguns nomes só para não ter uma lista tão pequena perto da enormidade da sua.

- Quatro. Sem nomes.

- Sem nomes? – me olhou indignado.

- Sim. Para pagar pela sua imensa lista. Que droga, Robert! Você não podia manter a cabeça no trabalho? Precisava sair transando com todas as mulheres que apareciam na sua frente? – ele riu.

- Isso foi antes de conhecê-la. Depois de você – ele me jogou de volta na cama e me prendeu com seu corpo. – Gostosa assim como você – traçou uma linha de beijos indo da minha orelha até os meus seios. Merda! Meu corpo era um traidor. – Eu não consigo pensar em mais ninguém. Só você, amor – suas mãos desceram pelas minhas coxas. Eu já sentia sua ereção crescente roçando

meu sexo. – Eu amo você. Só você!
– meu corpo inteiro aqueceu. Fomos
interrompidos por uma batida leve
na porta.

Paul.

Sempre Paul.

CAPÍTULO 22

Robert preferiu sair e conversar com Paul em outro local. Provavelmente em outra cabine, o que me fez pensar em quem estava perdendo, Alexa ou Nicole, já que duas das três eram usadas. Não consegui me manter acordada por tempo suficiente para verificar. Eu estava cansada. Robert normalmente me consumia quando transávamos

daquele jeito, começando com um momento tenso e depois relaxando gradativamente. Tenho certeza que adormeci com o sorriso mais bobo de todos nos lábios.

Acordei com meu amante me chamando. Nós iríamos aterrissar e eu precisava voltar a minha poltrona e colocar o cinto de segurança. Cambaleei tentando manter a dignidade para encarar Bruno. Foi em vão. Mal alcancei a minha poltrona, já fui bombardeada com a primeira de muitas piadas que eu teria que aguentar nos próximos dias.

- Descansada? – reprimiu um

sorriso. Fingi não perceber o seu tom sarcástico.

- Um pouco. E você? Conseguiu acalmar a Alexa?

Eu não deveria conversar sobre um assunto tão íntimo com alguém como Bruno, porém algo dentro de mim me impulsionava a seguir este caminho. Atirei no escuro, atingindo o meu alvo em cheio. O sorriso de Bruno tornou-se mais sombrio.

- Robert usou a cabine para as reuniões enquanto você dormia – bingo!

Sorri debochada, passando a língua nos lábios umedecendo-os.

Eu queria gargalhar abertamente, optei por fazer isso num momento mais adequado.

- Sinto muito – me limitei a responder.

Robert deu uma risada baixa, cheia de significados. Ele fizera aquilo de propósito. Era infantil e estúpido da parte do meu chefe, contudo eu não poderia deixar de agradecer-lhe corretamente por ter me proporcionado aquela alegria.

Alguns minutos depois, Alexa e Nicole caminharam para as suas poltronas. Elas também aproveitaram o tempo em que os rapazes estavam em reunião para

dormir, desta vez, fizeram companhia uma a outra. Fiquei pensando se estariam aborrecidas comigo, afinal de contas, eu havia atrapalhado a diversão delas. Rapidamente tirei esta ideia da minha cabeça, se elas queriam culpar alguém que fosse Robert. Ri por dentro lutando para não deixar transparecer meus sentimentos.

Chegamos à Austrália com o sol ainda presente. Era meio da tarde, mas estávamos todos cansados demais, devido ao fuso horário. Em Chicago era madrugada e com certeza estaríamos no décimo sonho. O calor não era

imperceptível, muito diferente do calor de Dubai. Era quente e fresco. Algo um tanto quanto agradável e leve. Abri um largo sorriso recebendo o sol em meu rosto assim que descí as escadas do avião.

- Você está deslumbrante, Mel. Alguma coisa especial?

Nicole perguntou um degrau abaixo de onde me encontrava. Bruno estava à sua frente e Robert às minhas costas. Bruno olhou rapidamente para trás enquanto Alexa tirava de sua bolsa os óculos escuros de ambos e entregava o dele. Olhei-o me sentindo extremamente corajosa.

- Digamos que eu tive uma viagem bastante satisfatória – sorri timidamente para Nicole, atingindo Bruno diretamente. Robert riu baixo e eu fiquei deliciada por ser capaz de diverti-lo.

Esperamos ao lado do carro, enquanto Paul e Robert se ocupavam com as nossas malas, que aparentemente não cabiam na limusine que nos aguardava, Bruno se aproximou por trás de mim me pegando de surpresa.

- Prepare-se, Melissa. Você acaba de deflagrar uma guerra.

Sua voz ameaçadora me fez estremecer. Quando virei

procurando palavras para responder, Alexa se aproximou de nós dois, curiosa. Eu tinha certeza de que meu rosto estava completamente vermelho, dava para disfarçar alegando o sol quente.

- Quente, não é? – minha amiga olhou-nos um pouco intrigada, um pouco divertida.

- Ah, sim! – Bruno respondeu virando-se para ela. – E vai pegar fogo, meu amor. Tem gente que não vai conseguir dormir esta noite com certos gritos.

- Bruno! – Alexa o recriminou.

Pelo visto Robert não era o

único na família a gostar de gritos. Quase ri. Alexa deu um tapa no braço musculoso do namorado que fingiu sentir dor, depois foi embora aborrecida com o que ele havia falado. Bruno me encarou desafiadoramente.

- Não acho que Alexa vai ficar muito satisfeita por não conseguir dormir – ele me olhou sem entender. – Ela vai ouvir muitos gritos esta noite.

Quase morri de tanta vergonha ao dizer aquelas palavras. Existia em Bruno alguma coisa que me levava a desafiá-lo. Talvez o fato de eu saber que se não reagisse,

ele passaria por cima de mim como um rodo compressor. Eu não permitiria.

- Mel? – Robert chamou e Bruno se afastou ainda me olhando nos olhos. – O que houve? Você está vermelha! - mordi meus lábios. – O que foi Mel? Bruno disse alguma coisa? – continuei em silêncio – Eu vou falar com ele. Isso precisa acabar – segurei Robert a tempo.

- Eu disse a ele que esta noite Alexa não conseguiria dormir ouvindo meus gritos e que ela não gostaria muito disso – falei de uma só vez. As palavras se atropelando. Robert ficou imóvel sem saber o que

dizer depois jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada no maior estilo Bruno, me deixando ainda mais sem graça.

- Vão dividir a piada? – Nicole me abraçou enquanto caminhávamos em direção ao carro.

- Melissa Simon – Robert tentava se recuperar do surto de risadas. – Ela faz cada promessa! – E me olhou com aquela expressão de tirar o fôlego. Puta merda! No que eu fui me meter?

- E o que ela fez? – ela ainda estava interessada. Claro! Estávamos falando de Nicole Carter, a garota mais persuasiva que eu já

havia conhecido em minha vida. Fiquei tensa, com medo que ele contasse o que realmente aconteceu.

- Nada, Nicole – respondi apressadamente. – Apenas falei que não aceitaria ficar no mesmo quarto que seu irmão – no mesmo instante Robert parou de rir.

- Isso não tem graça – foi a vez de Nicole rir. Entramos na limusine e nos acomodamos.

- E por que não, Mel? – sentamos os três no banco lateral. Bruno, Alexa e Paul estavam do lado de fora, ajustando alguns detalhes para a nossa partida.

- Porque estamos viajando a

trabalho, e, até onde eu sei, Robert é casado, e não é comigo. Todos os envolvidos nesta viagem sabem. Aliás, Tanya também é dona das empresas daqui, os funcionários de Robert são dela também e, por sinal, são meus colegas de trabalho. Não posso aguentar o peso de ser conhecida como a amante do CEO. Com certeza todo o hotel já sabe que Robert Carter se hospedará lá.

Eu sabia que minhas palavras não o intimidariam, nem impediriam que ele invadisse o meu quarto no meio da noite. Estava somente deixando claro que meu amante precisaria ter cuidado com as suas

atitudes, já que estávamos agindo como um casal desde a hora em que embarcamos.

- Robert não falou nada pra você? – Nicole me encarou curiosa. Olhei-o buscando respostas. O que eles estavam escondendo desta vez? – Parece que não – concluiu olhando para as unhas perfeitamente pintadas.

Seu tom era divertido, muito próprio da minha amiga. Robert estava com um sorriso presunçoso nos lábios e eu me perguntei o motivo tanta confiança. Em nenhum segundo contestou as minhas palavras, o que não era normal.

- Nós temos uma casa na cidade. Não que possamos fugir para cá todas as vezes que tivermos alguma folga. A Austrália não é nossa vizinha, mas como temos empresas aqui e, por ser um dos nossos principais pontos em alguns segmentos, compramos a casa que serviria, não apenas para receber o nosso conselho, também nossos principais executivos. Claro que com isso, acabamos tendo que emprestá-la para alguns CEOs de outras empresas, como cortesia por algum negócio fechado. O que importa mesmo é que ela é imensa, muito bem localizada e discreta. Ou

seja, vocês poderão dormir juntos tranquilamente e esta informação não vazará, apesar de que, os principais interessados já sabem do que está acontecendo.

Paul entrou na limusine, seguido de Alexa e Bruno. Nicole parou de falar automaticamente. Eu ainda estava tonta com tantas informações, mas não quis questionar ninguém. Nick saiu do lugar que estava ocupando, entre Robert e eu, e correu para os braços de Paul, que olhou para Robert meio confuso.

- Vai ficar sentado aí? – Robert deu de ombros.

- Melissa sentou aqui – Paul nos olhou com uma expressão indecifrável, mas depois aquiesceu e voltou a sua atenção para Nicole.

- Por que Paul se surpreendeu por você sentar aqui? – falei discretamente assim que o carro já estava em movimento e cada casal cuidava dos seus próprios interesses.

- Por que eu sempre ocupo a melhor posição – ele apontou para onde Paul estava.

- E por que não sentou lá? – não sabia o porquê daquilo me deixar tão desconfortável.

- Porque você escolheu este

lugar. Não quero ficar longe – ele me abraçou e deu um beijo casto em meus lábios. – Quero aproveitar cada segundo desta viagem para estar ao seu lado – segurou em meu queixo como se faz com uma criança. Meu coração virou gelatina. – Eu amo você! – foi quase inaudível, no entanto eu consegui captar o movimento de seus lábios.

Meu Deus! E como eu o amava!

A limusine cortou a cidade passando por diversos pontos turísticos. As praias eram lindas e convidativas. O que mais chamou a minha atenção foi a *Opera House*

em todo seu esplendor. Exatamente como nas fotos, só que ainda mais bonita e magnânima.

- Vou trazê-la aqui – Robert sussurrou em meu ouvido me deixando animada.

A parte metropolitana da cidade era rodeada por parques e em todos os lugares havia rios ou lagos. Era realmente lindo! Passamos pela Ponte da Baía de Sydney e todos, inclusive Robert, tiveram o seu momento turista.

- Logo chegaremos a *Paddington* – ele disse. – O bairro onde fica a nossa casa – esclareceu ao observar a minha cara de quem

não entendia do que falava. – Você vai gostar. É um lindo bairro e bem próximo tem o *Centennial Park*, um grande parque com animais circulando livremente e uma grande área de lazer. Dá para fazer muitas coisas – sorriu provocante. Ai, meu Deus! O que ele quis dizer com aquelas palavras cheias de promessas? Olhei para Bruno, que fingia não se importar.

Assim que chegamos observei as diversas casas no estilo vitoriano que completavam o incrível cenário. O motorista parou à porta de uma delas ligeiramente afastada das demais. Não era bem uma casa, mas

uma enorme mansão. Tentei não parecer a garota interiorana que se deslumbrava com qualquer demonstração de riqueza, porém, era quase impossível fazer meu queixo voltar ao seu lugar.

- Vou ajudar com as malas. Nicole dispensou os empregados, será apenas uma copeira que virá todas as manhãs para cuidar da organização da casa – Robert falou sem expressar nenhuma emoção pela maravilha que era a mansão diante de nós. Claro! Ele já estava acostumado, não apenas com aquele local deslumbrante, mas com tudo o que seu dinheiro podia

proporcionar.

Descemos da limusine, eu, Nick e Alexa. Minhas amigas estavam extremamente animadas. Paul, Bruno e Robert trataram de pegar nossas bagagens. Reparei naquele momento a existência de três malas cor-de-rosa e deduzi que pertenciam a Nicole. Não só pela cor, mas principalmente pela cara de Paul que tentava não recriminá-la pela quantidade desnecessária de roupas. Quase tive pena dele ao perceber que cada rapaz subia apenas com as poucas malas que ficariam em seus respectivos quartos. Sorte de Robert.

Eu havia levado apenas uma mala maior e uma pequena, de mão, com coisas de necessidade básica, como uma calcinha extra, por exemplo. Ela fora a minha salvação, ou então, estaria andando ao lado dos meus amigos o tempo todo sem vestir nada por baixo da saia, que por sinal era justa. Por que ele fazia tanta questão de ficar com as minhas calcinhas?

Bruno havia subido com todos os outros rapazes para levar as malas para o segundo andar, onde ficavam os quartos. Eu e as garotas fizemos um *tour* pela propriedade. Era a primeira vez de Alexa

também, então Nicole estava fazendo as honras da casa.

No andar de baixo havia duas imensas salas, decoradas lindamente com móveis que oscilavam entre o antigo e o moderno mantendo tudo em gloriosa harmonia. Vários quadros cobriam as paredes e, em alguns pontos, estavam também objetos de decoração, como jarros e porcelanas. Tudo com aparência de caro. Não um caro que eu pudesse comprar, mas sim um caro que levaria, com certeza, todo o meu salário, caso eu deixasse o meu lado atrapalhado aflorar naqueles dias. Mantive distância apenas por

precaução.

Bruno desceu antes de Paul e Robert e, mais uma vez, me surpreendeu.

- Casa grande, não? – ele olhava para frente despreocupado. Preparei-me para o que viria. – Espero que você não tenha problema em ficar rouca – como assim? Acredito que minha cara deixou clara a interrogação. Ele sorriu maliciosamente e se aproximou mais, se inclinando. – Terá que gritar bem alto para ser ouvida – corei. Bruno se afastou voltando a sua posição normal e acrescentando descuidadamente. – Alexa tem

cordas vocais fortes. Ela já disse a você que cantava no coral da igreja? – Alexa olhou para nós dois e sorriu. Aquele teria sido um comentário inocente, se não fosse pelo restante da nossa conversa. – Ela cantava sem microfone num local com uma acústica terrível, entretanto conseguia fazer com que o último banco escutasse o que cantava – olhou para mim e estreitou os olhos. - Sem desafinar ou parar para tomar fôlego.

Putá que pariu! Ele estava levando aquilo muito a sério.

- Até parece que você estava presente para saber como era –

Alexa se jogou nos braços de Bruno, que nada acrescentou. Eles se beijaram e eu os deixei para recuperar a minha capacidade de respirar. Nicole enlaçou minha cintura e continuou a me apresentar a casa.

Passamos por um escritório com prateleiras de madeira nobre contendo diversos livros. Fiquei bastante interessada pelo local. Conheci a cozinha, que era quase do tamanho do meu apartamento. Havia também uma sala de vídeo e uma varanda no fundo, projetada para fora da arquitetura, dando a tudo um ar mais moderno. Era imensa e,

como não podia deixar de ser, totalmente fechada por grandes janelas de vidro.

Algumas poltronas de cor creme e madeira decoravam o local. Uma poltrona, presa ao teto como um balanço de dois lugares, almofadado e um pouco inclinado despertou minha curiosidade. Dava para um casal permanecer ali por muito tempo sem ser notado pelo restante do grupo. Minha mente ferveu com as possibilidades.

Mas o que chamou realmente a minha atenção foi a mesa de sinuca, estrategicamente posicionada no centro do canto sul da varanda.

Nunca imaginei Robert jogando nada além de jogos eróticos. Na sua sala na empresa havia um jogo de xadrez, muito bonito por sinal, que parecia nunca ter sido usado e, naquela casa, uma mesa de sinuca profissional. Não que eu entendesse muito disso, com certeza era uma profissional com tudo o que a palavra poderia exigir.

Olhei a paisagem pelas janelas. Mais tarde ocorreria o pôr do sol. Daquele local a imagem provavelmente seria incrível, de tirar o fôlego. Conferi as horas tentando me situar no horário em que realmente aconteceria. Não queria

perder o espetáculo por nada.

Paul e Robert chegaram algum tempo depois e me senti aquecida, pois meu amante, sem deixar que nenhuma barreira existisse entre a gente, envolveu-me em seus braços para contemplar a linda paisagem. Éramos um casal feliz e normal. Todas as diferenças foram esquecidas e nossos problemas ficaram no aeroporto de Chicago. Meu coração não poderia pedir mais nada. Seus lábios macios e quentes encostaram-se à minha orelha que imediatamente enviou ondas de calor por todo o meu corpo reagindo à deliciosa sensação de ouvir sua

VOZ.

- Eu amo você! – murmurou em meu ouvido. – Quero que nossos dias sejam sempre assim.

Sim! Eu também queria. Queria poder esquecer tudo o que tínhamos vivido de ruim e todas as coisas que ainda o assustavam. Queria poder me livrar de Tanya, de uma vez por todas e que ele não se sentisse obrigado a cumprir sua promessa, que só o consumia cada vez mais e meu medo era que junto levasse o nosso amor.

Eu queria muito mais do que dias abraçados numa varanda ensolarada dizendo palavras de

amor. Muito mais do que fazer amor como loucos e me sentir realizada na cama. Eu queria a felicidade completa. Com um sim na igreja, um cachorro para levar para passear e um ou dois filhos correndo pela casa me enlouquecendo com a bagunça. Eu queria poder ver pequenos Roberts se atirando em nossos braços e nos pedindo para voar. Eu queria poder olhar nos seus olhos e ter a certeza de que a felicidade dele era plena e não momentânea.

- Ah, não! – ouvi o gritinho de Nicole no mesmo instante em que Robert apertou seus braços ainda mais em minha cintura. Não foi um

carinho, foi como se estivesse tentando evitar que de alguma forma que me envolvesse no protesto da sua irmã. Algo estava errado. Eu sabia.

- Nicole! – Paul tentou falar.

- Não, Paul! Não! – ela falou um pouco mais alto.

- Sem chance – Alexa protestou do outro lado da varanda. O que estava acontecendo?

- O que...

- Nada. – Robert me interrompeu friamente.

- Robert! – protestei virando-me para olhar em seus olhos. Ele me encarou e depois suspirou tirando

suas mãos de minha cintura e passando uma delas em seus cabelos. Uma atitude que demonstrava desconforto. – Vai me contar ou prefere que eu pergunte às garotas? – Mantinha a voz baixa, mas pelo canto dos meus olhos eu via Nicole gesticulando numa briga ainda silenciosa com Paul. Eles estavam aprontando alguma coisa.

- Você sabe que, apesar de não parecer, estamos aqui a trabalho – estreitei os olhos aguardando a bomba. – Ah, Melissa, você sabe como funciona! Esteve nas nossas últimas viagens – cruzei os braços já sentindo a raiva me dominar. Fiz

isso na tentativa de me impedir de atingir seu nariz com um soco novamente. Ele ainda tinha o hematoma em seus olhos. Apesar de bem mais claro continuava lá. — Mel, por favor! — levantou as mãos e deixou cair ao lado do corpo. Não era um pedido, era um aviso.

- Reunião só para homens? — deduzi.

Ele concordou analisando a minha reação. Mesmo muito atenta a nossa conversa não pude deixar de perceber o silêncio que se fez ao nosso redor. Com certeza, Nicole, Paul, Alexa e Bruno aguardavam minha reação exagerada. Eu não

daria a eles esse gostinho. Robert teria o seu troco, na hora certa e da forma certa.

- Tudo bem! – forcei minha voz a sair no tom correto.

- Tudo bem? – Robert perguntou incrédulo.

- Sim! Tudo bem. É o seu trabalho e o meu também – dei de ombros.

- Ótimo! – analisou-me ainda descrente.

- Nicole? – virei em direção a minha amiga, que me encarava com os olhos arregalados. – O que mesmo você tinha programado para hoje à noite? – ela ficou alguns

segundos me olhando sem acreditar no que eu estava dizendo, mas não demorou muito para entender a minha estratégia.

- Sair para dançar – minha amiga olhou para Paul que a olhava confuso. – Tem uma boate muito boa aqui – olhou já totalmente no clima para Alexa e acrescentou. – Podemos jantar e depois dançar a noite toda.

- A noite toda? – Bruno questionou insatisfeito.

- Sim! – Alexa respondeu com a voz completamente calma. – Vocês estarão ocupados numa reunião só para homens. Nós teremos a noite

das meninas.

- Isso é um absurdo! – Paul começou a protestar.

- Por que vocês não ficam em casa e assistem a um filme? – Bruno sugeriu. Eu quase gargalhei. Eram mandões, metidos e arrogantes, no entanto bastava uma pequena ameaça das suas mulheres e ficam mansinhos.

- Eu já sei até que vestido usar – Nicole deu pulinhos na direção de Alexa. – Meu prateado que brilha. Vai ficar um luxo só.

- Vai mesmo. E eu vou usar minha saia preta que tem aquele detalhe do lado e uma camisa frente

única rosa.

- Mel, você trouxe seu vestido vermelho? Aquele bem justo ao corpo e que deixa as costas nuas?

Eu realmente havia levado aquele vestido e nem sabia por qual o motivo. Acho que meu anjo da guarda estava de bem comigo. Ele era perfeito para a ocasião. Robert colocou as mãos no bolso e eu podia jurar que sua mandíbula estava rígida. Tolo, bobo e inseguro. Se prestasse um pouco mais de atenção em mim, saberia que nada neste mundo poderia ameaçar o meu amor por ele.

- Claro! — respondi com

entusiasmo.

- Então devemos começar a nossa produção. O tempo é curto demais e a noite é apenas uma criança – Nicole me puxou pela mão para longe de Robert. Nenhum deles conseguiu protestar. Eles nem se moveram. Ficaram paralisados, completamente perdidos com nossa reação.

Assim que subimos as escadas Nicole começou a falar.

- Minha vingança será maligna. Paul não perde por esperar.

- Reunião só para os homens. Onde já se viu uma coisa dessas? Machistas – Alexa completou com

raiva.

- Aposto que deve ter dançarinas nestas festas – Nicole bateu os pés nos degraus com mais força.

- Ou aquelas mulheres que se dizem modelos e que na verdade são contratadas para incrementar a festinha deles - Alexa completou. – Mel, você estava na última viagem. O que Robert disse a respeito dessas reuniões? – as duas pararam seus passos e me olharam implorando por detalhes.

- Nada. Eu não me lembro de ter perguntado.

- Como não? – ambas

disseram ao mesmo tempo. Nicole virou contrariada e foi para o seu quarto, sendo seguida por mim e por Alexa.

- Ele não disse nada, apenas que era uma reunião de homens. Achei que era porque estávamos num território onde as mulheres não possuem grande expressão, só agora eu vejo que existe algo por trás disso.

- Não vamos deixar barato – Nicole sentou em sua cama e levou com ela uma enorme maleta rosa. Dentro havia tudo que qualquer mulher poderia sonhar de maquiagem. – Mel, se você vai

tomar banho corra e o faça agora. O mesmo vale para você Alexa. Eles vão tentar nos convencer a fazer a vontade deles, então vamos aproveitar enquanto estão lá embaixo em choque.

Eu e Alexa corremos para os nossos quartos. Eu não fazia ideia de onde ficava o meu, mas Nicole indicou as direções e as portas, com isso consegui chegar a tempo. Tomei o banho mais rápido da minha vida. Nick estava certa. Robert não poderia me alcançar ou então tudo estaria perdido. No *closet*, minha mala já estava sobre o imenso pufe que ficava ao centro. Abri e retirei

dela uma calcinha quase invisível. Ela marcaria o vestido, com certeza. Peguei as meias 7/8 e o sapato de salto alto.

Quando coloquei o vestido que, parecia mais justo e curto do que eu conseguia me lembrar, verifiquei que não seria possível usar aquela ou qualquer outra calcinha. Olhei-me no espelho e estava tudo perfeito, apenas aquela marca me incomodava. Pensei em como Robert reagiria se descobrisse que eu estava sem ela. Meu lado rebelde deu saltos de alegria com a possibilidade de irritá-lo um pouco mais. Claro que ele nem precisava

saber deste detalhe.

Como uma criança travessa, coloquei as mãos por dentro do vestido e tirei-a. Guardei-a na minha pequena bolsa, só por precaução, e voltei a olhar no espelho.

- Agora sim está perfeito.

- Perfeito para quem? –

Robert estava encostado na entrada d o *closet*. Seus olhos intensos me devoravam. Puta merda! “Será que ele viu quando eu tirei a calcinha?” Forcei minhas emoções para o fundo dos meus pensamentos.

- Para mim – tentei sorrir.

- Eu não conto? – foi cauteloso.

Merda! Merda! Merda!

Robert não me deixaria sair. Eu conhecia aquele olhar, aquela fala mansa, aqueles braços cruzados aguardando a hora certa para atacar. Merda! Meu corpo já dava sinais de obediência àquele olhar. Algo dentro de mim começava a se contorcer. Eu precisava ser forte.

- Conta, claro! – voltei a olhar para o espelho, porém meus olhos estavam atentos a todos os seus movimentos. – Não gostou? – provoquei. O que eu estava pensando? Se desse chance Robert não me deixaria passar por aquela porta.

- Não! – eu queria sorrir, porém se o fizesse ele se sentiria à vontade para atacar. – Justo demais e curto demais. Todas as suas curvas estão em destaque – deu dois passos em minha direção - Suas costas estão deliciosamente expostas – seus dedos tocaram com leveza a pele das minhas costas. Puta que pariu! Eu não queria mais fugir.

- Robert...

- Deixe de bobagem, Mel. Se você quer sair para dançar fique me esperando. Assim que acabar a reunião eu volto para buscá-la e a levarei para onde quiser. Por favor, não vá sem mim – seus olhos

intensos buscavam os meus através do espelho numa súplica clara. Seu corpo estava a alguns centímetros do meu. Seus lábios passearam por meu pescoço e ombro, minha excitação estava ao ponto de escorrer pelas minhas pernas completamente bambas. – Podemos passar bons momentos agora – respirou em meu pescoço deixando-me arrepiada – Juntos – sua mão agarrou minha cintura puxando-me de encontro a seu membro já a postos para me possuir. – Só eu e você. – Robert roçou seus dentes na minha pele. Eu não queria dizer não. Não conseguiria negar.

- Mel! – Nicole berrou me tirando daquele momento hipnotizante. Sobressaltada me afastei de Robert e virei para a porta ficando de frente para ele. – Mel? Estou esperando para maquiá-la - Nicole entraria a qualquer instante.

- Fique – ele sussurrou. Droga! Eu devia ter tomado banho no banheiro da minha amiga. Como dizer não para aqueles olhos?

- Esgotou o seu tempo – minha amiga entrou como um furacão – Vamos ou não vou aguentar de tanta ansiedade.

Robert se afastou ainda me olhando nos olhos. Ele esperava que

eu recuasse e dissesse a Nicole que não iria mais. Eu nem tive tempo para fazer isso. Nick pegou minha mão e saiu me levando junto. Ainda mandou um beijo atrevido para o irmão. Meu amante me faria pagar caro por isso.

- Graças a Deus eu cheguei bem a tempo – murmurou enquanto andávamos apressadamente pelo corredor – Robert não tem jeito mesmo. E você? Olhe só para a sua cara. Mel, você é uma tonta mesmo. Robert estava seduzindo você para convencê-la a não sair. Tenho certeza de que acabaria cedendo – eu não contestaria. Ela estava com a

razão. Minha vontade de sair evaporou e só me mantive firme porque não poderia vacilar com minhas amigas. – E tire este rubor do rosto e esse risinho apaixonado – sorri ainda mais. – Tudo bem. Os Carter têm este efeito nas pessoas – ela riu comigo e me deixou menos constrangida.

Quando chegamos à sala, Paul, Bruno e Robert estavam de saída. Eu gostaria muito de saber como conseguiram se arrumar tão rapidamente. Eu, Alexa e Nicole ficamos algum tempo nos arrumando e quando saímos eles já estavam perfeitos, lindos e maravilhosos.

- Vocês vão ficar com a limusine? – Robert usou o máximo de seu cavalheirismo e educação.

- Não será necessário – Nicole respondeu decidida mandando um olhar desafiador para o irmão.

- Nicole – Paul tentou contestar, mas ela o interrompeu.

- Eu sei o que vocês estão fazendo, Paul. E não vou permitir – ela o encarou. – Não se preocupem, tomei a liberdade de solicitar outra limusine para as garotas.

- Você fez o que? – Robert abandonou toda a sua gentileza.

- Exatamente o que ouviu,

Robert. Se a empresa pode bancar um jantar exclusivamente para homens e tudo o que isso pode significar, eu posso, como uma de suas acionistas, solicitar um meio de transporte decente, para nos dar as boas-vindas a Sydney.

Eles se encararam por frações insignificantes de segundos e depois Robert a ignorou por completo. Eu não sabia até que ponto a nossa insistência em ter uma noite só das meninas manteria meu amante a uma distância razoável do seu limite.

- Sendo assim... – seus olhos pousaram em mim rapidamente. – Podemos ir – gelei. Robert era o

tipo de cara que não precisava de palavras e eu já estava avisada.

Nicole aguardou o tempo necessário para que saíssem. Tudo para garantir que não descobririam aonde iríamos. Ela estava obstinada em deixar Paul louco de ciúmes e pelo visto conseguiria.

Jantamos em um restaurante especializado na culinária local. A comida era boa, apesar do tempero carregado e a carne ter um sabor diferente, um pouco mais forte. No geral, o jantar foi ótimo, o vinho de primeira e Nicole não economizou em nada. Claro que tudo por conta da empresa. Robert iria matá-la. Eu

estava certa disso.

Depois de algumas horas, conversando e rindo no restaurante, confesso que eu já estava “altinha” pelo vinho ingerido sem moderação. Alexa bateu o pé dizendo que estava na hora de partirmos para a boate.

Não foi nenhuma surpresa para mim que Nicole tivesse escolhido a melhor de todas as boates existentes em Sydney e, muito menos que nossos nomes estivessem na lista. Na verdade o nome dos rapazes também. Suspirei esperançosa. Eu já sentia a falta de Robert ao meu lado.

A boate apesar de não estar

lotada, havia gente o suficiente para tornar a noite interessante. Por ser de alto luxo e voltada para a mais alta classe jovem da cidade, não importava se estávamos num dia normal de trabalho. Parecia que, poucos dos que estavam ali precisavam acordar cedo no dia seguinte e enfrentar um metrô ou ônibus para trabalhar. Pelas roupas, pela forma como se comportavam e gastavam, estava claro que todos tinham condições para estar naquele lugar. Eu esperava não ter que gastar o meu salário numa única noite. Mesmo com o aumento que eu recebera com o novo cargo e o

acumulo do antigo, estava com medo de não conseguir pagar a conta.

Posso afirmar que o mais puro e requintado luxo estava presente ali. Ainda bem que estávamos vestidas adequadamente ou eu começaria a chorar. Nicole e Alexa em seu ambiente natural, e eu mais parecia um peixe fora d'água. A roupa, os detalhes, a maquiagem e os cabelos bem tratados não eram o bastante para que me sentisse à vontade no meio de pessoas privilegiadas cheirando a ouro. Robert fazia muita falta naquele momento.

Olhei ao redor enquanto

assistia minhas amigas se balançarem lentamente pela pista. Com suas taças de champanhe nas mãos elas moviam o corpo e riam. Alguns rapazes nos olhavam. Elas permaneciam fechadas em sua bolha, sem se importar que as olhassem. Eu me importava, não porque queria ser notada, isso estava fora de cogitação, principalmente, porque era muito estranho ser admirada tão ostensivamente.

Nunca fui a rainha do baile, nem a mais popular e disputada entre os garotos da escola e da faculdade. Por isso demorei tanto para perder a virgindade. Robert e

Dean pareciam não concordar com meu pensamento e pelo visto, nem Adam.

Tomei duas ou três taças de champanhe, porém meu cérebro reagiu como se eu tivesse tomado a garrafa inteira e em um único gole. Não sei como minhas pernas se mantinham firmes enquanto tentava acompanhar os passos de Nicole e Alexa, que dançavam para valer. Tudo em minha mente havia virado fumaça e eu apenas me deixava guiar pela batida forte da música que o DJ tocava. E ria, ria muito, de tudo.

A certa altura eu senti o que qualquer pessoa que bebe muito e se

agita noite adentro, sente. Além da tontura, é claro, me refiro à vontade de usar o banheiro. Sinalizei com as mãos avisando às meninas que eu teria que sair. Elas concordaram e continuaram dançando enquanto eu me afastava.

O caminho para o banheiro feminino estava um pouco mais cheio do que o normal. Mesmo com toda a sofisticação e o espaço extra, que ficava mais abarrotado do que as cabines, por causa dos espelhos gigantes, não demorei mais de quinze minutos para sair. Quando estava voltando para encontrar minhas amigas senti as mãos dele.

Não precisava ver para saber que aquelas mãos, assim como o calor que me causavam, pertenciam a Robert. Robert! Robert estava ali. Ou, eu estava bêbada o suficiente para imaginar que aquilo estava acontecendo?

- Saudades de mim? – sua voz em minha orelha expulsou qualquer dúvida. E a confirmação aconteceu quando ele mordeu o lóbulo, causando arrepios em minha pele.

- Robert! – arfei completamente em êxtase.

A quantidade de álcool em meu sangue me impedia de temer qualquer vingança ou castigo que ele

pudesse me aplicar. Como eu mal conseguia coordenar meus pensamentos, com certeza se ele me fizesse gritar eu até agradeceria.

- Dançando na pista. Bebendo sem controle – deu um riso rouco fazendo a minha mente flutuar. Robert me mantinha presa ao seu corpo e me conduzia para algum lugar. Eu nem queria saber aonde iríamos. Ele abriu uma porta e eu deixei que me conduzisse para dentro. Estava escuro e o som ficou abafado quando entramos. – Eu nem sei por onde devo começar com você, Melissa – me encostou na parede me forçando a ficar de frente

para ele.

- Aceita sugestões? – brinquei aticando-o.

Meu amante puxou minha coxa prendendo a minha perna em sua cintura. Sua mão ousada explorou cada detalhe das minhas costas nuas. Seu corpo colado ao meu. Seus lábios muito próximos.

- Não seja abusada, Srta. Simon! – me advertiu.

- Pode me fazer gritar se quiser – o desafiei.

O som, mesmo abafado, ainda estava alto, sou capaz de jurar que ouvi um gemido escapar do fundo de sua garganta, e minha fome dele

quadruplicou. Robert me dominou com seu beijo exigente. Sua língua me invadiu com um desejo avassalador. Dividindo-se entre me sugar com seus lábios, experimentar com a língua ou me levar à loucura quando seus dentes se fechavam em meus lábios puxando-os para si. Robert era simplesmente... Robert.

Senti que minha mente girar mais rápido quando ele abaixou um pouco e roçou seu sexo ao meu. Eu podia sentir a rigidez em toda sua extensão. Seu tesão se projetando por entre suas calças. Entrelacei meus dedos em seus cabelos me certificando de que ele não

escaparia. Suas mãos habilidosas e quentes alisaram minhas coxas.

Subiu uma das mãos agarrando meu seio assim que o encontrou. Ele me apertava, sem causar dor. Era o ritmo certo para aquele momento. Ao mesmo tempo sua outra mão acariciava minha coxa, presa a sua cintura, na parte interna, esticando seus dedos longos até que tocassem minha bunda e se prolongando ali.

Tudo ao mesmo tempo. Seus lábios, língua e dentes, acompanhados de seus toques e, para completar, o roçar selvagem de seu sexo ao meu. Apenas para

apimentar, eu estava sem calcinha. O toque final ficava por conta da bebida. Eu estava realmente bêbada, ou seja, no meu limite. Quando Robert aprofundou um pouco mais o seu toque, projetando seus dedos para onde deveria estar a minha calcinha, eu ofeguei e ele ficou tenso.

- Melissa Simon, você está sem calcinha? - puta que pariu! A raiva em sua voz era mais do que perceptível, quase palpável. Nossa senhora das garotas bêbadas e “descalcinhadas” que segure em minha mão. Robert não deixaria passar minha ousadia. Ele me faria

pagar caro por ela.

CAPÍTULO 23

Passamos pela multidão, parecendo um jato desgovernado. Robert apertava meus dedos em sua mão enquanto seguia em frente sem olhar para mim ou para as pessoas que empurrava forçando a passagem. Eu estava fodida, não literalmente, claro! Depois que ele descobriu que minha calcinha não estava em seu devido lugar não conseguiu fazer

mais nada. A frustração era quase maior do que o medo.

Acho que o álcool não estava me deixando raciocinar direito, porque eu estava até achando graça. Nem me importaria se Robert me deixasse fodida, no sentido amplo e irrestrito da palavra, mesmo que isso significasse gritar muito.

Ele foi em direção ao nosso grupo. Paul e Nicole estavam próximos um do outro, mas não se tocavam. Meu pai! Todo mundo resolveu desperdiçar a noite brigando? Alexa e Bruno nem se olhavam. Aquilo estava ficando sério. Será que as meninas também

optaram por sair sem calcinha? Tive que rir com o pensamento e Robert me lançou um olhar furioso. O que deixava claro que eu não sairia numa boa daquela confusão. Não consegui distinguir o que era mais forte, a excitação ou o pavor da expectativa. Decidi pela excitação. O que o álcool não faz com uma mulher que tem um namorado tão gostoso quanto o meu.

- Estou indo embora – Robert anunciou.

Paul concordou com a cabeça e Bruno olhou para Alexa numa ordem silenciosa. Ela atendeu imediatamente, passando por ele de

cabeça baixa. Nicole que não era tão covarde, também não desafiou Paul. Eram umas tolas. Quer saber? Robert podia até me bater, mas eu não deixaria que ele me dominasse.

De onde vinha tanta coragem? Já sei. Da garrafa de champanhe que eu havia bebido quase toda. Ri e meus dedos quase foram esmagados pela mão do meu amante. Não protestei. Ele não me venceria tão fácil assim.

Entramos todos na limusine dos rapazes. Perguntei-me o que seria da outra, mas este pensamento logo fugiu da minha mente, pois Robert sentou ao meu lado,

completamente tenso, tirou o paletó e cobriu minhas pernas. Gargalhei e acabei ganhando a atenção de todos.

- Extremamente alegre, Srta. Simon? – observou sem se importar com os demais. – Vamos ver até onde vai esta felicidade – meu sorriso não se desfez quando o encarei e notei seus olhos fumegantes.

Robert estava com raiva e eu de uma maneira estranha, não conseguia parar de desafiá-lo. Numa atitude tão inesperada quanto impensada, mostrei a língua para ele, desta vez, todos riram. Baixinho. Mas riram. Meu amante

estreitou os olhos e abriu a boca para falar algo, porém balançou a cabeça em desaprovação e voltou a sua atenção para a janela. Ele planejava a sua vingança. Cruzei os dedos para que nela estivesse inserida uma esplêndida punição sexual.

- Você é um idiota, Robert! – completei a minha pirraça. Ele mordeu os lábios, sem me olhar ou responder. – Vai me ignorar? O que? Estamos de mal? Ok. Corte aqui – indiquei meus dedos unidos para sinalizar a brincadeira de criança. Robert olhou-me parecendo ainda mais furioso. Desta vez fiquei

intimidada. Todos se divertiam com a nossa situação, mas ninguém tinha coragem de demonstrar. Não de maneira explícita.

Os olhos do meu amante se demoraram me encarando. Eu não conseguia desvendar os seus pensamentos, então de uma hora para a outra, toda a sua intensidade mudou. Meu corpo quase pegou fogo. Ele sorriu torto. Passou a língua no lábio inferior e deu uma risadinha abafada que deixava algo implícito. Voltamos a ficar em silêncio.

Chegamos a casa e todos seguiram para os seus respectivos

quartos. Cada um teria a sua briga particularmente. Eu não queria brigar. Queria Robert. E queria mais do que qualquer outra coisa. Subimos as escadas numa procissão silenciosa e cada um tomou o seu rumo. Robert andava a minha frente segurando a minha mão e olhando para trás de vez em quando, para se certificar de que eu não cairia, já que estava completamente bêbada. Fiquei furiosa com esta atenção. Eu podia muito bem andar sozinha. Ele parou à porta, dando-me passagem. Quando passei murmurou em meu ouvido.

- Quer brincar, Melissa?

Minha pele pegou fogo. Puta que pariu! O que ele faria comigo? Olhei em seus olhos tentando descobrir qual seria a brincadeira. Robert apenas me guiou para dentro do quarto com a mão em minhas costas, fechando a porta atrás de si.

Fiquei parada, aguardando. Ele caminhou até uma pequena mesa alta com um grande vaso de flores que ficava encostada a parede. Tirou o relógio, a carteira e o celular colocando sobre ela e depois se encostou me encarando. Seus olhos me sondavam. Será que pretendia me matar de ansiedade?

Fui até ele tentando acabar

com aquela briga. Meu amante não se moveu. Toquei em seu peito largo e o acariciei, sentindo seus músculos por cima da camisa. Ele continuou imóvel, atento a meus movimentos.

Aproximei-me procurando seus lábios. Ele não me impediu, também não contribuiu muito. “É essa a nossa brincadeira?” Resolvi ser mais atrevida. Ainda com meus lábios grudados aos dele, descí minha mão até a beira da sua calça e forcei a entrada na captura do meu alvo. Foi quando ele reagiu, segurando minha mão.

- Robert! – protestei. Ele me afastou decidido.

- Você está bêbada –
continuava olhando nos meus olhos
fixamente. Era isso. Ele me deixaria
sem sexo. A minha decepção foi
imensa. Lutei contra a raiva.

- Não estou bêbada, apenas...
Alegre – ele sorriu torto. Não era o
seu sorriso habitual, era um sorriso
duro. Vingativo. – Não estou bêbada
o suficiente para não saber o que
fazer na cama. E você não se
importou com isso quando me levou
para aquela sala escura lá na boate.

- Você está bêbada o bastante
para tirar a calcinha e se exhibir –
praticamente cuspiu as palavras. Sua
raiva havia voltado com tudo.

Merda! Nós iríamos brigar.

- Eu não estava me exibindo, estava dançando.

- Claro! Sem calcinha e dançando sensualmente. Talvez você esteja suficientemente bêbada para não ter notado os caras que estavam por perto, talvez não tenha percebido também que estavam prontos para tocá-la quando resolveu ir ao banheiro, Melissa. Agora me responda: para que merda você tirou a calcinha? – quase gritou, no entanto conseguiu conter as palavras deixando que saíssem trituradas pelos seus dentes trincados.

- Eu não tirei a calcinha – rebati. – E não vi que tinha alguém perto de mim. Quer dizer, a boate estava cheia, daí até alguém tentar me tocar.

- Sua calcinha evaporou?

- Não. Eu... – me arrependi no mesmo momento.

- Você – Robert arqueou uma sobrancelha e cruzou os braços no peito, ameaçador.

- Eu não coloquei a calcinha quando saí de casa – pensei que ele teria um ataque cardíaco. Seu rosto ficou vermelho e suas mãos se fecharam em punho. – Robert, eu não sabia que você... Droga, Robert!

Todas as mulheres dispensam a calcinha quando usam um vestido como aquele. Ele é justo demais e ela marca. Fica feio e – minha voz falhou. Ele me olhava com tanto ódio que logo percebi que era melhor sentir mais medo do que tesão.

- Você não usou calcinha? – gritou explodindo. Encolhi-me amedrontada.

- Robert, por favor, não vamos brigar. Eu não vou mais fazer isso. Prometo.

- Não vamos brigar? Agora você me pede para não brigarmos? Depois de ter decidido sair sem

calcinha com este vestido mais do que indecente? Você não tem noção, Melissa

- Faça amor comigo – implorei. Era a única opção para contornar a situação. Ele parou surpreso com o meu pedido. Eu podia sentir sua hesitação – Por favor! – acrescentei suplicante. – Não quero estragar nossa noite. Não quero desperdiçar nosso tempo – seu olhar suavizou, ainda não totalmente convencido. – Quero fazer amor com você, Robert. Aqui e agora – ele continuou calado, apenas me olhando. Decidindo o que deveria fazer. Minha cabeça girava,

eu já começava a sentir enjoo por causa da bebida e de toda emoção e energia dispendida. – Robert – dei um passo em sua direção. Ele não recuou – Eu não pretendia fazer nenhuma besteira. Até levei a calcinha na bolsa para o caso de precisar e – calei a boca ao ver seus lábios se contraírem. Ele estava furioso novamente.

Merda, merda, merda! Por que fui mencionar a calcinha de novo? Robert soltou um risinho, rouco e abafado. Era o seu jeito de expressar descontentamento. Lentamente andou até a cama.

- Você quer transar? –

perguntou quase como uma acusação.

Eu não tinha dito transar, e sim, fazer amor, no entanto, se ele queria levar por este lado, por mim tudo bem. Não deixaria que me intimidasse. Não quando já estava quase conseguindo convencê-lo a fazer o que eu queria.

- Quero! – o encarei arrogante.

- Ótimo! – num movimento brusco, puxou a camisa pela cabeça deixando seu peito nu. – Tire a roupa – não me olhou quando deu a ordem. Eu não me intimidaria.

- Ok! – abaixei para tirar cada

sapato, deixando-os de lado. Depois tirei as meias e as joguei na cama, ao lado dele.

Meu amante que estava sentado tirando os sapatos, olhou para as minhas meias quando as joguei. Sua mão segurou uma delas. Hum! Robert estava se desarmando.

Sem esperar por mais nada, puxei o vestido tirando-o, ficando nua a sua frente. Robert ainda estava de calça. Seu corpo perfeito parcialmente à mostra. Seus olhos varreram meu corpo com desejo. Ele passou dois dedos pelos lábios, como se estudasse o que fazer comigo. Sua mão coçou o queixo e

então sorriu. Deslumbrante. Segurou minha meia e então com as duas mãos a esticou, me olhando sugestivamente. Ai Deus! No que ele estava pensando?

- Gosta de se exhibir, não é?

Caminhou lentamente em minha direção. Eu estava assustada, mas não daria a ele a chance de me desarmar. Não demonstraria medo. Parou a poucos centímetros de mim. Eu ouvia e sentia a sua respiração. Podia sentir o seu calor e era capaz de jurar que ele estava tão duro quanto eu precisava que estivesse. Não desviei meus olhos dos seus indicando que não voltaria atrás.

- Vire de costas – ordenou rispidamente.

Eu quase... Quase desisti. Infelizmente minha arrogância era tão grande quanto a dele. Virei de costas como ele falou, aproveitando para atizar ainda mais a sua imaginação e empinei a bunda em sua direção. Robert soltou um riso abafado e completamente cínico.

Segurando minhas mãos para trás, utilizou minha meia para atá-las a minhas costas. Não foi apenas um nó no pulso, e sim um laço que iniciava no pulso e subia pelos meus braços juntando-os até a altura do cotovelo. Estava firme e apertado,

sem machucar.

Com uma das mãos, fez eu me inclinar para a frente e com a outra me puxou pelos braços em sua direção, fazendo minha bunda nua roçar em sua ereção contida pela calça.

- Confortável? – sua voz estava perigosamente aveludada.

- Hum, hum! – no mesmo instante em que respondi, sua mão desceu com força em minha bunda numa palmada forte e punitiva. Eu gritei.

- Gosta de se exhibir, Melissa?

Mais uma vez ele puxou meus quadris para a sua ereção, só que,

com a mão livre, vagou pelo meu corpo rumo aos meus seios. Esqueci completamente da palmada recebida. Seus dedos brincavam com meus seios, puxando cada bico até que ambos ficaram completamente duros.

- Não gosto que outros homens desejem o que é meu – apertou com força um seio me fazendo gemer num misto de dor e prazer. - Você é minha, Melissa! – novamente acertou um tapa forte e rápido em minha bunda e eu gritei. – Minha! – falou com raiva.

Subiu a outra mão segurando em cada um dos meus seios com

força fazendo-me inclinar os quadris contra a sua ereção

- Diga! – eu não precisava olhá-lo para saber que o CEO controlador e dominante estava presente e não o meu namorado doce e apaixonado. Era assustador e, ao mesmo tempo, extremamente excitante.

- Eu sou sua, Robert – obedeci prontamente, mesmo assim recebi outro tapa.

Estranhamente fiquei ainda mais excitada. Eu amava o meu Robert carinhoso e romântico, mas também era absurdamente louca pelo meu Robert arrogante e mandão.

- Mais alto – ordenou com a boca quase em minha orelha.

Céus!

Por que ele não tirava a calça e me possuía logo?

- Eu sou sua. Sou sua – falei ainda mais alto quase suplicando pela penetração.

- Isso. É assim que eu quero.

Num movimento brusco Robert me virou de frente para si e me imprensou na porta do quarto. Seu corpo colado ao meu. Seus lábios estavam nos meus e sua língua abria passagem em minha boca sem pedir permissão.

Com as mãos amarradas eu

estava completamente vulnerável e ele não hesitava em abusar desta vantagem. Seu corpo me apertava contra a porta e suas mãos exploravam meu corpo, sem pudor. Eu já estava dolorosamente excitada quando ele se afastou. Tentei acompanhá-lo e notei que o mesmo laço que amarrava meus braços, os prendia na maçaneta da porta. Eu estava presa.

Olhei para Robert que me observava com os olhos quentes percorrendo meu corpo sem disfarçar o seu desejo. Naquele momento entendi que eu estava bêbada o suficiente para não me

sentir constrangida pela minha posição.

- Eu quero você – falei sem temer a sua reação.

Eu realmente o queria. Não era uma necessidade normal, era quase animal, que invadia meu corpo me tornando cada vez mais selvagem.

- Vamos ver o quanto – mais uma vez avançou para mim e exigiu minha boca alternando entre lábios, língua e mordidas. Eu gemia – Mais alto – ordenou e eu elevei o tom dos meus gemidos. – Assim!

Robert puxou-me para frente, como eu estava presa pelos braços à

maçaneta, acabei inclinada. Minhas costas e meus braços colados à porta. Meus quadris e pernas projetados para frente na direção dele. Minha mente só conseguia pensar em uma única coisa: se ele me penetrasse naquela posição alcançaria o mais profundo do meu ser.

Meu Deus! Eu queria tanto que ele fizesse.

Robert, sem tirar os olhos dos meus, se inclinou, sustentando meu peso com apenas uma mão, para que eu não ficasse desconfortável, e com a outra, acariciou o meu rosto. A ponta dos seus dedos fazia círculos

em minha pele então ele introduziu um em minha boca. Foi delicado e bruto ao mesmo tempo e eu fiz o que achei que ele gostaria. Confesso que foi o que eu queria fazer também. Chupei seu dedo como se fosse o seu próprio membro. Fui tão ávida que meu amante, mesmo brevemente, fechou os olhos se entregando ao prazer.

Então ele parou. Abandonando-me. Sorri provocante e ele deixou que sua mão se movesse pelo meu corpo, passando por meus seios, sem se prolongar nas carícias, desceu a minha barriga e continuou em direção ao meu sexo.

No segundo anterior ao seu toque, eu me esqueci completamente como respirar.

Senti, primeiramente, seu polegar acariciando o meu centro de prazer. Era suave e lento. Uma tortura deliciosa. Ele me tocava com leveza, sabendo que só aquilo seria o suficiente para me deixar em êxtase. O único som era o dos meus gemidos. Seus movimentos circulares e triangulares estavam me levando a um lugar familiar e ansiado. Então ele parou.

Quase chorei em protesto. Robert acariciou meu sexo com a palma da mão, tocando em meu

centro e em todos os outros locais. Voltei a fechar os olhos e a desfrutar do prazer.

- Você gosta? – abri meus olhos para deixar claro o quanto gostava. Ele sorriu. – Eu sei que gosta – sua voz mansa e sensual parecia completar a carícia que ele não tinha deixado de fazer nem por um segundo. – E assim? – seus dedos me invadiram e eu arfei.

Robert sabia a forma certa de me tocar. Não apenas me penetrando, mas me explorando de todas as formas. As pontas de seus dedos corriam pelas minhas paredes úmidas pressionando de leve, ora de

um lado, ora de outro, ora por cima, ora por baixo, num ritmo avassalador, enquanto seu polegar estimulava meu clitóris. Eu estava pronta para explodir de prazer quando me abandonou de novo.

- Assim você gosta também – concluiu.

A mão que sustentava meu peso segurou firme em minha coxa levando-a até a sua cintura e pendendo-a ali. Mantive minha perna firme naquela posição, com Robert entre elas. Sua mão ainda acariciava a minha coxa enquanto a outra se fechou em concha acariciando meu sexo. Meu amante

subiu sua carícia até a minha bunda e ali se manteve, apertando e aliviando a pressão, seguindo o mesmo ritmo da outra mão que se mantinha entre as minhas pernas.

- Às vezes, Melissa, eu tenho vontade de fazer coisas com você – ah, Deus! Eu queria que ele fizesse coisas comigo – Tenho vontade de tocá-la de um jeito diferente – sua mão que estava em minha bunda intensificou as carícias.

Fiquei tensa. Robert se aproximava demais de algo nunca antes permitido por mim. Mais um tabu em minha vida sexual. Eu não estava pronta para derrubar aquela

barreira. Percebendo a minha aflição, ele voltou a introduzir seus dedos repetindo os movimentos e acariciando o meu clitóris com o polegar. A sensação extasiante esvaziou a minha cabeça, me fazendo fechar os olhos e gemer. Robert era um mestre neste quesito.

- Vou duplicar o seu prazer, meu bem.

Não tive tempo para protestar. Robert já estava com a mão entre minhas nádegas. Seus dedos não me invadiram como eu temi que fizesse. Somente me acariciaram. Bem naquele local proibido. Enquanto eu o sentia me

possuir com a mão pela frente e me levar às alturas com o polegar em meu clitóris, seu dedo do meio acariciava meu lugar proibido. Num movimento lento e circular, apenas com uma leve pressão, ameaçando invadir.

Devo confessar: eu gritei deliciada.

Quando Robert disse que duplicaria o meu prazer eu jamais imaginei que seria desse jeito. Mas era. Era a sensação mais completa e extasiante, e estava tudo ali, nas mãos dele.

- Isso, Mel! Grita para mim – ele falava com o mais puro tesão na

voz. Eu já sentia o início dos espasmos. Não sei como nem quando, mais num segundo eram seus dedos e no outro senti seu membro rijo me invadindo profundamente.

O movimento brusco fez com eu me projetasse para trás e seu dedo pressionou com mais força aquela região antes proibida e agora totalmente necessitada. Sabia que gritava, sabia que gemia e sabia que Robert me invadia das duas formas, só conseguia me concentrar no prazer que percorria o meu corpo.

- Goze, Melissa – ordenou e imediatamente obedeci.

Eu gozei gritando da maneira mais improvável possível. Perdi todo o espetáculo que era Robert gozando, porém a sensação valeu a pena.

Só voltei a abrir meus olhos quando meu amante já tinha soltado a minha mão e me carregado até a banheira, que estava vazia, mas logo a água começou a enchê-la. Ele tirou a calça que, só naquele momento percebi que ainda vestia, e sentou atrás de mim aguardando pela água fria que refrescaria nossos corpos.

- O que foi aquilo? –
aconcheguei-me, manhosa, ao seu peito.

- Ainda estou com raiva de você – estava sério, sem nenhuma doçura na voz. Minha cabeça girava, pelo prazer e pela bebida. Eu só queria dormir.

- Se todas as vezes que você sentir raiva me castigar assim, vou aprontar sempre – ri preguiçosamente.

- Eu acho que não, Melissa – Melissa? Puta merda! Ele ainda estava irado. Mordi os lábios pensando em como me faria pagar.

Em silêncio, meu amante começou a me esfregar com a esponja. A sensação era ótima e o cheiro perfeito. Ele esfregou meus

braços, passando pelas minhas costas, seios, barriga, se prolongando pelas minhas pernas, até onde alcançava, e então subiu entre elas, me deixando atenta. Eu estava cansada, dolorida, sonolenta, mas sentia meu corpo se preparando mais uma vez para recebê-lo.

- Nada de preguiça – murmurou em meu ouvido. – Ainda não acabei com você – E seus dedos me invadiram.

Nós transamos na banheira. Eu sentada em seu colo enquanto ele

me possuía com seu membro e com seus dedos. Não preciso dizer que fui aos céus e voltei. Robert não parou por aí.

Transamos logo após o banho, na cama, de maneira selvagem e, mais uma vez, seu dedo explorou minha região proibida e tão prazerosa. E novamente eu gritei e gemi, deixando o êxtase me tomar. Tenho consciência de que dormi um pouco, entretanto meu amante me acordou mais uma vez e me deixei levar pelo prazer que ele tanto queria me proporcionar.

Robert estava voraz e a raiva lhe caía bem. Fiquei agradecida pela

falta da minha calcinha naquela noite. Ele me fez dizer alto que era dele, que o amava, que o desejava, que o queria. Repeti cada palavra sem o mínimo pudor. Da forma como queria ouvir.

Acordei com meu amante acariciando o meu rosto. O dia já estava claro. Robert sorria lindamente. Sorri de volta. Ele já estava vestido. Paletó e gravata. O perfeito CEO.

- Visita à filial em uma hora.

Droga! Eu estava acabada. A maratona que ele me fez participar havia sugado toda a minha energia, como precisava ser profissional,

levantei. Os olhos dele brilharam de satisfação, apreciando meu corpo nu. Seu sorriso indicava algo que eu não pude captar e uma avaliação rápida me fez concluir que não havia nada de errado comigo.

Corri para o banheiro e fiz tudo o que precisava para sair o mais rápido possível. No *closet*, escolhi um vestido azul, sem mangas, comprido até os joelhos. Ele era levemente justo, no entanto nada que me forçasse a tirar a calcinha. Sorri sozinha me avaliando no espelho. Azul era uma cor repleta de lembranças maravilhosas.

Quando saí do quarto, Robert

não estava mais lá. Desci para encontrá-lo na cozinha. Ele já me aguardava, com Nicole, Paul, Bruno e Alexa. Todos me olharam de maneira debochada. Eu não entendi, mas bastou caminhar em direção à mesa, para as risadas começarem.

Eles tentavam ser discretos, mas não conseguiam. Não era uma risada por causa de algo engraçado, era uma risada um tanto quanto sarcástica. Robert me avaliava com um leve sorriso. Antes que conseguisse alcançá-los, meu amante levantou e veio em minha direção, quando passou por mim cochichou em meu ouvido.

- Gosta de se exhibir, Melissa?

— e saiu.

Minha ficha caiu.

Ele me fez gritar a noite toda.

Fez-me dizer coisas sabendo que todos poderiam ouvir. Apenas para se vingar. A raiva se projetou em meus olhos. Não tive coragem de olhar para meus amigos. Minha humilhação era gigantesca. Saí da cozinha correndo. Fugindo dos olhares. Corri de volta para o quarto e entrei desesperada. Quando abri a porta ele estava lá, encostado a janela. Não esperava por mim e pelo que percebi, não esperava por aquela reação. Não consegui dizer

nada. Nenhuma palavra saía de minha boca. Fui para o *closet* e me tranquei lá.

Sentada no chão, chorei toda a minha mágoa. Robert me mostrara um lado horrível. Um lado que nunca esperei conhecer. A minha tristeza me abraçava e me consumia. Ouvi a batida na porta. Não falei nada. Não queria vê-lo ou conversar com ele.

- Mel? – não respondi. – Por favor, abra a porta – sua voz calma indicava o quanto estava preocupado. Ele era assim: forçava a calma quando deveria estar desesperado – Mel, fale comigo.

Eu não queria conversar. Não

queria olhar em seus olhos e enxergar aquele Robert. Um homem apaixonante quando queria, também vingativo se tivesse vontade. Ele não se importava com meus sentimentos, apenas com o que queria. Ouvi outras vozes e depois seus passos se afastando.

- Mel, sou eu, Nicole. Abra a porta – eu não queria abrir. Estava me sentindo humilhada demais para poder olhar para a minha amiga – Robert não está mais aqui. Deixe-me entrar, por favor! – Mesmo sem vontade, levantei para destrancar a porta do *closet*. Nicole e Alexa estavam lá. Seus rostos não

demonstravam deboche somente compaixão. Elas entenderam que Robert fora um canalha.

Assim que entrou, Nicole me tomou em seus braços acariciando as minhas costas. Solucei como uma criança. Ficamos algum tempo assim, eu chorando e elas me consolando.

- Fique em casa hoje – Alexa sugeriu. – Eu posso fazer a sua parte. Nós só vamos visitar as filiais. Nada importante que precise de sua presença.

- Não, Alexa. Não devo confundir as coisas. Meu relacionamento com Robert não

pode atrapalhar o meu desempenho profissional. Eu já devia imaginar do que ele seria capaz. Era só prestar um pouco mais de atenção no seu histórico.

- Não, Mel! Não pense assim – Nicole interferiu. – Robert foi um idiota, eu concordo, mas ele não é assim. Ele a ama, eu sei. Olha, nós quase não percebemos nada. Pensamos que tudo fazia parte da sua brincadeira com Bruno. Nem passou pela minha cabeça que Robert estivesse fazendo isso para puni-la. Aliás, o que você fez para despertar tanta raiva? – Olhei para Nicole sem saber se deveria ou não

contar sobre o meu deslize.

- Não usei calcinha para sair com vocês – admiti timidamente. Elas gritaram e riram me deixando ainda mais envergonhada.

- Ai meu Deus! – Alexa ria sem disfarçar. – Só você para fazer uma coisa dessas tendo um namorado tão ciumento.

- Não justifica o que ele fez – Nicole completou tentando conter o riso. – Mel, não fique tão arrasada, foi apenas uma brincadeira.

- Não. Não foi, Nicole. Robert é vingativo. Não se importa com meus sentimentos. Ele é um idiota! Um cretino! – minhas

lágrimas voltaram a cair.

- Não fique assim – Alexa tentava me acalmar. - Você tem noção do que será a minha vida com Bruno depois disso? – sorriu. - Eu já fiz as minhas ameaças. Se ele tocar neste assunto eu passo a dormir no quarto de hóspedes – dei risada. Alexa era uma boa amiga.

Como eu dissera: Robert não interferiria em minha capacidade profissional. Por isso lavei o rosto, refiz a maquiagem e parti, forçando uma dignidade inexistente. Ele até tentou falar comigo, mas era muito orgulhoso para ser desprezado na frente dos outros, então suas

investidas não tiveram muito efeito. Mantive a minha posição e só falei com ele quando era estritamente necessário e sempre algo relacionado ao trabalho.

No almoço ele tentou puxar conversa. O ignorei acintosamente, o que fez com que Bruno exibisse o maior de todos os sorrisos. Eu o encarei carrancuda e o irmão do meu namorado rapidamente virou para o lado escondendo o riso. Depois disso Robert desistiu. Passamos a tarde visitando setores, analisando documentos, conhecendo pessoas e lugares. No final do dia Paul sugeriu um jantar e todos aceitaram.

Eu conversava com Nicole e Alexa, desviando minha atenção do meu amante. De tempos em tempos, nossos olhos se encontravam e eu conseguia captar a sua angústia. Ele não perdia por esperar. Quando saímos do restaurante, Robert tentou pegar em minha mão, eu a puxei de volta e acelerei meus passos para alcançar Nicole e Paul, que caminhavam abraçados.

- Você está punindo Robert do jeito certo – Paul falou enquanto caminhávamos. – Ele odeia ser ignorado e você está fazendo isso muito bem – riu.

- Ele provocou – concordei

sem sentir nenhum tipo de prazer.

- Provocou – Paul corroborou, pensativo e olhando para frente.

Olhei para trás, vendo que meu namorado caminhava com Bruno e Alexa um pouco afastado de nós três. Passeávamos lentamente pela rua limpa e tranquila, conhecendo o parque que ficava em frente ao restaurante, onde a nossa limusine nos aguardava.

- Ele ama você – Paul acrescentou por fim. – Eu nunca vi o meu amigo desse jeito.

- Desse jeito como? – continuei olhando na direção de

Robert e nossos olhos se encontraram. Não quis sustentar e desviei.

- Ele está mais possessivo, mais ciumento – Paul riu baixinho. – Ele também está mais decidido e sensível. É estranho para mim. Você sabe... Tanya.

- É. Eu sei – concordei sem graça. Era complicado conversar com Paul sobre minha relação com o marido da sua irmã.

- Eu não sou contra, Mel. Eu só queria que Tanya entendesse e acabasse com essa merda de vez.

- Agora eu não tenho mais certeza se desejo que seja assim –

deixei minha insegurança se manifestar. Era complicado pensar em Robert de maneira apaixonada depois do que ele fez comigo.

- Não fale assim. Robert foi um tolo, mas se você o deixar, ele vai desmoronar.

- Não tenho tanta certeza — voltei a olhar para Robert. Como se pudesse ouvir meus pensamentos, ele também me olhou e soltou um suspiro que mais parecia uma suplica silenciosa. Desviei o olhar. Meu coração reagiu e me senti muito mal.

Na limusine Robert sentou ao meu lado. Não tentou falar comigo e

parecia aliviado por estarmos indo para casa. Assim que chegamos me despedi de todos. Estava mesmo cansada, não só pelo desgaste emocional, mas pela noite movimentada.

Droga! Ele sempre estragava tudo.

Entrei no quarto e fui direto para o banheiro. Tomei um banho demorado. Estava quente e aproveitei para deixar a água gelada refrescar a minha pele. Quando saí, Robert estava lá. Ele me sondou com os olhos. Eu usava um roupão felpudo confortável e não estava com a menor vontade de conversar.

- Vai me ignorar até quando?

– não parecia estar me acusando, e sim implorando. Não respondi. Fui até o *closet* e comecei a arrumar minha mala. – O que está fazendo? – deixou o desespero transparecer em sua voz.

- O que você acha? – respondi sem vontade.

- Você vai embora? – respirei profundamente. Eu queria poder ir embora, porém não o faria. Não fugiria correndo como uma menina assustada – Mel, espere.

- Não vou embora, Robert – fui ríspida e desviei de sua mão. – Vou apenas ficar bem longe de você

- nem eu acreditava que estava dizendo aquelas palavras. Robert se encolheu e fechou os olhos.

- Mel, eu...

- Chega, Robert! – ele recuou. – Estou exausta. Preciso dormir. Com licença – puxei minha mala e sai em direção ao quarto. Robert me acompanhou.

- Espere. Para onde vai? – saímos juntos. Alexa e Bruno estavam no corredor, provavelmente indo para o quarto deles. Virei-me para Robert com raiva.

- Vou ficar no quarto de hóspedes e não se atreva a me incomodar – ele parou assustado

com a minha fúria. Peguei minha mala, passei por Alexa e Bruno, que deu risada, mas levou um tapa da noiva a tempo de deter a minha explosão. Robert passou por eles me alcançando.

- Mel, espere. Amor – explodi. Com toda a raiva que eu estava sentindo apontei um dedo para ele gritando.

- Gosta que eu grite? Pois bem, vou gritar – Robert deu um passo para trás assustado. Pelo canto do olho vi que Nicole e Paul subiam as escadas e pararam quando comecei o meu pequeno espetáculo. – Não me chame de amor, seu...

Seu... Seu cretino! Se você acha que não fiz um bom trabalho em seu nariz da última vez posso resolver o problema agora, portanto, não fale comigo, não toque em mim e definitivamente não me chame de amor – ele estava paralisado me olhando. Olhei para todos, com a raiva ainda fluindo. – Pronto, agora sim dei o espetáculo que você queria. Gostou? – puxei a minha mala e bati a porta atrás de mim. Da forma como eu estava me joguei na cama e chorei até dormir.

A manhã chegou mais cedo do que eu gostaria. Meu corpo estava dolorido. Permaneci deitada entre os travesseiros sem coragem para abrir os olhos. Minha noite havia sido um inferno, apesar de tudo, eu senti a falta de Robert.

Aquele filho de uma puta fodeu com meu juízo.

Virei de bruços e abracei o travesseiro. Um forte cheiro de flores invadiu o meu nariz. Cheirei meu cabelo e o odor estava nele também. Não era o meu shampoo. Abri os olhos e vi uma coisa inacreditável. Meu travesseiro estava repleto de pétalas de rosas

vermelhas. Levantei a cabeça e elas estavam em todos os lugares: na cama, em mim, pelo chão do quarto.

Levantei um pouco o corpo e o vi. Robert estava sentado na poltrona, olhando fixamente para mim. Seus olhos eram suplicantes. Meu Robert romântico e carinhoso estava de volta.

CAPÍTULO 24

Eu estava com muita raiva da Melissa. Como ela pôde fazer aquilo? Sair sem calcinha, com um vestido daquele? Ela só podia estar me sacaneando. Eu nem queria ir a aquele jantar, infelizmente minha posição na empresa me obrigava a comparecer a este tipo de compromisso.

Fiz o que era necessário. Bebi

um pouco, jantei, fingi interesse pelas mulheres que se exibiam, como de praxe, depois corri quase Sydney inteira tentando adivinhar onde elas estavam. Eu não queria ficar sequer um segundo do meu tempo longe dela. Minha angústia era exatamente porque sabia que assim que voltássemos de viagem nossa vida seria ainda mais complicado. E eu nem havia conversado com ela sobre as novas regras. Não seria nada fácil.

Encontrar com Melissa foi o mesmo que ir do céu ao inferno em pouquíssimo tempo. Céu porque fiquei aliviado por finalmente tê-la

encontrado e inferno por vê-la tão à vontade, dançando de forma tão sensual, com vários homens olhando, se aproximando e gostando do que viam.

Eu podia matar cada um deles, porém o mais correto seria matar Melissa. Quando um deles fez menção de tocá-la eu quase explodi, mas ela se afastou rapidamente sem nem se dar conta do que estava acontecendo. Segui rapidamente em sua direção. Enquanto ela estava no sanitário aproveitei para conferir o ambiente. Ali, bem perto, havia uma sala de manutenção. A porta preta era quase invisível devido à

escuridão. Seria um ótimo lugar para termos uma conversa.

Quando Melissa saiu não percebeu a minha presença, imediatamente eu notei que ela não estava em seu estado normal. Estava bêbada, essa era a verdade. Andava rebolando aquela bunda maravilhosa, com aquele vestido extremamente justo e curto, deixando as barras das meias aparecerem.

Eu estava fodidamente duro e ainda nem a tinha tocado. Era isso o que ela fazia comigo. Nunca conseguia me decidir se a comia ou se dava uns tapas primeiro diante da quantidade de transtornos que ela me

causava. Não ficaria nada bem se eu me envolvesse numa confusão em Sydney por causa da minha analista de mercado.

Envolvi Melissa em meus braços e instantaneamente minha mente decidiu que a comeria primeiro. Quando abri a porta e a empurrei para dentro eu já tinha certeza de que Mel estava molhada. Pronta para mim, como sempre. Até bêbada ela era uma tentação dos infernos. Toquei-a e não tive mais nenhuma dúvida sobre o próximo passo, até descobrir o que ela fizera. *“Foi para isso que ela foi ao sanitário?”* Melissa estava

dançando para todos aqueles homens e depois foi ao banheiro tirar a calcinha? Eu seria capaz de matá-la ali mesmo.

Minha raiva era tanta que não conseguia me controlar. Piorou quando Melissa, bêbada, passou a fazer brincadeirinhas durante o caminho de casa. Eu estava possesso. Totalmente dominado pela ira. Aquela era uma situação que nunca imaginei passar. Não com a minha Mel. A minha doce e encantadora Mel.

Assim que chegamos ao nosso quarto eu já tinha uma ideia formada, mas Melissa mudou tudo

quando me desarmou me pedindo para fazer amor com ela. Droga! Eu estava com muita raiva, contudo, depois do seu pedido, ela se canalizou completamente em meu pênis e a única coisa que eu queria era fodê-la a noite inteira. Fazê-la gritar. E foi assim que surgiu a ideia.

Nunca pensei que a magoaria tanto. Aliás, não pensei em nada, porque quando estava dentro da minha amante, tudo perdia o sentido e acabei me deixando levar pela fantasia apesar da raiva. Tenho que admitir que ouvir Melissa gritando descontrolada apenas por causa de um toque no lugar certo, foi a melhor

de todas as sensações. Quando ela geme já é algo lindo de ouvir e assistir, gritando então é um espetáculo completo. Por isso acabei repetindo e repetindo a sua punição. Foi mais forte do que eu.

Por outro lado nenhum prazer é grande o suficiente para arriscar tudo e depois justificar a forma como ficou. Pensei que meu chão abriria e eu afundaria nele. Melissa ficou arrasada e aquilo acabou comigo. Queria me desculpar, mas ela não deixou, então tive que sair do quarto para que Nicole e Alexa fizessem isso por mim. Eu confiava em minha irmã para acalmar a

amiga. Quando desci, Bruno não me deixou em paz.

- E eu que pensava que Alexa tinha ótimas cordas vocais – riu empurrando Paul, que estava visivelmente contrariado.

- Mais um comentário sobre isso e eu não vou ter pena do seu queixo – avisei deixando extravasar a minha raiva. Bruno sabia que eu o faria, e se calou. Paul entendeu que a ameaça valia para ele também, por isso nem se atreveu a dizer nada.

Alguns minutos depois, Nicole, Alexa e Melissa desceram as escadas. Ela estava mais tranquila, no entanto dava para

perceber o esforço que fazia para se manter de pé. Céus! O que eu havia feito? Ela não merecia. Onde eu estava com a cabeça?

Melissa não me queria por perto. Não falou comigo e nem me deu a menor atenção. Eu tentei, mas ela me repeliu de todas as vezes que me aproximei. A cada minuto ficava mais desesperado. Ela não era de ficar calada e nem de deixar as coisas passarem. Eu sabia que minha amante poderia me abandonar e não estava preparado para isso.

Várias vezes nos olhamos. Ela estava irredutível, sem querer contato comigo. Meu desespero

aumentou quando começou a fazer as malas. Que merda! Eu não podia permitir que ela partisse, nem que tivesse que prendê-la na cama até que aceitasse as minhas desculpas. Droga! Ela me dera um soco e nem por isso a abandonei. Tudo bem, eu quase a abandonei, mas não o fiz. Deveria contar.

Quando Melissa falou que não iria embora eu fiquei mais aliviado, no entanto decidiu não dormir mais comigo, como ela mesma disse, queria ficar o mais distante possível de mim. Eu não queria ficar longe. Queria tocá-la, sentir o seu cheiro doce, ouvir sua risada, seus

suspiros, seus gemidos quando estava em meus braços. Droga! Eu não podia pensar em sexo em uma hora como aquela. Não enquanto tentava convencê-la a me perdoar. Depois tudo bem. Nós íamos fazer as pazes e não existe uma forma melhor para concretizar o amor.

Toda a minha esperança caiu por terra quando Melissa deu seu pequeno espetáculo e depois bateu a porta do quarto em minha cara. Eu chamá-la de volta, porém Bruno e Paul estavam lá, o que me fez recuar. Seria ridículo! O mais importante era que Mel me ameaçara e eu sabia que era uma ameaça real.

Por isso achei melhor implorar pela ajuda de Nicole e Alexa e deixá-la dormir em paz. Quem sabe quando estivesse descansada fosse mais fácil me perdoar.

A ideia das rosas foi de Alexa e, a de jogar as pétalas pelo quarto foi de Nicole. Acordamos bem cedo. Paul e Bruno concordaram em arrastar as meninas para fora da casa. Eles foram fazer uma visita a uma fábrica promissora. Já estava agendada como um compromisso. A minha presença não era essencial, então Bruno me representaria.

Abri a porta do quarto com a

chave extra e trabalhei no maior silêncio, jogando as pétalas pelo quarto. Mel não se moveu uma só vez. Estava tão linda naquele roupão, com os cabelos castanhos espalhados pelos travesseiros. Sua pele branca contrastava maravilhosamente com as rosas vermelhas que joguei pela cama.

Melissa era deliciosamente linda. Sua coxa ligeiramente inclinada para o lado afastava o roupão dando uma visão da sua pele nua. Eu queria tocá-la. Ela era a única mulher que me deixava excitado em qualquer circunstância. Seja com raiva, como na noite

anterior, ou na tristeza, como naquele momento, eu ainda transaria com ela sem a menor dificuldade e seria muito bom.

Puxei o ar tentando colocar meus pensamentos em ordem. Sentei na poltrona aguardando. Quando Melissa começou a se mexer na cama, meu coração acelerou. Como ela reagiria? Será que ainda queria manter distância de mim? Assisti meio deslumbrado, Mel acordar confusa com as flores e então ela me olhou. Seu roupão caiu pelo ombro deixando-o exposto. Deus! Como gostaria de tocá-la e beijá-la bem ali. Não. Eu queria beijar e tocar

todas as partes do seu corpo. Precisava dela de uma forma absurda.

Como não falou nada, eu levantei, sustentando o nosso olhar, e caminhei até a cama. Melissa apenas me observava. Ajoelhei próximo aos seus pés em sinal de reverência. Ela continuou me olhando, não era um olhar de censura, raiva ou indignação.

- Eu sou um cretino.

- Sim. Você é – ela não expressava nenhuma emoção, o que me deixou confuso.

- Mel, me perdoe. Eu sei que é difícil, que eu sou um imbecil e

não mereço você, mas, por favor, me desculpe.

Despejei tudo de uma vez esperando que ela esquecesse logo para finalmente poder tocá-la da maneira que ansiava. É um absurdo dizer isso, mas meu pau pulsava de desejo. A ânsia de tê-la em meus braços, me provando que ficaríamos bem, estava me deixando louco.

- E se eu não quiser? – ela queria me enlouquecer prolongando meu martírio. Eu merecia por isso teria paciência.

- Se você não me perdoar? – debilmente repeti a sua pergunta pensando no que poderia responder

– Bom.. Eu posso implorar por tempo indeterminado.

- E, se mesmo assim, eu não quiser – sorri. Melissa não estava rebelde, o que era muito bom.

- Pensei em chorar e ameaçar me matar. Você sabe , coisas desse tipo – ela riu desviando os olhos dos meus – Posso também amarrá-la na cama e fazer amor com você até que concorde em esquecer esta história.

- Você não vai tocar em mim, Robert – ela não estava falando sério, ou estava?

- Não faça isso comigo – Melissa mordeu o lábio inferior, desviando o olhar. Tive vontade de

beijá-la. – Eu amo você! Amo você!
– enfatizei com emoção.

- Seu amor não foi o suficiente para impedi-lo de fazer o que fez.

- Mel, eu estava com raiva. Muita raiva mesmo. Você me deixou maluco com aquele negócio da calcinha e – puxei o ar com força. – Merda, Mel! Eu queria puni-la.

- E fez isso me expondo? Esta foi a melhor maneira que encontrou para me fazer entender que não devo ficar sem calcinha?

- Não. Não foi. Mas... – olhei em seus olhos e depois sorri. – Eu me perco quando estou transando

com você – admiti. – Eu nem sabia mais o que estava fazendo. Apesar do tamanho da minha raiva eu só pensava em estar dentro de você. E depois você começou a gritar daquela forma quando a toquei – ela sorriu timidamente. – Eu fiquei louco – avancei sobre a minha amante incapaz de me conter. Melissa riu e caiu deitada na cama. – Eu amo você! Faz amor comigo! – supliquei do mesmo jeito que ela na noite anterior. Meus lábios já estavam nos dela e eu a segurava firme mantendo o meu corpo sobre o seu.

- Hum, hum – Mel negou

interrompendo o nosso beijo. – Não, Robert. Eu ainda estou magoada.

- Mel. Eu sou louco por você – acariciei seu rosto – Perdão! – Murmurei. – Faça amor comigo e alivie o meu sofrimento. Seja minha e me faça o homem mais feliz do mundo – beijei seus lábios. Ela não me recusou. – Quero você! – beijei mais uma vez. – Sou louco por você!

Melissa gemeu baixinho, manhosa como sempre fazia quando ficava excitada. Eu estava bastante excitado. Louco para estar dentro dela e me certificar de que ela era minha. Só minha.

- Mel! – gemi sentindo sua

pele em meus lábios. – Preciso de você! – senti suas mãos tocando em minhas costas. Minha Mel estava de volta. Segurei em seu rosto e a encarei. – Vai ficar comigo? – ela vacilou olhando para a porta. – Todos saíram. Somos nós dois somente, durante toda a manhã.

- Robert...

- Eu quero fazer amor com você, Melissa – contra ataquei – Amor – eu não sabia como dizer aquilo sem perder o brilho do momento. Peguei sua mão e levei até meu pênis incrivelmente duro. – Estou a ponto de explodir – foi como se estivesse me desculpando e

era a mais pura verdade. Minha amante riu, me deixando extasiado, e me puxou para ela.

- Eu também – sussurrou em meu ouvido, mordendo minha orelha.

Putá merda! Melissa era mesmo a mulher certa para mim. Ela pegou minha mão, levando-a para o meio de suas pernas. Meu Deus! Estava incrivelmente molhada e completamente nua por baixo do roupão. Soltei um gemido animal e avancei sobre ela.

- Isso será rápido, amor – Melissa riu permitindo que eu arrancasse o roupão.

Meio segundo depois já estava dentro dela. Muito rápido ela já estava se contorcendo em meus braços, seu sexo me apertando, pulsando de prazer, anunciando seu orgasmo iminente. Eu explodi, gemendo e despejando em Melissa o meu gozo. Porra! Ela acabaria comigo se continuássemos transando daquela maneira.

- Oh, Céus! Rápido mesmo – disse manhosa em meus braços.

- Desculpe! Eu fiquei muito tempo observando – deitei ao seu lado, levando-a comigo. – Minha mente ferveu de informações – ri e ela também. – Temos a manhã inteira

só para a gente. Eu posso pensar em diversas maneiras de aproveitarmos.

- Eu sei que pode – levantou da cama. – Ainda não o perdoei – anunciou indo em direção ao banheiro.

- É claro que perdoou. Acabou de fazer amor comigo.

- Não perdoei – gritou de dentro do banheiro, escovando os dentes. – Você vai ter que rebolar muito para conseguir meu perdão.

- Ah, Mel! Você faz isso muito melhor do que eu – ri ainda deitado olhando para o teto.

- Você foi insensível, Robert – Melissa voltou para a cama e

sentou sobre mim. Completamente nua. Puta que pariu! Era assim que conversaríamos?

- Você acha que consigo pensar em alguma coisa com você nua sentada sobre mim? – Minha amante olhou para baixo e sorriu ao perceber que eu já reagia. Ela era uma safada. A minha safada.

- Eu me senti humilhada. Bruno não vai deixar barato.

- Eu já cuidei disso – segurei em sua cintura e puxei-a para cima. Seu sexo roçou no meu. Foi gostoso. – Tem certeza que quer conversar nessa posição? – podia sentir a imensa necessidade me invadir.

- Quero – cruzou os braços, decidida. – Eu não gostei nem um pouco do que você fez.

- Ah, gostou sim! – desci minhas mãos em direção a sua bunda. – Você adorou!

- Não do jeito que está pensando – ela tirou minha mão de lá. Eu as coloquei em suas coxas.

- Melissa, você deveria deduzir que em uma casa como esta, completamente silenciosa, todo mundo ouviria seus gritos – eu estava me divertindo com o rumo da conversa. Mais uma vez levei minhas mãos para a bunda dela que se mexeu causando mais atrito. Foi

delicioso! Logo me senti pronto novamente. - Você não estava me deixando pensar de maneira coerente – novamente ela retirou minhas mãos. Levantei meu corpo, impaciente por mais toques em seu corpo e a envolvi em meus braços. - Você é tão linda! - minhas mãos viajavam pelas suas costas com a pressão certa para fazê-la relaxar. – Sua bunda é linda! – ela riu timidamente e eu levei minhas mãos para aquela zona, puxando-a para mim. – É uma delícia poder tocá-la.

Com as duas mãos espalmadas em sua bunda deixei que dois dedos abrissem caminho

roçando um em seu ânus. Mel gemeu e se contorceu. Puta merda! Ela gostava de ser tocada tanto quanto eu gostava de tocá-la. Aquela era uma combinação explosiva.

- Robert! – gemeu. – Estamos conversando – seus olhos fechados indicavam a impossibilidade de continuarmos nossa conversa.

Rocei meus dentes em seus seios e aproveitei para lambê-los. Melissa gemeu. Intensifiquei a pressão e a carícia dos meus dedos em sua bunda.

- Por favor, Robert! – ela se movimentava levemente, facilitando e aperfeiçoando meus toques.

- O que amor? – levantei-a pela bunda, fazendo-a descer em minha ereção.

Lentamente toda a minha extensão foi ganhando espaço dentro dela. Era simplesmente maravilhosa a sensação. Melissa era tão apertada que doía penetrá-la. Era uma dor gostosa. Facilitava mais ainda quando ela estava extremamente molhada como era o caso naquele momento. Concentrei uma das mãos em sua bunda e a outra em seu corpo. Os lábios dela estavam entreabertos de prazer.

- Não me faça gritar– falou quase em um sussurro.

- Não tem ninguém para ouvir – quase me desarmeí ao ouvi-la pedindo para eu não fazê-la passar outra vez por aquela humilhação. Eu nunca mais cometeria tal erro. – Eu gosto de ouvi-la gritar, mas se não quiser, não precisa.

- Não quando tiver alguém para ouvir – abriu seus olhos. Ela me amava. Minha linda e generosa, Mel, me amava ao ponto de me perdoar depois do que fiz. Como eu a amava. – Nunca mais me faça passar por situações como aquela – interrompi minhas carícias.

- Nunca mais, prometo!

Melissa segurou minha mão e

a levou de volta a sua bunda, até aquele pequeno ponto que me surpreendia cada vez mais. “Ah, Mel! Como você sabe me seduzir”. Ela não tinha noção da marionete que eu era em suas mãos.

Melissa era a minha vida. Meu bem mais precioso. Naquele momento eu entendi que não adiantaria aguardar Tanya e o fim que eu desejava para ela. Era Melissa quem eu queria e não poderia esperar mais. Assim que voltássemos, colocaria um ponto final em tudo e me casaria com minha amante. Eu seria feliz.

Fui tomado por uma emoção

extrema ao constatar que nada mais importava. Eu havia tomado uma decisão. Melissa estava em meus braços, entregue ao prazer do nosso momento, ao nosso amor. Segurei-a com força auxiliando seus movimentos.

Minhas carícias se intensificaram e Melissa as recebeu com entusiasmo. Minha boca devorava seus seios enquanto a sentia subindo e descendo, levando-me ao êxtase total. Estava prestes de me libertar, mas precisava esperá-la. Mel tinha o seu próprio ritmo e eu deixava que minha vontade seguisse a dela, por isso segurei

com força em sua bunda forçando-a a subir e descer por toda a minha extensão.

- Linda!

Mel era algo para se admirar, especialmente quando estava fazendo amor. Quando nenhuma barreira existia e ela se entregava sem limites ao prazer. Seu rosto ficava sempre rubro, sua respiração acelerada dava um movimento especial aos seus seios e, quando rebolava... Eu perdia toda a minha força. Tornava-me um menino, desarmado, entregue, ansioso por tudo o que ela poderia me proporcionar. Eu deixava de ser

Robert Carter, CEO, o homem que lutava há anos contra um inimigo extremamente poderoso, para ser simplesmente o seu amante.

- Robert! – gemeu meu nome. Choques percorreram meu corpo. Isso sempre acontecia quando ela pronunciava meu nome em meio ao seu êxtase. Era absurdamente sensual. – Toque-me.

- Puta que pariu Melissa! – estremeci. – Não me peça desse jeito – minha mão já estava lá, acariciando o seu pequeno círculo e imaginando como seria estar ali. Ouvi seus gemidos aumentarem com deleite. Ela realmente gostava

daquilo. E eu? Eu adorava! – É assim que você quer?

Concentrei-me em dizer algo para impedir que meus pensamentos me levassem para um local sem volta. Se continuasse imaginando como seria meu pau, ao invés do meu dedo naquela região, não conseguiria me controlar e gozaria, sem esperar por ela.

- Sim! – sua resposta saiu engasgada. Mel estava entregue, quase lá.

- Você gosta? – merda! Eu estava quase lá. “*Vamos, Mel!*”

Como se para me testar ainda mais, Melissa empinou a bunda para

trás, forçando um contato maior e rebolou. Ela era apertada demais e, rebolando daquela forma, eu ficava praticamente esmagado dentro dela. Era devastador. Eu não conseguiria segurar.

- Não, Mel! – implorei. Eu já estava no final do caminho e impossível evitar.

Meu orgasmo chegou me dominando. Caí de costas no colchão, ofegando e gemendo enquanto Melissa se movia lentamente, prolongando o meu prazer. Ah Deus! Ela era maravilhosa!

Com o corpo ainda

convulsionando me dei conta de que precisava fazer algo por ela. Por isso, sem esperar que a sensação de satisfação me dominasse, ergui o corpo e a segurei com força. Intensifiquei a pressão dos meus dedos em sua bunda e com a outra mão a estimulei pelo clitóris.

Era tudo o que eu poderia fazer naquele momento, estando dentro dela, porém não duro o suficiente para satisfazê-la. Teria que ser o conjunto de ações. Melissa fechou os olhos voltando ao seu estado de entrega e recomeçou a rebolar em meus dedos.

- Isso, amor! Se entregue –

incentivei.

As mãos dela se apoiaram em meus ombros forçando os seus movimentos que passaram a ser para frente e para trás e, em alguns minutos, minha amante estremeceu em seu orgasmo.

Eu sentia seu sexo pulsando em meus dedos enquanto ela gemia dengosa com os olhos fechados. Ah Deus! Minha Melissa gozando, me proporcionando aquele espetáculo maravilhoso. Eu estava tão grato! Encerramos nosso momento com um longo e delicioso beijo.

- Eu amo você! – Ela disse e meu coração inflou.

- E eu vou me casar com você

— Melissa riu daquela forma encantadora.

- É. Vai sim. Um dia — escondia a pontada de tristeza em sua voz.

- Em breve.

Estava ansioso para contar a minha decisão. Mas não queria enchê-la de esperanças e depois colocar tudo a perder. Havia muito a fazer, como pedir permissão a meu pai para quebrar minha promessa. Ele entenderia e, com certeza, me apoiaria. Eu precisava também da ajuda de Bruno, Nicole, Paul e Olívia. Com esta seria mais

complicado. Se todos concordassem seria mais fácil deter qualquer loucura de Tanya em relação à empresa.

- Vou me casar com você e acordar todos os dias vendo este lindo sorriso – ela sorriu como um presente para mim.

- Vamos tomar um banho?

- Banheira ou chuveiro?

- Chuveiro. A banheira é muito convidativa e eu preciso me alimentar.

Tomamos banho juntos e depois descemos para a cozinha. Melissa preparou panquecas para o nosso café da manhã atrasado e

comemos em silêncio. De vez em quando ela me olhava especulativa. O que estava se passando por aquela linda cabecinha confusa? Ela mordeu o lábio inferior e corou. Seu prato estava cheio ainda e parecia que não pretendia continuar comendo.

- O que foi? – peguei uma mecha de seu cabelo e brinquei enrolando-a em meu dedo.

- Nada – ficou ainda mais corada. Ela ficava muito mais bonita quando isso acontecia.

- Mel? – rocei a ponta dos dedos em seu rosto. – Não posso ler a sua mente. Preciso que fale. Por

favor! – coloquei toda intensidade naquele pedido. Eu queria saber o que ela estava pensando. Minha amante piscou algumas vezes e depois sacudiu a cabeça saindo do transe.

- Estava pensando. Apenas pensando – defendeu-se como para justificar alguma bobagem. – Quando tudo acabar. Quando você e Tanya estiverem de fato divorciados.

- Eu vou me casar com você – reafirmei minha promessa.

- Isso. – Mel corou ainda mais. – Mas quando acontecer... – mordeu os lábios, indecisa.

- O que, Melissa?

- Estive pensando em filhos – falou com os olhos baixos.

Fui pego de surpresa. Claro que eu imaginava que Melissa quiereria filhos, só não esperava ter aquela conversa tão cedo. Pensar em filhos, em crianças, me remetia ao túmulo do meu pequeno Rob e a lembrança não era nada agradável. Passei as mãos no cabelo sem saber o que responder.

Eu queria tentar outra vez? Seria capaz? E se eu estragasse tudo novamente? E se eu destruísse a vida de Melissa como destruí a de Tanya? E se Melissa me odiasse ao

ponto de rejeitar o próprio filho? E se eu perdesse este também. Não! Eu não poderia passar por todo aquele inferno novamente. A lembrança de estar agarrado ao corpo do meu filho implorando a Deus para que fosse um pesadelo me assolou tirando-me o ar.

- Robert? – Melissa chamou ao longe. Só então percebi que estava ofegando. Fechei os olhos e sacudi a cabeça afastando as lembranças. – Robert, desculpe! Eu não devia ter tocado neste assunto.

- Tudo bem – falei ainda sem conseguir recuperar meu estado de espírito. – Eu só...

- Eu não queria.

- Tudo bem, Melissa. Você quer filhos – filhos. No plural. Era assustador e ao mesmo tempo apaixonante. Puxei o ar sem saber o que fazer. – Mel, eu – ela não me olhava nos olhos. Eu sabia que estava prestes a chorar. Oh, Droga! – Não sei se estou preparado para perder outro filho – ela me olhou assustada. Sua boca abriu e se fechou. – Eu ainda... Mel, eu não sou a melhor das pessoas. Você viu isso ontem. Eu, droga! Tenho medo que aconteça tudo de novo.

- Não vai acontecer – sua voz estava fraca.

- E se acontecer? E se eu destruir a sua vida, como fiz com a de Tanya? E se você odiar o nosso filho por não conseguir me perdoar?

- Robert, sua história com Tanya é diferente da nossa. Isso não vai acontecer.

- E se acontecer? – eu sentia meu coração acelerado pelo pânico.

- Você deveria se dar uma chance – seus olhos estavam tristes. – Não precisamos decidir nada agora. Teremos tempo de sobra antes que possa acontecer.

Não teríamos mais tanto tempo. Esta era uma conversa que precisaríamos ter o mais breve

possível. Eu teria que estar preparado para dizer a Melissa que não ou que sim. E seria logo. Ela acreditava que eu cumpriria o acordo com Tanya, por isso pensava que teríamos tempo. Mas eu sabia que em menos de uma semana estaria livre e nós dois iniciariíamos uma nova vida. Para tornar isso possível teríamos que resolver aquela questão.

- Mel...

Ouvi a porta abrir e depois o barulho de conversas animadas e risadas de meus irmãos e amigos. Nicole foi a primeira a entrar, saltitante como sempre, depois os

outros. Nossa cara entregou que não estávamos tão bem assim. Minha irmã parou nos avaliando meio cautelosa.

- Oi! Tudo bem por aqui? – vi quando ela e Alexa trocaram olhares com Melissa.

- Tudo – segurei na mão da minha amante passando confiança. Melissa sorriu, sem alegria em seu sorriso.

Céus! Eu teria que vencer mais aquele obstáculo para fazê-la feliz. O medo de falhar de novo me impedia de derrubá-lo.

- O que acham de almoçarmos num restaurante próximo ao *Opera*

House? Fica de frente para o mar. Depois vocês podem se trancar naquele escritório pelo resto da tarde – olhei para Melissa, que mesmo relutante, concordou.

- Vou trocar de roupa – avisei e segui Melissa até o quarto.

Ela não dizia nada e fingia não estar abalada com a nossa conversa. Separei minhas roupas, mas parei para olhá-la se despindo. Seu corpo era perfeito. Ela tirou o short e a minha camisa que ficava imensa nela, restando apenas a calcinha. Estava tão absorta em seus pensamentos que nem percebeu que eu a observava. Ela queria filhos.

Deus! O que eu deveria fazer? Fui até ela e a abracei. Melissa sorriu da mesma maneira que tinha sorrido para os outros. Beije seus cabelos.

- Você é tão linda! – fechei os olhos, absorvendo seu cheiro.

- E você é um tarado – brincou tirando minhas mãos de seu corpo. – Nicole pode aparecer a qualquer momento. Sabe como é a sua irmã – Ah, claro! Nicole.

Eu queria ficar ali e transar com minha namorada-futura-esposa e quem sabe futura mãe dos meus filhos. Experimentei a ideia e um pequeno pavor me invadiu. Eu não estava pronto para enterrar mais um

filho, ou para enfrentar o ódio de Melissa.

Ela escolheu uma calça preta, que valorizava sua bunda linda e uma camisa amarela, com gola em “V” com um decote meio avantajado. Eu não diria nada. Precisava controlar o meu ciúme. Melissa puxou o cabelo para trás, prendendo-o para trás, deixando o seu rosto livre. Aproveitei o seu momento de maquiagem para me trocar.

No caminho do restaurante tivemos algum tempo de tranquilidade. Melissa conversou normalmente com todos. Bruno não

tocou no assunto dos gritos, embora não deixasse de fazer piadas que lembrassem o que aconteceu. Foi engraçado, apesar de minhas tentativas para não rir. Mel reagiu bem, para a minha surpresa.

Escolhemos os frutos do mar, mas sempre optando por algo leve. Ninguém estava interessado em ter problemas digestivos. Bebida alcoólica também não foi uma opção. Eu optei por um suco de frutas e bastante água, estava quente demais. Melissa me acompanhou. Ela continuava triste e abalada com a nossa conversa, apesar de lutar contra o desanimo.

Quando estávamos saindo, passamos um tempo aproveitando o sol, e a brisa que estava ótima, apesar do calor. Ficamos olhando o mar, conversando e namorando, como um grupo de casais apaixonados. Até Paul estava mais receptivo

Melissa observava uma criança que brincava com o pai próximo da gente. Seus olhos demonstravam seus pensamentos. Meu coração afundou em tristeza. Aquilo seria um inferno na nossa vida. Ter filhos poderia me enlouquecer de vez. Não tê-los poderia atirar a mulher da minha

vida na mais completa infelicidade. E se eu não conseguisse ser tudo o que ela precisava? Uma criança poderia completá-la? E se perdêssemos este também? Ela suportaria? Eu não suportaria.

Aconteceu muito rápido. A criança correu e o pai se distraiu deixando-a se afastar e cair. Melissa observava tudo e correu assim que ouviu o choro. Antes que o pai pudesse alcançá-los ela já havia segurado o menino e colocado no colo. O joelho da criança, bem como a palma da mão, que ele usara para deter a queda sangrava um pouco. Mel o balançava no colo e

murmurava carinhosamente que estava tudo bem. Ela tirou uma bolsinha de sua bolsa e pegou um frasco e um pano. O pai chegou para ajudar.

- Está tudo bem. A titia só vai limpar o dodói.

- Ele está bem? – o pai estava angustiado. Ajoelhou-se de frente para a minha namorada, observando o filho e seus gestos.

- Sim – Melissa sorriu tranquilamente. – Ele é um menino forte, não é? – a criança balançou a cabeça concordando. O pai limpou as suas lágrimas. – Como é o seu nome?

- Elton – a vizinha de infância ocupando a minha mente. Como o meu pequeno Rob. Tanya nunca tinha se dado ao trabalho de fazer aquilo com ele.

- Elton! – Melissa falou animada. – Você é um lindo garoto. Lindo mesmo – a criança riu em seu colo. – Posso passar este paninho em seu dodói?

- Vai doer?

- Não. Vai deixar você ainda mais forte.

- Então pode.

O pai da criança sorriu orgulhoso do filho. Melissa, com muito cuidado e carinho, limpou o

ferimento enquanto todos a observávamos. Ela era fabulosa!

- Prontinho. Você é um menino muito corajoso. Parabéns! – ele riu e se mexeu para sair do colo da minha amante, indo para os braços do pai.

- Eu sou muito corajoso – repetiu e o pai riu.

- É sim. Meu garotinho corajoso. Agradeça à moça.

- Obrigado! – o garoto agradeceu com uma reverência encantadora e ganhou o primeiro sorriso verdadeiramente feliz dela no dia.

Durante toda a tarde aquela

imagem não saiu da minha cabeça. Melissa cuidando de uma criança desconhecida com tanto amor. Melissa querendo ser mãe. Eu apoiando uma criança quando ela precisasse de cuidados enquanto Melissa cuidava dela. Eu apoiando o nosso filho. Pouca coisa eu consegui acompanhar depois desta constatação.

Vi minha funcionária apresentar os seus pontos na reunião, incapaz de prestar atenção ao que dizia. Eu só conseguia imaginá-la grávida. Imaginar como seria. Eu estava preparado? Todos falavam, no entanto eu não conseguia

me concentrar e a tarde passou voando.

Nicole quis jantar quando a reunião acabou. Só então me dei conta de que era noite. Todos estavam famintos, menos eu. Jantamos e tentei participar da conversa. Falhei em todos os momentos. Melissa com uma criança no colo, cantando e fazendo-a sorrir. Eu conseguiria fazer aquilo?

Fomos para casa e eu fui logo tomar um banho. Passei tanto tempo quanto foi possível embaixo do chuveiro e só saí porque ela bateu na porta perguntando se estava tudo bem. Fiquei sentado na cama

aguardando-a. O que deveria fazer? Será que alguém com um passado tão podre quanto o meu poderia ter uma segunda chance? Imaginei como seria se eu pudesse levantar meu filho nos braços de novo. Imaginei como seria se brincássemos juntos outra vez. Não seria o meu pequeno Rob, mas seria uma criança minha e eu a amaria. Quando Melissa saiu do banheiro eu estava deitado de costas na cama encarando o teto e outra decisão havia sido tomada.

- Robert? Dormiu? – brincou. Levantei e abri os braços para ela.

- Vem cá! – Mel sentou em meu colo ainda enrolada na toalha

que fiz questão de tirar.

Beijei seu pescoço e deixei minhas mãos vagarem por sua pele. Mel gemeu baixinho. Beijei seus lábios, atento a todas as respostas do seu corpo. Deitei-a na cama e fiquei sobre ela, entre as suas pernas. Parei perdido em seu rosto. Melissa abriu os olhos e me encarou. Seus olhos revelavam quem era ela. A mulher mais brilhante e encantadora que eu já conhecera. A minha mulher. A minha salvação. Eu a venerava.

- O que está fazendo?

Beijei seus lábios e ela correspondeu, continuando com os

olhos abertos, confusa com minha atitude. Eu não queria mais pensar. Não havia mais espaço. Já havia me decidido. Penetrei-a vagarosamente, ciente de que ela ainda não estava totalmente pronta. A sua pergunta permanecia em seus olhos.

- Estou te dando um filho – respondi beijando seus lábios.

Mel hesitou chocada com a minha resposta, mas cedeu aos meus apelos e se entregou. Foi a melhor noite da minha vida. Dormi com o coração repleto de esperança. Melissa Simon estava me devolvendo à vida.

CAPÍTULO 25

Como Robert poderia pensar em me dar um filho assim, sem mais nem menos? E suas diferenças com Tanya? E a nossa situação? Como eu poderia engravidar sendo a sua amante? Tudo bem que eu não era a amante, mas no final das contas, não era muito diferente disso, não é? O que Robert estava planejando?

- Robert, por favor! – repeti pela milésima vez naquela manhã.

Ele havia confiscado a minha cartela de anticoncepcional. Tinha colocado na cabeça que deveríamos ter um filho naquele momento. Eu achei engraçado na noite anterior e até pela manhã quando ele beijou a minha barriga e brincou de conversar com o filho imaginário, daí confiscar minha pílula para tornar realidade, era no mínimo assustador.

- Mel, nós queremos um filho. Você não precisa mais disso – ele segurava a cartela com as duas mãos atrás das costas. Pela sua expressão eu sabia que não era uma brincadeira.

- Robert! – respirei profundamente para não perder a paciência. – Eu amo você. Eu quero que você se separe de Tanya, quero me casar com você e quero ter um filho seu. Exatamente nesta ordem. Dá para entender? Você não está raciocinando. Finalmente surtou – dei uma risada fraca sem acreditar no que ele estava fazendo.

- Eu vou fazer tudo isso. Nada impede de começarmos a nos preparar para a chegada de nosso filho – aquilo era uma piada. Uma grande e sem graça piada. – Eu não te entendo, Melissa. Você me fala de filhos, me assusta pra caralho, me

faz pensar sobre o assunto e quando finalmente eu resolvo derrubar esta barreira você recua?

- Eu não estou recuando – minha voz saiu esmagada. Eu estava emocionada e com medo. Acima de tudo com medo. – Robert, por favor! – senti as lágrimas se formarem. – Você esqueceu que Tanya está tentando me matar? Já pensou como seria eu estando grávida? – percebi seus ombros se encolherem com as minhas palavras. Eu estava conseguindo atingi-lo. - São seis meses. Não vamos conseguir esconder uma gestação de seis meses – ele sorriu e eu vi que seus

olhos brilharam com a ideia.

- Não estou te pedindo muito – disse baixinho. – Só quero que você deixe o tempo decidir quando será. Pode ser logo, ou demorar para acontecer. Mel, por favor! – seus olhos intensos me queimaram.

Como eu queria que fosse possível. Um filho de Robert, uma miniatura dele em meus braços era tudo que eu poderia desejar, para minha tristeza aquele não era o nosso momento. Eu me sentia péssima por ter sugerido, nunca passou pela minha cabeça que ele fosse surtar com a ideia. Ele não queria filhos, de repente passou a

querer mais do que tudo, como podia dizer não a ele?

- Você está louco – falei mais para mim mesma do que para ele. Ouvi o barulho da cartela sendo esmagada. – Robert! – choraminguei.

- Sinto muito! Não vou permitir que continue tomando isso – passou por mim com a mão fechada. Jogou tudo na privada e deu descarga. Deus!

- Eu vou procurar um médico hoje mesmo. Vou forçá-lo a me dar uma injeção. Não vou deixar você jogar sua vida no lixo. Não vou, entendeu? – minha raiva fazia

minhas lágrimas caírem.

- É isso o que você pensa? – ele virou para mim e seus olhos eram puro sofrimento. – Em todos estes anos eu não me permiti ser feliz. Eu abraçava a infelicidade e me julgava merecedor dela. Passei dias e dias vendo a mesma infelicidade acusatória nos olhos de Tanya. Sou obrigado a ver o meu pai em uma cama de hospital sem nenhuma esperança de recuperação. Vi meu filho morto em meus braços e jurei a mim mesmo que nunca mais permitiria que outra criança viesse através de mim. Nunca, nem por um único segundo, acreditei que fosse

mudar. Você me deu vida, Melissa!
— Robert se aproximou de mim
secando uma lágrima que escorria. —
Você me fez acreditar que ainda sou
capaz. Eu quero esse filho. Quero
você e este filho como nunca quis
nada em minha vida. Por favor!

Oh, Deus! Meu Robert,
suplicando por um filho. Suplicando
para que eu o ajudasse a deixar o
passado para trás. Não podia me
negar. Robert achava que eu tinha
lhe dado a vida, ele não entendia
que eu tinha começado a viver
quando o encontrei. Antes dele não
existia nada de importante. Nada
pelo que eu desejasse viver e lutar.

- Tudo bem! – ele suspirou aliviado, tocando profundamente o meu coração. – Mas se eu engravidar logo, vou ficar escondida de Tanya, entendeu? Vou para algum lugar bem distante até que você tenha resolvido tudo – ele riu baixinho.

- Obrigado! – seu sorriso carinhoso e cheio de amor me cativou. – Eu amo você! – beijou meus lábios e depois, inesperadamente, se abaixou e beijou a minha barriga.

Não pude evitar o sorriso que se formou em meus lábios. No fundo eu queria que precisássemos tentar

por alguns meses. Seria melhor para nós dois. Talvez eu devesse procurar um médico escondido e tomar uma injeção. Ele não saberia e ninguém sofreria. Seriam somente seis meses e depois disso, nós teríamos o nosso filho. Fiz uma anotação mental para pensar melhor sobre o assunto quando voltássemos a Chicago.

A reunião foi longa. Nicole não nos acompanhou, o que deixou Paul muito inquieto durante as longas horas que ficamos

trancafiados naquela sala. Eu o entendia. Era muito difícil ficar tranquilo com uma pessoa como Nicole solta em Sydney. Ela não era nada previsível e existia uma grande possibilidade de aprontar alguma coisa. Eu não sabia se ria ou se ficava tensa junto com ele. Apesar de tudo, fiquei satisfeita com a minha participação. Robert estava demasiadamente feliz com a nossa decisão e eu me sentia culpada por ter escolhido mentir para ele.

Tive a liberdade para discutir de igual para igual, os prós e os contras da nova aquisição do grupo. Claro que seria vantajoso, embora

fosse uma grande aposta e teríamos que analisar cuidadosamente os mínimos detalhes. Robert parecia satisfeito. Eu só não conseguia identificar se era comigo ou com a ideia de um filho. Deus, eu precisava me acostumar com a possibilidade.

Nosso terceiro dia terminou com uma excelente promessa de bons negócios e para Robert, de uma nova oportunidade de recomeçar sua vida. Liguei para Nicole assim que fiquei livre da reunião, ela estava em um shopping. Imaginei quantas sacolas minha amiga carregava. Com certeza muitas. Tive mais

certeza ainda quando vi a cara de Paul ao falar com ela. Foi engraçado.

Combinamos de nos encontrar em um restaurante bastante conhecido e que fazia frutos do mar como ninguém, conforme Nicole anunciou. Não tive tanta certeza se realmente era o que eu desejava, já que havíamos comido a especiaria no dia anterior, mesmo assim, optei por não discordar.

Robert, eu, bruno e Alexa passamos antes em casa para refrescar o corpo. O calor realmente não ajudava muito. Encontramos Nicole e Paul pouco tempo depois,

no restaurante. Era um local tranquilo e aberto. A noite estava fresca, era bom sentir a brisa soprada do oceano para o continente. As mesas não tinham nenhum tipo de biombo para nos dar mais privacidade, embora a distância de uma para a outra ajudasse um pouco.

Apesar de aberto, o local possuía certa reserva proporcionada pela luz que ficava ligeiramente ofuscada pelos lustres de vime, baixos, deixando o ambiente meio exótico. Para completar o clima discreto e romântico, no centro de cada mesa havia velas, protegidas

por compartimentos de vidro permitindo que a luminosidade alcançasse somente as pessoas que compunham a mesa. Tudo muito bonito.

Pedimos frutos do mar, de diversos tipos, e os rapazes aguardavam a refeição tomando uma cerveja, para refrescar. Robert continuava com seu jeito carinhoso e em alguns momentos captei os olhares de Paul e Nicole em nós dois. Paul parecia aliviado, o que me deixou imediatamente da mesma forma. Nicole estava radiante, conversava sem parar sobre as compras e os lugares que conhecera.

Fui obrigada a concordar em acompanhá-la na manhã seguinte para mais uma sessão de shoppings e lojas.

Bruno, Paul e Robert pareciam três crianças, com brincadeiras constrangedoras o tempo inteiro. Bruno era mais explícito, isso eu já sabia, contudo não imaginava que fosse tão longe com suas conversas pornográficas, como abrir um aplicativo em seu celular, no meio do jantar para mostrar aos outros sobre o Kama Sutra.

Na verdade ele se interessava apenas pelas posições e não pela

sua teoria que era muito mais complexa e interessante. O que mais me deixou sem graça foi quando ele disse que, na relação de posições, ele já estava na nona e que tinha feito um acordo com Alexa que experimentariam a lista inteira. Essa deixou até Alexa constrangida e tenho certeza de que ele recebeu um pisão no pé por debaixo da mesa.

De tudo isso o que me surpreendeu mais foi quando Paul disse abertamente que ele apostava que terminava a lista antes de Bruno. Nicole o encarou horrorizada, não pelo fato de fazerem as posições, e sim pelo fato de Paul entrar naquela

disputa. Robert abriu a boca para dizer algo, eu levantei um dedo em sua direção o impedindo de falar. Minha cara deixava claro que eu já tinha tido o meu quinhão de exposição para uma vida inteira. Ele deu risada e passou a mão pelos cabelos. Todos riram. Eu entendi que meu amante não desistiria de tentar também algumas posições.

Mesmo furiosa e totalmente sem graça, senti que comecei a ficar excitada só de imaginar como seria praticar o Kama Sutra com ele. Desviei a atenção para a minha bebida. Todos perceberam a vermelhidão em meu rosto e

voltaram a rir com vontade.

- Ah Mel, você nem precisa dizer nada – Bruno provocou debochado. – Todos nós já sabemos do que é capaz – tive vontade de me enfiar por debaixo da mesa e só sair quando todos tivessem ido embora. Robert passou a mão pelas minhas costas me acalmando.

- Cale a boca, Bruno! – eu, Alexa e Nicole dissemos ao mesmo tempo e todos riram.

Era tão constrangedor e ao mesmo tempo desafiador. Por mais que aquela conversa me deixasse sem jeito, eu me sentia impelida a confrontá-los. A mostrar que não era

aquela menininha inocente, deslumbrada com o chefe experiente. Droga! Meu rosto ficou ainda mais vermelho devido ao que eu comecei a dizer.

- Vocês não sabem do que eu sou capaz – eles me olharam curiosos, até mesmo meu amante fez uma expressão divertida. – Vocês sabem do que Robert é capaz. Eu ainda não mostrei nada.

Deixei que meu olhar se prendesse a bebida a minha mão, com medo de estragar o que estava fazendo, sentia a vermelhidão do meu rosto alcançar minhas orelhas e descer pelo pescoço. Puta merda!

Bruno não me deixaria em paz e provavelmente Robert também não.

- Falou a voz da sabedoria sexual – Bruno provocou.

- O que você pensa que sabe, Bruno? – meus amigos ficaram em silêncio, prestando atenção em nós dois. – O Kama Sutra é muito mais do que algumas posições. Muitas vezes você nem conseguirá sentir prazer fazendo algumas delas por não conhecer profundamente a essência de cada uma. Quando falamos do Kama Sutra, não falamos de sexo, falamos de amor, você nunca vai entender isso – falei sem pensar e sem querer acabei

revelando que conhecia a fundo o que eles conheciam superficialmente.

- E o que você pode falar sobre este assunto? – Robert me questionou não como uma reprimenda, com um interesse genuíno. – Não estou falando da sua capacidade sexual. Eu sou a prova de que você tem realmente muita capacidade – todos riram, mas a atenção continuou em mim. –Você me deixou curioso, Mel. O que está escondendo de mim?

- Eu... – fiquei intimidada pela intensidade do olhar de Robert. Existia mais do que uma simples

curiosidade ali. – Estudei um pouco sobre isso – toda a minha coragem evaporou.

- Estou aguardando – gesticulou com suas longas mãos me fazendo continuar.

- Existe uma preparação que deve ser feita antes do ato em si. O Kama Sutra ensina que o sexo é a expressão do amor. Que deve ser praticado por duas pessoas comprometidas entre si e que acima de tudo deve haver confiança, pois nele, você entende que o sexo vai muito além de uma penetração. Existe a forma certa de tocar, de beijar e de sentir. E... – olhei para

todos que me observavam com atenção. – Ele ensina que o homem deve sempre priorizar a mulher – Robert sorriu de canto. Fiquei fascinada com seu sorriso. – É meio como se ela fosse uma deusa, entende? – ele piscou dizendo que sim. – O homem deve buscar o prazer da mulher, porque o seu será uma consequência. E é isso – meu amante me olhou duvidando de que era só aquilo mesmo, mas deixou passar. Alexa olhou sugestivamente para Bruno que desviou o olhar para se safar da acusação. Eu ri.

- Fale um pouco mais desta preparação – Nicole estava bastante

interessada, concentrada, eu podia dizer. Paul riu da atenção dada pela sua namorada ao assunto.

- Compre o livro, Nicole – brinquei sem querer me aprofundar. – Além do mais, o que eu sei é apenas teoria, se vocês vão entrar nesta das posições, seria legal ler a respeito antes – ela sorriu convencida. – Você já ouviu falar de sexo tântrico?

- Li algo sobre o assunto uma vez, mas não sabia que era relacionado ao Kama Sutra.

- E não é. As pessoas confundem as coisas.

- Eu não sei o que é isso –

Bruno revelou bastante sincero.

- Eu imagino que não – ri, sendo acompanhada por meu amante que já olhava com deboche para o irmão. – Bem.. É uma espécie de preparação também, que exige um pouco mais dos participantes.

- Como assim? – Robert se interessou revelando que também desconhecia. Foi a vez de Bruno o olhar com deboche. A disputa machista entre eles chegava a ser ridícula.

- Eu não sei muito, então vocês deveriam pesquisar na internet.

Fiz cara de santa enquanto

assistia àquela exposição masculina de falta de conhecimento sexual. Tive vontade de gargalhar. Na verdade, eu pouco conhecia também, salvo por algumas coisas que havia testado por curiosidade, nada em que tenha me aprofundado, ou me empenhado a aprender. No mesmo instante lembrei de Robert dizendo que eu só conhecia amadores. Era a mais pura verdade.

- O básico é que existem passos a serem seguidos durante sete dias. Eu não lembro agora quais são, só li uma vez e não me recordo exatamente. Basicamente o primeiro dia é o mais simples, sem muitos

toques e definitivamente sem penetração e a cada dia mais coisas são permitidas, no último é que acontece o ato propriamente dito. Dizem que o prazer é tão intenso que é mais ou menos como se fossem dois ou três orgasmos e todos ao mesmo tempo.

- Mentira! – Alexa abriu os olhos me encarando como se eu segurasse um pote de ouro.

- Bom, dizem. Não posso confirmar – levantei as mãos me rendendo. Ela olhou para Bruno em uma suplica explícita, o que me fez sorrir largamente.

- Interessante! – Paul olhou de

soslaio para Nicole. Pelo olhar sabia que ele tentaria. Não fez nenhum comentário.

- Eu não tenho paciência – Bruno admitiu, fazendo com que Alexa tivesse uma reação engraçada. Ela jogou os cabelos, entortou a boca e virou o rosto para o outro lado. – Passar sete dias só de namorinho, é meio como voltar à adolescência – Robert riu e balançou a cabeça concordando.

- Eu não me importaria em voltar à adolescência – meu amante me olhou de forma quente, cheio de promessas. – Desde que pudesse entender o que são três orgasmos de

uma vez só – sua mão retirou meu cabelo do ombro e ele piscou para mim. Não como um cafajeste, como um parceiro disposto a dar sempre o seu melhor. Eu corei e meu corpo inteiro aqueceu.

Lógico que eles conversaram sobre sexo o restante da noite. Eu fazia um comentário ou outro. Bruno, provavelmente intimidado pelas minhas colocações, tomou conta da conversa e Alexa ria e desmentia algumas coisas que ele falava.

Não foi uma conversa pesada e sim uma brincadeira obscena entre amigos. Foi divertido. Quando saímos do restaurante decidimos

caminhar, como sempre fazíamos, Robert me puxou para seus braços, deixando que os outros nos ultrapassassem. Quando estávamos a uma distância segura, ele sussurrou em meu ouvido.

- Bem espertinha você, Srta. Simon.

- Apenas teorias, Sr. Carter.

- O que mais você tem de teoria para colocarmos em prática? – pensei sobre o assunto e sorri, surpresa por encontrar algo em meus pensamentos.

- Vamos ver o que posso fazer.

Toda a minha experiência se

resumia a leituras, práticas respiratórias e uma ou duas vezes que havia experimentado a sensação com meus próprios dedos, jamais admitiria este pormenor em voz alta. Imediatamente me arrependi de prometer algo novo a Robert. E se eu não conseguisse? Era lógico que não conseguiria. Um pênis é muito diferente de um dedo. Ai, meu Deus! Onde eu fui me meter?

Estes pensamentos me atordoaram o caminho todo de volta. Eu nem conseguia olhar nos olhos de Robert sem me sentir envergonhada pelo possível fracasso da minha performance. Meu amante

conseguiria arrancar o que eu tinha em mente e com certeza riria. Sim, ele riria, porque eu estava convencida de que ele já havia experimentado algo parecido com mulheres mais experientes. Droga! Eu estava prestes a inventar algum problema só para me trancar no outro quarto e não precisar passar por mais aquela vergonha.

Mesmo com toda a ansiedade, eles ainda pararam para conversar e tomar mais uma cerveja na varanda da casa. A noite estava quente demais ou meu corpo que começava a esquentar demais? Céus! Eu estava tão tensa!

Meus olhos se encontraram com os de Robert e ele sustentou nosso olhar por bastante tempo enquanto Paul e Bruno conversavam alguma besteira e riam. Senti meu corpo queimando. Como eu ainda podia arder de tesão se tínhamos transado um pouco antes do jantar? Por que não podia ser como as outras mulheres que se satisfazem com bem menos do que eu?

Era anormal, insano e animal, no entanto eu estava enlevada com todas aquelas sensações. Eu só podia estar possuída. Nunca foi assim antes. Nunca senti tanto tesão por alguém como sentia por Robert.

Não importava quantas vezes transássemos, eu sempre estava pronta e ansiosa por mais. Um analista cairia bem em um caso como este.

Eu já estava transpirando e ofegando antes mesmo de ele interromper o nosso olhar. Muito graciosamente, como só Robert conseguia ser, ele andou em minha direção e sem se preocupar com os demais, segurou em minha mão e me conduziu pela escada até o nosso quarto. Assim que a porta se fechou, senti meu estômago revirar. Não havia escapatória.

- Agora, Melissa, me mostre

tudo o que sabe.

Estávamos muito perto um do outro. Seus olhos fixos em meus lábios. Seu hálito quente e saboroso em meu rosto. Seu calor me invadindo com força.

Robert não esperou. Eu nada poderia dizer. Seus lábios se apossaram dos meus e a língua me invadiu exigindo o que era seu por direito. Minhas pernas ficaram trêmulas e a respiração acelerada. As mãos dele já vasculhavam todo o meu corpo. Mais rápido do que eu podia esperar meu vestido caiu no chão, deslizando como se nada pudesse impedi-lo de sair de mim.

Minha pele inteira ficou arrepiada quando senti seus lábios sedentos, tocarem meus seios. Ele era mestre neste tipo de carícia.

Eles sugaram até que os bicos estivessem rijos o suficiente para que seus dentes brincassem com cada um deles. Meus olhos fechados demonstravam o quanto eu estava fora do mundo. O que existia naquele momento era apenas eu, Robert e todo o nosso desejo.

Usando apenas a calcinha e saltos altos eu me sentia exposta e submissa às vontades do meu amante. Ele me percorria com mãos e lábios sem me deixar alternativas.

Como se eu realmente quisesse ter alguma. Senti seus dedos sinuosos adentrarem minha calcinha e me acariciarem num movimento lento sensual. Robert me estimulava com sua boca, beijando da minha orelha até a clavícula e depois fazia o caminho inverso apenas com seu hálito. Tremi em sua mão e tive medo de onde aquele prazer poderia me levar.

- Não vai me mostrar?

- Ainda não – sussurrei, estremecendo de medo e ansiedade.

- Venha! – Robert levou minhas mãos até a sua camisa. – Faça comigo o que quiser – me

incentivou. – Me peça o que tiver vontade – minhas mãos agarraram sua camisa. Eu me sentia corajosa. – Eu sou seu, Mel ! – sussurrou expulsando qualquer insegurança. Eu não tinha mais medo. Ele era meu e eu apenas dele.

Tirei a sua camisa sem pedir permissão. Robert apenas me auxiliava. Enquanto puxava a camisa pela cabeça, meus dedos voaram para seu peitoral exposto e perfeitamente trabalhado. Cada parte dele que tocava era mais do que desejada. Eu queria poder experimentá-lo, sentir o seu gosto na ponta da minha língua. E por que

não? Inclinei a cabeça e beijei seu peito. Ele não se moveu nem me tocou. Lentamente tracei beijos em toda a sua pele, me demorei nos bicos, onde os segurei com os dentes fazendo pressionando levemente. Robert gemeu. Suas mãos foram aos meus cabelos permitindo que eu o degustasse.

Desci minhas mãos até suas calças. Antes de desabotoá-la, rocei meus dedos em seu membro. Nada além de uma carícia tímida, que me deixou extasiada, ansiando pelo que sabia que aconteceria tão logo conseguisse livrá-lo. Abri o zíper e minha mão passou pela sua cueca,

cercando o meu objeto de desejo. O acariciei vendo-o se desfazer das calças e da cueca. Ficamos de pé, ao lado da cama, eu de calcinha e saltos e ele com as calças caídas, presas nos pés. Minha mão se movimentando lentamente. Robert gemeu baixinho desfrutando da leve pressão que fazia em seu membro.

Como se estivesse acordando de um transe, suas mãos se enfiaram em meus cabelos e rapidamente se livrou do que restava de suas roupas, empurrando-as com o pé para um canto qualquer do quarto. Ele sentou na beira da cama e me posicionou entre suas pernas. Suas

mãos acariciavam de minhas costas à bunda sem permanecer muito tempo em um só lugar.

- E agora? Vai me mostrar? – a voz meio rouca de prazer fez com que correntes elétricas passassem pelas minhas veias.

- Ainda não – sorri timidamente, sentindo meu rosto aquecer. Quanto mais ele me cobrava e demonstrava ansiedade em descobrir o que eu tinha em mente, menos corajosa eu me sentia.

- Tudo bem então.

Não havia percebido que ele estava com as mãos em minha calcinha. Estive tão perdida em

pensamentos preocupada com a minha coragem em demonstrar o que achava que sabia, que não notei que elas não percorriam mais o meu corpo.

- Não vai se importar se eu fizer isso – e, sem muito esforço, minha calcinha se desfez em suas mãos, rasgada e inutilizável. O que sobrou caiu entre as minhas pernas me deixando nua diante dele.

Putá. Que. Pariu!

Foi a sensação mais orgástica que já tive com Robert sem ser tocada por suas mãos.

Fechei os olhos e quando os abri eu era outra pessoa. Não havia

nenhum traço de medo. Eu era apenas desejo, ansiedade e prazer. A mais pura luxúria habitava em meu corpo naquele momento. Eu estava embriagada e a minha única bebida era Robert.

Empurrei-o até que estivesse deitado na cama, e quase que imediatamente o encaixei em mim, sem nenhum cuidado ou sutileza. Gemi de dor ao senti-lo me penetrando e depois de prazer ao perceber que meu corpo se adaptava perfeitamente ao dele, se acomodando confortavelmente.

Apesar de surpreendido pela minha reação, Robert não ficou

parado, rapidamente suas mãos começaram o trabalho e uma me auxiliou pelos quadris forçando a sua entrada em meu sexo úmido, enquanto a outra estimulava meus seios, apertando e acariciando cada um deles com a precisão do *expert* que era.

Quando ele já estava totalmente dentro de mim, suas mãos me auxiliaram com a força necessária para que eu subisse e descesse em um movimento necessário. Até que me senti pronta.

- Pode me mostrar agora? – pediu ofegante.

Nossos olhos se encontraram

e eu pude ver que ele não esperava que eu fizesse nada. Seu sorriso, mesmo afetado pelo prazer, revelava que estava brincando quando me cobrava, simplesmente por não acreditar que eu pudesse dar a ele algo daquela magnitude. Sem pensar um só minuto decidi arriscar. Juntei todo o meu conhecimento e a minha pequena, quase inexistente experiência e em um único movimento puxei o ar dentro de mim. Foi um movimento quase insignificante para seus olhos, porém dentro do meu ventre eu sabia que era a pressão correta.

Imediatamente todos os

músculos do meu sexo se retraíram. Minha vagina se fechou em um aperto forte, mais forte do que eu esperava, ou imaginava ser capaz. Forte demais para dizer a verdade. Surpreendido pelo meu gesto, Robert gritou e jogou a cabeça para trás.

A minha sensação de vitória foi inestimável. Pela primeira vez em minha curta vida ao lado de Robert eu o tinha feito gritar, ao menos de prazer. A reação dele foi demasiadamente estimulante aos meus olhos.

Mantendo-o seguro dentro de mim, iniciei a subida, lenta e

sensualmente. Dividia com Robert a sensação de ser apertado. Ao prendê-lo, eu estimulava todas as minhas terminações nervosas, intensificando o prazer para os dois.

As mãos de Robert se fecharam em meus quadris enquanto ele usufruía e se deleitava com o prazer que eu lhe proporcionava. Quando o libertei, ele arfou e puxou o ar com força. Seus olhos cerrados deixavam claro a intensidade das suas sensações. Repeti o processo novamente só que descendo. Mais uma vez Robert gritou.

- Porra, Mel! – arqueou o corpo em espasmos quase

descontrolados. – Puta que pariu! Puta merda! – se contorceu embaixo de mim tentando retardar a chegada do prazer.

Parei a pressão que fazia em seu membro e mantive apenas o movimento de sobe e desce. Robert abriu os olhos para me encontrar. Eles estavam em chamas. Levantou e me beijou com ardor me envolvendo pela cintura com seus braços.

- Continua – implorou.

Quase que involuntariamente repeti a pressão. Passada a primeira sensação, a prática tornou-se mais fácil, como se eu tivesse anos de experiência naquela matéria. Robert

se deixou cair de costas no colchão e sua boca se abriu em mais um grito extasiado. Eu sabia que todos ouviriam se estivessem prestando atenção, é claro, contudo este detalhe não me incomodava, não mais do que a deliciosa sensação de ter Robert tão submisso e vulnerável embaixo de mim, se contorcendo de prazer.

- Ah, Mel!

Sentia o aperto de suas mãos em minha cintura, me forçando para baixo, como se ele quisesse alcançar o mais profundo do meu ser. Tal atitude me impelia a continuar, porém meu corpo não suportaria

muito mais daquele sofrimento prazeroso. Eu sabia que em breve me entregaria ao orgasmo. Não antes de fazê-lo se render aos meus pés.

- Você gosta assim? – tentei parecer o mais inocente possível, mas intensifiquei o aperto e Robert gemeu forte mordendo os lábios. – Diz – o estimulei enquanto subia e descia cada vez mais rápido e apertado.

- Você é perfeita, meu amor! Não para! – implorou ao sentir que eu afrouxava o aperto em seu membro. – Não para, Mel! Eu quero mais – outra vez levantou o corpo esmagando seus lábios nos meus.

Com as mãos o levei a deitar e com o meu corpo sobre o dele, iniciei um movimento apenas com os quadris, subindo, rebolando, sugando-o para dentro de mim em um abraço apertado, e descendo. O movimento simulava o sexo oral, só que sem os lábios.

Colei meus lábios nos dele e abafei seus gemidos. As mãos de Robert acariciavam minha bunda, seus movimentos eram suaves, uma prova de que ele não tinha mais controle do próprio corpo, estando apenas saboreando minhas ações.

- Diz para mim o quanto gosta – sussurrei em seus lábios.

- Eu adoro. É muito... – o apertei com mais intensidade. Ele arfou. – Delicioso! – disse por fim.

- Eu quero ouvir alto, Robert.

Por essa Bruno não esperava. Duvido que ele conseguisse superar aquilo. Eu só receava que meu amante não superasse, mas o que eram alguns gritinhos, perto do que ele já tinha me feito passar? Seria a vingança perfeita.

- Diz para mim! – recomecei meus movimentos. Subir, rebolar, pressionar e descer, com ele preso em mim. Era quase sufocante a iminência do orgasmo.

- Isso, Mel! – disse mais alto.

– Assim, amor. Assim – seus gemidos já ecoavam.

- Diz pra mim! – o estimulei sabendo que faltava muito pouco para que gozássemos.

- Perfeita. Você é... – ele gemeu muito alto enquanto eu o apertava não apenas com a minha técnica, meu próprio sexo pulsava anunciando o orgasmo. Era algo voraz e eu sabia que sobraria pouco de mim depois disso. – MARAVILHOSA! – Robert se rendeu ao prazer assim que me sentiu alcançar o meu.

Como eu tinha imaginado, o orgasmo era duas, três vezes mais

intenso. Algo fora da realidade, definitivamente. Entregue ao prazer eu não sabia quem gemia mais alto, eu ou ele. A única coisa que consegui ter consciência foi que ele estava com o corpo levantado e me segurava pela cintura enquanto suas mãos me apertavam com força. Robert tremia, convulsionado pelo gozo.

Nossa respiração estava pesada. Ficamos assim por Deus sabe quanto tempo, até que ele me segurou, saindo de dentro de mim e me deitando ao seu lado na cama.

Devo dizer que meu corpo não era nada além de um boneco de

pano nas mãos dele. Eu estava exausta, quase à beira de um sono profundo. Robert riu em meu rosto tirando o cabelo grudado ali pelo suor do esforço e seus dedos me acariciaram.

Estávamos acordados há algum tempo. Eu completamente moída, enquanto Robert se ocupava de massagear o meu corpo. Era algo extremamente estimulante, depois das peripécias na noite anterior. Ele tagarelava sobre os nossos planos e seu estado de espírito era tão

maravilhoso que eu tinha medo de falar e acabar estragando tudo.

Não teríamos nenhum compromisso aquela manhã, por isso podíamos nos dar ao luxo de permanecer na cama até tarde. Confesso que estava muito envergonhada também, afinal, tinha passado dos limites fazendo Robert gritar de prazer. Por isso adiava o máximo possível a nossa descida. Eu tinha receio de encarar Bruno.

Robert estava deitado nu na beira da cama, segurando em meus pés e massageando-os. Ele estava todo atencioso, desde que eu tinha, falsamente, concordado em tentar

engravidar. Eu o observava, meio fascinada pela beleza de sua nudez, e meio pelos sentimentos despertados por aquela atenção e dedicação do homem que eu amo.

- Quando nosso filho nascer, eu vou mandar instalar um parque de diversões só para ele – dei risada. – Não vou colocar nenhum brinquedo perigoso, claro, mas faço questão de um carrossel e uma roda gigante – ri novamente. – Não tão gigante.

- Quando ele nascer não vai ter condições de brincar com nada – ri e ele beijou meus dedos dos pés. Eu senti o reflexo mais ao centro do meu corpo.

- Ele vai ficar fascinado pelas luzes – meu amante levantou a cabeça e capturou meus olhos. – Você nem faz ideia do quanto anseio por isso, Melissa – suas mãos passaram pelos seus cabelos e seus olhos ficaram intensos.

- Tudo bem. Mas não faça nada antes do tempo. Antes de pensarmos em qualquer parque temos que pensar no local em que vamos montá-lo. Eu tenho uma ideia, só não sei se você vai concordar.

- Sou todo ouvidos – sorriu despreocupado e beijou meus pés. Quase não consegui pensar de maneira coerente.

- Pensei na sua casa. Aquela que você me levou para as nossas noites – Robert interrompeu seus carinhos, me observando com atenção – Tem espaço para um parque. É grande o suficiente para criarmos nossos filhos – ele ficou mudo. Imediatamente percebi que havia algo estava errado. – Ou não. Podemos pensar em algum lugar, quando acontecer. Temos tempo. – deixei o assunto morrer diante da sua reação. - Robert?

- É que... Mel... Meu filho... Foi lá que tudo aconteceu – revelou ficando tenso imediatamente.

Parei surpresa com a sua

revelação. Nunca, em nenhum momento, imaginei que aquilo fosse possível. Tão rápida quanto a surpresa, foi a minha constatação. Em todos os meus pesadelos, era lá que tudo acontecia. “*Como não pensei nisso antes?*” Robert deitou de costas e encarou o teto. Tive vontade de acolhê-lo em meus braços, no entanto aquele era o seu momento. Bastava que eu estivesse ali para quando ele precisasse.

Meu amante passou algum tempo perdido em seus pensamentos. Depois reiniciou as suas carícias em meus pés. Demorei mais do que o normal para reagir a suas investidas.

Quando consegui olhá-lo novamente ele estava atento a minha reação.

- É uma boa casa. Talvez possamos colocar o parque no jardim do fundo, perto do lago – disse simplesmente.

- Robert, não precisamos.

- Tudo bem, Melissa. Vai me fazer bem, ver aquela casa cheia de vida outra vez – ele me encarou e novamente beijou meus pés. – Você é a criatura mais fantástica que já conheci nesta vida. Veja só o que está fazendo comigo – riu baixinho e suas mãos percorreram minhas pernas até onde elas alcançavam. Senti calafrios. – Eu acho – beijou

meus tornozelos. Um de cada vez. – Que poderíamos – seus lábios roçaram minhas pernas. – Praticar – Robert beijou a parte interna de minhas coxas. – Mais – seus lábios estavam quase lá. Meu coração acelerou. – Um pouco – ele passou a língua pressionando o centro das minhas pernas. No meu sexo já úmido.

Putá merda! Robert me enlouquecia com aquela montanha-russa de emoções. Por alguns segundos achei que ele não conseguiria sair da tristeza que eram as lembranças do seu filho, e então ele me surpreende pronto por mais

uma sessão de sexo. Só o meu Robert para fazer aquilo.

- Nós acabamos de transar. Você não pode estar pensando em...

Seus olhos correram para seu próprio corpo e eu o acompanhei. Robert estava excitado. Completamente ereto. No ponto certo. Não sei o que reagiu primeiro, minha boca salivando, fascinada pela magnitude de sua ereção e das lembranças do seu gosto em minha boca, meu ventre se contorcendo, reivindicando a sua presença dentro de mim, ou o meu coração disparado reagindo à emoção de constatar o quanto ele me desejava.

- Robert!

- Vem cá! – suas mãos me puxaram para um beijo forte e cheio de desejo. Por um breve minuto elas se demoraram em meu pescoço, para logo em seguida me guiarem para o que ele realmente desejava de mim naquele momento.

Enquanto ele me mostrava suas reais intenções, aproveitei e passei a língua pelo seu caminho até chegar ao destino. Robert acariciou minha cabeça enquanto eu me preparava para ele. A emoção ocupando o momento que antecipava o meu ato.

Eu o envolvi em minhas mãos

e antes de projetá-lo em minha boca, arrisquei uma olhada rápida para meu amante. Ele me olhava atentamente pelo longo segundo que antecedeu até que, sem desviar o olhar, passei a ponta da língua apenas na glândula. Robert fechou os olhos e segurou com força em minha cabeça. Enquanto jogava sua própria cabeça para trás em uma reação de prazer, suas mãos forçavam minha boca a engoli-lo até o seu limite.

Eu o saboreei sentindo cada centímetro seu invadindo a minha boca. Quando Robert não cabia mais em mim, circulei seu membro com a língua e o suguei vorazmente. Ouvi

seu gemido alto e novamente ele arremeteu contra minha boca.

Desta vez ele levantou os quadris empurrando-o e com as mãos forçou a minha cabeça para baixo. Senti que ele adentrava em minha garganta e puxei o ar pelo nariz com força impedindo a ânsia de vômito que normalmente acontecia, e iniciei os meus próprios movimentos.

Segurando-o pela raiz, o suguei com vontade levantando a cabeça até a ponta e descendo até o seu limite. As mãos dele seguravam meus cabelos com força na nuca, acompanhando e me auxiliando. Os

seus gemidos eram o meu maior estimulante. Robert segurou o próprio pênis ao mesmo tempo em que o tirava de minha boca.

- Assim! – me guiou, fazendo com que meus lábios corressem sua extensão pelos lados. Quando cheguei ao seu final fiz o caminho de volta com a língua. – Ah, Mel! – ele gemeu. – Você é maravilhosa! – eu o engoli novamente. – Porra! – disse se contraindo, deixando que uma parte do seu gozo escorresse. – Não assim, meu amor. Não quero desse jeito.

Eu o sugava avidamente, forçando-o em minha boca como se

ele estivesse me possuindo. Tive o cuidado de deixar meus lábios tão apertados como se ele estivesse realmente entrando em meu sexo. Talvez isso reavivasse suas lembranças da nossa última noite. As minhas bochechas apertadas como a parede da minha vagina.

- Argh! Não! – Robert me puxou com força e tão rápido que não tive noção de como havia acontecido, me envolveu em seus braços e se deitou sobre mim, levantando minhas pernas para prendê-las em sua cintura. – Sua monstrinha - mordeu o meu pescoço. – Não vou perder esta oportunidade

de fazer o meu filho – ri debochada.

- Você já contribuiu bastante de ontem para hoje – procurei seus lábios sentindo fome do amor que ele estava prestes a me dar.

- Eu não disse? Seu gosto, junto ao meu... – sorriu lindamente. – Combinação fantástica – e me beijou.

Seguindo a intensidade do nosso beijo, e pela facilidade que encontrava para entrar em mim, devido à minha excitação absurda, senti seu membro me penetrar profundamente. Robert não foi nada cuidadoso e eu agradeci por isso. Não suportaria delicadeza estando

tão excitada como estava. Seus movimentos foram fortes e precisos. Controlei meus gemidos, ciente de que todos poderiam nos ouvir.

Tenho certeza de que Robert sabia o quanto eu tentava controlar meu ímpeto e por isso resolveu que me levaria ao limite. Enquanto seus movimentos firmes e fortes arrancavam de mim o que podiam ele mordeu com força o bico de meu seio, sugando-o como eu tinha feito momentos antes. Mordi seu ombro tentando controlar o gemido alto que tentava escapular. Ele riu e levantou-se afastando seu tronco e seu ombro de meus dentes.

- Não faça isso! – protestei sem muita força para pensar em algo não relacionado às sensações que ele estava me proporcionando.

- Isso o que? – levantou ainda mais as minhas pernas e estocou mais forte.

Quando meu amante fazia aquilo, eu não o sentia apenas entrando em mim através do meu sexo, mas, de maneira incrivelmente sensual, podia sentir, mesmo levemente, seus testículos batendo no pequeno caminho que ligava meus dois pontos de prazer, um deles recentemente descoberto. A sensação era indescritível.

Ele me puxou para cima, deixando-me apenas com a cabeça e os ombros no colchão. Meus quadris completamente levantados, minhas pernas presas a sua cintura. Robert sabia que aquilo me enlouqueceria e por este motivo, arremeteu cada vez com mais força.

- Vamos, amor! Esqueça quem está lá fora. Quero ouvir seu prazer – eu estava em meu limite. Sabia que a qualquer momento explodiria. Segurou meus seios acariciando-os com vontade. – Mais alto amor – gemeu em meu ouvido e voltou para a sua posição tão alucinante.

Sem condições de reagir

contra, ouvi meus gemidos aumentando de volume. Não tive tempo de pensar no que estava fazendo, e no instante em que meu corpo se convulsionava numa queda vertiginosa, gritei seu nome com reverência e amor.

- Ah! Mel! – ele gemeu entrando mais forte e se apertando em mim.

Em algum lugar da minha consciência eu sabia que ele estava gozando, mas me recusava a interromper o meu orgasmo para observá-lo. Foram apenas alguns segundos, mas dentro de mim foram os segundos mais extensos que já

vivi.

- Ah, Deus! Como eu te amo!

– capitulei ainda longe da nossa realidade.

CAPÍTULO 26

Eu estava quase dormindo de novo quando Robert me levantou da cama indo em direção ao banheiro.

- Robert! – protestei voltando a fechar os olhos. – Me leve de volta para cama.

- Dia de compras com Nicole. Esqueceu? Não vou deixar você dormindo a manhã toda e depois ser acusado de te cansar ao ponto de

não cumprir com seus compromissos. Deus me livre de passar um dia inteiro ouvindo as reclamações da minha irmã – de risada, apesar de me sentir completamente fraca até para isso.

- Ai, meu Deus! Eu esqueci que precisaria de minhas pernas – Robert beijou meu rosto com carinho me depositando na banheira.

- Relaxe! – deixei-me deitar, enquanto ele saía para fazer alguma coisa que não tive a mínima vontade de procurar saber o que era. Minutos depois meu namorado voltou, falando ao celular com Adam. Robert parecia preocupado. Abri os

olhos e o vi encostado a pia do banheiro.

- Não posso voltar agora – foi incisivo e duro. – Ela é sua irmã também – era de Tanya que eles falavam. Estremeci. – Não interessa se vocês não são irmãos de verdade. Eu não posso largar tudo voltar apenas para curar um chilique de Tanya – ficou em silêncio por um curto tempo. – Ligue para Frank e diga a ele o que está acontecendo – silêncio e explosão. – Não é da sua conta o motivo de eu mandar chamar Frank, Adam! Você pode cumprir minhas ordens sem contestar? Sim. É uma ordem. Nossa segunda maior

acionista está com problemas dentro da empresa, ligue para Frank e peça que ele cuide disso. E chame um médico enquanto ele não chega – revirou os olhos. – Eu sei o que estou fazendo – e desligou o telefone.

Sem dizer uma palavra, andou até a banheira e sentou do lado de fora. Às minhas costas. Para massageá-las. A pressão de suas mãos era mesmo relaxante. Mas eu estava tensa demais.

- Não vai entrar? – eu queria perguntar o que estava acontecendo, ele não tinha dito nada, o que me deixou na dúvida se seria mesmo da

minha conta.

- Não. Você é uma tentação grande demais. Prefiro ficar do lado de fora – riu, sua irritação era perceptível. O telefone tocou novamente. Robert, mesmo contra a vontade, levantou para atender.

- Frank. Sim – ficou em silêncio. – Não é problema meu – ele estava arredio. – Sim. É um problema seu – parecia zombar de alguma coisa. Que merda de conversa era aquela? – Você come a minha mulher, e na hora em que ela precisa, você não quer ajudá-la? Muito cômodo, Frank! – Robert parecia sentir raiva e me perguntei

se ele ainda via Tanya como sua mulher. Também fiquei surpresa com suas palavras. – Sem esta conversa. Eu sempre soube de vocês dois. Por mim Tanya morre e acaba de uma vez por todas com os meus problemas – fez silêncio. – Você deveria saber o que está acontecendo. É quem frequenta a cama dela – mais uma vez me questionei sobre o quanto aquilo incomodava Robert. – Ela é sua obrigação. Cuide disso – e desligou.

Eu estava tensa, curiosa e aborrecida pela entonação de suas palavras. Uma vez Robert me disse que amou muito Tanya. Seria

possível que ele ainda a amasse? Sim. Seria. A mágoa pode ser grande, mas quando um amor é forte e verdadeiro nada consegue matá-lo. Nem mesmo tudo o que Tanya havia feito. Fechei a cara e comecei a passar a esponja pelo corpo. Eu queria acabar logo com aquele banho.

- O que houve, Melissa? – ficou impaciente.

- Nada! – não me atrevi a olhá-lo. Eu estava furiosa.

- Tanya passou mal na empresa e Adam queria que eu voltasse para ficar com ela – suspirou nervoso. Balancei a cabeça

sem coragem de encará-lo. – Frank vai cuidar de tudo.

- E você está incomodado por ele comer a sua mulher – afirmei deixando a minha raiva transparecer. Robert riu baixinho.

- Eu queria intimidá-lo.

- Claro – esfregava a esponja com tanta força que marcas vermelhas começavam a aparecer. – Qualquer dia desses vou encontrar Dean com sua nova namorada e dizer a ela para cuidar dele e transar de maneira bem gostosa porque ele agora é responsabilidade dela – não me dei o trabalho de olhá-lo. Eu sabia que Robert ficaria furioso com

minhas palavras. O silêncio se prolongou e ficou insuportável.

- Você está certa. Desculpe! Eu só... – parou um instante puxando o ar. – Fiquei pensando sobre o que ela aprontará dessa vez. Mas você tem razão. Eu não devia ter falado desta forma – Robert voltou a se posicionar atrás de mim. – Se algum dia você chegar perto de Dean outra vez, mesmo que para dar conselhos a nova namorada dele, não vai sobrar nada de você para contar a história – brincou, mas a ameaça era real.

De banho tomado e vestidos, decidimos descer e encontrar o pessoal para a fatídica manhã de compras. Ainda não havia entendido o motivo de Robert estar tão interessado em nos acompanhar, sentia o cheiro de algo escondido naquela decisão. Eu só esperava que ele não aprontasse nada.

Descemos as escadas de mãos dadas, já ouvindo as conversas e brincadeiras vindas da cozinha. Assim que entramos o silêncio foi total. Quatro pares de olhos nos encaravam incrédulos e divertidos. Meu rosto queimou e Robert apertou minha mão transmitindo calma e

segurança. E então o inesperado aconteceu. Sem mais nem menos, eles começaram a nos aplaudir.

Céus! O que significava aquilo?

Eles aplaudiam e riam ao mesmo tempo. Até Bruno se rendeu a brincadeira. Robert me puxou para seus braços e com um sorriso que demonstrava o quanto estava constrangido, enterrou o rosto em meus cabelos, beijando meu pescoço. Não preciso dizer que apesar de achar engraçado, eu estava morrendo de vergonha.

Enquanto andávamos para assumirmos nossos lugares à mesa,

Bruno e Paul bateram na mão de Robert, cumprimentando-o e Alexa falou um singelo “sou sua fã”, enquanto eu passava por ela. Bruno me olhava de maneira divertida, embora eu soubesse que ele não deixaria barato. Algum plano já tinha bolado e estava prestes a colocá-lo em ação.

Saímos juntos e começamos a nossa penitência. Nicole estava animada, os rapazes calados demais. Caminhavam os três juntos, atrás de nós três. Eu e Alexa tentávamos acompanhar a empolgação de Nick, parando em cada vitrine para olhar sapatos, bolsas e roupas.

Em determinado momento, percebi que os eles estavam um pouco distantes. Bruno mostrava alguma coisa no celular para Robert e Paul e os dois riam. Depois Paul começou a falar de alguma coisa e Robert acrescentava algo. Eles riam e se divertiam e eu tinha certeza de que conversavam sobre a noite anterior. Meu rosto pegou fogo.

- Então você colocou Robert para gritar? – Alexa começou enquanto prendia a fivela de uma sandália que experimentava. Eu ri, constrangida com sua abordagem direta. – Eu tive que mandar Bruno calar a boca para entender o que

Robert estava dizendo. Fiquei chocada – ela riu.

- O que você fez? – Nicole sentou do outro lado e me encarou. Em suas mãos estavam os pares de sapatos que ela havia escolhido.

- Sério que vocês estão me perguntando sobre como eu transei com meu namorado? – foi a minha tentativa de deter a chuva de perguntas que eu sabia que viria. Foi impossível.

- Você tem obrigação de compartilhar com suas amigas detalhes sórdidos – Alexa cobrou com indignação. – Fiquei curiosa, apesar de sempre precisar controlar

Bruno quando estamos transando. Ele adora barulhos – seus olhos brilharam. Alexa amava Bruno, mesmo ele sendo aquele brutamontes bobão.

- Conta, Mel! Eu preciso fazer isso com Paul – Nicole estava empolgada como sempre. Suspirei.

- Pompoarismo. Não me pergunte o que é nem como se faz. Eu já extrapolei em minhas informações – imediatamente Nicole pegou o celular e digitou algo nele. Em seguida começou a ler.

- “O pompoarismo é uma antiga técnica oriental, derivada do tantra, que consiste na contração e

relaxamento dos músculos circunvaginais, buscando como resultado o prazer sexual. Para o domínio da técnica são realizados com o auxílio dos ben-wa, que consistem em pequenas bolas ligadas através de um cordão de nylon, conhecidas também como bolinhas tailandesas (no caso das mulheres), e na contração na musculatura no esfíncter e dos músculos do períneo (no caso dos homens). Afirma-se ainda que o pompoarismo pode ser benéfico contra incontinência urinária e na preparação do canal para partos mais fáceis.”

- Então você consegue contrair lá embaixo para proporcionar mais prazer ao cara? – Alexa questionou com muito interesse. – Eu comprei as bolinhas uma vez, mas nunca me arrisquei a tentar. Vou pensar melhor no assunto – e recomeçou a prender as fivelas. – Ficou bom? – fiquei um pouco confusa com a mudança súbita da conversa.

- Sim. Ficou linda!

- Você precisa me ensinar a fazer isso – Nicole segurou em meu pulso, meio histérica. – Paul vai ficar doidinho se eu fizer com ele.

- Compre as bolinhas e

comece a treinar – Alexa disse sem prestar muita atenção, olhando para as sandálias em seus pés pelo reflexo do espelho. – Você comprou as bolinhas? – perguntou para mim voltando a se interessar.

- Na verdade, não – admiti. – Fiz os exercícios de respiração e consegui alguns resultados.

- E como soube que estava dando certo. Você não tem que segurar a bolinha lá dentro?

- Na verdade – Deus, eu precisava fugir daquilo. – Eu testei com o dedo – admiti querendo enfiar minha cara em um buraco. Elas riram alto.

- Boa técnica – e assim Alexa finalizou a conversa.

Nicole estava bastante interessada em sua viagem pela *Wikipédia*, tentando absorver o máximo de informações possíveis e acabou não levando sapato nenhum. Eu comprei uma sandália, de salto alto e fino, na cor azul, como não podia deixar de ser. Lembranças! Suspirei alto. A sandália era linda, e cara. Meu cartão não me permitiria comprar mais nada. Saímos da loja e encontramos os rapazes do lado de fora, entretidos em sua conversa. Robert me segurou pela cintura e começou a andar acompanhando

Nicole, perdida em suas pesquisas.

Entramos em mais uma loja de roupas. Não queria comprar mais nada, no entanto Nicole exigiu que eu experimentasse um vestido que ela acreditava ficar perfeito em mim. Prometi a mim mesma que experimentaria e nada mais. Nem sob tortura gastaria mais um centavo com roupas caras. Fomos para o provador, que ficava em um canto, aos fundos da loja, afastado e escondido atrás de umas araras.

Duas vendedoras nos olharam sem muito interesse. Nicole atirou mais algumas peças para mim antes de se trancar em seu provador

abarroado de roupas. Onde ela guardava tudo o que comprava? Um *closet* não seria suficiente. Balancei a cabeça incrédula. Nick era compulsiva.

Alexa entrou no provador da outra ponta deixando o do meio para mim. Entrei sem muita vontade. Retirei o vestido que estava usando, ficando apenas de calcinha e procurei o que Nicole havia insistido que eu experimentasse. Ele estava embaixo da pilha de roupas que ela separou alegando ser perfeito.

Sem muita vontade deixei que escorregasse pelo meu corpo. Era

lindo realmente e combinava perfeitamente bem com a sandália que eu havia acabado de comprar. Girei o corpo para ver de vários ângulos e me peguei pensando em quantas parcelas eu poderia pagar por ele. Minha conta ficaria com um belo rombo até o final do mês. Foi quando tudo começou.

Ouvi a porta do provador de Alexa abrir e imaginei se ela tinha realmente experimentado todas aquelas roupas, então ouvi seu gritinho de susto e depois um risinho fraco.

- O que está fazendo aqui? – perguntou sussurrando. A parede

fina que nos separava me permitia ouvir a conversa. — Bruno! — protestou com a voz fraca. Puta que pariu! Bruno havia entrado no provador de Alexa. Ai, meu Deus! O que eles fariam? Senti meu rosto ficar vermelho.

- Adivinhe! — sua risada não saiu tão baixa assim.

- Nem pensar. Está doido? — ouvi o barulho do encontro dos lábios dos dois em um beijo apaixonado e barulhento. — Bruno! — ela tentou protestar. — Aqui não! — eu podia jurar que ouvia o barulho das mãos de Bruno no tecido da roupa de Alexa. Eu precisava sair dali.

- Eu quero você – ele disse com a voz abafada e quase inaudível. Eu estava mesmo prestando atenção? Um misto de medo, vergonha e ansiedade. Ouvi algum barulho como se eles estivessem roçando na parede. Tentei imaginar a cena e fiquei ainda mais ruborizada.

- Não, meninão – meninão? Oi? Tapei a boca para não rir. Apesar de patético, combinava perfeitamente com ele.

- Sim, bebezona – eles gemeram e eu quase gargalhei. Meninão e bebezona.

- Você já está “achim”? –

Alexa falou com voz de criança. Melosa e engasgada. Se eu não soubesse o que eles estavam prestes a fazer poderia jurar que era uma comédia.

- Sempre pronto para você. Vem aqui pro seu meninão – Bruno queria me mostrar. Quando ela gemeu anunciando a penetração eu decidi que era a minha deixa para sair. Não compraria nada mesmo então não havia necessidade de experimentar mais nenhuma peça.

Abri a porta e dei de cara com Robert. Seus olhos decididos me deixaram alerta. Com uma das mãos ele me empurrou de volta para

o provador e com a outra colocou um dedo em meus lábios pedindo silêncio. Com os olhos o questioneei. Meu amante sorriu torto retirando as roupas de minhas mãos e deixando-as de lado. O provador era pequeno e ficou ainda menor com ele e toda a sua presença esmagadora. Nossos olhos não se desviaram um só segundo.

Eu podia ouvir Bruno e Alexa, mas a minha atenção estava transtornada com a presença de Robert. Nada disso me impediu de constatar que Bruno, pelo menos em relação ao que ouvia, se comparava realmente a um menino. Era

embaraçoso.

- Ouvindo Bruno e Alexa? – sussurrou muito baixo em meu ouvido.

No mesmo instante ouvi a porta do provador de Nicole e ela começar a dizer alguma coisa para logo em seguida se calar. Mais movimentos dos dois lados. Eles estavam todos doidos.

- Deixe-me sair daqui – disse um pouco mais alto.

- De jeito nenhum, Srta. Simon – suas mãos estavam em meu vestido puxando-o para cima.

- Robert, não! – tentei lutar contra suas mãos, mas ele era mais

forte do que eu.

- Shiiiiiii! – disse em meu ouvido. – Se não quiser que eles ouçam o que vamos fazer aqui é melhor ficar bem quietinha.

- Robert! – implorei já em pânico.

- Jogue comigo, Melissa!

Sua voz baixa e rouca de desejo acionou alguma coisa dentro de mim. Eu já estava molhada antes mesmo de ele encostar os lábios em meu pescoço, correr suas mãos pelas minhas coxas e pressionar seu corpo ao meu. Eu era refém de Robert e não fazia nenhum esforço para escapar. Ouvi quando Nicole

gemeu baixinho e implorei para que ninguém conseguisse me ouvir. Bruno e Alexa eram algo mais espótico.

Robert alcançou meus lábios em um beijo sensual e lento. Suas mãos percorriam meu corpo sem muita pressão, apenas uma carícia leve e estimulante. Seus dedos roçaram meus seios por cima do vestido. Sua língua experimentou a minha saboreando-a. Seus movimentos eram uma suplica muda. Eu correspondia a seus apelos.

- Posso? – ele estava pedindo a minha permissão? A reação do meu corpo já não era o suficiente

para que entendesse que podia continuar?

- Por que isso?

- Quero você!

Seu sussurro atrás da minha orelha fez a resposta ecoar no centro do meu corpo. Robert passou a mão por dentro da minha calcinha. Eu lutava para reprimir meus gemidos.

- E isso é uma aposta. Quem não conseguir paga o almoço – ele analisou meus olhos. - Eu posso parar se você quiser – avaliei a sua postura. Era muito justo que Robert me contasse que se tratava de uma aposta. Fiquei feliz pela sua sinceridade, não passando por cima

dos meus sentimentos, ou me impondo a sua vontade. Sorri.

- Ora, Sr. Carter, o senhor pode facilmente pagar o almoço – ele arqueou uma sobrancelha e comprimiu os lábios em uma linha fina.

- Posso – admitiu. – Mas não quero. Principalmente quando se trata de perder para Bruno e Paul.

- Quanto machismo!

- E então?

- O que vou ganhar com isso? – levei minha mão ao seu peito, mantendo uma distância segura de seus lábios.

Robert abriu um sorriso

divertido, um tanto quanto debochado. Como se estivesse me dizendo que eu sabia muito bem o que ganharia permitindo que transássemos naquele provador.

- Além disso, Sr. Carter. Prazer eu consigo até sozinha – um brilho luxurioso passou por seus olhos. Imediatamente me arrependi de lembrá-lo daquele detalhe.

- E o que a deliciosa Srta. Simon gostaria de obter em troca do prazer proporcionado ao seu chefe? – ele tentou me beijar, me afastei a tempo.

- Depende!

- O tempo está passando,

Melissa. Decida-se.

- Se eu proporcionar só um pouco de prazer ao meu chefe quero uma pequena lembrança do nosso momento. Se for bom, mas não tanto quanto gostaria, o senhor paga o meu almoço, e se for muito bom, do nível “festa no céu”, o senhor escolhe a melhor forma de me recompensar – Robert riu e mordeu os lábios.

- Tipo “festa no céu”?

- Hum, hum!

- Fechado – ele riu colando nossos corpos na parede do provador.

- O que devo fazer? – Nossa conversa sussurrada ao pé do

ouvido com certeza não podia ser ouvida pelos outros.

- Não precisa fazer nada. Ou quase nada – sorriu travesso. – Se der algum indício do que estamos fazendo será mais convincente.

- Nada de meninão e bebezona? – tive vontade de rir. Robert riu realmente jogando a cabeça para trás.

- Você estava ouvindo – segurei em seus cabelos e o puxei para um beijo deixando escapar um gemido um pouco mais alto.

- Assim, meu amor – me puxou para si, com a propriedade de quem sabe o que possui. Robert já

estava completamente duro e rapidamente me penetrou.

Os detalhes ficaram um pouco confusos. Era realmente uma aposta, que se tornou uma competição. Ridícula e infantil, mas eu estava no jogo e tinha que jogar. Devo confessar que me diverti muito participando da brincadeira. Não apenas porque me inseri naquela bobagem, também porque se tornou uma competição particular, onde eu precisava dar ao homem da minha vida, o melhor de mim, dentro do possível, é claro!

Não precisei de muito para sentir o familiar formigamento em

meu ventre e logo depois a pequena explosão que começava de dentro para fora se espalhava por todo o meu corpo em segundos como chamas lambendo madeira embebida em álcool.

Robert foi muito gentil me beijando no momento em que eu já não tinha mais controle do meu corpo controle e me entregava ao orgasmo, sufocando meus gemidos e evitando com isso momentos mais constrangedores. No entanto, aquela aventura entraria para os anais da minha história e com certeza estaria entre as lembranças mais engraçadas e gostosas de nossas viagens, junto

com nossos momentos em Dubai: a porta trancada, Robert preso à cadeira, levando chicotadas.

- Do que está rindo? – ele me olhava com curiosidade enquanto arrumava as próprias roupas.

- Nada – me apressei a despistá-lo. Eu adoraria voltar a atacá-lo daquele jeito. – Apenas pensando em como vocês homens são bobos. Ele me puxou para seus braços e beijou o topo da minha cabeça.

- Ah, sim! Uma deliciosa bobagem – e sorriu como uma criança que acabara de descobrir o presente de natal.

Eu me recusei a sair do provador junto com ele. Depois que a adrenalina passou pude ver o tamanho da loucura que havia feito. Robert sempre conseguia o que queria de mim, mas não poderia encarar Bruno tão cedo. Ou o “meninão” da “bebezona”. Tive vontade de gargalhar. Juntei tudo e saí do provador com a maior cara de paisagem. Tive o cuidado de conferir se alguém estava me olhando com ar de “oh, eu sei o que você estava fazendo”. Ao sair constatei que a loja continuava na mais perfeita paz. As vendedoras caminhando pelas araras e olhando

para fora.

- O que vai levar? – Robert rapidamente se colocou ao meu lado. Conferi suas feições e ele agia naturalmente, como se não tivesse acabado de transar comigo no provador. Eu estava toda envergonhada e ele com aquele ar arrogante e superior, típico dos Deuses que nada temem.

- Nada! Minha conta bancária não vai suportar mais este golpe.

- Bom... – ele analisou as roupas que estavam em minhas mãos. – Precisamos levar muitas coisas – olhei para meu amante sem entender nada. Robert passou as

mãos pelos cabelos e sorriu. – Paul prometeu uma comissão gorda se elas nos ajudassem na aposta.

- O que? – fiquei lívida. Por reflexo larguei tudo no chão. - Mel, agora não! – ele me censurou pegando tudo de volta e colocando no balcão. – Além do mais, é uma ótima oportunidade para fazê-la usar meu cartão de crédito.

- Eu não... Como...

- Foi o nosso acordo. Você disse: *“se eu proporcionar só um pouco de prazer ao meu chefe, quero apenas uma pequena lembrança do nosso momento”* – arqueou uma sobrancelha e me

encarou.

Putá. Que. Pariu!

- Uau! – não consegui dizer mais nada diante da constatação de que mesmo me esforçando continuava sendo pouco para ele. Robert abriu um largo e triunfante sorriso.

- Não me soque por isso – advertiu. – Melissa Simon, você é muito ingênua. Esta é a forma que encontrei para lhe dar uma pequena lembrança, prêmio número três, conforme o nosso acordo – concordei com a cabeça sentindo o nó formando em minha garganta. Robert era tão... Cretino! –

Levando-se em conta que a senhorita concorria apenas consigo mesma, devo concluir que os demais prêmios cabem a mesma pessoa – ri nervosamente sentindo minha mão coçar de desejo de socá-lo. Robert era tão... Escroto! – É claro que eu pagaria o seu almoço, de um jeito ou de outro, então o segundo prêmio já era seu e seria providenciado, mesmo que a senhorita não tivesse sido “bom, mas não tanto quanto gostaria”. Quanto ao primeiro prêmio, devo confessar que não tinha ideia do que quis dizer com “festa no céu”, também não imaginava que passaríamos por uma

situação como esta. O primeiro prêmio foi providenciado, não pelas suas peripécias no provador – sorriu de uma maneira encantadora. – Que por sinal me fez entender o termo “festa no céu”, obrigado! – beijou rapidamente meus lábios e sorriu. – Mas por ter concordado em ser a mãe do meu filho, ou dos meus filhos, além de todos os momentos surpreendentes, apaixonantes, maravilhosos e “Festa no céu”, que tem me proporcionado desde que coloquei meus olhos em você. Obrigado! – me beijou outra vez – E eu te amo! – colocou sobre o balcão uma caixa de veludo vermelho e a

empurrou em minha direção. Automaticamente meus olhos se encheram de lágrimas. Oh, Deus! Robert era tão... Perfeito!

Abri a pequena caixa e vi lá dentro uma gargantilha de ouro, fina e delicada, muito trabalhada com detalhes que pareciam ondas se juntando pendurado nela havia um pingente em forma de coração também em ouro. Na frente desenhos abstratos de risco fino ornamentavam, muito discretamente o corpo do coração, formando uma mistura de imagens fascinante, e atrás, seguindo o mesmo padrão, a figura se fechava no símbolo do

infinito. Passei a mão no rosto limpando as lágrimas que turvavam minha visão.

- Como o nosso amor – tirou a singela joia de minhas mãos, fazendo-me virar para que pudesse ajustá-la ao meu pescoço. Depois beijou minha pele com carinho.

- Eu amo você, também – sorri emocionada.

- Eu sei – seus lábios tocaram os meus com leveza.

- Você é estranho. Uma hora está cheio de segredos outra está apaixonado e disposto a esquecer tudo – ele sorriu, mas seu sorriso não era verdadeiro. Meu coração

afundou. Seus dedos longos acariciaram meu rosto enquanto ele mantinha os olhos nos meus.

- Tenho medo de que algo aconteça e você acabe fugindo de mim – revelou com pesar. – São tantos problemas, tanto acontecimentos ruins que não me deixam relaxar. Mais do que nunca eu quero um vida ao seu lado. Recomeçar! No entanto quando penso que terei esta chance, sou mais uma vez punido por todos os meus pecados.

- Não pense assim.

- Sua vez, Robert – Paul quebrou nosso momento e ficou

constrangido quando viu do que se tratava. Meu amante levou tudo até a vendedora que finalizava as compras de Paul.

Encontrei Alexa olhando algumas araras. Ela me olhou rapidamente e desviou, visivelmente envergonhada. Será que ela sabia que era uma aposta? Não tive coragem de interrogá-la, eu estava no mesmo barco. Passei a mão no pequeno coração que pendia em meu pescoço e sorri. Sempre valia a pena quando se tratava de Robert.

Nicole chegou logo depois. Sua situação não era diferente. Ficamos as três sem dizer uma

palavra, fingindo olhar as araras incapazes de olhar uma para a outra. Eu ainda precisava discutir com Robert sobre o envolvimento das vendedoras, contudo não queria estragar o que estávamos vivendo. Suspirei apaixonadamente olhando em direção ao meu amante.

Ele estava relaxado conversando com Bruno e Paul. Mais uma vez olhar para Bruno foi embaraçoso, então desviei a atenção. Encontrei os olhos de Nicole, que imediatamente os desviou. Eu tive que rir e em segundos estávamos as três rindo descontroladamente. Rimos tanto

que começamos a chorar. Todos dentro da loja pararam para prestar atenção em nós três.

- Vocês são terríveis. Acabo de me dar conta de que entrei para uma família de doidos.

- Foi tão constrangedor! – Nicole disse deixando, pela primeira vez, que seu rubor aparecesse.

- Foi delicioso! – Alexa olhou na direção do seu menino.

- Ah, sim bebezona – minha amiga sorriu sem graça e Nicole começou a rir. – Seu menino deve ter achado “icho” também – imitei a sua voz infantil. Ela arregalou os

olhos, espantada.

- Mentira que você ouviu isso.

- Quem não ouviria? Bruno fez para eu ouvir. Assim como eu fiz Robert gritar ontem para que ele ouvisse – pisquei em sinal de cumplicidade e recomeçamos a rir.

Quando os rapazes chegaram, nos olhando sem entender nada, nós rimos mais ainda. Saímos da loja levando nosso constrangimento e euforia para longe dali. Entramos no restaurante e eu tive vontade de perguntar quem pagaria o almoço, mas me contive com medo das meninas ficarem magoadas se

descobrissem que havia sido uma aposta.

CAPÍTULO 27

A nossa tarde foi de reunião e visita às empresas. Robert voltou a ser o CEO frio e calculista, na frente dos outros, mas seu olhar morno e terno para mim deixava claro de que o meu Robert ainda estava ali, por detrás daquela máscara. A única vez que o vi ficar incorporar completamente o sentido CEO da palavra, foi quando Frank ligou.

Meu chefe ficou tenso. Muito tenso. Seus olhos dispararam para mim e mesmo tentando disfarçar, não conseguiu esconder que algo sério estava acontecendo. Tanya estava novamente entre nós. Estremeci só de pensar no que poderia ser.

Desta vez ele não me disse nada. Escutou o que Frank dizia e finalizou com apenas: *“este não é um problema meu e nada do que ela diga vai me convencer do contrário”*. Pensei e repensei sobre esta frase sem conseguir formular em minha mente algo que me levasse ao X da questão. Sinceramente? Eu

tinha até medo de descobrir do que se tratava. Era muito provável que meu relacionamento estremecesse um pouco por causa disso. Involuntariamente segurei o coração que ele havia me dado e senti como se o meu próprio estivesse sendo esmagado.

Caminhamos pela empresa com Robert fazendo colocações e me pedindo sempre alguma coisa, para anotar ou analisar. Não era seu método de trabalho. Meu amante tentava desviar a minha atenção e eu, apenas para me enganar, permiti que ele o fizesse. Estávamos em uma viagem não só de trabalho, também

cheia de revelações e planos para nós dois. Por isso, pelo menos temporariamente, queria me manter nesta bolha. O que quer que fosse, poderia aguardar.

No final do dia ele aparentava mais tranquilidade, apesar de o tempo todo me sondar com o canto dos olhos, esperando minhas perguntas que não chegariam. Eu me recusava a estourar a nossa bolha. Decidimos jantar em casa. Passamos no mercado, compramos *penne* e alguns ingredientes para um molho branco com cogumelos. Eu cozinharía, já que Alexa se negou a estragar a escova com o vapor da

comida e Nicole... Bem, Nicole mal sabia onde ficavam os utensílios da cozinha.

Coloquei a massa na água quente, aguardando o tempo correto e enquanto isso, preparei os ingredientes do molho. Robert subiu para nosso quarto para tomar um banho e acredito completar a sua ligação e resolver seus problemas com Tanya e Frank. Fiz questão de demorar bastante na preparação de tudo. Eu não queria ouvir nem a frase final da conversa.

Com tudo pronto e, quase todos a postos, fui tomar meu banho.

Usei meu sabonete líquido

preferido, lavei os cabelos, grudados na pele por causa do calor, deixei a água gelada lavar a minha alma e depois passei um belo tempo espalhando uma água de banho, que eu adorava, pelo corpo. Ainda úmida, já com a pele fresca e cheirosa, desembaracei meus cabelos. Escolhi um vestido floral, de alcinhas, preso nos seios e solto no corpo, que descia até minhas coxas e coloquei uma sandália de dedo. Passei *gloss* nos lábios, apenas para não ficar totalmente sem maquiagem e deixei os cabelos soltos caindo pelas minhas costas.

- Pronto – disse para a minha

imagem no espelho.

- Já era tempo — Robert chamou a minha atenção para a porta do *closet*.

Nossos olhos se encontraram e de novo a sensação de que algo estava errado. Fechei os olhos expulsando este pensamento. Ainda tínhamos aquela noite. Eu queria aproveitá-la e não desperdiçá-la com assuntos que poderiam ficar para depois.

- Espionando, Sr. Carter? — brinquei para afastar a névoa entre nós dois.

- Há sempre algo para se descobrir em você, Srta. Simon —

caminhando em minha direção, ele me abraçou forte. Parecia ter medo que eu escapasse. – Cheiro bom! – seu rosto estava enterrado em meu pescoço.

- Apenas água e sabão – ele riu.

- Sei. Com fome?

- Muita! – Robert levantou uma sobrancelha e depois sorriu maliciosamente para mim.

- Fome por dois?

- Vai se iludindo!

Todos já estavam jantando

quando descemos, com exceção de Paul, que eu não sabia onde estava. Nicole estava silenciosa enquanto Bruno fazia bagunça e brincava com Alexa com palavras de duplo sentido. Forcei-me a engolir a comida. Um nó forte tinha feito o trabalho de me deixar confusa por causa dos telefonemas de Robert. Fiz um esforço imenso para empurrar tudo para o fundo da minha mente.

A forma como Nicole estava se comportando chamou a minha atenção. Ela era muito elétrica e falante. Naquele momento, evitava olhar em nossa direção e comia em

silêncio, de maneira mecânica e apática. Robert também estava estranho, como ele havia se comportado de maneira diferente o dia inteiro e eu já sabia que teríamos problemas com Tanya, preferi não questioná-lo.

Após o jantar fomos para a varanda matar o tempo. Ninguém queria sair. Todos estavam presos em seus próprios mundos. Sentei em uma poltrona e Robert se acomodou ao meu lado. O espaço era pequeno e eu fiquei praticamente em seu colo, inclinados um para o outro, minhas pernas entre as pernas dele.

Robert estava com um pé no

assento da poltrona e a outra perna um pouco dobrada em minha direção. Ele passava uma mão em minha coxa, sem se prolongar ou me tocar com mais intimidade. Seu braço estava apoiando a cabeça e ele me olhava com carinho, admiração e amor. Eu retribuía o seu olhar.

De tempos em tempos ele se inclinava e roçava o nariz em meu rosto, queixo, pescoço. Nossos lábios não se encontravam, comunicávamo-nos, como costumávamos fazer, apenas nos sentindo. Lógico que o tesão estava presente e com muita intensidade.

Normalmente era assim que eu reagia a estes momentos tão normais e íntimos ao mesmo tempo.

A lua imensa iluminava o céu. Robert acariciava de leve meu pescoço enquanto eu olhava distraída para a noite.

- E então, Robert? – olhei para Bruno notando espantada ele plantado a nossa frente. Ele era alto. Muito alto. E forte. Apesar disso um verdadeiro meninão. Mordi os lábios me lembrando da nossa manhã.

- Não – Robert se espreguiçou ao meu lado fazendo com que minha vontade de me

aconchegar a ele aumentasse.

- Ninguém aqui é macho o suficiente para me enfrentar? – riu debochado batendo as mãos na frente do peito. - Nenhuma aposta? – virou em minha direção. – Mel? – ri.

- Nem sei do que está falando, Bruno.

- Aposto o que você quiser que te venço na sinuca – pensei no que eu poderia ganhar com aquilo, concluí que não valeria a pena me arriscar.

- Eu não sei jogar. Nem sei para onde vai – Robert riu e acariciou minhas costas.

- Vamos fazer da seguinte

maneira: você só precisa colocar uma bola para dentro. Exceto a bola Branca, porque você precisará dela para impulsionar as demais. Apenas uma e a vitória já é sua.

- E você? – era muito fácil, tinha algo por trás, eu tinha certeza.

- Eu simplesmente vou colocar todas as bolas para dentro antes que você consiga colocar uma – arqueou uma sobrancelha me desafiando.

- Ele é muito bom nisso, Mel. Não caia nessa – Robert me alertou enterrando ainda mais o rosto em meus cabelos.

- Se eu perder, você pode

pedir o que quisesse, Mel. Pode fazer o que quisesse comigo – ele alisava o taco com ansiedade. Doido para me punir pelas coisas que eu tinha feito ele passar naquela viagem. Mordi os lábios ansiosa demais para entrar naquele jogo.

- Não vá! – Robert segurou em meu braço para me impedir. Logo estava desperto, atento a Bruno.

- E se você ganhar? – ignorando suas tentativas de me fazer desistir continuei, interessada no desafio. Era apenas uma bola, eu não poderia ser tão ruim.

- Eu sei exatamente o que

quero – seu sorriso indicava que a minha punição seria severa. Senti medo. – Ihhhh, amarelou! – riu alto. – É uma covarde mesmo. Eu não disse? – e se virou para Paul que ria agarrado a Nicole. – Ela só sabe falar. É apenas pressão. Somente fachada.

- Aceito – ridiculamente me senti ofendida e com desejo de defender minha honra. Tudo bem que Bruno era grande, era bom naquele tipo de aposta, mas poxa! Eu não era tão medrosa assim. Além do mais, o que ele poderia fazer comigo?

- Não, Mel! – Robert gemeu de insatisfação. Quanta falta de

confiança!

- Uma bola! Não confia em mim?

- Não nesta circunstância – ele me olhou atentamente, então levantou e me seguiu até a mesa grande e verde.

Bruno arrumou as bolas na mesa, passou alguma coisa em seu taco e me entregou. Eu nem sabia o que fazer com aquilo. Robert escolheu um taco para mim e passou a mesma coisa que Bruno e depois me deu. Experimentei-o em minhas mãos e não era desconfortável. Meu inimigo sorriu ameaçadoramente.

- Quer que eu espalhe as

bolas ou prefere deixá-las como estão? – dei de ombros. Que diferença faria?

Ele se abaixou apoiando o taco em uma das mãos, com a outra deu algumas estocadas leves, para frente e para trás verificando o ângulo e depois deu uma tacada certa na bola branca espalhando as demais. Repetiu o processo em seguida, e tocando na bola branca conseguiu colocar duas para dentro. Meu coração acelerou com medo. Bruno sorriu satisfeito.

- Só para começar. Sua vez.

Tentei imitar a sua posição, mas o taco se movia em minha mão e

eu não conseguia estabilizá-lo, mesmo com a outra apoiando. Eu sempre fui muito descoordenada. Não sei o que estava pensando quando aceitei aquele desafio. Bati o taco na bola branca que rodopiou para o lado, batendo na lateral. Tocou em algumas sem encaçar nenhuma. Bruno riu e Robert se agitou.

Mais uma vez Bruno bateu na bola branca e colocou a azul para dentro. Olhando para mim, ele levantou um braço e gritou vitória. Puta merda! Ele arrumou o taco e bateu de novo, dessa vez apenas posicionou as bolas de uma forma

melhor. Mirei e tentei atingir a laranja. Cheguei bem perto, mas não entrou. Bruno se posicionou e armou a sua jogada.

- Se você perder, Melissa, eu vou trancá-la, no quarto de hóspedes, esta última noite – seu olhar mortal me alcançou. Eu gelei. Olhei para Robert que me olhava acusatoriamente. Merda!

Posicionei-me decidida a acabar de uma vez por todas aquele jogo. Assim que me abaixei buscando o melhor ângulo, Robert se posicionou atrás de mim.

- Abaixei um pouco o taco, amor – ele segurou com firmeza a

minha mão. Seu corpo colado ao meu. Deus! Eu não podia passar nossa última noite sem ele – O ângulo tem que ser quase horizontal. Mire assim.

- Você não queria jogar, Robert. Não pode ajudar. Não é justo – Bruno nos atrapalhou.

- Você não está sendo justo com ela – Robert rebateu. – Fique na sua.

- Fique você na sua! Eu não obriguei ninguém a aceitar – os ânimos ficaram exaltados. Era melhor eu ganhar aquele jogo. Como?

- Tudo bem, Robert. Pode

deixar, mas fique aí mesmo, atrás de mim – sorri brincando. Bruno riu.

- Nem vou mandar vocês procurarem um quarto. Não esta noite.

Inclinei-me e me posicionei da forma que Robert havia dito. Deixei minha bunda encostar no membro do meu amante e senti alguém começando a se animar. Fingi analisar o ângulo e me esfreguei nele. Paul riu.

- Já está tentando não sentir saudades? – Bruno provocou.

- Eu só preciso colocar uma bola, não é? – ele confirmou com a cabeça. – E posso escolher o que

quiser se conseguir colocar? – Bruno apoiou o taco no chão e fez uma expressão divertida. – Tudo bem! Eu escolho o mesmo que você. Se eu colocar esta bola para dentro, você passa sua última noite trancado no quarto de hóspedes, sem Alexa – ele riu.

- Ande logo com isso.

Deixei o taco correr pela minha mão batendo na bola branca. Em câmera lenta vi a bola correr em linha reta batendo na bola vermelha que rolou em direção ao buraco mais próximo e caiu.

O silêncio foi mortal.

Eu fiquei olhando fixamente

para o buraco onde a bola havia entrado. Podia sentir os olhos de Robert em minhas costas e tinha até medo de olhar para Bruno. Alexa foi a primeira a falar.

- Satisfeito? – sua voz cortou o meu transe me fazendo encará-la.

Alexa estava possessa. As pessoas não falavam, lutando contra a vontade de sacanear Bruno, contudo todos respeitavam os sentimentos da sua namorada. Bruno permaneceu calado. Estava paralisado encarando a mesa de sinuca.

- Você estragou tudo – ela falou com raiva e saiu da varanda.

- É! – Robert me abraçou pela cintura. – Alguém vai ficar só ouvindo hoje – e enfiou o rosto em meus cabelos para rir.

- Com a raiva que Alexa está sentindo, alguém vai dormir mais alguns dias no quarto de hóspedes – Nicole passou segurando a mão de Paul, que tentava bravamente não rir, e falhou. Eles foram embora da varanda também. Ficamos apenas eu, Robert e Bruno.

- Então? – olhei diretamente para meu opositor.

- Você ganhou. Parabéns! – disse sem vontade, olhando para baixo. Robert riu em meus cabelos.

- Este é um bom momento para trancafiá-lo. Não acha?

Meu namorado se divertia. Bruno arregalou os olhos. Sua boca abriu, mas ele nada disse. Depois de um tempo, concordou com a cabeça e colocou o taco no armário.

- Vou buscar algumas coisas para passar a noite e tentar acalmar Alexa - e saiu da varanda também. Robert esperou que Bruno se afastasse o suficiente e gargalhou.

- Você sempre me surpreende – beijou minha bochecha com força. – Confesso que morri de medo de ter que passar esta noite longe de você.

- Você passa várias noites

longe de mim.

- Bom, sempre é tempo para mudar – seu sorriso era tenso e feliz ao mesmo tempo. Como podia?

- Vamos. Tenho que selar uma porta – ele riu.

- Será divertido.

Robert segurou minha mão, ansioso e eufórico, como uma criança arteira, e me puxou pela casa até pararmos em frente ao quarto de hóspedes. Bruno chegou logo depois, levando uma pequena bagagem de mão. Ele sorriu demonstrando força, mas Alexa, encostada a porta do seu quarto a alguns metros de distância, estava de

olhos baixos e parecia muito decepcionada. A imagem tirou completamente a minha vontade de punir meu amigo.

- Sem clemência, Mel! – Robert provocou encarando Bruno. – Ele com certeza não teria com você.

- Robert, vá... – Bruno fez um esforço enorme para não completar a frase.

- Ok, rapazes! Nada de briga. Aposto é aposta e Bruno é um ótimo perdedor – tentei amenizar o clima. – Para dentro – ordenei. Ele olhou para Alexa, que virou e fechou a porta do quarto.

Bruno entrou no mesmo quarto em que eu havia dormido no dia em que Robert me puniu. Eu tinha boas lembranças daquele lugar. Sem demorar muito tempo pensando nos prós e contras, fechei a porta e tranquei, segurando a chave com força em minha mão.

- Temos a mesa de sinuca só para nós dois hoje – Robert sussurrou em meu ouvido.

Senti calor. A mesa de sinuca? Era bastante promissor o conhecido formigamento no meu centro de prazer se apresentou com tudo o que tinha direito. Robert enlaçou a minha cintura e me puxou

para um beijo quente e delicioso. Minha calcinha ficou molhada.

Descemos as escadas em meio aos amassos e beijos. Robert me levou pela sala deixando suas mãos correrem para dentro do meu vestido. De vez em quando seus longos dedos tocavam meu sexo já pulsante. Eu queimava. E nós ainda estávamos na sala. Como seria quando chegássemos à varanda?

De súbito me lembrei de Alexa. Nicole e Paul com certeza estavam tentando alguma posição do Kama Sutra, ou vendo algum filme ou fazendo qualquer coisa que um casal normal costuma fazer. Alexa

estava sozinha. Não era justo. Bruno era um idiota e com certeza me largaria naquele quarto sem nenhuma piedade. Tudo bem que Robert com certeza arrombaria a porta para me resgatar, mesmo assim, Alexa não merecia pagar pelas besteiras do namorado.

- Robert? – interrompi o nosso beijo. – Amor, espere – afastei-o com as mãos.

- O que foi?

- Preciso fazer uma coisa – pensei se ele seria capaz de me deter se eu dissesse o que tinha em mente. Resolvi mentir. – Preciso desligar meu notebook lá no quarto.

Vai ser rápido. Encontro com você na varanda – pisquei flertando fazendo-o rir.

- Isso lá é hora para pensar em notebook ligado? – sem protestar seguiu para a varanda.

Corri escada acima. Parei em frente à porta de Alexa. Bati timidamente. Eu não sabia se ela estava direcionando sua raiva a mim, então fui cautelosa. Minha amiga abriu sem muita vontade, sua cara demonstrava insatisfação e frustração, ela logo deixou claro que não me culpava por nada.

- Se veio se desculpar, poupe seu trabalho. Eu conheço muito bem

o namorado que tenho e ele mereceu passar por isso – ela sorriu. Havia tristeza em seu sorriso.

- Mas você não. Eu sei que Bruno não faria o mesmo por mim, porém eu não posso forçá-la a pagar pela idiotice dele e dormir tranquilamente – peguei a chave e coloquei na mão dela. – Por favor, não deixe Robert saber. Não esta noite – Alexa sorriu e me abraçou afetosamente. Desfiz o nosso abraço para correr ao encontro do homem que eu tanto amava, mas voltei a ela para mais uma coisa. – Ah, Alexa? Posso fazer um pedido?

- Sim. Claro! – ela me

observou com atenção.

- Pode manter Bruno longe da varanda e da sinuca ao menos por esta noite? – ela riu.

- Não vamos sair do quarto – corri de volta a Robert.

Ele estava encostado à mesa de sinuca. Os braços cruzados no peito, seus olhos demonstrando o quanto estava perdido em pensamentos. Cheguei sem muito cuidado, chamando a sua atenção. Ele sorriu e abriu os braços me convidando. Lógico que não medi

esforços para estar neles em segundos. Nossos lábios se encontraram e foi como se não tivéssemos interrompido as carícias, devido ao meu momento misericordioso com Alexa e Bruno. Sorri satisfeita comigo mesma.

As mãos de Robert seguiram para minhas coxas, puxando o vestido para cima me deixando arrepiada por onde passava. Seus lábios desfrutavam da minha pele me fazendo acreditar que realmente gostava do meu sabor, como sempre dizia, pois a minha sensação era de que ele estava se deliciando em mim. E eu, claro, me deliciava nele.

Lentamente, como em um passo de dança, ele me girou deixando-me apoiada na mesa e interrompeu a excursão de sua língua em meu busto. Seus dedos longos passearam por ali com movimentos tão suaves que se eu não estivesse sentindo o fogo se espalhar em mim por causa do seu toque, me questionaria se ele estava mesmo me tocando ou eram apenas recordações.

Robert me olhava nos olhos.

- Gostaria de saber como essas bolinhas se sentem? – ele sorriu torto e malicioso.

Todos os meus músculos do

ventre se contorceram. Puta que pariu! Eu queria saber como era receber aquelas tacadas e queria que Robert me mostrasse.

CAPÍTULO 28

Robert me virou de costas para ele com minhas mãos apoiadas na mesa. Seus toques leves, quentes e suaves apenas roçavam a minha pele deixando rastros de calor por onde passava. Ele estava atrás de mim, mas seu corpo não estava encostado ao meu. Mantinha uma distância segura da explosão que seria se nos encostássemos naquele

momento. Eu entendia o que estava fazendo. Seria longo e demorado e não rápido e urgente.

Mesmo assim eu podia senti-lo. Sua presença emanava ondas de calor que atingiam as minhas costas em cheio. Seus dedos roçavam de maneira quase imperceptível a região externa das minhas coxas. Lenta e calmamente. Sem pressa. Era uma demorada e deliciosa tortura. A expectativa e ansiedade faziam com que meu coração martelasse e eu respirava tentando acalmar meu corpo que praticamente gritava implorando por mais. Não havia necessidade disso. Robert me

daria mais, muito mais, no tempo e momento certo. Como sempre fazia.

Uma mão subiu pelas minhas costas, dolorosamente lenta, até que após uma infinidade de segundos, alcançou o meu pescoço, para se prolongar ali. Seu polegar acariciava atrás da minha orelha e seus dedos longos se projetavam pelo meu pescoço. Cuidadosamente Robert afastou meus longos cabelos, jogando-os sobre meu ombro esquerdo. Uma mão desceu pelo centro de minhas costas, a outra continuou sua carícia em meu pescoço.

Robert aproximou o rosto a

minha nuca e deixou sua respiração quente se projetar naquele local. Contorci-me de excitação.

- Calma! – ordenou com a voz baixa e sensual.

Caramba!

Sem realmente encostar os lábios, estando a uma distância milimétrica da minha pele, correu meu pescoço e meu ombro direito deixando que somente seu hálito me tocasse. A expectativa de senti-lo verdadeiramente me angustiava. Enquanto ele brincava, suas mãos voltaram para a parte externa das minhas coxas traçando desenhos geométricos que incendiavam minha

pele e deixavam minha calcinha encharcada.

Quando seus lábios enfim tocaram, ainda que bem levemente, meu ombro, Robert fez duas coisas. Uma mão me puxou de encontro a ele, deixando-me sentir a sua ereção e a outra roçou meu sexo, por cima da calcinha.

Arfei de prazer e surpresa. Apesar de ainda ser um toque leve e cuidadoso, foi extremamente gostoso de sentir. Seus dedos subiam e desciam sem nenhuma pressão em qualquer que fosse a parte que tocassem. Enquanto o indicador acariciava meu clitóris

aparentemente sem nenhuma pretensão de estimulá-lo mais do que deveria naquele momento, o do meio descia entre os lábios da minha vagina, primeiro de um lado e depois do outro. Tudo por cima da calcinha.

- Hum! – gemeu em meu ouvido. – Já está assim?

Minha calcinha estava ao ponto de ser torcida. Eu nada disse, pois naquele momento seus dedos entraram, rompendo o limite do tecido e continuaram a mesma carícia, contudo, desta vez, realmente lá. Minhas pernas bambearam.

- Calma! – murmurou em meu ouvido e mordeu o lóbulo esticando-o. Puta merda! O que ele estava fazendo comigo? Eu já estava no ponto e sabia que ainda viria mais.

Juntamente com os movimentos dos seus dedos, Robert se movimentava às minhas costas, roçando sua ereção em minha bunda. Era uma dança lenta e sensual. Todas as vezes que ele rebolava, muito lentamente, meu corpo era projetado para a frente e sua mão, que ainda segurava firmemente em meus quadris me mantendo colada a si, me puxava para trás. Com isso seus dedos exerciam uma pressão

controlada. Robert combinava todos os movimentos com sua língua passeando pelo meu pescoço. Fechei os olhos navegando pelas inúmeras sensações que ele me proporcionava.

Quando pensei que meu corpo não aguentaria mais a situação, ele se afastou, mantendo sua mão entre as minhas pernas, sem exercer nenhuma pressão. A mão que estava em minha cintura subiu com mais propriedade. Seus toques estavam mais acentuados, mais fortes e possessivos.

Chegando ao meu ombro, Robert segurou a alça fina e a

deixou cair. Isso fez a frente do meu vestido afrouxar e então ele colocou a mão por dentro e segurou com firmeza em meu seio. Seu toque forte refletiu no lugar onde seus dedos trabalhavam e ele, como se estivesse executando passos previamente ensaiados, introduziu um dedo. Gemi jogando minha cabeça em seu peito.

Sua mão segurou em meu seio mantendo-o todo nela, depois seus dedos amassaram e puxaram o bico. Eu podia sentir todo o meu desejo se espalhando pelo meu corpo. Em seguida ele iniciou o mesmo trabalho no outro. Seu dedo me invadia sem interromper as carícias

dos outros dois. Era um trabalho que exigia muita habilidade e Robert parecia entender muito bem o que fazia.

Meu rosto foi puxado de encontro ao seu com delicadeza para que pudesse me beijar, saboreando os lábios e a língua enquanto seu dedo brincava dentro de mim. Descontrolada rebolei atirando-me de encontro ao prazer que só ele sabia me proporcionar.

- Hum! Calma, meu bem! Não tenha pressa. Temos muito tempo.

- Robert... — gemi em protesto.

Eu não aguentava mais de

tanto desejo e não suportava a angustia que seus dedos provocavam. Não conseguia decidir se implorava por um orgasmo imediato ou se agradecia por poder sentir tanto prazer em um tempo tão prolongado.

- Mel, amor, eu quero que demore o tempo que tem que demorar. Colabore comigo.

Eu sentia cada palavra sua se esbarrar em minha nuca e os calafrios que elas espalhavam pelo meu corpo. Suas mãos não estavam mais em mim, nem nos seios e muito menos em meu sexo latejante, e sim em meu ombro esquerdo puxando a

alça do vestido para baixo, buscando por mais espaço.

Gemi em protesto me sentindo abandonada. O tecido leve escorregou por minha pele, passando de maneira insinuante pelos meus seios, parando na cintura, interrompido pelas curvas dos meus quadris. As mãos de Robert iniciaram uma trajetória lenta e angustiante em cada centímetro da minha pele exposta. Começando pelas mãos e subindo pacientemente por toda a extensão dos meus braços, se demorando em meus ombros, percorrendo meu pescoço, acariciando minha nuca, voltando

lentamente para a base da minha coluna.

Com as mãos espalmadas em meus quadris, ele me puxou para si, deixando que seus toques se misturassem aos seus beijos, vorazes e sedentos. Experimentando-me, sentindo, provando, devorando. E eu estava ali, entregue a ele e as suas vontades.

Deixando um rastro de fogo em meu corpo suas mãos subiram lentas, sensuais e angustiantes, até alcançarem meus seios. Ele me tocou como se tocasse a mais pura seda. Como se fosse algo sagrado,

algo para ser louvado, admirado, venerado.

Não sei por quanto tempo ficamos assim. Eu estava perdida em meu próprio devaneio, apenas sentindo meu corpo reagir a Robert e a cada mínimo movimento dele. Só voltei a prestar atenção ao que acontecia quando suas mãos, nas laterais da minha calcinha, por baixo do vestido, tateavam buscando o melhor ângulo. Tudo, abaixo do meu estômago e acima dos meus joelhos, se contraiu.

O pequeno pedaço de pano cedeu um pouco, descendo até ficar logo abaixo do meu sexo. O tecido

molhado roçava a pele das minhas coxas denunciando a minha excitação. As mãos de Robert faziam movimentos circulares nas laterais dos meus quadris, se aproximando, milímetro por milímetro, do meu ponto de prazer. Quando seus dedos acariciaram levemente a região interna de minhas coxas, o limite real entre minha vagina e minha perna, eu estremeci de verdade. Um poderoso calafrio percorreu meu corpo causando pequenas convulsões de dentro para fora.

Seus dedos se prolongaram pressionando a minha pele frágil e

sensível. Ele não me tocava de maneira mais íntima, apenas anunciava o que faria. A angustia era exasperadora.

- Robert! – ofeguei.

- Sim – suas palavras ecoaram em meu ouvido enquanto seus dentes se fechavam em minha orelha. Gemi.

- Agora... – choraminguei.

- Agora, o que?

O que era isso? Ele queria me deixar louca? Queria me ver insana? Eu nada respondi, só rebolei apertando minhas coxas uma na outra na esperança de senti-lo mais.

- Nada mal, Melissa! Sua

garotinha travessa. Safada! –
escorregou seus dedos para dentro.
Dois dedos, totalmente dentro de
mim. Minhas coxas apertadas
permitiam que eu sentisse sua mão
inteira me tocando. A sua palma
estava em cima do meu clitóris e as
tentativas de introduzir ainda mais
os dedos e de movimentá-los, fazia
eu sentir o roçar de sua pele,
atijando o meu pequeno botão do
prazer.

- Sim! – ri saboreando a
sensação desconcertante que era ser
vista tão entregue por Robert. – Eu
sou safada – abri meus olhos e virei
meu rosto para encontrar o seu

olhar. Seus dedos continuavam investindo e o roçar de sua palma não cessou. – Você é o responsável, só você me faz assim – meu amante alcançou meus lábios e sua língua possessiva me invadiu. Um beijo rápido e molhado. Carregado de tesão.

- Exatamente isso. Eu te faço assim. Você é minha, Melissa. Você me pertence totalmente. Da mesma forma como eu pertenço a você, inteiro e completamente – seus dedos conseguiram chegar ainda mais fundo em meu íntimo. Um gemido doce, sensual e um tanto quanto alto, escapou dos meus

lábios.

- Sim, Robert! Você é meu.
Só meu!

Eu me sentia poderosa dizendo tais palavras. Todo o meu corpo dava sinais de que explodiria a qualquer momento. Sem pensar duas vezes voltei a rebolar em sua mão aumentando o meu prazer.

- Calma, Melissa!

Seus dedos me abandonaram e o arrastar das palavras escapulindo dos seus lábios, causou ondas de calor por toda a minha pele indo em direção ao centro do meu corpo e se acumulando ali.

Naquele instante, seus lábios

sugaram a pele do meu ombro direito e depois seus dentes me morderam. Não houve dor, apenas prazer. Gemi. Robert continuou, o processo descendo pelas minhas costas, alcançando a base da minha coluna. Ele alternava entre beijar com os lábios abertos e expostos, como se estivesse chupando uma fruta extremamente doce, e roçar seus dentes para depois morder. Até que este processo o levou até a minha bunda. Suas mãos imensas e espalmadas seguravam em cada lados dos meus quadris.

Robert mordeu um lado, depois o outro, logo após o seu

beijo molhado e sensual. Estremeci.

- Esta bunda linda também é minha – passou um dedo entre as nádegas e roçou naquele ponto recém-descoberto de puro prazer. Puta merda! Eu realmente gostava daquilo.

Sem que eu esperasse pelo que ele faria, sua mão espalmada se posicionou na base da minha coluna e empurrou, gentilmente para que eu me curvasse sobre a mesa. Robert me direcionou até que eu estivesse com o tronco completamente deitado.

Suas mãos voltaram a descer pelo meu corpo. Seus longos dedos

acariciando as minhas coxas, em todos os lugares. Explorando cada pedacinho das minhas pernas. Seus lábios roçavam os mesmos locais por onde seus dedos brincavam. E ele me beijava, lambia e sugava, como se eu fosse o mais saboroso dos manjares.

Quando suas mãos pararam em meus joelhos ele fez força para que eu os afastasse. Obedeci prontamente, ansiosa demais para saber o que ele faria e excitada demais para pensar em contestar qualquer que fosse a sua decisão naquele momento.

Robert afastou as minhas

pernas o suficiente para que ele, abaixado de frente para a minha bunda, pudesse ter uma visão privilegiada do que eu tinha para oferecer. Pensei ter ouvido um gemido de satisfação, nem tive como ter esta certeza, pois minha mente avaliava a minha situação.

Eu, parcialmente deitada sobre a mesa de sinuca. Com o tronco nu. Os seios tocando o tecido grosso da base. Meus quadris envergados sobre a lateral da mesa, o vestido preso na cintura e suspenso na bunda. Minha calcinha abaixada apenas o suficiente para Robert me visualizar da forma como

queria. Se alguém chegasse seria impossível esconder o que estávamos fazendo. Seria humilhante. Mesmo com esta possibilidade, eu não conseguia pensar em desistir. Muito pelo contrário. O medo era um incentivo a mais. Era afrodisíaco.

Enquanto eu pensava no quanto aquilo me excitava, inesperadamente, senti a língua de Robert passando pelo meio das minhas pernas. Puta merda! Era mais do que poderia esperar. Aquilo foi... Foi... Tudo!

Sem que eu conseguisse formular qualquer pensamento

coerente, a língua de Robert passou por mim, e de novo, de novo, de novo e... Perdi a noção do tempo. Eu o sentia lambendo o meu sexo. Era algo que apesar de externo, não deixava nenhuma parte de fora. Eu deveria estar envergonhada com aquela posição, na qual meu amante tinha uma visão panorâmica do meu corpo, mas não estava nem um pouco.

Senti sua língua passar novamente por mim e então parar. Robert massageou minha bunda utilizando todos os dedos de suas mãos longas. Então, seu polegar roçou, a princípio de leve, aquele

pontinho e eu estremecei de prazer. Aliás, eu gemi mesmo, com vontade. Ele prolongou a permanência do seu dedo no local, roçando e pressionando, como se fosse me invadir, mas não o fazia, apenas brincava com movimentos circulares. Sua outra mão continuava massageando a minha bunda. Eu até tentava visualizar o que ele fazia, meu amante estava abaixado, escondido pela mesa e pelo meu corpo, fora do meu ângulo, assim, eu apenas podia senti-lo.

Quando sua língua voltou a me tocar, combinada com seu polegar que continuava a me

acariciar, sua mão desceu por entre minhas coxas auxiliando o seu trabalho. Pensei que perderia o juízo. Robert vagou com a boca pelo meu sexo e quando acreditei que ficaríamos naquela brincadeira superficial, senti sua língua abrir espaço em minha pequena flor-de-lis. Quente, molhada, macia e invasiva. Era como se um batalhão de formigas andassem pela minha vagina. Meu amante se deleitava com sua tortura insana. Às vezes seus lábios se juntavam à festa e o quadro ficava perfeito.

Ele se manteve assim, por um tempo incontável. Eu apenas gemia e

me deixava levar pelas sensações. Robert era habilidoso e me estimulava cada vez mais, me levando a loucura. Enquanto seu dedo me circundava e sua língua me degustava, eu praticamente implorava para que meu corpo encontrasse a libertação tão necessária.

- Robert! – eu não estava mais no controle. – Por favor, eu quero... Eu vou. – ele não parou e eu não aguentei.

Meu orgasmo foi tão intenso que durante vários segundos fechei os olhos e senti que meu corpo não estava mais ali. Provavelmente eu

havia me desintegrado e estava flutuando no espaço em milimétricas partículas de poeira. A única sensação que me puxava de volta à realidade era a língua de Robert, seus lábios e seu dedo, que em nenhum momento me abandonaram.

Quando voltei à realidade, aos poucos e lentamente, sentindo cada partícula do meu corpo se reintegrando e se reagrupando em um corpo completo, tive consciência de que algumas lágrimas escaparam de meus olhos. De onde vinha toda aquela sensibilidade?

Sem dar vazão ao meu estado, Robert levantou por detrás de mim e

um tapa forte em minha bunda me chamou de volta a realidade. Gemi com a ardência no local.

- Acorde, Melissa. Ainda temos muito trabalho para fazer.

Quase que no mesmo momento eu o senti entrando. Robert estava duro como uma pedra, meu sexo molhado pelo orgasmo de segundos antes amenizou a sua entrada descuidada. Apesar disso eu o sentia ocupando todos os meus espaços. E ainda pude sentir o imenso prazer que era tê-lo daquele jeito.

- Sim, Robert, eu ainda o quero.

Meu amante entrou de uma só vez e parou, esperando minha reação. Absorvi tudo o que era senti-lo de maneira tão abrupta e quando decidi que estava confortável comecei a rebolar. Primeiro fazia somente o tradicional movimento, para frente e para trás enquanto sentia seu membro entrar e sair. Aguardei até que a dormência, causada pelo orgasmo fosse cedendo lugar ao prazer. Assim que percebi que meu corpo suportaria, comecei a subir e descer ao mesmo tempo que ia para frente e para trás.

- Ah, Mel! – Robert gemeu me segurando pelos quadris com suas

mãos hábeis. – Eu fico doido quando você rebola assim – suas mãos se fechavam em mim como garras possessivas. Me impedindo de fugir, como se eu sequer sonhasse em fazer isso.

- Eu sei – sorri para mim mesma. Como eu tinha acabado de gozar, o prazer de estar com Robert ainda não me tornava tão vulnerável. Ele, por outro lado, meu amante estava totalmente entregue a mim.

- Ah, sabe é? – aproveitei a deixa e rebolei mais.

Remexi os quadris com mais sensualidade, rebolando longa e pausadamente. Ele gemeu e parou de

se movimentar, aproveitando as minhas investidas. Como eu estava mais segura, resolvi arriscar um pouco mais e repeti a dose da nossa noite anterior, contraindo os músculos do meu ventre, conseqüentemente, espremendo o membro de Robert dentro de mim. Ele gemeu e deixou seu corpo cair sobre o meu se apoiando em uma das mãos.

- Porra, Mel! – ofegou e tentou manter o equilíbrio. Eu não permitiria que acontecesse.

Repeti o movimento de rebolar, desta vez, quando eu estava indo para frente retesei os músculos

e deixei seu membro rígido e grosso escorregar longa e apertadamente para fora. Ele não se movia, só tentava manter o corpo suspenso pelos braços para não me sufocar com seu peso. Percebi que naquela posição, fazer o pompoarismo era mais fácil. Incrivelmente mais fácil. Sorri satisfeita sentindo que meu corpo começar a corresponder da maneira certa.

Quando o puxei de volta, fazendo com que seu membro deliciosamente duro entrasse mais uma vez, puxei com mais força o ar e contraí ainda mais os músculos do meu sexo. Eu fiquei absurdamente

apertada, com uma parte dele já presa em mim. Sem ter como escapar daquele abraço molhado e sufocante, Robert só podia aguardar pelo que eu decidisse fazer. Então deixei meu corpo aceitá-lo, forçando a sua entrada. Era doloroso, uma dor aceitável e até desejável. Meu amante gritou, praguejou e quando o liberei, saiu dando dois passos para trás e colocando o rosto entre as mãos para recuperar o equilíbrio.

- Que porra é essa, Melissa?

Não estava irritado, apenas ofegava surpreso com o seu próprio prazer. Robert apoiou as mãos nos joelhos e se curvou puxando o ar. Eu

coloquei meus cotovelos na mesa e apoiei meu rosto em minhas mãos olhando para ele provocante, mantendo a minha posição, com a bunda empinada em sua direção.

- Vai desistir? – e ele deu uma risada curta e rouca. – Não quer mais me mostrar como as bolinhas se sentem ao serem estocadas? – Riu mais uma vez.

- Definitivamente, não é assim que elas se sentem, muito menos os tacos – levantou indo em minha direção. – Você é muito gostosa, Melissa! E eu adoro quando me aperta desse jeito, mas agora, neste momento, eu quero estar no controle

da situação, então seja uma boa menina e faça-me deixar fazer o meu trabalho.

- Você está muito autoritário – ah, e eu adorava quando ele ficava assim.

- É. Estou – senti Robert entrando longa e lentamente. Fiquei deliciada e tentada a provocá-lo, porém me contive. – E você está se tornando uma menina muito malvada – reiniciou os movimentos. Deus! Como era bom.

As mãos de Robert alcançaram os meus seios, ele me puxou um pouco para cima. Isso fez com que conseguisse atingir ainda

mais fundo dentro de mim. Fechei os olhos entendendo que nem se quisesse, poderia impedir que o prazer me dominasse.

Robert estocava cada vez mais fundo e mais rápido. Quando aumentava a intensidade eu entendia o que queria dizer com o “sentir como as bolinhas se sentem”. Eram estocadas duras, fortes e fantasticamente deliciosas.

- Agora, Mel! – suas palavras eram uma ordem, e eu não tinha ideia do que ele queria que eu fizesse. – Rebole, meu bem! – Como de costume, obedeci sem pestanejar. Reiniciei meus próprios movimentos

rebolando como ele disse anteriormente adorar. Seus gemidos preencheram o ambiente e os meus ecoavam os dele.

Toda a sensação de controle se esvaiu e eu já estava submissa e entregue as diabruras do meu amante. Seria o que ele queria, da forma como ele queria e na hora que ele quisesse. O mais importante desta minha descoberta era que eu não estava nem um pouco incomodada com isso. Se era com Robert, eu estava dentro. Topava qualquer coisa, qualquer momento para receber o que me oferecia.

Não era apenas o sexo. Era

sexo com Robert, e não por ser sexo com Robert, e sim por ser a forma mais incrível e completa de nos unirmos. Era como se fôssemos um único corpo, uma única alma, um único ser. Transar com meu amante era a confirmação do que eu já sabia há muito tempo, nós nos pertencíamos. Não nos completávamos porque éramos uma única matéria. Nós nos fundíamos. Naquele momento não existia Robert nem Melissa, existia apenas o amor que nos fazia explodir em milhares de fragmentos e mesmo assim, continuarmos sendo um só.

Robert estocou fundo e gemeu

me apertando com mais força em suas mãos. Imediatamente seu líquido quente se derramou em mim enquanto ele arfava e se movimentava mais lentamente. Minhas pernas tremeram e eu iniciei o meu segundo orgasmo. Meu coração inflou de uma maneira inesperada, porque enquanto eu sentia a emoção alcançar cada célula do meu corpo, explodindo de dentro para fora e rapidamente fazendo o caminho inverso a ideia de um filho, fruto do nosso amor, me assolou.

Eu tinha noção de que não existia mais espaço no meu interior

para o que eu sentia por Robert. Meu amor era tamanho que transbordava pelos meus olhos e mesmo assim não era suficiente.

Uma vez minha mãe me disse que quando o amor não cabia mais em si, nascia um filho, que era a maneira de deixar este amor transbordar. Ele cresce e se reparte. Era isso o que eu queria? Era disso que eu precisava?

Sim. Eu precisava de um filho de Robert em meus braços.

CAPÍTULO 29

Robert me carregou em seus braços, depois de colocar minhas roupas em seu devido lugar, e me levou para nosso quarto. Eu estava muito cansada. Não apenas pelo nosso momento na mesa de sinuca, também por causa de todos os nossos momentos nos últimos dias. Assim que ele me deitou na cama, adormeci.

Acordei enroscada em seus braços. Ele já estava acordado, deitado e com os braços ao meu redor. Seus dedos acariciavam suavemente minhas costas nuas. Eu não me lembrava de ter tirado as roupas. Ele fez isso. Aconcheguei-me mais em seu peito e senti seu cheiro entorpecedor.

- Fique um pouco mais na cama – seus lábios tocaram minha cabeça. – Vou rapidamente à empresa. Fique e organize tudo para a nossa partida.

- Não – me espreguicei. – É minha obrigação acompanhá-lo – comecei a levantar. Robert me

segurou na cama me prendendo com os braços enrolados em minha cintura.

- Fique, Mel! Não vamos fazer nada demais. Só detalhes rotineiros. Você não vai ser útil – fechei a cara com a colocação. – Ok. Você sempre é útil – ele riu. – Ficarei mais tranquilo sabendo que você está cuidando de tudo por aqui para podermos embarcar.

- Que pressa! – murmurei e ele riu enterrando o rosto em meus cabelos. Eu adorava quando ele fazia isso.

- Tenho coisas para resolver.

- Coisas? – fiquei curiosa.

Será que ele falava do problema com Tanya e de todas as ligações que havia recebido?

- Pendências – se limitou a dizer ainda entre meus cabelos. – E eu vou te contar, primeiro preciso resolvê-las – suspirei teatralmente. E quando foi diferente? – Vou tomar um banho.

- Já? – Robert me olhou sem entender. – Eu pensei que... – baixe os olhos para os lençóis que me cobriam. Rapidamente ele voltou a para a cama.

- Tenho que sair ou então não voltarei a tempo – me beijou com carinho. – Não me olhe assim. Você

sabe que eu não consigo resistir – sorri adorando a sensação de poder sobre o meu querido CEO. – E ainda temos que libertar Bruno – os olhos de Robert me sondaram.

- Bem... – comecei a falar sem saber como dizer o que havia feito. Robert passou as mãos pelos cabelos.

- Eu sei que você deu a chave a Alexa, Mel. Muito boazinha você. Bruno nunca perderia a chance de trancá-la e só libertá-la pela manhã.

- Eu sei.

- Você não pode permitir que as pessoas te provoquem daquele jeito. Sua competição com Bruno foi

engraçada, mas muito arriscada.

- Eu sei. — me encolhi na cama sentindo-me uma criança.

- Além do mais, precisa primeiro observar melhor seus adversários. Colher o máximo de informações possíveis, ao invés de sair atacando. Como se estivesse analisando um mercado. Tem que conhecer as forças e fraquezas. Seja qual for o adversário — ele segurou em meu queixo puxando meu rosto para cima e encontrando o meu olhar. — E se perceber que ele é mais forte que você, saia da disputa.

- Desculpe! — Robert me largou e suspirou.

- Não se desculpe, Melissa. – retrucou impaciente e depois riu.

- Nunca vai me dizer?

- Dizer o que?

- Por que não gosta que eu me desculpe? – ele riu.

- Você já me deu todas as provas possíveis de que não é inocente. Quando se desculpa, fica parecendo uma criança inocente e eu não quero vê-la desta forma. Quero que continue sendo a minha mulher, safada – beijou um lado do meu rosto. – Forte – beijou o outro lado. – Destemida – beijou a ponta do meu nariz. – E gostosa – seus lábios tocaram os meus e no mesmo

instante eu desejei que tivéssemos mais tempo. – Agora preciso ir. Não quero me atrasar.

- Maníaco compulsivo – recebi uma palmada pelo meu comentário.

- Por eu ser maníaco, muitas pessoas têm um emprego hoje e um belo salário.

- E todas vão precisar de um psicólogo para ajudá-las a perder o medo do relógio – ele me deu outra palmada. Desta vez mais forte, e levantou.

- Não abuse da sorte – sua voz era uma ameaça, eu fiquei imediatamente molhada.

Robert era uma deliciosa tortura.

Descemos para o café da manhã. Eu tomaria o meu, Robert não. Ele tinha pressa de sair e então dispensou. Alexa estava sentada à mesa da cozinha tomando uma xícara de café e sorriu para mim quando entrei. Ela não estava arrumada, então com certeza foi dispensada por Bruno também. Seu namorado chegou em seguida, com aquele jeito nada discreto e me pegou num abraço de urso rodopiando comigo

nos braços. Fiquei completamente vermelha.

- Cunhadinha, eu nunca tinha notado o amor de pessoa que você é – disse rindo do meu embaraço e assanhando meu cabelo já perfeitamente arrumado.

- Menos, Bruno! – Robert me puxou dos braços do irmão, me prendendo em seu abraço. – E ela só fez isso porque eu não estava sabendo, por mim você só saía daquele quarto na hora de irmos embora.

- Nem você vai conseguir azedar o meu dia, meu querido irmão – Bruno continuava sorrindo.

– Te devo uma, cunhadinha. Bata aqui – levantei minha mão e recebi um tapa tão forte que conferi se meus dedos continuavam lá.

- Ai! – reclamei. Robert ficou tenso ao meu lado.

- Bruno! – ameaçou.

- Foi mal, Mel!

- Vamos. Não quero me atrasar – Robert passou por ele me levando junto. Vi que Bruno deu um beijo de despedida em Alexa.

- Não vou demorar – ressaltou antes de me beijar e partir. Instantaneamente me senti sozinha. Em algumas horas estaríamos de volta para a realidade e eu tinha

muito medo do que nos aguardava.

A volta para casa foi longa e sem graça. Robert solicitou uma reunião com todos nós, inclusive Nicole, para repassar tudo o que havíamos conquistado e de que forma seria apresentado aos diretores e acionistas. Nick propôs anunciar a fusão na festa de confraternização e o irmão concordou, para isso me pediu um pequeno resumo do meu relatório para ser apresentado.

Depois do almoço, Robert chamou Bruno em sua cabine e me deixou do lado de fora. Estranhei, ele não querer aprontar nada de

cunho sexual, mesmo assim aguardei. Bruno saiu da cabine com um sorriso imenso e me olhou com admiração. Aquilo não me pareceu normal.

Robert apareceu na porta e chamou Paul, que estava aproveitando os momentos dele com Nicole, abraçados dividindo a mesma poltrona. Nick protestou, mas Paul foi mesmo assim. Fiquei conversando besteira com as minhas amigas enquanto tentava ignorar os olhares de Bruno e seu sorriso bobo no rosto.

A reunião com Paul durou mais do que a com Bruno e quando

ele saiu não tinha no rosto o mesmo sorriso bobão do cunhado. Mas me olhou de uma maneira diferente. Não havia raiva ou divertimento, parecia preocupado e ao mesmo tempo aliviado. Robert chamou Nicole e voltou a se trancar na cabine. Foi mais rápido que os demais e a irmã saiu de lá saltitante, também não me disse nada.

Alexa não foi chamada, o que colocou um monte de minhocas em minha cabeça. O que estava acontecendo? Robert abriu a porta da cabine e me chamou. Gelei. O que ele teria para me dizer me deixaria com um sorriso bobo como

o de Nicole e Bruno ou pensativa como Paul? Levantei e caminhei em sua direção. Todos os meus músculos estavam tensos. Meu chefe fechou a porta atrás de nós dois e me abraçou pelas costas.

- Agora, Srta. Simon... – me levou em direção à cama. – Sua vez – me atirou nela e subiu por cima de mim.

- Foi exatamente isso o que você fez com Bruno, Nicole e Paul? – olhei divertida para ele.

- Você precisa de mais algumas palmadas para entender quem manda nesta relação.

- Eu entendo quem manda –

passsei meus pés descalços pelas suas pernas. – Eu. – ri e ele segurou meus calcanhares e me girou com tanta força e rapidez que quando dei de cara com o colchão me perguntei como tinha acontecido. – Robert! – protestei, mas ele já estava de joelhos sobre mim, mantendo meu corpo no colchão.

- Quem manda, Melissa? – seus dedos correram pelas laterais do meu corpo fazendo cócegas. Comecei a rir incapaz de me livrar de suas mãos. Não tinha como fugir daquela tortura e eu ria descontroladamente. – Quem manda?

- Você. Você – minha barriga doía de tanto rir. – Você, Robert! – Parou deixado que eu voltasse a ficar com ele, continuando em cima de mim.

- E agora. O que posso fazer com você? – recuperei o fôlego ainda rindo um pouco.

- Pode fazer o que você quiser.

- O que eu quiser?

- hum, hum!

- Então... Acho que vou querer uma coisinha que venho desejando há um bom tempo – seus lábios desceram pelo contorno do meu pescoço parando em minha

clavícula. Fiquei tensa.

- Que coisinha? – ele riu.

- Você disse o que eu quisesse.

- Não estou totalmente preparada para tudo o que você quer – eu já estava tensa.

- Eu posso fazer você querer – continuou beijando a minha pele.

- Robert! – ele riu alto.

- Calma, amor! Estou brincando – voltou para beijar meus lábios e me deixou mais relaxada. – Mas eu quero você – falou baixinho. Suas palavras me pareceram urgentes. – Preciso de você, Mel. Fica comigo!

- Com quem mais eu poderia ficar? – a urgência em sua voz fez meu coração se apertar. – Eu amo você!

- E eu a você.

Fizemos amor e ficamos namorando durante o restante da viagem. Robert conversou sobre todos os assuntos possíveis, menos sobre o que havia conversado com os demais antes de me chamar, nem sobre os telefonemas que recebeu de Adam e Frank sobre Tanya. Eu não forcei a barra. Estávamos bem e era

o suficiente para mim. Apenas uma coisa ele deixou vazar. O caso de Tanya e Frank.

- Quando você descobriu? – eu estava deitada em seu peito enquanto ele acariciava as minhas costas.

- Há muito tempo – não quis expressar a minha surpresa por esta revelação.

- Antes ou depois de tudo acontecer?

- Eu descobri depois, mas não tenho como dizer quando exatamente eles começaram a se envolver.

- E Frank concorda com este acordo entre vocês?

- Você concorda? – merda!

Frank estava na mesma que eu. – Frank é louco por ela. Sempre foi. Eu cheguei primeiro e ele nunca foi uma ameaça. Acho que Tanya se envolveu com ele para chamar a minha atenção. Acredito que ela quis me punir. Quando eu descobri, não importava mais quem estava com ela. Eu só queria sair deste inferno o mais rápido possível – ficou em silêncio pensando.

- Você pareceu muito aborrecido quando Frank ligou – eu não queria levantar a suspeita, mas a maneira como ele falou me deixou insegura.

- Porque Frank deveria ser mais forte. Mais presente. Ele parece ter medo de mim. Ele sempre soube que eu sabia, só que nunca discutimos o assunto abertamente – suspirou. – Se ele fosse mais forte, Tanya já tinha desistido de mim, desta vida ridícula.

- Você desistiria? – ele ficou em silêncio por bastante tempo.

- Sim. Sempre. Tudo para poder continuar com você, Melissa.

Ele me abraçou e fizemos amor de novo. Foi mais urgente do que da primeira. Com Robert apaixonado e apaixonante. Este era o meu Robert. O meu CEO.

Deixei que ele se deitasse sobre mim e abracei seu tronco acariciando suas costas largas. Robert estava entre as minhas pernas, afundado no meu interior. Seus braços estavam ao lado do meu rosto, sustentando seu peso. Ele beijava meus lábios com ânsia. Durante todo o tempo ele manteve o nosso beijo. Se não fosse nos meus lábios, era em meu rosto, pescoço e seios. Tudo de maneira bastante carinhosa e apaixonada.

Eu o sentia entre minhas pernas. Seus movimentos lentos e sensuais como se estivéssemos dançando uma música lenta,

perfeitamente ensaiada, repleta de passos discretos e certos. Eu me mexia em resposta aos movimentos dele. Existia muito em que se concentrar, mas eu não conseguia pensar em nada além do seu corpo sobre o meu, entrando e saindo, rebolando e gemendo enquanto seus lábios me beijavam.

O êxtase chegou praticamente ao mesmo tempo, sem que precisássemos nos comunicar com palavras. Foi a forma mais verdadeira e completa de se fazer amor, porque naquele momento era isso que fazíamos. Depois ficamos abraçados sem trocar palavras,

apenas carinhos leves, até que adormeci em seus braços.

Acordei com batidas na porta. Nicole avisando que precisávamos voltar à realidade. Não sei quanto tempo passamos trancados naquela cabine, mas já estávamos de volta aos Estados Unidos e prontos para aterrissar. Meu conto de fadas chegava ao fim e eu estava de volta a Tanya, contratos, acordos, promessas e sofrimentos. Esta seria a minha realidade nos próximos cinco meses. Suspirei sonolenta e me espreguicei na cama.

- Precisa se vestir logo, amor.

- Já vou — levantei sem

vontade e peguei minhas roupas no chão.

- Isso tudo é sono ou tem mais alguma coisa? – ele não podia deixar de notar a minha apatia.

- Não. Fora o fato de estarmos de volta à realidade – Robert suspirou e ajoelhou diante de mim. Eu estava sentada na beira da cama, com as minhas roupas na mão e o cobertor preso ao corpo.

- Seja mais otimista – seus olhos brilharam. Ele tentava esconder algo. – E essa preocupação toda não vai fazer bem para o bebê – revirei os olhos e cai de costas na cama. Robert riu.

- Você é mesmo louco.

- Sonhador, Melissa.

Sonhador – ele já estava vestido com suas calças e colocava a camisa de manga comprida e botões. Seu corpo era tão bonito. Eu podia passar dias olhando-o e nunca me cansaria. – Mel, você precisa se vestir – alertou ao notar que eu continuava do mesmo jeito. – Precisa de ajuda? – um sorriso torto brotou de seus lábios, sorri correspondendo.

- Você é muito bom em me despir. Será que é tão bom em me vestir também?

- Sou bom em tudo. Venha! –

Robert me puxou da cama me deixando em pé ao lado dele. Segurou minha calcinha, que definitivamente estava inutilizável, e se abaixou para que eu passasse os pés por ela.

- Não quero colocar esta calcinha. Está molhada – ele riu. Mesmo assim coloquei meus pés em suas entradas e deixei que Robert a subisse pelas minhas pernas. Seus dedos roçando a minha pele. Quando ele se aproximou do fim, deixou sua mão me tocar intimamente. – Robert! – o recriminei deliciada com a brincadeira.

- É a força do hábito – safado,

gostoso! Se afastando um pouco pegou o meu sutiã, que estava embolado nos lençóis. – Vire-se! – obedeci.

Passei os braços pelas alças e deixei que Robert o levasse para meus seios. Novamente seus dedos percorreram meus braços e eu me senti quente. Quando ele arrumou cada parte em seu devido lugar, suas mãos seguraram meus seios com força.

- Robert! – arfei e ri.

- Desculpe! – senti seu beijo doce em minha nuca. – Às vezes é difícil demais – ele me virou e eu estreitei os olhos.

- Precisamos ou não voltar para nossas poltronas?

- Precisamos – passou as mãos pelos cabelos perfeitamente desorganizados. – Descobri que não sou bom nisso. Tome! – atirou minhas roupas para mim. – Não posso mais te ajudar.

- Por que não? – ele simplesmente olhou para o local que me responderia. Claro! Ele estava excitado. Revirei os olhos, divertida. – Homens!

O restante do tempo correu como deveria. Aterrissamos, organizamos nossas coisas, nos aprontamos para desembarcar, tudo

normal. Robert ficou me aguardando enquanto os outros desciam. De repente Nicole voltou apressada.

- Robert? – chamou meio ansiosa demais, porém sem causar alarde. – Tanya está aí.

- O que? – ele se sobressaltou. – O que ela faz aqui?

- Não sei. Está com Olívia e as duas nos aguardam ao lado do carro que foi enviado para nos buscar.

- Que inferno! – Robert praguejou. – Vamos! – segurando em minha mão ele tentou sair.

- Robert, não! – puxei minha mão de volta.

- Não tenho nada a esconder dela – ele estava com raiva, seus olhos demonstravam a intensidade deste sentimento.

- Mas Olívia... – meu amante entendeu e mesmo contrariado soltou minha mão.

- Robert, vamos descer juntos e descobrir o que ela está aprontando. Tanya não vai fazer nada na frente de Olívia. Meu carro está no estacionamento, eu acabei vindo com ele, então não vou voltar no mesmo carro que vocês. Posso levar Mel para casa – Nicole se adiantou segurando no braço do meu amante.

- Não.

- Robert! Por favor! – Nicole estava tensa demais.

- Robert, não é o momento. Pense bem – ele respirou fundo, mas aceitou e começamos a descer. Eu estava incrivelmente nervosa.

Como Nicole havia dito, Tanya estava no aeroporto, junto com Olívia que segurava a sua mão com carinho. Quando viu Robert soltou a mão de Tanya e se apressou para abraçá-lo. Ela parecia animada demais e Tanya estava tensa.

- Ah, querido! Estou tão feliz! Você nem imagina o quanto sonhei com isso – Olívia falou emocionada.

- Com isso o que? – Robert retribuiu o abraço tentando não ser rude com a mãe.

- Bom... Tanya me disse que não podíamos contar assim, mas estou tão animada.

- Olívia! – Tanya advertiu, demonstrando seu embaraço. Seu rosto pálido ficou realmente um pouco vermelho. Todos estavam parados aguardando o que elas diriam.

- Você vai ser pai outra vez – Olívia anunciou animada.

A impressão que tive foi que o chão se abriu e me engoliu. Fiquei solta na queda por um tempo

indeterminado. Eu não parecia cair, e sim estar sustentada pelo ar, aguardando a queda e o momento da dor, que não chegava nunca, prolongando a minha angustia.

Olhei para Robert, ele não me olhou em nenhum momento. Ele encarava Tanya, que encenava o seu melhor papel de mulher envergonhada e feliz ao mesmo tempo pela notícia da gravidez.

Robert seria pai. Não de um filho meu, de um filho de Tanya. Mas como? Puta merda! A noite em que ela o dopou. Puta merda! Puta merda! Que filha da puta! Foi por isso que ela fez o que fez.

- Desculpe! – Tanya falou enquanto Olívia demonstrava a sua total empolgação. – Eu disse a Olívia que é só uma suspeita. Quase confirmada – sorriu timidamente. – Pouco tempo ainda. Não dá para errar assim, não é? – Robert continuou calado.

- Preparei uma reunião especialmente para este momento. Vamos festejar – Olívia não entendia a situação, por isso eu não conseguia reagir contra ela. Eu não conseguia reagir contra ninguém. Eu simplesmente não conseguia reagir.

- Tenho que passar na empresa – Robert finalmente se

manifestou. A voz grave, mas controlada. – Tenho muito trabalho a fazer.

- Robert! – Olívia o repreendeu. – Não está feliz?

- Estou surpreso. Apenas isso – a voz dele estava mais suave. Ele tentava despistar Olívia ou estava mesmo começando a curtir a ideia de ter um filho com Tanya.

- Vou levar Mel em casa – Nicole colocou as mãos sem meus ombros. – Ela não passou muito bem durante a viagem e precisa descansar – eu nada disse. Nicole com certeza justificava o meu abatimento.

- Oh, querida! E eu aqui te segurando. Como está se sentindo? –
Olívia se voltou carinhosamente para mim.

- Tonta – consegui dizer. –
Acho melhor ir para casa – olhei para Robert e ele não olhou para mim. Ele ainda encarava Tanya.

Um filho. Deus!

Nicole me conduziu até o carro dela. Paul nos acompanhou com as malas. Ele nada dizia. Ninguém falava nem me olhava. A tensão era tão grande que era quase palpável. Eu podia senti-la me sufocando. Toda a dor subia pela minha garganta e ardia em meus

olhos. Robert seria pai. Não de um filho meu. Não o nosso filho.

- Vou com eles – Paul anunciou, demonstrando estar um pouco sem graça. – Acho que você pode lidar com isso melhor do que eu – claro! Ele seria tio. O casamento de Tanya e Robert estava salvo. A empresa estava salva. Eu era apenas um problema agora. Nicole cuidaria de colocar o lixo para fora de casa. – Eu... – ele virou para mim. – Sinto muito! – Disse quase como um sussurro e partiu.

Eu também, Paul. Sinto muito mais do que qualquer outra pessoa.

- Vamos – Nicole me colocou

dentro do carro. Eu continuava sem reação.

Saímos do aeroporto e fomos embora. Robert havia ficado para trás. Tinha ficado com a família dele, com o filho deles. Não o meu filho. Meu coração afundou no peito e um soluço escapou. As lágrimas caíram antes que eu conseguisse detê-las, se é que eu teria forças para fazê-lo.

A dor em meu peito era tão grande que deitei sobre minhas pernas e gritei de dor. Nicole estava desesperada ao meu lado.

- Calma, Mel! Não sabemos a verdade ainda. Pode ser mais uma

armação dela – eu continuava a chorar e a gemer de dor. Nada que ela me dissesse mudaria a minha situação. Podia ser uma armação, mesmo assim era um filho e Robert queria muito um filho. Ele estava obstinado – Mel, por favor! – notei que Nicole também chorava. – Eu sinto tanto!

Paramos o carro em um acostamento e Nicole soltou o cinto de segurança para me abraçar. Choramos juntas. Abraçadas. Eu estava tão desesperada! Meu celular tocou em minha bolsa. Eu não tive coragem de atender. Quando parou o de Nicole começou a tocar. Com

certeza era Robert. Eu não queria falar com ele. Não queria ouvir suas justificativas, não queria, acima de tudo, ouvir o seu adeus. Robert teria a sua vida de volta.

“Eu amei muito Tanya, Mel.” Suas palavras ecoavam em minha cabeça. *“Você vai ser pai.”* A notícia de Olívia. *“Isso não faz bem para o bebê”* a sua mão em minha barriga. Instintivamente levei minha mão para a minha barriga. Não havia nada ali além dos sonhos que morriam naquele momento. Nada de Robert tinha ficado para mim além das lembranças. Sua vida estava refeita. Ele teria a sua

segunda chance. A minha vida estava destruída. Eu teria uma segunda chance?

- Fique calma, por favor! Por favor! – seus braços estavam ao meu redor. Respirei fundo e levantei a cabeça. Eu estava péssima, mas precisava deixar Nicole voltar para a sua família. Ela também precisava aceitar o recomeço de Robert. – Vou te levar para casa.

Nicole ligou o carro e dirigiu com cuidado pela chuva fina que caía molhando o início da manhã. As ruas já estavam movimentadas. Os carros seguiam a caminho do trabalho. Todos seguiam o seu

destino. Eu tinha medo do meu destino.

O meu celular voltou a tocar. Continuei ignorando-o. Nicole me espiava incerta sobre o que fazer. As lágrimas ainda caíam pelo meu rosto, mas os soluços haviam cessado. Eu tinha que trabalhar. Como? Se não tinha ânimo nem para viver. O celular de Nicole tocou novamente, ela o procurou quando viu quem ligava ficou sem saber se deveria ou não atender.

- O que devo dizer?

- Não sei. Talvez, parabéns papai! – não sei de onde o sarcasmo veio.

- Mel, seja razoável – Nicole ignorou a ligação. – Precisamos primeiro saber até onde isso é verdade.

- Tanya não é tão louca para inventar uma gravidez. Não estamos mais na idade média. Existe exame de DNA que pode ser feito durante a gravidez. Robert conseguiria desmascará-la sem nenhum problema – eu falava e pensava na possibilidade daquilo tudo não passar de uma piada de mau gosto. Não tinha como ser mentira. Eles haviam transado. Eu sabia disso.

- Tudo bem. Vamos levar em consideração de que a gravidez é

real. E daí? Ele não precisa ficar com ela por causa da gravidez – tapei os ouvidos com as mãos. Eu não queria enxergar por este lado. Um filho traria a paz que Robert tanto almejava. Um filho com Tanya tornaria tudo mais fácil para ele.

- Nicole, por favor! – voltei a chorar.

- Tudo bem. Mas o que você vai fazer? Vai ignorá-lo até quando? Você conhece Robert e ele não vai desistir.

- Desistir de mim? Pelo amor de Deus! – gritei. – Ele agora tem tudo o que deseja. Robert passou os últimos dias me implorando para

termos um filho. Era isso o que ele queria. Você não entende. Um filho com Tanya dará a ele o que tanto procura. Agora ele não precisa mais temer pelo futuro da empresa.

- Mel! – Nicole gritou de volta. – Eu entendo que você esteja machucada, mas, por favor, ouça o que está dizendo. É de Robert mesmo que está falando? Onde você esteve no último mês? Robert odeia Tanya. Você... Meu Deus! Você não faz ideia do que Tanya fez. Você não acreditaria no quanto ela já machucou o meu irmão.

- Mas ele transava com ela, não é? Ele fez esse... Esse filho nela

– merda! Era injusto porque eu sabia que ele não teve a intenção. Ele sequer quis transar com Tanya. Foi uma armação, para meu azar, uma armação que havia gerado frutos.

- Melissa, eu não vou mais conversar com você – Nicole continuava gritando comigo. – Coloque a sua cabeça no lugar. Robert não te conhecia. Ele vivia um jogo com Tanya e sim, ele transava com ela. Quem te garante que era a vontade dele? Quem te garante que a filha da puta da Tanya não pegou a camisinha depois que ele descartou? Quem te garante que este filho é de Robert? Merda! – bateu com a mão

no volante me assustando. Ficamos em silêncio até que o carro parou em frente ao prédio onde eu morava.

- Tire o dia de folga – disse mantendo os olhos baixos. Ela também estava exausta.

- Vou precisar de um ano inteiro – encostei a cabeça no banco e fechei os olhos. – Olha Nicole, desculpe. Você não tem culpa.

- Eu sei. Desculpe também – apertou minha mão com força. – Eu sinto muito, mas dê mais crédito a Robert. Ele te ama – ele me ama. Era difícil acreditar nisso depois daquela notícia terrível. O celular de Nicole voltou a tocar, desta vez

ela atendeu. – Oi, Robert! – meu coração acelerou. – Ela está aqui comigo – ficou calada. – Não é um bom momento – ouviu o que ele dizia. – Já fiz isso. Eu sei Robert, eu sei! – Nicole parecia mais cansada do que deveria. Ela olhou para mim apreensiva. – Ok. Vou dizer a ela – e desligou o telefone sem se despedir.

- Não quero saber o que ele disse – tudo bem! Eu estava sendo mais do que infantil. Nicole revirou os olhos.

- Ele mandou eu te dar o dia de folga – bufei. Era o que ele deveria fazer mesmo. Um dia de

folga para que ele pudesse descobrir a melhor maneira de me descartar. – Disse que precisa resolver umas coisas e vem te encontrar mais tarde – minha cara demonstrava a minha indignação. – Acrescentou que não importa se você não quer, ele vai aparecer de qualquer jeito. E pediu para te lembrar que os seguranças estão de volta e será fácil para ele descobrir onde você está, caso decida fazer alguma bobagem – até neste momento ele conseguia controlar a minha vida.

- Vou ver qual parte dele consigo quebrar agora – Nicole riu sem muita vontade.

- Tenha mais paciência. Se está difícil para você imagine para o meu irmão? Robert bem sabe o que é ter um filho com Tanya. Aposto que neste momento está desesperado relembrando tudo o que passou com a morte do seu primeiro filho – registrei o primeiro com mais dor do que imaginava. Nicole já estava conformada com a existência deste outro filho na vida de Robert. Eu não. – Com certeza agora ele deve estar com muito medo que Tanya deixe tudo acontecer novamente.

Foi impossível conter as imagens que surgiram em minha cabeça. Quando eu e Robert tivemos

a conversa sobre filhos. Toda a dor em seus olhos. Todo o sofrimento estampado em seu rosto. Deus! Eu não queria que ele passasse por tudo outra vez. Eu queria que ele fosse feliz. Queria que ele tivesse o filho, que o amasse e se sentisse completo e em paz. Neste momento eu soube que este filho não seria a felicidade dele, porque seria com Tanya. Entendi como estava sendo para ele.

- Vamos. Vou te ajudar com as malas.

Nicole saiu do carro e eu a acompanhei. Fomos juntas para o porta-malas. Ela retirou a minha bagagem de mão e precisou retirar a

mala dela para pegar a minha.

Pude ver, a uma distância razoável, o carro com os dois seguranças. Não sabia se sentia alívio ou revolta, não me preendi a este detalhe. Vindo, a uma velocidade atordoante, um carro todo preto, com vidros que impossibilitavam enxergar seus ocupantes, se aproximava de nós duas. Em segundos eu entendi o que aconteceria.

Não houve muito tempo. Apenas corri e segurei Nicole pelo braço, para que saíssemos da traseira do carro e não fôssemos estraçalhadas com o impacto. O que

aconteceu a seguir eu não tenho como descrever. Sei que fomos atingidas, senti a porrada em meu corpo, ouvi sons estranhos de freios, vidros e coisas quebrando e depois caí no chão com Nicole ao meu lado. Senti pedaços de vidros se espalharem sobre nós duas e a ardência ao ser atingida por algo. Não apenas em um lugar, em vários. Depois um silêncio incômodo. Nicole não dizia mais nada.

Minha cabeça doía. Meus olhos não conseguiam focar. Eu queria encontrar Nicole. Virei o rosto em sua direção e fiquei chocada. Uma poça de sangue

ocupava o espaço entre nós. Nick estava imóvel. Os olhos fechados. Eu não conseguia ver se ela respirava. Tentei levantar, mas senti uma dor forte e fiquei impossibilitada. Ouvi passos em minha direção. Os seguranças. Ouvi vozes, minha cabeça doía muito e eu não conseguia identificar mais nada.

Então chegou a sonolência irresistível. Eu queria lutar contra ela. Queria manter meus olhos abertos. Queria ter forças para salvar Nicole, no entanto minhas forças se esvaíam junto com todo o sangue que se espalhava pelo chão. Rezei para que fosse meu. Nick não

precisava morrer por minha causa.
Eu morreria de bom grado.

Quando não consegui mais lutar, fechei os olhos, tateei meu busto em busca do colar e segurei o coração com o símbolo do infinito, pensei em Robert e em nosso amor, desejei que ele encontrasse a paz e a felicidade e abracei a minha morte.

CAPÍTULO 30

Eu tinha certeza que Tanya faria algo. Estava preparado para as suas ameaças ou chantagens emocionais, mas nunca para uma revelação daquelas. Tanya grávida era a concretização do inferno em minha vida. Eu sabia que existia possibilidade de ela estar grávida de mim, afinal de contas houve aquela fatídica noite, em que a filha

da puta dopou. Pelo vídeo dava para entender que realmente aconteceu, apesar da possibilidade, eu não podia imaginar que este era o seu objetivo.

Havia também uma grande chance de ser mentira e eu implorava por isso. Ela havia dado a cartada perfeita. Conseguiu levar Olívia para o seu lado, o que, com certeza, destruía as minhas chances de ter o apoio da minha mãe para o que eu planejava fazer.

Enquanto Olívia perdia seu tempo acreditando na sórdida armação de Tanya eu pensava somente em encontrar alguma forma

de terminar mais rápido com aquela merda. Eu tinha que encontrar uma saída. Uma prova que pudesse mostrar a todos que eu não desejei nem tampouco estive de acordo com aquele filho. Aliás, existia ainda a possibilidade de Frank ser o pai, afinal de contas ele a levava para a cama com muito mais frequência do que eu, e por livre e espontânea vontade.

Era impossível pensar com clareza sabendo que Melissa estava pertinho de mim, destruída com tudo o que foi revelado. Eu queria poder abraçá-la e dizer que tudo ia ficar bem, que não passava de mais uma

armação de Tanya, infelizmente eu sabia que se fizesse qualquer alusão ao meu envolvimento com ela, Olívia seria uma aliada perdida.

Tive que concordar que Melissa fosse embora com Nicole e ainda fui obrigado a entrar no mesmo carro que Tanya. A pior parte foi ouvir Olívia tecer elogios ao casal. Casal! Ela não sabia a cobra com quem estava lidando.

Alexa e Bruno estavam tensos. Todas as vezes que eu desviava os olhos de Tanya, encontrava os de Alexa e a acusação estava estampada ali. Merda! Eu precisava passar na empresa para

resolver algumas coisas, precisava ficar a sós com Tanya e precisava estar com Melissa. Não dava para acontecer uma coisa de cada vez?

- Robert? Está tudo bem? — ouvi minha mãe chamar. Olhei para ela e só conseguia ver alegria em seu rosto.

Olívia tinha sofrido tanto com a morte do meu filho. Ela o amava tanto. Tão mais do que a mãe. Como Tanya pode brincar com um assunto deste com a minha família? Tudo o que ela já havia feito não era o suficiente? Minha vontade era matar minha esposa ali mesmo e pronto, todos os meus problemas estavam

resolvidos.

- Sim. Estou bem – respondi tentando tirar da minha voz o peso da minha raiva. – Tanya? Podemos ir para casa? – Olívia sorriu largamente com a minha primeira frase direcionada a minha esposa, no entanto esta ficou surpresa e assustada.

- Olívia preparou uma reunião, Robert. Não pode deixar para depois? – aquela cobra falava com tanta doçura que qualquer pessoa acreditaria em sua inocência. Filha da mãe!

- Não! – minha voz podia estar equilibrada, mas meus olhos

eram assassinos.

- Tudo bem, Tanya – Olívia intercedeu. – Vamos combinar um almoço. Não se preocupe comigo. Pode curtir a notícia com seu marido em casa porque vamos ter muito tempo para comemorar depois – é sim. Vamos comemorar quando eu dançar na cova dela. Tive vontade de gritar, mas me contive.

Bruno avisou ao motorista que desviasse para a minha casa. Fiquei em silêncio o restante do percurso. Tanya e Olívia continuaram a conversar sobre os sintomas, as possibilidades, a esperança de ser mesmo uma

gravidez. Eu queria morrer. Agradei a Deus quando o carro parou na entrada do meu prédio e eu pude sair daquele inferno. Sinalizei para que os funcionários do prédio ajudassem com as malas e entrei, deixando Tanya para trás. Assim que abri a porta de casa peguei o celular para ligar para Melissa. Ela seria a minha prioridade.

- O que está fazendo? – Tanya perguntou logo atrás de mim.

- Consertando as suas merdas – dei dois passos para frente atento ao telefone que chamava e ninguém atendia.

- Vai ligar para a sua amante?

– ela parecia indignada, mas mantinha a voz baixa para que os empregados não ouvissem.

- Merda! – Melissa não atendeu. Imediatamente liguei para Nicole. O mesmo aconteceu.

- O que foi? Ela não quer falar com você? – Tanya exibia o sorriso mais cínico que já pude ver em seu rosto. – Coitadinha!

- Você vai desfazer esta palhaçada, entendeu? Vai contar para Olívia que se enganou, que foi alarme falso, o diabo que for, mas vai desfazer esta mentira para a minha família.

- Não é mentira – ela gritou

aborrecida e eu dei risada achando aquilo tudo um absurdo. – Você sabe que eu estou grávida.

- Você é burra? Em que mundo você vive? Vai sustentar mesmo que naquele dia aconteceu alguma coisa entre nós dois?

- Não seja ingênuo, Robert. Você sabe que aconteceu. Tanto que solicitou uma bateria de exames no dia seguinte – olhou-me com ar de superioridade. Ela achava que tinha dado a tacada certa. Mas não seria tão fácil.

- Que tenha acontecido, quer insinuar que foi o suficiente para engravidar? Logo de mim? – Ri

debochado. – Nós já transamos outras vezes e nem por isso você engravidou.

- Eu parei de usar remédio para evitar – cruzou os braços na frente do peito, me encarando. – Eu estou grávida, Robert. Se acostume com ideia, papai! – aquele sorriso cínico e seguro me fez balançar. Era possível? Não. Deus não seria tão injusto comigo. Pior, não poderia ser tão injusto com aquela criança. Tanya não merecia ser mãe.

- Acha mesmo que vou me comover com a mentira de um possível filho e vou desistir de Melissa?

- É seu filho.

- Não existe filho nenhum! – gritei sem paciência. – Eu vou te desmascarar, Tanya. Vou provar para a minha família que não existe filho. Vou me separar de você e vou viver feliz com a mulher que eu amo.

- É isso? Vai repetir os seus atos? Vai mais uma vez acabar com a minha vida no momento em que mais preciso de você? Vai abandonar seu filho outra vez para que ele morra sem proteção?

- Cale a boca! – meu coração martelava no peito com as acusações dela. Eu não tinha abandonado o meu filho para morrer. Ela tinha

feito aquilo. Tinha criado uma grande mentira e destruído a nossa vida juntos.

- Vai deixar que mais um filho seu morra desamparado? Sem um pai para protegê-lo? – lágrimas caíram de seus olhos mais estes demonstravam só raiva.

- Eu não abandonei o meu filho. Você o deixou morrer naquela piscina – Tanya se encolheu com a acusação.

Àquela altura eu sabia que todos os funcionários já podiam nos escutar. Sem opção caminhei para o meu quarto. Tanya me seguiu fechando a porta para termos mais

privacidade.

- Eu odeio você! – gritou enquanto eu tentava ligar para Melissa. Olhei para ela admirado. Era até engraçado. Dei risada.

- É mesmo? Tenho uma novidade para você. Eu te odeio também – surtei. – Pronto. Resolvido. Eu te odeio e você me odeia. Acabe logo com esta farsa e tudo ficará bem. Eu sigo o meu caminho e você o seu.

- Não vai ser tão fácil assim, Robert. Eu não vou permitir a sua felicidade quando você destruiu a minha.

- Você destruiu a minha. Você

permitiu que seu pai roubasse a empresa. Você o ajudou a roubar. Tirou de mim, do seu filho, do seu irmão, tirou de você mesma. Quase levou o grupo a falência. Você fez com que tudo acontecesse.

- Seu cretino! – Tanya estava acuada, nervosa. Ela sabia que eu conhecia os seus podres.

No dia em que eu decidi que não poderia mais viver sem Melissa e que deveria por um basta naquele jogo com Tanya, entreguei-lhe um envelope contendo uma cópia de todas as provas que havia reunido contra ela. Tanya tinha desviado dinheiro da empresa para uma conta

no Caribe, a pedido do pai. Eu descobri tudo. A conta estava em nome de uma pessoa inexistente, uma identidade falsa e, como tudo o que foi creditado nela era fruto de roubo, não foi possível incluí-la no testamento. Ou seja, o dinheiro estava na conta, mas ninguém poderia colocar as mãos nele. A não ser que tivesse a senha e isso Tanya não tinha.

Por isso ela lutava tanto para não perder o controle sobre a empresa. Ela queria conseguir a senha. Apesar de todos os seus esforços, nada foi encontrado e a fortuna que ela e o pai tinham

roubado da minha família continuava intocada.

Eu também desejava encontrar a senha. Não pelo dinheiro que havia nela, mas pelo prazer que seria desmascará-la e recuperar o que pertencia a minha família. Por este único motivo continuava casado. Mesmo sabendo que ela possuía provas contra mim que poderiam acabar com a minha carreira e reputação profissional. Impedi-la de colocar as mãos naquele dinheiro era uma questão de honra. Se de alguma forma ela conseguisse a senha, eu também conseguiria. Tenho certeza que este

era o motivo da sua insistência em manter esse casamento falido

Além disso havia as provas do seu envolvimento em mais um esquema de fraude e roubo, em conjunto com Adam e que levaria toda a sua pose para o lixo. Era o que a impedia de me acusar por qualquer deslize. Havia um equilíbrio, contudo eu sabia que ele logo deixaria de existir, bastava que eu provasse que aquele filho não era meu. Mas e se fosse? Não. Tanya não estava grávida.

Para mim nada disso fazia mais sentido. Eu havia desistido de tentar descobrir a senha. Possuía

provas suficientes para jogar Tanya na cadeia pelo resto da vida e viver em paz ao lado de Melissa. Esse passou a ser o meu único objetivo. Além do mais, tanto tempo tinha se passado que eu nem conseguia mais acreditar que um dia encontraria aquela senha. Com certeza ela se perdeu junto com os outros documentos que foram queimados na explosão do carro do pai de Tanya. A mesma que tinha causado a sua morte e deixado meu pai em estado vegetativo.

- Você não está grávida –
afirmei mantendo a minha voz firme.
– Eu sei que não está. E posso forçá-

la a fazer um exame para provar que é mentira. Você não gostaria de enfrentar uma batalha judicial, não é? Ser desmoralizada perante a sociedade que tanto valoriza. Que luta para se manter nela. Se continuar insistindo nesta mentira, vou contra você até não sobrar mais nada.

- Eu estou grávida – seus dentes trincados dificultavam as palavras de saírem nitidamente. – Estou grávida! – falou mais alto e de repente Tanya começou a rir. Sua risada era diabólica e seus olhos revelavam o quanto ela ainda seria capaz de fazer. – Faço o teste. Não

tenho o que temer. Faço amanhã mesmo – a forma como falou me causou arrepios.

Ainda com o telefone na mão voltei a ligar para Melissa. Ela não me atendeu. Liguei para Nicole. Minha irmã me ajudaria no que fosse necessário. De todos, ela foi a que melhor aceitou o que eu pretendia fazer, me dando apoio incondicional.

Melissa estava nervosa e com certeza estava sofrendo. Eu conseguiria convencê-la de que não tínhamos nada a temer. Eu a amava acima de tudo e precisávamos apenas ficar juntos para vencer mais

aquele obstáculo. Nicole atendeu. Graças a Deus!

- Oi, Robert – ouvi sua voz fraca do outro lado da linha e entendi que as coisas não estava nada boas para o meu lado.

- Onde está Melissa? – Fui direto. Tanya me olhou debochada aguardando. Desviei o olhar sem medo de revelar o que estava planejando. Tanya era uma carta fora do baralho e eu não hesitaria em destruí-la.

- Ela está comigo.

- Graças a Deus! Deixe-me falar com ela.

- Não é um bom momento –

Merda! Realmente não poderia ser por telefone. Melissa merecia muito mais de mim.

- Escute, Nicole – dei as costas a Tanya. - Dê o dia de folga a Melissa. Ela não pode ser forçada a trabalhar depois do que presenciou. Tenho que resolver uma coisa antes – voltei a olhar para Tanya. Ela não perdia por esperar. – E vou encontrá-la em casa.

- Já fiz isso.

- Não me importa se ela está irada o suficiente para não querer a minha presença. Eu vou do mesmo jeito – Tanya sorriu maliciosamente.

- Eu sei, Robert, eu sei.

- Ah, Nicole, por favor, lembre a Melissa que os seguranças já assumiram o posto. Isso não serve apenas para a segurança dela, também para que eu saiba exatamente aonde encontrá-la – esta era para Tanya. Ela tinha que saber que eu estava alerta.

- Ok! Vou dizer a ela.

- Ok! – desliguei o telefone voltando a minha atenção para meu problema. – Vou sair agora. Meu advogado entrará em contato com você. E não volto para casa esta noite.

- Isso! Corre para catar o que restou da sua vagabunda. O que vai

dizer a ela? Que não estou grávida? – riu alto. – Duvido que vá achar algum argumento contra um exame de gravidez positivo – olhei para Tanya me sentindo de diversas maneiras ao mesmo tempo. Tive medo que fosse verdade. Existia tempo o suficiente para tornar aquela loucura possível. Tudo bem! Eu precisava me manter calmo. Se Tanya estivesse grávida realmente, com certeza aquele filho não era meu.

- Se você estiver grávida mesmo – mantive a calma na voz e em minhas expressões. – Frank ficará muito feliz. Acredito que devo

parabenizá-lo e também agradecer-lo, afinal de contas, ele vai tirar um grande peso de minhas costas.

Tanya pegou um porta-retratos com a foto do meu pequeno Rob que estava ao lado da minha cama, e o atirou contra mim. Desviei com facilidade rindo da sua reação. No fundo eu estava nervoso e apreensivo. O porta-retratos bateu contra a parede e quebrou. Não virei para verificar. Continuei encarando Tanya.

- Não vai ser tão fácil, Robert. Não sou tão idiota quanto acredita. Tive todo o cuidado para não errar. Tive cuidado para

garantir que este filho seria seu – não consegui evitar o choque e ela percebeu. Um sorriso de vitória estampou em seu rosto. – Acha mesmo que eu correria este risco? Que engravidaria de outro apenas para tentar te prender? – não contive a minha fúria.

- Você já fez isso antes – mais uma vez o choque tomou conta de Tanya. Ela não conseguiu se recompor. – De qualquer forma, este filho não vai segurar o nosso casamento. Eu vou esmagar você, Tanya. Vou arrancar esta criança de suas garras, vou te jogar na cadeia até mofar nela e vou criar o meu

filho, se é que ele é meu mesmo, com quem realmente vai amá-lo e protegê-lo. Não vou te dar a chance de acabar com mais esta vida.

O brilho assassino dos seus olhos me atingiu com força. Naquele segundo eu soube que ela não brincaria em serviço. Meu celular tocou. Olhei o visor intrigado. John, o segurança que estava acompanhando Melissa naquele dia. O que Mel estava fazendo para que ele precisasse me ligar?

- Não se preocupe, Robert – Tanya disse chamando a minha atenção. – O tempo cura todas as feridas.

- Sim? – tentei ignorar Tanya.

- Sr. Carter? – havia urgência

na voz

- Sim, John. Pode falar – Tanya perdeu completamente a minha atenção.

- Foi muito rápido! Nós não tivemos como reagir. Foi muito rápido! – puta que pariu! Puta que pariu! Minhas pernas tremeram.

- O que aconteceu? – pela primeira vez em minha vida tive medo de receber uma resposta.

- A Srta. Simon e a Srta. Carter, elas... – merda! Não. Não.

- Porra, John! O que aconteceu? O que aconteceu?

- Elas... Droga! Elas foram atingidas por um carro – não. Não. Não. Andei nervoso pelo quarto sem me importar com mais nada.

- Como? Como isso aconteceu? Onde vocês estavam, merda? – caí na real. Olhei para Tanya e ela ouvia minhas palavras atentamente.

- Nós estávamos no carro e...

- Quero saber de Melissa. Como está Melissa? E Nicole?

- Feridas. Os paramédicos já estão aqui e...

- Estou indo – desliguei o telefone sem pensar em mais nada. Andei em direção a Tanya e a

segurei com força pelo pescoço. O terror em seus olhos era o meu alívio.

- Sua desgraçada! Eu mato você! – apertei as mãos ainda mais. Tanya não conseguia falar. – Se Melissa ou Nicole... – não consegui terminar a frase. Meu sangue pulsava em meus ouvidos. – Mato você, Tanya! – larguei a filha da mãe contrariado, mas eu precisava estar com minha irmã e com a mulher que eu amava. Tanya caiu atordoada com a minha reação. Fui embora desesperado.

Dirigir até a casa de Melissa foi o mesmo que correr em direção

ao inferno. Havia polícia por todos os lados e muitos curiosos. Próximo à entrada do prédio estavam duas ambulâncias. Eu tive que estacionar afastado das duas. *“Deus, por favor, não me tire as duas também”* Implorei. Peguei o celular.

- Tom? – falei assim que ele atendeu. – Preciso de você com urgência.

- Já estou providenciando, Robert. Pode ficar tranquilo. No final da tarde você receberá um relatório com tudo o que Tanya aprontou nos últimos trinta dias.

- Obrigado! Fico te devendo mais esta.

- Robert... Eu, sinto muito.

Muito mesmo.

- Eu também. Tenho que desligar.

Desci do carro sentindo o pânico me dominar. Elas não podiam estar mortas. Não podiam estar nem machucadas. Eu mataria Tanya. Mataria! Aproximei-me dos policiais que tentavam conter os curiosos.

- Sou Robert Carter – mostrei a ele minha carteira de motorista. – Sou irmão de Nicole Carter e – a imagem de Melissa sorrindo, deitada ao meu lado quase me derrubou. – Noivo de Melissa

Simon – era o que eu era. O policial me deu passagem me acompanhando até o local.

- Foi um atentado. O rapaz disse que elas estavam tirando as malas do carro quando outro carro se jogou contra elas e depois foi embora. Acredito que o detetive queira lhe fazer algumas perguntas.

- Agora não – meus olhos não saíam do local. Tinha sangue e vidro espalhado pelo chão. O carro de Nicole estava destruído na lateral direita.

- A Srta. Carter será levada para o hospital agora – olhei para a ambulância e vi que as portas

estavam fechadas e que eles já estavam de partida. Paul enlouqueceria.

- Como ela está?

- Perdeu muito sangue – John estava ao meu lado e foi ele quem respondeu. Eu não queria desperdiçar o meu tempo com a incompetência dele. – Eles começaram os procedimentos aqui. As duas estão desacordadas e a Srta. Simon será levada para o hospital agora também – olhei para a ambulância que continuava parada lá e fui em sua direção. O policial e John me acompanharam.

Parei na porta aguardando que

eles levantassem a maca com Melissa deitada nela. Um balão de ar cobria o seu rosto e um colete segurava seu pescoço. Sua mão estava melada de sangue e seu corpo ferido em diversos lugares. “*O que fizeram a você, Mel?*” Quase entrei em desespero, mas fui forte o suficiente por ela.

- Este é o noivo da vítima – o policial esclareceu a minha presença ali.

- Pode vir junto se quiser, mas precisamos ser rápidos – entreguei a chave do meu carro a John e entrei na ambulância parando ao lado de Melissa. Pude vê-la

melhor. Tinha muito sangue no rosto, assim como um machucado feio em um dos lados. Notei que uma parte do seu cabelo estava mais empapada de sangue do que as demais. Fiquei tonto. Tive vontade de abraçá-la e dizer que estava tudo bem. Que eu estava ali e que tudo ficaria bem.

- Ela bateu forte com a cabeça. Não foi um corte profundo – engoli em seco enquanto ouvia os paramédicos esclarecendo a situação. – A pancada dela foi menos grave. Aparentemente ela foi atingida de raspão na lateral do corpo e se chocou contra a parede. Quebrou um braço e algumas

costelas, até onde conseguimos avaliá-la, estamos tentando conter a hemorragia. O pior aconteceu com a outra vítima – gelei. Minha irmã. No lugar errado, na hora errada.

- Foi atingida em cheio. Quebrou uma perna e bateu com força as costas. Corre risco de ter a coluna prejudicada. Ela sim corre muito risco – pensei que desabaria naquele momento. Não Nicole. Não. Minha pequena irmã, presa em uma cadeira de rodas. Não.

- Quais são as chances? –
minha voz saiu engasgada.

- Não sei dizer no momento –
disse conferindo a aparelhagem em

Melissa. – Precisamos do médico para um diagnóstico preciso.

Fiquei quieto observando tudo o que acontecia. Melissa estava muito pálida, debaixo de todo aquele sangue. O meu gelou na veia quando percebi que ela parecia estar morta. Se não fosse pelo som dos aparelhos ligados a ela e pela fraca, mas existente respiração, eu acreditaria em sua morte. Droga! Passei as mãos pelos cabelos.

A ambulância parou e a movimentação começou para a remoção de Melissa. Deixei que fizessem o trabalho deles, observando de longe. Acompanhei

Mel até onde pude depois corri para a recepção para procurar por Nicole. Fui informado que a preparavam para uma cirurgia.

Muitas pessoas que trabalhavam naquele hospital me conheciam. Por vários motivos, um deles era o fato de o meu pai estar internado lá, esse era o de menos, eu só aparecia aos domingos. O principal era que eu, ou as minhas empresas, somos o maior benfeitor daquele hospital, o que me dava certas regalias e não me fiz de rogado para exigí-las naquele momento.

Logo fui encaminhado para a

sala do médico diretor que assim que tomou conhecimento dos fatos me encaminhou para conversar com as equipes médicas que atendiam as duas. Enquanto aguardava liguei para Bruno e ele, muito abalado, tratou de ligar para todo mundo. Quando estava seguindo Julius, o médico diretor, para encontrar a equipe que se preparava para atender Nicole, Paul chegou desesperado.

- O que aconteceu?

- Foram atropeladas por um carro sem placa, que, pelo que parece, jogou-se propositalmente contra elas – Paul entendeu o que eu

quis dizer. Em seus olhos havia revolta, e muita tristeza também.

- Onde Nick está?

- Vai ser operada. Vão tentar salvar a coluna dela – cuspi as palavras para que ele entendesse quem era a irmã. Paul precisava compreender de uma vez por todas que Tanya não tinha alma, nem medo das consequências dos seus atos. Vi seu rosto ficar pálido. – Isso mesmo. Reze para que ela não tenha que passar o resto da vida em uma cadeira de rodas e agradeça a sua irmã por isso.

- Eles estão aguardando – Dr. Julius interferiu, fazendo com que

minha atenção voltasse às perguntas que eu precisava fazer. Fomos juntos.

A equipe não podia perder muito tempo conversando conosco. Os médicos explicaram os problemas ocorridos na coluna de Nicole. Existia a possibilidade de sequelas e eles ainda não sabiam quais seriam. A perna não teria maiores problemas, apenas alguns incômodos, caso ela viesse a senti-las outra vez. O pensamento me deixou transtornado. Paul estava desolado. Deixei-o aguardando e fui em busca de informações sobre Melissa.

- Ela será mantida sedada. O ferimento na cabeça não foi profundo, mas precisou de pontos. As costelas só vão incomodar bastante, mas não há riscos. O braço quebrou em dois lugares, por isso foi necessária uma intervenção cirúrgica, no entanto ela terá que se preocupar apenas com o gesso e em manter repouso. Vai doer e incomodar, além de impossibilitá-la de muitas coisas por um tempo. Os ferimentos serão tratados e no final não passarão de um ligeiro incômodo. Será mantida sedada enquanto observamos a evolução do seu quadro. Pancadas na cabeça são

perigosas. O bom é que houve um corte e sangrou – eu ouvia atentamente as explicações da Dr^a Ross.

- O senhor preencheu a ficha dela na recepção? – procurou algo em sua prancheta. Com certeza a ficha que não preenchi. Quem teria cabeça para fazer qualquer coisa naquela situação?

- Não – coloquei as mãos no bolso impaciente. Melissa ainda estava sendo operada. Eu queria vê-la.

- Pois deveria. Ela está passando por uma cirurgia. Temos que saber sobre alergias e outras

coisas.

- Outras coisas?

- Algum problema de saúde, gravidez... – puta que pariu!

- Existe uma grande chance – consegui dizer sem saber se ficava feliz ou triste.

- Muito importante! Vou solicitar um exame com urgência – ela anotou alguma coisa. – Agora preciso voltar, Sr. Carter – concordei e fiquei aguardando.

Eu estava nervoso demais por Nicole e ansioso demais por Melissa. Caminhei até a sala de espera e encontrei Paul, Alexa, Olívia e Bruno. Todos muito

consternados. Paul estava arrasado e seus olhos pareciam suplicar por alguma coisa. Algo além do problema com Nicole. Baixei a cabeça e balancei cansado de tantos problemas. Sim, os meus problemas, que quase levaram Melissa de mim e que puniam minha irmã da pior maneira possível.

- Alguma novidade?

- Nada até agora – Bruno falou segurando a mão de Olívia, que tinha o rosto manchado pelas lágrimas.

Tive pena da minha mãe. Eu havia colaborado para que aquilo estivesse acontecendo. Se eu não

tivesse ido tão profundamente em minha promessa. Se não tivesse insistido tanto em duelar com Tanya. Naquele momento estaria feliz com Melissa, festejando a notícia de um filho nosso.

Um filho! Puta que pariu! Deus permita que Tanya esteja blefando.

- É um procedimento demorado – falei tentando amenizar e controlar a ansiedade de todos.

- E Mel? – Alexa perguntou. Meu coração disparou com a simples menção ao nome dela.

Graças a Deus, Mel não teria nada mais grave além da

recuperação dolorosa. Já Nicole... Céus! Como aquilo foi acontecer? Se Tanya estava metida naquela confusão, como pôde continuar com o plano sabendo que Nicole estaria com Melissa?

Olhei para Olívia sem saber como agir na frente dela. Confessar o meu amor por Melissa poderia ser um agravante e eu queria que ela pudesse se recuperar sem ter que enfrentar mais esta barra. Além do mais, Olívia já tinha coisas demais para se preocupar.

- O caso dela foi menos grave que o de Nicole. Quebrou algumas costelas, um braço e bateu forte com

a cabeça, ganhando um corte que precisou de pontos. A médica disse que vai mantê-la dormindo para melhor observá-la – olhei mais uma vez para Olívia, que não me acompanhava, apenas olhava para sua mão, entrelaçada na de Bruno e às vezes para o corredor que dava acesso à sala em que Nicole era operada. De certa forma fiquei aliviado. – Olívia, por que não descansa um pouco? Nós avisaremos quando ela sair, ou qualquer outra coisa.

- Não! – gemeu com tristeza voltando a olhar para o corredor. – Vou ficar aqui – novas lágrimas

caíram. – Como isso foi acontecer?
– Paul me lançou aquele olhar que queria dizer muito mais.

- Não sabemos de nada ainda. Por falar nisso, vou tentar obter mais informações – levantei receoso de sair dali e fiquei um pouco intrigado quando Paul resolveu me acompanhar.

- Vou com você – não disse nada. Era melhor que ele despejasse a merda toda de uma vez só. Seria apenas mais um problema no meio de um milhão.

Caminhamos em silêncio pelos corredores. Paul mantinha as mãos no bolso das calças e de

tempos em tempos olhava para trás. Quando passamos pela entrada do restaurante do hospital ele se deteve, parecendo em dúvida sobre o que fazer e ao mesmo tempo sabendo que deveria ser feito. Coçou a testa e me olhou nos olhos. Lá estava outra vez a sua suplica.

- Podemos conversar?

Ele andou até o balcão do restaurante e pediu alguma coisa depois sentou à minha frente, com as mãos sobre a mesa. Paul procurava palavras para começar e não encontrava.

- Fale de uma vez – precisei ser incisivo. Eu não tinha tempo a

perder. Melissa logo estaria em um quarto e Nicole continuava naquela cirurgia infernal que nunca acabava.

- Robert eu... Droga! – Paul cobriu o rosto com as mãos. Um garçom se aproximou levando duas xícaras de café. Aguardei que ele saísse.

- Paul seja o que for é melhor falar logo. Nicole...

- Eu deveria ter te avisado – sua voz saiu abafada. Seu rosto continuava em suas mãos. – Poderíamos ter evitado isso – respirei fundo. Tanya com certeza estava por detrás de tudo.

- Do que está falando? – ele

não disse nada. – Porra, Paul! Fale logo ou eu vou arrancar as palavras de você. Quem está envolvido nisso? Tanya? Diga, merda! – bati na mesa e Paul estremeceu. O café transbordou, mas eu não estava preocupado.

- Ela me procurou. Antes de viajar. Nós brigamos – ele passou a mão na testa. – Merda! Tanya está louca, Robert. Nós brigamos.

- Eu entendi. O que houve? E o que isso tem a ver com o que aconteceu com Nicole e Melissa?

- Você vai entregá-la a polícia? – Era isso. Paul temia pela irmã.

- Vou, Paul. Você sabe o que ela fez. Sabe que ela nos roubou e agora mais essa – ele ficou visivelmente aborrecido, mas maneou a cabeça concordando.

- Ela está grávida – disse por fim.

- Como você pode ter tanta certeza? – Ele me olhou e riu com sarcasmo. – Se ela estiver grávida o filho é de Frank.

- Tanya não seria tão idiota.

- Isso não importa, Paul. O que importa agora é que Tanya precisa ser freada. Nicole está naquela sala. Os médicos estão lutando para que ela não perca o

movimento das pernas. Você tem ideia do que isso significa? Tanya pode ser sua irmã, mas Nicole é a mulher de sua vida. E o pior. Ela é inocente. Apenas uma vítima.

- Eu sei. Eu sei. Droga, Robert! Como você acha que estou me sentindo?

- Quero saber o que Tanya te disse. O que você descobriu que pode me ajudar a incriminá-la? — Paul hesitou. — Fale!

- Ela disse que não teria piedade de quem atravessasse em seu caminho. Disse que passaria por cima de qualquer um, de Melissa, de mim, de você e até mesmo de Nicole

– ao pronunciar o nome da minha irmã sua voz falhou. – Tanya deixou claro que não aceitaria o fim do relacionamento. Mesmo tendo assinado o acordo que dá um fim ao casamento em alguns meses. Ela disse que se caísse levaria muita gente junto e que preferia ficar viúva a te ver feliz. Melissa foi o maior foco do seu ódio e eu imaginei que ela tentaria algo. Como ela me disse que estava grávida, e que o filho era seu, eu nunca imaginei que faria uma loucura desta proporção. Eu não tinha como saber – vi meu amigo chorar desesperadamente. Paul só tinha desabado quando o pai morreu.

Naquele momento o motivo era Nicole.

- Vou procurar a polícia. E você vai junto – Paul me impediu de levantar.

- Espere, Robert! Você não tem provas. O que vai dizer? Que sua amante sofreu um atentado e que é provável que sua esposa grávida esteja envolvida? Você só vai conseguir se prejudicar com essa atitude. A mídia vai cair matando. A pobre esposa grávida sendo forçada a passar por este drama porque o marido quer ficar com todo o dinheiro e a amante – parei chocado com o que ele dizia. – Tanya não é

burra, Robert. Coloque isso em sua cabeça. Precisa de provas. Algo que possa incriminá-la. Não apenas a minha palavra nem a sua – mais uma vez me acomodei na cadeira dura do restaurante.

- Em algumas horas terei em minhas mãos algo que possa comprovar a participação de Tanya neste atentado – Paul me olhou sem saber do que eu falava. – Vamos aguardar. Preciso voltar agora. Vou aguardar pelas provas e quando as tiver entregarei Tanya à polícia.

Paul não questionou de que forma conseguiria fazer o que prometi. Acho até que ele ficou mais

aliviado por não ser ele quem denunciaria a irmã. Eu não me importava. Seria um prazer colocar aquela ordinária na cadeia. Depois do que ela havia feito a Melissa e Nicole ficou mais fácil pensar desse jeito.

Durante anos Tanya fez com que eu me sentisse tão culpado que não conseguia reagir aos seus destemperos. Depois daquele acidente tudo havia mudado. Caminhamos de volta a sala de espera. Alexa e Olívia não estavam mais lá, somente Bruno.

- Alexa conseguiu levar Olívia para tomar um pouco de ar –

meu irmão me olhou com preocupação. Eu não queria que ele se juntasse a lista dos que me acusavam de todas as loucuras de Tanya. – Ainda nada sobre Nicole, mas a Dr^a Ross acabou de passar por aqui procurando pelo noivo de Melissa Simon – um leve sorriso brotou em seus lábios. – Acho melhor você dar um jeito nisso. Por pouco ela não encontra Olívia na sala e estraga a sua brincadeira.

- Não é uma brincadeira. Eu e Melissa estamos noivos. Ponto final.

- Olívia não vai gostar nada disso. Ainda mais com Tanya grávida. Que mancada, cara!

- O filho não é meu, Bruno. Vamos deixar Tanya e suas alucinações para outro momento. O mais importante agora é obter informações sobre Melissa e Nicole.

Eu não queria ter que explicar nada do que havia acontecido para que Tanya tivesse mais aquele trunfo. Era complicado e sujo demais para que eu me ocupasse do assunto. Além do mais, eu precisava correr atrás da médica e saber o que estava acontecendo com Melissa. Principalmente saber se ela havia feito o exame de gravidez e, pelo amor de Deus, receber a notícia daquele filho. Era o que eu mais

queria, depois de colocar Tanya na cadeia, claro.

- Tanya pode ser uma ladra, safada... Foi mal, Paul, mas ela é mesmo. Uma escrota, mas não é burra. Isso eu tenho certeza que não é – Porra! Mais um para me lembrar o quanto minha esposa era sagaz.

- É esperta o suficiente para tentar me fazer de idiota. Não vou cair nesta. O filho não é meu. Vou saber o que a Dr^a Ross quer comigo. Já volto – sai e deixei que Bruno e Paul chegassem a alguma conclusão.

Encontrei com a Dr^a Ross no final do corredor. Ela estava com duas enfermeiras dando algumas

instruções. Aguardei-a impaciente. Eu não aguentava mais a ansiedade. Precisava de informações.

- Sr. Carter. Estava aguardando o senhor. A Srta. Simon será removida para um quarto a qualquer instante. A cirurgia, como previsto, foi tranquila e não teremos nenhum problema com a recuperação. A lesão na cabeça ainda está bastante inchada e vai precisar de observação, como eu já havia dito anteriormente. Logo o senhor poderá vê-la. As enfermeiras estão autorizadas a não permitir que ninguém fique hoje no quarto. A Srta. Simon precisa realmente

descansar. As visitas estarão liberadas amanhã.

- Eu vou ficar – informei sem me importar com o que ela estava me dizendo. Melissa era minha noiva e eu não passaria a noite longe dela. Nem por um decreto. A Dr^a Ross revirou os olhos, me lembrando muito Melissa e concordou com a cabeça.

- Tudo bem, mas se o senhor interferir no trabalho das enfermeiras ou atrapalhar a recuperação da minha paciente, eu mando retirá-lo do hospital. Não me importa quem o senhor seja ou o que faz por este estabelecimento. Eu

proíbo a sua entrada. Estamos entendidos? – surpreso pela sua atitude, concordei. Eu também queria que Melissa tivesse a melhor recuperação possível.

- Doutora? – chamei quando ela se retirava. – E o exame de gravidez? – ela sorriu. Era uma mulher jovem e quando sorria ficava ainda mais. Também era bonita e atraente, contudo sua personalidade me irritava. Já me bastava Melissa batendo sempre de frente comigo.

- Vai ficar para a próxima, Sr. Carter. Nada de filhos desta vez – meu coração afundou no peito.

Com certeza deixei

transparecer a minha tristeza, porque o seu sorriso se desfez. Ela desviou o olhar e saiu sem dizer nada. Merda! Por tudo, eu queria que Melissa estivesse grávida. Como eu queria isso! Droga!

Deixei que minha tristeza se dissipasse enquanto eu permanecia parado no corredor. Não seria justo com ninguém dividir minha infelicidade em um momento tão delicado como o que estávamos passando. Olívia e Alexa me encontraram e não houve tempo para esconder minha cara de desolado.

- Oi! Aconteceu alguma coisa? – o rosto de Olívia estava

pálido.

- Não. Apenas fui chamado para receber notícias sobre Melissa.

- Ah! – Olivia relaxou visivelmente. – E como ela está?

- Está bem. Vai ser transferida a qualquer momento para um quarto. A médica disse que ela ficará bem, continuará em observação por causa da cabeça – Olívia concordou. – Vamos. É provável que logo tenhamos notícias de Nicole.

- E Tanya? – estremei com aquele nome. – Como ela está? Nicole e ela são amigas. Precisamos poupá-la, Robert. Tanya está

grávida – minha mãe estava aflita e me abraçou com carinho.

- É só uma suspeita, Olívia. E não se preocupe com ela. Tanya sabe se cuidar. Vamos tentar saber notícias de Nicole – eu estava tão cansado que tive vontade de chorar à menção da gravidez duvidosa de Tanya e a inexistente de Melissa. Parecia uma piada do destino.

Ficamos mais algum tempo aguardando por informações que não chegavam. Olívia estava cada vez mais tensa, até que Alexa teve a brilhante ideia de levá-la para visitar meu pai. Eu mesmo passaria para vê-lo tão logo tivesse as

novidades que tanto aguardava.

Quinze minutos depois uma enfermeira apareceu para avisar que Melissa já estava no quarto. “Graças a Deus!” Quando estava saindo para vê-la, meu celular vibrou com a chegada de uma mensagem. Olhei o visor e fiquei aliviado. As notícias começavam a chegar.

Desviei o caminho saindo do hospital, como tinha sido instruído pela mensagem. Eu estava em busca da minha liberdade e desta vez Tanya não teria como escapar. Encontrei John do lado de fora. Eric, o outro segurança, que o acompanhava no momento do

atentado, estava lá também.

- Muito bem – comecei. – Não vou discutir a incompetência de vocês dois. Quero informações. Que carro foi? Quantas pessoas? Quero tudo que possa ajudar na captura do responsável.

- Sr. Carter – John começou. Ele estava tenso. – Nós estávamos o tempo todo atrás delas. Seguimos o carro da Srta. Carter desde o aeroporto e posso garantir que ninguém nos seguiu. O responsável pelo atentado surgiu do nada. A rua estava calma, tranquila, sem movimento. Eu conversava com Eric avisando que desceria para ajudá-

las com as malas quando o veículo apareceu. Foi rápido demais. Eu estava do lado de fora quando ouvi o cantar dos pneus. Corri para tentar impedi-los... Não dava para atirar ou coisa parecida, porque com a adrenalina, ninguém parou para verificar se foi ou não um atentado. Só caímos na real quando eles deram ré, ao perceberem nossa presença, e desistiram de... – ele hesitou. – Passar por cima delas. Eles fugiram. Nos concentramos em ajudá-las – respirei fundo sentindo-me extremamente irritado pela falta de informações consistentes.

- Que carro foi?

- Era um *Sportage*. Não sei o ano. Todo preto. Estava com a placa, mas como foi muito rápido não tivemos tempo de anotar – minha raiva crescia a cada momento.

- Basta, John! Em uma situação como esta, vocês não conseguem a placa do carro. É muita incompetência.

- Existe a câmera de um prédio que fica muito próximo ao da Srta. Simon. Com certeza a polícia vai solicitar a gravação e aí teremos toda a imagem – menos mal. Teríamos algo que pudesse de alguma forma relacionar Tanya a aquilo tudo.

- Tudo bem. Vocês vão ficar aqui. Quero vigilância permanente na porta de Melissa e na de Nicole. Quem fez isso pode muito bem tentar terminar o serviço – assustei-me com esta possibilidade. – Sem incompetências desta vez – alertei-os. Meu celular tocou.

- Tom! O que temos?

- Estou chegando ao Hospital. Tenho um relatório para você – graças a Deus!

- Temos uma possível gravação do carro. Quero a placa e todo o percurso que fizeram. Sei que você consegue isso.

- Já estou providenciando.

Aguardei Tom e ele me entregou um relatório de doze páginas contendo tudo o que Tanya havia feito nos últimos trinta dias. Dei uma folheada rápida. Todos os telefonemas, as conversas, os e-mails trocados. Tudo.

- Alguma coisa a que eu possa me ater?

- Pelo que eu vi, não. Pode ser que você conheça algum detalhe que ajude a encontrar a ponta no novelo. Conseguimos as filmagens antes da polícia. Já pedi para pegarem todas as imagens de todos os possíveis itinerários antes e depois. A cidade está repleta de

câmeras então sei que vamos encontrar os responsáveis. Você sabe que desde o incidente com a família de Abby, Tanya não trabalha mais diretamente na execução dos seus planos, ficando somente nos bastidores. Estou levando em consideração a participação de um ou mais dos seus seguranças ou a de Adam. Ele sim possui este perfil.

- Desde que conseguimos apagar as imagens do seu celular ele anda com medo. Sabe que de alguma forma eu descobri – Tom concordou comigo e acendeu um cigarro. Aquela merda acabaria com ele um dia. – Vamos manter a vigilância em

cima dele. Quero este imbecil atrás das grades tão logo consigamos meter Tanya lá para sempre.

- Você tem certeza? Ela ainda tem a gravação da Tammy e se resolver usá-la você vai estar acabado.

- Ninguém conseguiu achar esta gravação. Nem acredito que ela a tenha ainda.

Eu sabia que Tanya estava com a gravação e a mantinha tão bem escondida que ninguém havia conseguido encontrá-la. Assim como desconfiava que meu vídeo com Melissa estava guardado no mesmo lugar, já que havíamos vasculhado

todos os seus arquivos, até mesmo os que ela acreditava que não sabíamos existir.

- É isso. Preciso voltar e acompanhar a análise dos vídeos para descobrir quem está por trás dessa confusão. Boa sorte com Melissa e Nicole e mande notícias.

Nos despedimos e eu voltei para o hospital. Logo saberíamos alguma coisa sobre as condições de Nicole. Encontrei minha família trocando abraços e emocionados enquanto um médico os observava.

- Ela vai ficar bem, Robert! –
Olívia disse com lágrimas
escorrendo pela face.

Um imenso alívio percorreu meu corpo. Eu não suportaria mais um peso em minhas costas. Nicole havia sofrido um atentado por causa das escolhas que fiz. Felizmente ela estava bem. Abracei minha mãe, agradecido pela notícia maravilhosa.

- Logo ela será levada para a UTI. Terá que permanecer lá por 24 horas no mínimo. Vamos observar a evolução do seu quadro. Vocês poderão vê-la através da vitrine. Amanhã liberaremos uma pessoa para acompanhá-la de perto. Decidam entre vocês quem ficará – Paul e Olívia se olharam, mas não

disseram nada.

- Obrigado, doutor! – apertei a mão do médico me sentindo realmente agradecido. Minha irmã continuaria andando. Depois da notícia da não gravidez de Melissa, só isto poderia me fazer sentir um pouco de felicidade.

Fomos até a UTI e observamos Nicole sendo assistida pelas enfermeiras. Elas sinalizaram dizendo que estava tudo bem. Nick apenas dormia, mas respirava por aparelhos, o que me incomodava um pouco. Ela estava muito pálida.

- Precisamos avisar a família de Melissa – Alexa comentou logo

atrás de mim. Evitei fazer qualquer comentário na frente da minha mãe. Meu coração acelerou significativamente. – Amanhã eu passo cedo na empresa e procuro pela pasta dela.

- Abigail pode ajudar. Elas são amigas. Com certeza ela tem todos os contatos – me limitei a falar. Não queria que Olívia precisasse perder tempo pensando em meu envolvimento com a minha secretária. Antes eu teria que eliminar Tanya, para depois contar a ela.

- Certo. Vou passar a noite com Olívia e Bruno. Qualquer

novidade eu aviso – tive vontade de encarar Alexa e tentar entender porque colaborava tanto, afinal de contas ela sempre deixou claro que não concordava com as minhas atitudes. Ela era amiga de Melissa, talvez por isso estivesse tão receptiva.

Olívia foi levada por Bruno e Alexa, depois que recebeu todas as garantias de que Nicole estava bem e que se acontecesse alguma coisa ela seria a primeira a ser avisada. Eu e Paul ficamos. Eu passaria a noite com Melissa e aproveitaria para ler o relatório que Tom havia me entregado. Tentaria encontrar

provas contra Tanya. Paul ficou para acompanhar Nicole, mesmo à distância.

Quando saí da ala da UTI, encontrei Eric parado na porta, como eu havia ordenado. Fiquei mais tranquilo. Fui até o quarto de Melissa e a encontrei dormindo. Olhei minha Mel, muito pálida. Seu rosto tinha alguns arranhões, um maior no queixo e outro no rosto. Segurei sua mão que estava arranhada também. Alguns cortes, com certeza causados pelos vidros que eu vi espalhados pelo chão, no local do atentado.

Levantei o lençol, apenas

para checar os ferimentos. Melissa estava nua. Um enorme curativo localizado em suas costelas e outro em seu braço, assim como a tipoia impedindo seus movimentos. Estremeci. Arrumei o lençol e puxei uma cadeira para ficar o mais próximo possível de sua cama. Sentei e comecei a ler o relatório. Eu teria tempo suficiente para achar alguma prova. Tanya não se safaria dessa vez.

CAPÍTULO 31

De repente eu tinha consciência de que estava respirando. Passei a língua nos lábios. Precisava de água com urgência. Minha garganta estava inacreditavelmente seco. Não tinha ideia de nada. Onde estava? Que dia era aquele? Que horas eram? Eu estava em casa? Merda! Com certeza estava atrasada e Robert me

mataria. Maníaco obsessivo por horário. Uma boa terapia o ajudaria a superar este problema.

Pensar em Robert me fez puxar o ar com mais força e isso doeu. Não uma dor normal por uma posição ruim durante a noite, mas uma dor forte e aguda. Gemi involuntariamente. A ideia de uma dor anormal me fez buscar por algo que me levasse a sua razão. E então lembrei. Como se estivesse sentada em uma sala de cinema 3D, vi todas as imagens passarem em minha mente. O carro preto, a pancada, Nicole...

- Não! – gritei apavorada e

senti vários tipos de dores.

Senti a mesma dor aguda em minhas costelas. Desta vez veio acompanhada de uma dor de cabeça incrivelmente forte e uma dor ardente no braço, sem contar que meu corpo inteiro parecia ter sido batido em um liquidificador e que todos os meus ossos estavam quebrados.

- Mel? – ouvi a voz doce e encantadora do homem da minha vida e isso amenizou um pouco o meu desespero. – Está doendo? Onde? – ele estava angustiado. Forcei meus olhos e os abri. Estava escuro, não o suficiente para me

impedir de enxergar. Havia uma luz fraca, vinda de algum lugar atrás de mim. – Mel, amor, fale comigo! – Robert estava apavorado.

- Robert. Onde estou? – senti toda a fraqueza me dominando. Ouvi a respiração dele ao meu lado. Encontrei seu rosto e vi o pânico estampado naquele rosto de anjo.

- No hospital – gemi mais uma vez aterrorizada.

- Onde está doendo, amor?

- No hospital? – ele me olhou sem entender. – Como estou? – um pequeno sorriso torto se formou em seus lábios.

- Linda como sempre. E viva,

que é o mais importante – fiz uma careta, e doeu. Muito! Para Robert dizer aquilo a coisa não devia estar muito boa.

- Meu corpo inteiro dói. Eu virei uma gelatina? – seus lábios formaram uma linha fina. Eu sabia que Robert não gostava muito quando eu falava daquele jeito, sem me importar com a gravidade do problema.

- Você foi atropelada, quebrou um braço, três costelas, bateu forte a cabeça e ganhou um corte – instintivamente, levantei a mão para levá-la a cabeça e senti a dor dilacerante no braço. Gemi. –

Ei! Calma! Fique quietinha. Vou chamar a enfermeira.

- Não! – fui mais rápida. Eu não precisava de mais algumas horas de sono. Precisava de respostas. – Espere! – fechei os olhos para esconder a dor. – E Nicole? Como ela está? – Robert respirou fundo. Eu sabia que ele editaria os acontecimentos.

- Bem. Agora está bem, mas, assim como você, também foi atingida. O caso dela é... – hesitou. – Um pouco mais grave, então os médicos a deixaram em observação na UTI.

- UTI? Meu Deus, Robert! –

meus pulmões queimaram com a minha ansiedade.

- Calma, Mel! Ela está bem.

- O que aconteceu? Por que alguém faria isso com nós duas? Pegaram alguém?

- Calma! – Robert passou as mãos pelos cabelos. – Ou vou pedir para a enfermeira te sedar outra vez – a ameaça era real. Robert faria isso realmente. Respirei fundo, ignorando a dor absurda e tentei me acalmar.

- Preciso ver Nicole.

- Assim que tiver alta – ele estava de mau humor? Cansado? Aborrecido? Por que estava assim,

tão impaciente e desesperado ao mesmo tempo? Aliás, o que ele fazia ali ao meu lado em um lugar público?

- Foi Tanya, não foi?

Seus olhos encontraram os meus e eu consegui me lembrar do porquê do incômodo em meu coração desde a hora em que abri os olhos e fitei o homem que eu amava. O filho que ele teria com Tanya. Sua chance de ser feliz outra vez. Robert apenas me fitava sem dizer nada.

- Não estou te pedindo para confessar um crime, Robert – ele continuou calado e seus olhos deixaram os meus. – Ela quase

matou a mim e a sua irmã! – Acusei meu amante. Eu estava com raiva por ele ser tão covarde. Senti as lágrimas se formando. Minha garganta queimava de raiva, tristeza e sede.

- Merda, preciso de água!

- Vou chamar a enfermeira – as mãos dele alcançaram a campainha acima de minha cama acionando o pequeno botão que se comunicava diretamente com os profissionais que cuidavam de mim. Fechei os olhos, irritada. Robert queria se livrar de mim e não sabia como fazer. De todas as dores que eu estava sentindo, nenhuma

conseguia ser mais forte e mais real do que a dor de perder quem eu tanto amava. A enfermeira entrou e se assustou com o meu estado.

- Dói muito? Vou chamar a Dr^a Ross.

- Não. Estou apenas com sede. Minha garganta está seca – ela me olhou sem acreditar muito e depois virou para pegar um pouco de água.

- Tem que ser pouca – me alertou. – Vou aplicar um analgésico, logo as dores desaparecerão – concordei. Ela pegou a seringa e eu desviei o olhar, mesmo sabendo que a agulhada não

seria em minha pele. Ao menos não diretamente. Depois saiu da sala.

- Vai parar de doer logo – Robert disse mantendo os olhos baixos.

- Duvido muito – duas lágrimas escorreram de meus olhos. Eu tinha conseguido segurá-las enquanto a enfermeira estava no quarto, mas naquele momento, vendo Robert tão distante e envergonhado pelo que havia feito, ficou impossível.

- Mel, você está bem. Vai passar! – seus olhos finalmente voltaram aos meus. Ele também sofria – Onde dói? – verificou meus

machucados.

- Aqui – forcei minha mão a chegar até meu coração. Ele ficou longos segundos me fitando e entendeu o que eu dizia. Seu rosto demonstrava dor e solidariedade.

- Mel... Amor...

- Ela está grávida, Robert – deixei que mais lágrimas caíssem. – Era o que você queria, não era?

- Não – sua voz estava baixa e calma. – Eu queria muito um filho. Não qualquer filho. Eu queria um filho com você. E mais ninguém – meu coração acelerou. E eu queria dar aquele filho a ele, agora não seria mais possível.

- O que vai fazer? Sabe que Tanya foi a responsável por isso tudo, não é? – ele ficou calado novamente. – Tudo bem. Você não quer ver a mãe de seu filho presa – quase rosnei de raiva.

- Tanya não está grávida. Pelo menos eu acredito que não – sua voz estava anódina. – E você também não.

Olhei em seus olhos e vi que a dor era toda dele. Vi o sofrimento por aquela verdade. Não tive como falar. Eu podia acreditar que não estava grávida. Eu nem esperava por isso. Ver que Robert queria tanto e que a confirmação da não existência

de um filho nosso lhe causava
tamanha dor, me deixava
desnorteada.

- Como pode saber? – minha
voz saiu esganada. Não sabia se
pela certeza dele em relação a não
gravidez de Tanya ou se em relação
a minha.

- Não sei sobre Tanya, apenas
desconfio. E você... Foi necessário
o exame por causa da cirurgia no
braço – ele indicou com a mão meu
braço imobilizado.

- Se você não acredita que
Tanya está grávida, por que está tão
relutante em entregá-la a polícia?

- Não existe nada que

comprove o envolvimento de Tanya.

- Tudo indica. Robert, eu...

- Melissa! – ele me interrompeu. – Ninguém mais do que eu gostaria de colocar Tanya na cadeia. Se existisse algum indício, qualquer coisa que colocasse a polícia no encalço dela, eu já teria providenciado, para nosso azar não há.

Seu gesto impaciente chamou a minha atenção. Ele respirou fundo e sentou em uma cadeira próxima, deitando a cabeça nos braços dobrados sobre a cama. Depois de um tempo levantou o rosto e descansou a cabeça na mão.

- Eu venho seguindo os passos dela há anos. Desde que... — seus olhos encontraram os meus a procura de algo que o incentivasse a falar. — Desde que meu pai descobriu que alguém estava desviando o dinheiro das empresas para uma conta no Caribe. Ele me pediu para descobrir quem era. E foi o que eu fiz. Primeiro descobri o pai dela. Ele era o responsável por todo o dinheiro que saía da empresa para esta conta. Conteí ao meu pai e ele ficou enfurecido. Não pensei. Não imaginei que ele fosse capaz de fazer o que fez. Tentei deter meu pai. Implorei para que ele apenas

entregasse o Sr. Hanson à polícia, mas ele não achou que isso seria suficiente. Ele queria mostrar que não era idiota e por isso foi até a casa do pai de Tanya para confrontá-lo. O desfecho você já sabe.

Olhei atentamente para Robert. Seu rosto cansado indicava o quanto ele estava saturado daquela situação.

- Quando cheguei até meu pai ele me fez prometer descobrir esta senha e devolver o dinheiro aos verdadeiros donos e também lutar para devolver as ações às mãos da minha família. Você sabe que foi

esta a promessa – Robert levantou e pegou um pouco de água. Bebeu e ficou em silêncio. – Pouco tempo depois eu descobri a participação de Tanya. Ela fazia tudo usando o meu nome. A desgraçada quase destruiu o grupo. Quase nos levou à falência. Tive que trabalhar dobrado para conseguir reerguer as minhas empresas. Não pude fazer nada contra ela naquele momento. Tanya entrou em depressão com a morte do pai e depois, do filho e tudo o que você já sabe. Sempre me senti culpado demais para fazer alguma coisa. Tive que monitorar a vida dela na tentativa de descobrir a

senha e foi assim que descobri que ela estava com Frank, sobre o caso de Abby, e muitas outras coisas.

- Então Frank...

- Não. O coitado é só mais uma vítima. Ele não sabe e nunca concordaria. Claro que para chegar a esta conclusão eu tive que vigiá-lo também – Robert me olhou com firmeza. – Por causa disso posso afirmar que não existe nada que ligue Tanya a este atentado, porém estou convencido que ela encontrou alguma forma de burlar a minha vigilância e não vou descansar enquanto não descobrir.

Fiquei em silêncio. O que

mais poderia dizer? Eu não encontrava as respostas para minhas próprias dúvidas e inseguranças, como poderia exigir isso dele? As lágrimas não cessaram, mas eu não me preocupava com o fato de deixá-las cair. Estava grata por poder chorar sem culpa. Sem um motivo específico e ao mesmo tempo por todos os motivos.

- Mel? – a voz doce do anjo que tinha me mostrado a vida me chamou. Olhei para ele querendo absorver tudo o que pudesse daquele rosto. – Eu amo você! – seus olhos cansados estavam marejados.

- Se Tanya estiver grávida?

Se for verdade? – ele ficou impaciente.

- Se estiver, o filho não é meu – pela sua resposta, me pareceu que tinha respondido a mesma pergunta várias vezes.

- Tanya não é burra – ele revirou os olhos. Com certeza todo mundo tinha dito isso a ele – Se ela estiver, se for realmente seu...

- Melissa.

- Deixe-me terminar – exigi. – Se este filho for seu, Robert, você não pode negligenciá-lo. – ele fez uma careta de desagrado. – Você vai ser o pai desta criança – bufou. – E eu vou seguir o meu caminho – meu

namorado me olhou incrédulo. Rebateria, mas sacudiu a cabeça e mordeu os lábios. – É a oportunidade de refazer sua vida. Não importa Tanya, importa apenas esta criança.

- Melissa! – me implorou com os olhos.

- Tanya nunca vai nos deixar em paz. Com um filho então. Ela vai tornar a vida do filho um inferno. Vai tornar a nossa vida um inferno...

- Melissa! – Robert falou mais alto para me calar. – Hoje não, por favor! – demonstrou mais cansaço do que o normal. – Estou exausto! Quase perdi você e minha

irmã nas últimas horas. Passei muito tempo procurando indícios para incriminar Tanya e não encontrei nada. Posso mandar prendê-la pelo roubo. Minhas provas são sólidas, por outro lado se eu fizer isso, nunca mais encontro nada para condená-la pelo que te fez. Estou preso nesta merda de vida sem encontrar um jeito de sair. Todas as vezes que penso que vou conseguir, acontece algum fato que me atola ainda mais nessa lama. Eu amo você. Amo você! Não vou desistir. Não vou aceitar que se afaste. Com filho ou sem filho, entendeu? Você é a minha vida. É a mulher que eu amo e vá se

acostumando, porque não vou permitir que esteja em algum lugar que eu não possa ver. Nunca mais. Entendeu?

Assustada com a reação dele e lisonjeada pela sua declaração e determinação em me ter ao seu lado eu consegui apenas concordar. No entanto não pude deixar de perceber que em momento algum ele disse que se finalizasse o jogo deixaria de encontrar as provas contra Tanya relacionadas à Abby, o que apenas me deu a certeza de que já estavam com ele. Então por que não as entregava? Minha cabeça latejou.

- Ótimo! – passou as mãos

pelos cabelos. – Você deveria descansar agora. Pela manhã a médica virá fazer mais alguns exames.

- Manhã? Que horas são? – Robert olhou para o relógio em seu pulso.

- Quatro e dezessete da manhã – puta que pariu!

- Nossa!

- Pois é. Nossa! Vamos descansar, por favor! – que impaciência.

- Não tenho culpa dos seus problemas. Não desconte em mim – Robert segurou meu rosto entre as mãos e fechou meus lábios com os

dele. Um beijo quente e rápido.

- Você é o meu grande problema – disse ao deixar meus lábios. – Se eu não estivesse tão apaixonado seria mais fácil – mais uma vez me beijou. Foi rápido demais. – Agora descanse. Eu estarei bem aqui.

Eu já estava sentindo o meu corpo se entregando à sonolência por causa dos analgésicos, então não foi tão difícil aceitar que deveria descansar um pouco mais. Robert sentou na cadeira e deitou a cabeça em meu colchão. Passei meus dedos pelos seus cabelos e fiquei ouvindo a sua respiração. Até que ele

dormiu. Logo depois eu o acompanhei.

Acordei com a movimentação no quarto. Robert estava ao meu lado. A camisa amarrotada, a cara de sono e o cabelo desganhado deixavam claro que havia acabado de acordar. Quase sorri. Quase. Uma agulha imensa estava apontada para mim. Meu terror foi total. Robert riu.

- Não vai ser em você – indicou o cateter. Mesmo assim não fiquei aliviada.

- Bom dia! – uma jovem mulher, loira e muito bonita se aproximou de minha cama. – Sou a Dr^a Ross, como está se sentindo,

Srta. Simon?

- Triturada – admiti e Robert sorriu com sua cara de sono. Até assim ele ficava lindo.

- Dor de cabeça? – seus dedos mexiam em minha atadura buscando pelo ferimento na cabeça.

- Ai! Agora sim – ataquei. Ela apenas me olhou friamente e continuou a me cutucar.

- O ferimento está cicatrizando bem. Vamos precisar fazer apenas mais um exame para nos certificar de que não ficou nenhum coágulo.

Suas mãos deixaram minha cabeça e foram para as minhas

costelas. O mesmo procedimento. Pela cara dela estava tudo correndo bem. Doeu mais quando resolveu mexer em meu braço. Doía pra cacete. Reclamei.

- Vamos levá-la agora e quando voltar, a enfermeira cuidará do seu banho e alimentação.

Enquanto eles me preparavam, percebi que estava nua por baixo do lençol e fiquei incomodada. Robert me olhava apreensivo. Retribuí o seu olhar interrogando-o. Ele coçou a cabeça e se agitou olhando para o chão e depois para mim outra vez.

- Não posso te acompanhar –

resmungou por fim. Revirei os olhos. Claro que não poderia. Por que isso o deixava tão agitado? – Vou em casa tomar um banho e comer alguma coisa decente – fez uma careta engraçada.

Eu não sabia se era pelo fato de ter que voltar para casa depois de passar a madrugada comigo, e isso me levava a pensar na desculpa que teria dado a Tanya para conseguir tal feito. Ou se era pela comida horrorosa que os hospitais costumavam servir, mesmo não acreditando que ele tenha comido qualquer coisa.

- Tudo bem. Não vou a lugar

nenhum – ele tentou sorrir, mas seu sorriso não foi sincero. Robert temia algo e eu podia perfeitamente deduzir que acreditava que alguma coisa poderia acontecer lá dentro. – Vai ficar tudo bem – ele soltou o ar como se o estivesse prendendo a um bom tempo.

- John ficará com você. Mesmo de longe. Ele tem ordens para não deixar ninguém se aproximar. Ninguém mesmo. Até eu voltar. Entendeu? Se você identificar alguma atitude suspeita, ou se qualquer pessoa estranha aparecer por aqui, quero que grite. Chame a enfermeira, derrube alguma

coisa, mas não enfrente sozinha, pelo amor de Deus, Melissa! – juntou as duas mãos e as pressionou no nariz impaciente.

- Pode deixar – apesar de aborrecida com a forma como ele estava conduzindo as coisas. Aquele não era o momento para questionar. Robert aceitou as minhas palavras e me deu um beijo na testa.

- Volto logo – avisou e saiu.

Fui para o meu exame experimentando as sensações no meu corpo. Movi meus pés, me assegurando de que eles estavam realmente ali. Movi as pernas e elas estavam em ótimo estado, apesar da

dor. Meu braço doía mais quando eu tentava movê-lo, então era só mantê-lo parado. Minhas costelas ardiam um pouco também. Quando eu respirava com mais intensidade era pior.

Após o exame fui levada de volta para meu quarto e vi o segurança encostado à porta em posição de alerta. Fiquei com muita vergonha da minha situação, vestida apenas com um lençol. Ele nem me olhou, então fiquei mais tranquila.

De volta ao quarto eu fui banhada, outro momento embaraçoso, e alimentada, com a ajuda de uma enfermeira, devido ao

ferimento no braço. Depois aguardei a volta de Robert, já que mais ninguém iria me visitar. Não havia nada para fazer além de olhar as paredes brancas e a cadeira de madeira encostada ao lado da cama. Tinha também uma espécie de armário, muito pequeno, e deduzi que minhas coisas estavam lá. Não tinha como verificar. Água e copos plásticos. Um quadro na parede com a imagem de uma mulher, uma luz forte saindo por detrás dela e um minúsculo sofá encostado na ponta da parede que ficava a minha frente.

A enfermeira tinha me vestido com uma camisola, mas continuava

sem calcinha, o que era muito ruim. Um grosso cobertor do hospital me cobria até os pés. Estava frio. Meus cabelos foram lavados, com muito cuidado e estavam penteados para trás. Aposto que meu rosto pálido estava ainda mais pálido sem maquiagem. Minutos depois a médica apareceu.

- Srta. Simon – olhou pela sala procurando por algo, ou alguém. Robert, claro! – Seu noivo não está aqui? Isso é mesmo um milagre – meu noivo? Eu perdi algum detalhe. Ela sorriu. Era um sorriso bonito em um rosto bonito. Perguntei-me se o interesse dela em

Robert era mais do que uma simples observação. – Ele praticamente me obrigou a deixá-lo passar a noite aqui – sorri largamente. Este era o meu Robert.

- Bom, ele não...

- Estou com seu resultado e veja só - tirou o que parecia uma fotografia da minha cabeça, só que do lado de dentro, e me mostrou. - Nadinha a temer. A pancada foi forte, mas não tivemos formação de coágulos. Acredito que amanhã poderei lhe dar alta, vai depender do seu braço, é claro – seria ótimo. Eu poderia ficar e visitar Nicole.

- Obrigada!

- Como não pode receber visitas? Nós fomos informados que ela estava liberada? – ouvimos vozes vindas de fora do quarto. A voz era levemente familiar. – Isso é um absurdo! Ela não é uma prisioneira – A Dr^a Ross olhou em direção à porta com uma careta de desgosto.

- Vamos verificar do que se trata? – caminhou até a porta e a abriu apenas o suficiente para colocar a cabeça para fora. Trocou algumas palavras baixas e depois voltou para mim com um rosto descontente. – Srta. Simon, a senhorita conhece Kary Martin e

Dean Bailey?

Kary e Dean estavam lá. Eu não deveria ficar tão animada com a presença de Dean, devido ao nosso último encontro, mas fiquei, e muito. Muito mesmo. Já podia sentir o cheiro de problema.

- Claro! Eles estão aí?

- Um minuto, por favor – ela voltou à porta e desta vez a abriu sem temor. – Pode liberar a entrada deles.

- Mas...

- É a vontade da paciente que é maior e responde por si mesma. Eu, como médica responsável, não proibi as visitas, logo este hospital,

e eu posso responder por ele, se valendo de suas próprias regras, não autoriza que “outras pessoas” – enfatizou esta parte deixando clara sua desaprovação com a atitude de Robert – tornem-se responsáveis pela segurança da paciente – em seguida Dean e Kary passaram pela porta. Olhos cautelosos me encararam. Sorri para eles.

- Mel! – Kary começou. – Ficamos tão preocupados. Como isso foi acontecer? A polícia suspeita de alguma coisa?

- Não sei. Ainda não sei de nada – ela se aproximou e sentou na cadeira que antes acomodava

Robert. Dean chegou bem perto da cama e pegou em minha mão.

- Hei! Grande susto, não é? – ele ainda estava magoado, mas naquele momento estava apenas sendo meu amigo.

Pelo que pude perceber, Dean não tinha dito nenhuma palavra a Kary sobre Robert. Fiquei imensamente agradecida. Seria complicado explicar qualquer coisa em uma situação como aquela.

- Por que o segurança? – Kary perguntou meio nervosa.

- Ah! Rob... O Sr. Carter teme que algo aconteça enquanto estamos aqui. Você sabe que Nicole, a irmã

dele estava comigo na hora do atentado, não é? – ela balançou a cabeça concordando comigo.

- Como assim? Vocês... Não foi só um atropelamento sem socorro às vítimas? – ela olhou de mim para Dean. Eu não sabia o que dizer. – Melissa, o que está acontecendo?

- Nada. Ainda não existe nada de concreto – tentei formular uma desculpa, me sentia péssima mentindo para minha amiga. – Eles suspeitam que tenha sido um atentado.

- O que? Como? Por quê? – Kary levou a mão a boca, apavorada com o que eu revelava. Olhei para

Dean pedindo ajuda. Ele apertou os lábios e respirou fundo.

- Ninguém sabe de nada, Kary. Estávamos na frente do meu prédio e um carro se atirou em nossa direção, fugindo em seguida. Até o momento é tudo especulação. A família Carter é muito rica e influente. A polícia está investigando, procurando um motivo para o que aconteceu.

- Então é mais grave do que imaginamos? – Dean me deu um olhar duro e segurou no ombro de Kary.

- Com certeza, não. Este cuidado especial, o segurança na

porta do quarto deve ser uma forma do Sr. Carter demonstrar que a empresa se preocupa com os funcionários. Além do mais, se a irmã dele estava presente, é bem provável que tenha sido algo direcionado a ela e Mel estava apenas no lugar errado e na hora errada. Como Melissa disse a família com certeza deve sofrer ameaças, por desafetos ou aproveitadores. Ou pode ter sido apenas um bêbado idiota que acabou prejudicando as duas e fugiu para não sofrer as consequências. A polícia vai descobrir – ele mentia. Dean sabia muito bem que meu

acidente estava ligado ao meu relacionamento com Robert.

- O importante é que estamos bem agora – sorri para os dois e fomos surpreendidos com a porta sendo aberta mais uma vez.

- Mel? – aquela voz em pânico. Era impossível não reconhecê-la. Minha mãe. O que ela fazia ali?

- Mãe? – senti a angústia dela.

- Ai, meu Deus! O que fizeram a você? – ela já chorava antes de me ver. – Minha filha. O que aconteceu?

- Mãe, estou bem! – tentei

dizer em vão, mas ela já estava com as mãos em mim. Seus olhos lacrimejando avaliavam cada centímetro do meu corpo escondido pelo cobertor.

- Como isso foi acontecer? Atropelada, Mel? Você poderia... Você poderia... Ai meu Deus! Não consigo nem pensar nessa possibilidade. Melissa Simon, nunca mais faça isso comigo! – e levou a mão a testa em sua performance perfeita.

- Eu estou bem. Alguém pode dizer a ela que estou realmente bem? Ai! – gemi de dor quando ela me puxou para um abraço, o que só

aumentou o seu desespero.

- Filha! – e caiu em prantos.

Kary pegou um pouco de água e Dean fez o favor de acomodá-la na cadeira em que Kary estava.

- Mãe, eu estou bem. Juro! Fique tranquila – foi quando notei Robert entrando.

Seus olhos varreram todos os ângulos do ambiente se demorando em Dean. Como ele conseguiu voltar tão rápido? O segurança. Só podia ser isso. O filho da mãe com certeza ligou avisando das visitas e ele voltou correndo para defender seu território. Que idiota! Tive muita vontade de quebrar o seu nariz.

Desta vez de verdade. Graças a Deus minha mãe estava lá, o que o impediria de fazer qualquer besteira. E a mim também. Robert se aproximou da cama. Seus olhos estavam inseguros e sua mandíbula tensa. Minha mãe levantou a cabeça e o viu.

- Mãe, este é Robert Carter – o homem da minha vida e eu o amo. Definitivamente amo. – Meu chefe e dono da C&H Medical Systems – Minha mãe se aprumou na cadeira e sorriu para ele, ainda com lágrimas escorrendo por seu rosto. Eu sabia exatamente o que ela estava pensando. No quanto ele era jovem e

bonito. Seus olhos diziam tudo. Quase revirei os meus.

- Prazer, Sr^a Simon – Robert disse cordialmente ao apertar a mão dela. Minha mãe riu. Um riso infantil. Nossa! Aonde foi parar o drama?

- Ah, não. Não sou a Sr^a Simon. Eu e o pai da Mel nos separamos há muitos anos – nenhuma surpresa passou pelo rosto de Robert. – Eu sou a Sr^a Baker, pode me chamar de Elizabeth.

- Certo, Elizabeth – Robert testou o nome e a intimidade que minha mãe lhe dava. Ele era um excelente ator.

Graças a Deus minha mãe estava presa aos meus problemas para notar este detalhe em seu rosto. Apesar de eu nunca ter lhe dado nenhuma dica, meu chefe sabia de tudo ao meu respeito. Até o tamanho das minhas calcinhas. Corei com as lembranças de uma época que parecia tão distante. Quanto tempo tinha passado? Um, dois meses... Eu me perdia no tempo quando o assunto era Robert Carter.

Minha mãe olhou-me com olhos imensos e sorriu. Ah, ela não sorriria daquela forma se soubesse que ele é casado com uma psicopata que, muito provavelmente, era a

responsável pela minha situação. Sem contar com o fato de que eu era a sua amante e que provavelmente a mulher dele estava grávida. Claro que eu nem precisaria citar que Robert era um maníaco possessivo que se recusava a ficar sem mim e seria extremamente desnecessário acrescentar que eu queria muito que ele continuasse exercendo este domínio. Era o quadro perfeito.

- Alguma novidade? - Robert perguntou diretamente para mim. Observei que dedicava uma atenção especial em se manter de costas para Dean. Quanta maturidade. Dean estava com olhar furioso, e ao

mesmo tempo divertido.

- Parece que terei alta amanhã.

- Amanhã? – minha mãe falou animada. – Que notícia ótima! Vou poder cuidar de você, meu bem – ela sorriu e eu sorri sem muita vontade.

Ter Elizabeth cuidando de mim como um bebê significava ficar alguns dias sem Robert. Eu amava minha mãe, mas não conseguiria manter meu humor suficientemente bom para conviver com ela, se tivesse que ficar sem meu namorado.

- Ótima notícia mesmo, Mel!
– Dean passou para o outro lado da minha cama. – Com certeza eu vou te

visitar – tive vontade de olhar para Robert, mas evitei, é claro! Certamente ele estaria me fuzilando com os olhos.

- Você deveria descansar, Melissa.

Robert estava com a voz controlada. Eu fiquei assustada por ele estar me chamando pelo nome e sem nenhuma formalidade. Minha mãe também percebeu e sorriu largamente. Ah, mãezinha! Você não conseguiria imaginar o que sua filhinha andou aprontando.

- Se recuperar de uma pancada, como a sua, não é o mesmo que se recuperar de uma gripe.

- Tem razão – Dean concordou olhando diretamente para Robert. – Elizabeth, você vai precisar de ajuda com Mel. Os amigos estarão à disposição.

Até parece que Dean conhecia a minha mãe. Eu nem havia apresentado os dois. Chegava a ser engraçado, mas eu estava muito tensa para brincar. Apenas Kary a conhecia e ela permanecia calada, assistindo a disputa dos dois. Minha mãe olhou intrigada para Dean e seu sorriso se alargou. “Ok, mãe! É realmente uma disputa de território. Que infantilidade!” Quase levantei para colocar os dois para fora do

quarto.

- Toc, toc! – a voz familiar de Adam preencheu o quarto. Como se não pudesse ficar pior. Meus olhos chegaram aos de Robert rapidamente e os dele deixavam claro que em breve teríamos uma conversinha. Comecei me sentir agradecida pela presença de minha mãe nos próximos dias. – Estão dando uma festinha? – brincou. Apenas eu e minha mãe sorrimos. – Como está? – se aproximou da cama entrando entre Robert e minha mãe. Que atrevimento!

- Cansada. Principalmente cansada – olhei rapidamente para

Robert e ele entendeu o meu recado. Com suspiro afetado ele se afastou da cama.

- Vou ver como Nicole está – ah, Deus, não! Eu não queria que ele fosse embora. Queria que ficasse comigo.

Acho que fiquei visivelmente afetada com a sua declaração porque minha mãe começou a conferir que parte de mim estava doendo. Merda! Eu queria que ele ficasse. Queria fazer um milhão de perguntas que ele não poderia me responder naquele momento. Merda! Merda! Merda!

- Onde está doendo? – minha mãe perguntou.

- Em todos os lugares – respondi de má vontade. Eu realmente queria o direito de ser a menina mimada, afinal de contas havia sido atropelada e necessitava de cuidados especiais. Robert voltou para perto da minha cama.

- Quer que eu chame a enfermeira? – seus olhos eram urgentes e eu sabia que ele queria poder fazer algo mais e não podia por causa das testemunhas.

- Não – não tive como evitar a forma como as palavras saíram. Eu estava doente e irritada, podia ser um pouco infantil e mimada.

- Melissa você não precisa

ser forte agora – ele estava muito perto de ultrapassar a linha que nos impedia de sermos tão íntimos. Notei que Kary e Adam estreitaram os olhos.

- Tudo bem – desisti de tentar chamar a atenção dele. Se eu continuasse a fazer birra ele não conseguiria se manter na posição de chefe.

Robert se afastou e minha mãe acariciou meus cabelos. Doía, mas eu não falei nada. Logo depois uma enfermeira apareceu e injetou alguma coisa no tubo cateter ligado a mim. Alguns minutos depois eu já me sentia sonolenta.

- Vamos deixar a Mel descansar – Kary sugeriu.

- Vou visitar Nicole – Robert anunciou, mas olhou para mim e sorriu. – Volto depois – sorri em resposta, com o coração mais tranquilo. – Adam? – chamou deixando claro que Adam deveria acompanhá-lo. E foi o que ele fez. Dean ficou esperando um tempinho, até que Robert estivesse longe o suficiente e Kary prometeu que voltaria para ajudar a minha mãe. Quando ficamos sozinhas ela atacou, como eu imaginava que seria.

- Ele é muito jovem! – parou pensativa. – E bonito.

- É sim – sorri com as minhas próprias lembranças de Robert. Ele era mesmo incrível.

- E parece se importar muito com você – estávamos em uma linha de raciocínio que exigia um pouco mais de cuidado. Elizabeth era uma boba sonhadora, mas não tão boba ao ponto de não perceber as intenções do meu chefe.

- Então... - mudei de assunto. – Você teve que matar o Roy para conseguir este tempo comigo? – ela riu.

- Roy queria vir também querida, mas quem cuidaria da empresa? – concordei. Roy, marido

da minha mãe, era proprietário de uma construtora. Aliás, uma mega construtora, grande o suficiente para manter todos os mimos da minha mãe. Ele era o CEO dela. – Eu não poderia deixar de estar com você. Quando vi seu nome no noticiário quase tive um treco, aí a garota, como é mesmo o nome dela? Bom, alguém da empresa na qual você trabalha telefonou avisando do acidente. Eu fiquei apavorada demais e tive que ligar para o seu pai – seus olhos antes carinhosos voltaram a ficar assustados. Fiz uma careta de desaprovação. Era só o que me faltava, mamãe e papai

brincando de casinha com a sua filhinha.

- Foi só um susto, mãe. Não era necessário ter ligado para o papai.

- Claro que precisava! Você resolveu morar do outro lado do país, quase não temos notícias – revirei os olhos e doeu. Era bom evitar esta atitude. Eu ligava duas vezes por semana para ela e uma para o meu pai. Mais do que isso só se eu criasse um blog e o fizesse de diário.

- E como ele está?

- Aborrecido, acima de tudo – ela sorriu.

Minha mãe não era totalmente a favor do meu pai, afinal de contas a mágoa ainda era grande, mas ela ficava feliz quando conseguia qualquer coisa que nos lembrasse de que ainda éramos uma família, mesmo com eles separados. Era gratificante para ela saber que este episódio não nos destruiu.

- Ele estava em meio a um projeto grande, pelo que entendi, largou tudo para pegar o primeiro avião para Chicago. Minutos antes de embarcar, recebeu uma ligação sobre um acidente no local da obra e, como ele é o responsável precisou voltar. Tive que prometer

que ligaria para contar tudo, se fosse necessário ele tentaria vir.

- Não é necessário. Como eu disse, eu estou ótima, foi só um susto.

- Um dos maiores – ela rebateu.

Bocejei sentindo meu ânimo se esgueirar pelos limites da minha capacidade de raciocínio. Ainda ouvi minha mãe falando algumas bobagens como “Dean também é muito bonito”, “Adam parece um namorado apaixonado quando olha para você”, fiz questão de dormir depois desta.

Robert voltou no final do dia,

quando eu estava começando a acordar da minha dose cavalgar de analgésicos e meu corpo inteiro voltava a doer. Minha mãe estava no pequeno sofá, lendo um livro. Provavelmente um romance, desses que enchiam a cabecinha dela de sonhos.

Meu namorado entrou sem fazer muito barulho e falou com minha mãe, se atualizando sobre o meu estado. Também informou sobre Nicole e eu fiquei aliviada por ela estar bem e se recuperando.

- Fico feliz! – Elizabeth sorria abertamente para meu chefe, como se estivesse olhando para um

príncipe encantado. Ela nem imaginava o que ele era. Tive que me esforçar para não revirar os olhos. – A Dr^a Ross esteve aqui mais cedo. Confirmou que Melissa está ótima, apesar das dores constantes.

- Ótimo! – ele olhou para mim e sorriu. Quis afundar no colchão. Eu provavelmente estava horrível.

- Sr. Carter...

- Robert – ele pareceu ameaçador, mas sorriu para minha mãe, que se desmanchou em encantos.

- Certo. Robert – ela deu uma risadinha totalmente entregue. – Eu

preciso cuidar de algumas coisas, ligar para Kurt... – Robert não se alterou. Outra vez a certeza de que ele já sabia o nome do meu pai. Maníaco por controle! – Kurt Simon, o pai da Melissa – ele balançou a cabeça concordando. – Vou aproveitar e passar no restaurante. Vamos ver o que este hospital tem para oferecer.

- Tudo bem, eu fico com Melissa. Pode cuidar de suas coisas, Elizabeth, sem pressa.

- Não vai te atrapalhar?

- De forma alguma – muito gentil e ansioso por um momento a sós com a sua secretária, Sr. Carter.

Vamos acabar dando bandeira.

Eu não sabia se ficava feliz pelos meus minutos sozinha com ele, ou se ficava apreensiva, pelos momentos que ele tinha passado com Dean. Assim que a porta se fechou, ele estava ao meu lado.

- Dia cansativo? – foi cauteloso.

- Considerando o tanto que tenho dormido – brinquei.

- Nicole mandou lembranças – ele fez uma careta e depois riu.

- O que?

- Nicole é engraçada, apenas isso.

- O que ela fez? – fiquei

curiosa.

- Ela disse que assim que puder levantar vai pessoalmente dar um pontapé na bunda de Tanya – dei risada apesar do contexto trágico.

- Isso é bem Nicole mesmo.

- E você? Pronta para voltar para casa? – sua voz era baixa e cautelosa. Havia algo mais em sua pergunta.

- Sim. Por que está tão preocupado? Com certeza eu terei mais de dois seguranças montando guarda em minha porta – isso era um absurdo, mas eu deixaria passar.

- Vai sim – ele suspirou e passou uma mão pelos cabelos.

Ficava tão sexy! – Quem sabe eles não conseguem barrar alguns cachorros.

- Robert?

- Agora não, Mel. Não vou brigar com você deitada em uma cama de hospital.

- Não estou morrendo! – eu odiava ser tratada como uma criança, ou como uma pessoa frágil. Robert me olhou por mais tempo do que de costume.

- Não. Não está – disse por fim. – Mel – oh, céus! Eu sabia o que estava por vir. Quando Robert falava desse jeito era sempre porque alguma bomba estava para explodir.

- Tanya está realmente grávida – afirmei sentindo toda a minha força se esvair. – Não é isso? – ele baixou os olhos e concordou. – Merda!

- Fique calma. Se Elisabeth chegar

- Que se dane minha mãe! – praticamente gritei revoltada com a situação. – Que se dane Tanya, você, o mundo – minha respiração estava irregular e eu queria muito poder chorar sem ter que dar explicações. – Eu tenho o direito de ficar com raiva. Não me diga que não tenho.

- Você tem – falou com tom de urgência. – Mas, por favor

- Por favor? Por favor? Você engravida Tanya e me pede, por favor? – pela primeira vez na vida eu tive vontade de matar alguém. Agradei pelo braço quebrado, preso ao corpo. Se não fosse isso eu tentaria matar Robert.

- Mel, o filho não é meu – afirmou com propriedade. – Eu sei que não é – ri com ironia. – Eu disse a Tanya que queria um exame de paternidade, que faríamos isso ainda hoje e ela recusou – o que?

- Ela assumiu que o filho não era seu?

- Não. Ela se assustou quando eu disse que queria fazer o exame de

paternidade no feto. É um exame caro, mas eficaz. Ela ficou bastante assustada. Não esperava por isso. Na certa acreditava que teria nove meses para infernizar a nossa vida até conseguir o que queria. Ela disse que não fará o exame. Que é perigoso e que põe a vida da criança em risco. Eu sei que é mentira. Ela está tentando ganhar tempo.

- O que você vai fazer? —
minha cabeça doía de tantos
pensamentos correndo
desenfreadamente. Era muita
informação. Tanya grávida. O filho
não é de Robert. Ela diz que o filho
é de Robert. No que acreditar?

- Eu não estou mentindo para você, Melissa. contei toda a verdade, então preciso que acredite em mim. Temos que ser fortes nesse momento. Eu preciso de provas para colocar Tanya na cadeia pelo atentado. Quero encontrar uma forma de encurralá-la. Para isso necessito que você esteja bem e que esteja comigo – confusa com tudo o que ele dizia, concordei. E desde quando eu tinha forças para me afastar dele? Robert suspirou aliviado.

- Ótimo! Estou tão cansado! Passei horas terríveis de incerteza por você e Nicole e agora mais essa com Tanya. Vou conseguir o exame.

Nem que tenha que recorrer à justiça – ele andou pela sala se acalmando e depois de se servir de água voltou para o meu lado.

- E você? – disse carinhosamente. – Dias difíceis, não é? – seus dedos tocaram meu rosto e meu corpo inteiro respondeu. Fechei os olhos saboreando a sensação de ser tocada por ele. – Eu também, amor – abri os olhos para encará-lo. – Também sinto a sua falta. Você nem imagina o pavor que senti pensando que te perderia. De tantas formas e em tantos momentos – sua mão inteira se apossava do meu rosto. Seu polegar acariciava a

região atrás da minha orelha e seus dedos passavam por minha pele, desenhando meus lábios, meus contornos.

- Eu amo tanto você! – confessei emocionada pela falta que sentia dele. Era uma falta não apenas física, mas também, e profundamente, psicológica.

- E eu a você – seus lábios tocaram os meus.

O toque aveludado misturado ao gosto doce me fez querer mais. Abri a boca exigindo mais e deixei que minha língua alisasse o interior de seus lábios. Robert gemeu carinhosamente e não se afastou.

Pelo contrário, aprofundou nosso beijo, suas mãos acariciavam meu pescoço, cuidadosamente para não me machucar.

Senti seus dedos descendo em minha clavícula e logo depois roçando, muito levemente e por cima da camisola, os meus seios. Arfei. Eu o desejava com tanta intensidade. Não era algo normal. A força daquele desejo fez meu corpo doer, não pelo acidente, mas pela falta e necessidade de tê-lo.

- Oh, Deus! – gemi deleitada com a carícia. Quanto tempo fazia? Dois dias? Parecia uma eternidade.

Robert se afastou

rapidamente, voltando a ficar ao meu lado como se nada estivesse acontecendo. Dois segundos depois minha mãe entrou no quarto. Ela não notou nada.

- E hoje Alexa assumiu outra vez a sua posição na empresa – conversou como se estivesse continuando um assunto. Olhei para meu chefe, abismada. Eu ainda arfava. Ele estava totalmente recomposto, parado diante de mim, falando tão naturalmente que até assustava. – Claro que ela não poderá exercer sua função como consultora de mercado, já em relação às atividades relacionadas a

mim, sim.

- Ah! É. Isso é...Bom!

Eu não sabia como dar continuidade a uma conversa como aquela. Minha mãe ficou parada ao nosso lado, acompanhando Robert me colocar a par de tudo. Eu completamente sem graça pela mentira e por estar incrivelmente excitada na frente de minha mãe.

- Mãe, você voltou rápido demais – e ansiando por mais um pouco de intimidade com o meu amante.

- Desisti da comida. Hospitais. Ninguém nunca vai mudar isso? – ela virou para Robert

inserindo-o na conversa.

- Posso conseguir algo melhor. Do que você gosta? – ela olhou para mim e depois para o meu chefe e sorriu lisonjeada com sua atenção.

- Hum! Uma sopa. Já está tarde. É melhor não descuidar da dieta.

Meu chefe sacou o telefone e falou com alguém, eu não sabia quem. Rapidamente solicitou a sopa, com um nome engraçado, deu as informações necessárias e desligou. Minha mãe não parava de piscar seus olhinhos brilhantes.

- É um restaurante próximo.

Eles logo entregarão a sopa.

- Obrigada! – ela escondeu uma mecha de cabelo atrás da orelha, demonstrando constrangimento pela primeira vez desde que chegou, e olhou para mim. – E você, como está?

- Ansiosa para levantar e voltar para minha rotina – ela riu.

- Receio que vá demorar um pouco para isso, querida. Pelo que pude entender da conversa, outra pessoa já está lhe substituindo, então, o Sr. Carter... Robert, desculpe! – e voltou a corar. Até minha mãe se rendia aos encantos do meu chefe. Estreitei os olhos e

Robert deu um risinho curto e abafado. – Ele pode sobreviver alguns dias sem você.

Ela nem fazia ideia de como meu chefe já começava a se desesperar com a minha falta, assim como eu.

- Melissa é de suma importância, Elizabeth. É a minha consultora de mercado, no entanto não posso deixar de desejar o melhor para a minha funcionária, por isso preciso que ela esteja em perfeito estado para voltar a suas atividades.

- Consultora? Eu não sabia desta parte – ela me olhou cobrando

a informação. Tentei dar de ombros. Doeu muito.

Robert e minha mãe enveredaram por uma conversa sobre a minha promoção, meu desempenho no trabalho e depois, não sei por qual motivo, começaram a falar sobre os meus problemas de coordenação motora e o meu carro, velho, mas eficiente.

Minha mãe, como não podia deixar de ser, contou a Robert as minhas traquinagens de criança, o fato de nunca ter conhecido um namorado meu. Quase enfartei nesta hora, e também sobre a minha necessidade de ser independente,

não aceitando que ninguém assumisse as minhas obrigações por mim. Tive vontade de ser atropelada novamente só para colocar um fim naquela conversa deles que riam livremente de mim e na minha cara.

É. Seriam dias difíceis.

Minha mãe impedindo que Robert encostasse em mim. Robert impedido de estar ao meu lado o tempo todo, mas fazendo questão de cuidar para que ninguém mais, além de minha mãe, estivesse. Tanya rondando para terminar o serviço e nos ameaçando com uma gravidez sem pai e Nicole internada. Dias incríveis com certeza me esperavam.

Suspirei cansada e implorei por um pouco mais de analgésicos.

CAPÍTULO 32

Eu estava devidamente banhada e alimentada, sentada olhando um programa de humor que passava na TV. Na verdade, pouco me importava com o que passava. Só queria me livrar do interrogatório da minha mãe. Eu a amava, mas ela estava quase ultrapassando a barreira do meu relacionamento com Robert fazendo

tantas perguntas.

Primeiro ela queria saber se ele estava realmente interessado em mim e depois se ele tinha compromisso com alguém, já que eu tinha negado qualquer interesse pessoal dele por mim. No final tive que contar que meu chefe era casado, mas acrescentei que Nicole me contou, em segredo, que o Sr. Carter e a esposa estavam se separando. Não informei o motivo e omiti a suposta gravidez, é claro! Ela ficou ainda mais intrigada.

Quando Bruno chegou com Alexa para me visitar, mesmo sendo o meu último dia no hospital, ela

decidiu ir a minha casa buscar roupas para mim. Suspeitei que ela precisava de um banho normal, ou qualquer coisa que não fosse relacionada a um hospital.

Alexa e Bruno estavam tranquilos e não tocaram no assunto da gravidez de Tanya. Eu sabia que se minha amiga estivesse sozinha, conversaríamos sobre o assunto, mas a presença de Bruno não nos deixava tão à vontade, apesar de ele ter deixado claro que me apoiava. De qualquer forma não fiquei livre das suas provocações.

- Estes ferimentos vão precisar de cuidados especiais –

olhou sério para o meu braço preso na tipoia. O ferimento que estava em minhas costelas estava começando a formar uma casquinha, coçava e irritava muito. Este detalhe Bruno não sabia. – Coitado do Robert! – suspirou de maneira teatral. – Vários dias apenas na punheta.

- Bruno! – Alexa e eu falamos ao mesmo tempo.

Alexa conseguiu acertá-lo com um tapa no braço, o que eu faria se pudesse utilizar o meu. No final acabamos rindo da brincadeira.

- Vocês mais parecem dois coelhos. Não podem ficar muito tempo juntos em um ambiente que

começam a pensar em procriar – de risada, embora a palavra “procriar” tivesse me atingido em cheio. Tanya estava grávida e eu não. Percebi quando Alexa olhou para Bruno advertindo-o sobre o assunto.

- Então, Mel, vai para casa hoje, descansar por vários dias! – Alexa interrompeu sem graça. – A bomba vai cair bem no meu colo – sorri já sabendo como ela se sentia por ter que trabalhar diretamente com Robert. Ele era terrível!

- Sinto muito por isso. Por mim eu voltaria logo, mas Robert nunca concordaria e agora tenho minha mãe para pegar no meu pé

também. Me sinto uma adolescente outra vez.

- Adolescente é? Hummmmm!

— Bruno estreitou os olhos. — Amassos no sofá quando a mãe pega no sono. Beijos quentes na porta de casa com a desculpa de levar o namorado na porta. A maior melação de cuecas. Mão naquilo, aquilo na mão. Sei bem como é isso.

- Bruno! — Alexa esbravejou, mas acabou rindo, eu tive que rir também.

- Quem me dera Bruno!

Eu olhava o relógio a cada cinco minutos. Robert ainda não havia aparecido e eu, mesmo

emburrada com os comentários dele com minha mãe a meu respeito, continuava sentindo muito a sua falta. Precisava arranjar um jeito de conversarmos de maneira mais direta. Não podíamos deixar que as coisas simplesmente fossem acontecendo sem resolver nada. Precisávamos conversar para decidir como ficaríamos com tudo o que estava acontecendo.

Alexa me informou as novidades sobre o estado de Nicole que não apenas estava fora de risco como se recuperava divinamente bem. Fiquei muito aliviada. O atentado era para mim e não para

ela. Isso me assustava.

Dei risada quando minha amiga me contou que Nicole não falava outra coisa que não fosse relacionada à festa de confraternização da empresa. Ela estava aproveitando o tempo livre para cuidar de todos os detalhes. Imaginei que se antes a monstrix já estava fazendo disso um espetáculo, agora que estava por conta exclusivamente disso seria um mega evento.

Ouvi a voz de Robert antes mesmo que ele surgisse na porta. Meu coração acelerou e eu agradeci por não ter nenhum aparelho

conectado a mim naquele momento. Eu ansiava pela sua presença. Estava ávida de saudades. Como se estivéssemos há um tempo considerável sem nos ver. A Dr^a Ross entrou na frente, sorrindo e comentando algum assunto. Robert entrou logo depois e ria junto com ela. Tudo bem, eu estava com ciúmes. Muitos ciúmes.

A Dr^a Ross cumprimentou a todos, analisou os papéis ao lado da minha cama para depois começar o seu gigantesco interrogatório sobre como eu me sentia. Respondi a todas as suas perguntas sem me aprofundar muito. Se eu tivesse algum problema

procuraria um médico depois. De preferência homem. Graças a Deus aquele era o meu último dia. Eu receberia alta.

Com todas as recomendações anotadas e a minha alta assinada tive que permanecer no hospital até minha mãe chegar com minhas roupas e tudo o necessário para uma saída digna. Ainda queria visitar Nick. Alexa e Bruno conversaram um pouco com Robert e depois foram embora, nos deixando sozinhos. Claro que Bruno não perderia tempo em brincar com o irmão também. Quando ele estava saindo falou tranquilamente:

- Conselho de irmão: compre um creme para as mãos – Robert olhou para ele sem entender e Bruno fez um movimento com as mãos imitando uma masturbação e depois piscou para meu chefe.

- Ai, meu Deus, Bruno! – Alexa falou escandalizada. – Esqueça isso, Robert. Seu irmão é um imbecil – e empurrou Bruno para fora da sala.

Robert ficou um tempo parado onde estava e depois riu e sacudiu a cabeça vindo em minha direção.

- Tudo bem? – percebeu a minha cara fechada.

A cena dele com a Dr^a Ross

não saía da minha mente. Para piorar tudo as brincadeiras de Bruno me deixaram inquieta. Eu realmente sentia falta dos toques, de seus beijos, suas carícias. Puta merda! Eu precisava mesmo fazer amor com ele o mais breve possível. – Não está feliz em poder ir para casa?

- Estou - analisei suas feições. Robert, apesar de ser um domingo, estava tranquilo. Mais do que nos últimos dias que tínhamos passado no hospital. Perguntei-me se ele foi visitar o pai. – Você continuará aparecendo por aqui? –

- Sim. Nicole continua internada. Virei todos os dias até ela

receber alta – ele me encarava sem expressar nada específico.

- Ah! – fiquei desanimada.

- Algum problema?

- Não – desviei o olhar ciente que não conseguiria conter meu gênio por muito tempo.

- Ok! – ele passou a mão em meus cabelos deixando que seus dedos roçassem a lateral do meu rosto. – Sinto a sua falta – reagi a estas palavras. E como não reagir? Robert tinha a capacidade de me fazer esquecer o motivo da minha raiva.

Evitei olhar para ele e fingi interesse no programa de TV. Pela

minha visão periférica percebi que ele olhou para ela e depois para mim. Não quis saber qual a sua reação diante da minha indiferença forçada.

- Sua mãe ficará por muito tempo?

- Até que acredite que estou bem o suficiente para me virar sozinha.

- E isso vai demorar? – sua voz estava calma e interessada. Um leve tom rouco deixava claro o quanto existia de desejo sexual em suas perguntas.

A pior parte é que eu sabia que meu corpo correspondia.

Apenas com essas simples palavras Robert me fez desejar profundamente que minhas feridas sarassem e minha mãe fosse embora. Me senti culpada por estes pensamentos egoístas.

- Não sei. Se ela sequer sonhar que uma louca psicótica anda tentando me matar, pode ser que demore mais – olhei para ele e vi seus lábios se comprimirem em uma linha fina. Robert recolheu a mão e puxou o ar se afastando um pouco.

- Estou cuidando disso – voltei a ignorá-lo olhando determinada para a TV - Qual é o problema, Melissa? – sua mão

pusou meu rosto pelo queixo exigindo a minha atenção. – Hey! – me olhou nos olhos. – Sinto sua falta.

Fiquei perdida na intensidade daquele olhar. A profundidade daqueles olhos cinza me fazia mergulhar em uma viagem inapropriada para o local em que estávamos e principalmente, na situação em que eu estava. Não consegui evitar o contato com sua boca e me deleitei com o seu sabor tão característico. Seus lábios macios provavam os meus com delicadeza, como se eu fosse o ser mais frágil existente na terra e ele

tivesse medo de me quebrar. Mal sabia Robert que eu desejava ser quebrada em mil partes se isso significasse mais um de nossos momentos.

- Qual é o problema? – voltou a perguntar após romper nosso beijo. Ainda acariciando meus cabelos, ele se mantinha muito próximo.

- Você fez amigas aqui – afirmei salientando o “amigas”.

Tenho consciência de que um biquinho se projetou em meus lábios, como o de uma criança. Robert olhou fixo para mim e depois riu baixinho se afastando novamente.

Senti raiva. Ele se divertia com a situação.

- Parece que a Dr^a Ross não terá uma rotina muito desanimada por aqui – esbravejei irritada demais para tentar ocultar o que sentia. Robert voltou a rir.

- E onde está o problema nisso? – aquele miserável estava se divertindo a minha custa.

- Eu estarei enfiada em um apartamento, tentando me recuperar de um atentado e sendo cuidada pela minha mãe. Sem poder fazer nada além de conversar com você ao telefone disfarçando bem para não despertar a curiosidade dela –

desabafei. Robert tentou sufocar um riso mordendo os lábios. – Estarei de volta a minha vida monótona e sem graça – ele estreitou os olhos por alguns segundos e depois voltou a rir.

Meu amante encostado à cama, apoiando o corpo nos braços, abaixou a cabeça sacudindo-a e rindo.

- Não sabia que sua vida era tão monótona.

- Ah, era sim – respondi com raiva. Eu me sentia uma criança brigando com o pai por um pouco mais de atenção.

- Podemos convidar a Dr^a

Ross para tornar a nossa vida menos monótona – ele disse “nossa”? E o que sugeria? Tenho certeza que minha cara denunciava minha indignação com o seu comentário absurdo.

- Eu ainda posso quebrar o seu nariz – ameacei e ele riu alto.

- Ora, Mel, você sabe que todos os homens têm a fantasia de transar com duas mulheres ao mesmo tempo – sua cara era de brincadeira, porém suas palavras me atingiam em cheio.

- O que? – falei um pouco mais alto, totalmente fora de controle.

- Garanto que acabará com a monotonia – ele ainda ria.

Fechei os olhos e desejei que Robert evaporasse da minha frente. Se eu conseguisse atingi-lo com alguma coisa não seria nada mal. Afinal de contas estávamos em um hospital e sempre poderíamos alegar um acidente. Eu estava debilitada e poderia deixar algo cair nele por descuido. Pensei rapidamente e encontrei uma outra forma de me vingar.

- Tudo bem – demonstrei indiferença.

- É? Tudo bem? – ele sorriu debochado.

- Tudo bem. É uma fantasia sua. Podemos fazer. É claro que eu também tenho as minhas próprias fantasias, e tendo conhecimento da sua acredito que nada o chocará – ele parou interessado, levantando o corpo e cruzando os braços na altura do peito.

- Do que você está falando? -
bingo!

- Que podemos convidar a Dr^a Ross, já que é do seu interesse – Robert abriu a boca e fechou diversas vezes, depois sua cabeça pendeu para o lado e ele me analisou.

- Eu estava brincando – foi

incisivo. Seu semblante demonstrava que estava incomodado com a existência das minhas supostas fantasias.

- Sério? – fingi desapontamento. – Que pena! – Robert abriu a boca sem dizer nada. Apenas me encarou com os olhos estreitos.

- Pensei em fazermos a mesma coisa, só que desta vez me favorecendo.

- Como assim? – eu podia ver a raiva fluir pelos seus poros. Quase levantei e fiz a dança da vitória.

- Pensei em convidarmos outro cara para nos tirar da

monotonia - sinalizei com a mão indicando nós dois. – Ora Robert, você sabe que todas as mulheres têm a fantasia de transar com dois homens. Podíamos escolher alguém como Dean, ou – fingi pensar. – Adam? – sugeri parecendo indiferente.

- O que? – rosnou

- Fantasias, Robert! – sorri inocentemente.

- Fantasias com Dean ou Adam? – ele riu nervoso. – Espero que esteja brincando ou muito louca por causa da medicação – passou as mãos pelos cabelos e se afastou da cama. Eu ri da reação.

- Pensei que a Dr^a Ross...

- Eu. Estava. Brincando. –
ênfatizou.

- Ah... – fez um imenso
esforço para não rir.

- Dean e Adam? Meu Deus! –
disse pensativo. Eu gargalhei.

- Com licença. – a voz de
Dean chamou a nossa atenção. Eu
gelei e Robert se virou para mim
furioso.

- Ótimo! – disse
sarcasticamente. Dean o ignorou.

- Mel! Como está se sentindo?

- Ótima! Não poderia estar
melhor – eu tentava controlar o riso
e não conseguia. Dean riu de mim

sem saber do que se tratava e Robert ficou ainda mais tenso.

- Elisabeth está tratando de algumas documentações. Eu me ofereci para levá-las para casa – com essa Robert surtaria, com certeza.

- Ah! – puta merda! - Dean, não precisava – minha risada morreu e eu comecei a me sentir mal. Meus últimos momentos com Robert e eu os tinha desperdiçado fazendo piada e me enfurecendo por bobagens. – Eu ainda quero visitar Nicole.

- É domingo – ele abriu os braços. – Tenho todo o tempo do mundo para você – “perfeito”,

pensei desanimada.

- Mel eu preferia que sua mãe voltasse o quanto antes para a Califórnia – Robert falou ignorando Dean. Mas meu ex? É. Ex-ficante, riu ironicamente. – Lembre-se que ainda não conseguimos provas e que é muito provável que você ainda esteja correndo risco.

- Se você tivesse mantido suas mãos longe dela, agora com certeza ela não estaria passando por isso – Dean falou com raiva. Robert respirou fundo e continuou ignorando-o.

- Pensei que você poderia ficar em minha casa por um tempo,

mas não dá para fazer isso com sua mãe aqui. Ela é um alvo em potencial e mantê-la ao seu lado pode ser muito arriscado – estremei. Nicole foi o suficiente. Eu precisava manter minha mãe longe daquela loucura.

- Ela não vai aceitar – meu coração enfraquecia de pavor e minha voz quase não saía.

- Vocês podem ficar em minha casa, Mel – Dean ofereceu. – Podemos alegar alguma infiltração, ou eu posso quebrar um cano em sua casa – ele riu sozinho da sua ideia idiota.

- Dá para você não se meter?

– Robert rosnou impaciente falando com Dean pela primeira vez naquela manhã.

- Não. Você a colocou nisso – Dean exibia tranquilidade, mas eu sabia muito bem que no fundo ele continuava injuriado com o meu relacionamento com Robert.

- Você não tem nada a ver com isso. Quem é você? O ex-namorado abandonado e sofredor? – Robert foi duro e as palavras me magoaram também. – Melissa não é mais problema seu. Acabou para você, Dean – meu amante estava curvado em direção a Dean e eu podia pressentir que ele atacaria a

qualquer momento.

- Sou o ex-namorado que teve a namorada arrancada de seus braços por um pervertido de merda, que não se contenta com uma mulher apenas. Melissa não merece isso. Se você se importasse realmente com ela não perderia seu tempo iludindo-a. Você é casado, seu idiota! – Dean acusou empurrando Robert com um dedo apontado em sua direção. Droga! Aquele não era o melhor lugar para começar uma briga.

- Tire suas mãos de mim – Robert empurrou de volta. – Eu não a tirei dos seus braços. Você não teve competência para mantê-la. E

eu não precisei fazer nada para que isso acontecesse.

Merda! Merda! Merda!

- Melissa é ingênua o suficiente para acreditar em todas as suas mentiras. Você é egoísta o bastante para mantê-la nesta situação, mesmo arriscando a vida dela. Mesmo arriscando a vida de qualquer pessoa que esteja envolvida em sua lama – Robert estremeceu. Não! – Não basta para você ela quase ter morrido com este atentado? – Vi Robert se encolher dominado pela culpa. Não. Não Robert. Você não tem culpa. – Você deveria ter sofrido este atentado.

Você. Um cretino egoísta que não consegue se importar com os sentimentos de ninguém.

- Chega, Dean! – gritei. Eles mantiveram o olhar um no outro. Robert, mesmo tentando esconder, deixava transparecer que estava abalado com as palavras de Dean.

Sim. Ele me amava o suficiente para isso. Eu sabia que as palavras de Dean atingiriam meu amante mais do que ele seria capaz de imaginar. Meu amante assumiria a culpa pelo atentado e carregaria mais este peso em suas costas, mesmo não tendo culpa de nada. Robert era apenas mais uma vítima

de Tanya e de toda a sujeira que ela levou para a vida dele.

- Dean, você não sabe o que está dizendo. Eu te proíbo de tentar se intrometer em minha vida. Robert é a minha escolha e você terá que conviver com isso. Eu sinto muito, mas sou adulta e responsável pelas minhas decisões – foi a vez de Dean estremecer. Não foi suficiente para fortalecer meu amante. - Robert eu te amo e você não precisa se sentir culpado. Eu te amaria mesmo se você tivesse me deixado ir embora no meu primeiro dia de trabalho – um sorriso brincou em seus lábios com a lembrança do nosso primeiro

contato tão conturbado. – Mas eu quero que você aceite Dean neste momento. Ele é meu amigo, apesar de tudo – acrescentei. – E eu tenho o direito de escolher os meus amigos – Dean também era vítima.

Ele fora descaradamente enganado por mim e Robert contribuiu muito para que isso acontecesse, quando decidiu me ter independentemente do que, ou de quem ele teria que passar por cima. Nós dois fomos horríveis com Dean e eu precisava encontrar uma maneira de me redimir. Dean era uma pessoa fantástica e eu gostaria muito que, se um dia ele conseguisse

superar todos os nossos problemas, pudéssemos voltar a ser amigos.

Robert me olhou surpreso com o meu argumento. Ele contestaria, no entanto o impedi.

- Agora não quero mais ouvir as ofensas de vocês dois. Respeitem o local em que estamos. Respeitem a minha situação e acima de tudo, me respeitem. Não sou nenhuma criança para ter a guarda disputada.

Minha mãe chegou neste instante. O clima estava mais do que pesado, estava sufocante. Ela olhou de Robert para Dean, mas graças aos céus, não fez nenhum comentário indevido, apenas me entregou a

sacola com as roupas e me ajudou a caminhar até o pequeno banheiro para vesti-las. Eu fiquei satisfeita em ficar livre dos dois por alguns segundos. Ao mesmo tempo fiquei tensa por deixá-los sozinhos. Rezei pedindo que eles se comportassem.

Quando voltei, usando *jeans* confortável, uma camisa solta e um casaco que coloquei apenas no ombro para me aquecer, além dos meus tênis, Robert estava sentado no pequeno sofá, seus braços apoiados nos joelhos e suas mãos entrelaçadas apoiando o queixo. Ele passava seu polegar nos lábios, como se estivesse resolvendo um

complicado dilema. Dean estava encostado em uma das paredes. Ele mantinha a expressão serena de sempre, mas seus olhos demonstravam o tamanho da sua mágoa. Minhas coisas já estavam arrumadas e minha mãe me aguardava para que pudéssemos ir embora.

- Mãe, eu quero ver Nicole antes. Você poderia me aguardar no carro com Dean? Não vou demorar. Prometo – tentei não levar em consideração a cara que Dean fazia. Minha mãe ficou meio confusa.

- Mas você ainda precisa de ajuda e...

- Eu vou para lá agora – Robert levantou solícito. – Posso acompanhá-la – minha mãe nos analisou por pouco tempo e depois concordou. Eu tinha certeza que seria coberta de perguntas mais tarde. Ah! Minha mãe e sua imensa capacidade de ler nas entrelinhas.

Saímos juntos. Minha mãe e Dean entraram no elevador recomendando que eu não demorasse. Dean lançou um olhar penetrante para Robert, uma ameaça explícita, e Robert retribuiu com a mesma ferocidade. Assim que a porta fechou eu me virei para meu amante. Ele me encarou impassível.

Ficamos nos olhando por um tempo imensurável. Não cedíamos. Até que me dei conta de que o segurança estava muito próximo. Olhei para ele sugestivamente.

- John, pode nos dar um tempo? — Robert pediu educadamente e o segurança caminhou até o final do corredor, nos dando privacidade. Voltamos a nos encarar.

- E agora? — eu disse desistindo de gastar o meu tempo com disputas.

- Não sei — suspirou derrotado. — Dean tem razão.

- Não. Ele não tem — fui

firme.

- Mel...- respirou profundamente e fechou os olhos. - Droga! – Robert me puxou para seus braços tomando cuidado para não me apertar. – Eu não sei o que fazer – admitiu. – Não encontro provas. Não sei como te proteger. Não sei como ficar longe e não sei viver mais sem você.

Sorri me sentindo aquecida por suas palavras. Tive vontade de abraçá-lo também, no entanto um braço estava preso em uma tipoia e gesso e o outro equilibrava o casaco em meus ombros. Encostei a cabeça em seu peito e fechei os olhos.

- Não quero que você consiga viver sem mim – ele sorriu e eu me senti mais leve.

Robert podia estar magoado com as palavras de Dean. Podia realmente estar se culpando naquele momento pelo que Tanya fez comigo e com Nicole, mas ele era seguro demais para perder tanto tempo lutando contra, quando sabia que não conseguiria. Ele não desistiria de mim. Não o meu Robert.

- Então vamos esquecer esta história de Dean e Adam – brincou.

- Claro. Assim que você esquecer a Dr^a Ross – ele revirou os olhos e me puxou para um beijo

carregado de saudade.

Eu sentia os lábios do homem que eu tanto amava se movendo nos meus. Seu sabor adocicado impregnava a minha boca. Toda a maciez se comprimindo contra a minha. Sua língua quente roçou minha carne pedindo passagem e a encontrou sem nenhuma resistência. Ela brincou em minha boca e eu fiz questão de acariciá-la com meus próprios lábios, além de experimentá-la com minha própria língua.

Robert passou a mão pelos meus cabelos me puxando para mais perto e muito sutilmente se abaixou

me imprensando em seu corpo deixando sua ereção roçar em mim. Abri os olhos encabulada. Estávamos em um hospital, com pessoas passando a todo o momento. Sem contar o risco que corríamos com Olívia circulando pelas alas.

Robert sorriu e me libertou de seus encantos.

- Desculpe! – ficou tão encabulado quanto eu e enterrou seu rosto em meu cabelo. Olhei para os lados aceitando suas desculpas com um aceno de cabeça. Notei que John, o segurança, estava propositalmente de costas para nós dois. Fiquei ainda mais constrangida. – Isso será

complicado – disse se afastando um pouco.

- Acho que vai mesmo – admiti.

- Sinto tanta saudade!

Se aproximou e enterrou o rosto em meus cabelos novamente, aspirando o cheiro do shampoo. Deus! Quando ele fazia aquilo eu sentia tanta vontade de cercá-lo com meus braços e tomá-lo para mim. Apenas para mim. Sentia uma imensa falta da nossa bolha. Naquele momento tudo que eu queria era sequestrá-lo e fugir para qualquer paraíso tropical. Um lugar onde apenas nós dois, ou quem sabe

no futuro, três, pudéssemos viver e fazer a nossa vida ser perfeita.

Robert passou as mãos quentes em minhas costas. Mesmo com o casaco eu podia sentir o seu calor se transferindo para mim. Minha pele ficou arrepiada. Ao perceber meu amante me apertou em seus braços um pouco mais e roçou seus lábios em meu pescoço. Meu sangue ferveu.

- Robert! – o alertei sentindo todo o meu corpo protestar contra o nosso afastamento.

- Ah, Mel! – gemeu. – Vamos ver Nicole antes que eu acabe cedendo à vontade de te levar de

volta para o quarto – começou a andar se afastando de mim como se precisasse disso para manter a razão.

- Robert! – eu estava ainda mais sem graça, apesar de lisonjeada e excitada. – Eu estou machucada – lembrei fingindo estar ofendida.

Ele parou a dois passos de distância e voltou me encarando. Seus olhos estavam escuros como nunca eu havia visto antes.

- Ah, meu bem! Tem tanta coisa que eu poderia fazer com você.

Puta que pariu! Como ele

conseguia fazer essas coisas comigo? Praticamente implorei por um quarto. Nossa Senhora das atropeladas extremamente excitadas que me conservasse forte o suficiente para não ceder. O que seria de mim nos próximos dias?

Visitar Nicole não me deixou melhor. Apesar da insistência de todos em dizer que ela estava bem e que não tinha passado de um susto, eu não queria que minha amiga passasse por aquilo. Especialmente por saber que tinha acontecido por

ela ter se disposto a me ajudar em um momento difícil. Nick não merecia estar presa a uma cama, com um colete cervical e impedida de viver.

Conversamos pouco. Ela estava animada com a aproximação da festa de confraternização. Eu não quis desanimá-la, mas seria meio complicado comparecermos naquela festa, sabendo que Tanya seria uma presença certa. A única coisa que eu poderia pedir era que Robert conseguisse descobrir algo que a incriminasse o mais rápido possível.

Despedi-me de todos e Robert me acompanhou até o

elevador. Preferimos subir um lance de escadas para que ninguém pudesse nos surpreender. Afinal, Deus sabe quando voltaríamos a ficar juntos. Desci sozinha após um beijo longo e repleto de saudades. Minha mãe e Dean estavam ansiosos.

- Você demorou – minha mãe acusou.

- Foi? – me fiz de desentendida. Dean me olhou deixando claro que sabia o motivo da minha demora, sem fazer nenhum comentário.

Ficar longe do homem da minha vida já me causava

aborrecimento suficiente para me deixar de mau-humor. Não precisava de toda a conversa da minha mãe para completar o meu estado. Eu já sentia a falta dele e doía em mim mais do que as feridas.

CAPÍTULO 33

Voltar para casa não tinha sabor nenhum. Minha mãe estava alegre por poder voltar a ser a que cuida da filha e Dean demorou bastante tempo. Perguntei-me várias vezes se ele fazia aquilo para surpreender Robert em uma possível visita e tive que segurar dentro de mim a raiva pelos empecilhos existentes para me manter longe do

homem que eu amava. Dean só estava machucado e ele não tinha culpa da obsessão que eu tinha desenvolvido por meu chefe.

- O que você pretende fazer em relação ao ocorrido? – acariciou meu rosto.

Minha mãe estava no meu quarto, arrumando meu guarda-roupa, o que me deixou incrivelmente aborrecida. Eu gostava da minha bagunça organizada e não era mais uma criança para precisar deste tipo de ajuda. Sem contar que seria mais do que constrangedor se ela resolvesse arrumar a minha gaveta de lingerie.

Era o fim do mundo e eu não via a hora de acabar logo.

- Nada. Robert não conseguiu nenhuma prova. Nada que consiga colocá-la atrás das grades – Dean me olhou com reprovação.

- E você vai continuar agindo como se nada tivesse acontecido?

- Dean! – suspirei. – Você não entende.

- Não entendo. É impossível entender. Ele consegue dominar todos os seus passos. Olha o que te aconteceu! Você poderia... – cerrou os dentes e comprimiu os lábios.

- Dean, por favor! – olhei rapidamente para o quarto com

medo de minha mãe estar prestando atenção em nossa conversa.

- Você não merece isso – sussurrou. – É o que quer? Correr perigo, arriscar a vida só para estar com um homem que sequer consegue ser seu – puta merda! Ele não entendia que doía muito encarar a realidade? – Ele é casado, e pelo visto a esposa não está muito disposta a abrir mão deste casamento. O que você vai fazer com a gravidez dela? – fiquei espantada. Como Dean sabia daquilo tudo? – Melissa, você me conhece, sabe com o que eu trabalho. Nunca passaria por uma

situação como esta sem averiguar o que realmente está acontecendo.

Droga! Droga! Droga!

Nunca parei para pensar nesta possibilidade. Dean era chefe de uma equipe responsável pela segurança da informação de diversas empresas. Eles se dedicavam a manter os segredos em seus devidos lugares, ou a desvendá-los. Era um gênio, conhecedor das mais incríveis tecnologias e as utilizava para criar ou desfazer situações que favorecessem seus clientes. Era o melhor no ramo dele.

- Ele nem sabe fazer este jogo direito, Melissa – e sorriu. Puta

merda! Puta merda!

- Eu não – olhei outra vez para minha mãe. – Não quero conversar sobre os problemas do Robert.

- São seus problemas também. Você já está envolvida neles e não existe maneira de sair agora. O que eu fico me perguntando é como Abgail conseguiu te convencer a...

- Não – o impedi antes que ele começasse a fazer perguntas que eu não podia responder. – Vamos parar por aqui.

- Eu não te reconheço mais – e eu senti o peso daquelas palavras me afundar no sofá.

- Desculpe!

- Tudo bem. Eu estarei perto. Sei que ele foi a sua escolha, mas não posso deixá-la sozinha nesta merda toda.

- Obrigada! – fechei os olhos e ele me envolveu em seus braços.

- Tudo pronto, crianças! – minha mãe entrou na sala e parou nos olhando sem entender nada.

- Eu tenho que ir – Dean levantou, tão sem graça quanto eu, sem saber ao certo o que fazer com as mãos. Minha mãe aguardou, nos observando com olhar curioso.

- Vejo você depois? – eu não devia, mas gostava da companhia de

Dean, mesmo ele fazendo questão de deixar claro a sua insatisfação com a minha escolha. Ele era um bom amigo, além de ser alguém que eu confiava.

- Claro – ele sorriu e foi embora. Não sem antes dizer a minha mãe que não hesitasse em chamá-lo caso precisasse de alguma coisa.

Assim que Dean fechou a porta minha mãe se virou para mim com olhos questionadores. Eu só tinha uma escapatória, fingir sentir dor. E foi o que fiz. Rapidamente ela esqueceu a história de Dean ou qualquer outra pessoal e se

concentrou em aliviar o meu sofrimento. Quase sorri com a vitória, achei melhor manter a minha cara de doente.

Passei o dia emburrada, alternando entre ficar sentada no sofá e assistir TV com a minha mãe ou me trancar em meu quarto para tentar dormir, o que era impossível. Com Robert longe de mim eu não conseguia impedir que todos os pensamentos de insegurança e medo rondassem minha mente.

Meu amante temia que Tanya continuasse tentando me matar e consequentemente a minha mãe. A ideia me deixou agitada. Tanya

afirmava estar grávida de Robert, mas não queria fazer o exame de DNA para comprovar a paternidade. Eu deveria entender isso como mais uma das suas mentiras? Por outro lado eles haviam transado, o que me levava a pensar no quanto ela foi esperta armando pra cima dele naquela noite.

De duas, uma: ou Tanya forçou a barra e transou com Robert para conseguir realmente engravidar arrumando assim mais um motivo para segurar o casamento, ou ela já estava grávida e precisava de um álibi para não perder o jogo.

Putá merda!

Minha mãe ficaria comigo por um longo tempo, o que manteria Robert afastado. Ele estava no hospital todos os dias cercado pela Dr^a Ross e toda a sua beleza. Droga! Eu enlouqueceria trancafiada em meu apartamento com toda a pressão de Dean e as perguntas de minha mãe, que parecia desconfiar cada vez mais que havia algo errado.

Minha alegria chegou no dia seguinte, pela manhã, logo cedo. Robert apareceu levando um advogado. Ele preferiu não trabalhar com Frank em meu caso, então fui apresentada a Tyler Ford, que acompanharia as investigações

sobre o atentado. Como eu ainda estava debilitada, de acordo com Tyler, o detetive Malcolm foi até a minha casa para tomar o meu depoimento. Meu chefe conseguiu impedir que ele fosse ao hospital para fazer isso, mas permitiu em minha casa.

Repeti várias vezes a minha versão. Eu não vira nada que pudesse ajudar, apenas um carro preto avançar sobre nós duas, era só o que eu conseguia lembrar. Ele foi embora um tempo depois. Robert se despediu em sua melhor performance de CEO e foi embora acompanhado de Tyler.

Meu coração ficou despedaçado.

Consegui me animar ao lembrar do celular, a única coisa relacionada a mim que minha mãe não tinha interesse, graças a Deus, pois assim eu conseguia trocar mensagens com meu amante sem que ela desconfiasse. Foi o que fiz no final da tarde. Peguei o celular e digitei “*Sinto a sua falta*”. Enviei e voltei a olhar para a TV.

Dois minutos depois meu celular vibrou “*Morrendo de saudade de você*”. Sorri e escrevi de volta “*Preciso de você*”, a resposta chegou mais rápido do que

eu esperava “*Precisa? Aconteceu alguma coisa?*”. Revirei os olhos para o seu excesso de preocupação. Escrevi rapidamente “*Aconteceu. Meu corpo não para de implorar por um pouco mais de você*”. Sorri aguardando pela resposta. Demorou. Quase meia hora depois a mensagem chegou “*Não faça assim comigo, Mel! Sinto a sua falta de todas as formas possíveis. Tenho uma reunião agora. Te amo*”. Bufe desanimada. Droga!

Ele voltou no dia seguinte, e no dia seguinte, e durante todos os outros dias. Minha mãe nos acompanhava nas conversas casuais.

Eu não consegui nem um toque mais íntimo, ou um beijo roubado. Aquela realidade estava acabando comigo. Nos primeiros dias eu o recebia na sala, mas após perceber que minha mãe não facilitava as coisas, comecei a recebê-lo em meu quarto. Deu no mesmo. Ela passou a ficar comigo no quarto enquanto meu chefe falava sobre os mais diversos assuntos. Não havia nem como saber como estávamos evoluindo no quesito Tanya. Eu fiquei completamente no escuro outra vez.

Em um dos meus momentos de desespero escrevi uma mensagem “*Preciso de serviço de quarto*”,

Robert respondeu imediatamente “*Temos este serviço, Srta. Simon. O que deseja?*”, sorri animada e respondi “*Uma trepada express*”, mandei e aguardei. “*Mel, Mel. Se eu levar a sua casa a trepada que sonho em ter com você, sua mãe ficará horrorizada*”. Ri alto e minha mãe olhou para mim curiosa.

- Kary – fingi conversar com minha amiga. Ela voltou a prestar atenção em seu livro.

Respondi correndo “*Você me deixou incrivelmente molhada*”. Dois minutos depois ele mandou uma nova mensagem. “*Amor, você pode ir ao banheiro agora?*”.

Fiquei intrigada “*Para fazer o que?*”. Recebi a resposta quase que no mesmo minuto “*Para eu foder você, gostosa. Você me deixou excitado*”. Ri sem deixar minha mãe perceber. “*Sexo por telefone?*”, enviei empolgada. “*Sim*” ele respondeu simplesmente. Levantei e fui em direção ao banheiro já digitando “*Vai me ligar?*”.

- Mel? – minha mãe me parou no caminho. – Largue este telefone um minuto, minha filha, e venha ver isso aqui – ela ria de algo que tinha visto no livro. Suspirei alto. Merda! Eu queria uma trepada nem que fosse por telefone. Digitei

rapidamente “*Minha mãe. Puta merda!*”. Droga! Mandeí outra “*Vou entrar em combustão espontânea*”, e fui ver o que Elizabeth queria. A resposta chegou apenas para me enlouquecer “*Conheço mil maneiras de fazer esta boca sacana se acalmar*”. Respirei várias vezes para conseguir o nível de equilíbrio necessário para aguentar mais um dia sem ele.

No domingo Robert não apareceu, nem respondeu as minhas mensagens. Minha mãe estranhou e também percebeu o meu mau humor. Eu estava péssima mesmo. Sabia que meu amante estava sofrendo

sozinho em algum lugar e não poder estar ao seu lado para ampará-lo me atormentava. Neste dia Abby e Kary apareceram. Abby fez questão de manter a farsa da perna quebrada.

- Alguma novidade? – Kary perguntou assim que minha mãe saiu do apartamento. Ela aproveitou as visitas para fazer compras no mercado próximo de casa. Fiquei bastante grata.

- Ninguém encontrou o carro, logo não temos nenhum suspeito – olhei para Abby que me retribuiu deixando claro que não acreditava em minhas palavras.

Claro que ela sabia que a

polícia não havia encontrado nada, mas Abby conhecia muito bem o meu namorado para saber que ele estava na cola de Tanya e que com certeza já sabia de alguma coisa.

- Muito estranho, todos os dias pessoas são atropeladas sem receberem socorro dos causadores do acidente. Não entendo por que a polícia acredita que o seu tenha sido um atentado – minha amiga continuou.

- Porque a família Carter é alvo de muitos bandidos, além de políticos e empresários – Abby riu ao passar esta informação. - E por serem ricos, a polícia quer mostrar

serviço. Vamos nos concentrar apenas na recuperação da Mel.

- Isso. Como está o seu braço?

- Está quase bom. As costelas que deram mais trabalho. Dói um pouco, mas já estou pronta para outra.

- Deus nos livre disso! – Kary rebate. Abby estreitou os olhos e me observou. Meu sangue gelou. Era como se ela estivesse me dizendo que muito mais estava por vir.

Após dez dias aguentando os cuidados excessivos de minha mãe, as visitas de Dean, que apesar de boas eram repletas de pressão, as

visitas rápidas e tão frias de Robert e as de meus amigos que faziam questão de tentar me animar, eu finalmente recebi permissão para voltar a trabalhar, mas só aconteceria em dois dias.

Seriam mais dois dias vendo Robert sem poder tocá-lo, era o suficiente para me deixar em chamas.

Queria dormir e acordar só quando pudesse voltar ao trabalho. Como não tinha nada de melhor para fazer resolvi atrapalhar um pouco a rotina do Robert. Escrevi uma mensagem rápida “*Trepada. Agora. Topa?*” enviei e aguardei. Ele

respondeu “*É um convite? Topo.*” Algo úmido começou a se manifestar no meio das minhas pernas. Digitei outra mensagem sem saber se seria correto estar tão excitada na frente da minha mãe. Ela estava sentada ao meu lado vendo uma comédia romântica e perdida no seu contexto.

Antes que eu conseguisse digitar uma mensagem Robert me enviou outra “*Você está falando sério? E sua mãe?*”, minha empolgação diminuiu instantaneamente. “*Está aqui. Estou pegando fogo*”, enviei. Recebi outra no mesmo instante “*O que posso fazer por você. Estou fodidamente*

excitado”. Puta que pariu! Como ele podia escrever isso para mim e esperar que eu reagisse bem? Robert excitado. Aquilo era um sonho. Escrevi quase arfando de desejo *“Entre em minha casa e me sequestre. Vou adorar poder sentir a sua excitação”*.

O tempo passou e ele não respondeu. Fiquei intrigada e inquieta. Será que ele realmente me sequestraria? Puta merda! Meu ventre formigava com a possibilidade. Comecei a me remexer no sofá, ansiosa demais para ficar quieta. Minha mãe percebeu.

- Qual é o problema?

- Nenhum. Não aguento mais ficar em casa como uma inútil – levantei e fui para minha cama. Ela não me seguiu.

Mandei outra mensagem *“Bem que você poderia dar um jeitinho. Minha calcinha estaria dissolvida se minha excitação fosse ácida”*, dei risada e enviei. Robert demorou muito para responder. *“Estou em reunião”*. Merda! Mandei outra *“E eu excitada. Meus dedos não são o suficiente”*. Será que ele ficaria irritado com aquela mensagem? Era ousada demais? Mas meu corpo todo correspondeu às

lembranças do que ele havia feito comigo por causa da minha pequena mentira a respeito da masturbação.

Recebi sua resposta “*Você tem ideia do que é tentar conter uma ereção do tamanho da minha? Estou de frente para três homens e de pau duro. Isso é constrangedor. Seja boazinha. Te amo!*”. Droga! Quase gritei em resposta.

Para minha surpresa meu amante apareceu no final do dia. Ele estava feliz e levou flores para a minha mãe. Evitei recebê-lo no quarto. Ficar em qualquer lugar que tenha uma cama com Robert seria um tormento. Ele sorria

maliciosamente. Não entendi. Era como se sugerisse alguma coisa, o que me deixou intrigada. O que meu chefe tinha em mente?

Robert coçou os olhos e bocejou, depois forçou as vistas e sentou no sofá da sala, onde eu estava. Encostou a cabeça no assento. Ele parecia cansado. Bem cansado.

- Dia difícil?

- Sim. Reuniões. Projetos. Respondi muitas mensagens – tive um vislumbre de um sorriso arteiro em seus lábios. Rapidamente ele se corrigiu. – Fui visitar Abgail.

- Abgail? – essa era nova. –

Por quê? – pelo olhar que minha mãe me deu eu entendi que precisava me controlar.

- Abgail é funcionária da empresa, é a minha secretária e está doente também – ele piscou para mim ficando de costas para minha mãe. Depois se endireitou não falando nada mais. Eu tinha que voltar logo para investigar mais a fundo aquela história.

- Não sabia que você visitava Abgail também – tentei tirar o meu tom acusatório. Tenho certeza que minha mãe conseguiu pegar este detalhe.

- Digamos que apenas Abgail

poderia me esclarecer algumas coisas – ele levantou uma sobrancelha. – Sobre alguns acontecimentos recentes – bocejou mais uma vez e coçou os olhos.

- Você veio direto do trabalho? – minha mãe cortou a nossa conversa me impedindo de continuar. Tive a impressão de que Robert forçava a ideia de cansaço. Eu estava incrivelmente curiosa sobre a entrada de Abigail no assunto.

- Sim. Tive um dia cansativo e cheio de problemas para resolver, mas não queria deixar de passar aqui para saber da evolução do

quadro da minha funcionária, então...
— bocejou outra vez. Estava começando a ficar forçado.

- E ainda não jantou? Eu ia agora mesmo começar a fazer uma sopa, se você quiser nos acompanhar.

- Ah, na verdade não. Eu pensei em passar em um restaurante e trazer alguma coisa para jantarmos os três juntos, já que Melissa logo estará de volta ao trabalho e você irá embora — Elizabeth sorriu satisfeita pela atenção que ele lhe dispensava. — Como não sabia que tipo de comida a Srta. Simon gosta — olhei para ele admirada com seu

plano mirabolante. Claro que ele sabia o tipo de comida que eu gosto. Robert bocejou mais uma vez e se pôs de pé. – E então Melissa, o que gostaria que eu buscasse para você? Cortesia da *C&H Medical System* sinta-se como se eu fosse um *delivery* – virou em minha direção sorrindo. Que tamanha cara de pau. Eu já estava excitada só de pensar no que gostaria que ele me entregasse.

- Ah! Acho que... – pensei no que poderia dizer que colaborasse com seu plano. Desisti no mesmo instante. – Cogumelos vermelhos – sorri descaradamente. – Grandes –

arqueei uma sobancelha e Robert passou a língua em seu lábio inferior. – Aliás, quero cogumelos vermelhos gigantes. Hummm! Estou com a boca aguando – meu amante abriu a boca e fechou sem acreditar em mim.

- E onde ele vai encontrar isso? – minha mãe perguntou sem perceber o que estávamos fazendo. – Coitado! Deve estar muito cansado. Podemos pedir uma pizza.

- Não sei onde ele pode comprar, então pode ser qualquer tipo de massa que eu como – sorri outra vez e acrescentei: - Penne. É a minha favorita. Com molho branco –

ele continuou me olhando sem acreditar. Passei a língua nos lábios e voltei a sorrir.

- Ótimo! – minha mãe disse. – Eu posso buscar para nós três em um restaurante muito bom próximo daqui. Você está muito cansado, Robert – como se ele estivesse programado para isso, bocejou novamente fazendo a melhor cara de cansado.

- Obrigado, Elizabeth. Eu realmente estou exausto. É melhor usar o meu carro. Você sabe, não podemos chamar o veículo que Melissa usa, de carro, não é mesmo? – e riu fazendo-me ter vontade de

matá-lo. Minha mãe riu junto. Aquilo era uma tremenda traição. Meu chefe deu a chave do carro para minha mãe e algumas notas, que ela tentou recusar, mas ele não aceitou.

Quando Elizabeth fechou a porta de casa Robert me agarrou com chamas em seus olhos escuros pelo desejo. Tentando ser cuidadoso ao me pegar e colar ao seu corpo, disse em meu ouvido.

- Sua entrega, senhorita.

Putá que pariu! Eu não tinha nenhuma santa a quem recorrer, então apelei para a deusa das trepadas rápidas e perfeitas.

Robert avançou se

preocupando em não me machucar ainda mais. Ele me segurou pelos quadris e sua boca atacou a minha com avidez. Seus lábios suculentos devoravam os meus como se estivesse sedento e precisasse de mim para aplacar a sua sede. E eu me sentia como o mais puro mel dissolvendo em sua boca.

Suas mãos vagaram em meus quadris, minha bunda, minhas pernas e meu sexo e eu fiquei satisfeita por ter escolhido aquele vestido, mesmo tendo que ouvir minha mãe dizer que estava frio e eu pegaria um resfriado. Coisas de mãe! Naquele momento eu me derretia sentindo as

mãos de Robert e nem lembrava que fora da nossa bolha existia frio, pois meu corpo pegava fogo.

- Não temos muito tempo – disse com urgência. Eu apenas concordei com a cabeça. – Venha! – Robert me puxou para o sofá. – Não podemos fazer isso com você de frente, posso acabar te machucando.

- E como faremos?

Meu namorado já estava desabotoando a frente do meu vestido para ter acesso aos meus seios, enquanto eu desafivelava o cinto de suas calças para dar passagem a sua ereção. Puta merda! Eu estava incrivelmente excitada.

Ansiosa demais para tê-lo dentro de mim.

- Eu sento e você senta em meu colo. De costas para mim – concordei imediatamente.

Olhei para a ereção de Robert que já tinha pulado para fora em toda a sua magnitude e meus olhos não conseguiram se desviar dela. Minha boca salivando. Se pudéssemos!

- Mel! – Robert me chamou carinhosamente ao perceber o meu desejo. – Não temos muito tempo. Ou uma coisa ou outra – sorriu lindamente. – Se fizermos isso apenas eu ficarei satisfeito. Prefiro

que seja nós dois – concordei e ele me puxou para o seu colo.

Fui imediatamente penetrada. Gememos alto e paramos por alguns segundos aproveitando a sensação única que era ser preenchida pelo homem que eu amava. Eu em um misto angustiante de dor e prazer, ao sentir Robert penetrar até o meu limite sem que antes me preparasse, como sempre fazíamos, mas não havia tempo e eu fiquei absurdamente excitada com a urgência. Ele permaneceu imóvel saboreando a sensação de estar dentro de mim depois de tanto tempo.

Alguns segundos depois ele começou a me movimentar forçando meu corpo para cima e para baixo. Com um braço apenas, que mal sustentava o meu peso, não havia como realizar sozinha esta tarefa. Robert era forte o suficiente para me auxiliar nos movimentos corretos. E eu comecei a senti-lo roçar minhas paredes úmidas, entrando e saindo em um ritmo angustiante.

- Oh, céus! – gemi sem pudor.

– Que saudade!

- Isso vai ser rápido, meu amor – ele gemeu em resposta.

Subi e rebolei em cima dele e a cada movimento que fazíamos eu

sentia formigamento familiar se formando em mim. Meu sexo pulsava envolvendo o membro do meu amante, fazendo-o gemer deliciosamente. Ele segurou em meu seio e apertou o bico entre os dedos. Fechei os olhos e me entreguei ao prazer que Robert me proporcionava.

- Assim, Mel! – disse com a voz rouca carregada de prazer indicando que também estava quase em seu momento máximo.

Quando de repente a porta abriu e minha mãe entrou.

- Vocês não vão acreditar no que aconteceu... Meu Deus do céu!

Ela gritou assim que nos viu no sofá da sala. Não houve tempo de interrompermos o que estávamos fazendo de modo a impedi-la de entender o que estava acontecendo.

Putá que pariu em dose tripla!

CAPÍTULO 34

Constrangedora era pouco demais para descrever a nossa situação. Depois que minha mãe nos deu as costas, desesperada pelo que havia acabado de presenciar, eu e Robert conseguimos nos recompor. Eu não tinha palavras para explicar o que tinha acontecido. A vergonha e o desespero eram tão grandes que nem as lágrimas conseguiam descer,

mesmo eu sentindo o bolo apertando a minha garganta, além dos meus olhos ardendo.

Robert sentou ao meu lado segurando a minha mão com força. Eu queria que naquele momento Tanya tentasse mais uma vez acabar comigo. Ao menos assim eu conseguiria me livrar daquela conversa.

Minha mãe nunca foi de fazer escândalos em situações como aquela, não que eu já tivesse sido flagrada fazendo sexo com algum namorado no sofá da casa dela, mas ela já tinha presenciado uma cena parecida, quando pegou meu pai na

cama com uma vizinha nossa. Lembro-me dela tendo uma conversa muito equilibrada com ele para depois decidirem pelo divórcio. Rezei para que nossa conversa fosse equilibrada e que não tivesse separação desta vez.

Robert se remexeu no sofá incomodado com o silêncio que não era rompido por nenhum de nós. Alguém teria que começar. Faltava-me apenas a coragem para fazê-lo. Como explicar a minha mãe o fato de eu ser a amante do chefe, que a mulher dele é uma psicopata, diga-se de passagem, grávida, e que estávamos transando na sala porque

tínhamos algum tipo de doença crônica que não nos permitia passar mais do que algumas horas sem tocar um no outro? O pior de tudo seria encontrar a forma correta de explicar a minha mãe que o nome desta doença é amor. Ela nunca me perdoaria.

- Mãe...

- Elizabeth...

- Mel...

Falamos todos ao mesmo tempo. Foi ainda mais constrangedor, porque neste momento eu tive que olhá-la, e por conta disso acabei recebendo de uma única vez toda a carga

acusatória que fluía de seus olhos. Ali eu soube que a nossa conversa não seria nada fácil.

- Robert – comecei a falar. – Poderia nos deixar a sós?

Pedir que Robert se retirasse era o melhor que podia fazer. Ele não teria muito a acrescentar, ao menos nada que pudesse colaborar para a minha absolvição. Eu não o queria ali. O que eu tinha para dizer a minha mãe, e para ouvir também, era algo que deveria ficar apenas entre nós duas.

Ouvi minha mãe puxando o ar como se aquilo tudo a incomodasse mais do que deveria.

- Mas, Melissa... – Robert retrucou inseguro a respeito da minha decisão.

- Por favor! - reiterei a minha posição, certa do que estava fazendo.

- Não sem ouvir o que tenho a dizer – minha mãe falou com voz firme pela primeira vez desde que nos surpreendeu.

- Acho justo, Elizabeth. Antes gostaria de dizer uma coisa.

Eu estava de lado em relação a minha mãe, virada para Robert, com medo do que poderiam dizer um ao outro, no entanto pude perceber, pela minha visão periférica, a sutil

mudança de posição de minha mãe que se remexeu na poltrona. Seja lá o que Robert fosse dizer já a estava incomodando.

- Sinto muito pelo que aconteceu – começou nervoso. Não consigo enxergar, em nenhuma hipótese e sob nenhuma justificativa, uma maneira desta situação ficar confortável para você. Sobretudo estando de posse apenas da parte dos fatos que lhe permitem simplesmente condenar. Não vou enchê-la de informações nesse momento, Elizabeth, porque sei que Melissa o fará assim que eu sair por aquela porta, e ela tem o meu

consentimento para fazê-lo.

Minha mãe bufou em desacordo com o consentimento que ele estava me dando, um protesto claro. Lógico que ela não entenderia esta parte. Não enquanto eu não esclarecesse alguns detalhes daquela história. Eu o faria. Era necessário. Ter a autorização de Robert para esclarecer todas as dúvidas me deixava mais tranquila. Eu não trairia a sua confiança.

- Só gostaria que guardasse uma informação, fornecida por mim, para que não restem dúvidas a este respeito: eu amo a sua filha. Isso é o bastante. Somente para constar: vou

me casar com ela. Não em um futuro distante e sim imediatamente. O mais rápido possível.

Ela riu desgostosa, mas as palavras dele aqueceram o sangue em minhas veias. Eu me senti mais forte. Mais segura. Não restavam dúvidas. Aquelas palavras foram suficientes para me fazer querer enfrentar o mundo, a tudo e a todos, inclusive a minha mãe.

- Ela pode até acreditar em suas palavras e tenho certeza de que acredita, mas acho que você esqueceu um detalhe, Robert: você já é casado.

- Não mais.

Parei chocada com a sua revelação. Estava me preparando para responder a minha mãe que a situação de Robert com Tanya não era como ela estava pensando, que isso não importava para mim. Eu tinha certeza do que sentia. Tinha segurança nos sentimentos dele por mim e estava firme em minha posição. O que ele quis dizer com “não mais”? Como assim “não mais”?

Tinha completa consciência da minha cara de boba. Robert encarava a minha mãe, mas logo se voltou para mim. Ele estava completamente na sua função CEO.

Sua postura ereta, segura, confiante. Seu olhar penetrante. Porra, ele ficava completamente sexy assim. Eu amava a forma como se expressava quando adotava esta postura, era tão sensual.

Ele olhou para mim e sorriu.

- Mel, eu saí de casa na noite passada. Estava esperando o momento certo para te contar ou que você estivesse totalmente recuperada – meu coração estava quase saindo pela boca.

- Mas – as lágrimas se formavam.

- Era o momento certo. Confie em mim – seus olhos se

aprofundaram nos meus.

- Você não pode! E o acordo?
— existia em mim um misto de alegria desespero e confusão, além de medo.

O acordo era claro: eles deveriam continuar casados até a data estabelecida. Caso uma das partes desistisse perderia tudo para a outra. Claro que mediante o pagamento do valor das ações. Era mais ou menos como uma venda forçada. Saber que Robert estava abrindo mão de tudo que o motivara a chegar até ali era desesperador.

- Mel, confie em mim. Era o momento certo. Consegui encontrar a

ponta da linha que liga Tanya ao seu atentado. Falta pouco agora.

Ouvi minha mãe se sobressaltar com a hipótese de ter alguém próximo envolvido em meu atentado. Eu não queria mais desviar a minha atenção da nossa conversa. Queria respostas. Queria poder abraçá-lo e dizer que o amava. Mais do que isso. Queria poder juntar todas as minhas roupas e ir embora com ele. Tudo tinha acabado.

- Acho que alguém aqui precisa me explicar o que está acontecendo — minha mãe me chamou de volta a realidade.

Eu não queria, mas era

necessário. Por isso desviei a minha atenção de Robert e me voltei para a minha mãe. Com um suspiro intenso me posicionei para começar a explicar a ela toda a saga de Robert.

- Vou deixá-las agora.

Eu ainda não estava preparada para vê-lo partir. Depois de ele ter dito a minha mãe que me amava, que tinha saído de casa e que poderíamos ficar juntos de vez, meu coração não suportava qualquer que fosse a distância entre nós dois.

- Não. Espere — Robert segurou meu rosto com as duas mãos. Seus olhos se aprofundaram nos meus me acalmando.

- Mel – ele disse com cuidado como se estivesse ensinando a uma criança. – Você precisa conversar com sua mãe. Eu tenho algumas coisas para resolver. Não se preocupe, agora são quatro seguranças para proteger vocês. Tudo logo estará resolvido.

- Aonde você vai? Onde está morando? – eram tantas perguntas que ainda precisava fazer.

- Na nossa casa. Esperando por você – seus olhos ficaram mornos e eu quase me dissolvi em suas mãos.

Ele disse “nossa casa”. Nossa casa e não minha casa. Eu não podia

estar mais feliz. Imediatamente minha mente foi invadida pelas imagens de um lindo menino, miniatura de Robert, correndo pela casa enquanto eu ria atrás dele para logo depois se atirar nos braços estendidos do pai e rodopiar. Meus olhos ficaram úmidos e a alegria estava prestes a me sufocar.

- Ah, Robert!

- Eu sei, amor. Eu também.

Minha mãe pigarreou. Mais uma vez assisti a minha bolha estourando me levando de volta a realidade. Naquele momento eu estava ainda mais decidida a dar um fim naquela situação e correr para

aos braços do homem que escolhi para passar a minha vida.

Robert levantou para ir embora. A minha sensação era de que meu coração se partia a cada passo que meu amor dava para longe de mim. Era doloroso. Sufocante.

- Vejo você depois – disse com a mão pronta para abrir a porta.

- Hoje ainda – supliquei.

Ele riu e passou a mão pelos cabelos.

- Amanhã. Sua mãe precisa de você agora - fiz cara de desagrado.

Robert foi embora levando meu coração com ele. Restava-me apenas contar tudo a minha mãe e

implorar para que ela entendesse o nosso lado e não criasse mais problemas. Eu precisava urgentemente da minha bolha de volta.

Elizabeth me olhava com um olhar cético. Eu sabia que teria trabalho para desfazer a imagem definida em sua mente. Comecei a contar desde o princípio. Meu primeiro dia na empresa, nossa briga, nossa primeira viagem juntos, nosso primeiro contato, como descobri que ele era casado, a minha reação e toda a luta interior na tentativa de resistir aos meus sentimentos.

Revelei o quanto o amava e o motivo para eu ter voltado a acreditar em nosso amor. Conteí da promessa dele ao pai, da morte do pai de Tanya, do roubo a empresa, a morte do filho deles. O acordo que deveria durar seis meses e das nossas suspeitas sobre o atentado. Não escondi que Tanya estava grávida, nem que afirmava com veemência que o filho era de Robert, ressaltei que não acreditávamos, apesar de realmente existir esta possibilidade.

- Não destruí o casamento de ninguém. Quando o conheci o relacionamento não existia mais,

somente a fachada e os acordos intermináveis – terminei esgotada.

- O que não muda nada – minha mãe não se abalou, apesar de tudo. – Esta situação é injusta com você. Só ele tem motivos para continuar. Todas as alegações são egoístas. Onde está o seu amor-próprio? Ele justifica suas atitudes mesmo sabendo que nada deveria ser mais forte do que o amor que diz sentir por você. Francamente!

- Ele saiu de casa, não saiu? – disse irritada. – Ele simplesmente desistiu de tudo. E eu não queria isso, mãe. Eu amo Robert o suficiente para esperar por ele

quantos anos forem necessários. Você tem ideia do que significa para ele desistir de tudo? Sabe o que é acompanhá-lo todos os domingos ao túmulo do filho e assisti-lo se fragmentar em mil pedaços de tanto sofrimento? Sabe o que é olhá-lo e entender que por minha culpa a promessa que fez ao pai, a mesma que o levou a este absurdo todo, nunca poderá ser cumprida? — minhas lágrimas caíam.

Não sabia o quanto aquilo tudo ainda poderia me afligir. Não depois de tanta luta e espera e, principalmente não depois de ter todos os meus desejos atendidos.

Ele finalmente estava livre para mim. Poderíamos concretizar os nossos planos, mesmo assim, lá no fundo, me sentia egoísta e injusta. Faltava pouco tempo para tudo acabar da maneira certa. Apesar de finalmente me sentir completa, não estava feliz nem em paz comigo mesma.

- Não sei o que pensar, Melissa. Pelo visto, nada do que eu disser será o suficiente para fazê-la mudar de ideia. Também não sei se desejo isso. Como você mesma disse, ele agora está livre para viver com você. Teremos a chance de descobrir o que é e o que não é real.

De qualquer forma, continuo preocupada.

Ela levantou e foi até a janela da sala. Suas mãos estavam nos bolsos de trás da sua calça. Estava agitada incapaz de se manter dois segundos na mesma posição.

- Pelo que entendi você ainda corre risco. A mulher, ou ex-mulher, não aceita muito bem a situação. Isso me faz ter muito medo, Mel. Talvez fosse melhor vocês esperarem um tempo.

- Robert vai cuidar disso — me adiantei a dizer para não deixá-la sequer tentar me impedir de ficar com o homem que eu amava.

- Pense melhor, filha. Se você fosse passar um tempo comigo e Roy na Califórnia...

- Não! – fui categórica. Não cogitaria aquela possibilidade.

- Seria pouco tempo. Enquanto isso Robert procura provas contundentes. Filha não sei se conseguirei passar por tudo isso de novo.

- Mãe, vai ficar tudo bem. Tanya não vai tentar nada, seria arriscado demais – eu não tinha tanta certeza assim, mas a mentira naquele momento era de extrema importância.

- Tudo bem, Mel, você é

adulta. Toma as suas próprias decisões e me resta apenas aceitar.

- Quando foi diferente, mãe? Quando eu tinha cinco anos? – revirei os olhos vendo-a sorrir suavizando a tensão entre a gente.

- Amo você, filha! Por favor, da próxima vez, você poderia me pedir um tempo para vocês. Não me faça surpreendê-los transando novamente. Aquilo foi demais para mim.

- Mãe! – aquela era uma conversa que eu não queria ter.

- Tudo bem. Só não faça outra vez.

- Tá legal! Encerramos por

aqui.

Levantei e fui para o meu quarto. Estava exausta demais para continuar conversando. Além do mais, a última coisa que precisava era a minha mãe me lembrando que tinha me flagrado transando com Robert na sala. E eu nem tinha gozado. Ainda podia sentir a necessidade quase me consumindo. Precisa dele o mais rápido possível.

No dia seguinte recebi apenas uma mensagem do meu chefe perguntando se estava tudo bem e avisando que não poderia aparecer. Que saco! Robert estava se revelando um perfeito covarde

quando o assunto era enfrentar a minha mãe. Joguei o telefone no sofá e tratei de esquecê-lo. Já que ele não apareceria, eu também não me daria ao trabalho de responder. Se quisesse ter certeza que estava tudo bem, aparecesse para descobrir.

Fui ao hospital, me livrar do gesso e recebi a péssima notícia de que precisaria de algumas sessões de fisioterapia. Não estava nem um pouco a fim de continuar encontrando a Dr^a Ross. Minha mãe dirigiu o meu carro sem fazer nenhum tipo de piada, o que me deixou feliz.

- Pensei que você ficaria

alegre por ter seu braço de volta.

- Vou precisar de fisioterapia – olhei para fora pela janela sem muita vontade de conversar.

- Mas já está quase que totalmente recuperada.

- Estou feliz – cortei a conversa e ela entendeu que não estava com a menor vontade de conversar.

Fiquei inquieta a tarde toda. Andando de um lado para o outro, roendo as unhas e olhando de cinco em cinco minutos em direção ao telefone. Nem quando minha mãe recebeu uma ligação e logo em seguida saiu dando a desculpa de

que precisava comprar ingredientes para uma sopa, senti vontade de fazer algo que não fosse relacionado a Robert. Ele não tinha ligado.

Afastei todos os pensamentos negativos me ocupando em arrumar os armários da cozinha, aliás, eu aproveitei para limpar o banheiro também, abusando do fato de ter o meu braço de volta. Levei muito tempo nesta tarefa, o que foi ótimo. Quando minha mãe chegou eu já estava na sala, mexendo em uma coisa ou outra demonstrando a minha impaciência.

- Ele não vem hoje, não é? –
minha mãe percebeu o meu estado

de espírito.

- Não.

Ela nada disse, se concentrou em arrumar o que havia comprado nos armários da cozinha e começou, a preparar a sopa. O cheiro era bom.

Tranquei-me no banheiro ficando por lá dando um tempo. Depois resolvi que era hora de tomar um banho. Demorei o máximo possível. Quando saí vesti o meu moletom velho. Era uma forma de afrontar Robert, ele detestava aquele moletom, então voltei para a sala. Fiquei surpresa com o imenso buquê de flores que me aguardava. Ao lado dele estava uma caixa pequena e um

envelope.

- Acabaram de entregar aqui.
São para você.

Minha mãe sentou e ligou a TV, me dando privacidade. Caminhei até as flores, grandes e frescas rosas vermelhas. Lindas! Peguei a caixa: chocolates. Sorri. Abri o cartão e para a minha surpresa era uma foto grande, do “nosso” quarto na casa dele, ou nossa casa, como ele disse. No centro a cama e os travesseiros. O foco não estava muito bom. Virei-a e havia uma frase escrita a mão. Reconheci a sua caligrafia: “Esperando por você”. Puta merda!

O que ele estava tentando fazer? Me matar de ansiedade?

Peguei a caixa de chocolate e a foto, já dentro do envelope de novo e fui sentar ao lado de Elizabeth. Só então lembrei do celular abandonado no canto do sofá. Peguei-o para verificar. Merda! Várias mensagens. Abri a caixa de chocolate colocando um na boca.

“Gatinha, está tudo bem? Tive que viajar, mas volto logo. Vou passar para te ver depois. Bjs Dean” revirei o olhos. Dean não desistiria nunca. *“Quero só ver o que ele vai fazer quando descobrir*

que vou morar com Robert”. Sorri abobalhada com a constatação.

“Mel, você não me respondeu. Como estão as coisas aí? Passei a tarde em reunião” Esta foi de Robert. Sorri mais largo. Era bom deixá-lo sem informações. Quem sabe assim ele desistia da ideia de não me ver? Passei para a próxima mensagem. *“Sua vadia miserável. Eu nunca vou deixar Robert colocar os olhos neste filho, entendeu? Você vai fazer com que ele perca mais um filho. Olívia saberá quem é a cachorra que está destruindo a minha família.”*

Merda! Merda! Merda!

Quando foi que a louca conseguiu me enviar esta mensagem? Robert precisava saber disso.

Passei para a próxima “*Mel você tem dois minutos para me responder ou então vou pedir ao John para subir e verificar pessoalmente se está tudo bem.*” Maníaco obsessivo por controle.

- Mãe, aquela segurança que ficou na porta do quarto em que eu estava no hospital esteve aqui? – ela sorriu largamente se divertindo com algo.

- Sim. Foi ele quem entregou as flores e os chocolates.

Bufei insatisfeita. Por que ele

não compareceu? Ainda bem que John estava perto e Tanya não poderia tentar nada. Mesmo assim eu precisava falar com Robert. Chequei mais uma mensagem “*Por que está tão irritada? Aconteceu alguma coisa?*”. Passei para a próxima “*Mel, por favor, me responda. Amo você!*”. Deixei a criancice de lado e liguei para ele. Não atendeu. De súbito fiquei tensa. O que estava acontecendo?

Aguardei um tempo e liguei outra vez. Estava tentando não despertar a atenção de minha mãe para a ameaça de Tanya e o medo que eu estava sentindo. Liguei e

novamente ele não atendeu. Neste meio tempo devorei todos os chocolates, deixando para Elizabeth apenas um. Ela teria que me desculpar por isso, mas eu estava muito tensa para ser educada.

Tomei a sopa olhando de tempo em tempo para o celular. Nada. Tentei mais uma vez e nenhuma resposta. Cansada de ficar olhando para a TV, dei a desculpa de que ia dormir e levei o celular comigo. Minha mãe não podia desconfiar desta atitude, afinal de contas no dia seguinte eu voltaria a trabalhar e por isso precisava dormir cedo para ser pontual. contei

a ela da obsessão de Robert por horário.

O sono não chegava e Robert não retornava a ligação. Adormeci sem saber o que estava acontecendo. Despertei algum tempo depois com o celular vibrando embaixo de mim. Foi por isso que não vi as mensagens. Quem tinha mudado a configuração do meu celular? Minha mãe. Gemi com a constatação. Droga!

- Alô.

- Mel – a voz de Robert do outro lado foi relaxante e ao mesmo tempo tensa. Relaxante porque soube que ele estava bem e tensa por não

saber se ele realmente estava.

- Robert. O que houve?

- Diga você. Por que não respondeu as minhas mensagens?

- Minha mãe colocou meu celular para vibrar – assumi sem saber ao certo o que fazer com esta informação. Por que ela fez aquilo?

- Então as coisas não estão bem.

- Estão. Quer dizer... Estavam. Pensei que ela entendeu. Robert eu sinto sua falta. Por que não apareceu hoje?

- Tive reunião o dia todo. E algumas complicações, nada que não conseguisse resolver.

- O que aconteceu? – fiquei alerta.

- Você vai mesmo voltar amanhã? – sua voz ficou mais suave e meu coração acelerou, apesar de saber que ele estava desviando o rumo da nossa conversa.

- Sim.

- Que bom! E quando vai fazer sua mudança? – achei que meu coração fosse sair pela boca. Contudo, Tanya continuava sendo uma ameaça.

- Robert, Tanya me mandou uma mensagem hoje.

- O que? – seu tom de voz mudou instantaneamente.

- Uma mensagem. Para meu celular.

- E o que dizia? – suspirei.

- Que eu era uma maldita destruidora de lares.

- Ela disse isso?

- Disse também que Olívia saberia quem estava destruindo a família dela.

- Merda! – eu sabia que isso não seria encarado por Robert como qualquer coisa.

- O que foi?

- Ela está na casa de Olívia. Nicole acabou de ligar para me informar.

- Ah, não!

Eu sabia que se Tanya contasse para Olívia seria difícil desfazer a imagem que ela pintaria de mim. Não que o que ela dissesse fosse mudar a decisão de Robert, mas seria muito bom se pudéssemos iniciar a nossa vida juntos sem mais este problema para resolver. Também não sabia se Olívia seria facilmente convencida da loucura de Tanya. Principalmente se o filho que ela carregava fosse mesmo de Robert.

- Mel, preciso desligar. Vou pedir para Nicole acompanhar as coisas por lá e ver o que posso fazer para impedir que Tanya faça alguma

besteira. Vejo você logo mais.

Desligou. Olhei para o teto pensando no quanto a minha vida era repleta de inconstâncias. Robert, Tanya. Nick, Abby, Dean, Minha mãe. Merda! Minha mãe. Era uma batalha grande demais e eu estava inserida nela até o último fio de cabelo. E o pior de tudo era que eu não tinha a menor vontade de recuar.

CAPÍTULO 35

Fiquei deitada por um tempo pensando no melhor a fazer. O sono não chegava e eu não conseguia parar de imaginar o que Robert faria para evitar que Tanya contasse a Olívia. Sem sono saí do quarto em busca de um copo com água e encontrei Elizabeth sentada no sofá. Ela encarava a janela parecendo não enxergar nada. Foi impossível

deixar de confrontá-la.

- Por que mudou a configuração do meu celular? – tentei não ser rude.

Ela fechou os olhos deixando uma lágrima cair.

- Eu estive com ela.

- Como?

- A esposa dele. Tanya.

- Tanya? Como? Onde?

- Ela ligou hoje cedo me pedindo para encontrá-la. Disse que os seguranças não permitiriam que se aproximasse, também que poderia garantir que Robert estava mentindo e que se eu aceitasse encontrá-la poderia me contar a verdade.

- Mãe, você foi se encontrar com ela? Tanya mandou me matar. Meu Deus! – liguei imediatamente para Robert.

- Mel, ela me disse que ele...

- Robert – eu disse nervosa. – Tanya esteve com minha mãe.

- Como assim? – ele sussurrou como se não pudesse atender a ligação naquele momento.

- Eu não sei. Ela está me contando agora. Você acredita que ela aceitou se encontrar com Tanya? Que esteve com ela hoje? Isso é inacreditável.

Eu andava de um lado para o outro em minha pequena sala. Minha

mãe somente observava.

- Droga! Estou indo pra sua casa agora – desligou o telefone.

- Você sabe o risco que correu ao se encontrar com Tanya? – voltei a minha atenção para minha mãe.

- Ela me disse que ele quer que faça um teste perigoso para a criança. Que não acredita que seja filho dele porque quer ficar com você. Melissa, ele tem várias amantes.

- Mãe! Pelo amor de Deus! Tanya é louca. Ela não é confiável. Olha o que ela fez comigo – apontei para meu braço ainda machucado –

Mas que droga! O que estava pensando quando colocou meu celular para vibrar? Achou que isso seria o suficiente para me afastar de Robert? Uma tentativa de assassinato não conseguiu – eu gritava desesperada.

- Só fiquei assustada. Não sei no que acreditar. Ela é a esposa dele. Disse que não vai aceitar o divórcio e que você é a culpada por tudo. Se ela está mesmo envolvida nesse atentado, não quero você neste meio. Drogas! Sou sua mãe! Não posso ficar sentada assistindo você se envolver cada vez mais nesta confusão. Não quero que nada mais

aconteça com você.

- Sou adulta. Sei quais são os riscos. Quero e vou encará-los. Não vou me afastar de Robert – gritei ciente de que todos poderiam me ouvir. – Você não entende mãe. Não existe nada neste mundo que me faça voltar atrás. Eu amo Robert. É irreversível. Sem ele eu não tenho vida, meu mundo deixa de existir.

Ficamos em silêncio nos encarando enquanto minhas palavras ficavam suspensas no ar. Eu podia ouvir cada uma delas se repetindo dentro de mim. A cada segundo a constatação da veracidade delas era mais forte. Eu tinha certeza de que

minha mãe sentia o mesmo.

- Sinto muito – desviou o olhar.

Ouvimos a batida na porta e fui atender certa de que era Robert. Ele estava tenso demais.

- Oi – disse entrando sem me beijar.

- Robert – minha mãe cruzou os braços no peito encarando-o.

- O que Tanya te disse? – ele não estava com medo do que minha mãe poderia fazer.

- Que você era um canalha. Que estava tentando fazê-la perder a criança, como fez com seu outro filho e que Melissa não era a sua

única amante. É apenas a que você dá uma atenção maior.

Ele não recuou diante das palavras dela.

- E você acreditou nela?

Eles se encararam por alguns segundos até que minha mãe desistiu. Ela me olhou brevemente.

- Não. Não sei. Tenho medo por Melissa, apenas isso. Independentemente de quem esteja dizendo a verdade, eu quase perdi a minha filha e a única coisa que consigo assimilar é que se ela não estivesse com você nada disso teria acontecido.

Robert sentiu estas palavras.

Claro que ele sentiria.

- Elizabeth, eu sinto muito. Tanya nunca vai aceitar esta separação, mas eu sei o que quero. E eu quero me casar com Melissa. Com certeza ela já contou tudo o que aconteceu. Não estou me isentando da culpa, apenas posso dizer que, depois de tudo o que vivi com sua filha, consegui me livrar de parte dela e atribuí-la a quem realmente merece. Tanya não presta. Nunca prestou. Pena que descobri o quanto quando tudo já estava perdido. Não estou te pedindo para acreditar em mim. Acredite no que quiser, só quero afirmar que nada nem ninguém

irá me impedir de continuar com Melissa.

Ela riu da ousadia de Robert. Eu fiquei admirada.

- Mantenha minha filha longe disso, Robert. É só o que te peço.

- Nem que isso custe a minha própria vida, Elizabeth – ela assentiu.

- Vou deixá-los a sós.

- Não confie em Tanya. Você não tem a menor ideia do que ela é capaz – Robert advertiu.

Minha mãe entrou no quarto se trancando nele. Só então percebi que estava retendo o ar no peito. Soltei-o aliviada.

- Uau!

- É. Uau! – disse sorrindo. –

Vem cá.

Robert me puxou para seus braços e me prendeu neles. Parecia tentar encontrar uma forma de me manter ali para sempre. Fechei os olhos encostando meu rosto em seu peito.

- Vai ficar tudo bem – suas mãos corriam as minhas costas aliviando a minha tensão.

- Senti a sua falta – admiti.

- Você nem imagina como eu sinto a sua.

Seus lábios tocaram os meus, fazendo-me reviver a falta que sentia

de seus toques. Quando foi a última vez que transamos? Tirando a nossa tentativa frustrada, parecia uma eternidade. Meus dedos passearam por suas costas reconhecendo cada detalhe seu.

- Preciso de você, Mel. Quero você em casa comigo. Como minha mulher – Ah, céus! Eu também queria muito.

Nosso beijo ficou mais intenso e logo Robert estava grudado em mim, me imprensando contra a parede da sala. Suas mãos exploravam o meu corpo ansiosamente. De repente ele se afastou.

- Não aqui – disse sem graça
– Sua mãe está no quarto.

Ri. Robert era tão imprevisível. Em um momento me enlouquece em uma boate, me prende em uma cabine de avião, sem se importar com mais ninguém, em outro se afasta com medo de minha mãe.

- Quando poderá ir? – sua voz estava carregada de desejo e saudade.

- Provavelmente depois que minha mãe for embora.

- E quando será? – seus lábios roçaram a pele do meu pescoço me deixando

completamente sensível.

- Quer se livrar da Elizabeth, Robert? – brinquei.

- É lastimável, mas sim. Não aguento mais ficar longe de você – seus braços se apossaram de minha cintura puxando-me para si. Estremeci.

- É um absurdo, mas eu também – rimos juntos.

Robert se afastou para olhar-me nos olhos.

- Retirou o gesso. Que bom!

- Vou precisar de fisioterapia – fiz uma careta de desagrado.

- Não seja tão mimada. Não é tão ruim. Agora você tem um braço e

uma mão, de volta ao trabalho – pareciam simples palavras, mas eu senti a conotação sexual. Eu bem sabia como este braço e esta mão poderiam trabalhar nele. Sorri e mordi os lábios. – Não vou te julgar por seus pensamentos impróprios – ele me beijou com carinho. – Preciso ir.

- Não. Espere – segurei em sua camisa impedindo-o de se afastar. - Alguma novidade? –nossa bolha havia estourado mais uma vez.

- Sim. Tanya disse a Olívia que eu saí de casa e que estou com uma amante, mas não tocou no seu nome. Não sei o que ela pretende.

Nicole disse que até ela, se não soubesse a verdade, ficaria chocada com o drama dela e que Olívia está muito comovida. Não é para menos. Tanya insiste que o filho é meu e que eu a abandonei nesta situação.

- O que você pretende fazer? Aliás, por que esta decisão tão repentina? – ele sorriu para mim.

- Sei o que vou fazer, mas não vou te contar agora. Tomei esta decisão porque te amo e não poderia mais adiar. Não fique preocupada. Concentre seus pensamentos no que vai levar, ou decidir se não vai levar nada. Eu já tenho tudo esquematizado. Tanya nem imagina

o que a espera.

- Mas...

- Sem “mas”, linda. Eu amo você! Estou morrendo de saudades. Doido para ter você em minha cama novamente. Ou melhor, em nossa cama.

Ele intercalava cada frase com beijos e carinhos. Rapidamente meu cérebro perdeu totalmente seu rumo. Só conseguia pensar no quanto amava Robert e como adorava os seus carinhos. Ele era mestre em me persuadir.

- Tenho que ir. Vejo você amanhã.

- Não vejo a hora.

Foi embora deixando-me saudosa de suas carícias. Deitei no sofá e adormeci almejando sonhar com meu CEO.

Acordei com dor no pescoço, o que me fez arrepender de ter dormido no sofá. Meu braço doía, resquícios do ferimento que ainda não tinha se curado totalmente. Fiquei mais animada quando lembrei que voltaria a minha rotina ao lado de Robert. Nunca antes tinha ficado tão feliz e empolgada para estar com meu chefe.

O banho foi rápido e a roupa já estava escolhida. Um vestido verde de seda, não muito solto, nem muito justo. Com uma gola longa que ia até os ombros. Era sem mangas. Como o dia estava frio, escolhi um casaco branco. Para calçar, optei por uma bota de couro cru, cano longo e sem salto. Cinto marrom e acessórios marrons e verdes completaram meu visual. Escolhi uma bolsa caramelo, com alça de braço. Chequei se tinha tudo o que precisava e corri em direção à porta.

- Até parece que era mantida em cárcere privado – revirei os

olhos para o drama da minha mãe.

- Você sabe como Robert é exigente com horário.

Na verdade eu estava adiantada, só não aguentava mais saudades do meu chefe.

- Nunca te vi tão animada para trabalhar – ela me olhava desconfiada.

- Estou animada para ver o Robert, também estou ansiosa para voltar a ser útil. Não aguentava mais ficar trancada em casa. Você não me deixava sair nunca. Tenho que ir.

- Não vai comer nada?

- Não. Como alguma coisa por lá.

- Assim você ficará doente e longe do “Robert” por mais tempo – ela desdenhou. Fiz questão de ignorar esta parte.

Dirigi tentando me concentrar no percurso. Era tão estranho voltar a trabalhar depois de tanto tempo. Nicole ainda não havia voltado, contudo Alexa me deixou a par da sua recuperação. Ela estava em casa e brigava todos os dias com Robert por causa da festa de confraternização que seria em dois dias, no sábado. Cogitei a hipótese de visitá-la para oferecer a minha ajuda. Descartei assim que lembrei que Tanya poderia estar por lá para

encher a cabeça de Olívia com a suposta amante de Robert. Era melhor não arriscar.

Como cheguei mais cedo, e encontrei o estacionamento vazio, resolvi fazer uma brincadeira. Dirigi até a garagem dos dirigentes e coloquei meu carro na vaga de Robert. Imaginei o que ele diria. Será que me mandaria correr para trocar os carros em quinze minutos?

Cheguei à sala vazia e tratei de começar a organizar tudo imediatamente. Queria que Robert encontrasse a secretária dele com toda a animação possível. Abri as agendas e verifiquei que nada foi

agendado para aquela data. Estranho. Abri o e-mail checando cada um para definir o que deveria e o que não deveria ser enviado para Robert.

Foi quando a porta do elevador abriu. Levantei os olhos ficando presa a figura máscula diante de mim. Robert estava lá. Olhos atentos. Aspecto de limpo e completamente imponente. Um terno escuro que lhe caía perfeitamente bem.

- O senhor está atrasado — adverti tentando manter a compostura.

- Alguém estacionou na minha

vaga – ele entrou no clima.

- Que abuso!

- Com certeza, Srta. Simon. Que abuso! Será que devo mandar esta pessoa colocar meu carro na sua devida vaga?

Caminhou em minha direção. Passos largos. Seguros. Deus! Eu o amava tanto.

- Vejo que “alguém” está muito “saidinha”, Srta. Simon – me alcançou com poucos passos. – Desconfio, seriamente, que ela tenha um caso com o chefe. Sabe que não tolero este tipo de comportamento em minhas empresas.

- Ah sim, Sr. Carter, com toda

a certeza. Não há nenhuma possibilidade de tolerância em um caso como este.

- Com certeza, Srta. Simon.

Seus lábios se apossaram dos meus me pegando de surpresa. Já tínhamos nos arriscado antes, nunca tão cedo e de forma tão explícita.

- Que saudade, Mel! – murmurou em meus lábios.

- Robert, não se arrisque tanto – o censurei.

- Por que não? Sou seu namorado. Ou... – inclinou a cabeça, pensativo – Se levarmos em consideração quantas vezes deixei claro o meu desejo de casar com

você... Noivo seria mais adequado.

Ri deliciada com sua alegria por estar livre para viver o nosso amor. Robert me abraçou com gosto e voltou a me beijar com mais propriedade. Encostei-me a mesa apoiando o meu corpo forçado pelo seu. Ah Deus! Robert estava excitado. Aquilo era uma tortura.

Em um segundo ele estava em meus lábios, corpo colado ao meu, e no outro eu estava solta. Um espaço considerável nos afastava. Robert ergueu a coluna e assumiu sua postura habitual voltando a nossa fachada profissional.

- Preciso de um relatório de

despesas com funcionários. Do grupo todo, para investigar algumas coisas. Também necessito do relatório que Adam vai enviar por e-mail sobre uma nova pesquisa e outro sobre o andamento das pesquisas que financiamos. Joanna White vai enviar um relatório sobre a montagem de um novo equipamento, que é extremamente importante – ele me olhou com carinho. – Vou precisar de você para analisar o mercado da China. Quero saber de alguns detalhes - Robert saiu em direção à sala dele e depois voltou rapidamente. - Esqueci. Seja bem vinda! – me deu

um beijo rápido e se afastou.

Fiquei atordoada com a mudança brusca de comportamento. Zonza, para ser mais precisa, afinal de contas ele jogou diversas informações sem nem esperar que minha cabeça voltasse a funcionar corretamente. Meio segundo depois, Paul entrou na sala. “Então era por isso?” Ele parecia cansado e irritado. Eu não conseguia discernir se era um problema profissional ou algo relacionado a Nicole ou Tanya.

- Bom dia, Mel! Seja bem-vinda! – tentou sorrir, mas não foi sincero.

- Bom dia, Paul. Obrigada!

Como está Nicole?

- Melhor a cada dia. Poderia perguntar a Robert se ele pode falar comigo?

- Claro.

Ele estava esquisito.

Assim que Paul entrou na sala tratei de providenciar tudo o que Robert solicitou. O que ocupou quase todo o meu dia. Primeiro o e-mail de Adam. Ele ligou para saber se chegou e me reteve por meia hora. Tentei ser educada sem saber como me livrar dos seus convites para sairmos. Como seria quando ele soubesse que eu estava morando com nosso chefe?

Esse pensamento fez meu sangue borbulhar nas veias. Morar com Robert era a realização do meu maior sonho. Não. Um filho de Robert seria minha realização. Instintivamente levei a mão à barriga.

Conversar com Adam, sabendo da ligação do vínculo dele com Tanya era um tanto quanto estranho. Eu precisava fingir não saber de nada, da mesma forma que como ele fingia que não tinha culpa. Porém eu sabia que ele vigiava Abby o que logo me levava a acreditar que também me vigiava, afinal de contas eu estava lá por um

motivo, ajudar minha amiga.

Depois perdi bastante tempo com a Sr^a White que não conseguia mandar o arquivo no formato correto. O setor de informática só podia estar de sacanagem conosco. Como era possível terem duas versões diferentes do mesmo programa na empresa? Não conseguíamos achar um denominador comum. Só consegui resolver depois de ligar para a central do sistema de informação. Eles tiveram que instalar uma versão mais antiga em meu computador, trabalhando em conjunto com a mais recente. Que absurdo!

Alexa apareceu na hora do almoço. Perguntei a Robert o que ele faria, mas fui dispensada, alegando que almoçaria com Olívia. Fiquei tensa imediatamente. O que ele diria a mãe?

Eu e Alexa fizemos planos para a minha vida nova. Também conversamos sobre a festa de confraternização e concordamos que minha presença seria encarada como uma afronta a Tanya. O correto seria evitar. Antes de decidir eu conversaria com Robert.

Meu chefe demorou a voltar. Enquanto isso dei uma olhada no que tinha de disponível sobre o mercado

chinês. Demorei quase a tarde inteira analisando as informações que Robert havia solicitado. Quando ele voltou parecia feliz e relaxado.

- Onde está o anel de noivado que te dei? – perguntou assim que entrou na sala.

- Em minha casa – respondi prontamente, mesmo sem entender o motivo do seu súbito interesse.

- Era para estar em seu dedo.

- Robert não podemos ir tão rápido assim.

Ele me segurou de encontro ao seu corpo e me beijou antes de responder qualquer coisa. Foi como ser possuída apenas com a boca. Sua

língua serpenteava como se estivéssemos em um ato sexual. Puta merda! Como resolveríamos aquela situação?

- Vamos para o banheiro – me arrastou sem esperar minha resposta.

- Não! Alguém pode aparecer.

- Já estamos no final do expediente. Ninguém vai aparecer para nos atrapalhar.

Estávamos quase na porta do banheiro quando consegui detê-lo.

- Robert! Espere! Não podemos fazer isso aqui.

- Amor vou ficar louco. Não me castigue mais.

Como me negar a ele? Não

me importava mais o local nem como faríamos. Apenas queria que estivéssemos juntos. Por isso deixei que ele me conduzisse até o banheiro.

- Ah Mel! Eu amo tanto você! – sussurrou em meu ouvido. Minha pele respondeu por mim. – Não aguento mais, amor. Preciso de você.

- Robert – sussurrei já completamente entregue.

Robert abriu a porta me puxando para dentro. Seus lábios não desgrudavam dos meus e suas mãos subiam meu vestido abrindo passagem. Eu não conseguia mais

pensar em nada. Nem onde estávamos, nem no que iríamos fazer.

- Suba amor – ordenou e logo eu estava sobre o lavabo.

Meu amante abriu minhas pernas e se posicionou entre elas. Suas mãos apertavam as minhas coxas com desejo e ardor. Senti seus dedos explorando a minha calcinha. Puta merda! Eu o queria. Mais do que tudo.

- Robert! – levei sua mão até o meio das minhas pernas – Preciso de você aqui.

- Puta que pariu, Melissa! Como pode estar tão molhada? –

seus dedos deslizavam em mim, por entre a minha calcinha, premeditando, pensando em seu próximo passo.

Depois puxou minha calcinha para o lado e roçou a sua ereção em meu sexo úmido que pulsava de desejo e ansiedade. Quase enlouqueci de prazer sentindo o tecido fino de suas calças. Sabíamos que nossa atitude poderia deixar uma pista concreta do que acontecia. Era uma prova do nosso caso, também era uma deliciosa prova do quanto ele me desejava, então por que temer?

- Robert... — sussurrei seu

nome com adoração – Agora, amor, por favor! – implorei. – Em mim, por favor!

- Sim, Mel, em você, agora.

Ouvi sua calça descendo ao chão e senti suas mãos se agitando no meio das minhas pernas. Pura merda! Transaríamos no banheiro da empresa. Eu queria muito. Implorava por isso. Pelo amor de Deus! Eu necessitava demais disso.

- Robert?

Ouvimos a voz de Tanya e paramos chocados. Merda mil vezes. Estávamos definitivamente fodidos. Para meu azar, não literalmente.

Put a Merda!

CAPÍTULO 36

Olhamos um para o outro buscando um jeito de sairmos daquela enrascada. Por alguns segundos achei que Robert estava tão desorientado quanto eu, no entanto ele piscou se afastando e tratando de ajeitar suas roupas.

- Se tem uma pessoa que consegue realmente me fazer brochar com você, essa pessoa é Tanya.

Ele não estava assustado, somente frustrado. Eu estava em pânico. Como Robert conseguia manter aquela postura de dono da situação sabendo que Tanya estava do lado de fora do banheiro procurando por ele?

- Eu não vou sair – sussurrei evitando que ela ouvisse a minha VOZ.

Robert revirou os olhos terminando de se recompor. Ele me puxou pelo pescoço para um beijo forte e rápido.

- Como preferir – sua voz inalterada demonstrava que ele não tomava nenhum cuidado para que

Tanya não percebesse que estava acompanhado.

Observei meu amante abrir a porta do banheiro e sair. Covarde como eu era, nunca conseguiria deixar o local de lá sem antes ter a certeza de que Tanya havia ido embora, então me encostei o máximo possível à porta para ouvi-los.

- O que é? – sua aspereza me surpreendeu, apesar de conhecer perfeitamente bem seus motivos.

- O que estava fazendo no banheiro de visitas?

“Oh, Deus! Por favor, que ele invente alguma coisa que desfaça sua curiosidade.”

Ouvi o riso debochado de Robert. Era como se ele estivesse deixando claro para ela que não era da sua conta.

- Não te devo satisfações, Tanya. O que você quer?

- Onde está Melissa? – ah, não! Ela estava desconfiando. Por favor, por favor, por favor, fique calado, Robert.

- No banheiro.

Merda!

Eu poderia morrer naquela hora que seria menos constrangedor do que ser flagrada pela segunda vez em menos de uma semana transando com meu namorado. Pior, ser

flagrada pela psicótica da ex-mulher dele. Ah céus! Por que ele não podia ficar calado?

- No banheiro – Tanya repetiu.

O silêncio que se seguiu aumentou minha tensão.

- O conselho gostará desta informação. O grande CEO transando com sua secretária no banheiro de visitas.

- Fique à vontade. Tenho alguns filmes que mostram a grande empresária em diversas situações muito parecidas, só que com Frank. Não que este seja o meu tipo de filme favorito, mas eles vão ficar

surpresos quando descobrirem que, para você, esta pose não existe quando o assunto é sexo.

Putá merda! Eu não queria ouvir aquilo.

- Você não presta, Robert. Mas é bom que Melissa esteja ouvindo. Ela terá uma visão bem clara do que você é capaz de fazer quando quer tirar alguém do seu caminho. Quem sabe assim não repense se é isso mesmo o que deseja. Fico imaginando que tipo de jogo fará quando se cansar dela.

Mais silêncio. Tentei construir a cena em minha cabeça onde os dois duelavam apenas com

os olhos. Era terrível só de imaginar.

- Pelo amor de Deus, Melissa, saia logo daí. Isso está me deixando ainda mais irritado – Robert estava sem paciência. Tanya riu alto.

Ah, não! Merda um milhão de vezes. Com que cara eu sairia? Passei a mão pelo vestido tentando desfazer a bagunça que ele havia deixado e limpei o excesso de batom borrado. A covardia me fazia arrumar coisas para fazer, adiando o máximo possível a minha saída.

- Ela é muito fraca para você, Robert. Sempre com medo, olhar baixo, se desculpando por tudo.

Quanto tempo acha que ela sobreviverá ao que nós somos? Sua fantasia está durando tempo demais. Pondere. Perceba e avalie os riscos.

- Foi para isso que você veio? – meu amante continuava sem paciência.

Tomei coragem e saí do banheiro. Robert estava de costas para mim, no entanto Tanya estava de frente e seu olhar deixava claro o quanto reprovava aquela situação. Ela tinha razão. Eu era fraca demais. Bastou aquele olhar para me encolher às costas de Robert, que sem desviar os olhos dela me cercou com seus braços.

- Não tenho nada para discutir com você, Tanya.

- Então será assim? Vai abrir mão de todas as suas ações por causa dela? Você sabe o que isso significa, não é Robert? Com suas ações em meu poder eu serei a CEO desta empresa. Tem ideia do que posso fazer?

- Você não terá as minhas ações. As regras eram claras, nada poderia acontecer a Melissa e você tentou matá-la. Você infringiu o acordo. Eu tenho direito a suas ações. Acabou, Tanya!

Por um breve segundo Tanya vacilou, não o bastante para

derrubá-la. Rapidamente seu olhar estava firme no rosto.

- Não seja tolo. Eu nada tenho a ver com o que aconteceu. Acha mesmo que faria algum mal a Nicole?

Nicole. Ela deixou claro que a mim poderia fazer mal, não a Nicole. Foi um desencontro. Um acidente de percurso.

- Há quantos anos me conhece, Tanya? Continua acreditando que sou um idiota? Conseguimos chegar até Carl e já encontramos provas da sua ligação com ele. Estou quase lá.

A voz ameaçadora de Robert

era mesmo de dar medo. Tanya vacilou novamente e como da vez anterior, se recompôs.

- Está vendo isso, Melissa? Ele vai forjar uma prova contra mim – seus olhos eram puro ódio. Tanya se voltou para Robert. - Mesmo eu tendo um filho seu. É assim que quer fazer? Tenha cuidado comigo, Robert, eu posso ir muito mais longe do que você é capaz de imaginar.

- Encoste mais um dedo nela e eu não vou levar em consideração a sua situação delicada. Estamos entendidos? Se alguma coisa acontecer a Melissa, eu acabo com você e não vou pensar duas vezes.

- Olívia está do meu lado. Eu só preciso das ações dela para te tirar do poder.

- Deixe Olívia fora disso.

- Veremos.

Tanya nos deu as costas andando em direção ao elevador. Robert foi ao seu encontro segurando-a pelo braço.

- Não será fácil ser dona de tudo estando na cadeia, Tanya.

- Bom, acho que isso vale para nós dois.

Não entendi o medo de Robert. Não seria muito mais fácil se contássemos tudo a Olívia? Se ele contasse toda a verdade para a

mãe existia uma chance muito grande de no final ela nos apoiar. Havia algo mais naquela história. Algo que eu ainda não sabia e que Robert não estava disposto a revelar. Algo que só ele e Tanya conheciam e que poderia destruir os dois.

- Tudo é negociável – disse sem seu tom de ameaça, soltando o braço dela. Robert havia recuado e tal fato fez com que Tanya desse um imenso sorriso de vitória.

- Volte para casa. Esqueça Melissa e o atentado. Mantenha Carl fora disso e continue fazendo com que Frank não perceba nada do que está acontecendo.

O tom de voz de Tanya era estranho. Como se ela tivesse todas as cartas nas mãos. Robert recuou um passo. A insegurança em seu olhar. Eu podia sentir o medo dele. Mas que droga! Por que eu não podia saber o que estava acontecendo? Os olhos de Robert encontraram os meus. Ele ponderava e logo decidiu.

- Não, Tanya. Eu vou até o final. Podemos esquecer o acordo e você ficar com suas ações, ou aceitar três vezes a quantia acordada. Você nunca vai conseguir um valor como este. Posso demorar a encontrar uma prova concreta

sobre sua participação no atentado, no entanto continuarei procurando. Eu amo Melissa. Não posso e não vou desistir dela.

Robert não desistiria de mim, mas a que custo? Meu coração estava disparado. Eu não conseguia entender se era de medo e angústia, pois sabia que Tanya poderia destruir o homem que eu amava, ou se era a felicidade e emoção pela sua determinação em permanecer ao meu lado, que faziam com que, para mim, nada mais importasse, somente o nosso amor.

- Então, bem-vindo à guerra.

A porta do elevador abriu e

Tanya entrou desaparecendo logo em seguida. Robert continuou algum tempo encarando o elevador. Eu sabia que ele analisava as possibilidades.

- O que faremos agora?

Seus olhos cinza me alcançaram. Havia força e medo neles. Robert me abraçou como se tentasse fazer com que isso fosse o suficiente para nos proteger de tantos problemas.

- Preciso que vá para casa. Eu tenho algumas coisas a fazer.

- Robert, não! Não quero ficar sem você agora – apertei meus braços nele para mantê-lo perto de

mim.

- Eu sei. Eu também queria poder ficar com você, mas como Tanya disse, estamos em guerra e preciso buscar o máximo de aliados possível. Além de tudo, preciso juntar todas as provas que encontrar – ele se afastou de mim procurando o celular que estava sobre a sua mesa.

- Nicole, Paul e Bruno já estão sabendo de uma parte dos meus planos. Eles estão tentando aprovar um acordo que não permite que nenhuma ação seja vendida sem o aval da maioria dos acionistas. Com isso conseguiremos impedir

qualquer loucura de Tanya aqui dentro. Ainda existe Olívia. Se ela apoiar Tanya, juntas elas serão a maior parte e este acordo não será aprovado.

- Então por que você não conta tudo a Olívia?

- Pretendo fazê-lo em breve, mas preciso de provas que não deixem margem para dúvidas. Como a comprovação de que este filho não é meu. Olívia é muito mais movida pelo lado emocional do que pelo profissional. Não vai valer de nada mostrar a ela que Tanya estava envolvida no roubo. Ela pode ficar no máximo irritada, por outro lado

Tanya pode alegar que sua atitude foi uma reação ao que eu fiz. Mannie é a sua maior prova. Olívia não vai ficar do meu lado.

Ele ligou para alguém e aguardou um pouco.

- Paul. Tanya vai fazer o que eu previ. Preciso que você reúna todos aqui — silêncio. — Sim, providenciarei tudo agora mesmo. Traga todos, inclusive Olívia. Não. Ela ainda não sabe de nada. Vamos tentar. Ficarei aguardando.

Robert desligou e procurou algo dentro de sua pasta. Retirou de lá um documento de poucas páginas e depois me olhou especulativo.

- Melissa, você confia em mim?

- Claro! .

- Ótimo! Porque eu confio em você. Preciso que faça uma coisa por mim, mas não posso te explicar o que é. Você pode fazer?

Tive medo, no entanto não era o momento certo para isso. Eu o amava e se fazer o que ele me pedia era a única forma de ajudá-lo, eu faria.

- Este documento é o mais importante que já fiz em minha vida, apesar de não ser legalmente válido. Poucas pessoas sabem disso.

- Ilegal?

- Não se preocupe. Nada que possa te comprometer. Só é ilegal porque sua data é bem anterior e não ainda não foi assinado por você.

- Do que se trata, Robert?

- Não posso te contar agora. Você não é obrigada a assinar. Faça apenas se quiser. Eu não ficarei com raiva.

Olhei em seus olhos e não encontrei nada que me desencorajasse.

- Onde eu devo assinar? – Robert sorriu e me mostrou o local.

Eu assinei sem ter a menor ideia do que se tratava. O homem que eu amava havia me pedido e eu

não iria me negar a ajudá-lo.

- Obrigado! – me beijou e prendeu em seus braços. – Agora vá para casa.

- Não! Eu quero ficar. Quero estar ao seu lado.

- Eu queria muito que você pudesse ficar. Será uma reunião do conselho, Melissa. Você não pode participar.

- Sou sua secretária. Posso ficar para ajudar – seus dedos correram meus cabelos com delicadeza.

- Não vai ser interessante nem fácil. Vamos decidir o destino de Tanya. Olívia e Paul podem não

concordar com tudo o que tenho a propor. Eu prefiro que você esteja em casa. Sua presença aqui pode dificultar as coisas.

Suspirei insatisfeita, não obstante, obedeci. Como sempre acontecia. Andamos até o elevador de mãos dadas e descemos juntos. Robert queria ter a certeza de que eu chegaria bem em casa, por isso pediu a John que fosse no carro comigo, enquanto o outro segurança nos seguiria. Tudo era possível a partir daquele momento. Temi por minha mãe.

- Robert? – chamei quando chegamos ao carro. – O que você

fez? O que de tão errado você fez para que Tanya consiga afligi-lo assim?

Ele me avaliou com os olhos angustiados e seus lábios formaram uma linha fina. Seu braço deixou o meu ombro quando virou de frente para mim.

- Melissa, eu nunca fui um santo. Fiz coisas que julguei corretas para manter a empresa protegida. Esta guerra com Tanya me fez tomar decisões que não condizem com a conduta moral das pessoas.

Tenho consciência de que temia o que ele iria me dizer. Eu não era forte o suficiente para aguentar o

mundo deles. Tanya tinha razão.

- Não posso te contar agora. É melhor você ir.

Concordei como a perfeita covarde que era. Preferi fugir a descobrir a verdade.

Em casa busquei o refúgio da cama. Uma parte porque queria ficar longe do interrogatório de minha mãe e outra porque queria que o tempo passasse mais depressa e que Robert estivesse logo ao meu lado. Eu nem sabia quando ele apareceria outra vez. Tive medo. Muito medo.

No dia seguinte, assim que sai do banheiro usando apenas uma calça jeans escura e uma camisa

preta de mangas com gola rolê, ouvi a voz de Robert. Ele estava na sala com minha mãe. Os dois conversavam baixo, não permitindo que eu conseguisse captar o que diziam. Curiosa, calcei rapidamente minhas botas pretas de cano alto e ajustei o cinto em minha cintura. Passei os dedos pelos cabelos já secos e corri para a sala.

Robert estava lindo, vestindo apenas calça e camisa social. Sem gravata e sem paletó. A manga da sua camisa estava enrolada acima do pulso. Ele tomava uma xícara de café com minha mãe. O medo me assolou. Por que tão casual? E por

que tão cedo?

- Você não me ligou – acusei antes mesmo que eles notassem a minha presença.

Meu chefe virou para mim sorrindo. Seu semblante estava sereno. Relaxei imediatamente.

- Bom dia para você também, Melissa. Até parece que não teve ninguém para educá-la – minha mãe ralhou.

- Bom dia. O que faz aqui tão cedo? – voltei a acusá-lo e ele sorriu largamente para mim.

- Saudade da minha namorada – amoleci. Minha mãe se remexeu em sua cadeira, pouco à vontade.

- Esperei por você ontem – fui em sua direção atraída pelos seus braços abertos. Deixei que eles me envolvessem.

- Eu também esperei por você – acusou. – Quando eu disse “casa”, quis dizer “nossa casa”.

Minha mãe estava ao nosso lado, acompanhando a nossa conversa. Fiquei sem graça.

- Ah!

- Liguei para John assim que cheguei e ele me explicou que tinha deixado você aqui e que estava tudo tranquilo.

- Esses caras não tomam banho, comem, usam o banheiro –

ele riu.

- Eles se revezam, mas quase sempre estão por aqui.

- A situação é tão séria assim? — minha mãe falou nitidamente abalada.

- Não, Elizabeth, mas eu prometi que manteria Melissa em segurança, não foi?

Robert mentia. Eu faria a mesma coisa se isso mantivesse minha mãe mais calma. Imediatamente fiquei tensa. Se ele mentia para ela significava que aquela expressão tranquila em seu rosto era uma farsa também. Eu precisava saber o que estava

acontecendo.

- Vamos. Meu chefe é obcecado por horário – minha mãe bufou.

- Boa menina – Robert brincou. – Gosto de saber que estou cercado por pessoas competentes.

- Não vai comer? – mais uma vez Elizabeth estava marcando presença. – Seu pai ligou duas vezes ontem. Disse que você não se importa com a preocupação dele. Custa telefonar a acalmá-lo um pouco?

Peguei uma torrada e a forcei a descer com o café quente que Robert me ofereceu. Eu tinha pressa,

até porque minha mãe não precisava de mais motivos para tentar impedir a minha relação.

- Ligo da empresa – falei ainda de boca cheia e ela fez cara feia para mim. Pelo amor de Deus! Eu não tinha mais cinco anos.

Após engolir o máximo que consegui, puxei Robert para fora do meu apartamento. Ele agia naturalmente, sem demonstrar qualquer tipo de tensão.

- Como foi ontem? – falei assim que começamos a descer as escadas. Ele sorriu timidamente.

- Complicado, mas tudo vai se ajustar. Quando você vai

conseguir se mudar?

- Robert, não tente mudar de assunto.

- Não estou fazendo isso.

Seu rosto demonstrava inocência. Eu sabia que ele estava tentando arduamente me manter afastada de tudo o que estava acontecendo. Pude confirmar esta ideia quando ele segurou o meu rosto com as duas mãos e se aproximou de mim fazendo com que minhas costas encostassem na parede. Seus olhos encaravam meus lábios.

- Sinto sua falta – sussurrou derrubando todas as minhas

barreiras.

- Não faça isso. Não me mantenha no escuro – implorei ciente de que a partir daquele momento eu seria o que ele quisesse.

Robert fechou os olhos e encostou a testa na minha.

- Não estou mentindo nem fazendo nada fora do normal. Sinto a sua falta. Preciso de você.

- Tudo bem – desisti. Robert não faria qualquer coisa que me deixasse em uma situação complicada. – Minha mãe vai embora amanhã. Poderei te encontrar na sua casa logo após a festa de confraternização.

- Você vai?

- Não queria, mas sinto falta de Nicole, além do mais, ela não vai me perdoar se eu não aparecer.

Robert puxou o ar com força.

- Vamos passar esta noite juntos?

Era uma suplica e minha pele respondeu por mim, mas eu não poderia. Era a última noite de minha mãe em minha casa, portanto eu tinha obrigação de estar com ela. Só Deus poderia saber quando estaríamos juntas outra vez. Infelizmente Robert teria que esperar mais um pouco.

- Não posso. Minha mãe.

- Entendi – ele se afastou alcançando a saída da escada.

- Amanhã. Prometo – ele riu irônico.

- Vou entrar em combustão espontânea até amanhã. Não é possível que eu não consigo nem transar com a minha mulher em condições normais.

- Robert! – fiquei espantada com a sua aflição. O que estava acontecendo?

- O que? – disse impaciente.

- Francamente!

Andei até o carro irritada com os comentários dele. Meu amante me segurou pela cintura me puxando

para si.

- Desculpe! – seus braços me prenderam e seu rosto se enterrou em meus cabelos. – Desculpe, Mel! Eu estou cansado, apenas isso – levantou o rosto me encarando. – Seria mais fácil se nós já estivéssemos juntos. Eu me sentiria mais seguro. Quando você está longe eu me sinto perdido. Tenho medo que algo aconteça e a arranque de mim.

- Nada nem ninguém conseguirá nos separar – foi a minha vez de segurar seu rosto em minhas mãos exigindo a sua atenção. – Eu amo você! Amanhã estaremos juntos

e será para sempre. Só mais um dia e serei só sua.

- Ok! - ele me beijou com força. Tenso. Tudo nele era medo.

- O que está acontecendo?

- Ontem foi difícil. Olívia e Paul aprovaram o acordo que impede que qualquer acionista faça qualquer coisa sem a permissão dos outros. Expliquei a Olívia a participação de Tanya no roubo. Ela ficou chocada, mas como já previa, não achou que era motivo suficiente para me ajudar no que preciso.

Ele parou um minuto analisando se deveria continuar ou não me contando o que estava

acontecendo.

- Tentei fazê-los aprovarem uma medida incapacitando Tanya de assumir o controle das suas ações. Ela continuaria sendo dona, no entanto não poderia mais trabalhar conosco. Pedi que ela fosse afastada. Paul está pensando no assunto. Olívia foi categórica. Ela é totalmente contra. Não sei o que fazer. Preciso encontrar logo provas da participação de Tanya em seu atentado além de provar que o filho que ela gera não é meu. Tenho que fazer isso logo, antes que Tanya use as provas que tem contra mim.

- O que pode acontecer?

- Não sei ainda, mas não acredito que ela vá muito longe. Eu ainda posso mandá-la para a cadeia pelo roubo a empresa e – seus olhos analisaram meu rosto. – Pelo atentado contra Abgail. As provas estão comigo. Será uma troca, por isso não as utilizei até hoje – meu coração acelerou. As provas estavam com ele. Então era verdade. Mas onde? Eu precisava encontrá-las, apesar de já não ter mais tanta certeza se era isso o que realmente queria fazer.

- E o documento que assinei ontem?

- Vai servir na hora certa. O

acordo que tenho com Tanya é válido e eu o quebrei quando saí de casa. Se não tiver as provas necessárias da participação dela no seu atentado ela poderá cobrar a venda das minhas ações.

- O que você fez?

- Joguei com ela, Mel. Apenas isso. Vamos. Vou deixá-la na empresa. Passarei o dia fora. Além de tudo o que preciso resolver não posso negligenciar as minhas atividades diárias. Não posso esquecer que como CEO tenho obrigações que não podem ser adiadas.

- Claro – confusa entrei no

carro e me deixei conduzir.

Trabalhei como um zumbi. Os últimos acontecimentos tinham conseguido me tirar completamente de órbita. Fiz apenas o que tinha obrigação de fazer. Robert não apareceu nem ligou. Ninguém apareceu. Todas as vezes que as portas do elevador abriam, eu imaginava Tanya entrando para me atacar. No final do dia estava psicologicamente arrasada.

Alexa me deu uma carona até minha casa e nos despedimos com a promessa de nos encontrarmos no dia seguinte, na festa de Nicole. Forcei o meu melhor sorriso e após

um banho quente sentei ao lado de minha mãe para comermos pipoca e assistirmos a um filme antigo na TV. Ela ficou satisfeita.

Apenas quando já estava na cama Robert ligou. Falou pouco. Disse que mandaria uma coisa para mim, que tinha conseguido fazer progressos e que estava ansioso para me ver.

Eu sentia muito medo. Não apenas pelo que poderia acontecer ao homem que eu amava, principalmente, pelas decisões que eu precisava tomar e que não poderiam mais ser adiadas.

CAPÍTULO 37

Minha mãe me acordou cedo. Robert havia me enviado uma enorme caixa branca com um laço vermelho. Apesar da curiosidade dela, preferi levar para o meu quarto e abrir sozinha. Levando-se em consideração o histórico dos presentes que Robert já havia me enviado, seria exigir demais da sanidade mental da Elizabeth se ao abrir nos deparássemos com alguns

acessórios ou uma lingerie ousada demais.

Com a porta fechada abri a caixa e encontrei, enrolado em um papel seda, um sobretudo preto de cintura alta. Embaixo um vestido grafite, brilhante. Passei os dedos pelo tecido leve e o levantei para poder entender melhor o que meu amante tinha em mente.

Era um vestido solto, do tipo que insinuava completamente as formas. Na frente um decote generoso, sendo a única parte que ficaria colada ao meu corpo, mantendo meus seios firmes e convidativos. As alças finas

passavam pelos ombros e desciam pelas costas revelando que estariam completamente nuas. Apenas uma tira passava ao meio unindo as duas alças na altura do peito. Abaixo dela o tecido caía até a curva que iniciava a minha bunda. Era curto, porém deslumbrante.

Olhei novamente dentro da caixa, consciente de que Robert não fazia nada pela metade. Ainda havia um par de *scarpin* preto, meias 7/8 também pretas, uma caixinha de veludo preto contendo brincos, pulseira e colar de ouro branco com pedras que não consegui identificar. Meu amante era um homem incrível,

que sabia a maneira certa de deslumbrar uma mulher. Seja lá o que fossem aquelas pedras, eu sabia que eram muito valiosas.

Enrolada em de papel de seda estava o que eu tanto procurava. Uma calcinha de renda. Preta e larga dos lados, curta como um micro short. A renda não escondia nada do que Robert com certeza gostaria que eu mostrasse. Imaginei tudo o que faríamos após a festa e desejei urgentemente que esta hora chegasse logo.

Deixei o vestido e todo resto sobre a cama e corri para o banheiro com a calcinha e o celular. Tirei a

camisa velha e puída que estava vestindo, arranquei as meias e a calcinha e coloquei a que Robert havia me enviado. Olhei pelo espelho e gostei do que vi. Peguei o celular e o apontei para o espelho tirando uma foto minha, de costas, olhando para trás. Fiz questão de focar bem na bunda. Abri o aplicativo e escrevi sobre a foto “*contando os segundos*”, depois enviei para meu chefe.

Tirei a calcinha, tendo o cuidado de mantê-la limpa e recoloquei as minhas roupas. Saí do quarto e abri a porta para que minha mãe pudesse entrar e matar a

curiosidade sobre os presentes. Claro que escondi a calcinha em meu guarda-roupa. Era muita informação para ela.

- Mas isso é...

- Caro? Uma fortuna? Uma extravagância? – brinquei enquanto admirava minha mãe embasbacada com as joias que eu acabara de receber.

- E mais um pouco. O que você vai fazer com joias como esta? Não pode andar na rua com elas, e com certeza não pode usá-las que costuma frequentar.

- Nós vamos nos casar, mãe! Provavelmente eu terei inúmeros

lugares propícios para usá-las. Não se preocupe, saberei dar uma utilidade a elas – ri e minha mãe sorriu, mesmo sem querer dar o braço a torcer.

- O vestido é lindo, mas você ficará muito exposta – voltou a olhar para a peça que eu havia deixado sobre a cama para melhor admirá-la. – E também não me parece nada comprado em uma loja qualquer.

- Esse é o meu Robert!

- Metido, extravagante, arrogante e com certeza dominador – fiquei chocada com os adjetivos empregados por Elizabeth. – Ele manda em sua vida. Determina o que

pode e o que não pode fazer e agora ainda escolhe o que deve vestir.

- São presentes. Eu passei muito tempo impossibilitada de sair e não consegui providenciar nada. Ele se preocupou, cuidou de mim e com certeza salvou a minha noite – ela revisou os olhos. – Até parece que é diferente do que o Roy faz com você. Tenha santa paciência!

- E você está ficando petulante como ele – ela deixou o vestido sobre a cama e levantou. – Ainda sou sua mãe, mocinha não esqueça disso.

- Não tenho como esquecer. Vamos mesmo brigar no seu último

dia aqui? – ela me encarou, e logo amoleceu. Era mesmo desnecessária uma briga em suas últimas horas ao meu lado.

- Tem razão. Desculpe! Eu só Fico preocupada. Sei que você sabe o que está fazendo, mas eu estou com medo. Se Tanya é mesmo tudo o que disseram o problema é mesmo grave e Robert... Droga! Eu sei que ele gosta de você. Eu sei. Porém não dá para confiar. Entenda o meu lado.

- Eu entendo, mãe. Vai ficar tudo bem. Eu prometo –abracei-a e assim ficamos até que ela preferiu desfazer o clima.

- O vestido ficará realmente

lindo em você. Foi escolhido a dedo. Não é qualquer mulher que pode usar algo assim e deve ter custado uma pequena fortuna.

Após alguns comentários sobre o quanto aquilo tudo dispendioso, a mensagem que eu tanto esperava chegou. Tentei não mostrar muita empolgação. Fracassei completamente.

“Não parece muito justo poder apenas vê-la, quando meu desejo é prová-la, com os lábios, língua, dedos e...” Puta que pariu! Que “e” era aquele? Cogitei a hipótese de pularmos a festa e irmos direto ao que interessava. Descartei

ao lembrar que Robert era a figura mais importante da noite. Fiz uma careta desgostosa.

- Vou sair um pouco antes de você. Roy está impaciente – oh, Deus! Se ela saísse mais cedo que o previsto, teríamos algum tempo, se fosse só um pouco antes seria impossível.

- Tudo bem, mãe. Vou fazer uma visita a vocês assim que conseguir férias – ela riu e começou a arrumar as malas.

Passamos a tarde conversando besteiras e arrumando as coisas. Eu pretendia ir para a casa de Robert naquela noite.

Lógico que não levaria tudo ainda, somente o necessário para este primeiro momento. Minha mãe arrumou a bagunça da casa e fez o jantar tomando cuidado de não deixar nada na geladeira. Eu não sabia quando voltaria então era melhor não arriscar.

Jantamos e logo em seguida comecei a me arrumar. Nicole havia ligado três vezes se certificando que eu estaria na festa. Ela não achava justo que eu não comparecesse.

Vesti tudo com muito cuidado, imaginando Robert tirando cada peça de mim. Minha pele esquentava mesmo com o frio que fazia lá fora.

Arrumei meus cabelos para trás, presos com fivelas e soltos em cachos que caíam pelo meu ombro revelando as costas nuas. Estava muito bonita. Admito.

Dirigi com cuidado até o local da festa. Uma casa grande, arquitetura antiga, com um imenso jardim iluminado com luzes verdes que refletiam nas plantas. A passagem dos carros era sinalizada por lâmpadas brancas e assim que cheguei ao local indicado, um manobrista assumiu a direção. Ignorei a careta dele ao visualizar o meu carro. Entrei para o amplo salão já repleto de pessoas.

A música alta encobria as vozes e pessoas se amontoavam na pista. Diversos garçons circulavam oferecendo bebidas de vários tipos e cores. Andando pela lateral subi alguns lances de escada e observei que mais ao fundo havia uma porta que dava acesso a outra sala ampla, com mesas e cadeiras arrumadas como em um restaurante de luxo. Lá era servido o *buffet*. Na sala em que eu estava havia muitos sofás espalhados e todos estavam ocupados.

- Parece que acertei mais uma vez – Robert falou logo atrás de mim. – Você está estonteante!

Olhei para aquele que seria o meu marido em um futuro imediato, deslumbrada com a sua beleza. Seu terno de corte moderno e cor escura caía-lhe perfeitamente bem. A camisa branca aberta na altura do pescoço e sem gravata o deixava mais à vontade. Seus cabelos estavam penteados para trás e sua barba estava aparada. Ele exalava sensualidade.

- Obrigada!

- Robert! Linda festa! – um homem barrigudo e careca se aproximou apertando a mão do meu chefe, me lançando um olhar malicioso. – Onde está Tanya?

- Frederico, está é Melissa Simon, minha secretária, acredito que a conheça da minha última visita à fábrica – de súbito me lembrei daquela figura. Um diretor arrogante e intrometido que tinha passado uma manhã inteira admirando o meu decote.

- Claro, como me esqueceria? – beijou minha mão e senti repulsa, mas disfarcei. – E Tanya?

- Em algum lugar por aí – Robert disse a contragosto.

- Com licença, vou procurar Nicole – saí de lá antes que o homem começasse a babar em mim.

Caminhei pelas pessoas

acenando para algumas e parando para cumprimentar outras. Em algum momento alguém colocou uma taça de champanhe em minha mão.

Nicole estava em um local mais reservado, junto com algumas figuras importantes relacionadas ao grupo. Ela ainda usava um colete cervical, apesar disso continuava linda, e exalava felicidade. Olívia estava ao seu lado. Ambas me viram e me cumprimentaram animadas.

- Que vestido divino! – Nicole comentou.

- Sim. E estas joias? São de excelente bom gosto – Olívia completou me deixando insegura.

- Obrigada! Nicole ficou tudo perfeito – desviei o assunto.

- Você gostou? – seus olhos brilharam.

- Sim. Não consigo imaginar nada melhor – meu celular vibrou de dentro da bolsa. Disfarcei e li a mensagem de Robert.

“Onde você está?”

Digitei rapidamente uma mensagem

“Com Nicole e Olívia”.

- Onde está Paul? – perguntei para disfarçar minha falta de interesse na conversa sobre a decoração da festa.

- Arrastaram-no daqui – ela

fez biquinho. – Onde já se viu, em um dia de festa os homens se reunirem para falar sobre negócios.

Ri de minha amiga e iniciamos uma conversa sobre vestidos e o trabalho que ela teve para organizar tudo praticamente sozinha. Até que Tanya nos interrompeu. Ela usava um vestido branco, mangas curtas e caídas aos ombros. Justo até os quadris quando se abria em uma enorme cauda. Estava muito bonita.

- Olívia – seus olhos estavam em mim.

- Tanya – Olívia a cumprimentou e foi impossível não

perceber que não possuía o mesmo entusiasmo de outrora. Com certeza o que Robert havia dito, abalara a sua relação com a megera.

- Com licença – Nicole me puxou para longe das duas. Ela não fazia questão de esconder seu antagonismo à Tanya.

Encontramos Alexa dançando com Bruno em um canto mais tranquilo da pista. Ela exibia um vestido rosa, tomara que caia, colado ao corpo. Estava espetacular! Qualquer mulher se sentiria humilhada e ofuscada por toda a sua beleza. Abraçamo-nos e começamos a dançar juntas.

- O que vai fazer hoje? Planos com Robert? – Nicole perguntou ao meu ouvido.

- Parece que hoje será o nosso primeiro dia vivendo juntos – respondi animada.

- Fico tão feliz por vocês. Nem acreditei que ele teria coragem de largar Tanya – ela disse sem muita cerimônia.

- Eu também não – Alexa se intrometeu na conversa.

- Parece que alguém aqui sabe um pouco mais do que algumas posições do Kama Sutra. Meu irmãozinho perdeu a capacidade de pensar com a cabeça de cima –

Bruno e seus comentários absurdos.
Mesmo assim dei risada.

- A mulher mais bonita desta noite – Adam se aproximou de nosso grupo já colocando suas mãos em mim.

Consegui me desvencilhar a tempo. Ele estava com um sorriso bobo no rosto, indicando que havia bebido mais do que o normal, e a festa mal havia começado.

- Mel, você está acabando com o meu coração. De verdade. Diga-me o que preciso fazer para ter uma chance. Uma única chance – ele uniu as mãos a sua frente me implorando pela chance que nunca

teria.

Meu celular vibrou. “*Saia já daí*”. Merda! Robert era insuportável quando ficava com ciúmes. “*Para onde posso ir?*”, respondi.

- Vamos fazer um brinde para aquela que roubou o meu coração – ele ergueu a taça e todos brindaram se divertindo com aquele pequeno espetáculo. Apenas eu não me divertia.

Outra vez meu celular vibrou “*Tem uma porta do seu lado direito e logo após um corredor*”. Olhei para os lados procurando por ele e não o encontrei. Resolvi seguir suas

instruções.

- Vou ao banheiro – falei ao ouvido de Nicole que deu um jeito de impedir Adam de me seguir.

“*Boa menina*”, outra mensagem. Tive que rir. Para onde ele estava me guiando? Passei pela porta e encontrei o corredor. Poucas pessoas estavam por lá, apenas alguns casais e alguns grupos bebendo e conversando animadamente. Olhei para o celular aguardando mais instruções. “*No final do corredor, na segunda porta a esquerda tem um pequeno um corredor menor com algumas portas, entre na primeira*”.

Segui para onde ele me indicava percebendo que quanto mais caminhava para o final do primeiro corredor mais escuro ficava. Senti medo. Procurei pela segunda porta a esquerda e hesitei. E se não fosse Robert? E se fosse Tanya? Tremi quando o celular voltou a vibrar em minha mão “*Não vai entrar?*”.

Olhei assustada para o início do corredor. Ninguém prestava atenção em mim. Empurrei a porta e encontrei o segundo corredor. A primeira porta era logo ao lado. A luz do outro lado estava acesa. Levantei a mão indecisa se deveria

ou não entrar, então a porta se abriu e fui puxada para dentro.

Eu ia começar a gritar, mas os lábios de Robert me impediram. Ele me invadiu com sua língua me prendendo em seu beijo feroz e faminto. Caímos sobre o lavabo com o seu corpo pressionando o meu. Uma mão dele estava em meu pescoço me mantendo firme em sua boca e a outra avançava por baixo do vestido puxando a minha perna para cima ao mesmo tempo que abria espaço suficiente para se posicionar no meio delas.

- Robert? – sussurrei assim que ele abandonou meus lábios

roçando seus dentes por meu pescoço.

- Quem mais seria?

A mão que estava em meu pescoço desceu para meus seios com uma urgência desesperada. Ele me apalpava sem pudor, sem limites.

- Vem.

Com um puxão, Robert me fez abandonar o lavabo me forçando contra seu corpo encostado na parede em frente. Com meu livre para as suas investidas, ele não se fez de rogado, subindo as mãos pelas minhas pernas levando o vestido junto. Seus lábios em minha orelha e suas mãos acariciando

minha bunda.

- Ficou perfeita. Como tinha imaginado – Robert nos observava no espelho.

Olhei discretamente para a imagem que o prendia e consegui entender o que o fascinava tanto. Encostado a parede, Robert se movimentava roçando sua ereção em mim, com isso eu também me movimentava. Usando aquela lingerie de renda ele conseguia assistir meus movimentos enquanto, ao mesmo tempo, podia senti-los com as mãos. Era luxuriante. Nunca antes eu tinha me sentido daquele jeito.

- Assim, amor! – ele me virou de frente para o espelho.

Meu amante se abaixou de forma que sua ereção ficasse exatamente em minha bunda. Sua mão me segurava pelo pescoço me forçando a assistir tudo o que ele fazia comigo. Era delicioso! A outra subia em meu corpo apertando e acariciando cada pedacinho de pele, até alcançar meus seios.

Olhando para mim através do espelho, ele deixava sua língua brincar em meu pescoço enquanto seus dedos roçavam o bico de meu seio já intumescido. Quando cansou de brincar com a minha sanidade,

sua mão entrou pelo meu decote e segurou meu seio com propriedade puxando o tecido do vestido para o lado e deixando-o exposto. Eu gemi involuntariamente.

- Gosta de me ver te tocando?
— sua voz rouca e carregada de tesão fez minha pele arrepiar completamente.

- Gosto.

Desci minhas mãos até seus quadris e o segurei ali ganhando apoio. Lentamente rocei minha bunda em sua ereção rebolando sensualmente contra ele.

- Mel, quantas diabruras eu quero fazer com você.

- Faça – implorei excitada.

Robert abandonou sua brincadeira em meu seio e suas duas mãos se cercaram de meus quadris forçando-os para trás de encontro a sua ereção. Rebolei roubando um gemido feroz dele.

- Assim! Rebole para mim!

Nossos olhos se encontraram no espelho. Constatei que os meus eram pura luxúria enquanto os dele eram de fome. Uma fome insaciável. O que faríamos naquele momento não seria suficiente para Robert, eu tinha esta certeza.

Suas mãos puxaram meu vestido para cima e me acariciaram

no meio das pernas. Eu assistia a tudo sem pestanejar. Seu toque mágico me fazia esquecer que estávamos em um banheiro, no meio da festa de confraternização, com Tanya, Adam, Olívia e todos os outros do lado de fora. Meu único pensamento era: eu o quero, aqui e agora.

Robert puxou minha calcinha para baixo deixando-a no início das minhas coxas e tocou meu sexo molhado. Gemi alto desejando mais.

- Ah, Mel! Que saudade de você.

Em um único movimento meu amante me inclinou no lavabo

colocando minhas mãos como apoio. Em minhas costas, ele levantou novamente meu vestido deixando-me ver tudo o que ele fazia através do espelho. Forcei meus quadris para trás enquanto ele deixava suas calças caírem. Logo em seguida eu o senti me invadindo.

Era a sensação mais doce que eu já havia experimentado nos últimos dias. Robert me penetrava e preenchia me tornando completa mais uma vez. A falta que eu sentia dele me causava uma dor física. Contudo, naquele momento, tudo foi esquecido. Toda a necessidade, a falta além da saudade, foram

deixadas para trás a medida que o homem que eu amava e desejava ia cada vez mais fundo.

Sua mão me segurava com força me fazendo sentir o roçar dos seus dedos em meu pequeno botão, aumentando enormemente o meu prazer. A outra percorria livremente meu corpo. Eu fazia questão de manter meus olhos abertos. Não queria perder nenhum momento, nenhum detalhe do que acontecia entre nós dois.

Ele, ao contrário, à medida que me estocava, se entregava ao seu próprio momento, se curvando sobre mim aumentando o nosso

contato. Seus olhos fechados e seu rosto em meu pescoço, ora me beijando, ora lambendo e ora mordendo, complementavam o espetáculo.

Rapidamente uma força incontrollável se apossou de mim. Rompendo as barreiras além da minha estrutura. Explodindo de meu centro e lambendo meus membros devastados de prazer. Joguei a cabeça para trás e gemi alto. Todo o meu corpo se partiu em um milhão de pedaços. As mãos de Robert me apertando com força encontrando o seu próprio alívio, eram minha única ligação com a realidade.

Gemendo e arfando enquanto nossos corpos se habituavam ao ambiente ao redor, as carícias de Robert foram ficando mais leves. Ele passou as mãos pela minha barriga abraçando o meu corpo e seus lábios beijaram meu pescoço com carinho.

- Eu não conseguiria esperar a festa acabar. Desculpe por isso – seus braços se fecharam com mais força.

- Por favor, não hesite em fazer de novo – ele deu uma risada baixa e beijou minhas costas então se afastou, saindo de dentro de mim.

- Posso te levar para conhecer

os quartos?

- Quartos?

- Sim.

Os olhos de Robert brilhavam e ele exibia aquele sorriso torto perfeito.

- Antes vamos circular um pouco por aí e deixar que as pessoas nos vejam para não levantar suspeitas. Não podemos nos esquecer da presença de Olívia.

- Ok. Como vamos sair daqui?

Ele riu e passou as mãos pelos cabelos. Era tão lindo!

- Você precisa de mais alguns segundos, não é? – seu sorriso

perfeito brincava em seus lábios me deixando ainda mais encantada.

- Com certeza – eu precisava arrumar a bagunça que Robert tinha deixado.

- Então eu vou sair e te avisar quando a barra estiver limpa.

Robert me deixou sozinha no banheiro. Analisei o meu rosto no espelho, a face corada, os lábios inchados, a pele quente. Dei risada passando os dedos em meus lábios. Robert tinha o dom de me enlouquecer. O que estaria me reservando para o resto desta noite?

CAPÍTULO 38

Assim que recebi a mensagem de Robert avisando que “*a barra estava limpa*”, saí do banheiro retornando pelo mesmo caminho feito anteriormente. O encontrei na saída do último corredor, encostado a parede, com um copo na mão e sorrindo majestosamente para um grupo de cinco pessoas, três homens e duas mulheres. Estas olhavam

esperançosas para ele Não sabia se sentia raiva ou pena. Optei por ignorá-las e me concentrar na noite que ainda teríamos.

Depois de tanto tempo sem conseguir um momento só para nós, Robert estava com todo o gás. O que me deixava ansiosa e agitada. Passei por eles sem me aproximar e captei um olhar discreto do meu amante para mim. Seus lábios esboçaram um meio sorriso cheio de promessas. Meu pai do céu! Eu tinha acabado de transar e já estava excitada outra vez. Que absurdo!

Caminhei até a pista onde encontrei com Nicole e a turma que

tinha deixado quando saí para encontrar com o meu amante, inclusive Adam. Tentei manter minha paciência em um nível elevado.

- Mel! – ele gritou animado. – Por onde andou? Procurei você em todos os lugares.

As palavras embolavam ao sair. Adam estava passando dos limites com a bebida. Seria ótimo manter distância. Aliás, eu bem sabia que a distância era o melhor caminho quando se tratava de Adam Simpson.

- Pensei que aqueles caras não te deixariam mais voltar –

Bruno piscou me ajudando a criar uma desculpa. – Como eles podem pensar em trabalho no meio de uma festa como esta?

- Você conhece o chefe que tenho – gritei para que todos ouvissem.

Nicole me entregou uma bebida cremosa, meio amarelada, com um guarda-chuva enfeitando. Bebi um longo gole sentindo minha garganta seca. Era doce e suave, muito saborosa. Mal dava para sentir o álcool.

Alexa passou o braço em minha cintura e me puxou para seu lado. Ganhei uma distância segura

de Adam, finalmente. Aquela bebida era mesmo gostosa. Dei mais um gole. Olhei para os lados observando as outras pessoas. Eu não conhecia nem metade delas. Todas dançavam alegremente e conversavam como deveria ser numa festa de confraternização.

Em um canto distante, logo acima da pista, onde alguns diretores e executivos estavam conversando, consegui ver Olívia e Tanya. Olívia parecia preocupada enquanto Tanya corria os olhos na pista procurando alguém. Robert. Com certeza. Quase que imediatamente comecei a procurá-lo

também. Não o encontrei.

- Relaxe um pouco, Mel – Adam estava ao meu lado de novo. Com os olhos grandes e suplicantes ele sorria como se fosse o bobo da corte. – Estamos em uma festa! – me assustei com a explosão de ânimo dele.

- Estou relaxada, Adam – sorri dando um passo para trás. O que o colocava a um braço de distância de mim. – É melhor você ir mais devagar.

Adam riu e deu um passo em minha direção. Droga! Ele não desistiria.

- Dance comigo, Mel – pediu

debilmente.

- É uma dança em grupo, Adam.

- Podemos resumir isso a nós dois apenas, basta você querer.

- Adam – ele estava muito perto. Mais do que eu tinha permitido até então.

Antes que eu conseguisse me desviar de suas mãos, Adam segurou em meus braços me puxando para mais perto de si. Minha única vontade era empurrá-lo para bem longe de mim, contudo esta atitude chamaria toda a atenção dos convidados para nós dois e eu não poderia permitir.

Mesmo não podendo agir como queria, o empurrei com as mãos para conseguir afastá-lo. Esperava que restasse um pouco de juízo em sua cabeça já bastante afetada pelo álcool. Não deu certo.

- Mel, deixe de ser tímida. É uma festa, todos estão se divertindo.

- Adam, não. Você está passando dos limites.

- Deixe de bobagem eu...

- Adam – ouvi sua voz antes de enxergá-lo.

Robert estava logo atrás de Adam. Seus olhos duros e a mandíbula travada. Eu sabia que ele lutava para não estragar tudo. Sabia

também que faltava muito pouco para isso acontecesse. Adam virou contra a vontade para encarar Robert.

- Robert.

- Não cansa de dar em cima da minha secretária? – puta merda! Robert estava mesmo com raiva.

- Não. Ela é solteira, eu também. Não vejo nenhum mal nisso. Aliás, quem não deve ficar preocupado com este fato é você, que é casado e vai ser pai outra vez.

Nunca tinha visto Adam ser tão ousado. Com certeza a bebida estava contribuindo muito para que ele agisse daquela forma. Robert

estreitou os olhos sem acreditar no que ele dizia. Por mais incrível que pareça ao olhar para meu amante tive quase certeza de que ele tinha crescido alguns centímetros, além de que sua postura se tornou infinitamente mais ameaçadora. Pude ver Adam se encolher, talvez se conscientizando do que havia feito.

- Acredito que você já bebeu demais e não tem ideia do que está fazendo. Somente por este motivo não vou perder o meu tempo partindo sua cara de imbecil ao meio. Peço, muito educadamente, que se retire neste exato instante, ou

então volto atrás e destruo você, Adam Simpson.

Adam se encolheu ainda mais, nitidamente apavorado. Robert estava mesmo ameaçador.

- E tem mais – continuou. – Não quero mais te ver rodeando Melissa. Nem hoje, nem nunca mais e pouco me interessa o que você acha. Não tenho que te dar satisfações a respeito da minha vida. Este é o meu recado. Entendeu?

Adam concordou boquiaberto. Quase ri da situação, só não o fez porque estava realmente muito tensa com a reação do meu amante. Não obstante, Adam acatou a ordem do

nosso chefe, se retirando. O alívio foi geral.

Bruno e Robert se olharam e logo em seguida Bruno saiu na mesma direção de Adam. O que ele faria? Tive medo de procurar saber. Paul segurou Nicole pela cintura puxando-a e beijando seu pescoço. Tudo voltava ao normal. Alexa se aproximou de Robert, olhando para mim.

- Você deve estar maluco mesmo. Espero que Bruno consiga manter Adam longe da festa – entendi. Foi a forma que encontrou de conversar com meu amante sobre o que tinha acontecido sem chamar a

atenção de ninguém. Ponto para Alexa. Sorri.

- Adam é um idiota – Robert respondeu olhando diretamente para Nicole que concordou com um aceno de cabeça.

- O que vocês dois vão fazer? – Paul perguntou a Alexa. Estava ficando engraçado. Bebi um longo gole terminando a bebida que estava em minha mão.

- Nada. Ele já saiu de casa e logo viverão juntos. Os dois deveriam aguardar em vez de se exporem – Nicole falou olhando para Robert que fez uma cara de desagrado.

- Se alguém estiver preocupado com a minha opinião – todos se voltaram para mim e eu ri achando graça de tudo. – Gosto de correr perigo – pisquei para Robert que sorriu largamente. – E ainda estou aguardando uma mensagem.

- Mensagem? Alguém tire este copo da mão da Mel – Alexa resmungou.

- Ninguém pega no copo da Mel – Robert deu a ordem e eu ri alto.

- Infantis. Vocês dois são infantis – Nicole falou, mas também ria.

Robert fez um gesto para um

garçom que passava próximo e meu copo foi substituído por uma taça de champanhe. Todos bebiam a mesma coisa.

- Com licença. Tenho que enviar uma mensagem – Robert piscou para mim, se afastando. As familiares borboletas se agitaram em meu estômago.

- Se vocês vão se arriscar, é melhor manear na bebida – Alexa retirou a taça de minha mão.

- Tanya está atenta – Nicole alertou.

- A casa é imensa. Deixem os dois se divertirem – Paul se manifestou fazendo algum

comentário no ouvido de Nicole que riu sem graça. Logo em seguida meu celular vibrou. Afastei-me para ler a mensagem que eu já sabia de quem era.

“Do lado de fora do salão, depois do jardim, andando para os fundos, tem uma pequena escada de ferro”. Imediatamente comecei a caminhar para fora do salão. O jardim era imenso e algumas pessoas caminhavam por lá. Andei atenta aos meus saltos que afundavam na grama. Foi fácil encontrar a escada de ferro. O que eu deveria fazer? Subir. A resposta chegou rapidamente. Robert ligou

para mim.

- Não suba – ele disse assim que atendi a ligação.

- O que quer que eu faça?

- Caminhe até depois da escada, tem uma porta, você vai entrar em uma ala reservada aos funcionários do *buffet*. É só caminhar em direção ao salão outra vez, antes de chegar lá, do lado esquerdo, haverá uma escada de madeira, estilo colonial, antiga.

- Como vou passar pelos funcionários sem chamar a atenção deles?

- Apenas passe, Mel – respondeu demonstrando

impaciência. – Se eles perguntarem diga que se perdeu e que está procurando pelo salão. Eles não vão perder tempo investigando o que você está fazendo lá. Chegue às escadas e suba ao segundo andar.

- Segundo andar?

- Sim. Tem quartos no primeiro andar, mas é melhor ficarmos mais afastados. Ninguém vai suspeitar de nada.

- Quanto mistério. Você já saiu de casa – tanto cuidado estava me deixando irritada.

- Você quer ou não me encontrar? Se não quiser podemos ficar mais um pouco na festa para

depois irmos para casa.

- Estou entrando agora,
Robert.

- Vou te esperar no final da
escada.

- Ok.

Desliguei o telefone, respirei fundo e abri a porta. Um monte de pessoas passava apressadamente por entre mesas compridas repletas de bandejas, equilibrando copos e pratos. Panelas enormes eram mexidas por outros funcionários em fogões industriais. Como Robert dissera, ninguém parou para prestar atenção em mim. Caminhei para o lado que eu acreditava ser o do

salão.

Depois de passar por todos, sem atrapalhar o trabalho deles, encontrei a porta para em seguida me deparar com a escada que me levaria até o meu amante. Olhei para os lados me sentindo uma criminosa. Assim que verifiquei que ninguém poderia me ver, subi rapidamente. Corri até chegar ao final dela onde Robert me aguardava com uma expressão divertida. Parei ofegante levando a mão ao peito.

- Devo encarar esta correria como pressa para me encontrar?

- Rá, rá. Muito engraçadinho.

- Pensei que você havia dito

que gostava de correr riscos.

- Podemos conversar sobre este assunto quando chegarmos ao quarto?

- Por que tanto medo, Melissa? Não foi você quem disse que não era necessário já que eu saí de casa?

- Robert Carter, eu vou embora agora mesmo se você não me levar para o quarto – ele me puxou para os seus braços.

- Nunca mais vou deixar você ir embora, Srta. Simon – ele me tomou em um beijo avassalador. Quando me deixou, eu estava entregue, embriagada pelo seu amor.

– Vamos.

Caminhamos de mãos dadas pelo corredor quase silencioso. Ainda ouvíamos ao longe o barulho da festa. Robert nos conduziu até a última porta, a mais distante de todas.

O quarto era grande e simples. Alguns móveis antigos decoravam o ambiente. O mais importante era também o mais encantador, chamou a minha atenção: a cama. Uma imensa cama de dossel de madeira antiga e rústica era o que mais se destacava. Os lençóis brancos desciam até o chão e almofadas e travesseiros,

também brancos completavam a aparência confortável. As cortinas no mesmo tom se movimentavam com a brisa que entrava pela janela aberta. Era perfeito!

- Você providenciou tudo? – meus olhos não conseguiam se desprender da imagem diante de mim.

- Não. Foi um acaso que serviu perfeitamente bem para o momento. Nossa primeira noite como um casal de verdade – ele estava logo atrás de mim.

Meu coração acelerou. Ele era perfeito e encantador quando queria. Ali, naquele momento, ele

era tudo para mim. Nenhum problema, nenhuma lágrima derramada, nenhuma insegurança ou dúvida, contavam mais. Tínhamos deixado esta etapa para trás e dávamos um passo em direção a nossa felicidade. Eu amava Robert e ele me amava. Nada poderia ser tão correto e tão verdadeiro.

- Amo você! – sussurrou em meu ouvido.

Seus dedos desceram por meus braços acariciando a minha pele como se fosse a mais delicada das flores. Chamas queimavam o local por onde passavam. Não precisava de nada mais. Eu

pertencia a Robert Carter.

A mão dele subiu pelas minhas costas nuas e se alojou em meu pescoço, onde seus dedos brincaram suavemente em minha pele, massageando-a. A outra subiu até meu ombro, se demorando lá, para depois, com bastante cuidado, descer a alça do meu vestido. As duas mãos trabalharam em perfeita sincronia. Minha respiração estava descontrolada, ansiosa pelo que sabia que viria.

Meu vestido caiu aos meus pés. Não me importei. No mesmo instante as mãos do meu amante estavam em meus seios. Ele me

tocava com delicadeza e segurança. Uma mistura inebriante. Seus lábios beijavam meu pescoço e suas mãos se fechavam em mim com propriedade, puxando-os para frente. Seus dedos pressionaram cada bico, utilizando a pressão adequada. Ele apertava os bicos entre os dedos e os esfregava. Eu o sentia, contudo o reflexo era mais embaixo, no centro entre as minhas pernas.

Afastamo-nos ligeiramente, para que ele se livrasse das roupas. Virei para admirá-lo. Seus ombros largos e peitoral bem definido sem ser exageradamente forte, formavam

um conjunto harmonioso. Minha admiração continuou acompanhando cada movimento dele. Robert deixou que a camisa caísse ao chão enquanto tirava seus sapatos. Nossos olhos se encontraram e ele sorriu.

- Você é mesmo linda, Melissa Simon – disse enquanto tirava o cinto. Fiquei sem graça por ser observada naquele momento. Eu vestia apenas calcinha e meias 7/8, além dos sapatos de salto alto.

Após retirar as meias, caminhou até a mim me tomando em seus braços e recuperando os meus lábios com os seus. Suas mãos vagaram em minhas costas, ora

descendo aos meus quadris, ora subindo ao pescoço levantando meus cabelos. Nos beijamos longamente sem pressa. Nossos lábios se experimentavam, nossas línguas se exploravam.

Robert, de maneira imperceptível, conseguiu nos conduzir até a cama. Ele me deitou ainda mantendo o nosso beijo, para depois abandonar meus lábios tecendo beijos pelo meu pescoço, descendo pelo tronco, gastando algum tempo em meus seios. Para mim o tempo dispendido neles não foi o suficiente. Logo seus lábios continuaram a sua excursão,

descendo até o umbigo.

Era uma sensação única ter a língua dele em meu umbigo. Algo dentro de mim se agitava como um furacão ao ser acariciada daquela maneira. Talvez fosse a expectativa de que ele logo chegaria ao outro local que também mexia muito comigo, ou a sensação de que até em algo tão inexpressivo Robert conseguia ser tão magnânimo.

Continuando o percurso, senti a ponta de sua língua correr até o limite da minha calcinha, se prolongando por lá. Arfei. Era inacreditável que um dia eu tenha me recusado a aceitá-lo desta forma.

Como eu fui boba e insegura. Como pude duvidar que aquele homem poderia tornar qualquer situação na melhor de todas as situações?

Ele rodeou a margem da minha calcinha com a língua chegando a região entre as minhas pernas. Suas mãos espalmadas seguravam em meus quadris me mantendo firme naquela posição.

No entanto, quando imaginava que seria invadida pelas sensações fantásticas que só ele conseguia me fazer sentir, Robert me abandonou voltando sua atenção para minhas pernas, mais precisamente para meus pés calçados. Fiquei frustrada,

no entanto, a expectativa era grande o suficiente para roubar qualquer pensamento negativo.

Segurando com firmeza em meu calcanhar direito ele retirou um sapato e seus longos dedos percorreram minha coxa puxando a meia, retirando-a de mim. Em seguida seus lábios substituíram as meias, cobrindo minha perna de beijos. Cada célula da minha pele tornou-se uma fagulha acesa. Queimava e ardia, formando uma ligação direta com o meu centro de prazer, que já latejava.

De tempos em tempos nossos olhos se encontravam e eu só

conseguia identificar neles o desejo mais carnal possível. A reação ao constatar isso foi a mesma de sempre, um formigamento no pé da barriga que se expandia por todo o meu ventre. Repetiu o processo em minha outra perna me deixando apreensiva com a urgência que se formava no meu interior.

Toda a espera foi recompensada. Quando retirou a meia de minha perna e fez o trajeto com beijos, avançando mais e chegando aonde eu desejava. Meu Deus! A língua de Robert fazia mágica em meu corpo, mas naquele lugar especificamente, ali no meu

centro tão íntimo, no lugar onde apenas ele conseguiu me dar prazer, era absurdamente gostoso. Era tão perfeito que me deixava na linha limítrofe entre a entrega e a reserva.

Meus dedos invadiram seus cabelos vastos. Fechei minhas mãos nele começando a ditar seus movimentos. Eu o prendia enquanto movimentava meus quadris de encontro a sua língua. Minha cabeça estava jogada para o lado e meus olhos fechados de tanto prazer. Robert não me permitiu chegar ao fim. No momento em que eu pensei que meu corpo se partiria em mil pedaços, ele me abandonou. Droga!

Eu necessitava dele. Necessitava mais do que o próprio ar.

Levantou o corpo. Suas mãos percorreram minhas pernas tirando a minha calcinha. De pé ele se desfez da cueca voltando a se deitar-se sobre mim. Um segundo antes deste movimento, uma confusão desordenada de sentimentos se espalhou em minha mente. Um misto de expectativa, ansiedade, desejo e luxúria. Era o segundo mais longo e mais doloroso. Um segundo que não permitia que nosso amor se concretizasse. Era uma tortura para um corpo tão castigado pelo desejo como o meu.

A confusão deixou de existir no exato momento em que o senti adentrando o meu corpo. Não era como ser invadida, e sim, preenchida. Era como se só assim eu pudesse me sentir completa. Seu movimento foi único, no entanto, lento e quando não existia mais espaço, paramos.

Nossos olhos se encontraram selando vínculo exclusivo existente entre nós dois. Não precisávamos de palavras, nem de gestos. Eu era dele e ele era meu. Nada nem ninguém conseguiria mudar esta realidade.

Robert estava apoiado em um braço pelo cotovelo e com a mão

livre acariciou meu rosto venerando cada parte dele. Seus dedos captaram uma lágrima solitária que escapara sem que eu percebesse.

- Eu juro, Melissa Simon, amá-la e respeitá-la. Ser seu amigo, companheiro, amante. Ser sua força, sua calma. Juro estar sempre ao seu lado, mesmo que não possa me ver. Juro nunca abandoná-la, nunca desonrá-la. Prometo, de todas as formas possíveis, ser a cada dia um novo homem para você. Conquistá-la hoje, amanhã e todos os dias da nossa vida. Juro que sou seu de maneira irrevogável. Entrego a você não apenas meu corpo e minha vida,

mas o meu coração. Ele é seu. Case-se comigo.

Um soluço escapou de meus lábios revelando toda a minha emoção. Em nenhum momento Robert desviou o olhar. Em nenhum momento ele teve dúvida do que dizia.

- Eu juro, Robert Carter, amá-lo e respeitá-lo. Ser sua esposa, amiga, companheira e eterna amante. Ser forte o suficiente para estar ao seu lado e serena para lhe transmitir a calma necessária. Estarei sempre com você, física ou espiritualmente. Nada, nenhuma fronteira física, conseguirá me afastar, nem mesmo a

vida. Meu amor é eterno e não se acabará com a morte. Desejo ser conquistada por você, de todas as formas, a cada dia, mas se isso não acontecer, do que importa? O que você é hoje já é o suficiente para mim. Eu aceito o seu coração e em troca te entrego o meu. Ele não tem valor nenhum sem você em minha vida. E sim. Eu aceito casar com você.

Robert me beijou como nunca havia beijado antes. Imediatamente nossos corpos foram atingidos pela urgência do momento. Suas mãos me exploravam me puxando para perto, como se quisesse me fundir a ele.

Minhas mãos prendiam seus cabelos que escapavam pelos meus dedos. Nossos movimentos pareciam uma dança perfeitamente bem ensaiada.

Eu sentia meu corpo extasiado. Cada célula minha vibrava de prazer. Resultado de um conjunto de ações que apenas Robert era capaz de executar. Seus lábios ora em minha boca, ora em meu rosto, pescoço e busto. Sua língua úmida provando a minha pele. Suas mãos longas e quentes me apertando e puxando em diversos lugares e momentos, o movimento do seu corpo, forte, preciso, seguro e confiante. Tudo ao mesmo tempo.

Corri minhas unhas por suas costas, ciente que deixaria ali minhas marcas, e daí? Ele era meu marido. Apenas meu.

Robert gemeu demonstrando gostar do que eu estava fazendo. Deixei minhas mãos vagarem por suas pernas. Envolvei seu corpo com as minhas, facilitando seus movimentos. Estávamos ainda mais urgentes, mais frenéticos.

De maneira ousada, movida pela extrema necessidade de estar ainda mais com ele, levei minhas mãos até a bunda do meu amante no momento em que ele levantava o corpo em seu movimento repetitivo.

Segurando forte o forcei para baixo. Meu “marido” se assustou com a minha ousadia, mas não me impediu de continuar, com isso o puxei com mais vontade e ele acompanhou o meu pedido entrando com mais força e velocidade.

A sensação era indescritível. Atirei a cabeça para trás sentindo o familiar redemoinho se instalar em meu ventre. Robert gemeu com mais força indicando que sentia o mesmo. Então rompi meus limites derrubando tudo o que me mantinha presa a terra e senti meu corpo ser lançado no espaço. Tenho certeza que gritei, gemi e cravei minhas

unhas em suas costas. Meu corpo se dividiu em milhares de pedaços em uma explosão de prazer.

O peso de Robert sobre o meu corpo indicava que ele também tivera o seu momento. Ofegantes, ficamos abraçados. Somente os braços trêmulos dele o sustentavam. Gentilmente saiu de dentro de mim caindo ao meu lado.

- Então eu nos declaro marido e mulher – e me puxou para seus braços.

Ficamos deitados, em silêncio, apreciando o momento. Minhas mãos acariciavam seu peitoral nu enquanto meu rosto

estava encravado em seu pescoço. Mantinha meus olhos fechados e inalava o seu cheiro inebriante. De vez em quando Robert segurava minha mão e beijava o espaço entre os meus dedos, para depois devolvê-las ao seu peito.

- Poderia passar a vida aqui – disse baixinho. Sorri.

- Eu também.

- Amanhã será um dia importante para nós dois.

- Por quê?

Ele se virou para mim buscando pelos meus olhos. Suas mãos seguraram meu rosto.

- Vou apresentar minha

esposa a Olívia – engoli em seco. –
Com medo?

- Totalmente.

- Eu conversei com Olívia sobre parte dos problemas e disse que havia mesmo saído de casa, mas não contei ainda sobre nós dois. Ela sabe que não existe chance de eu continuar casado com Tanya e aceita as minhas justificativas, apesar de achar que deveríamos tentar por causa do suposto filho.

- Você disse a ela que acha que o filho não é seu?

- Disse que tinha certeza, só não posso comprovar já que Tanya se recusava a fazer o exame.

- Talvez não seja o momento certo, Robert.

- É o momento certo. Não quero passar nem mais um dia longe de você. Olívia tem que aceitar a minha decisão.

- E Tanya? E a ameaça que ela lhe fez? – ele fechou os olhos e travou a mandíbula.

- Vou tentar neutralizar isso. Não se preocupe.

- Robert...

- Não, Melissa. Não vamos mais sustentar esta mentira. Olívia é minha mãe. Tenho certeza de que no final de tudo ela vai entender a minha escolha.

Uma batida forte na porta nos sobressaltou. Entreolhamo-nos assustados.

- Abra a porta, Robert. Nós sabemos que você está aí – Tanya gritou do outro lado.

Merda! O que ela estava fazendo lá? O que significava aquilo tudo? Pulei da cama recuperando meu vestido. Robert levantou cauteloso sem saber ao certo o que fazer.

- Abra! – exigiu. – Deixe que Olívia conheça a sua amante.

Congelamos.

- Olívia? – sussurrei.

- Calma. Vou abrir a porta –

Robert vestiu as calças e já estava com a camisa nas mãos.

- Não! – entrei em pânico.

- Fique calma – ele alertou. –

Não podemos fazer mais nada.

Vesti a calcinha e segurei o sapato e as meias. Robert vestia a camisa tentando abotoar o mais rápido possível.

- Robert? Você está aí? – ouvimos a voz de Olívia.

- Por favor, Robert! Não assim. Não agora.

- E o que você quer que eu faça? Elas estão lá fora. Tanya vai fazer um escândalo. Estamos no meio de uma festa, Melissa.

Elas forçaram a porta.

- Abra, Robert! Seja homem para assumir seus erros – Tanya gritava em desespero do lado de fora.

- Vou sair pela janela – avisei.

- O que? Você está maluca? São dois andares.

Caminhei até a janela e avistei a varanda do quarto ao lado. Dava para passar para ela sem correr riscos.

- Vou passar para o outro quarto. Quando elas entrarem eu saio e desço. Olívia não terá como desconfiar de mim.

- De jeito nenhum. Não vou permitir. Você vai ficar e vamos enfrentar isso juntos.

Robert foi em direção à porta para abri-la. Eu não tinha mais tempo. Subi na janela e joguei minhas pernas para fora. Com as mãos trêmulas segurei na grade da varanda ao lado, me apoiando. Quando ele me olhou, eu já estava me lançando contra a grade.

- Merda! – gritou correndo em direção a janela.

Pulei a grade e o olhei sinalizando que estava tudo bem. Ele passou as mãos nos cabelos e concordou com a cabeça voltando

para o interior. Tentei abrir a porta que dava acesso ao quarto e estava trancada. Merda. Ouvi a voz de Tanya no quarto em que Robert estava. Sem pensar duas vezes pulei para a varanda ao lado e abri a porta. Graças a Deus estava destrancada. Do lado de dentro consegui respirar aliviada.

Encostei a porta e não conseguia mais escutar o que eles diziam. Decidi que deveria descer e me misturar na festa para despistar Tanya e Olívia. No dia seguinte poderíamos explicar tudo a ela.

Abri uma pequena fresta observando o espaço entre os

quartos. Ouvi as vozes abafadas deles do lado de dentro. Abri a porta e me apressei em alcançar as escadas.

- Ela está fugindo – Tanya gritou a uma distância razoável de mim. De onde ela surgiu? – Eu sabia – sua voz de triunfo estava cada vez mais perto.

Atirei-me na escada descendo correndo os degraus. Podia ouvir o som dos seus saltos descendo também. Merda! Merda! Merda! Segurando com força as meias e os sapatos, pois não poderia deixar que nada indicasse a minha presença naquela situação, corri o máximo

possível pulando os degraus.

Consegui enxergar a luz que indicava estar muito próxima a festa e o barulho já se misturava ao barulho dos nossos passos. Assim que coloquei meus pés no corredor que me levaria ao salão de festas, ouvi o baque abafado vindo do lance de escadas acima, logo em seguida mais barulhos vindos do local, como se algo estivesse rolando escada abaixo.

Parei chocada ao constatar que poderia ser alguém. Poderia ser Tanya. Neste momento, como se para confirmar o que eu pensava, Tanya rolou caindo inerte no vão

entre os lances de escada.

Olhei para o lado, indecisa sobre o que deveria fazer. Meu senso de justiça não me deixou fugir. Subi as escadas correndo em direção ao corpo caído. Tanya parecia estar morta, mas eu não queria acreditar nisso. Ajoelhei ao seu lado com as mãos débeis flutuando acima de seu corpo sem saber de que forma ajudar. Ela gemeu baixinho.

- Meu bebê – disse de maneira quase indecifrável.

Gelei assolada pela culpa. Eu tinha causado aquela confusão. Eu precisava consertar.

- Socorro – gritei ouvindo passos se aproximarem. – Socorro, por favor!

- Melissa? – Robert gritou do alto do segundo lance de escada.

- Chame um médico – implorei. – Ela caiu. O bebê – não consegui terminar.

- Tanya! – Olívia gritou correndo em nossa direção.

Robert estava ao celular pedindo ajuda e um grupo de pessoas começava a se aproximar. Olhei para ele buscando apoio, mas ele desviou os olhos de mim. Não consegui identificar se seu olhar era de reprovação ou culpa pelo que

tinha acontecido. Não tive tempo de descobrir.

- Melissa? Então... Era você?

– Olívia, chocada, constatava o óbvio.

- Olívia, verifique o pulso dela – Robert desviou a conversa. – Eles estão a caminho.

- Meu bebê – a voz de Tanya estava muito fraca e ela, de olhos fechados, parecia delirar.

- Vai ficar tudo bem, querida – Olívia dizia chorosa.

Sentime uma inútil. Uma intrusa. Uma usurpadora. Ali eu fazia o meu melhor papel de amante. Eu era o erro. A culpa.

- Tanya! – Paul gritou em algum lugar atrás de mim.

- Meu Deus! – Nicole também estava lá.

- O que aconteceu? – Alexa já estava ao meu lado.

- Ela caiu da escada – Robert disse sem me olhar.

- Como aconteceu? – Paul estava nervoso.

- Precisamos abrir caminho para que os médicos consigam chegar a ela – Robert tentava não levar a conversa até mim. Agradei, mas eu não merecia aquela consideração.

- O que aconteceu? – Frank

lutava para se aproximar da gente. – Meu Deus! Tanya! – ele se ajoelhou ao lado dela, ao meu lado.

- Alguém pode verificar se o caminho está livre para a chegada da ambulância? – Robert gritou impaciente. Bruno imediatamente saiu do nosso meio. Mais curiosos se aglomeravam.

- Ela está grávida – Frank não conseguia tirar os olhos de Tanya que gemia baixinho.

Robert me olhou trocando a informação que precisávamos. Frank era o pai do filho de Tanya.

Os segundos passavam formando minutos. Não tenho como

precisar o tempo que demoramos aguardando. Quando os paramédicos chegaram, Alexa envolveu Olívia em seus braços e as duas saíram juntas. O olhar de Olívia ao passar por mim, este já dizia tudo. Ela nunca me aceitaria. Não depois do que aconteceu. Robert as seguiu, porém parou para falar comigo.

- Nicole vai te lavar para casa – apenas isso. Ele foi embora seguido por Paul e Frank.

- Vamos. Bruno vai nos levar – todos nos olhavam, mas a festa continuaria sem nós.

Caminhei até o carro de Bruno, entorpecida pelos últimos

acontecimentos. Tudo estava perfeito em um minuto e no outro o caos. Se Tanya perdesse aquela criança, eu não me perdoaria. Poderia ser mesmo um filho de Robert. Poderia não ser. E se fosse? Eu tinha matado um filho dele. Deus! Não dava para continuar pensando nisso.

Bruno dirigiu pelas ruas molhadas sem dizer nada. Nicole também estava calada, pensativa. Eu queria poder dormir, esquecer, esta provavelmente era uma missão impossível. Enquanto Robert não voltasse, enquanto eu não soubesse o que tinha acontecido, não

conseguiria continuar vivendo.

Bruno parou o carro. Olhei ao redor não reconhecendo o local. Nicole o olhou confusa.

- Para onde devo levá-las? – Nicole não respondeu de imediato.

- Não podemos levar Melissa para nossa casa. Olívia...

- Pois é – Bruno respondeu.

- Não podemos levá-la também para o apartamento dela.

- Por que não? – eles se entreolharam. – Qual é o problema?

- Robert estava com medo de que Tanya tentasse algo contra você. Não sabemos o que encontrar em seu apartamento.

- E os seguranças? E todo o acompanhamento que ele tem da vida dela? – eles ficaram calados. Suspirei cansada demais para discutir. – Tudo bem. Vamos para a casa dele.

- Que casa dele? – Bruno questionou surpreso.

- A casa em que vamos morar – continuou me olhando sem entender.

- Que casa é essa? Onde fica? – Nicole se interessou.

- É a casa onde ele vivia com Tanya – anunciei me sentindo péssima mencionar a vida deles juntos.

- Ele vai viver com você naquela casa? – Bruno estava espantado com a revelação.

- Bruno – Nicole o repreendeu. – Mel, nós não sabíamos que Robert mantinha esta casa. – esclareceu.

- Podemos apenas ir para lá?

- Claro! – ela disse e ficamos em silêncio novamente.

Só quando chegamos à porta da casa me lembrei de que não tínhamos a chave. Estranhamente uma luz estava acesa em seu interior. Uma senhora de meia idade abriu a porta e sorriu.

- Sr^a Melissa – fiquei

surpresa com o “senhora”. - O Sr. Carter ligou agora a pouco avisando que deveria aguardá-la.

Nicole e Bruno se entreolharam rapidamente e depois Nicole sorriu largamente.

- Sou Nicole Carter e este é Bruno Carter, somo irmãos do Sr. Carter.

- Eu sou Charlote, a governanta da casa.

Ela abriu espaço liberando nossa passagem. Entrei me sentindo como parte da casa. Não tive coragem de passar da sala. Depois do que aconteceu naquela noite já não sabia mais o que Robert

decidiria sobre nós dois. Sentei no sofá relembrando os momentos vividos ali. Nicole sentou ao meu lado me trazendo de volta a realidade.

- Vamos ficar com você até que Robert dê alguma notícia.

Concordei sentindo todo o peso do dia cair sobre mim. Meu corpo doía.

- Por que não deita um pouco, Mel? – Bruno sugeriu. – Eu aviso se Robert ligar.

A sensação sufocante que eu tentava a todo custo conter, transbordou naquele momento. Levei as mãos ao rosto e chorei

copiosamente. Nicole, sentada ao meu lado, acariciava minhas costas, sem nada dizer. Deixei que toda a tristeza e medo se esvaíssem através das minhas lágrimas.

- Calma, Mel. Vai ficar tudo bem – Bruno dizia tentando me deixar melhor.

- Não. Não vai. Olívia descobriu tudo da pior forma possível. Ela nunca vai me perdoar. Bruno, se Tanya perder este filho. Olívia nunca vai me aceitar na sua família.

- A opinião de Robert é a mais importante de todas, Mel.

- Eu não posso forçá-lo a

nada. Como podemos começar uma vida nova juntos, tendo este peso em nossas costas?

- Mel – Nicole chamou. – Não vamos ficar especulando. Vamos aguardar. Bruno tem razão. Você deveria deitar um pouco. Tome um banho. Eu fico com você.

Charlotte se aproximou levando um copo com água. Nicole o pegou de suas mãos e me entregou. Não vi para onde a governanta foi só vi que não estava mais na sala. Bebi a água sentindo o sabor adocicado. Com certeza ela misturou açúcar. Bebi tudo e devolvi o copo a Nicole.

- Seria bom tomar um banho – Nicole concordou e me acompanhou ao banheiro me ajudando com o vestido. Lógico que eu não precisava de ajuda, no entanto, como meu corpo parecia entorpecido, ter companhia seria bom.

Entrei no chuveiro deixando a água cair sobre mim. Não tive o cuidado de tomar um banho, apenas aguardei pela água que caía. Chorei em silêncio, ciente de que estava sendo observada. Era angustiante aguardar Robert. Pior ainda era não saber o que ele estava pensando.

Assim que desliguei o chuveiro e abri a porta, Nicole me

envolveu em uma toalha felpuda. Enxuguei-me e fomos até o *closet* procurar alguma camisa dele que servisse para mim. Ficamos sem reação diante da quantidade de roupas femininas arrumadas. Eram todas para mim?

Passei pelas sapateiras analisando os sapatos, sandálias de todos os tipos, todos do meu número. Puxei uma gaveta para avistar várias calcinhas de todas as cores, organizadas por tons. Hesitante, levantei a mão e escolhi aleatoriamente uma delas. Era branca e pequena. Como ele gostava que eu usasse.

- Esta camisola ficará perfeita em você – Nicole me entregou uma camisola cor de pêssego e um roupão de seda da mesma cor. – Vista. Vou ver se Bruno tem alguma novidade.

Estremeci. Vesti a camisola e fui para o quarto me sentindo muito só. Era sufocantemente solitário. Passei a mão na cama deixando as diversas lembranças invadirem meus pensamentos. Pelo menos nelas estávamos juntos. Deitei sentindo frio. Puxei o lençol me cobrindo e fechei os olhos, mesmo sabendo que não conseguiria dormir.

A porta abriu e alguém entrou

no quarto. Aguardei que Nicole dissesse alguma coisa, o silêncio permaneceu. Virei e dei de cara com Robert. Sua expressão era indecifrável. Ele me olhou sem emoção, parado à porta. Seus olhos me avaliaram.

- Robert...

- Tanya perdeu o filho.

Putá merda!

CAPÍTULO 39

As lágrimas caíram sem que eu fizesse qualquer esforço. Robert permaneceu me observando sem nada dizer. Depois de algum tempo balançou a cabeça, expulsando algum tipo de pensamento. Suas mãos correram seus cabelos puxando-os para trás.

- Por que você está chorando?
— caminhou para mim e me puxou em

um abraço apertado.

- O bebê...

- Não era meu – retrucou.

- Como você pode saber? Ela perdeu o bebê. Agora nunca saberemos.

- Melissa preciso que você se acalme.

Ele nos afastou me segurando pelos ombros para olhar nos meus olhos.

- O bebê já estava morto. Não o perdeu em consequência da queda – fiquei chocada com a notícia. – Desconfio que Tanya já sabia e armou aquele circo para comover Olívia.

Robert passou as mãos pelos cabelos novamente. Ele parecia cansado. Exausto. Puxou o ar com força e recomeçou.

- Paguei uma fortuna para que o hospital aceitasse fazer o exame de DNA no feto com urgência. Valeu a pena. Consegui provar que o filho não era meu. Se bem que não precisava. A reação de Frank comprovava que ele era o pai.

- E Tanya, já sabe? Você conversou com ela?

- Não. Ainda não. Mas vou assim que ela receber alta.

- E Olívia?

- Olívia? – sorrindo Robert

levantou da cama indo até a porta. – Ela mesma pode te dizer o que acha disso.

Ele abriu a porta e Olívia entrou no quarto. Fiquei petrificada. Olívia entrou sem nada dizer. Ela e Robert se olharam e ele saiu nos deixando sozinhas.

“Ai Deus! O que esperar disso.”

- Melissa, acredito que precisamos conversar – continuei petrificada. – Robert me explicou tudo. Não posso dizer que estou satisfeita com o que aconteceu, também não posso te culpar por nada. No fundo, e após ter

conhecimento de toda a sujeira que ele fez questão de esconder de mim, eu consigo me sentir bem por saber que meu filho encontrou alguém para tirá-lo desta vida. Só posso lamentar a forma como tudo aconteceu. Mas sabe, Melissa? Eu assisti meu filho morrendo a cada dia desde que o pai dele sofreu aquele acidente, depois houve a morte do pequeno Rob e todos os problemas que vem enfrentando. Confesso que é um grande alívio saber que ele é feliz outra vez, se é que podemos enxergar felicidade em meio a tantos problemas.

- Olívia, eu não me envolvi

com Robert de maneira leviana. Nós nos apaixonamos. Sempre foi real. Nunca houve dúvidas.

- Eu sei. Tenho certeza que foi e continua sendo assim. Não há mais o que justificar, Mel. Depois de tudo o que Tanya fez, a maneira como ela nos usou, não há nenhuma chance de eu ficar contra o relacionamento de vocês dois. Só de imaginar que ela tem uma parcela de culpa no que aconteceu com Maximus...

Olívia se calou com os olhos marejados. Era fácil entender o lado dela. Eu não conhecia muito da história dela com Maximus. Nicole e

Robert sempre falavam que era uma relação muito forte. Existia entre eles o amor verdadeiro. Estremeci ao imaginar como seria se acontecesse o mesmo com Robert, assim com tive uma dimensão aproximada de como era para Olívia.

- Tanya perdeu o filho – ela fez uma careta de repulsa.

- Um filho que usaria para chantagear Robert. É numa hora como essa que acredito na existência de Deus. Esta criança sofreria se tivesse nascido. Deus sabe como resolver todos os problemas. Sinto tanto ódio por ter sido cega para as

artimanhas de Tanya. Meu Deus! Eu acompanhei de perto o sofrimento do meu filho quando perdeu aquela criança. Eu vi Tanya acusá-lo pela morte do menino e o coitado era apenas mais um meio de ela alcançar seus objetivos. Ela mentiu e enganou a todos.

- Do que você está falando? — apesar da minha cabeça doer muito foi impossível deixar passar despercebido o que Olívia contava. Pela expressão dela pude constatar que estávamos diante de mais um dos segredos de Robert.

- Ah, querida! Robert acredita que pode carregar todos os

problemas nas costas. Ele pensa que pode poupar a todos do sofrimento.

- Não estou entendendo.

- Isso só ele poderá te explicar. Agora preciso ir. Amanhã teremos um longo dia e com certeza Robert não aparecerá para conversar. É domingo – ela sorriu e eu concordei.

Olívia saiu do quarto depois de me abraçar. Nicole entrou em seguida para se despedir. Pediu que ligasse no dia seguinte. Eu sabia que não conseguiria. Domingo era um dia ruim para o homem que eu amava, por este motivo todos os meus minutos seriam dedicados a

ele.

Algum tempo depois Robert entrou no quarto. Seus olhos vasculharam meu rosto e depois meu corpo, mas ele nada disse. Retirou o relógio do pulso deixando-o no móvel ao lado da porta. A carteira e o celular foram para o mesmo local. Só depois disso sentou ao meu lado na cama. Acariciou meu rosto, passou os dedos pelos meus cabelos e depositou um beijo recatado em meus lábios.

- Durma um pouco.

- E você?

- Vou tomar um banho.

Depois ainda tenho algumas coisas

para resolver. Preciso aproveitar o tempo que Tanya vai passar internada, para agir.

- O que vai fazer? Como vai impedir Tanya de estragar tudo?

- Fique tranquila, Melissa. Eu estou resolvendo.

- Robert se vou ser sua esposa não quero mais segredos entre nós dois. Preciso que você seja claro. Não quero ser poupada.

Ele suspirou pesadamente, indeciso.

- Ok. Não agora. Durma um pouco, amanhã conversaremos.

- Não vou conseguir dormir.

Ele levantou e entrou no

banheiro. Em seguida saiu de lá com um copo e alguma coisa na mão. Entregou-me e depois estendeu o comprimido, em minha direção.

- Tome isso. Vai ajudar – sacudi a cabeça em negativa e Robert ficou impaciente. - Melissa, você não está me ajudando. Já está bem tarde, eu estou cansado e preciso resolver coisas importantes. Por favor, seja uma boa garota.

Voltou a estender o comprimido e sem outra opção acabei ingerindo-o. Satisfeito, Robert sentou ao meu lado acariciando meus cabelos enquanto aguardava pelo meu sono. A

sensação de sonolência não demorou a surgir. Seja o que for que ele tenha me dado, era forte. Lutei contra a ideia de dormir quando ainda precisava saber de tantas coisas.

- Robert... – minha voz saiu débil.

- Shiiiiii! Agora não. Apenas durma. Eu estarei bem aqui – sua voz melosa e ritmada foi como uma cantiga de ninar.

Meus olhos se fecharam contra a minha vontade enquanto meu corpo relaxava. Seus dedos em meus cabelos, massageando meu couro cabeludo com delicadeza eram um atrativo a mais. Eu estava à

margem do sono quando senti seus lábios nos meus.

- Amo você! – disse baixinho me empurrando para o sono.

Quando acordei minha boca estava seca e a cabeça pesada. Parecia uma ressaca. Eu não havia bebido o suficiente para ter aquela reação. A cama estava desarrumada e o sol entrava através das cortinas. Robert não estava lá. Tentei levantar rapidamente ficando tonta de imediato. Respirei fundo e levantei mais devagar. Caminhei até o

banheiro para lavar o rosto e escovar os dentes. Vesti o roupão de seda para sair à procura dele.

Ouvi sua voz em algum lugar próximo. Uma porta fechada nos separava. Abri-a para vê-lo, de pé, vestindo calça jeans e uma camisa azul de manga curta. Seus cabelos molhados revelavam que havia tomado banho recentemente. Ele me olhou sem interromper a ligação, gesticulando com a mão para que eu entrasse.

- Preciso disso o mais rápido possível. Não podemos esperar – escutou o que a outra pessoa dizia. – Claro que quero que faça – mais

uma vez ficou calado escutando. – Não se preocupe você terá todo o suporte para agir. Obrigado, Abgail! Sua ajuda tem sido de um valor inestimável. Volto a falar com você ainda hoje.

Meu rosto indicava a minha confusão. Abgail? O que estava acontecendo? Lembrei-me da promessa de Robert de que me contaria tudo. Cruzei os braços aguardando. Ele sorriu deixando o telefone sobre a mesa. Abriu os braços e me chamou. Obedeci sendo envolvida por eles. Aquele era o meu lugar seguro. Relaxei imediatamente.

- Pensei que você ia dormir o dia todo – me levou para sentar em seu colo em sua cadeira de presidente. Olhei ao redor conferindo o ambiente que devia ser o seu escritório. É óbvio que Robert tinha um escritório naquela casa.

- Você fez de propósito. O que foi aquilo que me deu? – ele riu.

- Um calmante. Seu corpo fez o resto do trabalho. Não é saudável viver este estresse todo.

- Hum, hum! – estreitei os olhos acusando-o. – Você dormiu?

- Sim. Ao seu lado – riu de minha desorientação. Eu não tinha nem percebido sua presença na cama

durante toda a noite.

- Não me dê mais aquele remédio. Não preciso disso.

- Como quiser.

Robert passou as mãos em meus ombros puxando o roupão para baixo. Depositou diversos beijos em minha pele causando arrepios que refletiam em meu centro de prazer.

- Robert!

- Estou morto de saudades, Mel.

Suas mãos continuavam deslizando em meu corpo. Ele procurou meus lábios e os encontrou entreabertos, aguardando. Sua língua me invadiu. Movimentei-me

forçando meu corpo a se colar o máximo possível ao dele. Robert desfez o nó do roupão colocando as mãos dentro, acariciando minhas coxas puxando-as para si.

- Não!

- Sim – ele não desistiria.

- Precisamos conversar. Você prometeu.

Ele mordeu meu pescoço fazendo uma pequena pressão. Suas mãos fortes levantaram-me, posicionando-me de frente para si, com as pernas abertas e encaixadas em seu tronco.

- Vou conversar com você.

- Agora! – fez birra.

Robert segurou em minha bunda me colocando sobre seu membro rígido ainda coberto pela sua calça jeans.

- Agora – se movimentou embaixo de mim criando um delicioso atrito em meu sexo. – Vou conversar agora com você, Srta. Simon. Desse jeito – Robert sussurrou em meu ouvido. Um gemido fraco escapou de meus lábios. Era frustrante e gostoso ao mesmo tempo saber que eu cedia com tanta facilidade.

- Assim?

- Sim – ele apalpou com força a minha bunda passando seus longos

dedos por dentro da minha calcinha.

- Como você quer conversar fazendo isso?

- Shiiii! Quietinha, Mel. Eu falo e você rebola – parei imediatamente.

- Não podemos ter uma conversa séria enquanto age desse jeito – Robert sorriu.

- Não o que você está imaginando que vou te falar. Com certeza não se trata de nada relacionado a Tanya ou qualquer problema causado por ela.

- Robert! – recriminei a sua atitude.

- Shiiiiiii! – colocou seu dedo

indicador em meus lábios. – Eu falo e você rebola. Agora.

Putá que pariu! Ele mandava. Eu obedecia. Sem contestar.

Olhando em seus olhos e ainda sob efeito do seu jeito mandão, rebolei pressionando o seu membro. Robert gemeu manhoso. Os dentes cerrados, lábios entreabertos, olhos semiabertos. A própria visão do prazer.

- Assim?

- Assim – suas mãos continuavam em minha bunda acompanhando meus movimentos. – Hum!

- Fale – o intimei.

- Nunca em toda a minha vida transei com uma mulher como você – parei de rebolar instantaneamente.

- Se for para falar de seu passado eu paro agora mesmo – ele riu me segurando no lugar.

- Não faça isso. Só estou querendo dizer que você é única em tudo na minha vida. Agora volte a rebolar – com um tapa na bunda ele me incentivou a continuar.

Rebolei lentamente olhando em seus olhos. Ele subiu as mãos levantando a minha camisola e olhando para baixo para assistir ao nosso ato.

- Você é maravilhosa! Veja

isso – me levantou com as mãos me afastando, abriu o zíper da sua calça deixando sua ereção saltar. Era mesmo algo lindo de ver. – Eu fico assim quando te vejo, porém isso é natural, todo homem fica quando está excitado, mas sinta – ele segurou com força em meu pulso levando minha mão a sua ereção. Pulsava. – Isso só acontece quando estou com você. Você é quente, Mel.

- Ah, Robert! – gemi de prazer por tê-lo em minhas mãos.

- Sim, amor. É angustiante estar fora de você.

- Então não esteja.

- Vem cá – rapidamente me

puxou posicionando sobre ele.

Imediatamente senti seu membro rijo adentrando em meu centro já pronto para ele. Estava extremamente excitada. Gemi de prazer ao senti-lo me penetrar de maneira possessiva, dominadora, marcando seu território. Minhas paredes se apertavam em volta do seu membro. Robert jogou a cabeça para trás gemendo e se acomodando confortavelmente. Podia senti-lo lá no fundo em meu sexo.

- É disso que estou falando, Mel. Ninguém é como você. Nenhum calor se iguala ao seu – me beijou e eu correspondi com paixão.

Rebolei com mais vontade sentindo seu membro se movimentar dentro de mim. Rapidamente me esqueci de tudo o que acontecia ao seu redor. Éramos apenas eu, Robert e nosso amor. Meu amante me cercou com suas mãos levantando-me, depois deixando que eu sentasse sobre ele. Era sua forma de ditar os meus movimentos.

- Ah, Mel! Como eu precisava disso. Como precisava de você. Assim. Entregue. Minha. Apenas minha.

- Só sua Robert! – eu estava entregue. Totalmente e irrevogavelmente entregue.

Movimentávamo-nos ansiosos para alimentar e saciar o nosso desejo. Cada um em seu ritmo e conforme a sua vontade. Era uma mistura amistosa, onde contava a nossa vontade individual, mas prevalecia o coletivo.

- Assim, amor. Não pare – sussurrou em meu ouvido.

A voz daquele homem era como uma senha apara o meu corpo. Ele falava e logo era atendido. Todo meu interior começou a formigar. Tomei seus lábios nos meus, assolada pela urgência imensurável que se instalava. Mesmo com as pernas limitadas pelo espaço

reduzido que a cadeira me oferecia, me movimenteí o máximo possível rebolando em seu colo. Robert gemia e me apertava em suas mãos.

Ele começou a dar sinais de que estava quase chegando ao seu momento máximo, por isso acelerei. Não que estivesse muito atrás, mas assistir o prazer de Robert desconcentrava qualquer mulher. Fechei os olhos e me entreguei sentindo o formigamento familiar tomar conta do meu corpo. Meu amante me segurou com força, retardando meus movimentos. Ele me puxava de encontro a si, mantendo-se o mais profundo

possível dentro de mim, explodindo em um gozo avassalador. Senti o calor do seu prazer sendo derramado dentro de mim enquanto meu corpo voltava ao seu estado normal.

Olhei para Robert, olhos fechados, gemendo baixinho saboreando seus últimos segundos de prazer. Era a visão do paraíso. Poderíamos passar o resto da vida assim que eu nunca me queixaria. Ele era tão... Tudo.

Ele abriu os olhos voltando à realidade. Sacudiu levemente a cabeça e sorriu torto. Perfeito! Voltou a fechar os olhos e se

movimentou com preguiça esticando as pernas e levantando os quadris. Eu ri.

- Seu bobo!

- Sua linda! – voltamos a nos beijar.

- Você me deve uma conversa – alertei.

- Outra? Preciso me recuperar, amor, não sou mais nenhum garotinho – estreitei os olhos e cruzei os braços.

- Você sabe do que estou falando, Robert e se é assim aos trinta e seis anos imagino o quanto sua mãe gritou durante a sua adolescência, implorando para você

sair do banheiro – ele riu alto.

- Você nem imagina o quanto ela gritou – riu sozinho. – Mas na maioria das vezes eu estava acompanhado – dei um tapa em seu braço e saí de cima dele.

- Volta aqui – gemeu em protesto.

- Banho. Agora! – ordenei.

- Sim, senhora.

Sentados na banheira, Robert atrás de mim, brincando com a água em minha pele, iniciamos a nossa tão necessária e aguardada

conversa.

- O que Abgail tem a ver com esta confusão? – perguntei enquanto ele jogava a água sobre meus ombros assistindo-a escorregar pelos meus seios.

Robert respirou profundamente. Eu sabia que iniciariamos uma conversa mais séria.

- Tanya procurou Adam várias vezes no período em que estivemos na Austrália.

- Eles são praticamente irmãos. O que tem isso?

- Tanya e Adam se detestam. Sempre foi assim. É para se

desconfiar tanta aproximação dos dois. Adam esteve em nossa casa... A que eu vivia com ela. Ela esteve na dele. Achei estranho e segui este rastro. Você sabe que ele voltou a visitar Abgail – como ele descobriu que eu sabia desta informação? Droga! O que mais Robert sabia?

- Eles saíam juntos.

- Sim, mas depois do que aconteceu Adam não levou o relacionamento adiante. Fui visitar Abgail e ela me disse que ele esteve com ela diversas vezes neste período.

- E o que tem isso?

- Ele ficou com ela fazendo

perguntas sobre você. Coisas triviais, relacionadas a sua vida, sua rotina, o que você gostava, o que não gostava. Se você contou algum dos seus planos a ela.

- Como assim? Para que ele queria saber destas coisas?

- Para informar a Tanya. Abigail concordou em me ajudar a ir mais fundo nesta história. Na semana do seu atentado ele não a visitou, logo depois recomeçou a procurá-la. Outra vez com as perguntas, acobertando com conversas que demonstravam interesse da parte dele por ela.

- Você acha que Adam ajudou

Tanya no atentado?

- Tenho certeza, só não tenho como provar.

- Meu Deus! – levei minhas mãos ao rosto. Robert beijou o topo da minha cabeça.

- Calma. Abigail tirou o gesso. Está caminhando. Conversamos muito e ela concordou em me ajudar a colocá-lo atrás das grades, mas não posso agir me precipitar nem ser imprudente – finalmente minha amiga tinha dar um fim naquela farsa, o que me levava a especular o que havia por trás disso. Abby não agiria sem um motivo real.

- Por quê? – ele nada disse. –

Como vai conseguir o que precisa?

- Abgail vai gravar a conversa dela com Adam. Vai tentar persuadi-lo a falar. Vai fingir que não gosta de você e vai insinuar que não concorda com o nosso caso. Quando Adam bebe, acaba falando besteira, você mesma viu. Vamos tentar pegá-lo num desses momentos.

- Não é perigoso para ela?

- Vamos fazer o possível para mantê-la segura.

- O que Tanya tem que pode te incriminar?

- Provas de algumas ações ilegais que fiz na empresa – meu coração acelerou. Ele se mexeu

atrás de mim, incomodado com a conversa.

- Isso é grave – sussurrei.

- Sim. É. Por isso não posso ser imprudente. Ela tem alguém ajudando. Alguém além de Adam. Não tinha como ela descobrir o que eu fiz.

- Frank?

- Não. Ele não participa das armações dela. É só um idiota apaixonado com quem brinca na cama – me incomodei com esta acusação. Coitado de Frank. – Na verdade ele é só um dos idiotas com quem ela se diverte.

- Como assim? – ele ficou

calado me cercando com seus braços e beijando meu ombro. — Robert, por favor!

- Este não é um ponto que eu goste de discutir.

- Por quê?

- Porque é a vida dela — como ele podia ser tão dissimulado? Era óbvio que Robert não me contava porque tinha interesse em me esconder a verdade. Fiquei com raiva.

- Que absurdo! Eu não sou uma idiota — ele riu atrás de mim e encostou a testa em minhas costas.

- Tanya está transando com Adam. Lógico que ela não sabe que

eu tenho essa informação. Eu já sei disso há um tempo – parei petrificada. Ela estava transando com uma pessoa que dizia ser irmão. Era muita safadeza para uma pessoa só. – Tanya não tem escrúpulos. Ela sabe que é bonita, sensual e atraente, e usa esta arma para conseguir o que quer das pessoas. Sexo e dinheiro é o meio para persuadir mentes fracas como a do Adam.

- Ela pode te destruir? – mudei o rumo da conversa incapaz de me concentrar muito bem depois da sua revelação.

- Pode – mais uma vez Robert beijou meu ombro. – Mas eu tenho

as provas do roubo contra ela. Nós dois temos o que temer – desci um pouco mais na banheira e fechei os olhos encostada no peito nu do meu amante

- Parece nunca ter fim.

- Vai ter. Eu prometo. Só vamos continuar assim, certo? Juntos – seus braços me apertaram.

Ficamos em silêncio, temerosos que qualquer palavra pudesse acabar com a nossa felicidade. Eu tinha medo por Robert. Tanya era louca e o destruiria sem pensar duas vezes. A qualquer momento meu amante poderia se tornar um criminoso.

Tanya podia não ter forças para nos separar, mas a justiça tinha. Seria muito ruim vê-lo atrás das grades por anos. O pânico tentou me dominar.

- Olívia está do nosso lado agora. Não quer mais saber de Tanya.

- Robert, Olívia deixou escapar uma coisa e depois disse que só você poderia me explicar – seu abraço ficou tenso. Ele não queria falar, mas eu precisava saber. – Algo sobre o pequeno Rob – minhas palavras saíram baixas.

- Mel, eu amo o pequeno Robert e nunca foi diferente.

- Eu sei disso.

- Ele não era meu filho –
fiquei sem palavras.

Todos os domingos eu via Robert se despedaçar em sofrimento e culpa, chorando no túmulo do filho e agora ele me revelava que aquela criança que pranteava não era filho dele. A forma como falou, o tom da sua voz e a rigidez de seus braços, indicavam que era muito ruim falar sobre este assunto.

- Eu não sabia. Nunca desconfiei – seus braços me abandonaram. – Ele parecia comigo, Mel. Parecia mesmo. Comecei a desconfiar depois do que aconteceu.

Quando descobri tudo o que ela fazia e principalmente quando descobri o caso dela com Frank. Fiz o teste utilizando fios do cabelo dele. Eu tinha guardado um pouco dos seus fios dourados, como lembrança da primeira vez em que cortamos seu cabelo. Estava em um saquinho dentro do meu guarda-roupa. O restante ainda está lá. Não voltei tocá-lo depois de descobrir que ele não era meu filho. Por mais real que isso seja não consigo me sentir diferente. Eu fui o pai dele. O amei assim e apenas de mim ele conheceu este amor. Não posso mudar o meu sofrimento. Por isso

nunca contei a ninguém. Não queria que minha família deixasse de amá-lo. Não queria que eles não o vissem mais como meu filho, porque eu continuo sentindo-o como meu.

Ele encostou a testa em minhas costas. Tive vontade de abraçá-lo, no entanto continuei calada, sem saber como reagir a tantas informações. Meu corpo pesava na água. Eu estava exausta. Era como se lutasse para permanecer alerta, viva. Robert era inacreditável. Como ele pode guardar este segredo por tanto tempo? Eu conseguia imaginar o tamanho do seu sofrimento. Era

sufocante.

- Mel?

- Não sei o que dizer.

- Eu sei. Por isso não conto para ninguém. É difícil de entender.

- Não. Não é Robert. É muito fácil imaginar você amando uma criança que não é sua. É muito fácil imaginá-lo amando.

- Você não me vê com precisão – ele riu ainda com o rosto colado as minhas costas.

- Você é o homem mais incrível que já conheci. Claro que seus erros são terríveis, mas não são maiores do que os de muita gente – ele riu. – Robert, você é um homem

bom. De verdade. Você é.

- Não esperava outra coisa de você, Melissa. Só você seria capaz de me perdoar com tanta facilidade. Só você me absolve de meus erros sem hesitar e ainda consegue continuar me amando de maneira tão inusitada – foi a minha vez de rir.

- Vai me contar o que eram os documentos que assinei?

- Uma alternativa para salvar a minha alma – revirei os olhos. Ele não me contaria.

Só quando saímos do banho me dei conta de que estávamos no domingo e que este fato não tinha mexido com o emocional de Robert.

Após o almoço fomos juntos visitar o pai dele. Uma ruptura em sua rotina. Eu nada disse em relação a isso. Recebemos juntos a notícia de que Maximus não estava bem. Os médicos desacreditavam totalmente numa possível recuperação. Eles pediam para nos prepararmos para o pior. Robert recebeu a notícia com tranquilidade. Nenhum comentário foi feito.

Saímos e fomos para o cemitério. Lá Robert chorou com poucas e contidas lágrimas. Um sofrimento calmo. Isso era novo. Conversamos com Henry que sempre tinha as palavras certas

para nos dizer e depois voltamos para casa. A nossa casa. Não sentia necessidade de recuperar nada meu, apesar de saber que era necessário. Ali reconstruíamos a nossa vida. Havia amor e esperança, além de felicidade.

CAPÍTULO 40

A semana foi muito tranquila. Tanya ficou internada por mais dois dias. Robert esteve muito envolvido na procura de provas contra Adam e Tanya. Não tínhamos conseguido arrancar dele nada de importante, mas estávamos otimistas. Abigail estava se empenhando muito, o que me levava de volta à realidade. Eu precisava encontrar as provas.

Com a certeza de que nada mais nos impediria de continuarmos juntos, nosso trabalho se tornou mais leve. Robert estava um perfeito romântico apaixonado. Eu recebia flores e presentes quase todos os dias. E à noite nos deixávamos levar pelo nosso amor. Cada dia era melhor do que o outro e eu já começava imaginar se nunca me cansaria disso. Se algum dia enjoaria de passar todas as horas do meu dia ao seu lado. O tempo só mostrava que não. Nunca era o suficiente. Eu sempre queria mais e mais do homem que eu amava.

Voltamos a conversar sobre

filhos, compartilhando a ideia com a família. Nicole havia voltado a trabalhar e nós duas estávamos mais próximas do que nunca. Olívia tinha me aceitado em sua família com tudo o que tinha direito. Contudo, Tanya ainda era uma ameaça. Ela cortou relações com todos. Paul não conseguia mais ter acesso a irmã. Este ponto o preocupava. Por isso resolveu ajudar Robert nas investigações. Tinha medo que Nicole fosse mais uma vez vítima das insanidades de Tanya.

Tudo aconteceu em uma manhã de sábado. Exatamente uma semana após Tanya ter perdido o

filho. Robert saiu de casa para encontrar um amigo que o ajudava nas investigações. Eu precisava analisar o mercado do Japão. Havia uma grande possibilidade de fecharmos um novo negócio com uma empresa de lá. A tecnologia desenvolvida por eles era imprescindível para um novo produto que meu chefe queria incorporar ao grupo.

Fui para o escritório e liguei o computador acessando o meu e-mail. Precisava verificar se tinha obtido êxito em algumas mensagens que enviei para subsidiar as minhas pesquisas. O e-mail dela estava lá.

Um único e-mail. Simples e claro.

“Segue em anexo as provas que tenho contra Robert. Não hesitarei em usá-las hoje mesmo. Há uma chance de salvá-lo. Basta você autorizar a minha entrada na casa”.

Segurei a cabeça com as mãos sentindo o meu corpo inteiro tremer. Respirei fundo e abri um dos anexos. Era uma cópia de diversos e-mails que Robert havia trocado com alguns empresários. Uma conversa informal e ilegal. Nela eles combinavam a não contratação de ex-funcionários entre eles. Ou seja, quem não fizesse mais parte do

quadro de funcionários do grupo C&H Medical Systems, não poderia ser contratado pelas demais empresas citadas na conversa. Uma forma ilegal de impedir que informações importantes saíssem de uma empresa para a outra. Deus! O que Robert havia feito?

O outro era um vídeo. Baixei e fiquei chocada com o que ele exibia. Robert e uma garota, alta, magra, muito bem-vestida e maquiada. Visivelmente jovem demais. Olhei a data constatando que o acontecimento era de dois anos atrás, o que me deixava mais aliviada. Mesmo assim, o que ela

queria me mostrando aquele vídeo? Foi quando os dois começaram a se beijar e arrancar as roupas. Desliguei assim que entendi o que aconteceria. Merda! Na sala dele, dentro da empresa. E ela era jovem demais, talvez até... Não. Não podia ser. Abri outra vez o vídeo e corri as imagens até o final, onde tinha um texto destinado a mim.

“Esta é Tammy, uma jovem estagiária com quem Robert teve um breve caso. O que você precisa saber é que na época ela tinha apenas 17 anos, o que não o impediu de agir”

Puta merda! Puta merda!

Robert havia transado com uma adolescente de 17 anos. Na sala da empresa e ela era estagiária. Puta merda! O que ela queria com aquilo tudo?

Meu celular tocou me fazendo pular na cadeira. Era John, o segurança.

- Sim.

- A Sr^a Tanya está aqui fora e informa que é aguardada – puta que pariu! Como eu poderia fazer? – Srta. Simon?

- Sim. Por favor, John, libere a entrada dela.

- Mas, Srta. Simon...

- Reviste-a, John, e depois

libere a entrada dela.

- Como quiser.

Levantei sentindo minhas pernas fraquejarem ao ponto de não conseguirem me sustentar. O que Tanya pretendia? O que ela queria comigo? Respirei várias vezes tentando encontrar algum tipo de equilíbrio. A histeria estava quase me vencendo. Abri a porta do escritório indo até a sala. Tanya já estava lá.

Vestindo roupas formais, como se estivesse preparada para fazer negócios, ela me encarava com um sorriso vitorioso.

- Melissa Simon. Nos

encontramos outra vez – ele me observava pronta para atacar.

- O que você quer, Tanya?

- Não vai me convidar a sentar? – completou clinicamente.

- Não precisamos disso. Não preciso ser educada e você não precisa ser cínica – ela riu.

- Compreendo. Parece que temos um interesse em comum.

- Robert – ela riu outra vez.

- Sim. Mas não da mesma forma. Robert tem algo que eu preciso e eu tenho algo que ele precisa.

- Por que não discute isso com ele?

- Pensei nisso, mas Robert acredita que as provas que tem contra mim vão me deter. Mero engano – ela sentou no sofá e cruzou as pernas. – Entenda Melissa, eu não tenho mais nada. Vender minhas ações a Robert, mesmo com o valor acima do mercado, jamais vai atender as minhas necessidades. Preciso de mais, muito mais para dar ao meu marido a liberdade tão sonhada.

- Negocie com ele o valor. Diga quanto você quer.

- Eu já tenho o valor que quero. Para o azar dele está bloqueado numa conta esquecida em

algum lugar do mundo. Preciso da senha e não posso sair de cena antes de conseguir isso, além de vender as minhas ações para Robert, claro! Quanto ao crime que ele cometeu — ela deu de ombros. — Posso trocar as provas pelas que ele tem contra mim e ficaremos quites. Apesar de não querer passar o resto da minha vida na cadeia, confesso que não me importo desde que leve Robert comigo. Ambos vamos mofar lá dentro. Já pensou nisso? Você indo visitar seu amado na cadeia? — estremei com a imagem que se formava em minha cabeça. — Só você pode resolver esse impasse,

Melissa.

- Eu não tenho a senha. Robert com certeza não tem. Não sei como resolver esta situação.

- Eu sei. Robert não mora mais comigo. Enquanto eu ainda o tinha sob minha vista era mais fácil. Sei que ele procura desesperadamente por esta senha, tanto quanto eu. Acontece que ele vivendo com você, não tenho como saber se vai ou não descobrir.

- O que você quer? Que eu o mande de volta? Ele nunca vai concordar, Tanya.

- Não. Quero que você saia de cena. Robert está apaixonado. Sei

que nunca vai aceitar voltar para casa e cumprir o acordo. Se você for embora. Se o fizer pensar que não quer mais esta relação. Ele não terá escolha. Tudo será como antes. Ele volta para casa e eu poderei continuar acompanhando seus passos. Robert foi muito ingênuo em acreditar que eu não sabia que ele monitorava a minha vida. Foi muito fácil desviar as provas de mim. Quando ele descobriu o que eu tinha feito, tratei de correr atrás de provas contra ele. Tive ajuda de todos os lados. Sabe Melissa, o seu Robert não é tão querido assim. Encontrei diversas pessoas dispostas a ajudar.

Foi fácil entrar no computador dele, descobrir a senha do e-mail e consequentemente achar as provas. Não se preocupe, somente eu tenho o que interessa. Por enquanto ele está seguro. Caso você não colabore comigo sairei daqui para levar as provas até a polícia.

Uma garra gigantesca apertou o meu peito. Enquanto as decisões eram apenas de Robert e eu só precisava me manter segura, era ruim, mas era fácil. Existia o medo de perdê-lo, medo de não ser forte o suficiente para enfrentar as adversidades ao seu lado. Tomar a decisão de abandoná-lo era

extremamente mais doloroso do que ser abandonada. Eu não queria.

Não queria fazê-lo sofrer mais do que ela já tinha sofrido, por outro lado se eu não aceitasse Tanya o entregaria a polícia. Robert tinha feito uma coisa grave para a justiça e não teria como sair ileso desta. E se ela fizesse mesmo o que dizia? Tudo o que ele viveu e sofreu seria em vão.

- Ah, não seja tão dramática. É só até conseguirmos a senha. Quem sabe assim ele se empenhe mais em descobrir?

- Não posso ir embora – as palavras saíram fracas de meus

lábios. Como se doesse pronunciá-las.

- Prefere que ele seja preso? Sabe o que pode acontecer ao grupo caso uma falha como esta venha à tona? Robert vai jogar o nome do grupo e o próprio nome no lixo. Quando sair da prisão, vai amargar a culpa por ter destruído o nome da família e todo o seu patrimônio. Com certeza não foi isso o que prometeu ao pai. Coitado de Maximus! Vai morrer de desgosto – ela riu sarcasticamente.

- Cale a boca, Tanya! – respondi com raiva. – Não ouse pronunciar o nome dele. Você é a

culpada de tudo. Você é unicamente você. Uma cretina egoísta. Nem seus filhos conseguiram ficar de fora de tanto ódio e amargura. Você mata tudo o que toca.

- Chega! – ela levantou com os olhos cintilando de raiva. – Responda agora. Não tenho tempo a perder. E não vou ser boazinha e aguardar por vocês dois. Vou manter meus homens te vigiando até ter certeza que você não está mais ao alcance de nossos olhos.

A dor se tornou mais profunda e afiada. Milhares de facas cortavam meu coração em pedaços. Eu tinha que aceitar. Por ele. Tinha que fazer

isso.

- Preciso de um tempo. Não vai ser fácil convencê-lo.

- Tem até o final do dia.

- Não.

- Você não tem escolha.

Não tinha coragem de pronunciar aquelas palavras por isso concordei com a cabeça deixando as lágrimas escaparem.

- Ótimo! — ela sorriu empolgada como uma criança que acaba de ganhar o presente tão desejado. Era incrível como conseguia ser cruel. Alimentava-se do sofrimento das pessoas. Tanya não era humana. Era um monstro.

Ela saiu e eu fiquei paralisada na sala sem coragem nem forças para me mover. Meu corpo tremia enquanto o bolo formado em minha garganta lutava para se libertar. Eu tinha que ir embora. Teria que abandoná-lo. Como conseguiria fazer isso? Caí ajoelhada na sala e chorei desesperadamente. Era necessário. Quando Robert voltasse não haveria mais tempo. Todo o meu sofrimento tinha que ser expresso naquele momento.

Não sei por quanto tempo fiquei daquele jeito. Fui despertada do transe com o meu celular tocando. Olhei para a tela e não

reconheci o número. Limpei a garganta forçando a voz.

- Sim.

- Melissa? É Frank – raiva foi o meu primeiro sentimento.

- O que você quer?

- Preciso conversar com você. Libere a minha passagem. Os seguranças me barraram.

- Tanya já falou tudo o que tinha para conversar comigo. Não há mais nada a dizer. Eu vou cumprir o que prometi – as lágrimas caíam e meus dentes trincadas indicavam o quanto ódio eu sentia da situação.

- Melissa, eu posso te ajudar. Libere a minha entrada na casa, por

favor!

Analisei o que poderia perder com esta atitude e resolvi que seria melhor acreditar no que ele me dizia. Liguei para John e solicitei que permitisse a entrada de Frank, disse que ele levava um documento que estava aguardando e pedi mais como uma ordem, que Robert não fosse alertado. Levantei do chão e limpei as lágrimas. Frank entrou poucos minutos depois. Nos avaliamos sem dizer nada a princípio, então ele decidiu falar.

- Não concordo com o que Tanya está fazendo – dei risada sem acreditar no que ele dizia. –

Melissa, eu não concordo. Acredite em mim.

- Como poderia?

- A minha única vontade agora era que você e Robert realmente se acertassem e Tanya aceitasse isso, infelizmente ela não aceita. Não consigo entender a pendências deles dois. Muito tempo já se passou e já está passando da hora de cada um seguir o seu caminho.

- E o que você faz com ela? Não sabe que Tanya é uma criminosa? Não sabe que ela não vai parar enquanto não destruir tudo? Não me venha com este papo de que

não sabia.

- Eu não sabia, mas desconfiava. Melissa eu tentei de todas as formas fazer Tanya desistir. Disse a ela das provas que Robert tinha. Pensei que com o nosso filho ela desistiria. No entanto ela fez a besteira de dizer que era dele. Não tive escolha. Ressalto que não concordo com nada. Tanya precisa de ajuda. Seria muito mais fácil se Robert desse a senha a ela.

- Robert não tem esta maldita senha – falei impaciente.

- Você tem certeza? – a forma como ele falou me fez ter dúvidas. Se Robert tivesse a senha, ele me

contaria? Sim. Ele me contaria. Ele terminaria com aquele inferno por mim.

- Tenho. É tudo o que ele precisa Frank. Se tivesse esta senha toda esta confusão já teria terminado – ele concordou.

- Eles assinaram um acordo. Robert deve ter contado – sinalizei que sim. – O acordo tem valor legal, Melissa. Faltam apenas quatro meses para que eles estejam realmente separados. Claro que consta que Tanya não pode atentar contra a sua vida, por isso se Robert conseguir provas, terá direito ao divórcio antes do tempo necessário

comprando a parte de Tanya. Sabemos que ele está buscando desesperadamente por estas provas e sinceramente? Quero que Robert consiga.

- Você quer Tanya presa?

- Não. Ele não vai denunciá-la. Seria como dar um tiro no próprio pé. Se Robert conseguir provar, Tanya não terá saída. O divórcio já foi assinado e espera apenas pelo fim do acordo para ser oficializado. Ela não poderá utilizar as provas contra ele porque ele também tem o que utilizar contra ela. São duas acusações contra uma. Robert conseguirá sair bem dessa.

- O que posso fazer? –
comecei a ter esperança.

- Agora? Apenas fazer o que ela mandou. Tanya sabe de tudo o que estou te dizendo e não vai hesitar em tentar te matar outra vez. Desta vez fará isso quando você estiver longe, sem que Robert saiba. A ideia é fazer com que ele perca o seu rastro e isso tem que acontecer realmente, Melissa. Robert tem que acreditar que você não volta mais, ou que só voltará quando tudo estiver resolvido. Ele não poderá ter contato com você ou Tanya descobrirá e resolverá do jeito dela.

- Por que está me ajudando? –

minha cabeça era uma confusão só.

- Porque quero que isso acabe tanto quanto você.

- Como pode amar Tanya?

- Como você pode amar Robert? Não se engane Melissa, eles são iguais. Ele também passaria por cima de tudo para conseguir o que quer.

- Não. Robert nunca seria como Tanya. Nunca.

- Estamos todos no mesmo barco. Eu quero ficar com Tanya, a amo, assim como você ama e quer ficar com Robert. Não concordo com a forma como Tanya quer vencer esta aposta, assim como você

não concorda com o que Robert fez para chegar a este ponto. E no final, estamos aqui, nós dois, lutando para permanecer ao lado deles, não é?

Não tinha como negar o que ele dizia. Era verdade, apesar de discordar em alguns pontos. Frank não via Tanya como ela realmente era, isso me levava a pensar que eu também não via Robert como deveria. Será que o amor que eu sinto por ele mudaria se descobrisse que ele realmente se parece com Tanya? Não. Com certeza não. Eu o amaria independentemente do tipo de monstro ele fosse. Porque eu, apenas eu, conhecia Robert de

verdade. Ele podia ser cruel quando necessário, podia ser frio e mesquinho, ainda assim, não deixava de ser o homem romântico, carinhoso, sonhador, atencioso e sofrido que era. Nunca deixaria de ser o meu Robert, mesmo sendo outra pessoa para os outros.

- O que devo fazer?

- Não deixe Robert saber aonde você estará. Diga a ele que continue lutando para provas contra Tanya. Não se preocupe, eu sei como mantê-la informada. Vou ajudar no que for possível. Tanya monitora tanto você quanto Robert, mas não a mim. Ela não me vê como

uma ameaça, por isso posso transitar livremente. Finja que vai para a Califórnia. Pegue um avião e vá. Ela só vai segui-la até aí. De lá, fuja o mais rápido possível. Vá para qualquer lugar do mundo em que ela não consiga te encontrar. Acredito que só irá procurá-la se você significar uma ameaça. Fique escondida até que tudo esteja resolvido.

Concordei com ele. Existia esperança e eu lutaria para mantê-la viva. Robert lutaria por nós enquanto Tanya acreditaria que eu estava fora do jogo. De longe, e com a ajuda de Frank, eu também poderia

fazer algo para ajudar a resolver isso. Seria mais fácil do que a enfrentando de frente. Bastava resolver a parte mais difícil: Robert.

Quando Frank saiu comecei a arquitetar o meu plano. Corri para o escritório e comecei a minha busca pelas provas. Se Tanya ia prejudicar Robert de alguma forma, eu tinha que garantir que ela não sairia impune. Abri todas as gavetas, mexi em todas as pastas, vasculhei todos os documentos. Liguei o computador e abri todos os arquivos. Não encontrei nada que pudesse ajudar Abby a incriminar Tanya.

Foi quando um quadro

chamou a minha atenção. Dentre tantos quadros existentes naquela sala, um em especial chamou a minha atenção. Era um casal, sentado em uma praça abraçados de maneira apaixonada. A pintura era linda, mas não era nada especial. Caminhei até ela e toquei. O quadro bambeou balançando de um lado para o outro. Havia algo atrás dele que o inclinava levemente para a frente. De longe não dava para perceber, mas tocando-o... Retirei-o e encontrei um cofre digital. Droga! Como descobrir a senha? Não podia simplesmente ligar para Robert e pedir.

Vasculhei minha mente pensando o que ele poderia ter utilizado como segredo. Comecei a testar. Sabia que existia um dispositivo de tentativa que se eu errasse poderia alertar a polícia, ou o próprio Robert. Eu precisava pensar. Qual senha ele utilizaria? Minhas mãos suavam e meu coração estava disparado. Eu não tinha muito tempo. Com certeza John passaria por cima das minhas ordens e avisaria sobre as visitas. Respirei fundo e tentei ajustar meus pensamentos. Uma sequência de números veio em minha mente, era óbvia demais, ao menos para mim.

Estendi a mão e digitei os números que indicavam a data da minha entrada na empresa, o que marcava também a minha entrada em sua vida.

Duas luzes acenderam. Primeiro uma vermelha, que me fez tremer dos pés à cabeça com medo de ter errado e me denunciado. Em seguida a segunda luz acendeu verde e a vermelha modificou para a mesma cor. Um leve som indicava o destrave. Hesitei. Eu deveria mesmo fazer aquilo?

Abri a porta e encontrei alguns documentos. Dentre eles estavam o que eu havia assinado

pouco tempo antes, algumas fitas de vídeo apenas com numerações na frente, alguns envelopes pardos e uma pasta preta. Optei por esta e mais uma vez fiz a escolha certa. Era o dossiê que incriminava Tanya no caso de Abby. Todas as provas que colocavam Tanya como causadora do acidente que havia matado a mãe da minha amiga e a sua prima. Respirei fundo e levei tudo comigo, o documento que assinei a pasta de Abby e as fitas, que não sei por qual motivo me pareciam ser importantes.

Fechei o cofre, coloquei o quadro no lugar e recuei dois passos, trêmula. O próximo passo

era arrumar uma mala. Tudo o que eu precisaria para iniciar a minha vida longe de Robert. Doía separar cada peça de roupa que ele tão cuidadosamente comprou para mim. Doía saber que ele não me veria com elas e que não compartilharíamos mais momentos doces juntos. Pelo menos por quatro meses este seria o meu destino.

Estava no *closet* fechando a mala maior, quando ele entrou. Meu coração quase parou ao ouvir sua linda voz chamando por mim, contudo esta era a única chance de salvá-lo. Eu precisava fazer. Precisava.

- Aqui – respondi contendo o desespero.

- Oi – Robert parou assim que percebeu meus olhos inchados. Não havia como escondê-los após tanto choro. Depois as duas malas. – Aconteceu alguma coisa?

- Eu vou embora – fui direta. Não tinha motivos para prolongar o nosso sofrimento. Ele coçou a cabeça e entrou sentando no banco. Quando finalmente olhou para mim pude perceber a sua dor e desespero.

- Embora de casa? Não quer mais morar aqui?

- Embora de sua vida – ele

sabia que era esta a resposta, só não queria encarar o que estava para acontecer. Sua boca formou uma linha fina e ele fechou os olhos escondendo o rosto entre as mãos.

- O que aconteceu? – sua voz estava cansada.

- Cansei de tantos problemas. Por favor, apenas me deixe ir – se prolongássemos a conversa eu não teria forças para fazer o necessário.

- Você não me ama mais? – como ele podia me perguntar aquilo?

- Não – menti.

Robert levantou a cabeça para me encarar. Ele estava derrotado.

Mas havia algo a mais em seu olhar.

- É mentira, Melissa – disse sem se exaltar. – Posso ver o sofrimento em seu rosto. Não vou te impedir de fazer o que quer. Não posso fazer isso. Mas preciso saber de que forma Tanya te pegou. O que ela fez? O que utilizou como arma para te afastar de mim?

Putá merda! Eu não podia mentir. Não agora. Não para ele.

- O que ela pretende usar contra você? – ele ainda estava calmo, sentado e me observando.

- Contra mim? Nada.

- Então é contra mim, não é? Eu deveria imaginar. Deveria ter

matado Tanya quando tive chance – explodiu.

- Robert, por favor, não!

- O que ela fez? – disse com raiva.

- Ela tem provas contra você.

Vai te entregar para a polícia se eu não sair de sua vida e não voltar para casa.

- Não tenho medo. Tenho provas contra ela também.

- Você não entende – as lágrimas caíram. – Ela não tem medo. O que você fez vai te colocar na cadeia, Robert. Tanya não se importa em ser presa. Ela quer a sua destruição. Tem ideia do que será se

a mídia descobrir o que você fez? Quantos podres poderiam procurar para apimentar e agravar esta história? Não será só você, será a sua família inteira jogada na lama apenas porque não queremos nos manter separados por causa. Eu não posso conviver com este peso. Você não pode. Não quero que seja a custa do sofrimento da sua família.

Robert me alcançou com apenas um passo e me segurou em seus braços. Seu desespero era palpável.

- Por favor, Mel, não!

- Não temos outra saída. Ela só quer que você volte para casa e

cumpra o restante do acordo. São apenas quatro meses.

- Não! – senti seus soluços romperem em seu peito.

Nunca antes imaginei ver Robert chorar em desespero por mim. Era uma dor real. Era simplesmente o pior de todos os momentos vividos por nós dois. Um pesadelo que parecia nunca ter fim. Senti ódio como nunca tinha sentido antes. Ódio de Tanya e de todas as suas perversidades. Naquele momento eu desejei a morte dela e não me senti mal por isso.

- Por favor, Mel, não! – repetiu em meio a soluços.

- Robert. Preste atenção – segurei seu rosto em minhas mãos e contemplei sua face sofrida molhada pelas lágrimas. – Não quero que você seja preso. Não posso conviver com a destruição da sua família. Nós somos os responsáveis. Precisamos assumir as consequências.

- Eu assumo. Assumo todas as consequências. Nunca acreditei que um dia seria absolvido pelos meus erros, mesmo. Nunca acreditei que um dia teria a chance de ser feliz depois de tantos erros. Você ir embora é a comprovação disso. Eu não mereço uma segunda chance.

Não mereço ser feliz – era como assistir a uma criança chorando por ter desobedecido a mãe. Robert estava derrotado em meus braços e tal constatação me destruía.

- Eu amo você. Nunca vai mudar, não importa aonde eu esteja nem quanto tempo ficaremos separados. Tanya pode estar vencendo agora, mas não vencerá no final. Ela nunca vai conseguir mudar o que sentimos nem a vontade de continuarmos lutando. Não é um fim. Não existe um fim para o nosso amor e não me importa por quanto tempo terei que te esperar. Eu estarei lá no final.

- Não tenho forças para lutar sem você – ele estava um pouco melhor e enxugou as lágrimas no rosto.

- Tem sim. Lembra-se de nossos votos? Lembra-se do que me prometeu? Eu serei a sua força e você a minha. Lute, Robert! Busque as provas que precisamos. Encontre uma saída e acabe com Tanya. Por mim, pelo seu pai e pela sua família. Pelas duas crianças que ela gerou e não respeitou nem amou. Faça isso. Faça o jogo dela. Volte para casa. Continue a frente da empresa. Faça-a acreditar que venceu.

- Para onde você vai?

- Não sei ainda. Não posso te contar. Ela, com certeza vai tentar algo contra mim. Por isso preciso desaparecer – ele suspirou voltando a chorar copiosamente.

Abracei-o acariciando os seus cabelos. Eu gostaria de mantê-lo ali o tempo que fosse necessário. Queria poder salvá-lo. Poder fazê-lo feliz. Esta seria a minha força para permanecer afastada. Eu seria forte por nós dois. Nós venceríamos.

- Quanto tempo ainda temos?

- Até o final da tarde.

Entendi a urgência em seu olhar. Precisávamos estar juntos. Nosso beijo foi implacável. Havia

todos os sentimentos embutidos nele. E nossos corpos reagiam a este momento com a urgência. As mãos de Robert passavam pelo meu corpo procurando decorar cada pedaço de minha pele. Seus lábios sentiam o meu gosto como se necessitassem disso para viver. E realmente necessitávamos.

Nossas roupas ficaram espalhadas pelo chão, danificadas pela nossa urgência. Estávamos na cama, nos fundindo em um só. Amando-nos como nunca havíamos feito antes. Cada espaço, cada detalhe, cada movimento era ditado pelo nosso amor. Muitas juras foram

trocadas, muitas palavras foram ditas e em tudo eu só conseguia ter uma certeza. Nós venceríamos. Aquele não seria o nosso último momento.

Eu tinha fé.

Foi impossível não chorarmos durante todo o ato. O desespero estava presente nos impedindo de encontrar paz em nossa união. Apesar disso nos entregamos ao prazer do momento e descobrimos que ainda éramos, mesmo que ficássemos, separados, uma única alma. E esta verdade, nem Tanya teria força para destruir.

Ficamos abraçados tentando

impedir que o tempo passasse. Robert estava inconsolável e meu coração destruído.

- Não conseguirei te dizer adeus – ele disse por fim após um longo tempo em silêncio. – Não vou suportar vê-la partir – sua voz era uma suplica impiedosa, pois me dilacerava por dentro.

- Não precisa fazer isso. Descanse. Sairei quando você dormir – ele enterrou o rosto em meu pescoço se escondendo em meus cabelos.

- Não vá.

- Já conversamos sobre isso, Robert. Não temos outra saída – ele

soluçou e eu desejei estar morta naquele momento, seria melhor do que estar lhe causando aquela dor. Deixei que minhas lágrimas e meu desespero mostrassem a ele o quanto me doía também.

Abraçamo-nos com mais força. Quando vi que não conseguiríamos nos desvencilhar daquele momento tive uma ideia. Fui até o banheiro e retirei da caixa de remédios que mantinha no armário abaixo da pia, o mesmo comprimido que ele havia me dado dias atrás. Voltei para o quarto e o entreguei. Robert me olhou confuso.

- Assim você vai descansar e

não vai sofrer com a minha partida.

Ele me olhou longamente e por fim concordou que aquela seria a melhor forma de fazermos o que era necessário. Robert retirou o comprimido de minha mão e o engoliu. Voltamos a nos deitar abraçados e eu fiquei fazendo carinho em sua cabeça até que senti seu abraço perder a força. Ele foi tomado pelo sono profundo que o manteria distante da nossa triste realidade.

Levantei, juntando todos os meus cacos, e me preparei para partir. Antes, escrevi um bilhete e deixei ao seu lado na cama, junto

com o meu anel de noivado. Escrevi apenas “No fim, eu estarei lá”.

Saí de casa carregando minhas malas. John e os outros seguranças não entenderam o que eu fazia. Mesmo assim me ajudaram com as malas. Pedi que John me levasse ao aeroporto. Antes de entrar no carro, avistei Tanya, do lado de fora. Ela estava checando se eu cumpriria a minha parte do acordo. Fui em sua direção.

- Vejo que temos um acordo – disse sorrindo.

Fiz o que achei que deveria fazer. Sem que ela esperasse, lancei minha mão em seu rosto com o

máximo de força possível. Tanya cambaleou para o lado segurando o rosto. Ela sorriu sarcasticamente e logo se recompôs.

- Tudo isso por que vai deixá-lo?

- Não. Isso foi por Robert e por tudo o que você já fez de mal para ele. Este é por eu estar indo embora.

Mais uma vez, deferi-lhe uma bofetada forte. Tanya cambaleou outra vez caindo sobre o carro. Um filete de sangue escorreu de sua boca. Ela não sorriu mais.

- Estou indo embora, Tanya, mas não fui derrotada. Estarei em

todos os lados. Serei o seu pior pesadelo. Tenha medo, porque agora a guerra é comigo e eu não vou ter piedade. Você pode ter o dinheiro, porém nunca terá seu amor. É a mim que ele ama e isso nunca vai mudar. Fique com o que sobrou de Robert. Eu voltarei para refazê-lo.

Sem nenhum medo, dei as costas e fui embora. Meu único pensamento era: no fim, eu estarei lá.

AGRADECIMENTOS

Eternamente grata a todas as escritoras que de uma forma ou e outra me incentivaram a continuar nesta jornada louca e deliciosa que é o mundo da literatura. Especialmente a Stephenie Meyer, por me fazer voltar a sonhar, e quando os meus sonhos não cabiam mais em mim, estes se tornaram um livro.

Tenho que agradecer a todas as minhas leitoras que me acompanham no grupo destinado a esta trilogia, que me incentivam, emocionam, alegram e pressionam por mais e mais. Vocês são únicas e especiais e eu amo cada uma de vocês.

Agradeço aos amigos de sempre, de todos os momentos e em todas as ocasiões. Mário Bastos, Vitor Hugo Ribeiro, Allane Mágilla, Fernanda Terra, Márcia Fráguas, Tatiana Cabral, Wilza Mary Medeiros, Adriana Prado. Vocês são o meu ar. Obrigada por todos os dias. Por todos os risos, as lágrimas,

os momentos de silêncio e os de puxões de orelha. Obrigada por tudo!

A minha mãe, minha maior fã, amiga, companheira, eterna admiradora do meu trabalho. Mãe, amo você!

A meu pai, por ser sempre tão especial ao ponto de um dia eu resolver ler um livro apenas para ser o seu orgulho e com isso acabei me apaixonando pelos livros.

A Mariza Miranda, guerreira, que luta comigo pelo sucesso dos meus livros. Que puxa minhas orelhas por causa da minha ansiedade em publicá-los, que sofre

junto com meus personagens e torna tudo muito mais bonito. Você é meu anjo.

A Janaina Rico... Nem sei como agradecer a sua presença em minha vida. Obrigada por ampliar meu mundo.

Aos meus filhos, por agora curtirem comigo todas as alegrias que é publicar um livro. É sempre por vocês e sempre será.

A minha tia Rita, que reclama por eu nunca citá-la nos meus agradecimentos. Tia, eu te amo! Obrigada por criar tantas situações engraçadas, tantas histórias incríveis que só aguçaram minha criatividade.

Você ainda é o meu Papai Noel.

Obrigada a todos que
chegaram até aqui comigo.

Recebam a minha gratidão
eterna.

FUNÇÃO CEO

A DESCOBERTA DA
VERDADE

LIVRO 3

PRÓLOGO

O sol quase não aparecia

naquela manhã fria e chuvosa. O mau tempo se prolongava e muito se falava sobre uma possível nevasca. Melissa não podia ter escolhido um período pior para voltar, mas, levando-se em consideração a sua posição, o melhor a fazermos era iniciarmos nossa estratégia.

Olhei o relógio pela milésima vez conferindo e confirmando o seu atraso. A tensão não me abandonava. Do lado de fora da limusine, adequadamente comprada para recebê-la como deveria ser daquele momento em diante, apertei meu casaco e acendi um cigarro. Pensei mais uma vez que precisava

abandonar aquele vício. Quem sabe depois que toda aquela loucura acabar. Meu celular tocou em meu bolso. Carol.

- Oi – tentei não ser gentil como eu gostaria de ser. Carol estava infiltrada no grupo C&H Medical System desde que eu aceitei me envolver naquela bagunça. Tentava em vão me convencer de que foi um erro, no entanto o que eu não fazia por Melissa Simon?

- Ela já chegou – informou sem muito se aprofundar.

- Ainda não a vi. Estou aguardando.

- Se alguma tivesse

acontecido nós seríamos os primeiros a saber, Dean – suspirei. Carol não merecia a minha aflição.

- Só quero que tudo dê certo. Apenas isso.

- Certo. Acabei de receber uma mensagem que ela está desembarcando. Boa sorte.

Desliguei e voltei a minha atenção para o imenso navio. A princípio não a reconheci. Um pouco mais alta, devido aos imensos saltos, um casaco de pele aquecendo e protegendo o seu corpo. Óculos escuros, cabelos loiros... Loiro definitivamente lhe caía bem. Batom vermelho deixando seus lábios ainda

mais desejáveis. Aquela definitivamente não era a Melissa que eu conhecia.

Cada passo dado suportando uma pequena bolsa de mão era milimetricamente calculado. Ela era outra mulher. A mulher que levara três meses treinando e se preparando para ser. Seria possível?

Sem desviar um único segundo a atenção do que acontecia ao seu redor, Melissa se aproximou. Séria. Parou por segundos que pareceram infinitos, depois retirou os óculos e me encarou. Foi impossível não observar suas unhas perfeitamente pintadas, ou as joias

que ostentava.

- Melissa – não consegui desviar o olhar.

- Dean – e então ela sorriu.

Aquele simples sorriso suavizou seu olhar e sua expressão. Em um breve segundo ela voltou a ser a Melissa que eu tanto amei um dia. Uma mulher doce, romântica, apaixonada e apaixonante. A mesma que havia sido enterrada pelas confusões de Robert Carter.

- Como foi a viagem?

- Cansativa. Chicago está enregelante – e suas feições voltaram a endurecer. Voltando a ser fria, calculista e desprovida de

sentimentos. Que exalava riqueza e luxúria. Uma mistura definitivamente perigosa.

Instintivamente pensei em Carol. Ela era forte e decidida, e me amava como nunca fui amado antes, mas Melissa...

- Podemos entrar? – dois homens devidamente escolhidos para acompanhá-la naquela viagem de volta ao lar, se aproximaram levando malas, certamente contendo parte daquela farsa.

- Claro – abri a porta dando-lhe passagem.

Ela passou por mim deixando aquele mesmo perfume no ar. O

mesmo perfume de sempre, doce e simples, como a sua personalidade. Talvez um indício de que ela manteria uma mínima fração do que realmente era. Quem sabe como um lembrete, para que não se perdesse no caminho.

Acomodou-se e permaneceu olhando para a frente. Puxei o ar frio deixando-o queimar em meus pulmões e entrei acomodando-me ao seu lado. Logo o carro ganhou movimento.

- Odeio esta peruca – sorriu e eu imaginei o quanto se divertia agindo com seu disfarce.

- É só por um tempo.

- Até amanhã – foi categórica. Suspirei. Melissa estava impossível desde que descobriu... Era difícil acreditar.

- Você tem certeza?

- Dean!

- Só quero saber. Sei que passou os últimos três meses se preparando para esta batalha, mas preciso saber se você tem certeza.

- Tenho – ela me encarou com olhos decididos. Melissa mudara muito. Tornara-se forte e determinada.

- Mel...

- Eu voltei, Dean. Vou cumprir com o combinado. Por

favor, não caia fora agora.

- Eu prometi, não foi? Não vou deixá-la sozinha – desviei o olhar e fechei a divisória isolando-nos. – Você sabe que isso vai destruí-lo, não sabe? Tem consciência que será um golpe duro e que pode ser irreversível?

- Eu tenho consciência de tudo. Vou cumprir o planejado.

- Melissa, ele te ama. Robert não deixou de procurar por você um único momento. Eu... Merda, Mel!

- Robert vai ter o que sempre buscou. Não foi ele quem decidiu que passaria por cima de tudo e de todos para levar esta batalha

adiante? Não foi ele quem não soube desistir antes de tornar tudo um inferno?

- Você está sendo dura. Lembre-se que...

- Não passei três meses me escondendo como uma criminosa para voltar atrás porque não posso machucá-lo. Esta guerra é real e Robert terá que suportá-la.

- Tudo bem. Vamos seguir com o plano. Trouxe o documento?

- Sim – ela abriu a pequena bolsa e retirou de lá o papel que tanto ansiávamos.

- Deixe-me vê-lo – segurei o documento e o escaneei com meu

celular enviando a mensagem automaticamente para Carol. – Pronto, em segundos ele será inserido nos arquivos de Chicago e terá validade legal.

- Obrigada – ela segurou firme em minha mão e por um segundo demonstrou insegurança, contudo logo se restabeleceu.

- Então... bem-vinda ao lar, minha esposa.

- Que sejamos felizes, meu marido.

E ela voltou a sorrir, de uma forma diferente, que anulava tudo o que eu conhecia e podia esperar de Melissa Simon.

